



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA, *CAMPUS* FLORIANÓPOLIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA EM REDE NACIONAL (PROFEPT)**



**TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

**Dissertação de Mestrado
MICHELLA ROCHA DOS SANTOS**

Florianópolis, SC

2025

MICHELLA ROCHA DOS SANTOS

**TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT- ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Florianópolis, para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a) da Dissertação: Prof.^a Salete Valer, Dra.

Linha de Pesquisa 1 - Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Macroprojeto 2: Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Florianópolis, SC

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor.

SANTOS, Michella Rocha dos
**Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT- Ensino
Médio Integrado: perspectivas acerca da formação integral /**
Michella Rocha dos SANTOS; orientação de Salete Valer.
- Florianópolis, SC, 2025.
391 p.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal de Santa
Catarina, Câmpus Florianópolis. Mestrado Profissional
em Educação Profissional e Tecnológica em Rede
Nacional (ProfEPT). Departamento Acadêmico de Linguagem,
Tecnologia, Educação e Ciência.
Inclui Referências.

1. ProfEPT. 2. Práticas educativas. 3. Formação
Integral. 4. Ensino Médio Integrado. 5. Trabalhadoras estudantes-mães.
I. Valer, Salete. II. Instituto Federal
de Santa Catarina. III. Trabalhadoras estudantes-mães
na EJA-EPT- Ensino Médio Integrado: perspectivas
acerca da formação integral.

MICHELLA ROCHA DOS SANTOS

**TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT- ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (Pró FEPT), no Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis.

Aprovada em 18 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SALETE VALER**
Data: 10/11/2025 13:58:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Salete Valer, Dr.^a

Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus Florianópolis-Continente

Documento assinado digitalmente
 **VOLMIR VON DENTZ**
Data: 10/11/2025 15:10:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Volmir Von Dentz, Dr. IFSC

Membro interno Prof EPT - IFSC

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus São José

Documento assinado digitalmente
 **TANIAMARA VIZZOTTO CHAVES**
Data: 10/11/2025 16:17:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Taniamara Vizzotto Chaves, Dr.^a IFFar

Membro adicional interno ProfETA - IFSC

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha (IF Far),
Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **IVANIR RIBEIRO**
Data: 10/11/2025 14:23:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Psicol.^a Ivanir Ribeiro, Dr.^a

Membro externo ao programa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus Florianópolis-Continente

MICHELLA ROCHA DOS SANTOS

CARTILHA CAMINHO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL NA EJA-EPT

Este Produto Educacional foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfiAP), no Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis.

Validado em 18 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SALETE VALER**
Data: 18/11/2025 14:01:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Salete Valer, Dr.^a

Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus Florianópolis-Continente

Documento assinado digitalmente
 **VOLMIR VON DENTZ**
Data: 10/11/2025 15:12:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Volmir Von Dentz, Dr. IFSC

Membro interno Prof EPT - IFSC

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus São José

Documento assinado digitalmente
 **TANIAMARA VIZZOTTO CHAVES**
Data: 19/11/2025 14:15:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Taniamara Vizzotto Chaves, Dr.^a IFFar

Membro adicional interno ProfETA - IFSC

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha (IF Far),
Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **IVANIR RIBEIRO**
Data: 18/11/2025 18:32:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Psicol.^a Ivanir Ribeiro, Dr.^a

Membro externo ao programa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
Campus Florianópolis-Continente

MICHELLA ROCHA DOS SANTOS

PODCAST TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT: CAMINHO PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL

Este Produto Educacional foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProFIAP), no Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus Florianópolis*.

Validado em 18 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



SALETE VALER

Data: 18/11/2025 14:09:07-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Salete Valer, Dr.^a

Orientadora

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
*Campus Florianópolis-Continente***

Documento assinado digitalmente



VOLMIR VON DENTZ

Data: 18/11/2025 22:37:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Volmir Von Dentz, Dr. IFSC

Membro interno Prof EPT - IFSC

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
*Campus São José***

Documento assinado digitalmente



TANIAMARA VIZZOTTO CHAVES

Data: 19/11/2025 14:19:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Taniamara Vizzotto Chaves, Dr.^a IFFar

Membro adicional interno ProfETA - IFSC

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha (IF Far),
Farroupilha**

Documento assinado digitalmente



IVANIR RIBEIRO

Data: 18/11/2025 18:34:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Psicol.^a Ivanir Ribeiro, Dr.^a

Membro externo ao programa

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC),
*Campus Florianópolis-Continente***

Dedico este trabalho à espiritualidade e aos meus ancestrais que me trouxeram até aqui, e à
minha filha Agatha, que me inspira a ser uma mãe e pessoa melhor e me motiva a realizar
meus sonhos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora, Salete Valer, cuja orientação e sabedoria transcenderam o âmbito acadêmico, fornecendo-me conhecimentos valiosos para minhas futuras intervenções científicas, profissionais e atividades e vivências pessoais.

Minha gratidão se estende aos colegas de mestrado, pela camaradagem, risadas e rica troca de ideias durante as aulas.

Sou grata a Lilian e a Nídia, amigas e irmãs que a vida me presenteou através da profissão, e que foram constantes incentivadoras em minha jornada de estudos.

A toda a família e amigos em geral, em especial à minha filha, Agatha, por seu incondicional apoio e compreensão, mesmo diante do tempo que o mestrado nos exigiu. Reconheço e valorizo a contribuição de cada um de meus familiares.

Ao IFSC e seus dedicados servidores, especialmente aos envolvidos nos Cursos de Cozinha e Panificação Ensino Médio Integrado EJA-EPT, pelo acolhimento e pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa em uma instituição de excelência na educação pública.

Agradeço também aos professores e membros da banca pelas valiosas contribuições e estímulo nesta caminhada.

Finalmente, expresso minha profunda admiração e respeito às estudantes-mães, mulheres incríveis cuja força e coragem em perseguir seus sonhos, apesar dos inúmeros desafios, são uma inspiração.

Mulheres de luz

De mãos calejadas, livros abertos,
Sonhos guardados em prateleiras do tempo.
Mães que equilibram o mundo nos ombros,
Entre cadernos, panelas e o peso da vida.
Noites rasgadas por lâmpadas acesas,
Madrugadas tecidas de silêncio e suor,
Com a vida e linhas de esperança,
Cada ponto, um ato de vigor e amor.
São elas que moldam o hoje com sabedoria,
Nas salas de aula, com crianças e fogões acesos,
Escrevem a história em verso e prosa,
Pois seus sonhos não cabem em limites estreitos.
Ah! Mulheres de luz e resiliência,
Que carregaram nos braços o peso do mundo,
Que ninguém apague sua luz ou brilho,
Vocês são o presente... e o amanhã, seu abrigo!
(Michella Rocha dos Santos)

RESUMO

Esta pesquisa investiga as percepções de participantes sobre a aplicação dos princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a formação integral de trabalhadoras estudantes-mães. O estudo se insere no âmbito da Linha de Pesquisa 1 - Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e no Macroprojeto 2: Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O estudo foca no Curso Cozinha e Curso Panificação Ensino Médio Integrado na modalidade EJA-EPT do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus Florianópolis-Continente. A investigação, de natureza aplicada, adota o método dialético e a abordagem do materialismo histórico-dialético, com procedimento qualitativo. A modalidade principal é o estudo de caso, auxiliado por pesquisa bibliográfica, de campo e documental. Os objetivos se classificam como exploratórios, descritivos e explicativo-analíticos. O corpus de análise foi construído por meio de questionários (abertos e fechados) aplicados às estudantes-mães e de entrevistas com roteiro aberto conduzidas com discentes, docentes, coordenadores e a assistente social. A fundamentação teórica ancora-se nos princípios da EPT de orientação marxista Ciavatta (2012), Frigotto (2012), Moura (2014) e Ramos (2014), na teoria do ensino histórico-crítico Saviani (2007), na aprendizagem sociointeracionista Vygotsky (2001 [1934]) e na transposição didática Gasparin (2012) e Galvão, Lavoura e Martins (2019). Os resultados revelaram que a formação integral das estudantes-mães é comprometida por uma dupla problemática: no âmbito pedagógico, há uma tensão estrutural entre o ideal emancipatório da EPT e uma prática tecnicista; no âmbito social, sua permanência e aprendizagem são limitadas por barreiras como a sobrecarga de tarefas domésticas, condições laborais precárias e desigualdades de gênero e classe. Como desdobramento prático, foram elaborados dois produtos educacionais: uma cartilha e um podcast, concebidos para contribuir com a formação de trabalhadores e trabalhadoras mais críticos em seu contexto educativo.

Palavras-chave: ProfEPT. Práticas educativas. Formação Integral. EJA-EPT. Ensino Médio Integrado. Trabalhadoras estudantes-mães.

ABSTRACT

This research investigates participants' perceptions regarding the application of the principles of Professional and Technological Education (EPT) for the comprehensive education of working student-mothers. The study is part of Research Line 1 - Educational Practices in Professional and Technological Education (EPT) and Macroproject 2: Inclusion and diversity in formal and non-formal teaching spaces in Professional and Technological Education (EPT). The study focuses on the Integrated High School Cooking and Bakery Courses in the Youth and Adult Education - EPT (EJA-EPT) modality at the Federal Institute of Santa Catarina (IFSC), Florianópolis-Continente Campus. The investigation, of an applied nature, adopts the dialectical method and the historical-dialectical materialism approach, with a qualitative procedure. The main modality is a case study, supported by bibliographic, field, and documentary research. The objectives are classified as exploratory, descriptive, and explanatory-analytical. The analysis corpus was constructed through questionnaires (open and closed-ended) applied to the student-mothers and open-ended interviews conducted with students, teachers, coordinators, and the social worker. The theoretical foundation is anchored in the principles of Marxist-oriented EPT by Ciavatta (2012), Frigotto (2012), Moura (2014), and Ramos (2014); in the historical-critical theory of teaching by Saviani (2007); in socio-interactionist learning by Vygotsky (2001 [1934]); and in didactic transposition by Gasparin (2012) and Galvão, Lavoura, and Martins (2019). The results revealed that the comprehensive education of student-mothers is compromised by a dual problem: in the pedagogical sphere, there is a structural tension between the emancipatory ideal of EPT and a technicist practice; in the social sphere, their permanence and learning are limited by barriers such as the overload of domestic tasks, precarious working conditions, and gender and class inequalities. As a practical outcome, two educational products were developed: an educational booklet and a podcast, conceived to contribute to the education of more critical male and female workers within their educational context.

Keywords: ProfEPT. Educational practices. Comprehensive education. Integrated High School (PROEJA). Working student-mothers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fluxo das atividades mentais acionadas em uma pesquisa	70
Quadro 2- Tendências Pedagógicas Brasileira por Libâneo e Saviani	84
Quadro 3 - Desenho desta metodologia de pesquisa	109
Quadro 4 - Variáveis: quantidade de filhos e idade das crianças, residem com quem	151
Quadro 5 – Variáveis situação de Trabalho, Carga horária de atividade remunerada e Renda mensal familiar	152
Quadro 6 – Variáveis estudou o ensino fundamental em que modalidade, quanto tempo fora da escola e o que determinou a escolha do curso	155
Quadro 7 – Variáveis motivos que leva o (a) estudantes a abandonar o Curso	159
Quadro 8 - Variável Expectativa ao concluir o Curso	160
Quadro 9 - Objetivo geral e objetivos específicos dos cursos	165
Quadro 10- Perfil dos egressos dos cursos	169
Quadro 11 - Competências descritos nos PPCs dos cursos	174

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Níveis de aprendizagem desenvolvido por Vygotsky

81

LISTA DE SIGLAS

ATD	Análise Textual Do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAICATH	Comissão De Análise Para Implementação De Cursos Básicos, Técnicos E Superiores De Tecnologia Da Área De Turismo E Hospitalidade
CAPES	Portal De Periódicos Da Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior
CEPSH	Comitê De Ética Em Pesquisa Com Seres Humanos
CNCT	Catálogo Nacional De Cursos Técnicos
CNS	Conselho Nacional Da Saúde
CONEP	Comissão Nacional De Ética Em Pesquisa
CST	Curso De Segurança Do Trabalho
EJA	Educação De Jovens E Adultos
EPT	Educação Profissional E Tecnológica
IFES	Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Espírito Santo
IFG	Instituto Federal De Goiás
IFSC	Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia De Santa Catarina
INEP	Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
NUGEDIS	Núcleo De Gênero E Diversidade Sexual
PHC	Pedagogia Histórico Crítica
PNAD	Pesquisa Nacional Por Amostra De Domicílios
PPC	Projetos Pedagógicos De Curso
PPCTCOZ	Projeto Pedagógico Do Curso Técnico Em Cozinha
PPCTPAN	Projeto Pedagógico Do Curso Técnico Em Panificação EJA EPT
PROEJA	Programa De Integração Da Educação Profissional De Jovens E Adultos

PROFEPT	Programa De Mestrado Profissional Em Educação Profissional Em Rede Federal
PRONATEC	Programa Nacional De Acesso Ao Ensino Técnico E Emprego
SECNS	Secretaria Executiva Do Conselho Nacional De Saúde
SEMTEC	Secretaria De Educação Média E Tecnológica Do Ministério Da Educação
SENAC	Serviço Nacional De Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional De Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social Da Indústria
SESC	Serviço Social Do Comércio
TCC	Trabalho De Conclusão De Curso
TCLES	Termos De Consentimento Livre E Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais De Comunicação E Informação
TIC	Tecnologia Da Informação E Comunicação
ZDP	Zona De Desenvolvimento Proximal
ZDR	Zona De Desenvolvimento Real
ZPD	Zona Potencial De Desenvolvimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
2.1	Educação profissional e tecnológica	41
2.1.1	Perspectiva Histórica da EPT	41
2.1.2	Educação de Jovens e Adultos Integrada à EPT	45
2.1.3	Fundamentos da EPT	50
2.1.3.1	<i>O trabalho</i>	51
2.1.3.2	<i>Omnilateralidade</i>	54
2.1.3.3	<i>Politecnia</i>	56
2.1.3.4	<i>Formação Integral</i>	58
2.1.4	Princípios da EPT para a Formação Integral	60
2.1.4.1	<i>O trabalho como princípio educativo para a Formação Integral</i>	61
2.1.4.2	<i>A pesquisa como princípio pedagógico</i>	67
2.2	Teorias de ensino e aprendizagem	76
2.2.1	Teorias clássicas de Aprendizagem	76
2.2.2	Teorias de Ensino/ tendências pedagógicas	83
2.2.3	Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica	90
2.2.4	Ensino e Aprendizagem na modalidade EJA-EPT	94
2.3	Revisão bibliográfica	99
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	109
3.1	Método da pesquisa	110
3.1.1	Método de abordagem	111
3.1.2	Método de procedimento	116
3.2	Modalidades de pesquisa	117
3.2.1	Modalidade principal da pesquisa	117
3.2.2	Modalidades secundárias de pesquisa relativas à natureza e constituição do <i>corpus</i> de análise	118
3.2.3	Modalidades secundárias de pesquisa relativas ao objetivo da pesquisa	120
3.3	Procedimentos metodológicos	121
3.3.1	Local de pesquisa	122
3.3.2	Sujeitos da pesquisa	123

3.3.3	Variáveis da pesquisa	125
3.3.3.1	<i>Variáveis externas relacionadas as participantes estudantes</i>	125
3.3.3.2	<i>Variáveis Internas relacionadas ao objeto de estudo</i>	126
3.4	Instrumentos de pesquisa	127
3.4.1	Instrumentos e materiais	127
3.5	Etapas do processo de investigação	132
3.5.1	Etapas da pesquisa	132
3.5.2	Riscos e benefícios da pesquisa	138
3.5.3	Crítérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa	141
3.5.4	Devolutiva dos resultados da pesquisa	142
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	146
4.1	Variáveis externas - perfil das participantes estudantes	147
4.1.1	Variáveis externas: dados de identificação	147
4.1.2	Variáveis externas: aspectos dos respectivos perfis	151
4.1.3	Variáveis externas: Percepção das participantes sobre a permanência-evasão dos cursos em estudo	157
4.2	Variáveis internas categorias - projeto pedagógico dos cursos em estudo	164
4.3	Variáveis internas categorias - percepção dos participantes	180
4.3.1	Variável interna categorial trabalho como princípio educativo	181
4.3.1.1	<i>Cultura</i>	181
4.3.1.2	<i>Ciência</i>	183
4.3.1.3	<i>Tecnologia</i>	186
4.3.1.4	<i>Ética e formação cidadã</i>	188
4.3.1.5	<i>Trabalho</i>	190
4.3.2	Variável interna categorial pesquisa como princípio educativo	193
5	PRODUTO EDUCACIONAL	202
5.1	Aspectos introdutórios dos produtos educacionais	202
5.1.1	Aderência dos produtos educacionais	203
5.1.2	Caracterização dos produtos educacionais	205
5.1.3	Finalidade dos produtos educacionais	208
5.2	Eixos estruturantes dos produtos educacionais	211
5.2.1	Eixo conceitual	212
5.2.2	Eixo pedagógico	214

5.2.3	Eixo comunicacional	216
5.3	Processo de aplicação, avaliação e validação dos produtos educacionais	218
5.3.1	Processo de aplicação dos produtos educacionais	219
5.3.2	Processo de avaliação dos produtos educacionais	221
5.3.3	Processo de validação dos produtos educacionais	225
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
	REFERÊNCIAS	234
	APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
	(TCLE) - PARTICIPANTES DISCENTES	249
	APÊNDICE B- ROTEIRO QUESTIONÁRIO (1) PARTICIPANTES	
	DISCENTES	254
	APÊNDICE C - RESPOSTA QUESTIONÁRIO DISCENTES	258
	APÊNDICE D – ENTREVISTA – PERFIL DAS DISCENTES DA EPT	260
	APÊNDICE E - RESPOSTAS ENTREVISTAS DISCENTES	262
	APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -	
	PARTICIPANTES PROFESSORES	305
	APÊNDICE G- ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES DOCENTES	310
	APÊNDICES H - RESPOSTAS ENTREVISTA DOCENTES	311
	APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
	(TCLE) - PARTICIPANTES COORDENADORES	345
	APÊNDICE J- ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES	
	COORDENAÇÃO	350
	APÊNDICES K - RESPOSTAS ENTREVISTA COORDENADORAS	351
	APÊNDICE L - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
	(TCLE) - PARTICIPANTES ASSISTENTES SOCIAIS	371
	APÊNDICE M- ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES ASSISTENTES	
	SOCIAIS	376
	APÊNDICES N - RESPOSTAS ENTREVISTA ASSISTENTE SOCIAL	377
	APÊNDICE O - CARTILHA CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO	
	INTEGRAL NA EJA-EPT	386
	APÊNDICE P - PODCAST TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA	
	EJA-EPT: CAMINHO PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL	387

**APÊNDICE Q – AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL ‘CARTILHA
E PODCAST DAS TRABALHADORAS
ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT: CAMINHO PARA UMA
FORMAÇÃO INTEGRAL’**

388

1 INTRODUÇÃO

A educação é consagrada como um direito social pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Brasil, 1988). Em seu Artigo 205, o texto constitucional estabelece que este é um direito de todos, dever do Estado e da família, a ser promovido em colaboração com a sociedade, com vistas à emancipação humana, à preparação para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho. Desse princípio fundamental, depreende-se um caráter cooperativo para a educação, que, ao envolver múltiplos atores, visa um processo formativo emancipatório. A efetivação desse direito, como dever do Estado, é detalhada no Artigo 208, o qual enumera as garantias necessárias para seu pleno acesso. Em adição, o Artigo 208, da Carta Magna descreve ser dever do Estado a educação e que ela será efetivada mediante a garantia de:

- I—educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- II—progressiva universalização do ensino médio gratuito;
- III—atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- V—educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;
- V—acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI—oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (Brasil, 1988).

A efetivação do direito à educação, conforme disposto no Artigo 208 da Constituição, vai além da simples previsão de gratuidade. Ela se consolida por meio de um conjunto de obrigações impostas ao Estado. Entre estas, destacam-se a caracterização do acesso como um direito público subjetivo ao Parágrafo 1º, o que permite sua exigibilidade judicial, ademais permite a previsão de responsabilidade da autoridade competente em caso de oferta irregular, conforme Parágrafo 2º e a atribuição de deveres concretos ao Poder Público, como recensear e zelar pela frequência escolar trabalhados no Parágrafo 3º (Brasil, 1988). Trata-se, portanto, de um arcabouço legal que busca transformar a garantia formal em um direito materialmente usufruível.

Sete anos após a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil Federal de 1988, a Lei n.º 9394 de 20 dezembro de 1996 institui as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (Brasil, 1996). Em seu Título I, o Artigo 1º profere:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996).

Em consonância com o disposto no Artigo 214, o Parágrafo 2º assenta que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Brasil, 1996). Nesse sentido, o Estado Brasileiro busca efetivar a garantia de que todos(as) que não conseguiram cumprir os seus processos formativos possam ter condições de retornar ao processo educativo como cidadãos, estando de acordo com o que preconiza a Constituição Federal de 1988. Como se depreende dos dispositivos legais, a perspectiva inicial da Carta Magna erigiu a educação e o trabalho como direitos fundamentais garantidos pelo Estado Brasileiro.

Ao tratar da educação básica, como prática educativa para o Ensino Médio foi constituída em relação com a educação profissional, a LDBEN de 1996 original colocava em seu Artigo 36 que o currículo do ensino médio deveria observar as seguintes diretrizes:

- I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;
- II – adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;
- III – será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição (Brasil, 1996).

No parágrafo 1º do Artigo 36 descreve que os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do Ensino Médio o educando demonstre: “I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II – conhecimento das formas contemporâneas de linguagem; III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (Brasil, 1996).

O Estado, ao normatizar leis que se deve adotar as metodologias e avaliações que estimulem iniciativas aos estudantes, manifesta transparência e compromisso com uma

educação de qualidade e integral, estimulando o desenvolvimento individual e coletivo da sociedade.

No mesmo Artigo 36 da LDBEN, o parágrafo 2º coloca que “atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas” (Brasil, 1996). Já o Parágrafo 3º aponta que “os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitar ao prosseguimento dos estudos” (Brasil, 1996). Em relação a esses aspectos, Ramos (2014) aponta que a LDBEN foi uma conquista de setores e educadores progressistas que entendiam que a relação entre educação e trabalho somente poderia ser desenvolvida resgatando a formação humana integral. Buscava com isso resgatar a normativa social da educação e que o projeto procurava possibilitar que o Ensino Médio como etapa final da educação básica fosse um instrumento de avanço na área educacional. Nessa mesma lei, o Parágrafo 4º colocava que a “preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderiam ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional” (Brasil, 1996).

Essa abertura na forma de oferta do ensino médio junto à educação profissional, levou para o interior do Ministério da Educação a dicotomia e interesses de setores privados com o argumento que os serviços públicos eram ineficientes. Essa disputa se marca no Decreto n.º 2.208 de 17 de abril de 1997, que regulamentou o Parágrafo 2º do Artigo 36 e dos Artigos 39 a 42 da LDBEN de 1996 (Brasil, 1997). Destaca-se aqui o Artigo 5º do decreto: “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial” (Brasil, 1997). Essa norma estabeleceu a autonomia do ensino técnico, permitindo que ele seja cursado ao mesmo tempo que o Ensino Médio, de forma concomitante, ou após a sua conclusão, de forma sequencial.

De modo geral, o objetivo posto no decreto situava-se convergente com os princípios do Banco Mundial, que repreendia o governo pelos gastos com formação profissional de nível médio. O argumento, para Ramos (2014), era a de que países com escolaridade baixa deveriam priorizar a educação básica e aquele que chegasse ao ensino médio teria condições de ingressar no mercado de trabalho e prosseguir o percurso educacional. Nesse sentido, o referido decreto inviabilizou a formação integral e a inclusão entre competência ética, técnica e política, pois não se pautou na formação humanista, e sim na empregabilidade do mercado neoliberal.

Em razão deste movimento dualista, após anos de discussões e embates, o Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, eleito em 2002, comprometeu-se a reconstruir o Ministério da Educação. Ramos (2014) discorre que o Ministério da Educação, em especial, a Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação (SEMTEC) no governo Lula, dispôs-se a reconstrução da política pública para a educação profissional. Os participantes do “Seminário Nacional Ensino Médio: Construção Política” realizado dentro do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, nos dias 19 a 21 de maio de 2003 (Seminário [...], 2003a) e do “Seminário Nacional de Educação Profissional: concepções, Experiências, Problemas e Propostas”, realizado pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação (SEMTEC), de 16 a 18 de junho de 2003 (Seminário [...], 2003b) defenderam o restabelecimento dos princípios de uma educação profissional humanizadora. Nessa concepção, a educação profissional deve ser articulada à educação básica como direito das pessoas e nova direção ético-política para a formação do trabalhador que contemplam a integração entre a educação profissional e o Ensino Médio.

Mesmo com as discussões e disputas dualistas entre integrar a educação básica e a educação profissional, o Decreto n.º 2.208/97 (Brasil, 1997) foi revogado pelo Decreto n.º 5.154 de 23 de julho de 2004 (Brasil, 2004a). Ramos (2014), discorre que este decreto procurou restaurar os princípios de uma política pública de educação profissional articulada à educação básica, como um direito dos indivíduos e necessário ao país. Buscou, nesse sentido, proporcionar uma coordenação integrada da educação profissional à organização da educação geral nacional, com políticas coordenadas pelo Ministério da Educação possibilitaria articular o desenvolvimento econômico com a “geração de trabalho e renda”, com os outros ministérios e governos estaduais e municipais. Para Ramos (2014), fora necessário deixar evidente os termos de financiamento para a educação profissional, indicando a construção de um fundo nacional, como instrumento de controle social. Ainda para Ramos (2014, p. 73), essa legislação buscava promover a:

Regulamentação do nível básico da educação profissional, inclusive revendo sua nomenclatura, no sentido de integrá-lo a itinerários formativos que pudessem redundar em formações estruturadas e, ainda, de articulá-lo às etapas da educação básica, de acordo com as necessidades dos jovens e adultos trabalhadores

O intuito dessa proposta seria o de monitorar e garantir a qualidade do ensino e o controle social, “do nível tecnológico da educação profissional” superando o impedimento de

integrar o currículo do Ensino Médio com a formação técnica, desde que acolhida à formação básica do estudante, previsto no parágrafo 2.º do artigo 36 da LDBEN (Ramos, 2014).

Além disso, o Decreto n.º 5.154 de julho de 2004 regulamentou o parágrafo 2º do artigo 36 e dos artigos 39 a 41 da LDB original, em seu artigo 1º coloca que a educação profissional, prevista no art. 39 na LDBEN, deveria observar as diretrizes curriculares nacionais, da mesma forma, a educação profissional deveria ser desenvolvida por meio de cursos e programas (Brasil, 2004a). Conforme o Artigo 1º, são modalidades educativas da EPT: “I - formação inicial e continuada de trabalhadores; II - educação profissional técnica de nível médio; e III - educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação” (Brasil, 2004a).

Levando-se em consideração os aspectos expostos, Ramos (2014, p. 67) pontua que as ações articuladas neste decreto procuravam integrar “uma política pública de educação tecnológica com características que implicam nas redes estaduais e a federal”. Dessa forma, o decreto “procurava inserir na totalidade educacional do sistema público a educação profissional” (Ramos, 2014, p. 67). Também outra característica desse decreto era apresentar objetivos concretos de espaços físicos e financeiros para desenvolver uma educação integral que estabelecesse “sobre princípios e diretrizes fundamentais para as ações políticas e pedagógicas realizadas sob a sua égide”, introduzindo orientações e ações políticas e pedagógicas.

Considerando as discussões acima, o Decreto n.º 5.154 de julho de 2004 ao regulamentar o parágrafo 2.º do artigo 36 e os artigos 39 a 41 da LDB ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional resultou que a Educação de Jovens e Adultos estendesse a garantia e o acesso à educação básica articulada a integração entre o Ensino Médio de formação geral e educação profissional em todas as suas modalidades. Para Ramos (2014, p. 71), o novo decreto “visou respeitar e construir com os sistemas federal e estaduais de ensino e com a própria sociedade, a quem serve a implementação de mudanças futuras que podem se consolidar por meio de um instrumento mais apropriado e de natureza mais permanente”. A autora faz uma crítica no sentido de que o decreto não institucionalizou um sistema nacional de educação pública articulado juridicamente com a União, os Estados e Municípios fez com que a coordenação da política nacional produzisse a permanente arena política e ideológica complexa no cenário educacional, além disso, os compromissos de integração e articulação estariam em jogo (Ramos, 2014, p. 71).

Em 2005 publica-se o Decreto n.º 5.478 de 24 de junho, que instituiu o Programa de Integração da Educação Profissional de Jovens e Adultos (PROEJA), possibilitando a garantia legal de acesso à educação básica (Brasil, 2025). Sobre essa legislação, Moura e Henrique (2012, p. 118) discorrem que o Decreto n.º 5478/2005 instituiu o PROEJA em âmbito da Rede Federal de EPT. É importante lembrar de que a Rede Federal de EPT não tinha docentes formados para operar com a educação de jovens e adultos e que, no caso do ensino brasileiro, não havia profissionais formados de forma sistêmica para atuar nessa nova modalidade.

Para Baptista (2015, p. 189), o Decreto n.º 5.478/2005 ao reservar 10% de suas vagas para o público da EJA não estabeleceu diálogo com as instituições e com os demais atores, e essa imposição mesmo com elementos de representatividade de setores da sociedade civil não atendeu as propostas relevantes à EJA. O autor coloca que a justificativa era que o decreto causou resistência nas instituições federais e o argumento era de “que a autonomia de seus institutos estava ferida e não reconheciam na proposta do PROEJA, elementos que lhes possibilitasse assumir em curto espaço de tempo uma experiência nova em vários aspectos” (Baptista, 2015, p. 191). Por outro lado, para o autor, havia o debate das necessidades dos representantes da EJA que almejavam ver uma “proposta mais alinhada com aquilo que vinha sendo conquistado historicamente” nessa modalidade de ensino (Baptista, 2015, p. 191).

É necessário que fique claro que os parâmetros dos compromissos estavam em disputas a diversos fatores e interesses e esse cenário foi favorável para que, em 2006, fosse publicado o Decreto n.º 5.840 (Brasil, 2006) que revogou o Decreto n.º 5.478/2005, e instituiu no âmbito federal o PROEJA. Esse decreto ampliou e consolidou a EJE-EPT (PROEJA) que reforçou o caráter nacional ampliando para todos os sistemas de ensino essa modalidade e articulando-se com outras políticas educacionais e sociais ampliando o PROEJA para o Ensino Fundamental.

Baptista (2015, p. 192) faz a observação que foram necessárias movimentações para legitimar o Programa e que isso não significou o fim das contradições, inclusive o autor aborda que uma “política pública só encontra em si os elementos dialéticos para sua legitimidade quando há um diálogo” e que esse processo percorrido pelo PROEJA, na sua implantação, marca “um diferencial em relação a muitos programas e políticas que geralmente são gestados em gabinetes” (Baptista, 2015, p. 192). Para o autor, o programa “é uma exceção por conseguir, através das contradições e disputas de seu contexto histórico, romper com uma imposição verticalizada e se construir, ou se reconstruir, em meio a intensos diálogos com os

atores” (Baptista, 2015, p. 192) que possibilitaram avanços nos debates para organizar o programa.

O Decreto n.º 5.840 de 2006 no artigo 1º discorre em seu parágrafo 1º que os cursos e programas de educação profissional terão abrangência:

I - formação inicial e continuada de trabalhadores; e II - educação profissional técnica de nível médio. Já o parágrafo 2º do referido decreto coloca que “os cursos e programas do PROEJA deverão considerar as características dos jovens e adultos atendidos, e poderão ser articulados: I - ao ensino fundamental ou ao ensino médio, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador, no caso da formação inicial e continuada de trabalhadores (Brasil, 2006).

Baptista (2015, p. 192) discorre que o PROEJA “atenderia, além da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, instituições públicas dos sistemas municipais estaduais, assim como o Sistema S” (Sesc, Senac, Sesi, Senai, Senar, Sest e Senat). No entanto, o autor pondera que “no que se refere às instituições não federais, não recaiu sobre elas a obrigatoriedade da oferta de vagas, uma vez que, dentro do pacto federativo, existem graus de autonomia dos estados e municípios que precisam ser respeitados” (Baptista, 2015, p. 192). Assim sendo, ao especificar as instituições federais que atenderam ao programa possibilitou pautar o seu “papel educacional” e, assim, o país ganhou novos contornos para debater a temática na defesa da formação integral.

No que tange ao decreto n.º 5.840 de 2006, Ramos (2014, p. 78-79) coloca que ele “não retirou a obrigatoriedade de oferecer uma política de inclusão educacional”, e que a intenção buscou elevar o nível escolar da população e, assim, disponibilizar uma formação de qualidade fundada “pelo conceito de trabalho como princípio educativo” expressando importante política de inclusão educacional. Esse processo permitiu a expansão da rede federal de educação tecnológica. Ainda segundo a autora, institucionalizando “os Institutos Superiores de Educação, Ciência e Tecnologia, no que vários CEFETs e Escolas Técnica foram transformados, nos termos da Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008” (Ramos, 2014, p. 78-79), buscou-se ofertar a educação profissional e tecnológica nas mais variadas modalidades de ensino, agregando conhecimentos técnicos e tecnológicos com práticas pedagógicas.

Também em 2008, foi publicada a Lei n.º 11.741 de 16 de julho de 2008 (Brasil, 2008), que alterou os dispositivos da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que redimensionou, institucionalizou e integrou as ações da educação profissional técnica de nível

médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. A referida Lei alterou o artigo 37, da LDBEN, integrando o parágrafo 3º da Lei n.º 11.741/2008 onde consta que “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” (Brasil, 2008). Além disso, o artigo 39 da Lei coloca que “os cursos de educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integrava-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”, com isso revogando o parágrafo único do artigo 39 (Brasil, 2008).

Convém lembrar de que mesmo com diversas tentativas de articular a educação básica e educação profissional, o dualismo na modalidade permaneceu, exemplo disto, foi o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), aprovado pela Lei n.º 12.513, de outubro de 2011, que ofertou uma capacitação superficial e esvaziada que enfraqueceu a política de educação aos jovens e adultos (Brasil, 2011). Mesmo com as disputas nessa modalidade e com o capital privado tendo a máquina pública para atendê-lo, os movimentos progressistas em 2013, conseguiram lançar o Documento Referência PRONATEC EJA (Brasil, 2013). Mesmo com o esforço dos educadores progressistas de garantir uma educação de qualidade à classe que vive do trabalho e conseguiu incluir a EJA no PRONATEC, a política não avançou para a formação integral.

Sobre essas contradições, Andrighetto, Maraschin e Ferreira (2021, p. 2188) convergem com a análise de que a formação dos trabalhadores transitou entre disputas e as influências neoliberais e que foram utilizadas estruturas do Estado, sendo que a formação dos trabalhadores foi tratada na lógica do pragmatismo do mercado. Para os autores citados, as políticas de EJA-EPT foram enfraquecidas e com isso, diferentes medidas inviabilizaram o “resgate da formação integral para a classe trabalhadora” (Andrighetto; Maraschin; Ferreira, 2021, p. 2188). Ainda para Andrighetto, Maraschin e Ferreira (2021), a primeira medida foi sancionar a Emenda Constitucional 95 de dezembro de 2016 que congelou o orçamento destinado à educação por vinte anos. A segunda medida ocorreu ainda no Governo de Michel Temer, ao publicar a Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017) que operou duas modificações no Ensino Médio: a ampliação da carga horária, e a organização curricular flexível.

Como já teorizado, a Lei 13.415/2017 (Andrighetto; Maraschin; Ferreira, 2021, p. 2191; Brasil, 2007) apresentava novamente a dualidade na política educacional. Ao se refletir a respeito desta lei, a preocupação recai sobre o formato desse “Novo Ensino Médio”, que defende uma flexibilidade e liberdade curricular aos estudantes, apesar de muitos acreditarem

que a lei foi um avanço, na prática, provoca desigualdades na oferta do ensino. Convém lembrar de que o modelo não se adequa à realidade brasileira, em que os estudantes das instituições educacionais públicas são oriundos da classe trabalhadora e sua maioria necessita trabalhar para colaborar na renda familiar. Outro fator é que as escolas não recebem recursos humanos e materiais, nesse sentido, a organização curricular não se efetiva de forma a tornar o percurso formativo rico de sentidos e efetivamente constitutivo de formação integral. Para esses autores, outra medida que reforçou a dualidade entre educação básica e educação profissional foi a imposição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em dezembro de 2017, reconfigurando novamente as realidades precárias das redes de ensino. Para os autores, esse processo formativo apresenta traços superficiais em áreas específicas do conhecimento, limitando a formação e reforçando uma educação minimalista.

Afirma-se que as disputas dualistas em torno da reforma do novo ensino médio colaboraram para a apreensão dos desafios para o ensino público. Nessa perspectiva, esta pesquisa defende que a formação dos estudantes seja instituída de sentidos na direção ética que defende o direito de questionar e compreender as implicações políticas e ideológicas nos processos que se estabelecem na educação, balizando e defendendo possibilidades concretas dentro da realidade presente produzindo mudanças e resistências a classe trabalhadora preconizadas na Pedagogia Histórico Crítica (PHC).

A Pedagogia Histórico Crítica, desenvolvida por Saviani (2021b) fundamenta-se no materialismo histórico-dialético. A PHC procura desenvolver uma educação comprometida com a transformação social e com a emancipação humana. A Base teórica marxista entende a educação como fenômeno histórico e social vinculado às lutas de classes e à superação das desigualdades tendo como objetivo garantir à classe trabalhadora o acesso aos conhecimentos científicos e culturais acumulados pela humanidade e assim combater a dualidade educacional.

Dentro da modalidade educativa EJA-EPT, destaca-se como *objeto* desta pesquisa a práxis para a formação integral da trabalhadora estudante-mãe do Curso de Cozinha e do Curso de Panificação de Nível Médio Integrado na modalidade EJA-EPT.

Acerca dessa conceituação, Frigotto (2009, p. 70) apresenta que a práxis é o campo da ação política e que incumbiu ao autor “Marx efetivar uma modificação decisiva da tríade aristotélica, ‘a *práxis*, a *poiésis* e a *theoria*’”. Conforme o autor, essa tríade “marcou o pensamento ocidental” nesse sentido, para o Frigotto (2009, p. 70), Marx possibilitou sair da “perspectiva idealista, racionalista e do materialismo vulgar”, pois buscou “apreender o

movimento, as determinações e mediações que constituem a realidade humana”, para entender o desafio, as contradições e mediações para compreender a realidade na sua totalidade.

Para Saviani (2021, p. 120),

A filosofia da práxis, tal como Gramsci chamava o marxismo, é justamente a teoria que está empenhada em articular a teoria e a prática, unificando-as na práxis. É um movimento prioritariamente prático, mas que se fundamenta teoricamente, alimenta-se da teoria para esclarecer o sentido, para dar direção à prática.

Nesse sentido, a concepção de *práxis*, discutida por Frigotto (2009), remete à transformação marxiana onde essa concepção busca superar a perspectiva idealista e materialista enfatizando que o movimento dialético da realidade humana apresenta suas contradições e mediações. Desta forma, a abordagem dialoga com Saviani (2021), que retoma Gramsci ao definir a filosofia da práxis como a articulação entre a teoria e a prática.

Ainda para Frigotto (2009), é por meio da *práxis* que a educação politécnica ou tecnológica e o trabalho como princípio educativo ganham sentido, já que não vinculam as “dimensões especificamente dos projetos e métodos pedagógicos, e sim à concepção dos processos sociais e educativos”. Isso porque é no dialético e no contraditório e na perspectiva antagônica das relações sociais no modo capitalista que há a viabilidade de “desenvolver as bases sociais, culturais e científicas das múltiplas dimensões do ser humano no horizonte da *práxis* revolucionária” a passagem para um novo modo de produção e organização social.

A ideia de *práxis* educativa, no contexto da EPT, está amparada nos escritos de cunho marxistas que entendem a práxis como ação crítica que transforma a realidade e que está indissociável na relação entre teoria e prática. A *práxis* educativa no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional vincula-se às ações didáticas, as ações pedagógicas e curriculares na totalidade da formação do trabalhador-estudante. Entender o desenvolvimento da *práxis* na educação exige uma relação indissociável da ciência, tecnologia e cultura associadas aos conhecimentos do mundo do trabalho que fundamentam os conhecimentos técnicos e científicos dos processos de produção designados por Saviani (2007) por politécnica.

Para Marx (2023), as contradições da vida material se contrapõem ao plano das coisas no mundo, já que os aspectos históricos e ontológicos como elementos constitutivos da materialidade da vida influenciam e modificam o trabalho, a vida social, familiar, escolar entre outros. Em acréscimo, Ramos (2014, p. 208) discorre que a práxis tem sentido filosófico, epistemológico e pedagógico já que a práxis está vinculada a “um projeto

ético-político de formação de trabalhadores”, essa *práxis*, ao se entrelaçar com o trabalho como princípio educativo, busca transformar a realidade social e superar as desigualdades, promovendo a emancipação humana.

Para a autora, o sentido filosófico diz respeito à compreensão “do homem como um ser histórico-social” que produz entre as relações com outros indivíduos e com o mundo concreto. O sentido epistemológico da *práxis* “permite apreender as mediações que configuram a realidade”, já que, historicamente, as contradições viabilizam apreender o real na sua concretude (Ramos, 2014). Ramos (2014, p. 208) refere que “o real não é fruto das ideias dos homens, o que faria com que se pudesse inventá-lo ou modificá-lo”, mas sim, o real é fruto do pensamento histórico-dialético que se constrói na vida material em suas múltiplas dimensões construída historicamente pelas ações dos indivíduos.

No sentido pedagógico a *práxis*, conforme Ramos (2014, p. 208), “traz uma referência pedagógica, cuja síntese encontra-se na pedagogia histórico-crítica” de Saviani (2021). Ante o exposto, o sentido filosófico da *práxis* procura categorizar o modo de produção em fundamentos e sentidos da educação que possibilitem mudanças e transformações. É necessário nessa concepção pedagógica, conforme Ramos (2014), realizar as perguntas: “Ensinar o quê? Por quê? Como?” Isso porque essas questões definem a finalidade da formação direcionada de forma intencional, proporcionando “aos educandos o desenvolvimento técnico-intelectual para produzirem a existência por meio de seu trabalho sob determinadas circunstâncias históricas” (Ramos, 2014, p. 208), chamada de formação integral.

Para Franco (2016, p. 543), a *práxis* é “uma intervenção pedagógica, como instrumento de emancipação, considera a *práxis* uma forma de ação reflexiva que pode transformar a teoria que a determina, bem como transformar a prática que a concretiza.” Ainda para a autora, “essa dialética carrega a essencialidade do ato educativo, ou seja, a intencionalidade coletivamente organizada e em contínuo ajuste de caminhos e práticas” (Franco, 2016, p. 543). Para a autora, a “insistência” é o melhor conceito para o docente não desistir dos estudantes de forma que é necessário “insistir, ouvir, refazer, fazer de outro jeito; acompanhar a lógica do aluno; descobrir e compreender as relações que esse aluno estabelece com o saber, mudar o enfoque didático, as abordagens de interação, os caminhos do diálogo” (Franco, 2016, p. 543).

Nessa perspectiva, entende-se que para muitas das trabalhadoras estudantes-mães essa modalidade educativa (EJA-EPT) torna-se uma oportunidade de inserção ao espaço da

educação formal em uma instituição pública com ensino de qualidade, gratuito com o compromisso de lhes proporcionar as condições para o sucesso e progressão tanto no mundo do trabalho como nos estudos. Isso porque, em algum momento de sua vida, elas tiveram de renunciar à escolarização, seja para trabalhar para ajudar a família, seja por questões de não adaptação à educação que as colocam em “caixinhas”, ou por outros motivos pessoais. Importante ter como horizonte os processos “históricos” e “materiais” que fundamentam as relações sociais acabam rebatendo no mundo do trabalho e no acesso ou não à educação de qualidade.

A partir do que foi exposto, a *motivação* para a escolha desse objeto de estudo deve-se, especialmente, ao fato de esta pesquisadora principal ter tido em sua trajetória de trabalhar cedo para colaborar com a renda da família, com isso teve de terminar seu ensino médio na EJA noturno. Escolheu como profissão o curso de Bacharel em Serviço Social, atuando na Assistência Estudantil há cerca de 9 (nove) anos na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. No decorrer desse período, tem refletido sobre a relação das trabalhadoras estudantes-mães nos espaços educacionais. Para Saviani (2007, p. 154), “diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade.” A identidade pessoal, profissional e de ser trabalhadora estudante-mãe coloca nessa pesquisadora muitas questões com o tema apresentado.

Além do mais, as demandas que surgem das trabalhadoras estudantes-mães nem sempre tem aporte ao referencial teórico, do saber profissional e do espaço institucional, assim sendo, é necessário buscar conhecimentos mais aprofundados para subsidiar as atividades, as ações e demandas profissionais. A formação continuada é uma necessidade social e os espaços profissionais precisam estar atualizados e abertos na busca de ampliar os saberes sobre as questões que envolvem esses estudantes. Franco (2016, p. 546) enfoca que ao lado das características observáveis do fenômeno existe um processo de transformação subjetiva. Esse processo não apenas modifica as representações dos envolvidos, mas produz uma ressignificação na interpretação do fenômeno vivido, o que produzirá uma reorientação nas ações futuras que possibilita desenvolver nos espaços formais respostas às demandas que surgem referentes às trabalhadoras estudantes-mães e demais estudantes.

Nesse direcionamento, conforme o documento Anexo ao Regulamento do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Federal (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), é um espaço de produção intelectual que possibilita diversidades de experiências e de produção do

saber. Oferta uma formação continuada, na perspectiva interdisciplinar possibilitando exercer atividades de ensino, gestão e pesquisa associando a educação profissional e tecnológica, na perspectiva de elaboração de produtos educacionais e materiais técnico-científicos com vistas à inovação tecnológica.

O Programa de Mestrado ProfEPT atrela a possibilidade de examinar de forma crítica e científica sobre a mediação do saber fazer no cotidiano profissional, tendo na pesquisa um produto educacional que contribuirá com o sucesso e progressão das estudantes. Dentro do programa, esta pesquisa está inserida na Linha 1: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica permite que se reflita e pense as práticas pedagógicas como princípio inclusivo, no sentido de ter senso crítico quanto às questões do tempo histórico e contraditório da sociedade. Dentro da linha de pesquisa, o Macroprojeto 2: Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT procura atender à demanda por formação de recursos humanos com o objetivo ao desenvolvimento de pesquisas que contribuam com os saberes práticos ao mundo do trabalho e ao conhecimento interdisciplinar, no sentido de contribuir com o desenvolvimento social.

Aponta-se nesse sentido, que a EPT tem no acesso às formas de educação, o compromisso em aprofundar o entendimento de conceitos referentes à qualidade do ensino nas suas diversas modalidades. Anjos (2021, p. 259), coloca que “a prática pedagógica, ao favorecer a análise criativa dos sujeitos pelo diálogo e pelas trocas horizontais, favorece a formação consciente, com estímulos à produção de saberes específicos, voltados à educação profissional e tecnológica”. Nessa proposta, processo de ensino e aprendizagem no percurso EPT tem como centralidade o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico, estando em consonância com o materialismo histórico. Para Kuenzer (2016, p. 27), “no materialismo histórico ele assume o papel de mediador, que organizará situações significativas de aprendizagem em que teoria e prática estejam articuladas, quer pelo tratamento de situações concretas” que validam as contribuições construídas na EPT.

Sendo assim, a relação entre trabalho e educação é indissociável, pois são esses conceitos que moldam a concepção de mundo. Os sujeitos sociais, mesmo que não percebam ou ajam de forma consciente, dão sentido a um modo societário por meio dessa relação. Portanto, adere-se do poema de Pablo Neruda (2010, p.75), que coloca “sendo assim, onde está essa curiosidade profissional, essa ternura abatida que só com repouso abria a brecha” resgatando a capacidade de conectar o trabalho na perspectiva histórica e ontológica.

Partindo-se dessa contextualização e por trabalhar no espaço institucional federal como assistente social, aponta-se como *problemática* de pesquisa a realidade observada em que trabalhadoras estudantes-mães apresentam dificuldades na aprendizagem, afetando seu sucesso e progresso no seu percurso formativo. Nesse sentido, questiona-se: A formação das trabalhadoras estudantes-mães da EJA-EPT Ensino Médio Integrado do Curso Cozinha e Panificação é integral de forma que promova o sucesso e a progressão para o mundo do trabalho e para os estudos? Ou, apesar de todos os esforços promovidos pedagogicamente para a formação integral, as condições postas pelo modo de produção capitalista não permitem às trabalhadoras estudantes-mães progredirem e obterem sucesso nos processos formativos?

Isso porque a perspectiva da EJA-EPT Ensino Médio Integrado é inserir os indivíduos na educação e contribuir para que eles possam progredir, dando continuidade à formação educacional, aqui entendida e defendida como integral e que possibilite ter um olhar e posicionamento crítico ao modo como o trabalho e a sociedade são organizados pelo sistema econômico vigente. A formação integral na educação é um assunto complexo que reflete diversas relações com a totalidade e contradição social já que os indivíduos que perpassam o percurso educativo trazem diversos elementos dessa totalidade e das suas contradições materiais, posta pelo modo de produção capitalista.

Santos e Costa (2018, p. 61) colocam que a relação mulher e educação formal é recente já que na história brasileira a mulher foi colocada na esfera privada, no cuidado da casa, dos filhos dos afazeres domésticos, onde seu ofício era ser “*mãe*”. A educação da mulher tinha como função se preparar “para o lar, exercício de esposa”. Quando a mulher começou a se inserir para a educação formativa, ainda assim, os saberes eram voltados para a casa, para ser do lar e recatada e esses princípios foram se perpetuando nos ofícios aos quais foram se desenvolvendo na sociedade. Quando as mulheres começaram a estudar para trabalhar fora de casa, as profissões oferecidas estavam atreladas ao cuidado, como por exemplo, tornar-se professoras, assistentes sociais, enfermeiras entre outras profissões. Sendo assim é necessário pensar e refletir que esse traço do cuidado se perpetua até os dias atuais.

Por meio da Constituição Federativa do Brasil de 1988, garantiu-se a educação para todos, proporcionando que as mulheres frequentam os espaços educacionais de forma massiva e constituída como direito pudesse trazer elementos para se pensar e debater a inserção do gênero feminino nos espaços públicos como privados. Mesmo com tantos avanços, ainda existem diversas desigualdades de acesso e permanência já que para as mulheres ocorrem

“violências” e “invisibilidades” de diversas ordens que apresentam barreiras e desafios na aprendizagem nos diversos percursos formativos, profissionais, culturais e sociais.

Diante do exposto, quando se pensa na categoria trabalho, é importante compreender que a relação social, econômica e cultural é permeada por conflitos e desafios que se apresentam e atingem a sociedade a nível local e mundial, no espaço privado, no espaço público, no conjuntural e no estrutural afetando o emprego, a pobreza, as relações entre homens e mulheres, as relações políticas e sociais entre outros. Nesse sentido, é importante debater e refletir os processos que acentuam e refletem as formas de reprodução social e das mudanças que ocorrem na vida e no mundo do trabalho pensando na desigualdade e a não inclusão de grupos chamados “minorias” incluindo as mulheres que na sua maioria não têm acesso ao que socialmente é produzido por todos.

Sendo assim, para que esse grupo possa realizar escolhas pessoais de forma crítica e concreta com igualdade de condições é necessário ofertar uma formação integral para que as trabalhadoras estudantes-mães possam compreender de forma crítica a totalidade social, e assim terem o poder de escolha quanto a vida educacional e profissional. Sobre esse aspecto, Franco (2016, p. 547) discorre que “toda ação educativa traz em seu fazer uma carga de intencionalidade” e que essas ações afetam a dinâmica social e histórica apresentando características socioculturais, isso significa dizer que as instituições formativas precisam trabalhar o “provisório que não permite que uma parte seja analisada sem referência ao todo, tampouco sem este ser visto como síntese provisória das circunstâncias parciais do momento”.

Nesse sentido, o percurso educativo precisa aprofundar seus estudos, analisando os fenômenos a partir de uma perspectiva crítica e interseccional. Para analisar os desafios enfrentados pelas trabalhadoras estudantes-mães, este estudo dialoga com a interseccionalidade trabalhada em Ribeiro (2019), onde a autora opera esse conceito ao demonstrar que a produção do conhecimento é marcada por posições sociais específicas. Sustenta a autora que a experiência da mulher, em especial da mulher negra, periférica e mãe, constitui *locus* social onde o sexismo, o racismo e a classe atuam de forma simultânea e imbricada. Essa confluência de opressões exige do arcabouço teórico articular a temática classe, raça, gênero e diversidade sexual para compreender o impacto da educação na vida dos sujeitos, colocado em Gomes (2023) divergem com Ribeiro (2019).

Sobre a temática do gênero e educação, Gomes (2023, p. 6) discorre que:

Diante de tudo isso, é imperativo que a produção teórica educacional se dedique ainda mais à interpretação e análise desses fenômenos por meio de estudos e pesquisas que enfrentem o desafio de interpretar o fenômeno educacional da atualidade e seu impacto sobre a vida dos sujeitos da educação em uma perspectiva crítica e que articule de forma interseccional as questões de classe, raça, gênero e diversidade sexual.

Complementando Gomes, Scott (1995, p. 86-87) refere que o conceito de gênero é constituído como elemento nas relações sociais que se fundam na diferença percebida entre os sexos, isso implica quatro elementos que se relacionam a símbolos, normas, atos políticos e subjetivos.

Para a autora, a compreensão do gênero é um saber acerca das diferenças sexuais quando o gênero está relacionado ao saber e ao poder. Desta forma, o gênero está relacionado aos símbolos na construção de significados culturais para justificar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres. Já as normas dizem respeito às interpretações dos significados destes símbolos que se expressam na religião, na educação e outras esferas da sociedade. Os atos políticos relacionam-se à esfera política e econômica societária. E por fim, a subjetividade ou identidade que se constrói em cada período histórico são construídos e relacionados a “uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” de cada época (Scott, 1995, p. 88).

A identidade de ser mulher trabalhadora, estudante e mãe atribui muitos desafios no percurso educacional, demonstrando as contradições inseridas no modo de produção capitalista. Esse arranjo produtivo exige a participação das mulheres no mercado de trabalho para dar conta da produção e ao mesmo tempo da sobrecarga socialmente as mesmas, já que as responsabilidades demandadas na família recaem de forma individual para as mulheres. Claro que esse arranjo tem impactos econômicos, já que as jornadas duplas e triplas na vida das trabalhadoras estudantes-mães não são remuneradas, beneficiando desta forma, a base reprodutiva do modo capitalista e ao patriarcado.

Em suas análises, Antunes (2015) aponta a feminização do trabalho como um dos fenômenos mais marcantes da reestruturação produtiva global. Contudo, ele argumenta que o aumento da participação feminina na força de trabalho não significa uma emancipação, mas sim uma nova forma de intensificação da exploração. As mulheres, em sua maioria, são inseridas em setores mais precários e informais, enfrentando desigualdade salarial e, principalmente, a sobrecarga da dupla jornada de trabalho. Para Antunes, essa tendência do

capitalismo contemporâneo, ao invés de superar as opressões, aprofunda as desigualdades de gênero e classe.

Nesse sentido, emancipar e empoderar essas mulheres para compreender esse sistema é fundamental, para Berth (2019), o empoderamento não se resume a uma "autoajuda" ou a um ato de tomar poder para si, e sim a um processo coletivo de emancipação social e política. A autora defende que o verdadeiro empoderamento deve ser capaz de transformar as estruturas de poder que geram opressão, como o racismo e o sexismo. Ela define como processo coletivo que conduz indivíduos e grupos a estágios de autoafirmação e autoconhecimento para a transformação social. Isso significa que, ao fortalecer sua identidade, história e condição social, os indivíduos podem atuar de forma consciente e coletiva para intervir e transformar a realidade em que vivem.

Sendo assim, o percurso formativo necessita estar em consonância com a realidade deste público, sendo que, para Franco (2016, p. 547), há de se levar em conta as questões que se mostram “fundamentais na organização das práticas pedagógicas”. Primeiramente, a articulação com as expectativas do grupo e existência de um coletivo, em que “as práticas pedagógicas só podem ser compreendidas na perspectiva da totalidade, ou seja, as práticas docentes estruturam-se em relações dialéticas pautadas nas mediações entre totalidade e particularidade”. Segundo, “quando se realça a categoria totalidade como marcante e essencial ao sentido de prática pedagógica, pretende-se entendê-la como expressão de um dado momento histórico, permeada pelas relações de produção, relações culturais, sociais e ideológicas” (Franco, 2016, p. 547) que são construídas nas relações cotidianas.

A respeito da sociedade tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados não se abordam os prejuízos da sobrecarga sobre as mulheres no trabalho, no lar, na educação e em outras esferas sociais. Além dessas questões, não há preocupação de dialogar sobre as pressões e responsabilidades sobre as mulheres de ter que dar conta de trabalhar, estudar, cuidar dos afazeres domésticos e cuidar dos filhos com dedicação exclusiva, ficando desta forma, as demandas que surgem deste público na educação na esfera privada sem levar em contas as condições concretas provocadas pelo modo capitalista. Em razão disso, é importante refletir como na EJA, na modalidade Ensino Médio Integrado, a aprendizagem destas mulheres é afetada por tudo o que já foi exposto.

Conforme o Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (Brasil, 2023a, p. 32), observa-se que na EJA “as matrículas de estudantes acima de 30 anos são predominantemente compostas pelo sexo feminino, 58,9%”, e que “existe uma

predominância de matrículas de mulheres na educação profissional em todas as demais faixas etárias. O maior percentual do sexo feminino está na faixa de 40 a 49 anos, com 62,5%” (Brasil, 2023a, p. 35). Sendo assim, as trabalhadoras estudantes-mães necessitam de espaços dialógicos para refletir e se apropriar de uma educação integral que as emancipem no e para o mundo do trabalho para que se possa criar condições concretas para transformar a vida sociocultural da sociedade para que as relações sejam mais justas e igualitárias.

Após a apresentação do objeto e da justificativa para a sua escolha, bem como do problema de pesquisa, apontam-se as hipóteses *da pesquisa*:

- (i) Os (as) coordenadores (as), docentes e assistente social não têm clareza em relação aos princípios que constituem a formação integral para que as estudantes-mães possam alcançar o sucesso para a progressão nos estudos e no trabalho;
- (ii) As participantes estudantes-mães percebem que a prática pedagógica tem ênfase na preparação para o mercado de trabalho em detrimento do mundo do trabalho;
- (iii) As participantes estudantes-mães percebem a finalidade pedagógica para a formação integral, porém elas não conseguem ter o sucesso esperado por conta das condições concretas da sua existência.

Ao se tratar das condições concretas de existência, as adversidades presentes na vida das pesquisadas, “como por exemplo, desemprego, a falta de rede de apoio, o subemprego com baixo salário e a precarização das políticas públicas” que afetam as condições e o acesso à educação. Para que a trabalhadora estudante-mãe possa ter a sua formação para o mundo do trabalho, é necessário compreender as desigualdades históricas existentes na sociedade, já que os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD de 2021, indicam que 51,1% da população brasileira compõe-se por mulheres.

Partindo-se do objeto, problema e hipóteses da pesquisa, seguem os *objetivos* desta pesquisa, sendo o objetivo *geral*: investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Curso de Cozinha e do Curso de Panificação Nível Médio Integrado EJA-ETP do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina – IFSC, *Câmpus* Florianópolis – Continente.

Seguem os *objetivos específicos* que correspondem às ações procedimentais necessárias para se alcançar o objetivo geral:

- a) identificar, pela análise das respostas do instrumento questionário, dados do perfil das participantes trabalhador as estudantes-mães;

b) depreender, pela análise do documento institucional *PPC* dos dois cursos em estudo, em que medida os princípios da EJA-EPT refletem a relação teórico-prática para a formação integral;

c) diagnosticar, pela análise das respostas do instrumento entrevista aplicados aos participantes, a sua percepção da forma como os princípios da EJA-EPT reflete a relação teórico-prática para a formação integral;

d) elaborar, com base nos resultados encontrados, conforme (a), (b) e, em (c), ao menos um produto educacional, sua aplicação e avaliação, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2016, 2019, 2022) para o Mestrado Profissional, os quais serão mais bem explicados no item 5 - Produto educacional.

Ao se tratar da formação profissional, para Ramos (2017, p. 32), “antes de ser uma necessidade econômica”, é preciso deixar claro que é um “direito de acesso ao conhecimento científico e cultural sistematizado pela classe trabalhadora como um princípio ético-político, em razão do sentido ontológico do trabalho”. Observa-se que os desafios enfrentados pelas trabalhadoras estudantes-mães são preocupações constantes nos espaços formativos, seja na relação com os docentes em sala de aula, com os colegas de turma, na relação com a equipe pedagógica ou na assistência estudantil.

Por consequência, é necessário pesquisar as perspectivas da formação básica com a formação profissional para pensar os desafios na aprendizagem. Convém lembrar, com base em Franco (2016, p. 547), de que “como prática social, a prática pedagógica produz uma dinâmica social entre o dentro e o fora (dentro/fora) da escola”. Isso significa que o docente sozinho não transforma a sala de aula e as práticas pedagógicas funcionam como “espaço de diálogo quando se configuram como ressonância e reverberação das mediações entre sociedade e sala de aula” (Franco, 2016, p.548). Ademais, a “sala de aula é um espaço ao qual ocorrem as múltiplas determinações decorrentes da cadeia de práticas pedagógicas” e que é necessário considerar “olhar essas práticas na perspectiva da totalidade, compreendem-se melhor essas relações” (Franco, 2016, p. 547-548).

Por outro lado, a educação não está isolada da realidade, pelo contrário, nos espaços educacionais também refletem as mazelas sociais do modo capitalista. Devido a isso é importante refletir e debater criticamente ações de mudanças. Sendo assim, os Institutos Federais espelham espaços para que se desenvolvam perspectivas históricas que ultrapassem as barreiras de aprendizagem que se está posto a classe trabalhadora, e assim partilhar práticas educativas que contribuam com a emancipação humana e da sociedade.

Acerca da formação integral, a pesquisa procura promover a reflexão de como as condições concretas da vida social e cultural inferem no acesso ou não a uma educação emancipatória e crítica. A educação e o trabalho refletem o cotidiano das demandas concretas e também apresentam os desafios, silenciamentos e preconceitos enraizados na sociedade. Para que a educação possa emancipar os indivíduos e para que eles sejam ativos e críticos para buscar uma transformação societária mais justa e equânime é necessário o compromisso ético e político nas diversas instâncias da sociedade. Ainda em 2025, mesmo com o aumento de acesso das mulheres no mundo do trabalho e na educação, ainda assim, percebe-se as dificuldades que elas passam na vida privada e pública, já que diversos elementos inferem, como por exemplo, violência de gênero, violência familiar, preconceitos, falta de políticas públicas e rede de apoio.

A partir dessa contextualização, para expandir o entendimento acerca do objeto e do problema acima apresentados, buscou-se por *pesquisas empíricas*, observando o que tem sido publicado e quais aspectos metodológicos têm sido selecionados nessas pesquisas. Para tanto, buscou-se por pesquisas empíricas realizadas entre os anos de 2018 a 2023 em distintas plataformas, as quais estão melhor detalhadas no item Revisão bibliográfica inserida no referencial teórico.

Dessas buscas, deparou-se com muitas pesquisas que tratam da EJA-EPT em diferentes olhares como trajetória da política da EJA-EPT, sobre a inclusão de mulheres nos cursos, sobre questões estruturais que afetam a política educativa da EJA, dos processos de ensino e aprendizagem nas disciplinas ofertadas na EJA, dos desafios para o acesso e permanência na EJA. Porém, não foram encontradas pesquisas empíricas que tratam especificamente sobre como as trabalhadoras estudantes-mães na modalidade EJA-EPT percebem a relação que se estabelece entre a relevância da formação integral para a sua progressão profissional e acadêmica, levando em consideração as contradições concretas de existência que dificultam esse acesso. Com base nessa lacuna, a elaboração desta pesquisa é *justificada*, sendo que pela compreensão das contradições na modalidade EJA-EPT em termos de formação integral, a pesquisa abre espaço para novos estudos que possam ampliar essas discussões.

É necessário esclarecer que a concretização de uma pesquisa no EJA-EPT Ensino Médio Integrado pode ser *limitada* por questão do tempo disponível para coletar e analisar os dados recolhidos nos questionários e entrevistas, como também pelo número de participantes já que serão pesquisados dois cursos. Há também de se levar em conta o fator tempo de

mestrado do Programa ProfEPT, distintos aspectos podem ser possíveis de falhas na subjetividade da pesquisadora principal em balizas referentes a percepção e interpretação dos resultados e da abrangência das variáveis em estudo, como do mesmo modo das especificidades de cada grupo de participantes. Dessa maneira, esses aspectos são limitadores para a generalização dos resultados.

Após apresentação do conteúdo introdutório, exposto acima, que constitui A Introdução, apresenta-se a secção 2, que aborda o referencial teórico, o qual fundamenta as investigações que refletem na pesquisa. Apresenta-se uma perspectiva histórica da EPT com base em Moura (2007) e Ramos (2014), na Educação de Jovens e Adultos com base em Rummert (2007), Flores (2016), LDBEN (Brasil, 1996), Documento Base (Brasil, 2007). Os fundamentos e os princípios apresentam-se em Marx (2023), Marx e Engels (2019), Albornoz (2008), Mészáros (2008), Manacorda (2007), Lukács, (2012), Nosella (2007), Saviani (2007), Frigotto (2012), entre outros. Os conceitos sobre EJA-EPT são tratados por Moura (2014), Ramos (2014) e Frigotto (2012). As discussões sobre teorias de ensino e aprendizagem são abordadas por Burak (2017), Duarte (2016), Freitas (2012), Libâneo (1985), Saviani (1999), Vigotski ([2001], [2007]). Por fim, estão apresentadas na pesquisa de revisão bibliográfica.

Na secção 3, dedica-se à exposição do caminho metodológico referentes aos métodos, modalidades de pesquisa, procedimentos metodológicos e instrumentos para sistematizar o corpus de análise. Na secção 4, descreve-se, interpreta e analisa os resultados das variáveis externas e internas, seguindo cada instrumento de pesquisa. Na secção 5, relata-se sobre a elaboração, aplicação, avaliação e validação dos produtos educacionais e, por fim, na secção 6, tem-se as considerações gerais com a conclusão da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo trata do referencial teórico que alicerça o desenvolvimento desta pesquisa, por isso, organiza-se em: (2.1) Educação Profissional e Tecnológica; (2.2) Teorias de ensino e aprendizagem; e, por fim, (2.3) Revisão bibliográfica do objeto de estudo.

2.1 Educação profissional e tecnológica

Esta seção está organizada em: (2.1.1) Perspectiva histórica da EPT; (2.1.2) Educação de Jovens e Adultos Integrada à EPT; (2.1.3) Fundamentos da EPT: (2.1.3.1) O trabalho; (2.1.3.2) Omnilateralidade (2.1.3.3) Politecnia; (2.1.3.4) Formação integral; (2.1.4) Princípios da EPT (2.1.4.1): O trabalho como princípio para a formação integral e (2.1.4.2) A pesquisa como princípio educativo.

2.1.1 Perspectiva Histórica da EPT

Ramos (2014) também menciona que não existiam até o século XIX registros de iniciativas identificadas e organizadas na esfera da educação profissional. E que o predomínio da educação propedêutica direcionava a formação dos filhos da elite para se tornarem futuros líderes, já para os filhos da classe trabalhadora existiam poucas instituições educacionais que ensinam as primeiras letras e a iniciação em ofícios voltados aos meninos, ou seja, as meninas eram educadas na esfera privada para aprenderem os ofícios do lar.

Moura (2007, p. 5) pondera a relação dualista na educação básica e profissional no Brasil, sendo que até o século XIX não havia registros de ações caracterizadas “como pertencentes ao campo da educação profissional”. O que havia era “a educação propedêutica para as elites, voltada para a formação de futuros dirigentes” (Moura, 2007, p. 5), a qual contribuía para a reprodução da negação de direitos ao povo. O início da educação profissional surge de forma embrionária a partir do século XIX, e de forma precisa em 1809, com “a promulgação de um Decreto do Príncipe Regente, futuro D. João VI, com a criação da Escola de Belas Artes, criando o Colégio das Fábricas” (Moura, 2007, p. 5). Na sequência, a criação da Escola de Belas Artes em 1816 teve como objetivo articular “o ensino das ciências e do desenho para os ofícios a serem realizados nas oficinas mecânicas” e, em 1861, a criação

do Instituto Comercial no Rio de Janeiro que tinha a intenção de capacitar profissionais para cargos públicos (Moura, 2007, p. 5).

No caso brasileiro, a educação profissional origina-se na lógica assistencialista, oferecendo instrução à população para não os tornar aptos a conquistar condições de igualdade profissional, mas sim, satisfazer as necessidades da classe social vigente da época. Além disso, no século XIX, foram criadas instituições civis que destinavam a dar “amparo a crianças órfãs e abandonadas, com a justificativa de dar uma base de instrução teórica e prática e iniciando-as no ensino industrial”. Por consequência, essa lógica assistencialista era justificada e coerente com a sociedade dependente da coroa portuguesa (Moura, 2007, p. 6).

Em mais um movimento, em 23 de setembro de 1909, Nilo Peçanha criou as Escolas de Aprendizes Artífices, instalando dezenove escolas em 1910, em diferentes unidades da Federação. As escolas eram destinadas aos pobres e “eram semelhantes aos Liceus de Artes e Ofícios e voltados para o ensino industrial, sendo custeados pelo Estado Brasileiro” (Moura, 2007, p. 6). Outro fato importante para a educação profissional foi a criação de organização das Escolas de Aprendizes Artífices e do Ensino Agrícola que capacitou “chefes de cultura, administradores e capatazes” evidenciando um redirecionamento e ampliação para atender necessidades no campo, da agricultura e da indústria explicitando o “caráter elitista e de reprodução da estrutura social estratificada” da sociedade brasileira (Moura, 2007, p. 6).

Nesse longo processo, Moura (2007, p. 7) discorre que a chegada do século XX exigiu uma educação “estruturada de uma forma completamente dual na qual a diferenciação entre os percursos educativos dos filhos das elites e dos filhos da classe trabalhadora ocorria desde o curso primário”. Novamente com finalidade de atender aos interesses da classe dominante e não o interesse do país e do povo.

Além disso, o Congresso Nacional em 1927 aprovou um projeto, pelo qual passou a educação profissional a ser ofertada de forma obrigatória e as escolas eram mantidas e providas pelo Governo Federal. Em 1930, “a industrialização no país trouxe preocupações com a formação profissional para as indústrias. Já que havia necessidades de recursos humanos preparados para trabalhar nas indústrias” (Vieira; Souza Júnior, 2016, p. 156-157).

O Estado Brasileiro criou o Ministério da Educação e Saúde Pública estruturando a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico que passou a supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices que, até aquele momento, eram supervisionadas pelo Ministério da Agricultura. Em 1937, o ensino profissional foi retratado na Constituição Federal como dever

do Estado, no entanto, os sindicatos econômicos e as indústrias passaram ao longo dos anos a serem incentivados a criar escolas de aprendizes, cada qual na sua área de especialidade.

Ainda segundo Vieira e Souza Junior (2016, p. 157), em 1937, foi assinada a Lei n.º 378, transformando as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais, destinados ao ensino profissional de todos os ramos e graus e, em 1942, a Reforma Capanema, efetivada pelo Decreto Lei n.º 4.422 reformulou a educação no país. Em consequência, em 1942 foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), chamado de Sistema S, Em 1943, foi promulgada a Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial, abrindo espaços para que, em 1946, fosse criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Social da Indústria (Sesi), que mais uma vez demonstrou a dualidade brasileira na educação e, em especial, na educação profissional.

Apesar do não comprometimento do governo e da classe elitista, os defensores progressistas do país e da educação, após muitas discussões, conseguiram promulgar a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de n.º 4.024/1961. Para Vieira e Souza Junior (2016, p. 157-158), essa lei procurou integrar o ensino profissional ao sistema regular de ensino. No entanto, com a Ditadura Militar de 1964, a educação passou por modificações por meio da Lei n.º 5.692/71 que “reformou o ensino do 1.º e 2.º grau e tentou impor o ensino médio profissionalizante para todos”.

Em virtude dos processos sócio-históricos e da redemocratização da sociedade brasileira, os defensores progressistas conseguiram inserir o debate sobre qual modelo de educação deveria o Estado Brasileiro ofertar à sociedade. Por consequência, após muitos embates aprovou-se a Constituição Federativa do Brasil de 1988, conhecida como Constituição Cidadã (Vieira; Souza Júnior, 2016). Esse avanço possibilitou à sociedade aprofundar e debater o entendimento e a defesa de uma educação para todos em suas diversidades tenham o direito de acesso e permanência na educação.

O direito de voltar a estudar em diferentes modalidades com a proposta de educação profissional integrada ao trabalho se concretizou efetivamente com a LDBEN de 1996 (Brasil, 1996) e pelos decretos publicados posteriormente que foram se adequando às demandas e reformulações voltados à Educação Profissional e Tecnológica estabelecido na direção e preparação para o trabalho.

Conforme Vieira e Souza Júnior (2016), mesmo com tentativas de melhorar essa modalidade, diversos embaraços ocorrem para que efetivamente seja colocada uma proposta

de educação profissional que seja emancipadora e que rompa com a dualidade histórica na educação, como por exemplo, o Decreto n.º 2.208 de 1997 (Brasil, 1997) que reforçou a dualidade educacional aprofundando as desigualdades e fragilizando a formação integral, pois não permitiu a integração entre a teoria e prática e que são questionados por educadores progressistas como Frigotto e Saviani que defendem uma formação humanista.

Mesmo com os avanços das legislações, como os Decretos n.º 5.154/2004 (Brasil, 2004), Decreto n.º 5.478/2005 (Brasil, 2005) e Decreto n.º 5.840/2006 (Brasil, 2006) marcaram a transição do modelo neoliberal para a busca de uma perspectiva humanista que integra a formação integral onde visa superar a dualidade entre a formação geral e a formação profissional e que inclua jovens e adultos ao acesso ao ensino técnico fundamentado a uma teoria crítica e vinculada a educação para o mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, a contrarreforma em 2017 foi um retrocesso, pois operou modificações no ensino médio ao ampliar a carga horária e organização curricular flexível refletindo novamente a dualidade educacional que provoca desigualdades na oferta de ensino (Andrighetto; Maraschin; Ferreira, 2021, p. 2191). E a atual situação de cortes de verbas na educação afeta a qualidade do ensino afetando a infraestrutura, como por exemplo, em 2021, 46% das escolas públicas do país não tinham acesso à internet conforme dados do INEP. Ademais, as consequências dessas reformas são escolas degradadas, com falta de tecnologias, menos formação aos docentes, desmonte de pesquisas científicas, menos vagas em cursos técnicos e na EJA-EPT e evasão escolar.

Ao longo da história brasileira, a educação profissional consolidou-se como um reflexo das estruturas sociais excludentes, marcada por dualidade que separa a formação das elites daquela destinada à classe trabalhadora. Desde sua origem assistencialista no século XIX até as reformas contemporâneas, como a de 2017, persiste uma lógica que subordina a educação aos interesses econômicos e à reprodução das desigualdades.

Apesar dos avanços legais, como a LDBEN de 1996 e os decretos pós 2004 que buscaram integrar a formação geral com a formação profissional, os entraves estruturais, os cortes orçamentários e a precarização da infraestrutura e a flexibilização curricular do Novo Ensino Médio evidenciam a resistência em romper com esse modelo historicamente excludente. Enquanto a educação profissional não for um direito universal e que emancipe os trabalhadores estudantes vinculado a um projeto de desenvolvimento que não somente atenda às demandas do mercado, continuará reforçando a estratificação social que perdura por longos anos.

Como se observou acima, historicamente a educação profissional brasileira evidencia a dualidade que reproduz as desigualdades e exclusão. Como demonstrado desde sua origem prevalece a lógica que subordina a formação às demandas do mercado e aos interesses da classe burguesa, em detrimento de uma perspectiva emancipatória e integral. Embora marcos legais como a LDBEN e os decretos pós 2004 tenham buscado integrar a educação e trabalho sob uma ótica humanista, os retrocessos políticos, os cortes orçamentários e a precarização do sistema educacional reforçam os entraves históricos. para romper com a dualidade histórica, é fundamental construir e defender uma educação profissional pública, integrada e emancipatória que seja indissociável entre formação humanista e formação profissional que garanta direitos e justiça social para superar a exclusão e transformar a realidade educacional e produtiva do país.

Refletiu-se que historicamente a EJA-EPT, enquanto política pública, representa uma possibilidade concreta de reparação histórica, garantindo aos trabalhadores excluídos do sistema educacional o direito a uma formação integral, crítica e profissionalizante. No entanto, para que cumpra seu papel emancipatório, é essencial superar os entraves estruturais e ideológicos, assegurando investimentos, condições materiais e pedagógicas adequadas, além de uma prática educativa que integre trabalho, ciência, cultura e tecnologia que rompa com a lógica excludente e subordinada ao interesse do capital. Somente assim, poderá se consolidar como instrumento de transformação social, promovendo justiça social e cidadania.

Na próxima subseção apresenta-se (2.1.2) Educação de Jovens e Adultos.

2.1.2 Educação de Jovens e Adultos Integrada à EPT

O público que abarca a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é composto por jovens e adultos, idosos, pais, mães, mães solo, mães atípicas, trabalhadoras, trabalhadores, empregados e/ou desempregados, ou seja, um grupo heterogêneo que por diversos motivos não tiveram acesso ou possibilidades de frequentar o processo formativo em idade regular. Ante o exposto, são indivíduos que estão em condições desfavoráveis no sentido cultural, financeiro e social e que buscam por meio dessa modalidade resgatar o conhecimento socialmente produzido e legalmente garantido na Constituição de 88 e na LDBEN (Brasil, 1988, 1996).

Ao buscar elevar sua escolaridade procuram adquirir novos conhecimentos, possuir uma formação técnica, progredir nos estudos, mudar de área profissional e/ou também (re)

inserir-se no mundo do trabalho. Moraes (2021, p. 102), nesse sentido, refere que para intervir na educação é preciso conhecer e compreender o estudante que apresenta perfis diferentes para não correr o risco de realizar práticas pedagógicas equivocadas “por tratar de forma igual indivíduos originalmente diferentes”.

O Documento Base de 2007 (Brasil, 2007) apresenta que estes fatos representam o aumento de indivíduos nessa modalidade “com escolaridade descontínua, não-concluintes com êxito do ensino fundamental, obrigados a abandonar o percurso”, e que por desistências, evasões, repetências acabam por ser responsabilizados pelo próprio “fracasso”, sem levar em conta os desafios e condições postas pelo modo capitalista que exige da classe trabalhadora compor a “renda familiar” em condições econômicas degradantes, ao desemprego crescente, “à informalidade e a degradação e diminuição das relações de trabalho” que desafiam os docentes, as instituições e os estudantes quanto à aprendizagem (Brasil, 2007, p. 18). Nessa lógica, ao pensar nesse público é necessário refletir sobre a diversidade em sala de aula, apresentadas por identidades étnica/racial e de gênero que precisam ser ouvidas e valorizadas já que apresentam modos de viver cheio de sentidos e desafios.

As políticas de educação de jovens e adultos trabalhadores, Conforme coloca Rummert (2007, p. 36) no século XXI continua seguindo os pressupostos das condições expressas históricas da dualidade e da “distribuição profunda desigual dos bens materiais e simbólicos, bem como da negação dos direitos fundamentais”. A LDBEN, na seção V, no Artigo 37, coloca que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1996) reflete no caso brasileiro tentativas de ofertar a maioria da população trabalhadora que ficou fora do ensino uma educação para atender as demandas do mercado, deslocadas das necessidades do país e dos indivíduos que acessam essa modalidade.

O Programa de Educação Profissional Integrado à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA (E-EPT), é uma política de educação direcionada à formação de jovens e adultos trabalhadores ampliada a partir do século XXI, no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, tem sido acolhida de forma positiva. No entanto, apesar de várias ações, para Rummert (2007) a maioria das iniciativas foram focadas nessa política educacional e são implementadas para atender a contingentes populacionais com fragilidades como atores políticos, com baixa possibilidades de ofertas de escolaridade, de caráter precário provocado pelo modo societário.

Repercute também a autora que nessa relação às questões internas do país referentes à reestruturação produtiva, aprofundadas pela internacionalização do capital afetam a classe trabalhadora já que as políticas dependentes e subordinadas refletem no campo educacional (Rummert, 2007, p. 36). Nesse processo se enfatiza a negação do direito pleno à educação para a maioria da classe trabalhadora e mesmo com as dificuldades de implementar essa política educacional a formação é fragmentada, compensatória e que tem se caracterizado por desafios de ordem pessoal, estrutural e pedagógica. Para Freire e Carneiro (2015) embora a evasão na EJA tenha múltiplas causas, a principal razão é a dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos, um problema que se agrava nas dinâmicas da sociedade capitalista.

Para Freire e Carneiro (2015, p. 2),

Os motivos da evasão escolar pelos alunos da EJA são diversos, como a impossibilidade de conciliar trabalho e estudo, questões familiares, dificuldade de acesso à escola, entre outros. Entretanto, na sociedade capitalista em que vivemos uma das principais causas da evasão é o trabalho.

Rummert (2007, p. 40) coloca que “as ações governamentais restringem-se, ainda, a metas quantitativas modestas, que não fazem frente ao grande contingente populacional sem escolaridade completa”. Além disso, soma-se uma carência “de uma política unitária” que assinala de forma segura para a efetivação democrática de acesso aos alicerces dos conhecimentos científicos e tecnológicos para ir além da ampliação de indicadores da escolaridade da classe trabalhadora destituída do direito à educação.

Nesse sentido, conforme Rummert (2007) diversas iniciativas foram aplicadas para desenvolver essa política. Claro que em todos os períodos a dualidade na educação se faz presente em desafios e conflitos políticos, pedagógicos e ideológicos. Sendo assim, para compreender a política de educação voltada aos jovens e adultos, é necessário compreender que a vida humana se constitui por diversos processos de produção material e simbólica.

Portanto, a educação de jovens e adultos, mesmo dentro de uma dualidade na educação, pode contribuir para potencializar a identidade dos sujeitos que foram socialmente excluídos dos bens produzidos pela sociedade (Rummert, 2007). Esse conhecimento viabiliza mediar e potencializar a aprendizagem como condição para que o trabalhador estudante não abandone o seu estudo diante das dificuldades econômicas, pessoais e estruturais postas pela realidade capitalista. Esses desafios precisam ser levados em conta nessa política para que se promova a escolaridade com qualidade e que propicie uma formação integral tendo como

centralidade o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia para emancipar os estudantes trabalhadores. Nesse sentido, a EJA-EPT é o caminho possível para oportunizar uma formação humana emancipatória. A EJA-EPT é destinada às pessoas que, por diversos motivos, tiveram sua trajetória escolar interrompida ou não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada. Anami e Oliveira (2021, p. 74) discorrem que EJA-EPT

Tem por finalidade oportunizar a conclusão da educação básica em conjunto com uma qualificação e/ou formação profissional para todos e todas que, de certa maneira, não seguiram os estudos na linearidade, ou seja, para aqueles que desistiram ou não tiveram acesso à escola.

Para os autores, esse percurso formativo tem uma importância indiscutível já que para esse público persistem as carências e dificuldades nos seus percursos, o que demonstra uma fragilidade ao direito à educação que se apresentam em condições socioeconômicas, socioeducacionais, socio laborais e socioafetivas que interferem na sua aprendizagem e na cidadania efetiva.

Para Flores (2016, p. 24), “o direito à cidadania configura-se como pressuposto fundamental para efetivar os direitos humanos”, a autora discorre que é indispensável a presença do Estado e da sociedade para viabilizar as condições concretas na educação para efetivar e tornar eficientes a formação dos cidadãos. Ao se pensar a educação de jovens e adultos na educação profissional requer entender as trajetórias do ensino público no Brasil. Dentro dessas perspectivas, a autora entende que a EJA-EPT de nível médio integrada à formação básica e profissional contribui com condições socio laborais para que os trabalhadores estudantes possam apreender as necessidades reais, contraditórias e urgentes da sociedade e para participarem do mundo do trabalho (Flores, 2016, p. 34). No mesmo sentido, essa perspectiva possibilita o exercício e a inclusão do direito à cidadania incluindo a apreensão socioeducacional para compreender-se como sujeito de direito. Flores (2016, p. 35) destaca que

O excluído não é um sujeito à parte dos processos e da vida social, ao contrário, ele é parte dela e, como parte, possui direitos, tal como as demais partes que compõem esse todo chamado sociedade. Quando esses direitos lhe são negados ocorre o fenômeno da exclusão.

A modalidade educacional EJA- EPT insere uma prática pedagógica para que pessoas que não conseguiram concluir seu percurso formativo possam acessar a modalidade e ter garantido uma formação de qualidade.

No entanto, diversos fatores estruturais, culturais, econômicos e políticos atrelados a classe, etnia e gênero dificultam o acesso e permanência dos estudantes para uma educação centrada no mundo do trabalho. Além disso, é importante refletir práticas pedagógicas que possam trabalhar no processo de ensino e aprendizagem que favoreça o compromisso com a categoria trabalho e que se concretize no cotidiano da sala de aula (Brasil, 2007). A modalidade apresenta o objetivo da formação fundamentada na integração entre o trabalho, a ciência, a tecnologia e cultura que indissociáveis contribuam para o enriquecimento da formação humana.

Ademais, no que tange a EJA-EPT a modalidade possibilita aos trabalhadores estudantes efetivarem o exercício da cidadania e a autonomia crítica para compreender a realidade na sua totalidade. Entretanto, é necessário observar o esvaziamento quanto às ações da EJA-EPT. Dentro dessa lógica, Gusmão, Silva e Maraschin (2019, p. 2) colocam que “os discursos referentes às propostas de ações da EJA EPT, tanto nas já existentes quanto em novas que deveriam estar em discussão nos campos político e educacional” torna questionável a intencionalidade de não tornar clara essa discussão já que a oferta dessa modalidade é direcionada para a classe trabalhadora. Pode-se afirmar, conforme Gusmão, Silva e Maraschin (2019, p. 5), que o processo formativo na EJA-EPT representa um importante avanço na organização curricular, fundamentado na educação como direito universal. Isso permite aos trabalhadores estudantes historicamente excluídos retornarem seus percursos formativos em busca de uma formação integral. Essa perspectiva os habilita a lutar por uma sociedade justa e igualitária, alinhadas à PHC.

Saviani (2007) quando aborda o trabalho como princípio educativo como atividade fundamental que define a humanidade critica a dualidade histórica que separa a formação intelectual da profissional, esse mecanismo perpetua a desigualdade. A articulação entre a EJA e a EPT para o autor apresenta a oportunidade para superar essa divisão estrutural na sociedade capitalista. Essa integração não busca simplesmente justapor os conhecimentos sistematizados, mas sim permitir uma formação humana e integral que supere a mera qualificação para o mercado de trabalho, e prepare os estudantes trabalhadores para o mundo do trabalho e para romper com a lógica pragmática da educação.

Para Saviani (2007, p. 162) “na abordagem marxista o conceito de politecnia implica a união entre escola e trabalho ou, mais especificamente, entre instrução intelectual e trabalho produtivo” essa proposta concretiza-se na defesa da educação politécnica, que integra a teoria e a prática de forma indissociável onde busca proporcionar uma base unitária por meio dos conhecimentos científicos e humanistas permitindo aos estudantes trabalhadores compreender o processo produtivo e suas contradições na totalidade social que afetam suas realidades. Dessa forma, a experiência de vida dos estudantes trabalhadores nessa modalidade deve ser valorizada e levada em conta para dar sentido à aprendizagem. O que se almeja nessa modalidade é a formação de um trabalhador crítico, cidadão e consciente que seja capaz de intervir na realidade social e produtiva, integrando assim, teoria e prática numa estratégia política e transformadora.

No entanto, é necessário reconhecer que a modalidade enfrenta resistências, onde atores sociais e políticos vinculados ao capital buscarão fragilizar e reduzir a lógica do capital, subordinando a educação às demandas imediatas do mercado. Assim, a defesa da EJA-EPT exige mobilização crítica e coletiva e vigilância para que sua potência emancipatória não seja cooptada aos interesses e reprodução das mesmas exclusões que ela busca superar. A Educação de Jovens e Adultos integrada à EPT representa uma conquista fundamental para a democratização do acesso ao conhecimento sistematizado e à formação profissional aos trabalhadores historicamente excluídos do processo educativo. Embora a modalidade carregue o potencial emancipatório, sua efetivação esbarra em desafios estruturais, como a precarização das políticas públicas, da subordinação às demandas do mercado de trabalho e das desigualdades socioeconômicas que dificultam a permanência dos trabalhadores estudantes. A EJA-EPT somente cumprirá seu potencial emancipatório se conseguir superar a lógica pragmática, garantindo uma formação crítica vinculada à transformação social. Sua efetividade exige políticas públicas que estruturam a educação tornando-a um instrumento de ruptura com as desigualdades históricas.

Em síntese, compreender os desafios da EJA-EPT é necessário para garantir que a modalidade possa cumprir seu caráter emancipatório aos trabalhadores estudantes que transcenda a lógica pragmática e assim promova a formação integral. Somente por meio de políticas públicas, a EJA-EPT poderá se consolidar como instrumento de ruptura com as desigualdades históricas, reafirmando a educação como direito universal e uma ferramenta de transformação social.

Na subseção seguinte, (2.1.3), apresenta-se os Fundamentos da EPT.

2.1.3 Fundamentos da EPT

Nesta subseção, discute-se os seguintes fundamentos: (2.1.3.1) o trabalho; (2.1.3.2) Omnilateralidade; (2.1.3.3); Politecnia e; (2.1.3.4) Formação Integral.

2.1.3.1 O trabalho

Desde a antiguidade o trabalho está intrínseco nas mudanças e nas relações sociais, e o seu o conceito ao longo da história também foi se configurando. Muito se discute sobre o trabalho, e Albornoz (2008, p. 8) apresenta significados para o trabalho coloca que mesmo sendo compreendido como forma elementar do ato dos indivíduos de carregar “emoção, lembra tortura, suor do rosto, fadiga”, também em outros momentos o trabalho se apresentou como “aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria” (Albornoz, 2008, p. 8). Além disso, nas diversas culturas o trabalho varia de significados, por exemplo, no “grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio, por outro lado, também apresenta pena, que é próxima da fadiga. Já no latim distingue “entre *labore*, a ação de labor, e *operare*, verbo que corresponde ao *pus*” (Albornoz, 2008, p. 8), sendo assim, o trabalho para a autora se refere a esforço, fadiga e sofrimento.

No caso brasileiro, a autora distingue o trabalho em “labor e trabalho” sendo “ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social” (Albornoz, 2008, p. 8). É incontestável que o sentido do trabalho ao longo da história foi sendo elaborado na sua função social, cultural, histórica e de técnicas desenvolvidas entre atividades e serviços. A palavra trabalho, no caso do português, tem origem do latim *tripalium*, instrumento de três paus que era usado tanto para a agricultura como para torturar os indivíduos. Com o tempo, a palavra foi sofrendo alterações semânticas passando a ter sentido de esforço e labor (Albornoz, 2008, p. 10).

Com o tempo, conforme Albornoz (2008), também a sociedade foi criando elementos e definições da representação das atividades que envolvem o trabalho intelectual e o trabalho físico. O trabalho intelectual ao longo do contexto se expressa para além do espaço laboral e social, pois agrega transformações na sociedade e ganha status. Já o trabalho físico está associado à classe trabalhadora, que executa funções nas quais são destinados sem terem acesso ao status social e sem o reconhecimento de sua função enquanto trabalhador.

Para a autora, a formação subjetiva e objetiva da identidade dos indivíduos ocorre na relação entre o trabalho, a cultura e a educação. Observa-se que essa dinâmica social se traduz desde o primórdio da humanidade, uma vez que o homem necessitou aprender, desenvolver e a produzir sua existência em interação da natureza com a dinâmica social. Para a autora ao longo da história discursos e instrumentos foram utilizados para que a divisão de classe fosse aceita como algo natural. A autora reflete e exemplifica na sua análise como a religião, como instrumento de poder, contribuiu para produzir a naturalização da divisão social do trabalho.

Entre os aspectos discutidos por Albornoz (2008), o desenvolvimento do saber viabilizou na educação a aplicação e “a busca de novas tecnologias levando a novo conhecimento”, em parte demonstrando “desinteressado e lúdico”, já na lógica do modo burguês o sentido do trabalho “é movido por objetivos materiais evidentes” para criar efeitos para a sua produção e reprodução. Na lógica do capitalismo o trabalho não tem mais o efeito de contribuir para a autonomia crítica e liberdade de fazer escolhas. As atividades passam a ser sem sentidos e as escolhas passam a ser decididas pela utopia de que a sociedade seria fundada em um equilíbrio sem a presença da divisão de classes.

Por outro lado, é importante levar em conta que o trabalho tem “intenção e instrumento”, isso possibilita compreender o processo complexo que difere a natureza dos animais que trabalham por instinto já os indivíduos possuem intenção direcionada, pensada e refletida com direção ativa a um propósito previamente definido (Albornoz, 2008, p. 12). No que tange a análise a autora converge com o Marx (2023) que o trabalho é desenvolvido no campo político da transformação, já que no percurso da humanidade os processos civilizatórios foram se transformando.

No sentido histórico, Marx e Engels (2019) discorrem que no modo capitalista trabalho passa a perder seu sentido e natureza útil e o que é produzido pelo trabalhador passa a ter reconhecimento social para além do indivíduo. Além disso, esse processo aliena o trabalhador que não reconhece mais o seu trabalho já que ele não é dono do modo de produção e a si cabe somente sua força de trabalho. Nesse sentido, o modo capitalista convence a sociedade e o trabalhador que o que se é produzido é uma necessidade social que vai introduzindo, alterando e naturalizando os comportamentos sociais e culturais ao interesse do capital.

Com efeito, o trabalho tem sentido ontológico, já que apresenta a interação entre o indivíduo e a natureza, essa caracterização possui capacidade teológica já que pelos instrumentos e ferramentas desenvolvidas pelo trabalho dá satisfação ao indivíduo que de

forma distinta cria novas respostas às necessidades humanas. Em vista disso, Lukács (2012, p. 199) discorre que o trabalho tem “dupla transformação” viabiliza ao indivíduo que trabalha ir se transformando pelo seu trabalho, já que na natureza exterior modifica-se e que passa a ter autodomínio de “si”. Para o autor, o trabalho apresenta o sentido ontológico pois entre os motivos está a possibilidade de projetar no mundo ideias, criar consciência, e assim, ao idealizar os objetos e ao transformar as forças da natureza o converte aos meios de trabalho e matérias-primas.

Dado o exposto, Saviani (2007, p. 154) refere que “o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho.” Por essa razão, ao transformar a natureza o homem transforma as necessidades da sociedade e a cada período histórico as necessidades vão se alterando pelas condições concretas construídas socialmente. A formação para o trabalho, como coloca Della Fonte (2018) em vez de se restringir à técnica, deve capacitar o indivíduo a entender e criticar como o trabalho é produzido e alienado no capitalismo, ao mesmo tempo em que o prepara para se apropriar de seus avanços. Em consonância à análise de Saviani, Della Fonte (2018, p. 16) coloca que

Formar para o trabalho significa compreender o que e como produzimos nossa vida no capitalismo. Em outros termos, coloca-se a tarefa de criticar o trabalho na sua forma alienada, assim como identificar e se apropriar dos avanços que nele se materializam.

Faz-se necessário compreender que o trabalho aparece na atividade e que essa ação desenvolvida transforma a natureza permitindo ao indivíduo refletir sobre os recursos materiais, sobre sua relação com o modo de produção e sua reprodução na vida social.

Já no sentido histórico, o trabalho assume outra abrangência, pois altera de forma substancial os processos no e para o mundo do trabalho alterando de forma material e objetiva a sociedade, em contrapartida, insere nos trabalhadores as alterações e transformações e desafios do mundo do trabalho. À vista disso, para Moura (2014, p. 100) é imprescindível defender o trabalho como “princípio educativo em seu sentido histórico na medida em que se consideram as diversas formas e significados que o trabalho vem assumindo nas sociedades humanas”, sendo, portanto, substanciais compreender os processos que alteraram de forma concreta a sociedade e os trabalhadores.

Com esse propósito, o trabalho passa a ter significado social pois por meio da produção da vida, de subsistência e reprodução das relações sociais criam-se sentidos e contribuições na construção da identidade dos indivíduos. Além disso, o trabalho no contexto social move-se pela relação da educação e da cultura, e em virtude disso, Mészáros (2008, p. 71) dispõe que “o único órgão social capaz de satisfazer o preceito histórico vital em questão é a educação firmemente orientada ao desenvolvimento contínuo”, assim sendo, as transformações societárias se desenvolvem pelo trabalho e pela educação como processo indissociável que é orientado por uma intenção e racionalidade frente aos interesses de cada época.

Em acréscimo, Manacorda (2007, p. 58) pondera que “trabalho é, em Marx, termo historicamente determinado, que indica a condição da atividade humana no que denomina economia política”. Para o autor, essa condição altera a essência subjetiva da propriedade privada e se apresenta frente ao trabalhador por uma estranheza que oculta uma alienação à essência do trabalho. No mesmo sentido, destaca Lukács (2012, p. 199) que “o trabalho é um processo da atividade humana que se materializa de forma objetiva e, concreta de forma ontológica por entender o ser humano como ser social”. Dessa maneira, o indivíduo pelo trabalho transforma a natureza, se transforma e transforma as relações sociais por meio de mediações e das contradições.

Em síntese, o trabalho é uma categoria complexa cuja compreensão transcende a atividade produtiva. Desde a antiguidade seu significado foi se moldando aos fatores históricos, sociais, culturais e econômicos, evoluindo de um sentido de sofrimento e fadiga (como origem da palavra “*tripalium*”) para uma força transformadora. Em sua análise dualista na ótica capitalista evidencia distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual perdendo seu sentido emancipatório, sendo instrumentalizado para a produção e reprodução do capital, isso gera alienação e perda do reconhecimento do trabalho no seu sentido ontológico. Nesse sentido, discutir o trabalho como princípio educativo é indissociável da cultura, da ciência e da tecnologia, promove a autonomia crítica e construída pela práxis permite desenvolver a identidade individual e social para a emancipação humana na perspectiva da formação integral.

Na subseção seguinte, (2.1.3.2), apresenta-se a Omnilateralidade.

2.1.3.2 *Omnilateralidade*

Para Marx o conceito de omnilateralidade refere-se à formação humana em suas múltiplas dimensões, ou seja, integral que é antagônica à formação unilateral no capital, que disponibiliza ao indivíduo uma formação pragmática voltada aos interesses do mercado. Também é claro que o interesse do capital não permite ao trabalhador observar que seu trabalho é alienado e sem sentidos para si. Para Marx, a formação omnilateral é a educação que possibilita aos indivíduos se instruírem em suas diversas dimensões, levando em conta as problemáticas no modo capitalista. Manacorda (2007, p. 76) coloca que Marx não deixou o conceito de omnilateralidade pronto, e sim, deixou indicativos objetivos e suficientes para a construção de uma pedagogia que se assenta em bases conceituais que a distingue das demais teorias que se referem ao trabalho.

Para o autor, quando Marx apresentou o “processo histórico (e contraditório) da separação entre fruição e produção, entre trabalho mental e trabalho manual”, trouxe elementos para compor omnilateralidade. Marx analisou que a propriedade privada é um fator que determina a vida e as problemáticas das relações sociais. Esse movimento não permite que os indivíduos façam escolhas conscientes, já que somente possuem a sua força de trabalho para vender ao capital. Discorre Manacorda (2007, p. 76) que quando Marx apresentou a união do ensino e do trabalho esse processo permitiu criar caminhos para uma prática pedagógica que forme os indivíduos a recuperar o sentido de “integralidade do homem, comprometida pela divisão do trabalho e da sociedade, mas cujo próprio desenvolvimento das forças produtivas, que são forças materiais intelectuais, domínio do homem sobre a natureza”, e que isso permite restituir a “recolocação do processo educativo no processo de trabalho”, vinculando o ensino e o trabalho não apenas nas palavras, e sim na compreensão marxiana de práxis.

Moura (2014, p. 21) converge com Manacorda (2007) ao afirmar que “a formação humana integral ou omnilateral na perspectiva da politecnia coopera para formar indivíduos emancipados que compreendam que na atual fase de desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade brasileira” carecem de condições concretas que viabilize a formação educacional universal, laica, com condições de igualdades e de qualidade para todos. Dentre os motivos abordados, Moura (2014) busca em Gramsci evidências que a classe trabalhadora poderia vislumbrar uma formação omnilateral para além do que é defendido pelo capital. Para o autor,

As concepções de escola unitária, de Gramsci, e de formação humana integral, omnilateral ou politécnica, proveniente de Marx e de Engels não colidem. Ao contrário, compreende-se que são complementares e que Gramsci aprofunda um aspecto da politecnia anunciado, mas não muito explorado por Marx e Engels, que é a sua dimensão intelectual, cultural e humanística (Moura, 2014, p. 21).

Nesse sentido, a defesa que a formação humanista é “fundamentada no princípio educativo do trabalho”, alude a uma formação em sentido pleno com perspectiva de superar as relações capitalistas no sentido de que os indivíduos possam se desenvolver na sua plenitude tendo condições concretas e justas de vida.

Nesse viés, Frigotto (2012, p. 267) discorre que omnilateralidade é “a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico”. Dado o exposto, a formação omnilateral decorre da possibilidade de desenvolver uma formação humana mediada pelo trabalho e pela educação que permita dar sentido ético e estético à vida e nas relações sociais que rompam com a lógica imediatista do modo capitalista.

Em resumo, o conceito da omnilateralidade é uma proposta de educação integral e emancipatória, fundamentada no trabalho e na práxis, que visa superar a alienação e as desigualdades impostas pelo modo capitalista. Busca esse conceito romper com a lógica dualista da formação educacional brasileira promovendo o desenvolvimento pleno do trabalhador estudante em todas as suas dimensões.

Na subseção (2.1.3.3), apresenta-se a Politecnia.

2.1.3.3 Politecnia

A politecnia concebe a proposta de formação possível nas relações capitalista, pois articulam ao trabalho novas relações, Saviani (2007, p. 152) coloca que o trabalho e a educação são atividades específicas do ser humano e somente o ser humano consegue se desenvolver essa relação que fundamenta o sentido ontológico da abordagem do trabalho como princípio educativo, pois pelo trabalho o homem imagina e cria a realidade, consente e progride à sociabilidade.

Sendo assim, o conceito de trabalho ontológico e histórico organiza-se de forma objetiva (científica) e permeado de sentidos simbólicos, culturais e sociais que são adquiridos pelo que é produzido socialmente pela humanidade. O autor discorre que “a politecnia

significa, aqui, especialização como domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna” (Saviani, 2007, p. 161), sendo assim, a perspectiva de educação ao longo do desenvolvimento humano desmembrou-se em diversas modalidades dando uma multiplicidade de processos e técnicas de produção. Dessa forma, “apenas o ser humano trabalha e educa”, e o conceito de “educação tecnológica” ou “politecnia”, conforme o autor refere a um conceito que tem que ser observado na integração entre teoria e prática (Saviani, 2007, p. 161).

Dentro desse processo, Nosella (2007) realiza a crítica a formação politécnica, em especial a que foi debatida na década de 90 por educadores brasileiros marxistas. O autor defende que a linguagem humana é expressão histórica com intencionalidade e interesses que como instrumento pode ser utilizado pelo capital ou por educadores progressistas e que nesse sentido, a formação educativa precisa ser construída com bases éticas e políticas tendo na “instrução intelectual, física e tecnológica” de base gramsciana a formação do trabalhador para que ele possa pensar e agir de forma crítica as contradições concretas da realidade. Para Nosella (2007, p. 138), “desde que o homem é homem existe reciprocidade entre as atividades voltadas para a sobrevivência humana” que forma a personalidade, seus valores e competências.

Quando Ramos (2012a) defende que a politecnia é uma educação que desenvolve a autonomia, isto quer dizer que a formação politécnica prepara os trabalhadores estudantes com conhecimentos fundamentais para transformar a realidade, em vez de simplesmente reproduzir a lógica capitalista. Por meio de uma educação básica e profissional que não somente ensina muitas técnicas, mas que abrange a compreensão do mundo do trabalho. Ramos (2012a) coloca que educação politécnica,

Possibilita o acesso à cultura, à ciência, ao trabalho, por meio de uma educação básica e profissional. É importante destacar que politecnia não significa o que se poderia sugerir a sua etimologia, a saber, o ensino de muitas técnicas. Politecnia significa uma educação que possibilita a compreensão dos princípios científico tecnológicos e históricos da produção moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas.

A base sólida dos eixos cultura, ciência, tecnologia e trabalho permite aos trabalhadores estudantes desenvolverem uma visão crítica e abrangente do mundo do trabalho, de modo a orientá-los à realização de múltiplas escolhas, capacitando-os a atuar de forma autônoma e conscientes em suas trajetórias profissionais e pessoais.

Em convergência com Ramos, Manacorda (2007, p. 136) explica que, para Marx essa integração ocorre no “processo de trabalho de fábrica”, enquanto para Gramsci, o processo educativo se dá pela integração do trabalho com a educação de forma mais ampla. Ressalta-se que ambos os pensadores pensaram a relação entre educação e trabalho sob a perspectiva histórica e política, e não meramente pedagógica. O autor aponta que os pensadores contribuíram para o desenvolvimento educativo e ao promover a formação omnilateral, essa abordagem capacita os indivíduos a desenvolverem respostas para os desafios pessoais, profissionais e coletivos incentivando a práticas intelectuais e um engajamento ativo com a realidade (Manacorda, 2007, p. 139).

Por fim, ainda sobre o termo politecnia, Lukács (2012) discorre que os indivíduos pelo trabalho impulsionaram o desenvolvimento do “ser social” e pelo trabalho e através do trabalho dimensões sociais estabeleceram e exigiram da sociedade a organização e desenvolvimento de funções como por exemplo, da educação, que permitiu o avanço e a transmissão dos conhecimentos socialmente produzido por todos. Destaca-se que mesmo a educação e o trabalho estabelecendo o avanço do ser social, ainda assim, não foi possível dar respostas às todas as necessidades da sociedade já que a dimensão econômica no modo capitalista está atrelada a divisão social do trabalho. É certo que a politecnia é possível no âmbito das relações do capital, sendo assim, a politecnia defendida pela EPT é a que procura realizar mudanças dentro das relações de produção, no sentido de superar e avançar nas dimensões societárias.

Refletiu-se que a politecnia se configura como proposta educacional que concebe o trabalho como princípio educativo, pois busca ir além da mera instrumentalização técnica. Ao integrar teoria e prática fomenta compreensão dos princípios científico-tecnológicos da produção como se conhece. A politecnia, alinhada às perspectivas de Saviani (2007), Nosella (2007), Ramos (2012a), Manacorda (2007) e Lukács (2012), visa capacitar os trabalhadores estudantes a desenvolverem visão crítica e autônoma, orientando-os à realização de escolhas que promovam uma formação integral capaz de intervir ativamente na realidade e nas contradições das relações capitalistas, com o intuito de avançar em direção às transformações societárias mais justas e igualitárias.

Na próxima subseção (2.1.3.4), discute-se a formação Integral.

2.1.3.4 Formação Integral

É incontestável que a educação e seus processos formativos acompanham o desenvolvimento da humanidade, dos seus primórdios até o momento presente relaciona-se a reciprocidade ontológica e histórica com o trabalho nas atividades humanas. Parte-se do pressuposto que a formação integral, no contexto capitalista, ainda não é viável na sua plenitude já que nesse modelo prioriza-se uma formação conformada pela exploração do indivíduo e instituída no trabalho assalariado.

Para Ramos (2014, p. 16) o resgate do princípio da formação integral “em termos epistemológicos e pedagógicos” defende um ensino que se faz mediado pela ciência, cultura, e a tecnologia, apontados como elementos intrínsecos da formação humana. Por esse aspecto, o objetivo de profissionalizar não teria apenas um fim em si mesmo e muito menos se pautaria aos interesses do mercado, e sim, organiza-se na possibilidade de o indivíduo construir sua vida dentro de projetos possíveis e socialmente determinado por uma formação ampla que respeite suas necessidades como ser social. O Documento Base (Brasil, 2007, p. 13) coloca que a formação integral é:

Formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa.

Nesse sentido, para apreender a formação integral necessário se faz compreender as contradições e desafios da classe que vive do trabalho e ter a perspectiva de uma formação para a vida na sua totalidade e não apenas formação para qualificação do mercado.

Nessa perspectiva, Ramos (2014, p. 38) coloca que é necessário pensar o ensino nos seus desafios estruturais que afetam os indivíduos, e assim pensar o contexto histórico dentro do ideal da politecnia, pois nessa perspectiva há a possibilidade de “romper com a dicotomia entre educação básica e técnica”. À vista disso, é necessário defender uma cidadania inclusiva que vá além do mercado de trabalho, assumida a formação do trabalhador que produz e se reproduz, pelo trabalho no seu sentido ontológico. Em acréscimo, é necessário estar ciente da possibilidade da formação se propor na relação intrínseca entre a teoria e prática para apreender a perspectiva de uma formação integral que o emancipe a tornar decisões de forma crítica para compreender que na sociedade capitalista a sua formação é destituída de propósito

que respeite e inclua a diversidade social articulando o diálogo entre a formação básica e a formação técnica dos indivíduos.

Para a autora é necessário pensar em ordem filosófica. No primeiro momento é compreender o indivíduo na sua compreensão social e histórica. No segundo momento, a Ramos (2014, p. 84) destaca que a realidade na sua concreticidade reflete diversas relações, consequentemente, “para ser compreendida e transformada”, a realidade necessita “ser apreendida em suas mediações” para a autora esse processo decorre o “princípio de ordem epistemológica, que consiste em compreender o conhecimento como uma produção do pensamento pela qual se apreende e se representam as relações que constituem e estruturam a realidade objetiva”. A partir da discussão, reflete-se a prática pedagógica da formação integral que se designa como integrada, Ramos (2014, p. 84), define que “oferta da educação profissional articulada com o ensino médio é de natureza filosófica” onde permite “expressar a concepção de formação humana, tendo por base a integração as dimensões da vida no percurso formativo que busca à formação omnilateral.

Em vista disso, é importante levar em conta os conteúdos e as disciplinas e refletir como é possível articular os conhecimentos socialmente produzidos em consonância com a realidade vivenciada no sentido de construir processos de ensino e aprendizagem significativos. Ramos (2012, p. 113) aborda que é necessário discutir o projeto pedagógico integrado aos eixos trabalho, ciência e cultura já que são pressupostos da relação da educação básica e da educação profissional que refletem questões novas e desafiadoras. Além disso, a autora destaca ser importante compreender a realidade para além da aparência, já que “os conteúdos de ensino não têm fins em si mesmos nem se limitam a insumos para o seu desenvolvimento de competências” e sim, levando em conta a concepção de ser sócio-histórico.

Por fim, Moraes *et al.* (2021, p. 118) discorrem que é necessário estar “cientes das particularidades do conceito de formação integral, como um dos fundamentos e princípios presentes nos documentos oficiais do Ensino Médio e da Educação Profissional integrada o Ensino Médio”, os autores buscam refletir e discutir “o que é essa formação, a que se propõe e, se há alguma cisão entre a teoria e a prática”. O subsídio para apreender a perspectiva de uma formação integral é emancipar e tornar o indivíduo crítico para compreender que na sociedade capitalista a formação é destituída de propósito.

Observou-se nesta subseção (2.1.3.4) que a formação integral, embora desafiada pelas lógicas do capitalismo que priorizam a exploração e o trabalho alienado, emerge como

caminho essencial para a emancipação humana. Ao resgatar o princípio da formação mediada pelos eixos ciência, cultura e tecnologia, a educação profissional integrada ao ensino médio transcende a qualificação para o mercado, buscando capacitar o trabalhador estudante a compreender e transformar a realidade, a partir de uma práxis com base filosófica e epistemológica que reconheça como ser sócio-histórico, com autonomia crítica para fazer escolhas e atuar em face das contradições do modo societário. Essa perspectiva, portanto, exige práticas pedagógicas integradas que dialoguem com o trabalho, ciência e cultura que se proponha a superar a formação unilateral e pragmática, instrumentalizando os trabalhadores estudantes para a vida em totalidade e para a construção de uma sociedade que lute e defenda por justiça social que atenda aos interesses da classe trabalhadora.

Na próxima subseção, será apresentado (2.1.4) Princípios da EPT para a Formação Integral.

2.1.4 Princípios da EPT para a Formação Integral

Aqui, discute-se os seguintes princípios: (2.1.4.1), O trabalho como princípio educativo para a formação integral e, em (2.1.4.2), A pesquisa como princípio pedagógico

2.1.4.1 O trabalho como princípio educativo para a Formação Integral

É incontestável que o trabalho como categoria central compõe as estruturas da sociedade, organiza e disputa espaços através da cultura e da política. Em consequência disto, o Documento Base o trabalho como princípio educativo apresenta:

A vinculação da escola média com a perspectiva do trabalho não se pauta pela relação com a ocupação profissional diretamente, mas pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho — ação transformadora no mundo, de si, para si e para outro (Brasil, 2007, p. 38).

Nessa mesma relação, Saviani (2003, p. 136) acrescenta que o processo educativo implica a interconexão do indivíduo com a cultura, a ciência e a tecnologia e que esse processo possibilita a formação integral do indivíduo para o mundo do e para o trabalho de forma crítica a superar a dualidade na educação e a dicotomia histórica “entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral”. Para Ciavatta (2005, p. 20), “no caso da formação integrada ou do ensino médio integrado ao ensino técnico,

queremos que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho”.

Nessa mesma direção, Moura (2007, p. 22) compreende que o trabalho como princípio educativo abarca um aprendizado pedagógico significativo que procede “da necessidade de uma reflexão sobre o mundo do trabalho, da cultura desse trabalho, das correlações de força existentes, dos saberes construídos a partir do trabalho e das relações sociais que se estabelecem na produção”. Além disso, esse processo constitui a possibilidade de debater e defender os princípios procurando avançar na arena conflitiva dos interesses do capital e assim procurar garantir legislações que refletem a defesa da educação pautada na formação humana integral e politécnica.

No caso da EPT, o trabalho assume **centralidade na formação do indivíduo**, pois integra todas as dimensões da “formação de sujeitos autônomos que possam compreender-se no mundo e dessa forma, nele atuar, por meio do trabalho, transformando a natureza em função das necessidades coletivas da humanidade.” Dentre o que foi abordado até aqui, Ramos (2014, p. 85), debate que a produção do conhecimento produzido pela humanidade possibilitou alicerçar a EPT nos princípios do trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico possibilitando construir conhecimentos novos e “ao mesmo tempo, cuidar de sua preservação face às necessidades dos demais seres humanos e das gerações futuras” da sociedade.

Nessa perspectiva educativa para Ramos (2014), a sociedade alcança a civilidade nas relações do indivíduo em si e com o outro pela interação entre trabalho, educação e pela produção da vida social. A produção do conhecimento, das técnicas e saberes produzidos pela sociedade estabeleceu-se ao longo da história demonstrando que o indivíduo não apenas executa o trabalho, mas sim, que ele estabelece processos complexos que modificam a natureza, a si e a sociedade dando prioridade ao trabalho no seu sentido ontológico como se discutiu anteriormente. A autora argumenta que a reprodução social exige mais que transformar a natureza, demanda a aplicação da ciência, da cultura, e da tecnologia com intencionalidade nas relações sociais, tendo clareza dos conflitos e contradições entre capital e trabalho. Assim, o trabalho como princípio educativo torna-se essencial para consolidar valores éticos e contrapor-se à lógica capitalista.

Ramos (2014, p. 67) ao refletir sobre a perspectiva da EPT coloca que o ensino construído é “coerente com a construção teórico-prática de uma educação tecnológica que corresponda à preparação das pessoas para a compreensão dos fundamentos

científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais da produção moderna”. Para a autora, “o conceito de **ciência** precisa ser construído à luz dos processos ontológicos e históricos de apropriação da natureza pelo ser humano” (Ramos, 2014, p. 67) onde a formação cidadã seja a base para a transformação da realidade. A cidadania, nesta pesquisa, é vista como o acesso pleno aos bens materiais e culturais. Para alcançar essa igualdade, é essencial que a cidadania seja exercida ativamente, conforme Carvalho (2008, p. 34). Para o autor, a formação cidadã significa

Para atender ao conceito de cidadania adotado neste trabalho e entendido como fruição dos bens materiais, culturais e sociais, a igualdade deve ser alcançada, e, ao mesmo tempo, para que a igualdade possa ser alcançada, é indispensável o exercício da cidadania (Carvalho, 2008, p. 34).

Nesse sentido, mediante esse processo a educação ergue a possibilidade de o indivíduo se formar cidadão crítico e preparado para exercer suas atividades laborais de forma a aplicar competências direcionadas a defesa da classe trabalhadora. Frigotto e Ciavatta (2006, p. 55) referem que essa compreensão mostra a postura mais apropriada a ser adotada seja na produção do conhecimento quanto na prática política. E que, além disso, é necessário se manter vigilante buscando entender o sentido e significado dos conceitos para perceber o que está oculto.

A **ciência** possibilitou ao longo da história sistematizar e classificar os conhecimentos socialmente produzidos “válidos em determinado espaço e tempo histórico”. Por isso a ciência também possibilitou o desenvolvimento da técnica e da tecnologia que foi essencial para que a sociedade pudesse dar saltos de qualidade em diversas dimensões, como por exemplo, a saúde, a engenharia, tecnologia entre outros. Em virtude do que foi mencionado, fica claro que a relação intrínseca entre educação e a ciência foi um grande avanço para a sociedade já que possibilitou também que o avanço e conhecimento tecnológico oportunize ao indivíduo resolver problemas, melhorar a comunicação e aproximar distâncias entre os diversos países.

Diante disto, a Ramos (2014) transcorre que outro conceito foi posto pela “natureza histórica e social do conhecimento” definida como **cultura** que agrega “conjunto de valores, símbolos, normas de conduta”, que versa sobre valores éticos e estéticos de diversos grupos sociais que se inter-relacionam na sociedade produzindo conhecimentos. Em Pacheco (2019) nessa perspectiva, a cultura é a articulação de representações e comportamentos que, em um

processo dinâmico de socialização, constituem o modo de vida de um grupo. Danelli (2012, p. 66) discorre que,

Por essa perspectiva, a cultura deve ser compreendida no seu sentido mais ampliado possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada.

Observa-se pelo que foi exposto que a cultura e à ciência possibilita aos indivíduos adquirirem conhecimentos, produzir novas mediações e relações que permitam compreender a realidade nas suas contradições, seja no âmbito social, individual ou vida profissional adquirindo possibilidade de criar “o sentido de força produtiva”, manifestando conjuntos e representações de valores “em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos”.

Dado o exposto, o entendimento de cultura na EPT “embasa a síntese entre formação geral e formação específica a compreender como as diferentes formas” de conhecimentos (Ramos 2014, p. 92). Nesse sentido, Ciavatta (2005, p. 13), refere que a identidade do espaço escolar é construída por docentes, gestores, profissionais e estudantes. E que por meio de processos dinâmicos “sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, relações que se estabelecem” enraízam a cultura do tempo e do lugar onde os indivíduos vivenciam e se inserem nessa realidade constituindo um “lugar de memória”.

Para Pinto (2005) a **tecnologia** não é somente um conjunto de ferramentas ou máquinas, e sim, um processo da ação humana e da sociedade. O autor diferencia a técnica da tecnologia, onde a técnica se refere ao saber fazer por meio da habilidade manual por meio de um conjunto de métodos e instrumentos que transformam a realidade. Já a tecnologia para o autor é a reflexão filosófica sobre a técnica, a ciência da técnica que envolve consciência e intencionalidade.

Sob essa análise, é crucial compreender a relação da tecnologia com as diversas dimensões societárias. Ramos (2014, p. 89) define que a “técnica e a tecnologia, então como mediação entre conhecimento científico (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção no real)” precisa ser analisada nas atividades humanas e laborais que impactam diretamente a produção e reprodução da sociedade. Souza (2022) coloca que a tecnologia vai além de suas aplicações visíveis, exigindo uma análise crítica da ideologia da inovação e da libertação do trabalho que lhe é intrínseca. Para o autor, a ideologia cumpre função de

legitimar a aceitação social da tecnologia, mascarando, muitas das vezes, as novas formas de dominação que ela impõe com roupagem de progresso e facilidade, podendo tornar-se instrumento de controle social, reforçando estruturas de poder e desigualdades em vez de promover a emancipação.

Embora existam diversos conceitos da tecnologia, autores como Ramos (2014), Ciavatta (2019) e Frigotto (2012) apontam que aspectos recorrentes nessas definições a descrevem como a utilização de um conjunto complexo de conhecimentos acumulados, capaz de transformar a realidade. para Ramos (2014, p. 104), essa transformação ocorre tanto na base técnica do trabalho quanto nas relações entre indivíduos, evidenciando a tecnologia como uma ciência transdisciplinar das atividades humanas de produção, do uso dos objetos técnicos e dos fatos tecnológicos” que se convertem em técnicas. Sobre o próprio processo de transformação da técnica, Moura (2014, p. 101) enfatiza que:

Essas técnicas foram sendo ampliadas, diversificadas, multiplicadas, transformando-se em tecnologias, conforme a cultura e as necessidades de cada grupo social. Tais tecnologias, verdadeiras extensões do corpo humano, gradativamente, ao longo dos séculos, foram sendo apreendidas e validadas pelos grupos sociais e também transferidas a outros, segundo as necessidades e os modos de vida de cada coletividade.

Frente ao que foi discutido por Moura (2014, p. 101) necessário se faz compreender que as técnicas no “processo histórico de produção científica e tecnológica e do entendimento de como tem se dado a apropriação social desses conhecimentos” inferem em diversas dimensões sociais que coadunam “para a transformação das condições naturais da vida e para a ampliação das capacidades e potencialidades” dos indivíduos por meio das ferramentas tecnológicas.

No entanto, para Ramos (2014, p. 105), ao classificar as tecnologias e as técnicas como fator “acima do ser humano” demonstra ser receoso, pois em si não tem intencionalidade e direção, e que a arbitrariedade do seu uso se dá pelos “seus aspectos lógicos e históricos” voltados aos interesses do capital. Para contrapor esse processo é necessário abarcar a contextualização das contradições estruturais postas pelo capital que desafiam tanto os trabalhadores estudantes quanto os docentes, sendo necessário materializar práticas que potencializam a formação integral aos indivíduos.

Por essa razão, para que haja o entendimento das contradições que envolvem as tecnologias, Moura (2007, p. 25) defende que a tecnologia seja aplicada dentro da

“contextualização, portanto, deve ser compreendida como uma estratégia de problematização das condições sociais, históricas, econômicas e políticas e para aplicar os saberes escolares” visando a uma formação crítica que permite aos estudantes decifram e intervir na realidade complexa em que estão inseridos. Para Souza (2022, p.74) a tecnologia e a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) se refere ao conjunto de ferramentas e recursos tecnológicos que facilitam a criação, armazenamento, processamento e comunicação e sistemas de informação que impactam as diversas áreas, como educação e saúde, que geram nova cultura e redefine as interações sociais e educacionais, sendo portanto, necessário o letramento digital elemento que permita por meio da escrita e da pesquisa desenvolver nos trabalhadores estudantes a criticidade frente às contradições do modo societário.

Como se observa a tecnologia na sua relação com a cultura e a ciência são eixos indissociáveis do trabalho, que são essenciais para a transformação social. Para que a proposta de que o trabalho seja um princípio **educativo na sua totalidade**, Ciavatta (2014, p. 202) discute que isso só pode ocorrer desde que os “objetivos político-pedagógicos se concretizem nos processos educativos, o ensino médio precisa de uma elaboração relativa à integração de conhecimentos no currículo, ou seja, um currículo integrado”, por essa razão, “o currículo deve ser pensado como uma relação entre partes e totalidade na produção do conhecimento, em todas as disciplinas e atividades escolares” que garantam que os saberes não sejam fragmentados, mas sim, interligados para uma compreensão crítica da realidade.

Nessa proposta pedagógica de apreensão dos princípios da EPT, Ramos (2014, p. 109) discorre ser a **interdisciplinaridade** um ponto imperativo “organizador do currículo e como método de ensino-aprendizagem”, pelo qual se agrega “conceitos de diversas disciplinas” que convergem a temas concretos que devem ser compreendidos na realidade vivida. Nessa proposta, a contextualização da realidade concreta ao conteúdo educacional é relevante relacionar as experiências do passado aos desafios de hoje, projetando direção ao futuro, para isso é importante ofertar uma aprendizagem significativa, sem, no entanto, abrir mãos dos saberes formativos.

Dentro dessa perspectiva, Moura (2007, p. 24) afirma que a **interdisciplinaridade**, possibilita nortear as Diretrizes Curriculares Nacionais, pois essas norteiam os princípios apreciados “na formulação e no desenvolvimento do projeto pedagógico”. Todavia, o autor aponta ser importante que esses princípios sejam analisados de forma crítica “à luz de teorias educacionais e das visões dos sujeitos envolvidos no processo de ensinar e de aprender” (Moura, 2007, p. 24). Isso porque a interdisciplinaridade tem a interface de conhecimentos

parciais específicos que têm por objetivo apreender um conhecimento mais global. Sendo assim, é importante refletir o fazer pedagógico para a construção do conhecimento articulado e inter-relacionado em função do sentido ético, social e pedagógico da formação integral.

Aponta Moura (2007) que o ensino médio e a educação profissional devem se organizar pela questão do trabalho no sentido de encontrar lacunas que possam romper com a lógica pragmática, imediatista e mercantilista do capital, buscando assim o que se entende uma formação integral dos estudantes. Sobre o trabalho como princípio educativo, propõe uma ruptura com o pragmatismo do mercado. Essa perspectiva não somente questiona a subordinação da educação aos interesses do modo capitalista, mas reafirma-se como potencial emancipatório por vincular o conhecimento científico-tecnológico, a crítica social e preparação para o mundo do trabalho por meio de uma prática pedagógica que valorize a construção de indivíduos capazes de intervir na realidade.

Nesse sentido, a práxis, enquanto síntese dialética entre teoria e prática, tendo no trabalho como princípio educativo é fundamento para educação transformadora. Ao vincular o conhecimento crítico à ação concreta, supera a mera transmissão de saberes e a formação técnica alienada, permitindo que os trabalhadores estudantes não apenas compreendam a sociedade, mas que a modifiquem. Na perspectiva marxista, a práxis pedagógica exige compromisso ético e político para formar indivíduos capazes de intervir nas contradições do modo societário. Dessa forma, a educação deixa de ser instrumento de reprodução das desigualdades e se torna espaço que contra-ataca o sistema reprodutivo que aliena.

Esta subseção aborda que o trabalho como princípio educativo tem interconexão entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura na EPT, defendida como caminho para a formação integral que emancipa os indivíduos. A discussão refere como esses conceitos se articulam para promover uma educação que reconheça o trabalho que transforma as relações sociais na sua totalidade em frente às contradições do capitalismo. Isso visa a superar a dualidade histórica entre trabalho manual e trabalho intelectual e entre educação geral e educação profissional integrando conhecimentos sistematizados contextualizando e questionando a formação unilateral instrumentalizada aos interesses do capital. Por meio da práxis apresenta pilares na compreensão da realidade em suas complexidades, formando cidadãos críticos capazes de intervir na sociedade e não apenas reproduzir a lógica mercadológica, mas que contra-ataques esse sistema alienante e exploratório.

Na seção seguinte (2.1.4.2), será discutido A pesquisa como princípio pedagógico.

2.1.4.2 *A pesquisa como princípio pedagógico*

A pesquisa como princípio educativo possibilita a formação do indivíduo para que construa a sua autonomia de forma crítica nas diversas dimensões das relações sociais e culturais, desenvolvendo em si habilidades e competências que o qualifiquem a ler o mundo na sua totalidade. Nesse âmbito, o Documento Base de 2004 (Brasil, 2004b) enfatiza que a EPT “deverá ser concebida como um processo de construção social que ao mesmo tempo qualifique o cidadão e o eduque em bases científicas, bem como ético-políticas”, para assim compreender como a produção social, estabelece as “relações sócio-históricas e culturais de poder”. Por meio disto, a educação acena como “processo mediador que relaciona a base cognitiva com a estrutura material da sociedade” (Brasil, 2004b, p.7). De modo mais específico, o Documento Base de 2007 define a pesquisa como:

Fundamento da formação do sujeito contemplado nessa política, por compreendê-la como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual desses sujeitos/educandos (Brasil, 2007, p. 38).

Como se observa na perspectiva da formação integral busca relacionar o conhecimento produzido coletivamente para que o indivíduo desenvolva o hábito de questionar, refletir e aprofundar sua autonomia crítica para desvendar a lógica mecanicista e pragmática do modo capitalista.

Ramos (2012b, p. 17) reforça que essa prática pedagógica mediada pela pesquisa possibilita aos indivíduos acessarem os conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais que são construídos coletivamente. Sendo importante inter-relacionar “diferentes campos do conhecimento com finalidades de pesquisas ou de soluções de problemas, sem que as estruturas de cada área do conhecimento sejam necessariamente afetadas em consequência dessa colaboração” (Ramos, 2012b, p. 17). Esse processo viabiliza que essas áreas de conhecimentos possam relacionar e classificar de forma mais clara e abrangente as análises e conhecimentos anteriores produzidos socialmente.

Sobre a prática da pesquisa, para Moura (2014, p. 98),

É necessário potencializar a unidade ensino/pesquisa, a qual colabora para edificar a autonomia dos indivíduos, isto é, o desenvolvimento, entre outros aspectos, das capacidades de aprender, interpretar, analisar, criticar, refletir, buscar soluções e

propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade social assumida.

A relevância da adoção da pesquisa científica na prática educativa na perspectiva da educação politécnica, já que a pesquisa sustenta e associa o desenvolvimento do indivíduo, pois permite formular e pensar hipóteses, resolver problemas, construir conhecimentos novos já que articula a relação política da ação educativa com a melhoria e aprofundamento das informações e do conhecimento da realidade relacionando o trabalho e a educação no processo histórico e no desenvolvimento societário.

Valer (2019, p. 2), pela análise do conteúdo do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de 2012, busca identificar como os aspectos da pesquisa científica estão marcados nos direcionamentos educativos. A autora discorre que o conteúdo apresentado no respectivo catálogo viabiliza ao estudante desenvolver “a capacidade de lidar com os aspectos que envolvem a teoria do objeto de ensino” (Valer, 2019, p. 2). Isto quer dizer que, o indivíduo nessa modalidade terá condições de criar habilidades teóricas e metodológicas para a aprendizagem, promovendo o exercício criativo para apreender as competências profissionais, assimilar os saberes necessários desta profissão, bem como exercer a cidadania com base no que foi produzido a nível científico e tecnológico dentro de determinada cultura.

Em vista disso, a pesquisa possibilita desenvolver competências sócio-históricas e socioculturais que descortinam ao estudante apreender as contradições e desafios postos pelo modo capitalista a classe trabalhadora. Valer (2019, p. 3) também aborda que esse processo permite a relação intrínseca entre formação básica e formação profissional focada no trabalho como princípio educativo tendo perspectiva de romper com a dualidade no ensino. Sendo assim, a pesquisa possibilita que a classe trabalhadora que historicamente está afastada de uma educação plena e cheia de sentido possa acessar e adquirir habilidades, por meio da aprendizagem escolar, para além do mercado de trabalho.

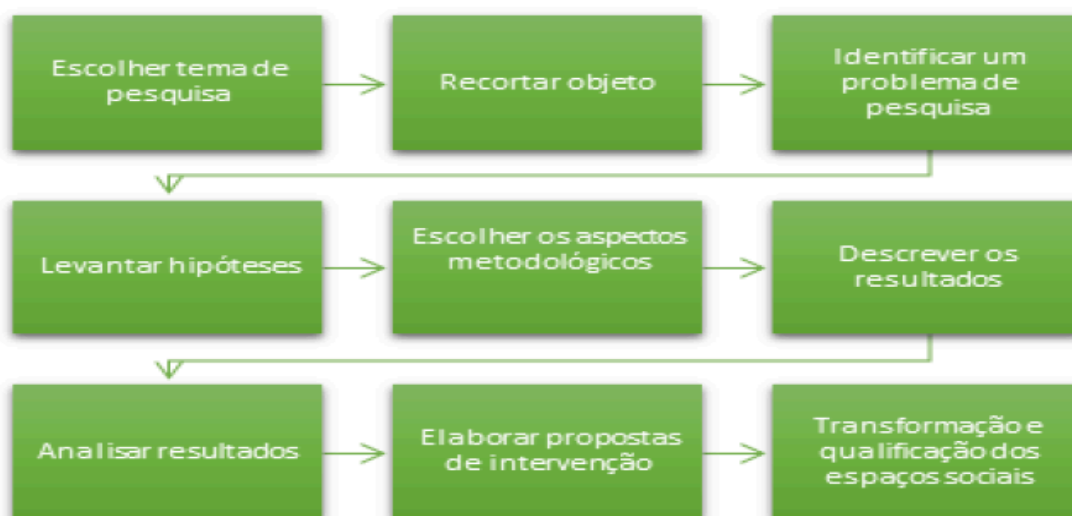
Felippe (2019), na sua pesquisa empírica realizada no PromPT, investigou a percepção de docentes do IFSC sobre a aplicação da pesquisa científica como princípio educativo. Tratou da forma como as **ações mentais** superiores discutidas na perspectiva sociocultural de Vygotsky, conforme estão apresentadas abaixo na seção (2.2), presentes na prática social da pesquisa se materializam pelos gêneros discursivos/textuais, seguindo a perspectiva sociológica Bakhtiniana. Suas discussões também foram sustentadas pelo documento Base Nacional Comum Curricular nas versões 2015 e 2016 (Brasil, 2015, 2016) sobre as práticas

pedagógicas da Língua Portuguesa para o Ensino Médio, analisando o conteúdo do Campo investigativo, atualmente, Campo social de estudos e pesquisa.

Felippe (2019, p. 29), sustentada pelas discussões de Demo e Freire, que pesquisar e educar são atividades que se entrelaçam, e isso redefine a dinâmica escolar. Nessa concepção, o estudante não vai à escola para ser mero espectador, mas investigador ativo, assumindo o papel de colaborador no processo de construção do conhecimento, em contraposição à postura modelo escolar tradicional. Em acréscimo, a pesquisa como princípio pedagógico procura investigar a realidade contribuindo para compreensão das contradições que fundam a relação intrínseca do trabalho como princípio educativo já que descortinam as relações socioculturais e sócio-históricas.

No produto educacional geral pela pesquisa de Felipe (2019), Felipe e Valer (2021) apresentam, no quadro abaixo, algumas atividades mentais necessárias para a elaboração de uma pesquisa científica.

Quadro 1 - Fluxo das atividades mentais acionadas em uma pesquisa



Fonte: Felipe e Valer (2021).

Como se observa, a prática da pesquisa científica promove no estudante a ampliação das atividades mentais superiores, desligando-se da prática de conceitos espontâneos, movendo-se para os conceitos científicos, como proposto pelos estudos vigotskianos. Esse saber mediado pela linguagem só pode ser ampliado com uma mediação docente bem estabelecida em processo contínuo no fazer pedagógico. , Observa-se que o desenvolvimento da pesquisa acadêmica exige do estudante diversas habilidades intelectuais, como por exemplo, definir o tema e o objeto de estudo, formular questões relevantes baseadas na sua

realidade, construir hipóteses, selecionar metodologias apropriadas, analisar teoricamente, e finalmente, sistematizar e apresentar os resultados de forma organizada e crítica. Espera-se que, após esse aprendizado, o estudante seja capaz de elaborar propostas para intervir no contexto em que a pesquisa foi aplicada, a fim de desenvolver-se na prática da transformação e qualificação dos espaços sociais.

Essas atividades mentais são materializadas por **práticas linguísticas** mais complexas (Felippe; Valer, 2021, p. 13) que envolvem estratégias de leitura e escrita de textos, denominados *textos didáticos*, com foco na sistematização dos conhecimentos: fichamento, resumos informativo, roteiro para apresentação do seminário, entre outros, outros com foco na exposição crítica de conceitos, relação entre conceitos/autores, reflexão teoria-prática, organização dialética de argumentos, análise, avaliação: ensaio dissertativo, ensaio argumentativo, resenha crítica etc. Também precisam ampliar habilidades de leitura e escrita de *textos científicos*, os quais envolvem todo o processo da pesquisa: projeto, relatório científico, trabalho acadêmico, artigo de divulgação.

Esses direcionamentos somam-se às discussões de Silva e Fiori (2021, p. 169), ao afirmarem que a pesquisa como princípio pedagógico propicia o interesse e gosto para a aprendizagem já que alarga o sentido da curiosidade quanto ao mundo em que se vive. Em razão disso, viabiliza a construção da “autonomia intelectual e o trabalho colaborativo, ao tempo que orienta o sujeito da aprendizagem”, pois ao formular questões passam a selecionar os temas de interesse, a investigar e interpretar os dados relevantes, socializando o conhecimento produzido na sociedade.

Ao discutir sobre a relevância da prática da pesquisa na formação profissional, Araujo (2025) reforça que

A pesquisa como princípio educativo recupera esta noção de aprendizagem e também permite ao professor exerça o papel de liderança cultural (Gramsci) para esse autor o professor é um intelectual que exerce uma liderança frente aos seus alunos o papel do ensino é conduzir a aprendizagem.

Nesse sentido, a pesquisa permite ao docente exercer o papel de liderança frente aos seus estudantes já que o papel do ensino é conduzir a aprendizagem na perspectiva mais ampla da formação humana em que o trabalho é integrante dessa formação. Com base no que se discutiu acima, entende-se que a pesquisa como princípio educativo ao ser devidamente ensinada pela mediação docente, o estudante também amplia sua possibilidade de progredir e

adotar uma prática social para além do que está posto no cotidiano viabilizando interpretar, refletir, questionar, buscar soluções não somente para a sua profissão, mas também para as problemáticas socioculturais e sociopolíticas da sociedade.

A pesquisa no ambiente escolar não é um fim em si mesma, e sim, uma ferramenta para o desenvolvimento integral, pois prepara os trabalhadores estudantes para analisar, propor e atuar de forma crítica contribuindo não só para o seu crescimento, mas para a progressão que beneficie a coletividade. A adoção do trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo para a formação integral promovem a **competência** para o mundo do trabalho.

Ramos (2012b, p. 17) aponta que o primeiro passo para compreender o princípio da competência é a apreensão e a “concepção de homem como ser histórico-social que age sobre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação produz conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio”. Isso porque, a construção histórica da humanidade “é a história da produção da existência humana e a história do conhecimento é a história do processo de apropriação social dos potenciais da natureza para o próprio homem” esse processo é mediado pelo trabalho na sua dimensão ontológica e histórica. O segundo passo para adquirir a competência para Ramos (2012b, p. 17) é que a realidade concreta é desenvolvida na totalidade que se apresenta em “síntese de múltiplas relações”. Para a autora a “totalidade significa um todo estruturado e dialético” situado em fatos que se relacionam por determinações e relações constituídas de desafios e contradições onde o conhecimento produzido possibilita abordar e discutir particularidades dos temas voltados ao trabalho e à educação.

Em relação que foi discutido no primeiro e segundo passo, Ramos (2012b, p. 17-18) aborda que, quanto ao termo competência, estabelece-se o terceiro passo a nível epistemológico, que “consiste em compreender o conhecimento como uma produção do pensamento pela qual se apreende e se representam as relações que constituem e estruturam a realidade objetiva”. Isso significa que as determinações das relações demandam um método, que parta “do concreto empírico – forma como a realidade se manifesta – e, mediante uma determinação mais precisa através da análise, chega a relações gerais que são determinantes da realidade concreta”. Para a autora, o processo de conhecimento implica posteriormente a análise elaborada que apresenta a síntese que representa o concreto como “reprodução do pensamento conduzido pelas determinações que o constituem” os processos complexos do mundo do trabalho.

O mundo do trabalho, para Ramos (2014, p. 86) abarca o processo que possibilita “compreender que homens e mulheres são seres histórico-sociais que atuam no mundo concreto para satisfazerem suas necessidades subjetivas e sociais” e nesse movimento constroem e “produzem conhecimentos” na sociedade. Para a autora “a história é a história da produção da existência humana e a história do conhecimento é a história do processo de apropriação social dos potenciais da natureza para o próprio homem”, e essa relação é mediada pelo trabalho.

Em vista disso, o trabalho é uma mediação ontológica e histórica que se produz por meio do conhecimento sistematizado. Para a autora, o trabalho como princípio educativo orienta “um projeto de educação profissional comprometido com a formação humana” e a pesquisa, como princípio pedagógico estão interligados para compreender o mundo do trabalho. Nesse sentido, para Ramos (2014, p. 92):

É necessário potencializar o fortalecimento da relação entre o ensino e a pesquisa, na perspectiva de contribuir com a edificação da autonomia intelectual dos sujeitos frente à (re)construção do conhecimento e outras práticas sociais”, o que inclui a conscientização e a autonomia diante do trabalho.

Para a autora, **o mundo do trabalho** significa contribuir para o desenvolvimento das capacidades do longo da vida “interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética” para que se possa assumir diante dos desafios na política, social, cultural e econômica ações e resoluções que defendem a classe trabalhadora (Ramos, 2014, p. 94).

Como coloca Moraes (2021, p. 23-24) “o acesso ao conhecimento científico e tecnológico pela classe trabalhadora, considerando o **sentido ontológico** do trabalho para a humanidade, torna-se um princípio ético-político” necessário para que a classe trabalhadora se apodere frente aos desafios postos pelo modo capitalista. Para a autora o trabalho como princípio educativo, norteia a educação já que é a base fundante que todo ser humano se desenvolve e amplia suas potencialidades através da ciência e cultura socialmente produzida.

Nesse sentido, a escola cumpre função essencial na relação histórica e **no mundo do trabalho**, pois possibilita aos trabalhadores estudantes agirem no mundo e produzir a existência segundo a intencionalidade consciente para conhecer a realidade, as relações sociais e as leis que regem as condições que humanizam ou não a sociedade. Esse processo

decorre do agir (necessidade) que não está sujeita a uma vontade abstrata, e sim, das condições concretas com as quais os sujeitos se defrontam no mercado de trabalho.

Constata-se que no **mercado de trabalho**, as formas existentes de trabalho exercidas na sociedade são prestadas de maneira manual ou intelectual onde os indivíduos transformam sua mão de obra ou experiência em salário de forma imediata. No modo capitalista essa funcionalidade é regida pelos interesses do capital onde os trabalhadores e empresas apresentam interesses contrários e desejos incompatíveis direcionados pelo mercado de trabalho. Nesse processo, Moura (2014, p. 35), coloca que “o trabalhador tem um relativo grau de domínio e autonomia sobre o conteúdo do próprio trabalho” e que esse processo “é contraditório e limitado pela pressão capitalista” que exige uma produção de excedentes via aumento de produtividade dos trabalhadores com baixos salários. Ramos (2014, p. 57) discorre que

A ideologia da empregabilidade difundiu a ideia de que, quanto mais capacitado o trabalhador, maiores as suas chances de ingressar e/ou permanecer no mercado de trabalho. Seduzida por essas ideologias, a classe trabalhadora passou a se mobilizar pela melhoria dos seus padrões de escolarização.

Consequentemente, há diversas incertezas ao trabalhador, pois, o mercado de trabalho depende de interesses econômicos e de outras variáveis que também interferem na relação trabalho x mercado de trabalho x mundo do trabalho como, por exemplo, consumo, inflação, mercado financeiro, empregabilidade, necessidades, políticas públicas entre outros.

Sendo assim, **mercado de trabalho** e a economia de um país ditam as relações socioeconômicas, e nesse sentido, o trabalho é um produto que no modo capitalista é alienado, já que o trabalhador não é mais dono de seu trabalho e não reconhece os seus processos de trabalho por inteiro. Em conformidade com o sistema capitalista, o trabalhador nesse processo opera vendendo sua força de trabalho, e ao mesmo tempo é consumidor daquilo que o próprio produz. Moraes (2021, p. 42) coloca que:

Na sociedade capitalista, a classe trabalhadora é obrigada a vender sua força de trabalho para manter sua subsistência. Nessa relação de compra e venda, o acesso ao mercado de trabalho é impregnado de desigualdades que submetem grande parte da população brasileira à exclusão. Nesse, mulheres, negros, a população empobrecida, os mais necessitados ficam à mercê de subcontratações, menores salários, trabalho informal.

Desta forma, para Moura (2014, p. 35) o desafio na educação é “mover-se dentro dessas contradições, contribuindo para a formação de sujeitos competentes tecnicamente”, em

outras palavras as condições necessárias para a inserção na lógica da produção capitalista é “ir além dessa competência técnica, formando pessoas que tenham a capacidade de compreender as relações sociais e de produção sob a égide de capital que assume o compromisso ético-político” para operar na superação deste modelo societário. Por consequência, Moura (2014, p. 42), defende que nas “políticas públicas educacionais – o espaço que cabe à perspectiva crítica também é o da contra hegemonia, posto que tais políticas são definidas e materializadas no âmbito da sociedade política”, já que pela escassa participação da sociedade civil, em um contexto no qual predomina o pragmatismo que submete a lógica educacional aos interesses imediatos do capital” acaba por transformar “a formação humana à instrumentalidade para o mercado de trabalho em detrimento da formação humana integral” deixando a classe trabalhadora a mercê dos interesses predominantes do capital.

No que tange à temática **EJA-EPT** defende-se a formação integral para a construção do respeito às diversidades culturais, dos modos de vida e especificidades da aprendizagem voltadas e aperfeiçoadas aos interesses da classe trabalhadora. Soma-se essa defesa que as bases conceituais da educação permitam a inclusão e equidade nas relações de classe, gênero, etnia e diversidade de indivíduos aproximando as questões específicas das chamadas “minorias” que na verdade são maioria, aproximem-se pelo diálogo e pelo direito às necessidades educacionais às necessidades políticas e sociais da classe trabalhadora defendidas pela PHC.

Nesta subseção, 2.1.4.2 discorre que a pesquisa como princípio educativo busca formar o trabalhador estudante na sua completude que os capacite a desenvolver a autonomia para as habilidades de interpretação e questionamento que buscam soluções para problemas pessoais, profissionais quanto socioculturais e sociopolíticos. Essa perspectiva se alinha aos autores como Saviani, Ciavatta, Moura e o documento Base da EPT onde a pesquisa se apresenta como meio para superar a dualidade educacional e a lógica alienante do capitalismo, promovendo uma educação que integra ciência, tecnologia e cultura para a compreensão da realidade para além do fato ou fenômeno mostrado. A pesquisa propicia apreender o papel do trabalho nas relações socioculturais como disponibilidade e competências para desvelar as relações do trabalho, o mundo do trabalho e mercado de trabalho no sentido de formar indivíduos críticos e comprometidos com a emancipação da classe trabalhadora.

Fecha-se a seção (2.1) Educação Profissional e Tecnológica, em que se discutiu perspectiva histórica da EPT, a EJA, os fundamentos e os princípios indicam que adquirir

conhecimentos sistematizados, habilidades profissionais e uma formação humana integral no modo capitalista é viável na modalidade EJA-EPT que procura desenvolver indivíduos para uma atuação crítica e autônoma visando à formação de cidadã e trabalhador capaz de construir e lutar por uma sociedade justa e inclusiva.

A análise desenvolvida evidencia que integrar trabalho, pesquisa, educação profissional e formação integral constitui eixo central para a construção de uma práxis emancipatória na EJA-EPT. Como demonstrado no Documento Base (Brasil, 2004b, 2007) e nas contribuições de Moura, Ramos, Saviani e outros autores que reforçam que o trabalho como princípio educativo e a pesquisa, enquanto princípio pedagógico, transcendem a mera instrumentalização para a vida laboral, se configura essencial para desenvolver autonomia intelectual, pensamento crítico e capacidade de intervir na realidade.

A formação integral defendida nessa perspectiva não se limita à qualificação para o mercado de trabalho, e sim, articula conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais às lutas históricas da classe trabalhadora implicando em superar a dualidade na educação, transformando o trabalhador estudante em sujeito ativo da construção do conhecimento para desvelar as contradições do modo capitalista. Ao vincular trabalho, educação e emancipação humana visa garantir que a equidade seja incluída nas questões de gênero e classe nas práticas pedagógicas. Os desafios, no entanto, permanecem, já que a pressão capitalista por profissionais pragmáticos fragmenta os conhecimentos sistematizados e precariza as políticas públicas educacionais e por consequência a formação dos trabalhadores estudantes.

Desta forma, a resistência crítica e a ação coletiva para a EJA-EPT não seja cooptada pela lógica utilitarista, necessitam ser bem trabalhados na prática pedagógica, requer que os docentes compreendam que a consciência política, ética e histórica da classe trabalhadora é capaz de transformar a realidade e contestar o modo societário. Portanto, a educação profissional integrada à EJA alicerçada na pesquisa e no trabalho, como princípios educativos, apresenta-se não apenas como alternativa pedagógica, mas como projeto político de sociedade pois permite formar trabalhadores estudantes capazes de decifrar e intervir nas estruturas que os oprimem ao potencializar a construção de uma existência plena de sentido e dignidade.

Fechada a síntese da seção (2.1), a próxima seção (2.2) trata das Teorias de Ensino e Aprendizagem.

2.2 Teorias de ensino e aprendizagem

Esta seção está organizada em: (2.2.1) Teorias clássicas de aprendizagem; (2.2.2) Teorias de Ensino/tendências pedagógicas; (2.2.3) Didática para a Pedagogia Histórica-Crítica; (2.2.4) Ensino e aprendizagem na modalidade EJA.

2.2.1 Teorias clássicas de Aprendizagem

Abaixo segue uma síntese das teorias clássicas. Burak (2017) baseia seus estudos em Maria da Graça Nicoletti Mizukami (1986) e Santos (2005), que constituem o referencial teórico norteador seguido. As teorias clássicas abarcam a aprendizagem: Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sociocultural.

No caso da *abordagem tradicional*, o processo de ensino ocorre pela relação entre estudante e docente de modo vertical, onde o ensino é centrado no estudante e a metodologia do conteúdo acontece por aulas expositivas em sala de aula. Nesse modelo, a avaliação versa em examinar se ocorre a reprodução dos conteúdos providos no ambiente formativo, já que ao estudante cabe executar o que lhe é prescrito. Os principais teóricos dessa concepção são Georges Snyders e Émile Durkheim.

Para Burak (2017, p. 3), nessa abordagem, o ensino é centrado no docente que prescreve ao estudante o que ele deve executar nas atividades e adquirir de forma passiva as informações e repeti-las ainda não a tenha assimilado e entendido para assim se tornar eficiente na profissão. Quanto à visão de mundo, nessa abordagem, a realidade é transmitida ao indivíduo principalmente pelo processo de educação formal, além de outras esferas institucionalizadas como Família e Igreja. O objetivo dessa abordagem relaciona-se a valores tradicionais da sociedade em que se vive a níveis culturais a serem adquiridos na trajetória da educação formal. O autor refere que o conhecimento nessa abordagem parte de que a inteligência é uma faculdade que possibilita armazenar as informações e que aos estudantes sejam abordados os resultados desse conhecimento produzido pela ciência.

Já na abordagem *Comportamentalista*, Burak (2017, p. 4) discorre que a característica do conhecimento se apresenta como "descoberta" para o indivíduo que a faz por consequência das influências ou forças existentes no meio em que vive. Nessa abordagem, a sociedade ideal é aquela que provocaria um planejamento social e cultural no ambiente físico ou social avaliado de acordo com efeitos sobre a natureza humana. Sendo assim, a cultura é

representada por usos e costumes de comportamentos dominantes onde o conhecimento é resultado da experiência e o comportamento é estruturado indutivamente via experiência. A educação nesse caso é transmitida pela cultura que deverá transmitir conhecimentos, comportamentos éticos, práticas sociais e habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo/ambiente. Nesse sentido, a escola é aceita como espaço que deverá adotar forma peculiar de controle e o docente é o transmissor de conteúdos que direciona com autoridade esse conhecimento.

A aprendizagem nessa abordagem busca uma prática reforçada no controle comportamental e na vida mental do indivíduo. Para o docente, cabe a responsabilidade de planejar e desenvolver um sistema de ensino e aprendizagem de forma tal que o desempenho do estudante seja maximizado, e, nesse caso, consideram-se igualmente fatores tais como economia de tempo, esforços e custos. A metodologia nessa abordagem abrange a aplicação da tecnologia educacional e estratégias de ensino e como também o reforço no relacionamento docente e estudante. Quanto à avaliação, recorre-se ao pressuposto de que o estudante progride em ritmo próprio, nesse sentido, a avaliação consiste em constatar o aprendizado e se atingiu os objetivos propostos quando o programa foi conduzido até o final de forma adequada. Dessa maneira, a prática pedagógica envolve um conjunto de técnicas diretamente aplicáveis em situações concretas de sala de aula.

De acordo com Burak (2017, p. 5), a *abordagem Humanista* dá ênfase ao papel do indivíduo como elaborador do conhecimento humano. A ênfase nessa abordagem é localizada no desenvolvimento da personalidade do indivíduo na sua capacidade de atuar como uma pessoa integrada. Para o autor, o docente não transmite o conteúdo, mas, sim, facilita a aprendizagem. Nesse sentido, o conteúdo sucede às experiências do estudante, e ao docente cabe criar condições para que os estudantes possam aprender o conteúdo. Nessa abordagem, o indivíduo é considerado estabelecido no mundo onde não existem modelos prontos nem regras a seguir, mas, sim, um processo de vir a ser. O objetivo do indivíduo nessa abordagem é a autorrealização de suas potencialidades e capacidades ficam em constante aprendizado. Nesse sentido, o sujeito precisa das condições necessárias para o desenvolvimento individual e o ambiente possibilita a sua construção de tornar-se a pessoa humana. O docente nessa abordagem é um facilitador que “fornecendo condições para que os estudantes” possam aprender.

Na abordagem *cognitivista ou sociointeracionista*, dos autores Piaget e Wallon e Vygotsky, Burak (2017, p. 6) coloca que o conhecimento é organizado e processado por

modos de pensamentos cognitivos, por desempenhos relativos à tomada de decisões em que o indivíduo é produto da interação entre sociedade e a cultura. Nessa abordagem, o autor Piaget trabalha a maturação biológica, já Vygotsky trabalha o ambiente social e cultural em que os fatos, as regras, os valores, as normas e símbolos são posicionados e variam de grupo de acordo com o nível mental dos indivíduos que constituem o grupo. O conhecimento nessa abordagem é uma construção contínua, caracterizada por concepção de novos arcabouços que não existiam anteriormente.

Sendo assim, nessa abordagem, o processo educacional tem, na teoria de desenvolvimento e no conhecimento, um papel de mediar ocorrências que sejam desafiadoras para o estudante adequado ao seu nível de desenvolvimento. Nessa abordagem a escola ensina os estudantes a observarem para compreender a ação no processo da construção do conhecimento numa situação social. A relação docente e estudante é desenvolvida no sentido de o docente ser transmissor e o estudante receptor de informação cabendo ao docente criar condições que propiciem condições em que se possam estabelecer conexões intelectuais e cooperação na aprendizagem. A metodologia nessa abordagem se constrói a partir da troca do meio da ação do indivíduo como centro do processo educativo e social constituindo condição de desenvolvimento mediado pela cultura. A avaliação é realizada por parâmetros onde se verifica se o estudante adquiriu os conhecimentos.

Nesse sentido, a abordagem dessa pedagogia possui relação com os princípios da **Teoria Sociointeracionista** de aprendizagem desenvolvida e apresentada por Vygotsky¹, pesquisador que desenvolveu a teoria psicológica de aprendizagem, mesmo tendo uma carreira curta, que foi de 1917 a 1934, diversos trabalhos foram publicados após sua morte, em 1934. Os conceitos desenvolvidos da teoria psicológica da aprendizagem são basilares para a compreensão do desenvolvimento da linguagem, do conhecimento e do pensamento. Para compreender as relações do desenvolvimento cognitivo na aprendizagem, é importante compreender a relação entre conceito espontâneo e conceito científico que ocorre quando o indivíduo se desenvolve em relação com outro indivíduo e com o mundo que o cerca (Vygotski, [2001]).

Para Vygotski ([2001], p.261), o processo de formação dos conceitos espontâneos e conceitos específicos para o processo de formação conceitual no desenvolvimento de

¹ Considerando que há diferentes grafias utilizadas para expressar o nome do autor (Vygotsky, Vigotsky, Vygotski, Vigotskii, Vigotski), a depender da publicação, nesta pesquisa optou-se pela grafia Vygotski, no entanto, será conservada nas referências, a forma utilizada em cada obra.

aprendizagem não se desenvolvem do mesmo modo. Para o autor, os dois conceitos estão interligados e “exercem influências um sobre o outro”, sendo assim, “o desenvolvimento dos conceitos científicos deve apoiar-se forçosamente em um determinado nível de maturação dos conceitos espontâneos”. No que tange as diferenças entre esses dois conceitos, Vygotski ([2001], p. 263) discorre que os conceitos espontâneos se estabelecem pela experiência individual e são apropriados por dedução nas relações sociais. Ou seja, quando o indivíduo elabora o conceito espontâneo tem como base a observação que ocorre no seu meio social e das experiências do imediato possibilitando ao indivíduo atingir um nível de maturação que é elaborado e mediado por meio das relações sociais na família, trabalho, igreja e na sociedade.

No que se refere aos conceitos científicos, Vygotski ([2001], p. 263), pondera que esses conceitos se formam no transcorrer do processo de aprendizagem, por meio da formação escolar e o que distingue os conceitos espontâneos dos conceitos científicos é a mediação que ocorre por diferentes processos que abarcam sua germinação, onde o docente realiza atividades para que o estudante por meio do conteúdo, objeto, ou através do caminho da aprendizagem desenvolvida pelo docente o estudante constrói a formação dos conceitos científicos por um caminho complexo, por meio de signos e pela linguagem.

O autor afirma que o desenvolvimento dos conceitos espontâneos ou científicos, é um processo singular de formação de conceitos que se realiza por efeito de diferentes condições internas e externas inseparáveis por sua natureza e se constitui a partir do processo educacional constituindo cooperação ordenada entre o docente e o estudante pelo processo de maturação das funções psicológicas superiores (pensamento, memória, atenção entre outros) (Vygotski, [2001], p. 244).

Nesse sentido, para Santos *et al* (2021, p. 2), as atividades (funções) mentais superiores decorrem de processos psicológicos, e exclusivamente humanos, já que, nos animais, as atividades são básicas compartilhadas com outros animais. O que caracteriza a atividade mental superior é a mediação das linguagens, dos signos, dos símbolos, dos sistemas numéricos entre outros que permite aos indivíduos desenvolverem consciência e intencionalidade por ações deliberadas e planejadas “considerando-se a percepção, a resolução de problemas, a tomada de decisões, o processamento de informações e a compreensão” processo pelo qual o conhecimento socialmente compartilhado se torna parte do pensamento individual (Santos *et al*, 2021, p. 8).

Isso decorre conforme os autores a partir das interações com outros indivíduos em contextos culturais, desenvolvendo o pensamento abstrato, conceitos filosóficos, memória,

linguagem como sistema simbólico, de imaginação e criatividade “socialmente formadas e culturalmente transmitidas por meio da linguagem” (Santos *et al*, 2021, p. 8). Desta forma, o docente opera a aprendizagem pela mediação através de experiências adequadas que vai dando sentido e significado para que possa construir o conhecimento científico através da relação com os conceitos espontâneos.

Sendo assim, o conhecimento se constrói da interação e da conceituação do conteúdo elaborado por meio de processos contínuos que vão sendo ressignificados por diferentes ensaios estabelecendo a subjetividade individual no processo de aprendizagem como atividade social. Marques e Duarte (2022) apresentam reflexões de como o conhecimento se desenvolve pela atividade social e que esse processo tem nas relações sociais, culturais e históricas o seu desenvolvimento e que a escola é um espaço dialeticamente propício para debater as múltiplas determinações da sociedade. Sendo assim, a Teoria Sociocultural, desenvolvida por Vygotski apresenta o aspecto social e interacional da linguagem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos indivíduos.

Para os autores, “para que o pensamento possa apropriar-se criticamente da realidade objetiva em suas múltiplas determinações e seus movimentos de evolução e involução”, é imprescindível transpor o pensamento empírico e a prática pragmática. Nesse sentido, a mediação entre docente e estudante é o caminho para desenvolver o pensamento que, pela mediação da dialética, possibilita desenvolver os processos essenciais entre a linguagem e o pensamento para compreender o processo ensino e a aprendizagem (Marques; Duarte, 2022, p. 2206).

Desta forma, Duarte (2016 p. 1564), discorre que a aprendizagem ocorre por meio do intercâmbio entre docente e estudante, cuja tarefa é permitir por meio do processo ensino-aprendizagem e da mediação o desenvolvimento do indivíduo. Esse processo é chamado de zona de desenvolvimento proximal, onde o docente realiza atividades e ações em que os estudantes “passem do não domínio para o domínio dos sistemas de instrumentos psicológicos”. Para o autor, os conhecimentos construídos no sistema escolar são de “pleno significado” e que cabe ao “professor, nessa perspectiva, conhecer o ponto de chegada almejado para que ocorra o processo de desenvolvimento do “ser humano plenamente desenvolvido” (Duarte, 2016, p. 1564).

Posto isto, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) descreve a distância existente entre a zona de desenvolvimento real (ZDR) de um indivíduo da sua zona potencial de desenvolvimento (ZPD) no processo de aprendizagem. Nessa relação, Vygotski define a

importância da ZDP, por meio do que o indivíduo não é capaz de elaborar sozinho algo, em consequência disto, ele precisa da mediação/ajuda de outra pessoa experiente (docente) nesse processo. Nessa lógica, esse processo é terminante para abarcar o processo de aprendizagem e o papel do indivíduo que realiza essa mediação é relevante para promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, habilidades e conhecimentos dos sujeitos mediados pelos signos e instrumentos culturais (Vygotski, [2007]).

Segue o organograma abaixo:

Figura 1-Níveis de aprendizagem desenvolvido por Vygotsky



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Assim, a aprendizagem revela as determinações e relações sociais, culturais e estruturais da sociedade, indicando caminhos que possibilitam uma educação alinhada às demandas sociais. Nesse sentido, para Freitas (2012) a teoria de Vygotski promoveu uma reorientação e expandiu-se para a educação influenciando estudos que compreendem o desenvolvimento humano de forma social e cultural. Ademais, Freitas (2012, p. 128) discorre que

A teoria de Vigotski representa uma reorientação radical da explicação do desenvolvimento psicológico humano, ampliando-se posteriormente como base teórica para diversos estudos e pesquisas, indo para além da psicologia e chegando a outros campos, particularmente o da educação.

Isso posto, Freitas (2012, p. 128) refere ser importante entender que o processo dialético ocorre por diversos conceitos, valores e caminhos e entrelaçam-se pela cultura, já que, historicamente, a sociedade se organiza e opera as informações pelo ambiente sociopolítico e sociocultural tendo como instrumento o sistema escolar.

Outro fator que colabora nessa construção do desenvolvimento psicológico é a relação como a dialética percorre o ensino e aprendizagem. Para Vygotski, é determinado por ações

concretas, sendo que o conceito científico abarca os conceitos espontâneos que surgem no cotidiano da sociedade e como fatos ou fenômenos são desenvolvidos pela comunidade científica. Nessa perspectiva, Freitas (2012, p. 129) afirma que:

A cultura, para Vigotski, diz respeito a toda espécie de criação humana não dada pela natureza. Trata-se de uma concepção ampla e não distintiva, o que não retira a relevância de suas explicações sobre o papel da cultura na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

Ao refletir sobre a cultura, é fundamental lembrar que ela não ocorre de forma espontânea, mas, sim, que é construída socialmente, e internalizada pelos modos historicamente organizados ao longo da História que se operaram pelos mecanismos institucionais, educacionais, econômicos, culturais e sociais.

É fato que o ambiente sociocultural exerce papel na formação dos conceitos espontâneos e científicos. Convém lembrar que é necessário ocorrer o processo de ensino e aprendizagem que possibilite ao indivíduo adquirir conhecimentos e interpretar o mundo de forma mais objetiva e fundamentada pelos conhecimentos sistematizados organizados pela humanidade. Além disso, possibilita também ao indivíduo superar e avançar nos conflitos cognitivos resultando no embate entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos, portanto esse processo é essencial, já que colabora para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento das capacidades mentais superiores dos indivíduos.

A subseção (2.2.1) tratou das Teorias Clássicas da aprendizagem, onde abordou um panorama de suas características na prática pedagógica. Focou-se na abordagem Sociocultural de Vygotski, e como ela fundamenta a prática pedagógica que visa ao desenvolvimento do estudante destacando a relevância do desenvolvimento da linguagem, do conhecimento e do pensamento onde a escola é o espaço dialético para debater as determinações sociais e culturais por meio da mediação do docente para desenvolver nos estudantes as atividades mentais superiores e a formação de conceitos científicos, preparando-os para uma formação crítica e autônoma.

2.2.2 Teorias de Ensino/ tendências pedagógicas

Na teoria de ensino/tendências pedagógicas, existem diversas concepções de como os estudantes adquirem o conhecimento, e é por meio destes processos cognitivos ocorre a

mediação entre docente, estudante e conhecimento. Como propósito da prática educativa, as teorias de ensino constituem um direcionamento teórico determinados por visões de mundo, pela cultura, por ideologias e práticas pedagógicas que organizam as determinações educativas da sociedade.

As tendências pedagógicas do Brasil são categorizadas em duas principais linhas: as Tendências Liberais e as Tendências Progressistas, apresentadas no quadro abaixo. Destacam-se nessa abordagem os aspectos da escola, dos conteúdos, dos métodos, do docente e do estudante, da aprendizagem e dos teóricos.

Quadro 2- Tendências Pedagógicas Brasileira por Libâneo e Saviani

(continua)

Teoria Pedagógica	Escola	Conteúdo	Método	Estudante e docente	A aprendizagem	Teóricos
Liberal Tradicional	Objetivo de instrução e transmissão de conhecimentos por meio de valores socialmente construídos pela educação formal, igreja e família	O conteúdo e conhecimento científico é transmitido no tempo e é repassado como verdade absoluta	O docente transmite e o conhecimento e o estudante e assimila por meio de aulas expositivas e em sala de aula	O docente é o detentor do conhecimento e é autoridade competente. O estudante é receptor passivo	A aquisição de conhecimentos pré-estabelecidos baseado na repetição e memorização enchendo o estudante de informação.	Filósofos humanistas, clássicos e científicos
Liberal Renovadora Progressiva	O objetivo é conciliar as necessidades do indivíduo com as demandas do ambiente social.	Os conteúdos são estabelecidos a partir de experiências vividas pelos estudantes frente às situações e problemas	As aulas são participativas com debates e atividades práticas que levam o estudante a construção de conhecimento.	O docente é mediador no desenvolvimento do estudante, que é protagonista de seu conhecimento	A aprendizagem é participativa, nessa lógica o desenvolvimento é voltado a autonomia e a solução de problemas da realidade estudada pelo estudante	Piaget Lauro de Oliveira Lima Dewey Montessori

Escola Nova Liberal Renovadora não diretiva	O objetivo é construir de forma a respeitar a liberdade, individualidade e o desenvolvimento do discente.	Baseia os conteúdos nos interesses e necessidades dos estudantes.	Os docentes baseiam as aulas em atividades livres, jogos, experiências práticas e projetos pessoais.	O docente é o observador e orientador que estimula as atividades que são escolhidas pelos estudantes, e acabam aprendendo com suas experiências pessoais.	O docente possibilita que o estudante aprenda pelas experiências e na direção da descoberta pessoal.	Carl Rogers Summerhill

Quadro 2 - Tendências Pedagógicas Brasileira por Libâneo e Saviani

(continuação)

Teoria Pedagógica	Escola	Conteúdo	Método	Estudante e docente	A aprendizagem	Teóricos
Progressista Libertadora	O objetivo é promover a conscientização crítica e a transformação social para superar as opressões e desigualdades sociais.	Os docentes apresentam o conteúdo por meio de debate por temas geradores das questões sociais, políticas e culturais.	A relação do docente é dialógica e problematizadora por meio de debates e estimula a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes.	O docente se coloca como mediador da relação democrática entre os estudantes.	Aplica-se a reflexão crítica por meio da conscientização política no sentido da ação transformadora das condições postas.	Paulo Freire

Progressista Libertária	O objetivo é promover a liberdade individual e coletiva, respeitando as escolhas e autonomia.	O conteúdo é livre, flexível e de acordo com os interesses e necessidades dos estudantes.	O docente trabalha com os estudantes em grupo por autogestão dos mesmos e por meio de projetos pessoais e grupais.	O docente é orientador e os estudantes têm liberdade para tomar decisões.	A aprendizagem é auto diretiva e trabalhada no e para o coletivo.	C. Freinet, Miguel Gonzales Arroyo

Quadro 2 - Tendências Pedagógicas Brasileira por Libâneo e Saviani

(conclusão)

Teoria Pedagógica	Escola	Conteúdo	Método	Estudante e docente	A aprendizagem	Teóricos
Progressista “Crítico Social dos Conteúdos ou Histórico Crítico	O objetivo é analisar/desvelar criticamente os conteúdos das relações de poder e das ideologias	O conteúdo é contextualizado e debatido de forma crítica relacionados à realidade sócio-histórica, visando a compreensão das estruturas da sociedade na sua contradição.	O docente nesse método trabalha a relação da experiência do estudante e por meio do confronto do saber sistematizado com essa experiência da realidade e concreta que reflete as contradições sociais.	A relação do docente é de mediar a reflexão crítica e levando os estudantes a questionarem as estruturas da sociedade.	A aprendizagem está baseada em formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e seus deveres no sentido de transformar a sociedade de forma justa e inclusiva.	Makarenko, Charlot Suchodo Manacorda a Snider Libâneo e Demerval Saviani.

Fonte: Elaborado pela autora (2024) com base em Libâneo (1985) e Saviani (1999).

A *Tendência Liberal* se subdivide em abordagem tradicional, a renovadora progressiva, a renovadora não diretiva, também conhecida como Escola Nova e a Tecnicista. Libâneo (1985) assenta que as tendências liberais fazem referência a um posicionamento que abrange a função da escola de preparar os indivíduos para desempenhar papéis sociais. A justificativa desta tendência é alinhar as aptidões do indivíduo conforme suas habilidades, alinhando-se às normas da sociedade. Para o autor, nessa tendência não se consideram os aspectos culturais da sociedade tampouco seus conflitos sociais: o discurso é que há igualdade de oportunidades para todos, sem levar em conta as desigualdades sociais e econômicas entre as classes. Gaya e Freitas (2020, p. 6) discorrem que “Libâneo descreve as Teorias Liberais enfatizando que o homem é produto do meio, e suas ações devem ser permeadas pela educação, no sentido de se manter a ordem, pois o homem e sua consciência se formam em relações acidentais”.

Conforme Gaya e Freitas (2020, p. 6), o ambiente escolar procura preparar o indivíduo “para a sociedade levando em conta as habilidades de cada um, desenvolvendo consciência e adaptando para as normas, condutas e valores da sociedade, respeitando as diferenças culturais e individuais de cada um” na sociedade. É importante refletir e ter clareza que as tendências pedagógicas mesclam especificidades culturais, sociais e políticas de cada época e que nem sempre se apresentam na sua forma pura, há desafios e contradições postas nas escolas que refletem condicionantes sociopolíticos tanto dos docentes quanto dos estudantes que trazem bagagens sobre como leem o mundo. Já Saviani (1999, p. 17) expõe em sua análise que as tendências liberais foram conduzidas tendo como baliza que a educação é “direito de todos e dever do Estado” decorrente da sociedade que emergia, no caso a sociedade burguesa. Para o autor, a democracia burguesa justificava-se no sentido de superar a opressão do sistema social anterior que não permitia o avanço do conhecimento. Para Saviani (1999, p. 18), a escola surge na tendência liberal como “um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente”. Sendo assim, nessa tendência, a educação é centrada no docente que transmite o conhecimento ao estudante que é receptor e deve assimilar esse conhecimento.

Por outro lado, as *Tendências Progressistas* adotam uma análise crítica da realidade social, buscando compreender a realidade histórico-social e enfatizando o papel do indivíduo na construção dessa realidade de forma ativa e cidadã. Essas tendências se desdobram em

abordagens como a Libertadora, a Libertária e a Crítico-Social dos Conteúdos ou Histórico-Crítica.

A *Tendência Progressista* para Libâneo (1985, p. 20) parte da análise crítica da realidade social que sustenta o objetivo sociopolítico, nesse sentido, o autor aborda que, no modo capitalista, essa tendência não é institucionalizada por questões de conflitos e lutas antagônicas entre classes. No entanto, os docentes podem adotar a tendência e aplicar na prática pedagógica práticas progressistas. Sendo assim, os docentes podem auto gestar os conteúdos para que os estudantes possam abordar e debater de forma crítica esses conteúdos confrontando a realidade e as condições sociais postas pelo modo capitalista. Para Libâneo (1985, p. 21), essa prática educativa é preferida e faz mais sentido em colaboração com a população tendo mais efetividade se utilizada na educação popular “não formal”, permitindo uma construção coletiva do conhecimento, mais alinhada às necessidades e realidades dos participantes.

Após apresentar de forma breve as tendências utilizadas no ensino brasileiro, afirma-se que nesta pesquisa a Pedagogia Histórico Crítica que está apresentada na tabela acima é assumida pela pesquisadora e bem desenvolvida na compreensão de Demerval Saviani que apresenta os fundamentos e os princípios do materialismo histórico-dialético. A teoria marxista reconhece o ser humano como um ser social, histórico e cultural. Além disso, fundamenta que a produção e existência do indivíduo na sociedade são desenvolvidas pelas atividades laborais, nessa perspectiva, Saviani (2021b) aborda a Pedagogia Histórica Crítica no ensino com o objetivo de compreender a relação existente entre a sociedade e a educação, não limitando as relações sociais a uma mera reprodução das práticas sociais, mas, sim, buscando a transformação da sociedade.

Também o modelo de ensino e aprendizagem histórico-crítica procura a formação de sujeitos críticos e conscientes, que sejam atores sociais de transformações da realidade social, por meio da indissociabilidade entre a teoria, *práxis* e a prática educativa. Nesse contexto, Saviani enfatiza na sua obra *Escola e Democracia* a importância da educação como meio para a mudança social atribuindo à educação e aos educadores a responsabilidade de aplicar a pedagogia histórico-crítica como processo de ensino dialético a superar e desvendar as contradições no contexto social. Para Saviani (1999, p. 41), “é necessário avançar no sentido de captar a natureza específica da educação, o que nos levará à compreensão das complexas mediações pelas quais se dá sua inserção contraditória na sociedade capitalista”. Para o autor, as críticas demandam a compreensão da realidade social na qual se inserem as contradições e

precisam ser capazes de integrar o conhecimento científico com as necessidades da sociedade. Martins e Martins (2012) a pedagogia histórico-crítica, ao valorizar a cultura, a universalidade do conhecimento e a realidade social do estudante, oferece as bases conceituais para um desenvolvimento pleno na EJA-EPT. Martins e Martins (2012, p. 107) colocam que

Dentre as correntes pedagógicas hoje conhecidas e estudadas, a pedagogia “histórico-crítica” apresenta especificidades conceituais e metodológicas que a tornam, de modo específico, extremamente cultural, universal e valorizadora do ambiente e realidade social do educando. Partindo deste pressuposto é de que tudo isto é necessário para o desenvolvimento do aluno no âmbito da EJA e do PROEJA.

Consequentemente, essa modalidade de ensino a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) tem a finalidade de preparar os trabalhadores estudantes para o exercício profissional e social, objetivando a formação que abarque de forma integral a educação e forme cidadãos conscientes, capazes de desempenhar de forma crítica a transformação da sociedade e do mundo do trabalho.

Além disso, **a teoria de ensino histórico-crítica** abrange que a educação é uma atividade que se faz mediada entre o Homem e a Natureza de forma indissociável e que possibilita a apropriação do conhecimento histórico, científico e cultural produzido e acumulado pela humanidade por meio do trabalho. Esse processo é fundamental para desenvolver as capacidades humanas e para emancipar os indivíduos, além disso, essa abordagem procura desenvolver o pensamento crítico dos estudantes para que possam pensar os problemas e desafios sócio-históricos, aplicando seus conhecimentos adquiridos para a transformação da realidade.

Quanto às abordagens de ensino, Franco (2015, p. 603) coloca que a questão que fica é como “as práticas pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço de possibilidade”. Assim sendo, as práticas pedagógicas podem contribuir como “espaço de resistência e de reverberação de múltiplas denominações”. Para a autora, a pedagogia e suas práticas são da ordem da *práxis* já que ocorre em meio a processos que estruturam a vida e a existência, onde a pedagogia caminha por entre culturas, subjetividades, indivíduos e práticas.

Por conseguinte, diversas questões se deparam nas ações educacionais e para autora há de se abarcar a totalidade social pautadas nas relações dialéticas interconectadas entre totalidade e particularidade da realidade. Para Franco (2015, p. 603), a “lógica da didática é a

lógica da produção da aprendizagem (nos alunos), a partir de processos de ensino previamente planejados”. Conforme Franco (2015, p. 603),

A prática da didática é, portanto, uma prática pedagógica. A prática pedagógica inclui a didática e a transcende”. Além disso, o campo do conhecimento se ocupa de estudar de forma sistemática a educação, a prática educativa e como os sujeitos destas atividades acessam e processam o conhecimento.

Nessa mesma linha de pensamento, Franco (2012, p. 169) destaca que “a questão das práticas pedagógicas, tendo como pano de fundo as reflexões” é necessário para pensar que a aprendizagem ocorre por múltiplos ensinamentos presentes na educação. Para Franco (2012, p. 169), “é comum considerar que práticas pedagógicas e práticas educativas sejam palavras sinônimas e, portanto, unívocas”, no entanto, ao se falar em práticas educativas a autora refere “às práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais”, reportam-se a práticas sociais que se exercem com a finalidade de concretizar processos pedagógicos.

Para Franco (2012, p. 173) práticas pedagógicas são

Práticas as que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advém de pactos sociais, de negociação e deliberações com um coletivo.

Em razão dessas relações, para a autora, as práticas pedagógicas são organizadas e se desenvolvem por adesão, por negociação ou por imposição, sendo necessário conhecer as tendências pedagógicas praticadas no cotidiano dos percursos educacionais para poder se posicionar e defender práticas que direcionam ao coletivo. Em consequência disso, os processos educativos se articulam tendo suas especificidades epistemológicas, históricas e ontológicas presentes no cotidiano educacional que se imbricam na relação docente e estudante.

Em síntese, esta subseção (2.2.2) explorou as teorias de ensino/tendências pedagógicas caracterizadas em Liberais e Progressistas, detalhadas em suas diferentes concepções sobre o conhecimento adquirido e mediado na prática pedagógica. Destacou-se nesta seção a PHC, abordagem progressista que se funda no materialismo histórico-dialético de Saviani reconhecendo o ser humano como ser sócio-histórico.

Essa pedagogia visa compreender a relação entre sociedade e educação não como mera reprodução, e, sim, como meio para transformar a sociedade onde se forma indivíduos

críticos e conscientes que sejam capazes de intervir na realidade por meio de uma práxis que discuta as contradições e desafios societários organizadas para atender as demandas coletivas. Nesse sentido, nessa pedagogia, a escola é um espaço que pode reproduzir o pragmatismo do capitalismo ou pode ser espaço de resistência e de construção de uma educação que valoriza a totalidade social contra-atacando o modo societário.

2.2.3 Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica

Para Fávero, Tauchen e Schwantes (2012, p. 326), “ensinar não demanda apenas conhecimentos metodológicos”, dentre outros elementos que se consideram relacionados ao ensino se realiza como ensino de algo, sendo esse algo um conteúdo, “ao assegurar a relevância do conteúdo, principalmente dos conceituais, assumimos que ensinamos um conjunto de proposições e de crenças” (Fávero; Tauchen; Schwantes, 2012, p. 326) que são transmitidos por meio do conhecimento na educação.

A didática tem origem histórica na Grécia Antiga, onde os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles desenvolveram práticas pedagógicas. A origem etimológica da palavra didática para Corazza, Heuser e Monteiro (2020, p. 06), advém “no alemão, Didaktik [do grego didaktikós, didático]: a) ensino, relativo a ensino ou aprendizagem: didática da matemática; b) teoria da formação educativa, método de ensino; c) tratado, ensaio, apresentação de uma teoria”. Dentro desta lógica, para Galvão, Lavoura e Martins (2019, p. 11), o legado de Comenius foi importante, pois “a intenção comeniana era ensinando tudo a todos, especialmente a leitura e a escrita, servir de instrumento político que levasse ao rompimento com a educação católica medieval”. Considerado “o pai da didática” na educação contemporânea, suas ideias continuam influenciando a prática educacional.

Com o intuito de abordar a didática de ensino e de aprendizagem nesta pesquisa, destaca-se a proposta de Gasparin (2012), que está fundamentada na Teoria Histórico-Crítica de Saviani (2021a). Para Gasparin (2012) a didática procede da teoria dialética do conhecimento, e tendo como primeiro passo observar a prática social no processo educativo, ao tomar consciência sobre essa prática o docente e os estudantes em conjunto vão a procura do conhecimento teórico que possibilite refletir seu fazer prático cotidiano.

A prática do qual o autor fala não diz respeito ao que se faz, e sim, da prática social geral, da qual o grupo faz parte e compreende da realidade, da totalidade social que é histórica e contraditória. A didática de Gasparin (2012) trabalha em cinco passos que são: a prática

social inicial, a problematização, a instrumentalização, a catarse e a prática social final. Para Gasparin (2012, p. 16), o primeiro passo é a prática social inicial, momento do qual se questiona o conteúdo e aponta as razões pelas quais se devem ser apropriar dos conhecimentos dos estudantes, explicitando ao mesmo tempo as múltiplas dimensões desse processo de vivência do aluno em relação ao objeto de estudo, ou seja, a experiência concreta que ele possui em relação ao tema que será trabalhado possibilitará que o estudante possa analisar a prática social e identifique as principais questões que interferem no processo de aprendizagem, permitindo que sejam desenvolvidas estratégias pedagógicas adequadas para o ensino do conteúdo em questão. Além disso, a análise crítica das questões sociais, políticas e históricas relacionadas ao tema em estudo possibilita uma compreensão mais aprofundada do objeto de pesquisa e suas implicações na sociedade como um todo.

Em continuidade, Gasparin (2012, p. 33) discorre que a segunda etapa “a problematização é um elemento-chave na transição entre prática e teoria, isto é, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada”. É nesse momento que o docente inicia o conteúdo de forma sistematizada e organiza o conteúdo da maneira que os estudantes possam questionar a respeito do objeto de estudo, levando-os a refletirem sobre o que já sabe e o que ainda precisa aprender a respeito do assunto em questão. Esse processo demonstra a relevância da reflexão crítica na elaboração de perguntas problemáticas para o estudo.

O terceiro passo, para o autor, é a instrumentalização. Conforme descreve Gasparin (2012, p. 49), é a abertura pelo qual o conteúdo historicamente sistematizado é colocado à disposição dos estudantes para que o assimilem e reflitam sobre suas realidades. E, ao incorporar o estudante na discussão do conteúdo, transforma-o em sujeito de instrumento da construção pessoal e profissional. Esse passo consiste na apresentação de ferramentas e conceitos teóricos que irão auxiliar o estudante na compreensão do objeto de estudo, por essa razão o docente apresenta os conteúdos e as teorias relevantes para a compreensão dos conhecimentos científicos com a prática profissional. Para Gasparin (2012, p.49) “os sujeitos aprendentes e o objeto de sua aprendizagem são postos em recíproca relação através da mediação do professor” Conforme Gasparin (2012), essa relação é “triádica” por distinguir as determinações individuais e sociais e “que caracterizam os alunos, o professor e o conteúdo” demonstrando a interdependência desses elementos no processo de ensino e aprendizagem.

A catarse é o quarto passo, que visa integrar os conhecimentos adquiridos pelo estudante, a partir da reflexão e análise crítica do objeto de estudo. Nesta etapa, o estudante é incentivado a expressar seus sentimentos e opiniões a respeito do que foi debatido e

aprendido. Como se observa, a didática para Gasparin (2012, p. 123) deve ser baseada na análise crítica dos fenômenos sociais, econômicos e políticos que influenciam o desenvolvimento da sociedade. Desta forma, “o educando sistematiza e manifesta que assimilou, isto é, que assemelhou a si os conteúdos e os métodos de trabalho usados”. Isso significa dizer, ainda segundo o autor, que o ensino não é uma simples transmissão de conhecimentos, mas um processo complexo que envolve a relação entre docente e estudante, as condições históricas e sociais em que ocorrem os objetivos a serem alcançados e os métodos e técnicas pedagógicas utilizadas.

Por fim, a prática social final é o *quinto passo*, que, de acordo com Gasparin (2012, p. 139), “representa a transposição do teórico para o prático dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos” discorrendo como prática social para a formação do estudante, pois é nela que ele é capaz de colocar em prática o conhecimento adquirido e verificar sua efetividade. Além disso, essa prática social final permite que o estudante compreenda melhor a relação entre teoria e prática, uma vez que é colocado no contexto real, o que possibilita uma visão mais ampla e crítica sobre o conteúdo estudado, que é fundamental para formar cidadãos conscientes e atuantes em sua realidade social.

Ao refletir sobre a proposta didática apresentada por Gasparin (2012), Galvão, Lavoura e Martins (2019) também colaboram para a teoria da didática ao proporcionar uma análise da prática pedagógica ao discutir os fundamentos que viabilizam a reorganização da didática tendo como base a Teoria da Pedagogia Histórico-Crítica. Os autores ressaltaram que a caracterização da didática como uma mediação da prática social proporciona uma metodologia baseada no materialismo histórico-dialético que é basilar nas relações sociais e dialéticas da sociedade. Outro fator a ser levado em conta é que essa teoria sustenta os procedimentos didáticos, bem como possibilita o movimento entre as fases, tendo em vista, que esse processo não é linear, mas sim, uma via de mão dupla que permite que o estudante construa o seu conhecimento de forma crítica, reflexiva e transformadora.

Outro aspecto relevante a ser abordado, nos fundamentos da didática de Galvão, Lavoura e Martins (2019) tem como base três princípios fundamentais: a intencionalidade pedagógica, a seleção de conteúdos e a metodologia de ensino. A intencionalidade pedagógica para os autores está relacionada à finalidade do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, ao objetivo a ser alcançado ao final do processo formativo. A seleção de conteúdos refere-se à escolha dos temas, conceitos e habilidades que serão atingidos durante o processo de ensino. A metodologia tem o propósito de ensino ao que se refere aos métodos e táticas utilizadas

para transmitir os conteúdos selecionados promovam a aprendizagem dos estudantes. Conforme os autores em relação à metodologia de ensino, o importante é que sejam utilizados métodos que permitam aos estudantes desenvolverem competências críticas e reflexivas, isso inclui a utilização de atividades que estimulem o pensamento crítico, como por exemplo, a pesquisa acadêmica que permite aos estudantes acessarem conteúdos que são discutidos cientificamente sobre os problemas reais relacionados à sociedade.

E para concluir é relevante enfatizar que a mediação pedagógica deve ser presentes nos processos didáticos de ensino e aprendizagem ofertados pelos docentes, que devem estar atentos às dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, os autores cooperam com a reflexão sobre a mediação pedagógica como um elemento essencial na transformação social, no papel da escola como ambiente de conflitos de classes e na relação dialética entre teoria e prática educativa. Sendo assim, a mediação pedagógica reflete diretamente na relação teórico-prática por considerar as contradições e as problemáticas presentes no cotidiano escolar decorrentes do modo produtivo. É por meio do comprometimento ético e político que viabiliza uma formação que emancipe e transforme os indivíduos e a sociedade (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Em síntese, a discussão explorou as diversas tendências pedagógicas, categorizando-as em liberais e progressistas, e analisou como cada uma concebe o processo de ensino e aprendizagem, a relação entre docente e estudante, e o papel do conteúdo. Enquanto as abordagens liberais visam à adaptabilidade do indivíduo à sociedade e à reprodução de conhecimentos, já as tendências progressistas buscam a conscientização crítica e a transformação social. Nesse contexto, a PHC emerge como pilar central, pois ao defender uma educação que reconhece o ser humano em sua dimensão histórica e social que propõe a superação das contradições existentes por meio de uma práxis educativa.

Nessa análise a didática de Gasparin (2012), baseia-se na perspectiva histórico-crítica que detalha um processo de ensino e aprendizagem em cinco passos dialéticos, que partem da prática social dos estudantes para a problematização, instrumentalização e catarse, culminando na prática social final. Desta forma, essa metodologia visa que o conhecimento não seja apenas assimilado, mas que os estudantes se tornem agentes críticos e capazes de intervir na realidade. Para Galvão, Lavoura e Martins (2019) aprofundar e sistematizar a compreensão de como a prática didática se organiza a partir do materialismo histórico-dialético, oferece um contraponto ao imediatismo e reducionismo que permeiam as

práticas pedagógicas, evidenciando o potencial da educação para emancipar os indivíduos para atuarem ativamente na construção de uma sociedade mais justa.

2.2.4 Ensino e Aprendizagem na modalidade EJA-EPT

Quando se pensa no processo de ensino e aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos (EJA), remete-se a Paulo Freire (1987), educador brasileiro que desenvolveu o ensino e aprendizagem baseado na ideia de que a educação pode ser uma prática libertadora e transformadora da sociedade. Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987) discorre sobre o conhecimento e a educação como processo transformador de vidas. Com efeito, a educação é uma capacidade ontológica de abordagem dialógica e consciente onde o docente e o estudante são agentes ativos. O processo de desumanização provocado pelo modelo capitalista faz com que o indivíduo dependa das condições postas pelo capital e para o autor o desafio da educação é possibilitar que o estudante saia da alienação e se instrua em um ser crítico com consciência construído pelo diálogo e pela cultura.

Para Almeida, Fontenele e Freitas (2021, p. 3), as proposições educacionais de Freire abrangem uma educação que não se reduza “apenas a finalidade de ensinar ou simplesmente decodificar símbolos gráficos” e sim, no sentido de dar propósitos a educação como meio para “viabilizar uma existência humana livre, capaz de interagir de forma ética, sociocultural e política”. Para os autores a concepção de educação libertadora de Freire tem a intenção de emancipar o indivíduo e “torná-lo capaz de tomar suas próprias decisões de forma consciente, participando ativa e democraticamente das decisões políticas, por passarem a reconhecer, defender e lutar por seus direitos e deveres sociais” (Almeida; Fontenele; Freitas, 2021, p. 3) frente à realidade.

Outro fator que precisa ser considerado refere-se à diversidade do público que passa na modalidade EJA e os distintos programas para inclusão ao mundo do trabalho esse percurso deve ser comprometido e participativo, direcionado ao princípio de uma aprendizagem que leve em conta o processo reflexivo e transformador, centrada no perfil dos estudantes que trazem uma bagagem de experiências culturais e profissionais muito rica. Sob o mesmo ponto de vista do discutido, outro elemento precisa ser levado em conta quando se aborda o público que perpassa por essa modalidade formativa onde os estudantes fazem parte de um grupo que não tem garantido na vida profissional o direito de estudar e não tendo o respaldo dos padrões para liberá-los mais cedo para chegar no horário de aula acabam desistindo dos estudos.

Os estudantes da modalidade EJA também apresentam expectativas em relação à sua aprendizagem, ao buscar o saber formal, eles aspiram à autonomia, e a inclusão na vida social, já que grande parte vive em situação marginal nas políticas públicas e no mundo do trabalho. Almeida, Fontenele e Freitas (2021, p. 4) colocam que:

Compreendemos que a construção de um espaço dialógico entre o/a educador e o/a educando/a leva a um processo de aprendizagem que pode contribuir para desnaturalizar e ressignificar os saberes e as crenças socioculturais constituídas ao longo das suas vidas, gerando assim, a emancipação social.

Em consequência disto, entende-se que para pautar a educação nas ideais de Freire(1987), “o educador/a precisa ter como princípio educacional a abertura e a desenvoltura para viabilizar o diálogo” para que os estudantes da modalidade EJA conduzam e ocupem “o reconhecimento e a valorização dos seus lugares enquanto sujeitos das suas próprias aprendizagens” e assim, assumam suas vidas de forma emancipadora (Almeida; Fontenele; Freitas, 2021, p. 4).

Após breve discussão sobre a importância do ensino e aprendizagem na EJA na perspectiva de Freire (1987), aborda-se a relação entre EJA e a EPT com base na reflexão que Saviani (2021a) apresenta acerca das aproximações e distanciamentos entre a Pedagogia Histórico-Crítica e a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Saviani (2021a, p. 171) coloca no primeiro momento, que as aproximações da Pedagogia Histórico-Crítica e a Pedagogia Libertadora estão direcionados aos interesses da classe popular na perspectiva de que a educação seja um meio de instrumento para libertar e conscientizar os trabalhadores das condições postas pelo modo de produção capitalista.

Nesse sentido, Saviani (2021a, p. 171) aponta que “cabe à educação conscientizar as camadas populares para torná-las senhoras do próprio destino atuando para transformar a sociedade fazendo valer seus interesses e o atendimento de suas necessidades”. Também coloca o autor, que ambas as teorias defendem e efetuam uma “crítica direta à educação dominante denunciando seu papel alienante visando a conformar a população à ordem existente” por meio do qual os indivíduos permaneçam submissos aos interesses do capital. O autor defende que a educação como ato político possibilita formar indivíduos com autonomia capazes de transformar e desenvolver uma prática social que trabalhe em contraposição a educação acrítica posta pelo capital. Saviani (2021a) também postula que a discussão corajosa da PHC e da Pedagogia Libertadora dispõe em abordar as problemáticas educacionais, da

realidade social e da necessidade de os educadores defenderem a responsabilidade sociopolítica frente às contradições postas pelo capital na sociedade.

Num segundo momento, Saviani (2021a) trabalha o distanciamento entre PHC e da Pedagogia Libertadora, em que os fundamentos filosóficos de ambas têm referência avançadas, no entanto, com perspectivas diferentes quanto aos seus postulados. Para Saviani (2021a), a Pedagogia Libertadora posiciona-se na fenomenologia existencial expressa pelo personalismo cristão no qual Freire incorpora contribuições do marxismo entendendo que sua teoria versa na lógica pedagógica tendo como base a teologia da libertação operando de forma distinta entre o materialismo histórico e materialismo dialético.

Para Saviani (2021a, p. 172), Freire entende ser o materialismo dialético incompatível com a doutrina da igreja e o materialismo histórico possível no debate da ciência. Inclusive, Saviani coloca que Freire opera sua análise e defesa da pedagogia de “acordo com a opção preferencial pelos pobres”, levando em conta os conhecimentos científicos elaborados pelo materialismo histórico. Saviani (2021a, p. 173) pondera que,

Vê-se, aí, claramente como Paulo Freire, em virtude de sua crença católica, não pode se definir como marxista, o que não o impede de aceitar o marxismo como ciência (materialismo histórico): “é a análise dele que me permite desmontar criticamente essa concepção neoliberal”. Em contrapartida, o entendimento da Pedagogia Histórico-Crítica é que não faz sentido essa cisão entre o materialismo dialético e o materialismo histórico.

Ademais, Saviani (2021a) discorre que não tem lógica separar o materialismo histórico e dialético, já que a concepção marxista em suas formulações pedagógicas e políticas demonstra que o modelo econômico adotado no capitalismo explora a classe trabalhadora e destrói a sociabilidade levando o indivíduo a alienação. Para fins didáticos, o materialismo dialético seria um método de análise que estuda a realidade a partir da dialética, na relação dinâmica e contraditória dos fenômenos na sociedade. Já o materialismo histórico seria a teoria que aplica no materialismo dialético à história e às sociedades humanas, pois permite investigar como as condições materiais determinam a organização social.

A teoria marxista viabiliza que os defensores progressistas articulem a relação entre educação popular e educação escolar formal no sentido de sistematizar teoricamente na relação educador-educando, onde cada qual na sua esfera, ou seja, no coletivo por meio dos movimentos sociais e por meio da educação formal nos espaços institucionais formativos apresentam elementos para debater e confrontar o modo capitalista (Saviani, 2021a, p. 173).

Além disso, Saviani (2021a) defende que a PHC se pauta pela “centralidade da educação da autonomia escolar, valorizando o acesso das camadas populares ao conhecimento sistematizado”. Com isso, para Saviani (2021a, p. 174), a escola assume papel relevante “no campo pedagógico equivalente ao capital na esfera econômica”. Nessa relação, para o autor, a educação formal assume responsabilidade por meio dos docentes e estudantes que com compromisso ético e político perpassam conhecimentos críticos por diversas gerações de forma que a geração anterior transmite à geração futura o compromisso de uma prática social tendo o ponto de partida e o ponto de chegada as transformações sociais que defenda a classe trabalhadora (Saviani, 2021a, p. 175).

Consequentemente, pelo que foi exposto referente a convergência entre a EJA integrada à EPT, esta pesquisa reforça as reflexões anteriormente apresentadas acerca da concepção de ensino e aprendizagem e das discussões teóricas a respeito do ensino histórico-crítico apresentados por Saviani (2021a) e da teoria de aprendizagem sociocultural de Vygotsky ([2001]) também se coadunam nos referenciais da abordagem didática de Gasparin (2012) e de Galvão, Lavoura e Martins (2019). Portanto, esses estudos partilham a importância das interações da aprendizagem associada e trabalhadas nas relações sociais e culturais que ressaltam a necessidade de valorizar as experiências sociopolíticas de vida dos estudantes promovendo uma educação crítica e reflexiva.

Em suma nesta subseção, aprofundou-se a relevância da EJA, particularmente na EPT, tendo em Freire (1987) e Saviani (2021a) a reflexão sobre a educação como processo dialético, ético, político e transformador que visa emancipar o trabalhador estudante para a autonomia para sair da lógica alienante do modo societário. e apreender as relações socioculturais da sua realidade. Além disso, destacou a necessidade de valorizar as ricas experiências culturais e profissionais dos estudantes da EJA para promover um espaço de práticas pedagógicas por meio da práxis emancipadora que ressignifique saberes, conhecimentos e experiências que culminam na emancipação social.

A seção 2.2 discute sobre as Teorias Clássicas da Aprendizagem, com um olhar aprofundado na abordagem Sociocultural de Vygotsky. Enfatizou-se como essa perspectiva é fundamental para uma prática pedagógica que visa o desenvolvimento integral dos trabalhadores estudantes, destacando o papel crucial da linguagem, do pensamento e do conhecimento. A escola apresenta-se não apenas como local de transmissão de saber, mas como espaço dialético, onde a mediação do docente é importante para capacitar os trabalhadores estudantes para desenvolverem as atividades mentais superiores para formar os

conceitos científicos para a formação crítica e autônoma que os prepare para intervir ativamente na realidade.

Em um panorama mais amplo, explorou as tendências pedagógicas liberais e progressistas, contrastando suas concepções sobre o conhecimento e a relação ensino e aprendizagem. O destaque foi dado a Pedagogia Histórico-Crítica - PHC, de Saviani (2021a), que se alicerçou no materialismo histórico-dialético. Essa abordagem progressista transcende a mera reprodução social, posicionando a educação como um potente meio para a transformação da sociedade. Assim, a escola é concebida como um campo de batalha ideológica e política que pode tanto valorizar a educação com formação integral que valoriza a totalidade social que combate o sistema alienante quanto pode perpetuar o pragmatismo capitalista.

Aprofundado a dimensão da prática pedagógica, a prática de Gasparin (2012), baseia-se na perspectiva histórico-crítica, detalhada em cinco passos dialéticos, demonstrando uma metodologia que busca impulsionar os trabalhadores estudantes a se tornarem agentes ativos e críticos na busca de transformações da realidade societária. As contribuições de Galvão, Lavoura e Martins (2019) reforçam e complementam a necessidade de uma didática que, ancorada no materialismo histórico-dialético, ofereça um contraponto ao reducionismo pedagógico voltado aos interesses do capital. O fechamento da seção sublinhou a relevância da EJA, especialmente quando integrada à EPT. Com base em Freire (1987) e Saviani (2021a) reafirmou-se a educação como um processo dialético, político e dialético que por meio da práxis pedagógica têm por objetivo emancipar o trabalhador estudante da lógica alienante e alienadora e capacitá-lo a ressignificar seus conhecimentos tácitos para os conhecimentos sistematizados por meio de seus saberes e experiências por uma práxis verdadeiramente libertadora que se contraponha ao modo societário.

Na próxima seção, apresenta-se a Revisão Bibliográfica.

2.3 Revisão bibliográfica

Esta seção apresenta algumas pesquisas empíricas que de alguma forma convergem com o objeto e o problema desta pesquisa. Para isso, buscou-se no decorrer de abril de 2023 a outubro de 2023, por textos científicos incluídos na plataforma de busca virtual do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Plataforma Scielo, no Google Acadêmico, nos Repositórios dos IFes, na Plataforma Sucupira

e na Biblioteca Digital Brasileira de teses e Dissertações - BDTD que integra os sistemas de informação de teses e dissertações nas instituições de ensino.

As buscas ocorreram com os seguintes descritores: ProfEPT, Práxis, formação integral, EJA-EPT Nível Médio Integrado, Trabalho, Educação, PROEJA, Omnilateral, trabalhadoras estudantes-mães, Práticas educativas. Inicialmente localizou-se 113 investigações empíricas que foram lidas e selecionadas nas perspectivas dos descritores. Realizou-se fichamentos para ser aplicada na pesquisa de 02 teses, 36 dissertações e 74 artigos acadêmicos e 1 TCC que de alguma forma dialogam com o objeto e problema da pesquisa mesmo que de forma indireta.

Dessa análise preliminar, observou-se haver pesquisas que tratam da modalidade EJA-EPT Ensino Médio integrado em diferentes aspectos do processo de ensino e aprendizagem, da formação docente, das questões estruturais que afetam o público dessa modalidade e dos processos de ensino e aprendizagem. Em relação ao gênero, há pesquisas voltadas ao acesso de mulheres na modalidade EJA-EPT Ensino Médio integrado referente aos desafios enfrentados ao machismo, memórias e histórias de vida, permanência, emancipação, gênero e evasão escolar.

Entre os textos analisados, foram selecionadas para estudo, 01 tese, 03 dissertações, 03 artigos e 01 TCC por apresentarem elementos que convergem com o tema pesquisado. Os textos científicos selecionados são apresentados seguindo as variáveis: título, objetivo, natureza, metodologia (métodos-modalidades de pesquisa, procedimentos metodológicos, instrumentos) e resultados da pesquisa. Essas variáveis são empregadas como critérios para inferir os aspectos da pesquisa científica que de alguma forma contribua para um melhor entendimento do objeto da presente investigação. A apresentação segue a sequência cronológica de 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.

O artigo intitulado “A práxis no PROEJA: reflexões sobre as relações sociais capitalistas e a formação humana integral” dos autores Zen e Oliveira (2018) teve por objetivo analisar a práxis filosófica de estudantes e docentes de uma turma do Curso de Segurança do Trabalho (CST) do Instituto Federal do Espírito Santo, a partir do exercício crítico sobre as relações sociais capitalistas. Em termos metodológicos, a pesquisa é aplicada, com método de abordagem materialismo histórico-dialético tendo como modalidade principal “Análise de Conteúdo” (Bardin, 1977) e Franco (2015). Em termos de procedimentos, a pesquisa teve como participantes 14 estudantes e 07 docentes do curso. Os dados foram gerados pela

observação participante no semestre letivo 2014/2 e 2015/1. Os resultados da pesquisa indicam que:

a) é necessário repensar a função social da filosofia e seu lugar na educação em específico no PROEJA;

b) nem todas as disciplinas efetivam e trabalham a práxis filosófica e isso fragiliza a formação integral já que inviabiliza gerar temas da realidade social, entre elas a terceirização e o desemprego;

c) a filosofia como práxis possibilita aos estudantes refletirem uma práxis filosófica que contribui para o processo de formação humana integral.

A dissertação intitulada “Trajetórias laborais e formativas dos educandos do PROEJA”, de Coelho (2019), investiga a temática da EJA-EPT com o objetivo de compreender as percepções acerca do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e egressos, concluintes e não permanentes do Curso Técnico em Panificação Integrado ao Ensino Médio, na modalidade EJA-EPT, ofertado pelo Instituto Federal de Goiás (IFG). A metodologia é pesquisa aplicada, assumindo a abordagem dialética. A modalidade principal é o estudo de caso. Em termos de procedimentos aplicou-se questionários e entrevistas a 03 estudantes egressos, 02 concluintes e 18 estudantes que não concluíram o curso entre 2013 e 2017. Para a sistematização do *corpus* para a análise foram utilizados questionários e entrevistas semiestruturadas direcionadas aos estudantes. Os resultados demográficos indicam que: a) 33% se declaram homens, 55,5% mulheres, 11% homossexuais; b) Conforme sistema acadêmico entre 2013 a 2017, 55 estudantes tinham entre 18 a 29 anos, 18 entre 30 a 45 anos e 8 entre 46 a 59 anos; c) todos se declararam pardos; d) 40% declararam serem casados, 50% solteiros e 10% outros tipos de relações afetivas.

Quanto a questões socioeconômicas levantados pelo questionário: a) dos estudantes, 3 trabalham de carteira assinada, 3 microempresários, 3 autônomos, 1 servidor público, 2 desempregados, 2 empregados em contrato temporário e estuda somente; b) 27% declaram renda entre 3 a 6 SM, 73% declaram renda entre 1 a 3 SM.

Referente a questões educacionais: a) pelo sistema acadêmico, 69% dos estudantes evadiram o curso entre 2013 a 2017, 20% estão matriculados, 2% concludentes, 1% transferido, 5% cancelamentos e 3% concluíram o curso; b) motivação para escolher o curso 15% qualificação profissional, 10% Ensino Médio e formação profissional, 10% qualidade no ensino, 5% aperfeiçoamento, 10% negócio próprio, 20% afinidade, 5% próximo a residência, 20% não tinha outra opção e 5% pensava ser o curso mais abrangente; c) perspectivas dos

estudantes 27% ter uma profissão, 27% concluir o Ensino Médio, 6% conseguir/manter emprego, 27% negócio próprio e 13% outros; d) 73% dos estudantes não alcançaram o ensino superior e 27% alcançaram o ensino superior; e) escolaridade dos pais 26% possuem educação básica completa, 13% possuem ensino médio incompleto, 14% dos pais não têm instrução e 7% das mães não têm instrução e 7% dos pais têm ensino superior e 13% das mães tem especialização; f) todos declararam possuir computador; g) 46% declaram excelente as aulas ofertadas pelos os docentes, 27% declaram razoáveis e 27% declaram ser boas; h) 42% dos estudantes declaram que não tinham dificuldades com português e química, 32% em matemática e 26% em física; i) 53% declaram dificuldades na aprendizagem por falta de preparo nas séries anteriores, 27% conteúdo difícil por natureza, 7% muito tempo fora da escola, 7% nenhuma dos mencionados e 6% falta de compromisso; j) 40% declaram entender biologia e matemática, 33% Língua portuguesa e 27% história e geografia; k) 60% declaram que as atitudes ideais dos docentes é de explicar novamente o conteúdo, 20% que modifique o jeito de explicar e 20% sejam compreensíveis; l) 34% declaram que a aula ideal deveria ser expositiva, 33% com materiais didáticos diversos, 13% atividades em grupo, 13% realize atividades em sala de aula sobre o conteúdo e 7% textos para ler e debater em sala de aula; m) 80% declaram que o curso tem a mesma prioridade na instituição, 13% declaram que têm menor prioridade e 7% dos pesquisados declaram maior prioridade.

A tese intitulada “Percurso de mulheres no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)”, de Fontella (2019), investiga a temática EJA-EPT. A pesquisa teve por objetivo compreender como e em que medida as relações sociais de gênero e a reprodução do papel social feminino na sociedade atual influenciam nas trajetórias escolares de egressas do Curso Técnico em Recursos Humanos do *Câmpus* Restinga do IFRS. A metodologia é de natureza aplicada, a abordagem é dialética, o procedimento é qualitativo e a modalidade principal o estudo de caso.

O questionário foi enviado por e-mail a 36 egressas que ingressaram entre 2012 e 2014. Destes 36 questionários enviados, 17 egressas responderam perguntas abertas. Os dados de análise dos dados foram gerados de questionários e entrevistas e de documentos institucionais como diário de classe e fichas de matrículas. Pela análise do sistema acadêmico os resultados indicam que: a) a taxa de evasão e retenção em 2019 foi elevada no curso; b) as mulheres têm maior taxa de conclusão no curso em relação aos homens, das 156 mulheres que ingressaram no curso desde sua criação, 71 concluíram o curso, enquanto que dos 48

ingressantes masculinos apenas 11 concluíram o curso; c) o curso é composto na sua maioria por mulheres, solteiras e com filhos, que residem no bairro Restinga; d) maioria das mulheres vivenciam vulnerabilidades socioeconômicas e o acesso ao curso nessa modalidade é uma forma de buscar melhores condições de vida e de qualificação para o mundo do trabalho; e) dos estudantes do curso 49% estão entre 20 a 30 anos, sendo que em média, as mulheres têm 32 anos, e os homens 26 anos, demonstrando que as mulheres levam mais tempo para acessar o direito ao estudo; f) quanto ao questionário enviado a 36 egressas do curso, 17 responderam e a média de idade entre elas foi de 36 anos; g) quanto ao estado civil das pesquisadas, mais da metade são mães solteiras, com três ou mais filhos.

A dissertação da autora Balsamo (2020), intitulada “Um olhar sobre a inclusão das mulheres no Curso Técnico Integrado em Agropecuária no Instituto Federal de Farroupilha-Câmpus São Vicente do Sul”, investiga o tema das mulheres no Curso de Agropecuária e as consequentes construções das desigualdades de gênero na sociedade brasileira. O objetivo da pesquisa foi verificar como está ocorrendo a inclusão das mulheres no curso. A pesquisa teve como público as docentes do curso, as estudantes e ex-estudantes e uma enfermeira do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS). A pesquisa é de natureza aplicada e a metodologia é de abordagem dialética e o método de procedimento é qualitativo, a modalidade principal é o estudo de caso.

Os dados foram gerados por duas fontes: documentos institucionais e questionário semiaberto enviado por e-mail às pesquisadas. Para isso, foram enviados 105 questionários com quatro questões fechadas e três questões abertas para estudantes do segundo e terceiro ano do curso de Agropecuária e 16 questionários para ex-estudantes do curso. Deste total, 27 questionários foram respondidos por estudantes e 08 respostas de ex-estudantes, totalizando 35 participantes. Quanto às docentes foram enviados 9 questionários e 03 responderam as questões e a enfermeira respondeu ao questionário com 01 questão aberta a respeito do trabalho realizado no NUGEDIS.

A análise dos dados foi realizada a partir de Análise Textual do Discurso (ATD) de Moraes e Galiazzi (2016 *apud* Balsamo, 2020). Os resultados indicam que: a) aumento do número de mulheres no intervalo de 10 anos conforme dados estatísticos; b) das pesquisadas 97% consideram o curso machista; c) das pesquisadas 63% confirmaram ter passado por preconceito ou constrangimento; d) 83% das pesquisadas confirmaram conhecer alguém que foi constrangido e que passou por preconceito; e) apesar da cultura machista, do discurso de diferenciação biológica entre os sexos e da relação patriarcal, 94% das pesquisadas se sentem

bem fazendo o curso f) a oferta do NUGEDIS promove o respeito e a valorização de todos a partir de debates com atividades de forma individual com acolhimento, orientações, e encaminhamentos e de forma coletiva por divulgação, sensibilização e formação de estudantes e docentes. O resultado da pesquisa com as docentes apresenta dificuldades em expor suas vivências e opiniões sobre o assunto.

A dissertação da autora Gusmão (2020), intitulada “Política e trabalho pedagógico da EJA-EPT: Olhares sobre o Curso Técnico em Cozinha do Instituto Federal Farroupilha Câmpus de São Borja/RS”, investiga a temática educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional Tecnológica a partir dos discursos dos estudantes. A pesquisa teve por objetivo analisar as políticas da EJA-EPT e o trabalho pedagógico no Curso em Cozinha do Instituto Federal de Farroupilha, *Câmpus de São Borja*. Em relação à metodologia, a pesquisa é de natureza aplicada, com método de abordagem dialética, o método de procedimento qualitativo. Em termos de modalidades de pesquisa, a modalidade principal da dissertação é a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e as modalidades secundárias quanto à natureza da sistematização dos dados foram análise documental, aplicação de questionários e a realização de grupo focal. Já as pesquisas secundárias quanto aos objetivos foram exploratórias e descritivas. Em termos de procedimentos metodológicos, a pesquisa é transversal e ocorreu no *Instituto Federal Farroupilha Câmpus de São Borja/RS*, os participantes da pesquisa foram 09 estudantes do Curso Técnico Cozinha e 05 egressos do Curso Tecnólogo em Gastronomia. Em termos de instrumentos/técnicas para a sistematização do *corpus* para a análise dos dados, foram utilizados questionários com 18 questões semiestruturadas.

O resultado do questionário descreve que: a) quanto à idade dos pesquisados 44,4% estão entre 31 a 40 anos, 33,3% entre 22 a 30, 11,1% entre 41 a 50 e 11,1% mais de 50 anos; b) quanto à etnia 77,8 % se declaram brancos e 22,2% pardos; c) referente ao gênero dos 9 pesquisados, 08 se declaram do gênero feminino e 01 do gênero masculino; d) quanto ao estado civil dos pesquisados 04 se declararam solteiros, 01 separado, 01 em união estável e 03 casados; e) referente à renda familiar, 01 pesquisado declarou renda abaixo de um salário mínimo, 01 pesquisado declarou viver com 01 salário mínimo, 04 pesquisados declararam renda entre 01 e 02 salários mínimos e 01 pesquisado declarou renda de 06 salários mínimos; f) quando se pergunta quanto tempo foi percorrido entre o ensino fundamental até o início do Curso Técnico em Cozinha varia entre 03 anos e 43 anos; g) quanto ao tempo de estudo e mundo do trabalho 66,7% declararam que estudam e trabalham, 22,2% informam que estudam e 11,1% estuda e trabalha esporadicamente.

A pesquisadora aplicou 10 questões no grupo focal com os estudantes, tendo como objetivo ter elementos para realizar a análise de conteúdo com os documentos institucionais, aplicados presencialmente no ano de 2019 com estudantes do 3º. ano e os egressos do CTC que cursam o Tecnólogo em Gastronomia. A escolha dos pesquisados do 3.º ano do curso CTC foi pelo fato de estarem concluindo o curso, já no caso dos egressos do curso de Tecnólogo em Gastronomia visou à resposta quanto ao desenvolvimento da formação voltada ao acesso ao ensino superior, como também quanto à verticalização do ensino na instituição. Os resultados deste grupo focal indicam que: a) a formação crítica é fundamental para que estudantes se posicionem sobre a Prática Pedagógica e o mundo do trabalho, a política da EJA-EPT, apresenta o “aspecto positivo das ações afirmativas para a permanência dos discentes”, previstas no Plano Plurianual Institucional - PPI da instituição, como apoio pedagógico e apoio dos docentes. No entanto, a pesquisa não especifica quais ações são desenvolvidas; b) quanto às ações desenvolvidas por gestores e professores comprometidos, a pesquisa aponta não ser suficiente para garantir o acesso ao percurso formativo e que é importante garantir meios para que esse público excluído do espaço formativo possa acessar a EJA-EPT, permanecer e concluir o curso; c) a formação continuada dos docentes é importante para atuar na EJA-EPT e deve ser priorizada para que os profissionais se identifiquem com essa política; d) o alinhamento entre os fundamentos político-pedagógicos norteiam a política do curso e o PPI institucional e o PPC do CTC indicam a verticalização do ensino, o IFFar *Câmpus São Borja* para a formação continuada com a oferta do CTC na modalidade EJA-EPT e Tecnólogo em Gastronomia. A formação continuada de estudantes, é ofertado por Especialização em EPT Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA - PROEJA, proporcionando o conhecimento sobre a EJA-EP

Silva e Agapito (2021), no artigo “Mães-estudantes: A luta pelo direito à educação” teve como objetivo *compreender os desafios para o acesso e permanência em instituições de ensino superior público e privado de Joinville/SC e se há políticas públicas que amparem esse público*. Quanto à metodologia da pesquisa é aplicada, a investigação da pesquisa é de levantamento bibliográfico e exploratória realizadas entre 2000 a 2020. A pesquisa utilizou como instrumento o questionário online no ano de 2021 com 20 questões abertas e fechadas, via Google Forms, com 35 mães-estudantes na cidade de Joinville/SC. A análise dos *corpus* dos dados, na qual se utiliza o instrumento de coleta de dados do questionário aplicado no mês de março de 2021. Os resultados mostram que: a) 97,1% das pesquisadas declararam residir na cidade de Joinville; b) referente à etnia, 31,4 % se declara parda, quanto 68,6% se

declara branca; c) a faixa etária das participantes é de 51,4 % entre 30 e 39 anos, 31,4 % entre 20 e 29 anos, 14,3 % entre 40 e 49 anos e apenas 2,9 % na faixa etária de 50 anos ou mais; d) quanto ao estado civil, 42,9 % se encontram casadas, 37,1 % está em união estável, 17,1 solteiras e 2,9 divorciadas; e) 48,7% das pesquisadas tem 01 filho, 40,0% possuem 02 filhos, 8,6% 03 filhos e 2,9% 4 ou mais filhos. A idade dos filhos das pesquisadas está entre 0 a 12 anos que residem com as 35 pesquisadas, 27 responderam que não recebem pensão alimentícia; f) das pesquisadas 42,9% são provedoras com renda entre 02 a 04 salários mínimos, 20% de 01 a 02 salários mínimos, 13,3 % de 04 a 10 salários mínimos e outros 13, 3% com renda menor que um salário mínimo; g) das mulheres que não são provedoras do grupo familiar 57,1% tem como renda de 01 a 02 salários mínimos, 30% de 02 a 04 salários mínimos, 25% de 04 a 10 salários mínimos, 5% tem renda de 10 a 20 salários e 5% têm menos de 01 salário mínimo; h) a quantidade de pesquisadas matriculadas em instituições privadas e a carência de instituições públicas na cidade, já que são 03 instituições públicas e 15 privadas; i) sobre o ingresso no ensino superior por meio de políticas públicas ou ações afirmativas, 28 pesquisadas afirmam que não acessam as ações afirmativas e 07 responderam que acessam ações afirmativas.

O artigo intitulado “Estudantes do PROEJA: de percursos negados a outras possibilidades”, de Gomes, Freitas e Marinho (2022), investiga a temática PROEJA e teve por objetivo conhecer e compreender os perfis demográficos, socioeconômicos e educacionais dos estudantes do PROEJA do Instituto Federal de Alagoas, especificamente nos Cursos Técnicos em Cozinha e Hospedagem. A metodologia da pesquisa é aplicada, com abordagem dialética e com procedimento quali/quantitativo. Foram entrevistadas 63 estudantes de ambos os cursos, os resultados da pesquisa apontaram que a) 16 estudantes são do sexo masculino e 47 estudantes do sexo feminino, b) 86,7% dos entrevistados são do interior do Estado do Alagoas; c) 42,9% entre 26 e 32 anos; 38,1% entre 19 e 25 anos; d) 61,9% pardos, 20,6% branca e 15,9% pretas; e) 61,3% solteiros, 33,9% casados, 3,2% divorciados/separados; f) 78,3% declaram residir em casa ou apartamento e 13,7% declaram residir em outras situações; g) n.º de pessoas residentes 27,4% até cinco pessoas, 24,2% mais de 6 pessoas e 3,2% residem sozinhas; h) 27,4% tem 2 filhos, 21% tem 1 filho, 17% tem 3 filhos e 27,4% não tem filho.

Quanto a questões socioeconômicas: a) ocupação dos pais dos entrevistados, 56,5% do Curso de Hospedagem e 37,7% Curso Cozinha declararam que os pais trabalham na agricultura, em fazendas ou pesca; b) 95,7% dos estudantes ou familiares participam do Programa Bolsa Família; c) 62,9% tem renda de até 1 salário mínimo, 21% até 2 SM e 11,3%

acima de 2 SM; d) idade que começaram a trabalhar, 38,9% declararam que nunca trabalharam enquanto estudavam, 18,5% iniciaram antes dos 14 anos e 16,7% iniciaram após os 18 anos; e) 82,1% declararam não ter qualificação para a própria profissão que exercem, 51,7% tinham menos de um ano de serviço, 27,6% declararam ter mais de 4 anos de serviço e 13,8% declararam ter entre 1 e 2 anos de serviço.

Questões educacionais: a) idade que deixaram de frequentar a escola: 41,5% entre 15 e 18 anos, 22,6% entre 10 e 14 anos e 1 discente declarou não ter frequentado escola em período regular; b) 27,1% passaram mais de 11 anos para terminar o ensino fundamental, 16,9% passaram 10 anos e 16,9% passaram 8 anos; c) deixaram de frequentar a escola em idade própria: 15,2% relataram o trabalho como justificativa, 36,4% casamento e filhos, 7,85% outras razões, 3,04% escola que frequentavam ruim, 1,45% não havia apoio familiar, 33,20% discriminação na escola ou não havia escola perto e 33% não responderam.

Moura (2023) apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), “A travessia das mulheres estudantes-mães da Universidade Federal de Pernambuco – Câmpus Acadêmico do Agreste”, com o objetivo de investigar a trajetória de estudantes-mães com objetivo de compreender os aspectos significativos das estudantes- mães dos cursos noturnos da UFPE a respeito da relação entre a maternidade e universidade considerando a assistência estudantil na sua permanência e conclusão nos cursos. A pesquisa é de natureza aplicada e a metodologia de abordagem é dialética, o método de procedimento é qualitativo, a modalidade principal do TCC é o estudo de caso, o instrumento de coleta de dados foi questionário semiaberto com 23 questões enviadas pelo Google Forms. Quanto à modalidade secundária a natureza da sistematização dos dados e consulta de documentos institucionais. A análise dos dados foi realizada a partir de Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e a pesquisa secundária quanto aos objetivos foi explicativa. Quanto aos resultados apresentados, Moura (2023) destaca: a) a presença de mulheres em cursos de licenciaturas permite refletir a relação do cuidar e do trabalho doméstico às mulheres; b) que havia ainda em 2023 ingressantes dos anos de 2010 e 2016 nos cursos; c) as mulheres casadas ou em união estável cursando indicam que há dificuldade de estudantes-mães solo ocuparem os espaços formativos; d) a responsabilidades com os filhos são dadas socialmente ao gênero feminino apontando dificuldades das estudantes-mães de ter tempo para o ensino e aprendizagem; e) quanto à etnia 57,1% das pesquisadas se declararam pardas, outras 28,6% se consideram brancas e 14,3% pretas; f) das pesquisadas 50% declarou estar empregada e 50% sem vínculo empregatício.

Nesta seção (2.3), *revisão bibliográfica do objeto de pesquisa*, estão apresentadas as pesquisas de Zen e Oliveira (2018), Coelho (2019) e Gusmão (2020), as quais abordam os princípios e conceitos da EPT e discorrem sobre como as práticas pedagógicas apresentam espaço para trabalhar os conceitos da EPT de forma crítica e reflexiva para que a aprendizagem possa permitir o sucesso e progressão no percurso formativo e do mundo do trabalho. As pesquisas de Silva e Agapito (2021), Gomes, Freitas e Marinho (2022) e Moura (2023) abordam os desafios das condições estruturais do modo capitalista infere no acesso, permanência e conclusão dessa modalidade de ensino e como a aprendizagem é fragilizada por determinantes estruturais. Por fim, Fontella (2019) e Balsamo (2020) discorrem como as relações de gênero e sua reprodução nas relações sociais refletem nas trajetórias formativas apresentado muitos desafios e limitações para conciliar trabalho, família e estudos que diretamente afetam o direito a uma formação politécnica.

Em suma, foram encontrados pontos convergentes nas pesquisas selecionadas, pois apresentam e abordam aspectos relativos à formação integral e como os desafios para a aprendizagem na modalidade EJA-EPT Ensino Médio Integrado se apresentam de diversas formas. As categorias como trabalho, educação e sociedade interconectam de forma histórica e social e essa interação humana afeta o trabalho para a sobrevivência do indivíduo, como também afeta a aprendizagem. Mesmo esse indivíduo não trabalhando, ele pode ser excluído do que socialmente é produzido, sendo, portanto, afetado nas desigualdades sociais e no processo de aprendizagem para acessar a formação integral.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo está organizado em: (3.1), Método da pesquisa; (3.2), Modalidade de pesquisa;(3.3), Procedimentos metodológicos; (3.4) Instrumentos de pesquisa;

A efetivação prática desta pesquisa, com a aplicação dos instrumentos, iniciou após a obtenção do protocolo/parecer número 7.023.295 de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, via Plataforma Brasil, conforme a Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional Saúde (Brasil, 2012) e Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional da Saúde (Brasil, 2016). No âmbito da pesquisa, a pesquisadora principal se comprometeu a manter todos os documentos e dados organizados em arquivo pelo período de cinco anos após a conclusão da pesquisa, em conformidade com as respectivas legislações. Esta pesquisa transversal ocorreu pela aplicação dos instrumentos questionário e entrevistas no ano de 2024-2.

Para melhor visualização, segue o quadro (3), como o desenho da pesquisa com base em Severino (2008):

Quadro 3 - Desenho desta metodologia de pesquisa

(continua)

3.1 Métodos de pesquisa	3.2 Modalidades de pesquisa	3.3 Procedimentos metodológicos	3.4 Instrumentos de pesquisa
3.1.1 Método de abordagem: Materialismo histórico-dialético	3.2.1 Modalidade principal: Estudo de caso	Local de pesquisa: IFSC- <i>Campus-Florianópolis-Con</i> tinente	Instrumentos e materiais: Questionário (objetivo específico (a) aplicado ao grupo (1) Entrevista (objetivo específico © aplicada ao Grupo (1) Grupo (2) Grupo (3) Grupo (4) Materiais: PPC Ensino Médio Integrado EJA-EPT Cozinha (objetivo específico (b); PPC Ensino Médio Integrado EJA-EPT Panificação (objetivo específico (b);

Quadro 3 - Desenho desta metodologia de pesquisa

(conclusão)

3.1 Métodos de pesquisa	3.2 Modalidades de pesquisa	3.3 Procedimentos metodológicos	3.4 Instrumentos de pesquisa
3.1.2 Método de procedimento: Qualitativo	3.2.2 Secundárias relativas a natureza e constituição do corpus de análise: a) bibliográfica; b) documental; c) campo	Sujeitos: Grupo (1) Estudantes-mães Grupo (2) Docentes Grupo (3) Coordenador (a) do Curso Grupo (4) Assistente Social	Etapas do processo de investigação;
	Secundárias relativas ao objeto da pesquisa: a) exploratória; b) descritiva; e c) explicativa-analítica	Variáveis externas (descritas item 3.3.3.1) Variáveis internas: Trabalho como princípio educativo Pesquisa princípio educativo	Riscos e benefícios dos sujeitos da pesquisa;
			Critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos

Fonte: Elaborado pela autora.

3.1 Método da pesquisa

Para Minayo (2013, p. 16), a pesquisa é “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade”. Para a autora, a pesquisa sustenta “a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Por essa razão, enquanto prática teórica a pesquisa está vinculada ao pensamento e à ação. Em convergência com a autora, Gil (1999, p. 17), coloca que a pesquisa é “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Nesse sentido, considera-se o conteúdo da Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), ao afirmar que se faz necessário “utilizar métodos apropriados para responder às questões estudadas, seja por meio de pesquisa qualitativa, quantitativa ou uma abordagem quali-quantitativa”. Para a Norma Operacional Conselho Nacional Saúde n.º 001 de 2013, item 3.4.1.8,

Método a ser utilizado: descrição detalhada dos métodos e procedimentos justificados com base em fundamentação científica; a descrição da forma de abordagem ou plano de recrutamento dos possíveis indivíduos participantes, os métodos que afetem diretamente ou indiretamente os participantes da pesquisa, e que possam, de fato, ser significativos para a análise ética (Brasil, 2012).

O método de pesquisa é uma ação sistemática de investigação que tende a validar um estudo científico, tendo como direção assegurar a validade e autoridade do objeto a ser estudado.

Diante do exposto, a subseção evidencia que a pesquisa, enquanto fundamento científico, é essencial para a construção do conhecimento e a apreensão da realidade, alinhando-se tanto à reflexão teórica quanto à aplicação prática. Com base no referencial teórico-metodológico apresentado, no que se refere as estudantes-mães e a aprendizagem é afetada pela sobrecarga da tripla jornada (estudos, maternidade e trabalho) exige desta pesquisa uma abordagem sensível que visa responder à complexidade dessa realidade. Desta forma, ao optar por uma pesquisa qualitativa, utilizando a aplicação de questionário e entrevistas semiestruturadas com agendamento que prioriza a adaptação à realidade das participantes, alinhando-se rigorosamente tanto com o preceito ético da Resolução 466/2012 (Brasil, 2012) quanto com a necessidade científica de capturar significados e experiências subjetivas.

Conforme destacado pelos autores, trata-se de um processo metódico e racional, orientado a solucionar problemas e atualizar o conhecimento. Nessa perspectiva, a escolha do método, seja qualitativo, quantitativo ou misto, deve seguir rigorosos critérios éticos e científicos, conforme estabelecido pela Res. 466/2012 e pela Norma Operacional de Saúde (Brasil, 2012), as quais reforçam a necessidade de transparência, justificativa metodológica e respeito aos participantes. Assim, a metodologia configura-se para assegurar a credibilidade e a relevância da investigação, garantindo que os resultados obtidos reflitam, de fato, a complexidade do objeto estudado.

Esta seção está organizada em: (3.1.1), Método de abordagem e (3.1.2), Método de procedimentos.

3.1.1 Método de abordagem

Para Gil (1999, p. 56), o método de abordagem se aplica e transcende o procedimento qualitativo, pois não se limita à descrição ou interpretação dos fatos sociais, e sim, busca

compreendê-los em sua totalidade histórica e contraditória articulando a teoria e a prática para transformar a realidade. Assim, sendo para compreender a trajetória de vida interrompida e retomada das estudantes-mães, a modalidade EJA-EPT exige um método que vá além da descrição, capturando as contradições de conciliar os papéis impostos pelo capital revelando como a EJA-EPT se torna um instrumento de transformação de suas realidades.

Prodanov e Freitas (2013) discorrem que o método de abordagem é estratégia empregada na pesquisa científica, com diretrizes específicas ou abrangentes tendo como objetivo obter conclusões embasadas em princípios científicos. Sendo o método de abordagem o aspecto científico da investigação, o intento é responder questões levantadas por hipóteses “mediante a aplicação do método científico”. Para os autores, “a pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 43). As respostas levantadas pelas hipóteses “podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa”. Sendo assim, a teoria serve como ponto de partida para a investigação da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 43).

O método de abordagem proposto neste estudo é o *materialismo histórico-dialético*. A premissa desse pressuposto, conforme Marx e Engels (2019), é que o conhecimento científico se forma a partir da prática social humana, em que a vida social se desenvolve, se torna mais complexa pelas relações contraditórias, pelas condições sociais e culturais. Ao utilizar métodos científicos nas pesquisas, a sociedade vai identificando as contradições, e nesse processo dialético fundamenta a identificação de opostos que divergem e evoluem influenciando e transformando a realidade.

Em conformidade, Severino (2008, p. 116), discorre que o método dialético “vê a reciprocidade sujeito/objeto eminentemente como uma interação social”. Para o autor, os processos sócio-históricos da sociedade vão se tornando complexos, se modificam e exprimem propósitos e interesses antagônicos. A utilização dessa abordagem permite entender o contexto social de forma crítica e reflexiva, identifica as contradições e desafios presentes na realidade social investigada que são das estudantes-mães da EJA-EPT.

O intuito deste método está relacionado a buscar entender como os dados dos fatos se fundamentam com explicações científicas das contradições históricas e sociais da sociedade. A pesquisa prioriza a práxis humana, já que a ação social e histórica se guia pela intencionalidade, pois é na realidade que se constroem as relações humanas dirigidas por transformar a existência coletiva. Aponta Pasqualini e Martins (2015, p. 363) que o método

do materialismo histórico-dialético emerge dos fundamentos estabelecidos por Marx, tendo como base de estudos os princípios da lógica dialética por Hegel, o qual “visa à captação e reprodução do movimento do real no pensamento. Partindo do pressuposto da primazia ontológica do real, o que significa reconhecê-lo como existência *em si*, o conhecimento humano é entendido como uma reconstrução da realidade objetiva da sociedade capitalista.

Dito de outra forma, para Oliveira (2001, p. 2), para que ocorra esse processo é importante abarcar como constitui o ser humano em sua singularidade, ou seja, o indivíduo singular “é uma síntese complexa em que a universalidade se concretiza histórica e socialmente, através da atividade humana que é uma atividade social”. Nesse sentido, para a autora,

A essência humana é um produto histórico-social e, portanto, não biológico e que, por isso, precisa ser apropriado e objetivado por cada homem singular ao longo de sua vida em sociedade. É, portanto, nesse vir-a-ser social e histórico que é criado o humano no homem singular (Oliveira, 2001, p. 2).

Para Oliveira (2001, p. 2), essa relação é complexa, já que a singularidade não constitui em si, mas, sim, numa relação dialética entre o singular particular-universal. Enquanto tal, “compreender essa complexidade da universalidade que se concretiza na singularidade, numa dinâmica multifacetada, através das mediações sociais – a particularidade” (Oliveira, 2001, p. 2) estabelece que se atente para o fato de que na relação do indivíduo na totalidade carece ser compreendida na relação do indivíduo com o gênero humano.

Nessa relação, conforme Pasqualini e Martins (2015, p. 363), “a mediação não é pensada como produto ou resultado, nem como soma, homogeneização ou equilíbrio”. Em outras palavras, “a mediação deve ser pensada como processo, que tem por referência, ao contrário, a diferença, a heterogeneidade e o desequilíbrio” (Pasqualini; Martins, 2015, p; 363) já que proporciona dois polos opostos que “preserva e ao mesmo tempo modifica as coisas”. Dentro dessa discussão, os autores apontam que é preciso “considerar que o singular e o universal coexistem no fenômeno”, e que a relação singularidade significa que o indivíduo, ao mesmo tempo, porta uma particularidade, que o difere dos outros seres humanos, e ao mesmo tempo possui uma generalidade que o torna ser humano. Ou seja, esse processo revela “como a universalidade do gênero humano” expressando e concretizando a singularidade do indivíduo. (Pasqualini; Martins, 2015, p. 366).

Para Oliveira (2001) as relações objetivas que historicamente se concretizam na sociedade por meio do trabalho conduz os indivíduos a se apropriarem do real/concreto para se tornarem sujeitos ativos. E nessa relação do indivíduo com a sociedade é o que se chama de particularidade. Por essa razão, a particularidade possibilita ao indivíduo realizar a mediação entre o singular e o universal, e como discorrem Pasqualini e Martins (2015, p. 366), “podemos dizer que o particular expressa a universalidade e condiciona o modo de ser da singularidade”. Os autores acrescentam que a essa “importância da particularidade na análise de um fenômeno está no fato de que ela representa mediações que elucidam os mecanismos que intervêm decisivamente no modo de ser da singularidade” (Pasqualini; Martins, 2015, p. 366), dando condições ao indivíduo compreender de forma concreta a universalidade na singularidade.

No entanto, para Pasqualini e Martins (2015) a relação indivíduo e totalidade não significa somente uma relação do indivíduo na sociedade, pois o desenvolvimento do gênero humano passa pela sociabilidade que possibilita a objetivação do ser genérico. Nesse sentido, outro elemento relevante é a universalidade, que não corresponde às características comuns a dados, objetos e/ou fenômenos em comum na relação entre uma coisa e outra. E que a universalidade está nas determinações gerais, na construção histórica formada nas relações da totalidade social, na realidade em si e no todo na referência da genericidade do indivíduo.

Pasqualini e Martins (2015, p. 370) discorrem que pensar na universalidade significa:

Que é necessário reconhecer o gênero humano como uma universalidade, analisando a relação do indivíduo (singular) com o gênero (universal). A universalidade do gênero é recriada em cada indivíduo, ou seja, ganha concretude na diversidade de singularidades. Ao mesmo tempo, ele se torna portador das propriedades humano-genéricas, tornando-se um representante ativo do gênero.

A relação dialética entre o singular-particular-universal como destaca Oliveira (2001, p. 9) é “uma questão ético-política”, pois busca compreender a realidade para transformá-la, isso para então ultrapassar o imediato do que se manifesta e pelo “processo ontológico da realidade humana e de como esse processo tem se efetivado” nas relações sociais de produção possam contribuir para alterar a realidade.

Ainda sobre o método *materialismo histórico-dialético*, Lima, Rosa e Silva (2019, p. 143) discorrem que para realizar pesquisas é necessário se atentar a três aspectos: estabelecer um problema, levantar o referencial teórico e a escolha metodológica e que é impossível separar esses aspectos, pois suas fases se “auto justificam, reforçando o caráter de

intercomplementaridade das etapas de uma pesquisa científica”. Em decorrência disso, é necessário compreender a relação singularidade-particularidade-universalidade para abordar a concepção histórica e social do homem na sociedade na sua complexidade.

Para os autores, o método de pesquisa desenvolvido por Marx está alicerçado na realidade, onde ocorrem as relações socioeconômicas e culturais, ou seja, é na realidade material que ocorrem os fenômenos, “é a partir desse pressuposto material que este método de pesquisa estabelece o princípio da verdade, pois se há uma concretude no mundo, então é possível conhecê-lo, pois possui uma estrutura” (Lima; Rosa; Silva, 2019, p.151). Desse modo, é na realidade cotidiana e nas relações sócio-históricas que o materialismo histórico-dialético encontra base para seu método.

Esta pesquisa adota o método de abordagem do materialismo histórico-dialético, buscando compreender a realidade das estudantes-mães a partir da análise e observação de suas condições sociais, históricas e culturais concretas. A aplicação desse método visa ir além da mera descrição ou interpretação dos fatos, aprofundando-se na totalidade histórica e contraditória do fenômeno investigado. Para isso, a realidade é analisada não como algo estático e isolado, mas como processo dinâmico por relações socioculturais e socioeconômicas em constante movimento e transformação.

Nesse sentido, o materialismo histórico-dialético é fundamental para desvendar a práxis da formação integral na EJA-EPT. Ao invés de se limitar a como essa formação se manifesta, a pesquisa busca entender os porquês das condições existentes e o potencial de intervenção dos indivíduos. Isso implica identificar as contradições das práticas pedagógicas e as forças que as impulsionam, fornecendo uma base sólida para propor soluções que considerem a complexidade das interações sociais e o compromisso com a emancipação dos estudantes.

Em síntese, conforme Gil (1999), o método de abordagem, o materialismo histórico-dialético, não se restringe a descrever fenômenos sociais, e sim, busca compreendê-los em sua totalidade histórica e contraditória, articulando teoria e prática para transformar a realidade. Essa perspectiva dialética, conforme Marx e Engels (2019) e Severino (2008), permite analisar os processos sociais em sua complexidade, identificando as contradições e mediações que constituem a dinâmica social. A pesquisa, portanto, não parte de questões abstratas, mas da realidade concreta das estudantes-mães, onde as relações humanas se desenvolvem em um movimento constante de transformação, guiadas pela práxis e pela intencionalidade histórica.

Além disso, como apontam Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa científica deve ser orientada por problemas concretos, cujas respostas são buscadas mediante a aplicação rigorosa do método. O materialismo histórico-dialético, adotado neste estudo, oferece um caminho metodológico que não apenas interpreta, mas também questiona e intervém na realidade, considerando a relação dialética entre singularidade, particularidade e universalidade (Oliveira, 2001; Pasqualini; Martins 2015). Dessa forma, a pesquisa não se limita a uma análise estática, mas busca desvelar as estruturas sociais que condicionam a formação integral na EJA-EPT, propondo-se a contribuir para uma práxis educativa emancipatória. Assim, o método sustenta-se não apenas como ferramenta de investigação, mas como instrumento de crítica e transformação social, alinhado aos princípios ético-políticos que orientam a construção de um conhecimento comprometido com a superação das desigualdades.

A seguir, na subseção (3.1.2), apresenta-se o método de procedimento.

3.1.2 Método de procedimento

Para Severino (2008), os métodos de procedimentos versam nas etapas mais peculiares e visíveis da pesquisa, o propósito é oferecer explicações minuciosas dos fenômenos em estudo para diminuir o nível de abstração. Para o estudo apresentado, optou-se por empregar o método de procedimento qualitativo que se baseia na apreensão de uma relação entre o sujeito e a realidade. Essa abordagem, para Prodanov e Freitas (2013), ocorre pelo contato entre o pesquisador e o ambiente onde se realiza a pesquisa, abarcando o mergulho profundo com a finalidade de estabelecer um diálogo com os investigados, a fim de serem apreendidos os aspectos subjetivos da relação objeto e sujeito.

Nesta pesquisa o procedimento qualitativo está em relação ao entendimento mais amplo sobre a percepção dos participantes da pesquisa acerca das variáveis selecionadas. O conteúdo qualitativo será gerado pelos instrumentos entrevistas aos pesquisados e questionário as estudantes-mães para apreender as particularidades que complementam as determinações que refletem a relação entre a realidade e o sujeito, de forma mais direta, como os participantes percebem como as práticas pedagógicas são constituídas pela teoria e prática para dar conta da formação integral dos estudantes trabalhadores, levando em consideração os princípios da EPT nos cursos em estudos. Ao abordar questões sensíveis como as estudantes-mães organizam a vida profissional, familiar e estudos poderá ser melhor

compreendido por meio dos questionários e entrevistas, enquanto procedimentos qualitativos, permite capturar questões dessas realidades.

Em resumo, esta pesquisa ao adotar a abordagem qualitativa, se alinha a perspectivas interpretativas que buscam compreender, em profundidade, as percepções dos participantes sobre as variáveis investigadas. Busca apreender as nuances entre teoria e prática em seus contextos reais na construção da formação integral, identificando as contradições e potencialidades na efetivação dos princípios da EPT nos cursos investigados.

A pesquisa adota o método qualitativo para aprofundar a compreensão das percepções dos participantes, conforme as diretrizes de Severino (2008) e Prodanov e Freitas (2013). Busca-se um mergulho na realidade, utilizando entrevistas aos quatro grupos e questionários as estudantes-mães para desvendar as particularidades da relação sujeito-objeto. Assim, investiga-se como as práticas pedagógicas se articulam à teoria e a prática, visando à formação integral dos trabalhadores estudantes nos cursos da EPT

Na sequência, em (3.2.1), apresenta-se a modalidade de pesquisa.

3.2 Modalidades de pesquisa

Esta seção está organizada em: (3.2.1) Modalidade principal da pesquisa; (3.2.2) Modalidades secundárias de pesquisa relativas à natureza e constituição do *corpus* de análise; (3.2.3) Modalidades secundárias de pesquisa relativas ao objetivo da pesquisa.

Conforme Severino (2008), as modalidades de pesquisa são as diferentes formas escolhidas pelo pesquisador para investigar de modo mais aprofundado o processo ou fenômeno da pesquisa. Em cada método de abordagem e procedimento é necessário realizar escolhas de modalidades de pesquisas que obedeçam a uma “coerência epistemológica, metodológica e técnica” (Severino, 2008, p.118), a fim de garantir o desenvolvimento da pesquisa de forma adequada.

3.2.1 Modalidade principal da pesquisa

A finalidade de investigar a pesquisa tem por objetivo compreender de forma sistemática os fatos ou fenômenos sociais. Sendo assim, o estudo da pesquisa segue como modalidade principal o estudo de caso. Colocado por Severino (2008, p. 121), estudo de caso “se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de

casos análogos, por ele significativamente representativo”. Segundo Gil (1999, p. 72-73), essa modalidade de pesquisa permite ao pesquisador estudar de forma profunda para compreender de forma ampla os fenômenos únicos de uma dada realidade.

Além disso, o planejamento do estudo de caso caracteriza-se pelo estudo aprofundado para “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” possibilitando apreender os conhecimentos mais amplos dos fenômenos individuais, sociais, organizacionais e culturais. Prodanov e Freitas (2013, p. 60), afirmam que o estudo de caso “é um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc.”.

Nesta pesquisa, como caso particular, significativamente relevante e representativo dentro do contexto educativo, destaca-se para investigação a prática pedagógica na perspectiva de formação integral, pelo olhar de quatro grupos de participantes de dois cursos de Ensino Médio Integrado à EJA- EPT: estudantes-mães, docentes, coordenador (a) do curso Cozinha e Panificação e assistente social. O estudo de caso procura compreender como os participantes percebem a relação teoria-prática para a formação integral.

Em síntese, o estudo de caso, central nesta pesquisa, visa aprofundar a compreensão da prática pedagógica na formação integral da EJA-EPT, conforme a representatividade destacada por Severino e Gil. Através da análise de quatro grupos de participantes (estudantes-mães, docentes, coordenação dos dois cursos e assistente social), busca-se desvendar como percebem a práxis pedagógica entre teoria e prática, mergulhando na complexidade dessa realidade educativa.

A seguir, na subseção (3.2.2) apresenta-se a modalidade secundárias de pesquisa relativas à natureza do corpus de análise.

3.2.2 Modalidades secundárias de pesquisa relativas à natureza e constituição do *corpus* de análise

Quanto à natureza e organização dos dados para a constituição do *corpus* de análise da pesquisa, conforme Severino (2008) elegeu-se três modalidades de pesquisa secundária para o estudo: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a pesquisa documental.

Para Severino, na pesquisa bibliográfica, os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos

analíticos constantes dos textos (Severino, 2008, p. 122). Sendo assim, a utilização da pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador utilizar dados empíricos ou categorias teóricas já realizadas por outros pesquisadores que confirmem a sustentação das hipóteses da pesquisa. Em acréscimo, a modalidade bibliográfica, como afirma Gil (1999, p. 65), "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Por fim, Prodanov e Freitas (2013, p. 102) colocam que as pesquisas bibliográficas "são dados disponíveis e que não foram coletados especificamente para o nosso trabalho em particular", mas que trazem informações das quais o pesquisador pode se servir nas diferentes etapas do trabalho de pesquisa.

Nesta investigação, os dados empíricos servem para refinar o objeto de investigação, contribuindo para sustentar a escolha dos aspectos metodológicos e para comparar os resultados encontrados acerca da formação integral bem como apreender como a aprendizagem se estabelece nas relações entre as práticas pedagógicas e ações concretas desse grupo de trabalhadoras estudantes-mães.

Em relação à modalidade de pesquisa secundária de campo, segundo Severino (2008, p. 123) "o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente" tendo por finalidade aprofundar uma realidade em particular, realizada por meio da observação direta das atividades do grupo, sem ocorrer a "intervenção e manuseio por parte do pesquisador." Nesta investigação, o campo se refere ao contexto educativo da EJA-EPT na Modalidade de Ensino Médio Integrado Cozinha e Panificação do IFSC, *Câmpus* Florianópolis-Continente.

E por fim, ainda dentro das secundárias quanto aos dados, elegeu-se a modalidade documental, que se fundamenta na análise de documentos. Para Severino (2008, p. 122-123), "tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais". Dentro dessa modalidade, nesta pesquisa, são selecionados os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) Modalidade de Ensino Médio Integrado Cozinha e Panificação. Buscou-se pela análise do conteúdo depreender informações que possam indicar como se estabelece a relação entre a relação teoria e prática para a formação integral desse grupo de trabalhadoras estudantes-mães.

Em resumo, a pesquisa constitui seu corpus de análise, utilizou três modalidades secundárias: a pesquisa bibliográfica, para a fundamentação teórica; a pesquisa de campo, focada na observação direta do contexto da EJA-EPT; e a pesquisa documental, com análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos. Essa combinação visa aprofundar a compreensão da

formação integral das estudantes-mães, conectando a teoria à prática observada e aos documentos oficiais.

Na subseção seguinte, (3.2.3), aborda-se modalidades secundárias de pesquisa relativas ao objeto da pesquisa.

3.2.3 Modalidades secundárias de pesquisa relativas ao objetivo da pesquisa

Seguindo o desenho de pesquisa de Severino (2008), no contexto das pesquisas secundárias, referentes ao objetivo da pesquisa, elegeu-se as pesquisas exploratória, a descritiva e a explicativa-analítica.

Pesquisa exploratória, de acordo com Severino (2008, p. 123), busca “levantar informações sobre determinado objeto”, procurando desta forma delimitar o campo de trabalho da pesquisa, delineando as condições de manifestação do objeto em estudo. Sendo assim, a pesquisa exploratória possibilita esclarecer as informações e conhecimentos sobre o assunto pesquisado. Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória permite observar o “tema por diversos ângulos e aspectos”. Para os autores, a pesquisa exploratória demanda levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas e com o problema pesquisado. Com isso, o pesquisador relaciona os fenômenos com bases fundamentadas na ciência para a compreensão do assunto que se investiga. Nesta investigação a exploração ocorre em relação aos diferentes aspectos que constituem o contexto pesquisado, entre os quais se observa aspectos do perfil e de percepção acerca do objeto e problema de investigação, também se explora dados documentais, como se coloca de forma mais ampla no decorrer do texto.

A pesquisa descritiva, segundo Severino (2008), busca identificar por meio da aplicação de diferentes técnicas decodificar de forma qualitativa e quantitativamente a pesquisa. Para Gil (1999, p 44), tem a qualidade de descrever determinada população ou fato onde se estabelece “relações entre variáveis, podendo classificar e padronizar as coletas de dados, como por exemplo, por questionários e entrevistas. Já para Prodanov e Freitas (2013, p. 52), a pesquisa descritiva permite ao pesquisador descrever o que “observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador” ao coletar os dados, “utiliza-se de técnicas específicas”, como por exemplo a observação. Nesta investigação os dados para organização do *corpus* de análise são sistematizados pela aplicação de instrumentos questionário e entrevista, bem como por conteúdos de

documentos/materiais institucionais. Esses dados são descritos de forma estatísticas², mesmo que alguns dados possam ser apresentados por gráficos e ou tabelas, eles não configuram dados estatísticos, por isso servem para sustentar abordagem de procedimento qualitativa.

Por fim, o uso da pesquisa explicativa possibilita aprofundar as informações coletadas em um determinado estudo de forma observável ou experimental, na tentativa de elucidar o contexto de um fenômeno dentro de um grupo. Segundo Severino (2008, p. 123), a pesquisa explicativa “além de registrar e analisar os fenômenos estudados” busca identificar as causas da pesquisa por “aplicação do método experimental/matemático.” Para Gil (1999, p. 42), esta modalidade de pesquisa, procura identificar fatores que contribuem para o fato pesquisado, ou seja, é um “tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Essa abordagem investigativa busca compreender o objeto ou problema, por meio da análise detalhada das relações entre seus elementos constituídos. Dentro desta modalidade, os dados gerados pelos instrumentos explicitados abaixo, são analisados a partir do referencial teórico apresentado, que tratam dos princípios da EPT e da Educação de Jovens e Adultos.

Como foi descrito acima, o desenho de pesquisa de Severino (2008), este estudo integra as modalidades, exploratórias, descritivas e explicativa-analítica para investigar o fenômeno em sua complexidade. A pesquisa exploratória delimita o campo e esclarece informações, enquanto a descritiva organiza os dados via questionários, entrevistas e documentos institucionais. A abordagem explicativa-analítica, por sua vez, aprofunda-se nas causas e relações dos elementos investigados, visando mais completa e fundamentada nos referenciais da EJA-EPT.

A seguir, na seção (3.3), apresenta-se os procedimentos metodológicos.

3.3 Procedimentos metodológicos

² Em acréscimo, ao se tratar de abordagem quantitativa de dados, esse termo “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.)” (Prodanov; Freitas, 2013). Ainda conforme Lakatos e Marconi (2021) quando se trata do termo quantitativo, este se relaciona ao tratamento de fatos ou fenômenos de forma objetiva por meio de dados mensuráveis empregando técnicas estatísticas de análise que possibilitam o emprego dos resultados de forma generalizada. Nesse sentido, pode-se ter dados quantitativos descritos em percentuais e não descritos estatisticamente, os quais subsidiam a relação dos dados qualitativos, sendo que, nesse caso, não se configura em uma pesquisa quanti-quali, mas apenas qualitativa.

Esta seção está organizada em: (3.3.1) Local da Pesquisa; (3.3.2) Sujeitos da Pesquisa; (3.3.3) Variáveis de pesquisa.

Os procedimentos metodológicos são estratégias e técnicas utilizadas pelo pesquisador (a) principal para sistematizar, descrever, analisar e interpretar dados na presente pesquisa. Portanto, os procedimentos metodológicos definem o processo pelo qual o (a) pesquisador (a) organizará e interpretará suas percepções e referenciais teóricos com rigor na seleção e avaliação dos métodos e técnicas.

3.3.1 Local de pesquisa

Na área do contexto educacional, a pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) - *Câmpus* Florianópolis-Continente, As participantes estudantes-mães, docentes, coordenações e assistente social do Curso Cozinha e Curso Panificação Ensino Médio Integrado na modalidade EJA-EPT (PROEJA). Os dados dos respectivos cursos são apresentados na descrição e análise documental.

A criação dos Institutos Federais de Educação de Santa Catarina – Florianópolis-Continente foram coletados segundo informações do sítio eletrônico da Instituição para atender as necessidades da cidade de Florianópolis. O histórico do *Câmpus* Florianópolis–Continente refere-se ao ano de 2003 onde a formação da “Comissão de Análise para Implementação de Cursos Básicos, Técnicos e Superiores de Tecnologia da área de Turismo e Hospitalidade” (CAICATH). Justificavam a necessidade de implementar cursos voltados à profissionalização do setor de turismo e hospitalidade em Florianópolis. O *Câmpus* tinha metas iniciais de qualificação e formação técnica dos trabalhadores que já exerciam funções nos setores de alimentos e bebidas, hospedagem, eventos e turismo, que exercem seu trabalho sem formação, ou com formação parcial”. Direciona-se também à educação de jovens e adultos e à educação profissional.

Em 6 de junho de 2006, a CAICATH entregou à direção do IFSC o Relatório Final, pois não havia sede própria para implantar os seus cursos e tão pouco, espaços físicos, nas instalações do antigo Cefet (atual *Câmpus* Florianópolis). No mesmo período apresentou-se um projeto que tinha em vista federalizar as escolas comunitárias. Construídas com dinheiro público e cedidas a instituições de ensinos privados. Com o projeto de uma unidade pronta, a então diretora do Cefet, solicitou ao MEC a federalização da Fundação Artes Culinárias e a

incorporação ao Cefet/SC para a criação da Unidade Continente, atual *Câmpus* Florianópolis – Continente do IFSC. Sendo então, a primeira escola comunitária federalizada no Brasil.

O espaço físico no Continente passou por reforma para iniciar seu funcionamento, além disso, foi realizado o primeiro concurso para admissão de servidores e definidos os aspectos dos primeiros cursos, dentro do eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer. No ano de 2007, tomaram posse os primeiros técnicos administrativos e docentes. Foi deliberada a oferta de cursos de qualificação profissional, ofertando 21 cursos, com ingresso por sorteio público e definido os primeiros cursos técnicos: o primeiro curso implantado foi de Hospedagem, depois de Cozinha, Serviços de Restaurante e Panificação. Esse processo possibilitou a criação do primeiro grupo de pesquisa, em “Alimentação e Hospitalidade”.

No ano de 2008, o *Câmpus* tornou-se IFSC com ampliação de laboratórios e implantação de vestiários. Também no referido ano ocorreu a primeira formatura do Curso Técnico de Hospedagem do *Câmpus*. O quadro de servidores aumentou em 2011 e foram ofertadas capacitações para melhorar as condições institucionais. Iniciou-se nesse ano os cursos técnicos em Guia de Turismo, curso Proeja técnico e cursos de qualificação profissional, alguns desses cursos ocorreram em parcerias com outras instituições e prefeituras da Grande Florianópolis.

Em resumo, a pesquisa foi realizada no IFSC - *Câmpus* Florianópolis-Continente, focando na EJA-EPT (PROEJA), especificamente no curso de Cozinha e no curso de Panificação. O *Câmpus*, fruto da federalização de uma escola comunitária em 2006, surgiu da necessidade de qualificação no setor de turismo e hospitalidade, expandindo-se para oferecer cursos técnicos e de qualificação profissional. Seu histórico demonstra a consolidação como um espaço fundamental para a formação de trabalhadores, incluindo a modalidade EJA-EPT, que integra o ensino médio à formação profissional.

Na próxima subseção, em (3.3.2), trata-se dos sujeitos da pesquisa.

3.3.2 Sujeitos da pesquisa

Na pesquisa em percurso, tem-se como participantes quatro grupos, sendo preservado sua identidade, foram utilizados códigos como:

Grupo (1): Este grupo foi formado por participantes estudantes-mães Curso Cozinha (EC1) e estudantes-mães Curso Panificação (EP1) nos respectivos cursos de Ensino Médio Integrado do *Câmpus* Florianópolis-Continente do IFSC, conforme Apêndice A.

Grupo (2): Este grupo foi formado por participantes docentes atuantes nos respectivos cursos de Ensino Médio Integrado do *Câmpus* Florianópolis-Continente do IFSC. A escolha dos docentes que participaram das entrevistas ocorreu por convite das coordenações dos cursos e a pesquisadora principal, já que devido à greve dos servidores federais do mês de abril de 2024 a julho de 2024

Como decorrência da greve os calendários acadêmicos do IFSC Mauro Ramos e IFSC Continente foram alterados e com isso, os docentes da formação propedêutica que ministram aulas no IFSC Mauro Ramos foram deslocados para o IFSC Continente. Decorrente disto, tanto os docentes propedêuticos quanto os docentes da formação técnica ministraram as aulas no mesmo espaço. Como eles se encontravam durante duas semanas juntos, as coordenações durante os intervalos das aulas apresentavam a pesquisadora principal aos docentes e desta forma explicava-se o projeto, os objetivos da pesquisa e realizava-se o convite para participar da entrevista. Durante essas duas semanas foi realizado o convite aos docentes de forma presencial e por Whatsapp, entretanto, devido à greve, a maioria dos docentes justificou não poder participar da pesquisa por estar com as diversas atividades escolares e aulas em diversas turmas.

Com isso, a pesquisa ocorreu com a participação de 5 (cinco) docentes, sendo dois docentes da formação técnica, sendo 1(um) do Curso Cozinha, identificado por disciplina da formação profissional (DFPC1) e 1 (um) docente do Curso Panificação, identificado por disciplina da formação profissional (DFPP1) e 3 (três) docentes da formação propedêutica, identificados por disciplina propedêutica (DP) para participar da entrevista, conforme Apêndice F.

Grupo (3): Este grupo é formado por participantes coordenador (a) do curso de Cozinha (CC1) e coordenador (a) do curso de Panificação (CP1) nos respectivos cursos de Ensino Médio Integrado do *Câmpus* Florianópolis-Continente do IFSC para participar da entrevista, conforme Apêndice I.

Grupo (4): Este grupo é formado por participante assistente social (AS) nos respectivos cursos de Ensino Médio Integrado do *Câmpus* Florianópolis-Continente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) para participar da entrevista, conforme Apêndice D - TCLE-Participantes Assistente Social.doc.

Em resumo, a pesquisa contou com quatro grupos de participantes no IFSC, *Câmpus* Florianópolis-Continente: estudantes-mães, docentes das formações técnicas e propedêuticas, coordenadores e a assistente social dos cursos de Cozinha e Panificação. A seleção das

estudantes-mães e docentes foi desafiadora devido à greve, mas garantiu a inclusão de diversas perspectivas sobre a formação integral.

A seguir, na subseção (3.3.3), apresenta-se as variáveis da pesquisa.

3.3.3 Variáveis da pesquisa

As variáveis são atributos que o pesquisador (a) determina como essenciais à pesquisa que trazem consigo elementos como nome, idade, gênero, escolaridade, renda entre outros elementos que atribuem classificação e valores na pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2021, p. 147), a variável “pode ser considerada como uma classificação ou medida; uma quantidade que varia; um conceito operacional, que contém ou apresenta valores”. Ainda que alguns conceitos não possam ter valores numéricos, eles podem ser categorizados e quantificados de maneira apropriada para adicionar qualidade e quantidade verificadas na pesquisa. Prodanov e Freitas (2013, p. 75) colocam que:

O que facilita a composição da revisão de literatura a que o pesquisador se propôs, tornando possível verificar a viabilidade e as limitações do estudo, com a indicação de suas variáveis e hipóteses da pesquisa e, conseqüentemente, a estipulação dos objetivos e a definição do método e dos processos a empregar no trabalho.

Sendo assim, as variáveis possibilitam examinar, avaliar e analisar criticamente o que foi estipulado como tema e objeto pesquisado. Como questão ou uma dúvida que exige respostas e proposições ao questionamento ao formular perguntas e ao levantar hipóteses as variáveis fazem com que o (a) pesquisador (a) adentre no conhecimento científico, buscando aprimoramento de seu estudo.

Nesta pesquisa selecionou-se dois grupos de variáveis: variáveis externas (independentes) relacionadas ao perfil das estudantes e variáveis categoriais internas relativas ao objeto de estudo, as quais orientam a elaboração dos instrumentos de pesquisa.

3.3.3.1 Variáveis externas relacionadas as participantes estudantes

As variáveis externas são apresentadas em três seções, conforme seguem:

Seção (1): Dados institucionais do perfil das estudantes Apêndice B - Questionário 1.

(Seção 1)

- a) Sexo;
- b) Idade;
- c) Cidade onde nasceu;
- d) Estado civil;
- e) Quanto tempo reside em Florianópolis
- f) Etnia/raça;
- g) Pessoa Portadora de Deficiência - PPC.

Esses dados são obtidos pela análise do questionário incluídos na seção (2), conforme segue:

Seção (2): Dados do perfil das estudantes: Apêndice B - Questionário 1.

(Seção 2):

- h) Quantos filhos tem;
- i) Idade dos filhos;
- j) Atualmente reside com quem;
- k) Situação de trabalho;
- l) Carga horária de trabalho;
- m) Renda mensal;
- n) Estudou no Ensino Fundamental;
- o) Quanto tempo ficou fora do ensino educativo;
- p) Escolha do curso;

Seção (3): Percepção das estudantes sobre a permanência-evasão do curso: Apêndice B - Questionário 1

(Seção 3):

- q) Conhecimento do curso;
- r) Leitura do Projeto Pedagógico do Curso;
- s) Causas da evasão do curso;
- t) Fatores que dificultam a permanência no curso;
- u) Expectativa após conclusão do curso;

3.3.3.2 Variáveis Internas relacionadas ao objeto de estudo

As variáveis categoriais internas relacionadas ao objeto de estudo são entendidas como:

a) Trabalho como princípio educativo

Dentro dessa variável, destaca-se algumas categorias que foram melhor observadas: cultura, ciência, tecnologia, ética e formação cidadã e trabalho. As bases conceituais que sustentam esta variável estão mais amplamente explicadas no referencial teórico.

b) Pesquisa como princípio pedagógico

A variável interna categorial pesquisa como princípio educativo é observada de modo geral pelas categorias: funções mentais superiores (objeto-problema de pesquisa, conhecimento científico, descrição, interpretação e análise dos resultados e proposta de intervenção para transformar a realidade em uma perspectiva mais justa e solidária); Linguagem (escrita de textos complexos normalizados, específicos da redação científica) e Domínio das tecnologias digitais de comunicação e informação para acessar, elaborar e compartilhar conhecimentos);

A sistematização dessas variáveis ocorre pela aplicação da entrevista semiestruturada aplicada as estudantes-mães, entrevista semiestruturada aplicada aos docentes e aos coordenadores e assistente social dos cursos. Posteriormente, os dados são cruzados com as variáveis externas, perfil das estudantes, para se ter uma melhor compreensão dos resultados encontrados.

Em síntese, a pesquisa emprega variáveis externas, como perfil das estudantes-mães, e variáveis internas, focadas no trabalho como princípio educativo (cultura, ciência, tecnologia, ética e formação cidadã) e na pesquisa como princípio educativo (funções mentais superiores, linguagem e tecnologias digitais). A coleta via questionário e entrevista semiestruturada permitiu o cruzamento dessas variáveis, buscando uma compreensão aprofundada da formação integral e da práxis pedagógica em relação à aprendizagem destas estudantes-mães.

Na sequência, em (3.4), apresenta-se os instrumentos de pesquisa.

3.4 Instrumentos de pesquisa

Esta seção está dividida em: (3.4.1) Instrumentos e materiais; (3.4.2) Etapas do processo de investigação; (3.4.2) Riscos e benefícios dos sujeitos da pesquisa; (3.4.3) Critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos.

3.4.1 Instrumentos e materiais

Para dar conta do objetivo geral desta pesquisa, os dados são sistematizados pelos seguintes instrumentos e materiais institucionais:

O primeiro movimento para a sistematização se deu pelo documento institucional, sendo que, para Severino (2008, p. 123), são documentos “os conteúdos dos textos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico”. A análise do conteúdo dos documentos Projeto Pedagógico do Curso de Cozinha³ e o Projeto Pedagógico do Curso de Panificação⁴ busca compreender em que medida as informações presentes no texto estão em relação com os princípios da EPT em termos de práxis pedagógica dos cursos citados. Com o conteúdo do material institucional foi possível depreender a relação entre os objetivos, perfil e competência e como reflete no processo de ensino e aprendizagem e na compreensão das pesquisadas sobre o conceito de trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo.

O *segundo instrumento* utilizado foi o questionário. Para Marconi e Lakatos (2021, p. 220), “a elaboração do questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade”. Em conformidade com os autores acima, Prodanov e Freitas (2013) discorrem que o questionário constitui instrumento para levantamento de dados primários que dão relevante notoriedade às descrições verbais, por isso o questionário deve ser simples e direto para que o participante possa ter clareza do que está sendo perguntado e as questões devem ser objetivas para não gerar respostas ambíguas.

O Apêndice B - Questionário 1 foi aplicado às participantes estudantes-mães dos dois cursos com o objetivo de depreender aspectos do seu perfil, bem como sua percepção acerca de aspectos relacionados aos princípios da EPT. Está proposto por *21 perguntas*, organizado em três seções: seção (1), composta por sete questões fechadas referentes aos dados institucionais do perfil das estudantes; seção (2), composta por nove questões fechadas que busca depreender dados do perfil das estudantes. Por fim, a seção (3), composta por cinco questões que buscam depreender a percepção das estudantes sobre a permanência-evasão do Curso de Cozinha e de Panificação.

O *terceiro instrumento* aplicado foi a entrevista que é uma ferramenta que possibilita investigar e estabelecer a relação do objeto de pesquisa com o tema proposto. Dispõe ao

³ EDUCAÇÃO de Jovens e Adultos: Cozinha. Cozinha. 2025. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/en/web/campus-florianopolis-continente/eja/-/visualizar/cozinha/Campus-Florianopolis-Continente/40/50/nuwcRIBUk14D>. Acesso em: 25 out. 2025.

⁴ EJA Técnico: Panificação. Panificação. 2025. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/en/eja-tecnico/-/visualizar/panificacao/Campus-Florianopolis-Continente/210/291/G07oMZoWw6r0>. Acesso em: 25 out. 2025.

investigado informar e conversar sobre determinado assunto. Para Marconi e Lakatos (2021, p. 213), “o objetivo principal de uma entrevista é a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. Para os autores a entrevista aborda “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica”, que proporciona confirmar ou não hipóteses pré-estabelecidas na pesquisa. O propósito da entrevista é depreender e diagnosticar as formas e maneiras que cada entrevistado aborda as questões propostas na pesquisa sobre os princípios da EPT para então sistematizar e comparar os contrapontos apresentados. Para Gil (1999, p. 117), a entrevista enquanto técnica de coleta de dados é “adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam”. Além disso, a entrevista pode ser aplicada em diversas áreas da pesquisa científica.

A entrevista é semi estruturada e foi aplicada às participantes estudantes Apêndice B - Roteiro Entrevista Participantes Discentes, sendo seu roteiro composto por treze questões explicitadas abaixo. Com as questões propostas, buscou-se depreender como as estudantes percebem a relação teoria-prática, especialmente dos princípios da EPT para a sua formação integral dando as condições para a sua progressão nos estudos e no mundo do trabalho.

Para isso, as questões abaixo buscaram se relacionar com a categoria trabalho como princípio educativo. Com a questão (1), buscou-se compreender como as estudantes-mães percebem os aspectos históricos e culturais do curso está contextualizada a sua prática profissional e como isso reflete na categoria trabalho na educação; com a questão (2), como que as pesquisadas percebem a relação entre trabalho e problemas sociais no sentido de destacar o papel da ciência no trabalho; Com a questão (3), como as pesquisadas percebem o impacto da tecnologia na vida profissional e pessoal e de que forma a pesquisa como princípio pedagógico contribui para essa reflexão; e com a questão (4), por meio dos conteúdos teóricos e práticos do curso contribuem para aprofundar e dominar essas tecnologias no mundo do trabalho; com a questão (5), como as pesquisadas percebem as discussões problematizadas no curso sobre o uso das tecnologias na prática do trabalho e como afeta o cotidiano profissional e vida pessoal;

Com a questão (6), de que maneira as pesquisadas percebem os conteúdos teóricos e práticos problematizam a forma como a natureza é transformada e como isso reflete no mundo do trabalho, na sustentabilidade e ética profissional e pessoal; e com as questões (7), e (8), procura-se abordar como as pesquisadas percebem a relação dos insumos que se utilizam no trabalho impactam a profissão e vida social e como promove mudanças no mundo do trabalho.

Referente a categoria pesquisa como princípio educativo, com a questão (10), e (11), buscou-se identificar como as pesquisadas associam os conteúdos das disciplinas teóricas e práticas por meio da pesquisa interligam as atividades mentais superiores, a escrita e o uso da tecnologia no processo de aprendizagem.

Com a questão (12) quais as dificuldades mais comuns interferem na aprendizagem das estudantes-mães; e com a questão (13), como as pesquisadas descrevem a Assistência Estudantil e se procuram os serviços quando acham necessário; e por fim, com a questão (9), buscou-se compreender como as pesquisadas percebem os conceitos entre teoria e prática fornecem elementos para progredir nos estudos e no mundo do trabalho.

A entrevista semi estruturada também foi aplicada aos participantes docentes dos cursos em estudos, Apêndice F- Roteiro Entrevista Participantes Docentes. Como no ano de 2024/1 ocorreu a greve dos servidores federais, decorrente disto, os docentes da formação propedêutica ministraram suas aulas no IFSC Continente do período 16 de setembro de 2024 a 4 de outubro de 2024. Em consequência, não houve reuniões pedagógicas, e desta forma, foi realizado o convite aos docentes durante esses dias de forma presencial e por convite via Whatsapp.

Participaram da entrevista entre os dias 16 de setembro e 27 de setembro de 2024, 5 docentes, sendo, 3 docentes da formação propedêutica e 2 (dois) docentes da formação profissional, sendo 1 (um) docente do Curso Cozinha e 1 (um) docente do Curso Panificação. O roteiro da entrevista foi organizado com onze questões pelas quais se buscou depreender a percepção dos docentes acerca da forma como ocorre a práxis pedagógica, especialmente, dos princípios da EPT para a formação integral dos trabalhadores, com a finalidade de proporcionar as condições para a promoção para os estudos e para o mundo do trabalho. Para isso, com a questão (1), buscou-se nas respostas compreender como os participantes percebem a dimensão da prática do trabalho é influenciada pelos contextos históricos e culturais e como isso reflete na categoria trabalho, na educação e na formação cidadã; com a questão (2), como que os pesquisados contextualizam a relação entre trabalho e problemas sociais no sentido de destacar o papel educativo do trabalho; com a questão (3), busca-se entender como as tecnologias utilizadas nos cursos contribuem para a formação integral; Com a questão (4), por meio dos conteúdos teóricos e práticos do curso contribuem para o domínio das tecnologias no mundo do trabalho. com a questão (5), como os pesquisados percebem as discussões problematizadas no curso sobre o uso das tecnologias na prática do trabalho e como afeta o cotidiano profissional e pessoal; Com a questão (7), buscou-se compreender

como percebem os conceitos entre teoria e prática articulam os conhecimentos para progredir nos estudos e no mundo do trabalho.

Com a questão (8), e (9), como associam os conteúdos de disciplinas onde a pesquisa é fundamental no processo de aprendizagem; com a questão (10) quais as dificuldades mais comuns interferem na aprendizagem das estudantes-mães; e com a questão (11), como descrevem a Assistência Estudantil e se orientam os serviços aos estudantes quando acham necessário;

A entrevista também foi aplicada aos participantes coordenadores (as) dos dois cursos em estudo⁵. O roteiro da entrevista foi organizado com seis questões pelas quais se buscou depreender a percepção acerca da forma como percebem que o corpo de docentes aplica a práxis pedagógica, especialmente, dos princípios da EPT para a formação integral dos sujeitos trabalhadores, com a finalidade de proporcionar as condições para a promoção para os estudos e para o mundo do trabalho. Para isso, buscou-se com a questão (1), como o/a participante percebe que os conhecimentos teóricos e práticos na formação profissional contribuem para a progressão nos estudos e no mundo do trabalho dos estudantes da EJA-EPT; com a questão (2), como o/a participante entende os avanços e domínios das tecnologias na prática do trabalho e como percebem as contradições dessas tecnologias no cotidiano profissional; com a questão (3), como o/a participante percebe a cultura no processo educacional e como a cultura influencia na proposta da formação teórica e prática; com a questão (4), como o/a participante analisa os conteúdos das disciplinas de modo interdisciplinar para que os conhecimentos da formação geral e profissional sejam inseparáveis para os estudantes; com a questão (5), quais dificuldades que prejudicam a aprendizagem; e com a questão (6), Como o/a participante descreve a relação da coordenação com a Assistência Estudantil e se ocorre encontros/atividades para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes.

O Roteiro Entrevista Assistente Social Apêndice N- Roteiro Entrevista Participantes Assistentes Sociais.docx, foi composto por seis questões explicitadas abaixo. Com as questões propostas, buscou-se depreender como a pesquisada percebe a relação teoria-prática, dos princípios da EPT para a formação integral.

Para isso, buscou-se com a questão (1), como o/a participante percebe que os conhecimentos teóricos e práticos na formação profissional contribuem para a progressão nos estudos e no mundo do trabalho das estudantes da EJA-EPT; com a questão (2), como o/a

⁵ Ver em:

https://docs.google.com/document/d/16VIC2v41QN7YeShNo0_N3zadRcJBCiA7/edit#heading=h.gjdgxs.

participante entende os avanços e domínios das tecnologias na prática do trabalho e como percebe as contradições dessas tecnologias no cotidiano dos cursos; com a questão (3), como o/a participante percebe a cultura no processo educacional e como a cultura influencia na proposta da formação teórica e prática; com a questão (4), como as estudantes-mães apresentam suas dificuldades comuns na assistência estudantil; com a questão (5), como descreve a relação trabalhadoras estudantes-mães rebatem na assistência estudantil e há ações para pensar os desafios apresentados pelas trabalhadoras estudantes-mães; com a questão (6), Como o/a participante descreve a relação da coordenação com a Assistência Estudantil e se ocorre encontros/atividades para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes.

Em resumo, para alcançar o objetivo geral, a pesquisa utilizou documentos institucionais (PPC de Cozinha e PPC de Panificação Ensino Médio Integrado EJA-EPT), um questionário com 21 questões divididos em 3 seções, aplicado às estudantes-mães (sobre perfil e percepções de permanência/evasão), e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram aplicadas a estudantes-mães, docentes, coordenadores e assistente social dos cursos, visando aprofundar a percepção da relação da práxis teórico-prática na aprendizagem e dos princípios da EPT, investigando o trabalho como princípio educativo e a pesquisa princípio educativo em suas diversas dimensões, incluindo o impacto das tecnologias.

Na subseção seguinte, (3.4.2), aborda-se as etapas de investigação.

3.5 Etapas do processo de investigação

Devido à greve dos servidores federais que iniciou em maio de 2024, a pesquisadora principal concluiu os trâmites de submissão no final de agosto de 2024. O processo de investigação ocorreu após os trâmites de submissão e inclusão dos documentos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Plataforma Brasil e a aprovação dos documentos, viabilizando a aplicação dos procedimentos seguindo as etapas da aplicação dos instrumentos da pesquisa propriamente dita.

3.5.1 Etapas da pesquisa

Etapas 1 – Apresentar os trâmites da pesquisa aos coordenadores dos cursos

A pesquisadora principal entrou em contato por Email com as coordenações dos Curso de Cozinha e de Panificação Ensino Médio Integrado modalidade EJA-EPT (PROEJA) do

IFSC- *Câmpus* Florianópolis-Continente para agendar um horário presencial para explicar o projeto da pesquisa, a relevância e os trâmites da pesquisa. Devido à greve dos servidores federais não foi possível no final do mês de agosto de 2024. As coordenações solicitaram que se encaminhasse e-mail no início do mês de setembro de 2024.

Na primeira semana de setembro a pesquisadora principal entrou em contato com as coordenações por e-mail solicitando um horário presencial com as coordenações para solicitar a colaboração para todos os procedimentos que envolvem a pesquisa em relação aos quatro grupos de participantes e a forma como os dados foram sistematizados, adequando os procedimentos para a aplicação dos instrumentos de acordo com as suas sugestões e cooperação.

No dia 11 de setembro de 2024, a pesquisadora principal se encontrou com as coordenações dos cursos, nesse encontro acordou-se que a pesquisadora principal poderia nos dias seguintes (dia 12 e 13 de setembro de 2024) utilizar a sala dos professores para realizar a apresentação do projeto, explicar a finalidade da pesquisa, realizar o convite de participação, explicar os instrumentos e as etapas da pesquisa, os respectivos procedimentos e os agendamentos com os grupos de participantes da pesquisa. Após essa organização, as coordenações apresentaram a assistente social que atua com os estudantes da EJA-EPT, a pesquisadora principal, então detalhou a pesquisa e apresentou os trâmites da pesquisa e realizou o convite para participar da pesquisa que foi aceito. Depois dessa apresentação as coordenadoras levaram a pesquisadora principal as turmas dos Cursos Cozinha e Panificação para apresentar o projeto, os trâmites e explicar os instrumentos e as etapas da pesquisa, os respectivos procedimentos e os agendamentos. Também foi explicado que a pesquisadora principal ficaria na sala dos professores nos dias 12 e 13 de setembro de 2024, das 17:30 às 20:30, para que as estudantes tivessem dúvidas poderiam tirar naquele momento.

Após a apresentação com os estudantes dos cursos, as coordenações levaram a pesquisadora principal aos docentes. A escolha dos docentes que participaram das entrevistas ocorreu por convite das coordenações dos cursos e a pesquisadora principal, já que devido a greve dos servidores federais do mês de abril de 2024 a julho de 2024. Como decorrência desta greve os calendários acadêmicos do IFSC Mauro Ramos e IFSC Continente foram alterados e devido isso, os docentes da formação propedêutica que ministram aulas no IFSC Mauro Ramos foram deslocados para o IFSC Continente.

Decorrente disso, tanto os docentes de formação geral quanto os docentes da área técnica ministraram as aulas no mesmo espaço. Como eles se encontravam durante duas

semanas juntos, as coordenações durante os intervalos das aulas apresentavam a pesquisadora principal aos docentes e explicava-se o projeto, os objetivos da pesquisa e realizava-se o convite para participar da entrevista. Durante essas duas semanas, foi realizado o convite aos docentes de forma presencial e por Whatsapp, entretanto, devido à greve, a maioria dos docentes justificou não poder participar da pesquisa por estar com as diversas atividades escolares e por ministrar aulas em diversas turmas.

Etapas 2 - Agendamento e aplicação do TCLE aos participantes coordenadores dos cursos

Essa etapa consistiu em agendar com o(a) coordenador(a) de cada curso um momento para aplicar a entrevista. A pesquisadora principal deu a opção de a entrevista ser presencial ou virtual. As coordenadoras optaram que a pesquisadora principal aplicasse primeiro a pesquisa com as estudantes-mães, docentes e assistente social. Com isso, a aplicação das entrevistas ocorreu de forma presencial na instituição, no dia 27 de setembro de 2024.

Realizados os agendamentos, a pesquisadora principal seguiu para a entrevista, no primeiro momento, com a coordenadora do Curso Cozinha e, no segundo momento, com a coordenadora do Curso Panificação. Primeiramente, apresentou o Apêndice I - TCLE - Participantes Coordenadores e acompanhou a leitura do conteúdo e explicou as dúvidas que surgiram da leitura. O conteúdo do TCLE indicou o objetivo da pesquisa e o instrumento que foi aplicado para a sistematização dos dados e outras informações relevantes, sendo que ao final do texto, foi solicitado à participante a sua autorização na pesquisa.

Como a entrevista ocorreu de forma presencial, o TCLE foi apresentado de forma impressa em duas vias, as quais foram assinadas pelas pesquisadoras e a participante coordenadora. Uma cópia assinada ficou com o participante e uma cópia ficou com a pesquisadora principal. O formulário foi organizado em 3 seções sendo: seção (1) com o conteúdo do TCLE; Seção (2) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados da entrevista; Seção (3) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados de um Questionário, o qual trata da avaliação do Produto Educacional que foi elaborado como parte da pesquisa.

Etapas 3: Aplicação da Entrevista com as participantes coordenadoras dos cursos

Após o preenchimento do TCLE, a pesquisadora principal acompanhou a leitura do conteúdo e explicou as dúvidas que surgiram da leitura. Avisou as participantes de que a entrevista seria gravada na modalidade presencial para que os dados pudessem ser transcritos para sistematização do *corpus* de análise.

Etapa 4: Agendamento e aplicação do TCLE aos participantes docentes

Após a apresentação da pesquisadora principal aos docentes nos dias 11, 12 e 13 de setembro de 2024, no IFSC Florianópolis-Continente, 5 docentes aceitaram participar da pesquisa, sendo 3 (três) das disciplinas propedêuticas e 1 (um) docentes da formação profissional do Curso Cozinha e 1 (um) docente da formação profissional do Curso Panificação. Acordou-se que a pesquisadora principal encaminhasse via whatsapp o convite para participar da pesquisa e agendar dia e horário. Agendado a entrevista a pesquisadora principal deu a opção de a entrevista ser presencial ou virtual, facilitando a possibilidade de ampliação da participação. Realizados os agendamentos, a pesquisadora principal, primeiramente, apresentou o Apêndice F-TCLE.- Participantes Docentes; acompanhou a leitura do conteúdo e explanou as dúvidas que surgiram da leitura. O conteúdo do TCLE indicou o objetivo da pesquisa e o instrumento que foi aplicado para a sistematização dos dados e outras informações relevantes, sendo que ao final do texto foi solicitado ao docente participante a sua autorização na pesquisa.

Como três entrevistas foram presenciais, o TCLE foi apresentado impresso em duas vias, as quais foram assinadas pelas pesquisadoras e pelos participantes docentes. Uma cópia assinada ficou com o participante e uma cópia ficou com a pesquisadora principal. No caso dos 2 participantes que optaram pela forma *online*, o TCLE foi elaborado por meio do Formulário *Google Forms*, cujo link foi enviado ao contato indicado pelo participante, sendo que a assinatura ocorreu digitalmente no mesmo documento. O formulário foi organizado em 3 seções sendo: seção (1) com o conteúdo do TCLE; Seção (2) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados da entrevista; Seção (3) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados de um Questionário, o qual tratou da avaliação do **Produto educacional** que foi elaborado como parte da pesquisa.

Etapa 5: Aplicação da Entrevista com os participantes docentes dos cursos

Após assinada a anuência de participação do sujeito da pesquisa, a pesquisadora principal, realizou a entrevista, seguindo o roteiro do Apêndice G- Roteiro Entrevista Participantes Docentes. Avisou aos participantes presenciais e aos que optaram pela forma online de que a entrevista deveria ser gravada para que os dados pudessem ser transcritos para sistematização do *corpus* de análise.

Etapa 6 - Agendamento e aplicação do TCLE ao participante assistente social dos cursos Apêndice N - TCLE-Participantes Assistente Social.docx

Esta etapa consistiu em agendar com o(a) assistente social um momento para aplicar a entrevista. A pesquisadora principal deu a opção de a entrevista ser presencial ou virtual, a escolha da pesquisa foi a presencial.

Realizados os agendamentos, a pesquisadora principal, primeiramente, apresentou o Apêndice N - TCLE-Participantes Assistente Social.docx acompanhou a leitura do conteúdo e explanou as dúvidas que surgiram da leitura. O conteúdo do TCLE indicou o objetivo da pesquisa e o instrumento que foi aplicado para a sistematização dos dados e outras informações relevantes, sendo que ao final do texto foi solicitado à participante a sua autorização na pesquisa. O TCLE foi apresentado impresso em duas vias, as quais foram assinatura das pesquisadoras e do (a) participante. Uma cópia assinada ficou com o participante e uma cópia ficou com a pesquisadora principal. O formulário foi organizado em 3 seções sendo: seção (1) com o conteúdo do TCLE; Seção (2) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados da entrevista; Seção (3) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados de um Questionário, o qual tratou da avaliação do Produto educacional que foi elaborado como parte da pesquisa.

Etapa 7: Aplicação da Entrevista com o participante assistente social dos cursos

Após assinada a anuência de participação do sujeito da pesquisa, a pesquisadora principal, realizou a entrevista, seguindo o roteiro do Apêndice M Roteiro Entrevista Participantes Assistentes Sociais.docx, . Avisou a participante de que a entrevista deveria ser gravada para que os dados pudessem ser transcritos para sistematização do *corpus* de análise.

Etapa 8: Agendamento às participantes estudantes

As coordenadoras dos cursos levaram a pesquisadora principal, no dia 11 de setembro de 2024, as turmas dos Cursos Cozinha e Panificação para que a pesquisadora principal apresentasse o projeto, os trâmites e explicasse os instrumentos e as etapas da pesquisa, os respectivos procedimentos e o agendamento da participação da pesquisa. Também foi explicado que a pesquisadora principal ficaria na sala dos professores nos dias 12 e 13 de setembro de 2024, das 17h30min às 20h30mun, para que as estudantes e docentes com dúvidas pudessem sanar as suas questões, e caso quisessem participar da pesquisa se agendasse o horário da entrevista.

Nesse período, do dia 16 a 20 de setembro de 2024, 9 (nove) estudantes-mães 5 (cinco) estudantes do Curso Cozinha, sendo 3 (três) estudantes do terceiro período, e 2 (duas) estudantes do quinto período, além de 4 (quatro) estudantes do Curso Panificação do quarto período aceitaram participar da pesquisa. É importante registrar que do dia 16 a 20 de

setembro de 2024 as entrevistas com as estudantes foram reagendadas diversas vezes, já que elas trabalhavam e por motivos pessoais e escolares não conseguiram chegar no horário das entrevistas. Decorrente disso, nessa semana realizou-se quatro entrevistas com as estudantes do curso Cozinha.

No mesmo período, a pesquisadora principal procurou as coordenações e explanou a preocupação com a questão das estudantes não conseguirem participar da pesquisa. Nesse sentido, as coordenações encaminharam os Whatsapp das estudantes dos cursos para realizar o convite e assim realizar a entrevista *online* ou presencial. No entanto, a maioria das estudantes que foram convidadas a participar da pesquisa via Whatsapp informaram que não teriam tempo para participar e 5 (cinco) estudantes aceitaram participar da pesquisa.

A pesquisadora principal agendou 10 (dez) estudantes, sendo 5 (cinco) que não conseguiram chegar no horário da entrevista na semana anterior. Destas, 4 (quatro) estudantes do Curso Cozinha do quinto período e 5 (cinco) estudantes do Curso Panificação para a semana do dia 23 a 27 de setembro de 2024. Entretanto, devido às questões expostas acima (trabalho, questões pessoais e escola) 7 (sete) estudantes desistiram, sendo, 5 (cinco) estudantes do Curso Panificação e 2 (duas) estudantes do Curso Cozinha não. Desta forma, participaram da pesquisa 2 (duas) estudantes do Curso Cozinha e 1 (uma) estudante do Curso Panificação do quarto período. As demais, estudantes do Curso Panificação informaram que não iriam mais participar devido aos seus contratempos.

Etapa 09: Aplicação do TCLE às participantes estudantes

Após os agendamentos das entrevistas sempre em diálogo com as respectivas coordenações dos cursos, foram reservadas salas para que fosse respeitada a questão do sigilo. Em um primeiro momento, a pesquisadora principal apresentou o Apêndice A - TCLE - Participantes Discentes. para a leitura do conteúdo, explicando os procedimentos e os trâmites legais necessários para a sistematização dos dados. Também se explicou as dúvidas que surgiram da leitura. O conteúdo do TCLE indicou o objetivo da pesquisa e os instrumentos que seriam aplicados para a sistematização dos dados e outras informações relevantes, sendo que ao final do texto foi solicitado à estudante participante a sua autorização em cada instrumento. Todas as participantes solicitaram a entrevista presencial, o TCLE foi apresentado de forma impressa em duas vias, as quais foram assinadas pelas pesquisadoras e a participante estudante. Uma cópia assinada ficou com a estudante e uma cópia ficou com a pesquisadora principal. O formulário foi organizado em 4 seções sendo: seção (1) com o conteúdo do TCLE; Seção (2) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados do

questionário; Seção (3) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados da entrevista e Seção (4) apresentou o espaço para a autorização para uso dos dados de um Questionário, o qual trata da avaliação do **Produto educacional** que foi elaborado como parte da pesquisa.

Etapa 10: Aplicação do questionário às participantes estudantes

Após a leitura do TCLE e a autorização para a sua participação na pesquisa, no mesmo encontro, a pesquisadora principal apresentou às participantes estudantes o Apêndice B - Questionário 1 cujo roteiro tratava das questões do grupo (1), do grupo (2) e grupo (3). O conteúdo foi lido com as participantes e explicado seu objetivo, esplanada as dúvidas que surgiram da leitura.

Etapa 11: Aplicação da entrevista às participantes discente

Nesse mesmo encontro com as participantes estudantes, a pesquisadora principal explicou novamente o objetivo da entrevista, seu tempo próximo de duração, a relevância das informações para sua pesquisa, observando sempre o aspecto dialético para o processo de elaboração do corpus de dados, seguindo o Apêndice B - Roteiro Entrevista Participantes Discentes, aplicou-se a entrevista as participantes.

Em resumo, a coleta de dados da pesquisa, que seguiu um cronograma detalhado após a aprovação do Comitê de Ética, enfrentou desafios impostos pela greve dos servidores federais em 2024. Inicialmente, a pesquisa apresentou o projeto e seus trâmites às coordenações dos cursos de Cozinha e Panificação Ensino Médio Integrado EJA-EPT no IFSC *Câmpus* Florianópolis-Continente. Essa etapa crucial permitiu alinhar expectativas e procedimentos, garantindo a colaboração institucional e o convite aos quatro grupos de participantes: estudantes-mães, docentes, coordenadores (as) e assistente social dos cursos.

As etapas subsequentes envolveram o agendamento e a aplicação de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) e entrevistas semiestruturadas a cada grupo, além da aplicação de um questionário às estudantes-mães. Embora a greve dos servidores públicos federais e os compromissos pessoais e profissionais dos participantes tenha gerado alguns agendamentos, a pesquisadora adaptou-se, utilizando convites presenciais e via WhatsApp, e oferecendo entrevistas online e presenciais. Esse processo minucioso de coleta, documentado nos apêndices, assegurou a obtenção de dados essenciais para a compreensão da formação integral na EJA-EPT.

A seguir, na subseção (3.4.3), expõe-se os riscos e benefícios da pesquisa.

3.5.2 Riscos e benefícios da pesquisa

O Ofício Circular n.º 2, de 24 de fevereiro de 2021, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) da Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde (SECNS) do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), discorre que é responsabilidade do pesquisador destacar os riscos e benefícios relacionados à participação dos pesquisados, bem como os riscos específicos associados ao ambiente virtual, uso de meios eletrônicos ou atividades não presenciais devido às limitações das tecnologias utilizadas (critério de exclusão). Dessa forma, foi necessário informar aos participantes da pesquisa as limitações dos pesquisadores em garantir absoluta confidencialidade e o potencial risco de violação dessas informações.

Caberá ao pesquisador destacar, além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, aqueles riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas. Adicionalmente, devem ser informadas as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação (Brasil, 2021).

Sendo assim, foi importante informar os benefícios esperados pela participação na pesquisa pelas respostas dos questionários e entrevistas são contribuições particulares de sua percepção sobre a forma como ocorre a relação teórico-prática dos fundamentos e princípios da EPT nas práticas pedagógicas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Cozinha e do Curso Panificação - Ensino Médio Integrado EJA- EPT, isso com foco na formação integral das trabalhadoras estudantes-mães.

Ao participar da pesquisa, esperava-se que os pesquisados fornecessem elementos para uma apreensão mais ampla de como a relação teórico-prática dos princípios da EPT dos cursos.

Os riscos referentes à participação na pesquisa foram mínimos e não apresentaram complicações legais. A pesquisa atendeu aos requisitos éticos estabelecidos pela Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), garantindo o respeito e a proteção dos (as) participantes em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Sendo assim, no caso de desconforto ou mal-estar durante ao preenchimento dos instrumentos (questionários e entrevista no caso das estudantes e entrevista no caso dos docentes, assistentes sociais e coordenadores), seriam ofertados cuidados imediatos e assistência adequada, em que nenhum custo acarretaria para os participantes, em acordo com

os seus direitos. Outros riscos que poderiam ocorrer incluem fadiga, cansaço, desconforto e estresse ao longo da pesquisa. Ressalta-se que durante a aplicação dos instrumentos questionário com as estudantes-mães e do instrumento entrevista com os quatro grupos não ocorreram transtornos decorrentes dos riscos citados acima.

Os participantes tiveram o direito de interromper sua participação no preenchimento dos instrumentos, quando necessário para seu restabelecimento. Os participantes tiveram total liberdade para recusar ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Em caso de ocorrência de algum dano, comprovado de forma adequada, como resultado direto da pesquisa, os participantes seriam indenizados de acordo com a legislação em vigor. Aqui também se ressalta que durante a aplicação dos instrumentos questionários com as estudantes-mães e do instrumento entrevista com os quatro grupos não ocorreram transtornos decorrentes dos riscos citados acima.

No que diz respeito ao item 4, que trata da tramitação do conteúdo, do Ofício Circular n.º 2, de 24 de fevereiro de 2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) da Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde (SECNS) do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), os dados pessoais sensíveis, como idade, gênero, cor e raça, foram coletados pelo questionário. Os dados confidenciais das respostas serão garantidos, considerando-as como informações apenas para fins científicos.

Apesar de mínimos, existem riscos relativos à violação das informações prestadas via questionário *online*, ou de informações que estão armazenadas no drive não sendo possível assegurar total confidencialidade, uma vez que pode ocorrer roubo de informações por hackers. Caso tal fato aconteça, os sujeitos participantes na pesquisa serão informados o mais breve possível (Brasil, 2021).

É importante reconhecer que, mesmo com todas as precauções, existem riscos inerentes à segurança da informação em ambientes digitais. A coleta de dados via questionário online e o armazenamento em plataformas de nuvens (*drive*) podem, embora minimamente, estar suscetível a vulnerabilidades, como ataques de hackers, que poderiam comprometer a confiabilidade das informações. Não é possível, portanto, assegurar uma proteção absoluta.

Diante da possibilidade, ainda que remota, de uma violação de dados, a pesquisadora se compromete a agir com transparência e celeridade. Caso ocorra qualquer incidente que comprometa a confiabilidade das informações fornecidas pelos participantes, os sujeitos

envolvidos serão informados o mais breve possível, garantindo-se a comunicação imediata sobre a situação e as medidas que serão tomadas.

Em síntese, a pesquisa buscou demonstrar os benefícios da participação, como a contribuição para a compreensão da práxis teórico-prática na EPT para a formação integral das estudantes-mães, com a gestão de riscos, seguindo as diretrizes da CONEP e da Resolução n.º 510/2016. Embora os riscos fossem mínimos e não manifestarem, como por exemplo, fadiga ou desconforto, os participantes foram informados sobre a possibilidade de interrupção e indenização em caso de danos comprovados. A natureza digital da coleta de dados, contudo, impôs a ressalva sobre a confidencialidade total, com o compromisso de comunicação imediata caso haja violação de informações sensíveis, reforçando a transparência e ética da pesquisa.

Em seguida, na subseção (3.4.4), apresenta-se os critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa.

3.5.3 Critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa

Os critérios de inclusão e exclusão das participantes desta pesquisa foram definidos de acordo com as diretrizes da Norma Operacional n.º 001, de 2013, estabelecida pelo Conselho Nacional da Saúde (CNS). Esses critérios foram apresentados no item 3.4.1.11” critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa: devem ser apresentados de acordo com as exigências da metodologia a ser utilizada” (Brasil, 2025).

O/a participante poderia solicitar informações relacionadas ao estudo em qualquer etapa da pesquisa, até mesmo quando esta já tiver sido finalizada. Os participantes ficaram livres para não querer participar deste estudo, ou mesmo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem necessidade alguma de justificativas. A participação do participante foi voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma natureza, não interferindo, inclusive, na sua ação discente no IFSC *Florianópolis - Continente*. A atividade não previu nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes da pesquisa. A sua participação na pesquisa não dependeu de custos para o estudante, tampouco foi remunerada.

Os critérios de inclusão dos participantes foram os seguintes:

O critério de inclusão das participantes estudantes referia-se a terem filhos e estarem dispostas a participarem da pesquisa pelo preenchimento de um questionário inicial sobre o

perfil, participar de uma entrevista para apresentar sua percepção sobre a relação teórico-prática dos princípios da EPT, responderem a um questionário final para a avaliação do produto educacional que foi elaborado no decorrer da pesquisa. A exclusão ocorreria no caso de a participante discente mãe se evadir do curso no decorrer da aplicação dos instrumentos durante o semestre, ou solicitar cancelamento de participação e anuência dos dados.

Os participantes docentes dispostos a participarem da pesquisa para responder uma entrevista sobre a percepção da formação integral no Curso Cozinha e do Curso Panificação utilizado no processo de ensino e aprendizagem no respectivo curso. A exclusão ocorreria se o/a participante entrasse em licença por motivo de doença ou para capacitação do curso no decorrer da aplicação dos instrumentos durante o semestre, ou solicitasse o cancelamento de participação e anuência dos dados.

A participante assistente social disposta a participar de uma entrevista sobre a percepção da formação integral do Curso Cozinha e do Curso Panificação utilizado no processo de ensino e aprendizagem no respectivo curso. A exclusão ocorreria se o/a participante entrasse em licença por motivo de doença ou para capacitação do curso no decorrer da aplicação dos instrumentos durante o semestre, ou solicitasse o cancelamento de participação e anuência dos dados.

Os participantes coordenadores dos cursos dispostos a participarem da pesquisa para responder a pesquisa sobre a percepção da formação integral no Curso Cozinha e Curso Panificação utilizado no processo de ensino e aprendizagem no respectivo curso. A exclusão ocorreria se o/a participante coordenador (a) entrasse em licença por motivo de doença ou para capacitação do curso no decorrer da aplicação dos instrumentos durante o semestre, ou solicitar cancelamento de participação e anuência dos dados.

Em resumo, os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, baseados na Norma Operacional n.º 001/2013 do CNS (Brasil, 2025), garantiram a voluntariedade e a autonomia dos participantes estudantes-mães, docentes, coordenadores (as) e assistente social dos cursos que por sua disposição em contribuir com a pesquisa, com a possibilidade de desistência a qualquer momento sem prejuízo. A exclusão ocorreria em casos específicos, como evasão do curso ou licença dos profissionais, assegurando a validade e a ética na coleta de dados.

Na próxima subseção, em (3.4.4), apresenta-se a devolutiva dos resultados da pesquisa.

3.5.4 Devolutiva dos resultados da pesquisa

Na Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde (Brasil, 2012), no item III - letra m estabelece ser necessário informar as autoridades competentes e os órgãos legitimados pelo Controle Social sobre os resultados e descobertas da pesquisa, sempre que estes forem ressaltantes para aperfeiçoar as condições de vida da comunidade. Da mesma forma, é importante resguardar a imagem dos participantes da pesquisa e garantir que não sejam estigmatizados. A pesquisa referida foi realizada numa instituição pública de ensino federal, vinculada ao Ministério da Educação de Educação do Município de Florianópolis - SC, com o objetivo de investigar a percepção de 4 grupos de participantes relacionados aos princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) presentes no Projeto Pedagógico do Curso de Cozinha e do Curso de Panificação Ensino Médio Integrado EJA-EPT.

A publicação dos resultados relacionados ao objeto e problema delineados nesta pesquisa já estão sendo compartilhados com a comunidade acadêmica da instituição, com os docentes e direção do *Câmpus* Florianópolis-Continente. Os resultados da pesquisa são divulgados por meio de uma Dissertação Acadêmica, publicada no repositório SUCUPIRA e, além disso, em termos de inovação, foram produzidos 2 produtos educacionais, que serão publicados no Portal EDUCAPES. Também está prevista a publicação e divulgação dos resultados da pesquisa por outros meios, por meio de artigos⁶, capítulos de livros, resumos e apresentações em congressos científicos relacionados ao tema do estudo. Disseminar e publicar os resultados visa a beneficiar outros estudantes, docentes dos cursos oferecidos pelo IFSC tendo como intuito promover, socializar e divulgar o material investigado.

Outro elemento necessário é a proteção da imagem dos participantes da pesquisa para protegê-los da estigmatização, garantido o sigilo de suas imagens de acordo com os preceitos da Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde (Brasil, 2012). Por essa razão, os participantes foram identificados por códigos, como "estudantes do Curso Cozinha (EC1) e estudantes do Curso de Panificação (EP1)" e os docentes foram identificados por códigos, como "docente formação propedêutica (DP1), docente da formação profissional do Curso de Cozinha (DFPC1), docente da formação profissional do Curso de

⁶ Já ocorreu a publicação de um artigo: FRAGA, Michella Rocha dos Santos; VALER, Salete. A formação integral na eja-ept ensino médio integrado: revisão bibliográfica. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 34, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/56543>. Acesso em: 14 maio. 2025

Panificação (DFPP1), as coordenações serão identificadas por “coordenador (a) do Curso de Cozinha (CC1) e coordenador (a) do Curso de Panificação (CP1)” e, por fim, a assistente social foi identificada por (AS) resguardando com isso suas identidades e mantendo as informações em sigilo. Isso protegerá que os dados coletados não sejam utilizados de forma danosa às pessoas ou comunidades envolvidas, abarcando aspectos quanto à autoestima, prestígio e ou aspectos financeiros.

As pesquisadoras ficaram à disposição para esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir em relação à pesquisa, seja por e-mails, por meio de encontros presenciais ou telefone. É importante ressaltar que a condução e divulgação dos resultados da pesquisa seguiram rigorosos princípios éticos. Para finalizar, as pesquisadoras permaneceram sempre à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o estudo, seja via e-mail, encontros presenciais ou telefone. É importante reiterar que toda a condução e a divulgação dos resultados desta pesquisa aderiram a rigorosos princípios éticos, garantindo a integridade e a responsabilidade em todas as etapas.

Em síntese, em conformidade com a Resolução n.º 466/2012 do CNS (Brasil, 2012), a pesquisa se compromete a divulgar seus resultados de forma a beneficiar a comunidade acadêmica e escolar do IFSC, garantindo a proteção da imagem dos participantes através da utilização de códigos e mantendo rigoroso sigilo. A dissertação, produtos educacionais, artigos e apresentações em congressos visam socializar o conhecimento sobre a percepção dos princípios da EPT na formação integral da EJA-EPT, reforçando o compromisso ético e a responsabilidade social da pesquisa.

Neste capítulo (III), foram detalhados a metodologia da pesquisa, desde a sua concepção teórica até a aplicação prática, ancorando-se no rigor científico e ético. Iniciando pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, a investigação adotou o materialismo histórico-dialético como método de abordagem, que transcende a simples descrição para compreender os fenômenos em sua totalidade histórica e contraditória, buscando a transformação da realidade. O quadro 3 sintetiza o desenho metodológico, evidenciando a coerência entre o método de abordagem, o procedimento qualitativo, a modalidade de estudo de caso e as modalidades secundárias (bibliográfica, de campo, documental, exploratória, descritiva e explicativa-analítica).

O processo metodológico envolveu a atuação no IFSC, *Câmpus* Florianópolis-Continente, local histórico de formação profissionalizante voltada ao setor de turismo e hospitalidade, incluindo a modalidade EJA-EPT. A pesquisa focou na percepção de

quatro grupos de participantes (estudantes-mães, docentes, coordenadores (as) e assistente social dos Cursos de Cozinha e Panificação Ensino Médio Integrado EJA-EPT. A coleta de dados, realizada por questionário aplicado as estudantes-mães e entrevistas semiestruturadas com os quatro grupos, enfrentou e superou desafios como a greve dos servidores que afetou o quantitativo de entrevistas, mas que não inviabilizou a garantia e a obtenção de informações ricas e diversificadas. As variáveis externas e internas guiaram a análise, buscando desvendar a práxis a práxis pedagógica e a formação integral destas estudantes-mães.

Por fim, a pesquisa reafirmou seu compromisso ético, garantindo a voluntariedade, o direito à desistência e a confidencialidade dos participantes, identificados por códigos para proteger suas identidades. A divulgação dos resultados, por meio da dissertação, produtos educacionais e artigos científicos, visa a beneficiar a comunidade acadêmica e escolar, socializando o conhecimento e contribuindo para o aperfeiçoamento das condições de vida. Assim, este capítulo consolidou o arcabouço metodológico que sustenta a investigação, assegurando sua validade, confiabilidade e relevância social. Reforça-se, aqui, que todo o material gerado pela aplicação dos instrumentos será guardados por cinco anos, seguindo as legislações nacionais.

Prosseguindo, no capítulo (IV), Descrição e análise dos Cursos Técnico em Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA), descreve-se os resultados que foram encontrados pela aplicação os instrumentos indicados no decorrer da metodologia e, de modo paralelo, esses resultados são analisados à luz do referencial teórico apresentado.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Sendo o objetivo geral desta pesquisa investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-ETP (PROEJA), do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina – IFSC, *Câmpus* Florianópolis–Continente, retoma-se, aqui os objetivos específicos: a) identificar, pela análise das respostas do instrumento questionário, dados do perfil das participantes trabalhadoras estudantes-mães; b) depreender, pela análise do documento PPC dos dois cursos em estudo, em que medida os princípios da EJA-EPT refletem a relação retórico-prática para a formação integral; c) diagnosticar, pela análise das respostas do instrumento entrevista aplicados aos participantes, a sua percepção da forma como os princípios da EJA-EPT refletem a relação teórico-prática para a formação integral; d) elaborar, com base nos resultados encontrados, conforme (a), (b) e, (c), um produto educacional, sua aplicação e avaliação, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 2016, 2019, 2022) para o Mestrado Profissional.

Para a finalidade deste capítulo, são retomados cada um dos objetivos específicos e, dentro de cada objetivo, são apontados os instrumentos ou materiais pelos quais os dados foram gerados, e, de forma paralela, esses dados são interpretados e analisados teoricamente.

Para isso, este capítulo está estruturado nas seguintes seções: Seção 4.1: Variáveis externas - Perfil das participantes estudantes. Aqui são descritos, interpretados e analisados os resultados das variáveis externas, abordando o perfil das participantes estudantes por meio do instrumento questionário; Seção 4.2: Variáveis internas categorias - Projeto Pedagógico dos Cursos em estudo. Aqui são descritos, interpretados e analisados os resultados das variáveis internas categoriais relacionadas ao objeto de estudo com base no conteúdo do documento institucional; e, Seção 4.3: Variáveis internas categorias Percepção dos participantes. Aqui são descritos, interpretados e analisados os resultados das variáveis internas categoriais relacionadas ao objeto de estudo de acordo com a percepção dos quatros grupos participantes da pesquisa por meio do instrumento entrevista.

4.1 Variáveis externas - perfil das participantes estudantes

Esta seção busca dar conta do objetivo específico (a), o qual tem a finalidade de identificar quem são os sujeitos da pesquisa e de que maneira os aspectos individuais relacionam-se ao objeto de estudo. Para a sistematização desses dados, aplicou-se um questionário, conforme Apêndice (A) - Roteiro questionário trabalhadoras estudantes-mães, contendo 21 questões, com perguntas fechadas e abertas, sendo organizada em três seções, aqui, apresentadas em três subseções textuais: (4.1.1), trata da Seção (1), composta por sete (7) questões fechadas referentes a dados institucionais do perfil das participantes; a (4.1.2), seção (2) é composta por nove (9) questões fechadas para depreender aspectos dos respectivos perfis, sendo que nesta seção pergunta-se a idade dos filhos (as). E, por fim, (4.1.3), a seção (3), é composta por cinco (5) questões fechadas que buscam depreender a percepção das participantes sobre a permanência-evasão dos cursos em estudo.

Os resultados deste questionário estão demonstrados no Apêndice (C)⁷.

De acordo com as informações recebidas das coordenações dos respectivos cursos, o quantitativo de trabalhadoras estudantes-mães no Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) no ano de 2024 foi de 15 estudantes, sendo 9 estudantes no 3º. período e 6 estudantes no 5º. período. Do total de 15 estudantes do curso, o questionário foi respondido sendo sete (7) estudantes, sendo três (3) estudantes do terceiro período e quatro (4) no quinto período. O quantitativo de estudantes no Curso Técnico em Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) no ano de 2024 foi de 9 estudantes-mães, sendo cinco (5) estudantes do quarto período e quatro (4) estudantes do quinto período. Desse grupo, uma (1) estudante do Curso Panificação do quarto período participou do questionário e da entrevista. Isso posto, seguem os resultados do questionário.

4.1.1 Variáveis externas: dados de identificação

A primeira seção de sete questões (1-7), seção (1), buscou apresentar informações referentes aos dados de identificação pessoal das participantes trabalhadoras estudantes-mães:

⁷ Ver em:

<https://docs.google.com/document/d/1hD-v8oxSQq6psNtef9Z1BIlydtkavpA77TCWUpwCHI8/edit?usp=sharing>.

sexo, idade, cidade onde nasceu, quanto tempo reside na cidade no caso das estudantes migrantes, etnia/raça, estado civil e Pessoa Portadora de Deficiência (PPC).

Quanto a variável sexo as oito participantes se declararam do sexo feminino, a questão teve como objetivo coletar dados para entender o perfil das participantes para entender o grupo em específico para que a instituição educacional possa pensar metas e políticas públicas quanto a horários para se adequar as demandas das estudantes-mães e inferir se há necessidade de oferecer creches em diversos turnos. Além disso, a pergunta visa também compreender a identidade de gênero, para compreender se mulheres-mães (biológicas, adotivas, sociais) trans, cis, não binárias, intersexo entre outras orientações de gênero estão acessando os cursos em pesquisa. Já que muitas vezes, essas mulheres-mães enfrentam barreiras em todas as dimensões da vida social, profissional e escolar. A questão em si, visa a identificar e conhecer suas existências e necessidades específicas para combater preconceitos, trabalhar igualdade de gênero e para observar se ocorre a equidade e inclusão nos cursos. Como nas respostas não houve dados quanto ao tema sugere-se pesquisas futuras.

Em relação à variável **idade**, os resultados apontam que das 8 participantes da pesquisa 4 declaram ter idade entre 48 e 53 anos, 2 entre 42 e 47 anos, 1 acima de 60 anos e, por fim, 1 entre 24 e 29 anos.

Sobre as variáveis gênero e idade nos cursos em estudo no *Câmpus* IFSC-Continente, a pesquisa de Michelin (2020, p. 113), no ProfEPT, ao analisar o perfil dos estudantes do Curso Técnico em Confeitaria, subsequente, período vespertino, observou predominância do gênero feminino, sendo que 4 dessas estudantes com a idade acima de 30 anos.

A pesquisa de Souza (2022, p. 113), no ProfEPT, ao analisar os Cursos Técnicos em Cozinha (vespertino) e em Panificação (noturno), subsequentes, os resultados indicaram que 86% do público do curso é feminino, sendo 86% das estudantes com idade acima de 30 anos. Esses dados dialogam com a pesquisa empírica de Gusmão (2020, p. 29-30) realizada no Curso Técnico em Cozinha, cujos resultados demonstraram que a faixa etária das estudantes está acima de 30 anos. O fato de que grande parte das estudantes mulheres desses cursos terem idade acima de 30 anos pode indicar que elas retornam aos bancos escolares, no caso dos subsequentes, para buscar uma qualificação profissional. Nos casos da EJA-EPT, infere-se que tenham encontrado dificuldades para prosseguir a trajetória escolar regular em algum momento das suas vidas. De acordo com França, Escott e Machado (2022, p. 4), essas interrupções podem decorrer por questões relacionadas, por exemplo, trabalhar muito cedo para colaborar com a família nas atividades domésticas e cuidados com os irmãos, trabalhar

para complementar a renda familiar já que são de famílias assalariadas e da classe trabalhadora, à gravidez e o casamento precoce.

Esses dados dialogam com Antunes (2015) ao apontar o aumento expressivo do trabalho feminino em escala global, onde cada vez mais mulheres de diferentes idades são levadas a buscar qualificação profissional e educação formal. Nesse sentido, a EJA-EPT Integrada como política pública permite às trabalhadoras estudantes-mães a oportunidade de acessar conhecimentos e elevar a escolaridade, progredir nos estudos e se qualificar profissionalmente para contribuir na renda familiar construindo sua autonomia e criticidade para o mundo do trabalho.

Sobre a variável **cidade de nascimento**, os resultados apontam que das pesquisadas 5 nasceram fora do estado de Santa Catarina: 1 de São Paulo, 1 do Rio de Janeiro, 1 do Maranhão, 1 de Minas Gerais, 1 de Rondônia. Já 3 nasceram em Santa Catarina, sendo que 2 nasceram no interior do estado e 1 nasceu em Florianópolis, além disso, das 5 estudantes migrantes 4 residem na Grande Florianópolis há mais de 25 anos.

Os dados indicam que a maioria migrou da cidade de origem para a Grande Florianópolis. Embora não se tenha verificado a causa dessa migração, sabe-se, com base em Balsamo (2020), que isso pode ocorrer por diversos motivos, entre eles: busca de melhoria na oportunidade de emprego, busca por qualidade de vida, pela oferta de segurança pública, educação, saúde, lazer, infraestrutura e fatores pessoais. Refere autora que a migração “é maior no sexo feminino do que no masculino” e que essa diferença pode ser explicada pela falta de oportunidades de emprego e renda nas respectivas cidades natais (Balsamo, 2020, p. 23).

Em relação à variável **etnia/raça/cor**, 5 se autodeclararam brancas, 1 parda e 2 pretas. Das que se autodeclararam brancas, 3 são de Santa Catarina, 1 de Minas e 1 de Rondônia; a estudante que se autodeclarou parda é do Maranhão e as que se autodeclararam pretas, 1 é de São Paulo e 1 do Rio de Janeiro.

Sobre a variável **Estado Civil das participantes**, das 8 participantes, 4 se declararam casadas, 3 solteiras e 1 viúva. Na composição familiar há definições que expressam relações interpessoais que podem ser determinantes para a qualidade da formação escolar, já que ter ou não rede de apoio interfere nas questões econômicas, pessoais e familiares, refletindo nas condições concretas de envolvimento do processo de aprendizagem, e, consequentemente, as condições para o sucesso escolar para a conclusão e a progressão nos estudos e na vida profissional.

Nessa lógica, Coelho (2019, p. 56) na sua pesquisa empírica EJA-EPT coloca que 40% dos pesquisados são casados, apontando para o fato de que para a classe trabalhadora sobreviver significa “ou trabalha e come ou fica com fome e estuda” fenômeno expresso igualmente nas trajetórias formativas. França, Escott e Machado (2022, p. 3-4) discorrem que há “um conjunto de reveses causados por instabilidades, inconstâncias e imprevisibilidade” que precisam ser refletidos sobre como o estado civil interfere no acesso, permanência e conclusão das mulheres nos cursos. Entre esses, priorizar a família e filhos recaem socialmente e culturalmente sobre a mulher. Priorizar trabalhar fora pela questão econômica é também outro elemento, já que pelas famílias serem da classe trabalhadora, isso requer que “todos” contribuam com as necessidades básicas. Ademais ter ou não apoio do cônjuge também pesa na possibilidade de retornar a estudar, pois para estudar necessita dividir as responsabilidades da família para poder ter tempo de qualidade para estudar.

Sobre a variável **Pessoa com deficiência - PCD**, os resultados indicam que 100% das participantes declararam não serem portadoras de deficiência - PCD, segundo a Lei n.º 14.723 de novembro de 2023 (Brasil, 2023b) que alterou a Lei n.º 12.711/2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública.

Essa lei reserva vagas para pessoas com deficiência devido ao quantitativo de participantes na pesquisa não se pode afirmar sobre essa realidade nos cursos em que foi estudado sugerindo pesquisas futuras. De qualquer forma, para esse quesito de inclusão alguns aspectos estruturais são necessários pensar: rampas, elevadores, salas adaptadas e acessíveis aos estudantes PCDs. Além disso, materiais didáticos adaptados, livros em braile, intérpretes de libras, softwares de leituras de telas, e outros recursos tecnológicos adequados às suas demandas. Outro elemento é a capacitação dos profissionais da educação com formação que atenda necessidades específicas com práticas pedagógicas inclusivas. No aspecto de relações interpessoais, pode-se reforçar questões de discriminações e preconceitos que por falta de conscientização pode excluir PCDs e desencorajar a participar, permanecer e concluir o curso.

A nível individual, pessoas PCDs podem apresentar dificuldades econômicas, como por exemplo, não ter transporte particular ou transporte público adequado às suas

necessidades, além de vivenciar barreiras culturais pela descrença de familiares e pessoas que pensam que PCDs não podem adquirir autonomia, independência e assim acessar um percurso formativo. Esses aspectos acima mencionados são desafios que PCDs enfrentam para acessar e permanecer no processo formativo. Sendo assim, oferecer campanhas publicitárias que conscientizem a população, além de investimentos em infraestrutura e capacitação que defenda e garanta uma educação inclusiva contribuem para a emancipação e para a vida cidadã desses sujeitos.

Das variáveis externas da primeira seção do questionário, em síntese, os resultados indicaram que a maioria das estudantes está acima de 42 anos e 1 abaixo de 29 anos; 3 são de Santa Catarina e as demais são migrantes de outros estados, sendo que a maioria reside na Grande Florianópolis há mais de 25 anos. Sobre a etnia, 5 se autodeclararam brancas, 2 pretas e 1 parda; 4 casadas, 3 mães solo e 1 viúva.

Finalizada a apresentação dos resultados da primeira seção do questionário, passa-se aos resultados das variáveis da segunda seção.

4.1.2 Variáveis externas: aspectos dos respectivos perfis

A segunda seção do questionário é composta de 9 questões (8-16) pelas quais se buscou abordar quantidade de filhos e idade das crianças, residem com quem, situação profissional, carga horária de atividades remuneradas, a renda mensal familiar, ensino fundamental e modalidade, quanto tempo ficou fora do percurso formativo e o que determinou a escolha do curso. No quadro (4), estão apresentados os resultados das seguintes variáveis: quantidade de filhos e idades das crianças, residem com quem.

Quadro 4 - Variáveis: quantidade de filhos e idade das crianças, residem com quem

Estudante mãe	Estado civil	Quantidade e filhos	Idade dos filhos	Reside com quem
EC1	Solteira	6	7-9-25-32-33-33 anos	Filhos (as)
EC2	Casada	2	16-18 anos	esposo e filhos(as)
EC3	Casada	2	8-18 anos	esposo e filhos(as)
EC4	Casada	2	24-28 anos	esposo e filhos(as)
EC5	Casada	3	22-23-33 anos	esposo e filhos(as)
EC6	Viúva	2	36 anos Gêmeos (filho e filha)	sozinha
EC7	Solteira	3	6-18-27 anos	filhos (as)
EP1	Solteira	1	2 anos	filho

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados revelam que, em relação ao número de filhos, 4 participantes declararam ter dois (2) filhos (as), 2 possuem três filhos (as), 1 estudante tem um (1) filho (a), e 1 possui seis filhos, sendo dois biológicos, dois filhos adotados e dois netos sob guarda permanente. Quanto à idade dos filhos, os dados abrangem que das 8 estudantes da pesquisa, 4 possuem filhos entre 2 e 9 anos. Sobre a composição familiar, 4 das pesquisadas residem com esposo e filhos, 3 moram com os filhos, e 1 pesquisada vive sozinha.

Na composição familiar, observa-se que os familiares residentes são compostos por estudante, esposo e filhos, estudante e filhos e uma estudante que reside sozinha. Conforme se verifica pelos dados essa estrutura familiar das estudantes é definida pela questão econômica, pelas responsabilidades familiares, socioafetivas e domésticas, além de refletir na questão do tempo de estudo dentro desta dinâmica, já que a maioria das entrevistadas trabalham fora de casa e se responsabilizam pelas atividades domésticas e cuidados dos filhos (as).

Esse dado é importante para compreender os desafios e dificuldades das mesmas em comparecer às aulas de forma ininterrompida e de realizar as atividades escolares com qualidade devido ao tempo que é escasso e pela necessidade de ter que ofertar tempo exclusivo aos filhos. Coelho (2019, p. 55) aborda que as mulheres interrompem suas vidas sociais, educativas e profissionais quando se casam, engravidam e por causa do nascimento de filho(a). Portanto, a volta à vida escolar desse público traz a contradição já que a maioria têm jornada de trabalho dupla e/ou tripla que não permite participar de eventos em contraturno na instituição, realizar atividades de pesquisa, extensão e realizar cursos/oficinas que a instituição oferta por ter a obrigação de cuidar, dar atenção e ser responsável pelas atividades dos filhos. Entretanto, apesar das limitações impostas pelas responsabilidades, as pesquisadas se veem motivadas a progredir e concluir o seu estudo, isso para proporcionar uma vida melhor aos filhos e família.

As variáveis Situação de Trabalho, Carga horária de atividade remunerada e Renda mensal familiar estão apresentadas no quadro (5):

Quadro 5 – Variáveis situação de Trabalho, Carga horária de atividade remunerada e Renda mensal familiar

(continua)

Estudante	Situação de Trabalho	Carga horária de atividade remunerada	Renda mensal familiar
EC1	Autônoma	40 horas	Menor de 1 salário-mínimo

EC2	Não trabalha e recebe benefício assistencial	Atividade do lar	Entre 2- 4 salário-mínimo
EC3	Trabalha de carteira assinada	Maior de 40 horas semanais	Entre 2- 4 salário-mínimo
EC4	Trabalha de carteira assinada	Maior de 40 horas semanais	Entre 2- 4 salário-mínimo
EC5	Não trabalha	Atividade do lar	Entre 2- 4 salário-mínimo

Quadro 5 – Variáveis situação de Trabalho, Carga horária de atividade remunerada e Renda mensal familiar

(conclusão)

Estudante	Situação de Trabalho	Carga horária de atividade remunerada	Renda mensal familiar
EC6	Aposentada e trabalha como autônoma	Maior de 40 horas semanais	Entre 2- 4 salário-mínimo
EC7	Trabalha de carteira assinada	Maior de 40 horas semanais	entre 2 e 4 salário-mínimo
EP1	Trabalha de carteira assinada	Maior de 40 horas semanais	entre 2 e 4 salário-mínimo

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à **variável situação de trabalho**, das 8 participantes, 4 declararam trabalhar com carteira assinada, 2 não trabalham fora de casa no momento da pesquisa, sendo que uma recebe benefício assistencial, 1 trabalha como autônoma, e, por fim, 1 é aposentada e trabalha como autônoma. Sobre a variável carga horária de atividade remunerada, os dados apontam que, das 8 pesquisadas, 4 declararam que trabalham mais de 40 horas semanais, 2 declararam trabalhar 40 horas semanais e, por fim, 2 declaram que não trabalhavam fora de casa no momento da entrevista. Os dados sobre a **variável renda mensal familiar indicam que**, das 8 estudantes, 7 declararam que a renda mensal familiar se encontrava entre 2 e 4 salários-mínimos e 1 trabalhadora declarou que a renda mensal familiar está em menos de 1 salário-mínimo. Esses dados são importantes para se refletir como a renda mensal interfere na realidade das pesquisadas.

Os dados acima revelam uma realidade de sobrecarga e precarização laboral, enquanto 4 das entrevistadas trabalham de carteira assinada, 4 cumprem jornadas acima de 40 horas semanais e 2 estudantes atuam como autônomas, incluindo uma estudante aposentada que continua trabalhando com carga horária acima de 40 horas semanais. Apesar das extensas jornadas, a renda familiar da maioria (7) situa-se entre 2 e 4 salários-mínimos, valor

insuficiente para cobrir as despesas básicas de uma região com alto custo de vida como a Grande Florianópolis.

Outro dado que chama a atenção é o caso da estudante autônoma que sobrevive com menos de 1 salário-mínimo, exemplificando a vulnerabilidade econômica que atinge mulheres chefes de família. Paradoxalmente, mesmo as que declaram “não trabalhar” 2 desempenham atividades do lar não remunerado, evidenciando como o trabalho reprodutivo permanece invisibilizado. Essas condições, combinadas com os gastos domésticos e com o transporte, cria um círculo vicioso de exaustão que ameaça a permanência escolar.

Os dados revelam uma realidade marcada pelas desigualdades de gênero e classe entre as 8 estudantes, seis trabalham fora de casa para complementar a renda familiar, sendo que 3 são mães solo, únicas provedoras socioafetivas e econômicas de suas famílias. Essa situação exemplifica o que Fontella (2020, p. 168) aborda em sua pesquisa.

Nesse sentido, a dupla e/ou tripla jornada tem consequências diretas no percurso escolar, onde as estudantes apresentam dificuldades em gerenciar o tempo para estudar e realizar atividades extracurriculares, além do cansaço e fadiga mental e física que compromete o aprendizado causando mais estresse e ansiedade que afetam a concentração. O contexto socioeconômico de Florianópolis agrava esses desafios já que é a 3.^a capital com aluguel mais caro do país, conforme a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Pacheco 2025), forçando que os indivíduos da classe popular residam em bairros distantes que os obrigam a utilizar transporte público, boa parte das pesquisadas necessitam pegar duas ou três conduções diárias para ir e voltar do trabalho e escola pagando tarifas entre R\$ 6,90 e R\$ 5,75 reais.

Ademais, a cesta básica está entre as mais caras, conforme a Associação Brasileira das Empresas de Benefícios ao Trabalhador (Serrano, 2024). Esses custos consomem parte significativa da renda familiar (entre 2 e 4 salários-mínimos), deixando as estudantes em situação de subsistência. Fontella (2020, p. 138) coloca que desta forma, é nesse cenário que a EJA-EPT ao oferecer educação pública e de qualidade se mostra essencial, pois possibilita não apenas a conclusão do curso, mas a transformação familiar mais ampla aos estudantes do curso que “vêm de famílias que vivenciam vulnerabilidades socioeconômicas e buscam uma melhoria, não só para si, mas para toda sua família”. Os dados demonstram que, para essas mulheres, estudar vai além da qualificação, é um ato de resistência contra ciclos de pobreza e uma aposta no futuro que beneficia toda a família. Nesse sentido, a educação se revela tanto um direito social quanto estratégia de sobrevivência e mobilidade social.

Os resultados das variáveis estudaram o ensino fundamental em que modalidade, quanto tempo fora da escola e o que determinou a escolha do curso estão apresentados no quadro (6):

Quadro 6 – Variáveis estudou o ensino fundamental em que modalidade, quanto tempo fora da escola e o que determinou a escolha do curso

Estudante	Ensino fundamental	Tempo fora da escola	Fatores para escolha do curso atual
EC1	Ensino regular/escola pública	23 anos	Gratuito/professores qualificados
EC2	Supletivo público	37 anos	Qualidade do curso
EC3	Ensino regular/escola pública	28 anos	Gratuito/qualidade do curso/professores qualificados
EC4	Ensino regular/escola pública	22 anos	Gratuito/ qualidade do curso/professores qualificados
EC5	Ensino regular/escola pública	34 anos	Ser um curso gratuito
EC6	Ensino regular/escola pública	43 anos	Gratuito/qualidade do curso
EC7	EJA	16 anos	Qualidade do curso
EP1	ENCCEJA	11 anos	Outro- memória afetiva com a avó

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à variável onde estudou no ensino fundamental, das 8 estudantes, 5 declararam ter estudado o Ensino Fundamental no Ensino Regular em escola pública, 1 declarou ter estudado no Supletivo Público, 1 declarou ter estudado na Educação de Jovens e Adultos e, por fim, 1 declarou ter estudado no ENCCEJA.

Sobre a variável escolha do curso, das 8 estudantes, 3 declararam ter escolhido o curso por ser gratuito, pela qualidade do curso e pelos docentes serem qualificados, 3 estudantes declararam ter escolhido o curso pela qualidade do curso, 1 estudante escolheu o curso por ser gratuito e de qualidade e por fim, 1 estudante escolheu o curso para criar memórias afetivas.

Os dados acima mostram histórias marcadas por longos períodos de afastamento escolar e escolhas condicionadas por limitações socioeconômicas. Entre as participantes, o tempo fora da escola variou de 11 a 43 anos, com destaque para estudante que retornou aos estudos após quase quatro décadas de interrupção. Além disso, todas cursaram o ensino fundamental em escola pública regular, onde duas estudantes utilizaram a modalidade EJA E ENCCEJA.

A escolha pelo curso foi motivada por fatores econômicos e de qualidade, já que 6 mencionaram a gratuidade e 5 destacaram a qualificação dos docentes e 4 destacaram a qualidade do ensino. Um caso singular foi de uma estudante que optou pela formação movida por uma memória afetiva, demonstrando que além das necessidades objetivas da vida a procura pelo curso apresenta também elementos subjetivos.

Esses dados evidenciam como a EJA-EPT se torna possibilidade de retorno aos estudos, como consequência de um sistema educacional que historicamente excluiu os (as) trabalhadores (as) adultos (as). Além disso, o predomínio da escola pública nas trajetórias iniciais reforça o papel do Estado na reparação histórica na educação, enquanto a ênfase na gratuidade e qualidade revela a busca por uma educação que seja transformadora.

Nesse sentido, alguns elementos indicam e reforçam essa dinâmica, da responsabilidade de trabalhar para colaborar na subsistência da família, já que a maioria vem de família assalariada, outro elemento refere à maternidade e o casamento que eleva a taxa de abandono escolar entre as mulheres. Também infere a questão de acesso e oportunidade educacional tanto em áreas rurais como urbanas já que há regiões que faltam creches públicas e serviços essenciais, a falta de apoio financeiro ou rede de apoio também interfere, além disso, a ausência de políticas públicas e educacionais voltadas para esse público dificulta que as estudantes-mães ascendam profissionalmente, socialmente e educacionalmente.

Esses aspectos apresentam impactos na vida das estudantes já que o não acesso à educação formal limita as oportunidades de acesso no mundo do trabalho, aumenta a vulnerabilidade econômica, social e cultural perpetuando o ciclo de pobreza e desigualdades de gênero. Portanto, é importante haver programas de apoio para colaborar para que as estudantes possam retornar aos estudos, nesse sentido, a EJA-EPT Integrada pode ser referência enquanto política pública oportunizando que elas voltem a estudar e elevar a escolaridade e se qualificar profissionalmente.

Nessa lógica, Ciavatta (2019, p. 34) coloca que pensar o trabalho criticamente, como princípio educativo, vai além da formação profissional e das demandas do mercado. É concebê-lo como uma atividade ontológica, fundamental na criação da nossa humanidade. Assim, a educação deve capacitar o ser humano a compreender e a superar as formas degradantes do trabalho, ao mesmo tempo em que o aperfeiçoa em toda a sua potencialidade.

O IFSC, Florianópolis- Continente oferece cursos a trabalhadores estudantes que buscam qualificação profissional e no caso da modalidade EJA-EPT Integrado permite às mesmas se qualificarem e concluírem o ensino médio. As respostas apresentadas pelas

pesquisadas demonstram que ao buscar um curso gratuito, de qualidade e com docentes qualificados, permite adquirir habilidades, competências, técnicas e conhecimentos que possibilita avançar no mundo do trabalho, na vida social e cultural. Ademais, a instituição de ensino tem reconhecimento social quanto a sua qualidade.

Em síntese, das variáveis externas desta seção (2) do questionário sobre aspectos relativos ao perfil socioeconômico das pesquisadas, os resultados indicaram que todas têm filhos, variando em diferentes idades, sendo 4 com filhos (as) entre 2 e 9 anos; 4 residem com esposo e filhos (as) e 3 residem com os filhos, estas são mães solo, refletindo questões econômicas e questões socioafetivas, bem como sobrecarga de tarefas domésticas e cuidados com as crianças, impactando no tempo dedicado aos estudos.

Os dados também indicaram que 6 estudantes trabalham, sendo 4 de carteira assinada, destas, 1 trabalha como doméstica e 2 como autônomas, sendo uma aposentada. Além disso, 4 trabalham mais de 40 horas semanais o que expressa a exaustão e cansaço físico e mental como observado durante as entrevistas. Em termos financeiros, 7 têm renda entre 2 e 4 salários-mínimos e 1 estudante sobrevive com menos de um salário-mínimo. Por fim, os resultados indicam que a maioria fez o ensino fundamental em escolas públicas regulares, ficando entre 11-43 anos fora do percurso escolar. A maioria escolheu o curso por ser gratuito, pela qualidade do curso e pelos docentes serem qualificados.

Finalizada a apresentação dos resultados da segunda seção do questionário que tratou das variáveis perfil socioeconômico das participantes, passa-se aos resultados das variáveis da terceira seção do questionário.

4.1.3 Variáveis externas: Percepção das participantes sobre a permanência-evasão dos cursos em estudo

A terceira seção com as cinco questões (17-21) buscou depreender informações sobre a percepção das estudantes quanto ao curso, com as questões: se tinha noção do curso, se realizou a leitura do PPC, se leu o PPC antes de realizar a inscrição, motivos que leva o (a) estudantes a abandonar o curso, quais fatores dificultam sua permanência no curso e por fim, qual sua expectativa ao concluir o curso.

Quanto à **variável noção do curso**, das 8 estudantes, 5 declararam que não tinham noção a respeito do curso, como por exemplo, sobre o objetivo do curso, as unidades curriculares, estrutura física do curso, entre outros. Já 3 estudantes declararam que tinham

noção sobre o curso. Sobre a **variável leitura do PPC**, das 8 estudantes, 5 declararam que leram o Projeto Pedagógico do Curso – PPC, 2 declararam que não realizaram a leitura e, por fim, 1 informou que leu um pouco o PPC.

À primeira vista, parece ser incoerente as duas questões, a maioria não conhecia o curso, mas diz ter lido o PPC? Essa dissonância entre “conhecer” pode ser explicada no sentido de que as estudantes não sabiam detalhes do curso, como grade curricular, metodologia ou objetivos do curso, escolha do curso por fatores externos, como por exemplo, a disponibilidade de vagas no mundo do trabalho. Já “ler” o PPC pode ser entendido como acesso formal ao documento para receber informação sobre a matrícula, leitura superficial apenas da parte do documento, como carga horária sem adquirir conhecimento crítico do conteúdo.

Ou também as respostas podem demonstrar que na hora de preencher o questionário, as pesquisadas podem ter respondido que leram o PPC por pressão social, ou seja, não admitir que não tivesse a informação quanto ao documento, ou confundir ler o PPC com outros materiais, como por exemplo, edital de matrícula e folhetos informativos do curso. Isso sugere haver falha na divulgação e acesso dos cursos, apesar de ser disponibilizado no site da instituição pode ser difícil de acessar, a linguagem pode ser muito técnica, além de não se debater e dialogar com o PPC em sala de aula o que demonstra não haver mediação pedagógica que facilite a sua compreensão.

Isso sugere não haver processo de divulgação e comunicação sobre o curso antes da matrícula, o PPC pode ser um documento burocrático, mas não uma ferramenta pedagógica, já que a maioria “leu”, mas não associou isso ao conhecimento do curso. Nesse sentido, o PPC não está cumprindo o seu papel de orientar os candidatos. Essa contradição impacta na permanência e na formação integral, se as estudantes não entenderam o PPC, podem não compreender as práticas pedagógicas.

Ademais, isso também dificulta o engajamento das estudantes por não conhecer os objetivos do curso. Como se pode falar em formação integral, em práxis pedagógicas se os cursos não têm um documento vivo, discutido nas salas de aula? Ou será que se discutem as questões instrumentais voltadas às técnicas dos cursos? Na perspectiva da formação integral o PPC pode ser usado para debater por que o curso existe e como ele se relaciona à realidade, por exemplo, relacionar fogão a debates sobre a soberania alimentar? Essas questões reforçam que a formação integral exige diálogo e práticas pedagógicas na apropriação dos conteúdos

dos PPCs necessitam refletir a realidade dos estudantes da EJA-EPT trabalhados em Flores (2016).

Os resultados das variáveis motivadas que leva o (a) estudantes a abandonar o Curso estão apresentados no quadro (7):

Quadro 7 – Variáveis motivos que leva o (a) estudantes a abandonar o Curso

Estudante	
EC1	Por não compreender como ser inserido no mundo do trabalho/pessoais/desemprego
EC2	Por motivo de saúde/pessoal/por não conciliar estudo e trabalho
EC3	Por motivos pessoais/não conseguir conciliar estudo e trabalho
EC4	Por motivos pessoais/não conseguir conciliar estudo e trabalho/mudança de cidade/mudança de emprego
EC5	Motivos pessoais
EC6	Relacionar conteúdo teórico e prático/baixo reconhecimento da profissão
EC7	Por motivos pessoais/não conseguir conciliar estudo e trabalho
EP1	Motivos pessoais

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se observa no quadro acima, das respostas declaradas, a maioria das estudantes indicam que conciliar trabalho, estudo e motivos pessoais são os maiores fatores que as levam a abandonar o curso.

A **variável fatores que dificultam a sua permanência no Curso**, das 8 estudantes, 3 declararam que o transporte dificulta a permanência no curso, 2 informaram que não há dificuldades, 1 não ter com quem deixar o filho (a), 1 transporte e trabalho afeta a permanência no curso e, por fim, 1 família e não ter com quem deixar o filho/a dificulta a permanência.

Os dados acima demonstram que para a maioria das estudantes a permanência na EJA-EPT Integrado apresenta o transporte como o primeiro elemento que mais pesa na permanência no curso, no caso da Grande Florianópolis as estudantes residem em bairros distantes. Isso é considerado nas dificuldades apresentadas, já que pegar duas e/ou três conduções para ir e voltar do trabalho e da escola interfere na questão do tempo e nos custos na vida das pesquisadas. Mesmo com um sistema integrado de transporte, a cidade conta com umas das tarifas mais caras do país, sendo que, no ano de 2025, o valor do transporte pago no

dinheiro encontra-se em R\$ 6,90 reais por pessoa e no cartão está R\$ 5,75 reais (Caldas, 2025).

Considerando que a renda média das entrevistadas oscila entre 2 e 4 salários-mínimos, com despesas que incluem alimentação, moradia e cuidado com os filhos, o transporte se torna um fator de exclusão, limitando o seu acesso à educação, reforçando os ciclos de desigualdades.

O segundo elemento apresentado pelas estudantes para ter dificuldade de permanecer no curso é de não ter com quem deixar o (s) filhos (as). A responsabilidade recai ao gênero feminino, mesmo que a pesquisa seja casada, a falta de apoio ou ausência de rede de apoio impacta na permanência das mesmas nos cursos. Além disso, o trabalho também foi abordado como dificultador de permanência no curso porque exige longas jornadas que refletem na aprendizagem, já que elas chegam cansadas na escola, bem como a falta de tempo para realizar as atividades escolares e pelo estresse em ter que lidar com tantas demandas e responsabilidades ao mesmo tempo.

Os resultados da variável **Expectativa ao concluir o Curso** estão apresentados no quadro (8):

Quadro 8 - Variável Expectativa ao concluir o Curso

Estudante mãe	
EC1	Progressão nos estudos/abrir o próprio negócio/progressão no mundo do trabalho
EC2	Progressão nos estudos/progressão do mundo do trabalho
EC3	Progressão nos estudos
EC4	Progressão nos estudos/progressão no mundo do trabalho
EC5	Abrir próprio negócio
EC6	Progressão nos estudos/progressão no mundo do trabalho
EC7	Progressão nos estudos
EP1	Progressão nos estudos

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto a variável expectativa ao concluir o curso, das 8 estudantes, 3 estudantes declararam que a expectativa ao concluir o curso é progredir nos estudos e progredir no mundo do trabalho, 3 estudantes declararam progredir nos estudos, 1 estudante declarou que

ao concluir o curso é abrir o seu próprio negócio e por fim, 1 declarou que sua expectativa é progredir nos estudos, abrir o próprio negócio e progredir no mundo do trabalho.

Com base nas respostas acima, as estudantes se sentem motivadas a concluir o curso por meio da modalidade EJA-EPT Integrada que estimula a progressão na formação profissional. Além disso, permite a realização pessoal e reconhecimento social, pois ao concluir o curso permite que as estudantes possam sonhar novos projetos de vida e criar perspectivas por meio de novas oportunidades, seja trabalhando nos diversos espaços, passando em concursos públicos ou abrindo o próprio negócio. Ademais, podem pensar em progredir nos estudos seja realizando outros cursos técnicos, educação superior, especializações e outras formas de educação continuada que permitirá adquirir e aprofundar habilidades e conhecimentos que serão levados para a vida pessoal e profissional refletindo o desejo de transformar suas vidas e de suas famílias por meio da educação trabalhados em Gusmão (2020), não apenas por meio da formação acadêmica mas no impacto em suas realidades sociais, culturais e econômicas voltadas à construção de sua cidadania, autonomia e empoderamento, defendido por Berth (2019) que destaca que o empoderamento exige a redistribuição de poder econômico e território.

Como se observa acima, os resultados **da seção 3 do questionário** abordam que quanto à noção sobre o curso, 5 não tinham conhecimento do curso, no entanto, quanto à leitura do PPC, 5 declararam que leram o PPC do curso. Esses dados revelam uma aparente contradição, que exige uma análise cuidadosa. Essa relação sugere superficialidade das informações demonstrando que as estudantes acessaram o PPC para saber sobre a matrícula, carga horária, ou seja, com foco em informações pontuais e burocráticas. Ou, as estudantes responderam que leram os PPC por se sentirem pressionadas socialmente a não admitir a desinformação. Isso sugere a necessidade de qualificar a divulgação do documento, além da necessidade de trabalhar o documento nas aulas para problematizar a compreensão e a expectativa da formação integral e assim construir uma formação cidadã conectada ao saber pensar a práxis pedagógica dos cursos.

Referente aos motivos para abandonar o curso, os fatores principais na sua maioria é conciliar estudo, trabalho e motivos pessoais e 1 estudante declara ser por não conseguir relacionar os conteúdos teóricos e práticos e pelo baixo reconhecimento da profissão. Quanto às dificuldades de permanência, a maioria das estudantes relata que o transporte interfere e 2 declararam o cuidado com os filhos (as), a falta de apoio que recai sobre as mulheres. No que

diz respeito à expectativa ao concluir o curso, a maioria declara ser para progredir nos estudos e no mundo do trabalho.

O segundo maior obstáculo à permanência das estudantes na EJA-EPT é a ausência de rede de apoio para os filhos (as), um problema que recai sobre as mulheres devido a divisão sexual do trabalho. Mesmo as estudantes casadas relatam a falta de suporte familiar ou institucional, isso evidencia como a responsabilidade pelos cuidados das crianças permanece como barreira para as mulheres acessarem a educação. Essa realidade se agrava quando somada às longas jornadas de trabalho remunerado, que deixam as estudantes exaustas antes de chegar à escola, fato que compromete a capacidade de concentração e aprendizagem.

As expectativas ao concluir o curso revelam o papel emancipatório da EJA-EPT, esses dados demonstram que a modalidade não apenas qualifica profissionalmente, mas também permite criar projetos de vida. A educação para estas estudantes surge como um reconhecimento social e de autonomia, capaz de ressignificar trajetórias pessoais e familiares, especialmente para as mulheres que historicamente tiveram negado o direito a estudar.

A aparente contradição nos dados sobre o conhecimento prévio do curso e a leitura do PPC, onde 5 declaram desconhecer o curso, mas afirmam ter lido o documento sugere um acesso superficial ou burocrático ao PPC isso sugere que é necessário problematizar o PPC em sala de aula, transformando-o em ferramenta de conscientização sobre a formação integral. Além disso, os motivos de abandono, como dificuldade de conciliar estudos, trabalho e cuidado familiares com as crianças, reforçam a necessidade de políticas institucionais que enfrentam essas barreiras estruturais, como horários flexíveis e creches garantindo que o direito à educação seja uma realidade para as trabalhadoras-mães.

Nesta seção, (4.1) Variáveis externas: perfil das trabalhadoras estudantes-mães, foram apresentados os dados do instrumento questionário. Os dados foram divididos em três seções buscando ter uma lógica metodológica para atender o objetivo específico da pesquisa, como também facilitar a análise crítica dos dados.

Na primeira seção, o objetivo buscou mapear características estruturais das participantes no contexto da EJA-EPT como idade, sexo, cidade onde nasceu, etnia, estado civil e Pessoa com Deficiência. O estado civil das estudantes, em que 4 são casadas e 3 mães solo, e a ausência de redes de apoio reforçam como a organização social do trabalho recai sobre as mulheres, mesmo quando compartilham domicílio com parceiros. Além disso, o fato de que nenhuma das participantes se declarou PcD, sugere haver subnotificação ou barreiras maiores para o acesso de mulheres PcD à EJA-EPT. A origem geográfica, com migrações

para a Grande Florianópolis há mais de 25 anos, também é relevante, muitas são trabalhadoras urbanas periféricas, dependentes de transporte público, dado que dialoga com os obstáculos à permanência na seção 2 do questionário.

Essas variáveis são importantes, pois a idade das pesquisadas e o retorno aos estudos depois de longos anos fora da escola (11 a 43 anos) reflete uma dívida histórica do Estado com a Educação de Jovens e Adultos, especialmente para as mulheres pobres. Nesse sentido, a etnia/raça demonstra que a menor presença de mulheres negras pode indicar a dificuldade destas em acessar a educação por não conseguirem conciliar estudo e trabalhos informais mais precarizados e residir em regiões periféricas sem infraestrutura que naturaliza a exclusão. Sendo assim, o perfil estrutural dessas mulheres não é um dado neutro, é um retrato das condições do modo societário que explora. Cruzar essas variáveis com as seções seguintes permite compreender como a EJA-EPT contribui para emancipar ou reproduzir a lógica capitalista.

A seção 2 do questionário traçou perfis das pesquisadas, abordando a quantidade de filhos (as) e suas idades, as estudantes residem com quem, situação profissional, carga horária de atividades remuneradas, a renda mensal familiar, estudou o ensino fundamental em que modalidade, quanto tempo ficou fora do percurso formativo e o que determinou a escolha do curso, o objetivo buscou mapear como os dados sociodemográficos e familiares impactam a trajetória educacional destas mulheres. Esses dados cruzados com os resultados da seção 1 são importantes para entender as demandas das estudantes, como por exemplo, a oferta de creches, oferta de unidade curricular de informática em todos os períodos dos cursos e aulas extras para as dificuldades de aprendizagens. Ou como a configuração familiar, ser mãe solo ou residir com esposos/parceiros interferem na aprendizagem e que ter filhos (as) pequenos exige maior necessidade de apoio/políticas da instituição para as estudantes permanecerem nos cursos e ter uma aprendizagem significativa. Essas informações, na seção 2 do questionário, humanizam os dados estatísticos mostrando como a vida pessoal interfere na escolarização e na aprendizagem.

Por fim, *a seção 3 do questionário* o objetivo tratou da percepção das estudantes sobre a permanência e evasão, buscando captar como as estudantes enxergam os fatores que dificultam a permanência na escola, como por exemplo, como a jornada de trabalho dupla /ou tripla e custo do transporte público afeta sua permanência no curso. Essas respostas revelam percepções subjetivas que podem ser cruzadas com as questões das seções 1 e 2 que são objetivas, o que enriquece a análise dos dados.

Em síntese, a presente pesquisa demonstrou que a *problemática de pesquisa a realidade observada em que trabalhadoras estudantes-mães apresentam dificuldades na aprendizagem, afetando seu sucesso e progresso no seu percurso formativo* decorrem das contradições do modo societário capitalista, onde manifesta-se de forma acentuada no contexto da EJA-EPT. A dialeticidade entre o ideal pedagógico e a realidade concreta emergiu como um ponto crucial: enquanto o projeto da EJA-EPT aspira a uma formação integral que articule teoria e prática para a transformação social, as condições materiais de vida das estudantes impõem uma lógica de sobrevivência. A sobrecarga de jornadas de trabalho, somada às responsabilidades domésticas e de cuidado, invisibilizadas e individualizadas pelo sistema, cria barreiras que sobrepõem os objetivos emancipatórios da educação. O "sucesso", nesse cenário, não se traduz em plena mobilidade social ou consciência política, mas na mera resistência para permanecer e concluir o curso, reforçando que o objeto da pesquisa, a práxis pedagógica para a formação integral, ainda não consegue romper com a lógica da empregabilidade e com o dualismo educacional que permeia a sociedade.

Essa análise evidencia que a formação integral na EJA-EPT não pode ser avaliada isoladamente, mas sim em sua conexão com as variáveis externas. A percepção das estudantes, que valorizam o "saber fazer" em detrimento do "saber pensar", é uma consequência direta das pressões do modo de produção capitalista. A instituição, por mais que promova avanços pedagógicos, não consegue, sozinha, superar a falta de políticas públicas de apoio, a precarização do trabalho e a naturalização das desigualdades de gênero. Portanto, a dialética entre a intenção pedagógica e a realidade material é o que define o percurso formativo dessas mulheres. O verdadeiro desafio para a EJA-EPT e para a educação em geral é reconhecer essas contradições e construir uma práxis que, ao invés de apenas se adaptar, capacite as trabalhadoras estudantes-mães a intervirem em suas próprias realidades, transformando não só suas vidas, mas as estruturas sociais que as oprimem.

Após descrição dos dados relacionados ao perfil das trabalhadoras estudantes-mães, na sequência, na próxima seção, (4.2), apresentam-se os dados referentes às variáveis internas do objeto de pesquisa.

4.2 Variáveis internas categorias - projeto pedagógico dos cursos em estudo

Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) (Educação [...], 2025) e Curso Técnico em Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) (EJA [...], 2025).

Esta seção retoma o objetivo específico (b), depreender de que maneira os princípios da EPT estão articulando a relação teórico-prática na EJA-EPT para a formação integral, Aqui os dados são gerados a partir da leitura e análise do conteúdo dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, tomando-se por parâmetro as variáveis internas categoriais. Como posto na metodologia, essas variáveis internas, aqui retomadas, são:

(i) A variável interna categorial trabalho como princípio educativo é observada de modo geral pelas categorias: trabalho, ciência, tecnologia e cultura, ética, estética, formação cidadã, competência etc.;

(ii) A variável interna categorial pesquisa como princípio educativo é observada de modo geral pelas categorias: funções mentais superiores (objeto-problema de pesquisa, conhecimento científico, descrição, interpretação e análise dos resultados e proposta de intervenção para transformar a realidade em uma perspectiva mais justa e solidária); Linguagem, (escrita de textos complexos normalizados, específicos da redação científica, domínio das tecnologias digitais para acessar, elaborar e compartilhar conhecimentos);

Para dar conta desse objetivo, faz-se uma leitura dos documentos institucionais: Projeto Pedagógico dos Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) do IFSC, *Câmpus* Florianópolis-Continente focalizando os seguintes elementos: objetivo geral e específicos de cada curso; perfil dos egressos de cada curso e competência gerais dos egressos dos cursos. Dentro de cada elemento, os resultados são descritos qualitativamente, interpretados e analisados retomando-se os referenciais teóricos apresentados acima.

Inicia-se pela descrição dos objetivos dos cursos de acordo com os PPCs, conforme quadro abaixo:

Quadro 9 - Objetivo geral e objetivos específicos dos cursos

Objetivo Geral Curso Panificação	Objetivo Geral Curso Cozinha
Promover a formação do Ensino Médio de forma integrada à formação técnica em Panificação a jovens e adultos.	Promover a formação do Ensino Médio de forma integrada à formação Técnica em Cozinha a jovens e adultos.
Objetivo Específico	Objetivo Específico

1 Oferecer Educação para Jovens e Adultos baseada na <i>construção do conhecimento, direcionada à resolução de problemas e à autonomia, que promova a reflexão permanente sobre a prática interdisciplinar e contextualizada;</i> 2 Proporcionar aos jovens e adultos excluídos do processo educacional em tempo regular, a oportunidade de fazerem ou concluírem o Ensino Médio; 3 Oferecer aos jovens e adultos a oportunidade de articular as experiências da vida com os saberes escolares; 4 <i>Preparar cidadãos para a vida, com perspectiva de educação permanente;</i> 5 Qualificar e habilitar profissionais para acompanhar a evolução do conhecimento tecnológico e a aplicação de novos métodos e processos na prestação de bens e serviços, isto é, profissionais qualificados, capazes de se inserir no processo produtivo dos setores específicos desta área econômica de forma consciente, buscando, além da qualificação científico-tecnológica, novos conhecimentos e métodos; 6 Formar o cidadão profissional apto a atuar com responsabilidade socioambiental na produção de alimentos.	1 Oferecer Educação para Jovens e Adultos baseada na <i>construção do conhecimento, direcionada à resolução de problemas e à autonomia, que promova a reflexão permanente sobre a prática interdisciplinar e contextualizada;</i> 2 Proporcionar aos jovens e adultos excluídos do processo educacional em tempo regular, a oportunidade de fazerem ou concluírem o Ensino Médio; 3 Oferecer aos jovens e adultos a oportunidade de articular as experiências da vida com os saberes escolares; 4 <i>Preparar cidadãos para a vida, com perspectiva de educação permanente;</i> 5 Qualificar e habilitar profissionais para acompanhar a evolução do conhecimento tecnológico e a aplicação de novos métodos e processos na prestação de bens e serviços, isto é, profissionais qualificados, capazes de se inserir no processo produtivo dos setores específicos desta área econômica de forma consciente, buscando, além da qualificação científico-tecnológica, novos conhecimentos e métodos; 6 Formar o cidadão profissional apto a atuar com responsabilidade socioambiental na produção de alimentos.

Fonte: Adaptado de Educação [...] (2025) e EJA [...] (2025).

Ao comparar o conteúdo do elemento Objetivo geral e dos objetivos específicos dos dois cursos, observa-se que ambos estão constituídos com as mesmas informações. O objetivo geral deixa claro que a proposta dos cursos é ofertar e promover a formação integrada aos trabalhadores estudantes. Uma vez que o objetivo geral de ambos os cursos é possibilitar uma formação permanente para que possam ir além da educação básica aponta que o ensino é designado para uma formação cidadã que remete a uma prática pedagógica alicerçada nos conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais para a vida.

Para Moura (2014) o Documento Base (Brasil, 2007) contribui para inserir nas instituições o debate e base para a integração entre EM e a EP referentes ao EJA-EPT Integrado. Nesse sentido, ao discutir a concepção de educação continuada abre caminhos para que esse público possa acessar programas de participação sociocultural e política em todas as suas dimensões, independentemente da faixa etária. Haja vista que a formação integrada prescreve um processo de intervenção pedagógica que possibilita a progressão ao longo da vida já que a vida humana é constituída por diversos elementos que se organizam por determinações históricas e sociais. Sendo assim, esses elementos ocorrem por “processos sociais de produção material e simbólica” (Ramos, 2017, p. 42), refere que na educação infere

nos currículos, nos PPCs dos cursos e na cultura dos processos formativos que apresentam as determinações da totalidade social. Em vista disto, os dados nos dois PPCs indicam os mesmos seis objetivos específicos em ambos os documentos demonstrando que os cursos estão comprometidos com as necessidades e desafios de sua época. O objetivo específico (2) aponta para o direito desses sujeitos retornarem aos estudos para finalizarem o ensino médio, previsto no Artigo 6.º da Constituição Cidadã que apresenta a educação como direito social que resulta na LDBEN (Brasil, 1996, p. 20), no seu Artigo 37, coloca que a educação de jovens e adultos é destinada àqueles que não conseguiram acessar ou continuar os estudos na idade própria garantindo a esse público acessar a educação e a aprendizagem durante a vida.

Ao proporcionar aos jovens e adultos excluídos a oportunidade de fazer ou concluir o Ensino Médio permite que a classe que vive do trabalho seja incluída na vida social o estimulando a se tornar um (a) cidadão (ã) crítico (a) para enfrentar as desigualdades socioeconômicas. Nesse sentido, Oliveira (2018, p. 97), discorre que os desafios para efetivar direitos no caso brasileiro “é a herança de violência e desigualdade articuladas por questões de classe, raça, etnia, geração e gênero que marcam as relações sociais” e que esse processo direciona a população brasileira a não ter acesso aos bens socialmente produzidos decorrentes do modo societário. Uma vez que no Artigo 37, da Constituição Federal de 1988, em seu § 3º coloca que “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” nessa lógica, a educação é pensada na compreensão “na formação omnilateral, politécnica ou integral”, no sentido de escola unitária de Gramsci (Moura, 2014, p.15).

Diante do exposto, cabe evidenciar que há dois movimentos importantes de aproximação entre a educação profissional e a educação básica que permite articular as experiências da vida com os saberes escolares. A primeira relaciona-se a aproximação das disciplinas da formação profissional às disciplinas da formação geral, no sentido de contribuir para a formação dos estudantes trabalhadores para a compreensão que no EMI a formação geral e a profissional não estão separadas, e sim, integradas. A segunda situação, diz respeito às especificidades dos estudantes, ou seja, nessa modalidade há a possibilidade de estabelecer relações entre o conhecimento escolar e o conhecimento sociocultural desse público e que o resultado destes movimentos é mediado pelo docente com uma práxis pedagógica que vá além da transmissão dos conhecimentos que por meio da relação teórico-prática construam conhecimentos cheios de sentidos na proposta da formação integral.

Nessa lógica, Arroyo (2007, p. 16) reflete que “a EJA é a hora das flores noturnas, parafraseando uma linda música, Flores Noturnas, do cubano Rodriguez”, onde trabalhar na EJA requer entender que o estudante trabalhador tem uma realidade cheia de desafios, confrontos e negação de direitos que são enfrentados também no cotidiano educacional, mas também cheio de experiências que podem ser direcionadas ao conteúdo ensinados. Sendo assim, o desafio dos docentes é como trabalhar as experiências da vida (conhecimentos tácitos) com os saberes escolares (conhecimentos sistematizados). Como coloca Arroyo (2007, p.16), é necessário “reconhecer que tem saberes, mas tem valores” e que nesse percurso formativo construir a formação profissional requer que não seja conteudista e pragmática, e sim, com sentido de formação completa e integrada com valores em todas as suas dimensões defendidos na omnilateralidade.

Em relação à variável *Trabalho como princípio educativo*, os objetivos (4) e (5) indicam que a aprendizagem deve “*preparar cidadãos para a vida, com perspectiva de educação permanente*”, nessa lógica o ensino é construído para que o trabalhador estudante compreenda as relações da sociedade na sua totalidade e contradições como resultado o trabalho nessa relação é mediado pela cultura, pelas relações sócio-históricas, pela política e pela educação. Em Moura (2014), Saviani (2007) e Ramos (2014) a prática pedagógica necessita ser compreendida na centralidade do trabalho onde a formação didática, política e pedagógica tenham no ensino-aprendizagem a concepção de formação da base humanista. Decorrente dessa formação, esses objetivos visam oportunizar aos trabalhadores estudantes a compreensão das relações sociais e seus fenômenos/fatos que interferem no mundo do trabalho e assim, tornar-se profissional qualificado a desenvolver o seu exercício profissional como cidadão crítico que apreende as mudanças que afetam a sociedade. Para Ramos (2016, p. 67):

A consecução dos objetivos educativos exige partir e tomar como referências o saber objetivo produzido historicamente, dentre esses, distinguindo-se o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório. Esses emergirão, pela mediação do trabalho pedagógico, como saberes da aprendizagem, sendo esses os que interessam diretamente a escola. Portanto, a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado.

Nesse sentido, o conhecimento construído e defendido pela perspectiva histórico-crítica aponta que o saber no mundo produzido pelos homens tem em vista o desenvolvimento da capacidade de captar o processo do real no seu sentido histórico

expressando os conceitos e valores do mundo onde se vive além da aparência. E que devido a essa dinâmica é necessário que elementos decorrentes das relações sociais “são assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem, de fato, humanos” sejam construídos por conhecimentos científicos pela intervenção do ser humano (Ramos, 2016, p. 67).

Ademais, estes princípios estão ligados a formação integral do indivíduo, pois ao articular a educação básica a educação profissional permite a compreensão do mundo do trabalho ao mundo produtivo, preparando-os não apenas tecnicamente, mas também criticamente para atuar na sociedade. Esses objetivos enfatizam a qualificação profissional aliada à reflexão e autonomia sobre o processo produtivo.

Já o objetivo específico (1) e (3), dos PPCs dos cursos liga-se a pesquisa como princípio educativo apontando que “oferecer educação para jovens e adultos baseados na construção do conhecimento” para que possam ter “a oportunidade de articular as experiências da vida com os saberes escolares” insere-se na necessidade de integrar o trabalho, a ciência, a tecnologia, e cultura nas dimensões políticas e profissionais que são indissociáveis da vida social. Nesse sentido, reflete que essas dimensões estão vinculadas às condições necessárias ao efetivo exercício da cidadania e que precisa ser fortalecido como um campo de conhecimento que “implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos” que acessam essa modalidade de ensino (Brasil, 2007, p. 35).

Nesse sentido, *a pesquisa como princípio educativo* é um instrumento para trabalhar a maturidade cognitiva necessária para desenvolver nos trabalhadores estudantes a autonomia e o senso crítico. Conforme os PPCs em seus objetivos específicos (1) e (3) está na construção do conhecimento voltados a resolução de problemas incentivando a reflexão contínua de forma interdisciplinar. Em Valer (2019), a pesquisa se destaca a importância de aplicar, relacionar, resolver, estabelecer e articular teorias sobre as práticas. E isso se concretiza por meio da prática pedagógica que articula a exploração de caminhos pensados na realidade social, pessoal e profissional. Ou seja, a pesquisa não só consolida o aprendizado, mas também estimula a autonomia intelectual, permitindo ao estudante compreender e transformar seu contexto social e laboral.

Conforme a análise acima, para que ocorra a formação profissional comprometida com uma sociedade justa e igualitária é necessário construir conhecimentos sistematizados e articulados com a ciência, a cultura, tecnologia e trabalho proporcionando construir um perfil

crítico constituído de características e habilidades éticas e políticas voltadas ao mundo do trabalho.

Quadro 10- Perfil dos egressos dos cursos

Curso Panificação	Curso Cozinha
Realiza planejamento e execução do processo de produção de pães e salgados de maneira artesanal ou de forma industrializada. Realiza a aquisição de equipamentos. Utiliza as boas práticas na manipulação de alimentos, rotulagem e identifica a embalagem adequada. Opera equipamentos utilizados no processo e efetua controle de qualidade, de estoque, custos e consumo. Utiliza técnicas mercadológicas de produtos e insumos. Desenvolve produtos e processos.	Profissional capaz de atuar na organização da cozinha, na seleção e no preparo da matéria-prima, elaboração e organização das produções do cardápio. Executar cortes e métodos de cocção, utilizando as práticas de manipulação de alimentos. Operar e manter equipamentos e maquinários básicos de cozinha. Armazenar diferentes tipos de gêneros alimentícios, controlar estoque, consumo e custos, com responsabilidade profissional, considerando os aspectos higiênicossanitários, socioambiental e históricocultural.

Fonte: Adaptado de Educação [...] (2025) e EJA [...] (2025).

Referente ao perfil dos egressos de ambos os cursos indicam que há necessidade de desenvolver competências com enfoque na instrumentalização para o ofício da prática laboral com marcos do trabalho no seu sentido histórico. Apesar dos PPCs até pouco tempo terem base na pedagogia das competências observa-se um direcionamento para a preparação do trabalhador estudante com foco numa formação ampla, tendo como fundamento a formação cidadã que permite uma formação crítica ao mundo do trabalho.

No sentido técnico os conteúdos dos PPCs foram observados para demarcar se há uma perspectiva teórica direcionada a compreensão das relações externas ao ambiente de trabalho, ainda assim, com foco instrumental do trabalhador. Nesse sentido, Ramos (2002) analisa de forma crítica a implantação da pedagogia das competências como base orientadora da Educação Profissional brasileira, a partir dos documentos oficiais dos anos 1990. Argumenta a autora que essa pedagogia foi apresentada como uma modernização necessária e uma solução técnica para alinhar a formação ao novo mundo do trabalho, marcado pela reestruturação produtiva e pela suposta demanda por trabalhadores "polivalentes". No entanto, esse discurso, presente nos documentos, escondeu a mudança de concepção de educação, onde deixou de focar na formação humana integral e crítica para atender as lógicas pragmáticas e mercadológicas.

Ramos (2002) em seu texto desvela que, por trás da retórica da empregabilidade e da flexibilidade, a pedagogia das competências opera uma fragmentação do conhecimento, reduzindo-o a um conjunto de habilidades operacionais e comportamentais diretamente vinculadas às necessidades imediatas do capital. Essa abordagem, segundo a autora, superficializa o processo educativo, tratando-o como um treinamento que visa a eficiência e a produtividade. Dessa forma, os documentos oficiais, ao adotarem essa perspectiva, negligenciam a dimensão histórica, política e social do trabalho e da educação, promovendo uma formação que não questiona as estruturas sociais e as relações de poder vigentes. A autora conclui que a "superfície" dos documentos oficiais, ao naturalizar a pedagogia das competências como a única via possível e desejável, oculta seu caráter ideológico. Essa pedagogia não é neutra, é um instrumento que conforma a subjetividade do trabalhador às necessidades do mercado, desta forma, inibindo o desenvolvimento de uma consciência crítica dos indivíduos capaz de transformar a realidade. O artigo da autora, portanto, alerta sobre a importância de se ler além da superfície dos textos oficiais, desconstruindo seus pressupostos para se defender uma educação profissional que efetivamente emancipe os indivíduos e prepare-os para a cidadania plena, e não apenas para o atendimento das demandas do capital.

Nesse sentido, apesar dos PPCs apresentarem a pedagogia das competências, demonstram que o espaço formativo tem espaço para contrapor essa perspectiva. No item (6) dos objetivos específicos dos dois cursos, que é “formar o cidadão profissional apto a atuar com responsabilidade socioambiental na produção de alimentos” assegura o despertar para o conhecimento que supere a técnica, no seu sentido histórico, que propicie expandir a condição de mero executor de atividade profissional para um trabalhador que compreenda sua formação em seu sentido histórico e das relações contraditórias entre o trabalho e sociedade e das relações de deslocamento contínuo da realidade social existente, exigindo que a formação profissional amplie as competências voltadas para uma formação omnilateral para saber lidar e buscar soluções decorrentes do modo capitalista que destrói as riquezas naturais de forma predatória.

Ademais, observa-se nestes documentos a relação da *formação cidadã*, que em Marx (2019), o termo cidadão surge da transição da sociedade feudal para a sociedade burguesa, onde havia a necessidade de uma sociedade civil e de cidadãos para dar andamento ao desenvolvimento ao modo capitalista, voltada a uma prática profissional voltada a nova realidade burguesa. No objetivo específico de ambos os cursos refere em formar *cidadão profissional* (6), no perfil dos egressos do curso Panificação a consciência social e histórica

aplicada a responsabilidade profissional quesitos presentes nas competências do curso Panificação (7) e curso Cozinha onde coloca “o egresso do curso é cidadão profissional intelectualmente autônomo que utiliza de conhecimentos científicos e tecnológicos para compreender, comunicar e operacionalizar com ética e criticidade as técnicas de produção” (EJA [...], 2025, p. 7).

O termo “preparar cidadãos para a vida, com perspectiva de educação permanente” expresso no objetivo específico, em ambos os cursos, visa que os trabalhadores estudantes possam desenvolver senso crítico para aplicar na vida profissional e pessoal de forma efetiva uma formação que vai além da técnica. Nesse sentido, o Documento Base (Brasil, 2007, p. 42) coloca:

Compreendida na perspectiva da formação para o exercício pleno da cidadania, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo de cidadãos participativos, conscientes de seus direitos sociais e de sua compreensão/ inserção no mundo do trabalho, entendido como elemento fundamental ao processo de omnização de homens e mulheres e de produção cultural.

Assim sendo, busca ofertar uma formação na perspectiva mais ampla para compreender o mundo do trabalho e não somente a sobrevivência para a empregabilidade. A educação integral na perspectiva da PHC visa garantir que o indivíduo tenha domínio das técnicas e instrumentos para compreender a realidade, por meio da práxis na sua relação social do trabalho por meio da politécnica, conforme colocado por Saviani (2007) e Ramos (2014).

O Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) (Brasil, 2024, p. 278), apresenta que o profissional de panificação para atuar como técnico necessita construir seus conhecimentos e saberes conectados às tecnologias para lidar com os processos e conservação de produções, e que também precisa ter habilidades de implementar “análises laboratoriais e sensoriais” referentes a gestão dos sistemas de controle, da qualidade e da segurança de processar alimentos com responsabilidade técnica das normas e da gestão sustentável. consoante a isto, também necessita desenvolver habilidades e competências para trabalhar em equipe e com a inovação tecnológica aplicando diferentes técnicas no espaço profissional tendo um olhar crítico na sua profissão e ao mundo do trabalho.

Já o curso Cozinha, pelo CNCT (Brasil, 2024, p. 450) trata que o profissional de cozinha precisa desenvolver “conhecimentos multidisciplinares” aprendendo sobre aspectos sociais, culturais e econômicos referentes à gastronomia, para utilizar os utensílios,

equipamentos e técnicas de produção de alimentos. Também o perfil do egresso apresenta que há necessidade de conhecer “sobre práticas sustentáveis e manejo de resíduos e sobre o cumprimento das legislações relacionadas à produção e à segurança dos alimentos” necessitando saber trabalhar de forma colaborativa tendo uma comunicação clara que seja comprometida com a sustentabilidade para a solução de problemas e situações imprevistas na cozinha.

Desta forma, o perfil dos egressos dos PPCs dos dois cursos está em consonância com o CNCT e o COB onde requer que o trabalhador estudante desenvolva habilidades e competências a tornar-se trabalhador cidadão que tenha autonomia para desenvolver seu trabalho utilizando de conhecimentos científicos e tecnológicos para depreender, comunicar e operacionalizar com ética de forma crítica as técnicas de produção alimentar nos diversos setores e serviços. Sendo que para isto, o profissional necessita considerar “os aspectos gastronômicos, higiênico-sanitários e de responsabilidades profissionais, sociais e ambientais” sabendo interpretar os os fatos/fenômenos provocados pelo modo capitalista que estão na base dos desafios profissionais compreendendo que essa autonomia intelectual precisa se desenvolver no sentido de entender a dualidade entre formação técnica e formação propedêutica e a relação entre inclusão e exclusão que afeta a sociedade como um todo (Educação [...], 2025, p. 7).

O perfil dos egressos está relacionado aos princípios da EPT pois integra conhecimentos teóricos e práticos de forma crítica e aplicada, alinhado ao princípio de uma formação emancipatória. O *trabalho como princípio educativo*, nessa perspectiva, não é apenas atividade técnica, mas eixo estruturante do processo educativo, por meio da construção do conhecimento a partir da prática social e produtiva. Desta forma, o perfil do egresso se manifesta em aprender planejar e executar, mas compreendendo o processo como um todo, desenvolvendo a autonomia e capacidade crítica, isso demonstra que a formação não é apenas para o trabalho, mas a partir do trabalho, valorizando a experiência do estudante como base para a construção do conhecimento.

Já a *pesquisa como princípio educativo*, não está relacionada somente ao contexto acadêmico, e sim, como ferramenta de investigação da realidade profissional, permitindo ao egresso identificar problemas e busca soluções, aplicar de forma consciente normas e práticas como resultados de estudos e reflexões, além de experimentar e inovar na produção de alimentos. Desta forma, a pesquisa consolida a maturidade cognitiva permitindo que os trabalhadores estudantes não apenas executem, mas compreendam, avalie e transforme sua

prática profissional que relacione a teoria a prática a partir do real executando suas tarefas, mas com senso profissional crítico e autônomo capaz de transformar a realidade social.

Para interpretar e analisar o conteúdo dos objetivos específicos, buscou-se antes verificar em que medida o conteúdo desses objetivos está permeando o mundo do trabalho e o elemento *competências nas* unidades curriculares de forma direta. Desta forma, o conceito mundo do trabalho foi citado treze vezes nas unidades curriculares no Curso PPC Panificação, sendo que o conceito aparece nas unidades curriculares técnicas, como por exemplo, Habilidade básicas de panificação 1 e 2, Estrutura Física e funcional de padarias e confeitarias, Panificação Nacional, Massas laminadas entre outras. Já nas unidades curriculares do curso Cozinha esse conceito aparece três vezes, sendo nas disciplinas Comunicação 1, Filosofia 1 e Filosofia 2 ou seja nas unidades curriculares de conhecimentos gerais demonstrando uma fragilidade na relação teoria e prática.

Quanto ao termo “articular” que presume vincular teoria e prática no ensino, nas ementas do Curso Cozinha aparece nas disciplinas Filosofia 1 e 2. Em continuidade, nas ementas do Curso Panificação o termo “articular” aparece nas unidades curriculares de Filosofia. Seguindo a análise, o conceito “cultura” aparece setenta vezes no Curso Panificação e setenta e quatro no Curso Cozinha, sendo a maioria trabalhada nas unidades curriculares de conhecimento geral. De forma semelhante o conceito “ciências” aparece doze vezes no Curso Panificação e nove vezes no Curso Cozinha na sua maioria nas unidades curriculares de conhecimento geral.

A intenção desta pesquisa não é a de analisar as ementas dos cursos e nem os planos de ensino, no entanto, as unidades curriculares demonstram a direção que os cursos percorrem quanto a formação profissional demonstrando que é preciso analisar em conjunto os objetivos, o perfil e as competências para compreender e refletir as propostas dos PPCs dos dois cursos.

Sendo assim, para dar continuidade a análise segue o quadro referente às competências inseridas nos PPCs dos cursos.

Quadro 11 - Competências descritos nos PPCs dos cursos

Curso Panificação
1 Dominar as técnicas de produção de pães, doces e salgados, utilizando as matérias primas, utensílios e equipamentos do setor, considerando as suas características específicas; 2 Comunicar-se com fluência, clareza, cordialidade e desenvoltura usando a linguagem verbal e não verbal de forma adequada às situações comunicativas próprias dos espaços profissionais de panificação. 3 Aplicar os princípios higiênico sanitários na manipulação, no preparo e no serviço de produtos panificáveis; 4 Planejar a operacionalização da produção e do serviço de produtos panificáveis; Operacionalizar a produção

e o serviço de produtos panificáveis, bem como embalá-los adequadamente para comercialização;
 5 Aplicar princípios éticos e críticos em sociedade e, especificamente, diante das relações do mundo do trabalho;
 6 Aplicar os princípios da responsabilidade socioambiental;
 7 Constituição de uma consciência histórica aplicada à vida prática profissional, pessoal e *cidadã* de um Técnico em Panificação: *competência cognitiva, estética e identitária* de interpretação e orientação de experiências significativas relacionadas à pães e doces na sucessão do tempo.
 8 Identificar e preparar produtos de panificação equilibrados nutricionalmente e/ou adequados para pessoas com restrições alimentares: doença celíaca, hipertensão, dislipidemia, intolerância à lactose, diabetes e sobrepeso/obesidade;
 9 Desenvolver *iniciação à pesquisa científica*, relacionando os diversos conhecimentos trabalhados nos componentes curriculares com a prática da Panificação;
 10. Conhecer as formas contemporâneas de linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e à preparação básica para o trabalho;
 11. *Compreender a sociedade, sua gênese e transformação dos fatores que nela intervêm como produtos da ação humana e do seu papel como agente social;*
 12. *Ler, articular, e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações, estabelecendo estratégias de solução e integrando os conhecimentos das ciências e outros campos do saber.*

Curso Cozinha

O egresso do curso é o cidadão profissional intelectualmente autônomo que utiliza de conhecimentos científicos e tecnológicos para compreender, comunicar e operacionalizar com ética e criticidade as técnicas de produção de alimentos nos diversos setores e serviços de cozinha, considerando os aspectos gastronômicos, higiênico-sanitários e de responsabilidades profissionais, sociais e ambientais. Além disso:

- a) Conhecer as formas contemporâneas de linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e à preparação básica para o trabalho;
- b) Compreender a sociedade, sua gênese e transformação dos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana e do seu papel como agente social;
- c) Ler, articular e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações, estabelecendo estratégias de solução e integrando os conhecimentos das ciências e outros campos do saber.

Fonte: Adaptado de Educação [...] (2025) e EJA [...] (2025).

As competências desenvolvidas nos cursos visam proporcionar a articulação da formação teórica e prática com a experiência que os jovens e adultos apresentam ao longo da vida profissional para que assim, possam ser instrumentalizados para a prática laboral e também para a vida social e esses elementos convergem com a PHC.

Referente a competências o curso de Panificação procura desenvolver a construção do conhecimento para que o trabalhador estudante consiga desenvolver a habilidade de novos *saberes voltados ao mundo do trabalho*. Sendo assim, o saber técnico instrumental está no sentido do trabalhador estudante seja capaz de elaborar e servir produtos de panificação, ou seja, “dominar as técnicas de elaboração de produtos de panificação, utilizando as matérias primas, utensílios e equipamentos do setor, considerando as suas características específicas”, ofertando conhecimentos teóricos e práticas para que o trabalhador estudante possa aprender a

relação dialética das competências e saberes produzidos socialmente que proporcione a formação integral.

O Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Panificação EJA-EPT (PPCTPan), oferta a modalidade presencial com carga horária de 800 horas de formação técnica e 1200 horas de formação geral, com entrada anual, ofertado no horário noturno, sendo que a forma de ingresso é por sorteio. A quantidade de estudantes por turma é de 40 estudantes (EJA [...], 2025, p.4-5). Já o conteúdo do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Cozinha (PPCTCoz.), enfatiza que o curso está dentro do Eixo Tecnológico: Turismo, hospitalidade e lazer, na modalidade presencial, com carga horária de 800 horas de formação técnica e mais 1280 horas de formação geral. As vagas por turma são de 40 estudantes, no horário noturno, com entrada anual e por meio de sorteio. Para realizar a inscrição é necessário ter o ensino fundamental completo, sendo que os egressos do Programa CERTIFIC têm prioridade e direito a 30% das vagas.

A relação entre *trabalho como princípio educativo nas competências* revela uma formação técnica que supera o mero treinamento operacional. Nesse sentido, a competência visa promover uma aprendizagem crítica, significativa e transformadora de saber fazer e por que fazer contextualizado. Para Ramos (2009), a pedagogia das competências não promove a autonomia, mas sim a adaptação do trabalhador às exigências flexíveis do mercado. A autora critica essa abordagem por sua raiz pragmática, que prioriza o mercado e desvaloriza o conhecimento sistematizado em favor de “respostas” imediatas. Para ela, a ênfase no desenvolvimento de competências individuais enfraquece a solidariedade de classe trabalhadora e esvazia o potencial crítico e emancipatório da educação. Em última análise, essa pedagogia serve a um projeto que visa moldar o indivíduo para se ajustar, em vez de atuar de forma consciente na transformação da realidade social.

Para que ocorra a competência consciente que transforma a realidade social é necessário relacionar algumas dimensões. Primeiro, o domínio técnico-reflexivo para compreender que o domínio das técnicas de produção não se reduz à repetição mecânica, e sim, envolve conhecimentos técnico-científicos, cultural sistematizado e planejamento crítico que se relacionam ao trabalho como princípio educativo com princípios ético-políticos voltados aos interesses da classe trabalhadora (Ramos, 2017). Nas competências do Curso Panificação relaciona-se aos itens (1), (3), (4) e (8) e no Curso Cozinha (a) e (b).

Além do mais, os itens (2), (5), (6), (10) e (11) do Curso Panificação permite aos trabalhadores estudantes aprenderem a comunicação profissional alicerçada na ética, pois as

competências incluem linguagem técnica e cidadã exigindo do egresso saber se comunicar com colegas, clientes e fornecedores agindo de forma respeitosa e cordial. Como também desenvolver responsabilidade socioambiental entendendo o impacto do do fazer profissional na relação com a natureza compreendendo a consciência histórica valorizando as tradições da profissão e sua evolução no contexto dos processos produtivos históricos.

Depreende-se que a categoria competência nos cursos é direcionada a uma formação que busca desenvolver no trabalhador estudante a compreensão da diferença entre formação para o mercado de trabalho e do mundo do trabalho. O desenvolvimento intelectual e a apreensão de elementos culturais, como as características do mundo do trabalho, são essenciais para a realização de escolhas profissionais. Conforme Ramos (2010, p. 75) a formação para o mundo do trabalho:

Deve proporcionar o desenvolvimento intelectual e a apreensão de elementos culturais que possibilitem a configuração desses horizontes. Dentre esses elementos estão as características do mundo do trabalho, incluindo aqueles que contribuem para a realização de escolhas profissionais.

Nesse sentido, os cursos pesquisados procuram viabilizar o acesso ao conhecimento produzido socialmente possibilitando ao trabalhador estudante a formação cultural, a apreensão da ciência, das artes, da tecnologia e do processo sócio histórico na sua formação que o instrumentalize a lidar no cotidiano de sua profissão ao defender a atividade profissional na perspectiva da politecnia, conforme colocam Saviani (2003, 2007), Ciavatta (2005, 2019), Ramos (2010, 2014, 2017), Documento Base (Brasil, 2004, 2007) entre outros.

No item (5) dos objetivos específicos apontam que qualificar e habilitar os trabalhadores estudantes para acompanhar o processo evolutivo do conhecimento tecnológico o habilita a aplicar métodos nos processos da prestação de bens e serviços. Para que os conteúdos teóricos e práticos possam instrumentalizar os trabalhadores estudantes é importante ter clareza que há diferentes elementos que permeiam a aprendizagem e que estão interconectados a formação. Dito de outra forma, a qualificação profissional necessita acompanhar a evolução dos conhecimentos tecnológicos no sentido de desenvolver métodos e processos que beneficiem a sociedade como um todo proposto na PHC.

A pesquisa como princípio educativo no item (7) e (9) do Curso Panificação e do Curso Cozinha refere-se a investigar soluções para problemas reais permitindo testar hipóteses, analisar processos, articular teoria e prática aprofundando conceitos complexos e

desenvolvendo a autonomia. Nesse sentido, a pesquisa sustenta analisar situações reais, promovendo debates sobre a ética no trabalho e no item (5), estimulando projetos de intervenção que beneficiem a sociedade de forma tecnicamente competente e socialmente responsável.

Já as competências (9) e (12) do curso panificação trabalham de forma interdisciplinar pois integra a pesquisa científica para ler e interpretar símbolos e assim decifrar normas técnicas (rótulos, legislações entre outros), e o trabalho ao cruzar conhecimentos teóricos e práticos para desenvolver o pensamento abstrato para resolver problemas complexos.

Em relação de como a pesquisa como princípio educativo, pode colaborar para compreender a maturidade cognitiva dos estudantes, no item (1) dos objetivos específicos dos dois cursos apresentam que a construção do conhecimento construído nos cursos é voltada para que os trabalhadores estudantes busquem resolução de problemas e da autonomia que promova a reflexão contínua sobre a prática interdisciplinar.

Quanto à *pesquisa como princípio educativo*, os PPCs dos dois cursos apresentam nas unidades curriculares a relação de aplicar, relacionar, resolver, estabelecer e articular teorias às práticas. Por meio das técnicas aplicadas nas aulas práticas propicia ao trabalhador estudante por meio do referencial teórico conhecer os possíveis caminhos a seguir dentro de sua realidade profissional e pessoal.

Sendo assim, a aplicação da pesquisa no âmbito educacional, demonstra ser um instrumento que promove a aprendizagem já que por meio dela o trabalhador estudante por mediação do docente o habilita a desenvolver através das atividades mentais superiores, pelo pensamento, pela percepção e pela memória correlacionar, propor investigar, interpretar os conteúdos sistematizados e refletir as relações sobre os conhecimentos adquiridos (Vygotski, [2001]).

Veronezi, Damasceno e Fernandes (2005, p. 539) discorrem que: “A formação dos conceitos concebe que a linguagem não exerce apenas o papel de instrumento de comunicação, uma vez que esta permite ao homem formular conceitos, mas sim abstrai e generaliza a realidade, através de atividades mentais complexas”.

Os conceitos aplicados nas unidades curriculares por meio da pesquisa têm a finalidade de que jovens e adultos possam construir e desenvolver atividades mentais superiores por meio da apropriação dos conhecimentos historicamente e culturalmente construídos se organizem por ideias e pelos pensamentos para então pelo uso da palavra

coordenar as atividades mentais superiores, direcionadas à solução dos problemas levantados pela pesquisa (Veronezi; Damasceno; Fernandes, 2005, p. 539).

Nesse sentido, ao enfrentar por meio da pesquisa a dinamicidade social, o trabalhador estudante desenvolve “habilidades cognitivas complexas” permitindo a construção do “domínio do raciocínio lógico-formal, da faculdade de trabalhar com as ideias, do saber conviver, do domínio das linguagens” por meio da capacidade de analisar, de sintetizar e criar soluções aos problemas existentes (Sá, 2016, p. 3)

Nesse sentido, a pesquisa permite ao trabalhador estudante compreender que a construção de pensamento o habilita a apropriar-se da sua cidadania, e que esse processo permite que reconheça o seu direito à inclusão social e aos bens socialmente produzidos. Nessa lógica, o Documento Base de 2007 (Brasil, 2007, p. 47) apresenta “o direito ao trabalho como um valor estruturante da cidadania” articulado no processo educativo a construção da melhoria da informação referente à relação “trabalho-educação-desenvolvimento”.

Referente aos PPCs dos cursos Panificação e Cozinha estabelecem por meio da pesquisa valores éticos e políticos na formação profissional com a finalidade de estabelecer as competências laborais e responsabilidades socioambientais como categoria que prescreve as relações sociais organizando as técnicas do trabalho atribuindo sentido humanista e valores éticos a formação em contraponto ao avanço do modo de produção capitalista que a cada dia está mais destrutivo tanto na vida pessoal, na vida coletiva, no uso das tecnologias quanto no meio ambiente.

Na mesma lógica, a pesquisa proporciona que a “busca de informações e de saberes” possam ser ressignificados para desenvolver a autonomia intelectual e o trabalho colaborativo para formular questões na sua área de estudo. Nesse sentido, a pesquisa não é somente aprender a utilizar de forma adequada os instrumentos utilizados na técnica, mas, também capacitar a aprendizagem ao longo da vida no intuito de “organizar e interpretar dados e socializar o conhecimento produzido” de forma ética e política e de propor soluções aos problemas socioculturais (Silva; Fiori, 2021, p. 168-169).

Dessa forma, o uso das tecnologias na pesquisa permite ao estudante trabalhador desenvolver textos, partilhar aprendizado, avaliar o que se apresenta de forma crítica e inserir-se no mundo digital. Dentro desta lógica é importante que a prática pedagógica, além de trabalhar o referencial teórico, técnico e metodológico propicia ao trabalhador estudante ultrapassar a prática que reproduz os mecanismos pragmatistas do mercado de trabalho e assim, desenvolver a habilidade de utilizar a tecnologia nas suas diversas formas em prol da

classe que vive do trabalho. Nesse sentido, Valer (2019) e Valer, Brognoli e Lima (2017) discorrem que a pesquisa como princípio pedagógico coopera para desenvolver habilidades cognitivas no trabalhador estudante, dentre as quais abarcam delimitar o objeto de estudo, desenvolver a capacidade de sistematizar teorias e progredir nas leituras e escrita de forma crítica.

Valer (2019, p. 4-5) discorre que:

Nessa proposta, ao se tratar da pesquisa como princípio pedagógico, ressalta-se que os textos relacionados à produção de conhecimento envolvem habilidades cognitivas complexas que vão desde a definição do objeto de estudo, a sistematização de teorias do objeto, a organização da metodologia específica para a ação, a descrição dos resultados encontrados, a análise dos dados em relação à teoria escolhida, e reflexão sobre como resultados se relacionam à realidade investigada, a proposição de soluções e de intervenções etc.

Nessa perspectiva, o uso das tecnologias na pesquisa possibilita ao trabalhador estudante ir além da dicotomia que envolve a divisão social do trabalho, que se caracteriza por separar os indivíduos que são responsáveis pelo planejamento do trabalho daqueles que adotam a função de executar o trabalho. Nesse sentido, viabiliza que a aprendizagem seja direcionada na perspectiva da formação integral.

Nesta seção, (4.2) a análise dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) revela uma convergência teórica significativa com os princípios da EPT. Os documentos aspiram a uma formação que vá além da técnica, buscando desenvolver profissionais com criticidade, autonomia e consciência ética. O trabalho como princípio educativo é formalmente articulado com conhecimentos científicos, culturais e tecnológicos, reforçando a dimensão política e ética para que os estudantes compreendam as contradições do mundo laboral. Essa intenção de formar profissionais capazes de atuar com responsabilidade socioambiental e socio laboral e de superar a mera instrumentalização técnica converge com o ideal de uma formação integral e politécnica que a EPT busca promover, desafiando a lógica de uma educação dualista e pragmática.

Contudo, observa-se uma divergência marcante entre essa aspiração e a realidade. A lógica do modo de produção capitalista, que exige qualificações imediatas e fomenta a competitividade, tensiona o projeto pedagógico, empurrando a formação para a instrumentalização. As condições de vida das trabalhadoras estudantes-mães, com jornadas exaustivas e responsabilidades não remuneradas, somadas à precarização do trabalho, limitam a profundidade com que podem se engajar em uma reflexão crítica. Essa sobrecarga material e

mental faz com que as estudantes valorizem o "saber fazer" em detrimento do "saber pensar", o que dificulta o pleno desenvolvimento das competências críticas e esvazia o potencial emancipatório do ensino.

O mesmo tensionamento se manifesta na pesquisa como princípio educativo. Embora os PPCs a reconheçam como fundamental para o desenvolvimento da autonomia intelectual, a realidade aponta para sua subutilização, muitas vezes restringindo-a a uma perspectiva informacional e pragmática. A falta de intencionalidade pedagógica consistente e a não qualificação do uso das ferramentas digitais, impedem que a pesquisa se torne um método efetivo para a superação das dificuldades de aprendizagem e para a problematização das desigualdades. Assim, a práxis pedagógica idealizada nos documentos não se concretiza de forma plena, falhando em capacitar os estudantes a se apropriarem dos conhecimentos científicos e tecnológicos de modo a intervir criticamente em suas realidades, reforçando o dualismo entre formação técnica e formação humanista.

Findada a descrição das informações dos projetos pedagógicos dos cursos, passa-se à análise e resultados referente aos resultados relativos às variáveis internas do instrumento entrevistas sobre a percepção dos participantes em estudo (4.3).

4.3 Variáveis internas categorias - percepção dos participantes

Nesta seção, apresenta-se os resultados e a análise das entrevistas a quatro grupos. Aponta-se que o *objetivo geral* desta pesquisa foi o *investigar a relação teórico-prática com foco nos princípios da EPT do Projeto Pedagógico do Curso de Panificação e Cozinha - EJA Integrada à EPT*. Esta seção retoma o objetivo específico (c), diagnosticar, pela análise das respostas do instrumento entrevista aplicados aos participantes, a sua percepção da forma como os princípios da EJA-EPT refletem a relação teórico-prática para a formação integral aqui retomados, sendo que o objetivo específico (d) está retomado no Cap. V, relativo ao produto educacional.

Aqui os dados são gerados a partir das entrevistas semiestruturadas das trabalhadoras estudantes-mães, docentes, coordenações e assistente social seguindo o roteiro previamente organizado, conforme descrição nos seguintes apêndices:

Apêndice C - Respostas Entrevistas Discentes

Apêndices H - Respostas Entrevista docentes

Apêndices K - Respostas Entrevista Coordenadoras

Apêndices N - Respostas Entrevista Assistente social

Como posto na metodologia, as variáveis internas, aqui retomadas, são:

(i) A variável interna categorial trabalho como princípio educativo é observada de modo geral pelas categorias: trabalho, ciência, tecnologia e cultura, ética, estética, formação cidadã, competência para o mundo do trabalho etc.;

(ii) A variável interna categorial pesquisa como princípio educativo é observada de modo geral pelas categorias: atividades/funções mentais superiores (objeto-problema de pesquisa, conhecimento científico, descrição, interpretação e análise dos resultados e proposta de intervenção para transformar a realidade em uma perspectiva mais justa e solidária); Linguagem (escrita de textos complexos normalizados, específicos da redação científica) e Domínio das tecnologias digitais de comunicação e informação para acessar, elaborar e compartilhar conhecimentos);

4.3.1 Variável interna categorial trabalho como princípio educativo

Dentro dessa variável, destaca-se algumas categorias que foram melhor observadas:

cultura, ciência, tecnologia, ética e formação cidadã e trabalho, as quais se passa a apresentar:

4.3.1.1 Cultura

Para a categoria cultura, os resultados foram gerados, conforme apêndices acima, pela resposta da questão (1), das estudantes; da questão (1), docentes; da questão (3), coordenadores e da questão (3), assistente social. Os resultados gerados pelas estudantes evidenciam que a categoria cultura promove transformações significativas que contribuem para a construção de suas identidades pessoais e profissionais. Como afirma EC5 “trouxe muito conhecimento para mim fazer esse curso, eu aprimorei bastante” (Entrevista, 2024, EC5) esse processo é reforçado pelo acesso a conhecimentos históricos e culturais, que proporcionam maior confiança e segurança, conforme EC1 “esse curso traz para mim mais confiança, pelo aspecto de eu estar sendo assistido por grandes profissionais” (Entrevista, 2024, EC1). Nesse sentido, tais depoimentos demonstram como a EJA-EPT atua na formação das estudantes.

Observa-se convergência entre as respostas das estudantes, com a maioria dos

docentes que participaram da pesquisa ao enfatizar a importância da troca de conhecimentos e experiências para a formação cidadã e crítica, valorizando a integração entre cultura, diversidade e saberes dos estudantes. Esse olhar é reforçado por DFPP1, ao afirmar “eu acredito que a forma como a gente faz essa troca de cultura, conhecimentos, valores e experiências de vida, elas são compartilhadas” (Entrevista, 2024, DFPP1). Contudo, essa visão contrasta com os desafios estruturais apontados por DP2 que destaca “a instituição como um todo, a parte burocrática da instituição, eu acredito que não desenvolve isso muito bem com os alunos” (Entrevista, 2024, DP2), revelando desafios entre o discurso pedagógico e as práticas institucionais.

As coordenadoras corroboram com a percepção das estudantes ao destacarem o papel da cultura da EJA-EPT, reconhecendo o potencial para promover a inclusão social e pertencimento. Como afirma CC1, “essa cultura, essa forma de agir, essa discussão intensa que a gente tem aqui dentro do *Câmpus*, do acolhimento do Proeja” (Entrevista, 2024, CC1) é fundamental para os (as) estudantes se sentirem pertencentes nos cursos. Complementando essa visão, CP1 refere “eu vejo que diversos professores da equipe Proeja atuam nesse aspecto de culturalmente desenvolver uma forma de ensino, aprendizagem que é focada e voltada a esse público” (Entrevista, 2024, CP1). Vê-se que essas falas evidenciam como o acolhimento institucional e o trabalho coletivo se configuram eixos da formação na EJA-EPT.

A assistente social destaca a complexidade de integrar a formação básica com a formação profissional na EJA-EPT, dado o caráter tecnicista que ainda predomina na instituição, essa percepção converge com DP2, talvez pela perspectiva da sua formação geral. Ao abordar os aspectos culturais da formação, AS1 ressalta que “ela é importante porque é a relação que se estabelece a questão da cultura institucional do trabalho integrado” (Entrevista, 2024, AS1). Nessa perspectiva, a qualificação permanente dos docentes e profissionais da educação configura-se como estratégia fundamental para consolidar uma abordagem cultural, humanizada e comprometida com a formação cidadã.

Os resultados apresentados embasados em Danelli (2012), Ciavatta (2005, 2019) e Ramos (2014), salientam que a cultura na EJA-EPT tem um potencial transformador significativo. Ao englobar representações, comportamentos e processos de socialização que moldam o modo de vida de um grupo, o curso pode ir além da mera transmissão de conteúdo. Os aspectos culturais e históricos, apreendidos nos cursos transformam a cultura da realidade social das estudantes-mães para a formação integral na medida que promovam a conscientização crítica ao abordar de forma contextualizada, o que permite as

estudantes-mães compreender suas próprias realidades sociais, desnaturalizando as desigualdades. Isso permite que elas passem a observar suas realidades não de forma individual, mas como produtos de processos históricos e culturais mais amplos.

A valorização das experiências de vida e dos saberes dos estudantes, ao integrar esses elementos nas práticas pedagógicas reforçam suas identidades pessoais e profissionais. Esse reconhecimento cultural gera senso de pertencimento ao ambiente escolar e à sociedade, essencial para a construção de uma formação integral permitindo que se reconheça em sua totalidade. Ao conhecer a história e a cultura do seu meio, incluindo as contradições e desafios, instrumentaliza os estudantes para a práxis, pois ao adquirir subsídios para intervir em suas realidades busca transformações para promover justiça social e equidade. No entanto, essa plena efetivação da formação integral é dificultada por estruturas burocráticas e herança tecnicista. Para que a cultura e a história realmente se tornem catalisadores dessa transformação social, é crucial que a instituição em suas práticas supere esses entraves, garantindo um currículo integrado e que a formação oferecida promova uma ampla formação humanista para que os estudantes compreendam de forma crítica o papel da educação na transformação social.

4.3.1.2 Ciência

Dentro da variável trabalho como princípio educativo, a categoria ciência, os resultados foram gerados pela resposta da questão (2), estudantes; da questão (2), docentes; da questão (3), Coordenadores; da questão (3), Assistente social. Os resultados revelam distintas compreensões sobre a ciência entre as estudantes da EJA-EPT. Enquanto EC1, EC4 e EC5 destacam como os conhecimentos científicos ampliaram sua consciência histórica e social, conforme coloca EC1 “foi muita luta, foi muita conquista então isso abriu muito a minha mente” (Entrevista, 2024, EC1), EC6 reproduz uma visão individualizada das dificuldades educacionais, reflexo do discurso midiático que responsabiliza o indivíduo. Essa dualidade se aprofunda quando EC3 reduz o conhecimento científico ao domínio prático do trabalho que se reduz à questão salarial, demonstrando uma compreensão alienada das relações produtivas, isso demonstra a ausência de debates em sala, apontados por EP1, o que acaba agravando essa fragmentação dos conhecimentos, limitando a compreensão científica como ferramenta de análise social.

Os resultados dos docentes enfatizam uma abordagem integral da ciência, que visa a ultrapassar a formação técnica. Como afirma DP1, “não é uma formação só técnica, é integral” (Entrevista, 2024, DP1). Observa-se na fala desse docente a preocupação de desenvolver não apenas formação para as atividades laborais, mas para a capacidade crítica para analisar as relações sociais em todas as suas dimensões. Contudo reconhecem os desafios na integração entre os saberes tácitos e os saberes sistematizados, especialmente considerando as trajetórias heterogêneas dos estudantes, para DP2 “o Proeja é um grupo de estudantes que considero bem desafiador, com especificidades que precisam ser atendidas” (Entrevista, 2024, DP2). Apesar dos desafios, para os docentes a efetividade da integração é importante para garantir que a aprendizagem seja significativa e prepare-os para o mundo do trabalho.

As respostas das coordenações não há relação direta com a questão, mas de alguma forma reflete a relação teórica e prática com o trabalho em suas diversas dimensões, onde se coloca o compromisso da instituição com a formação dos estudantes, CC1 afirma que ‘é um trabalho de um grupo muito comprometido com a formação do Proeja’ (Entrevista, 2024, CC1). Embora as coordenações considerem aspectos positivos dos cursos ainda assim, as estudantes manifestam inseguranças e ansiedade na formação em suas vidas, CP1 destaca que “a conclusão do ensino médio ou do curso técnico, o quanto isso vai mudar na minha vida pessoal, profissional com a conclusão do curso” (Entrevista, 2024, CP1).

Essa colocação reflete que as estudantes não se sentem seguras na sua autonomia para dar um passo ao seu futuro, claro que isso não depende unicamente do curso, mas também das condições concretas do modo societário demonstrando que uma formação humana permitiria as estudantes refletirem quanto aos desafios profissionais não depende única e exclusivamente de si ou da instituição escolar, mas de um conjunto de fatores estruturais que poderiam ser qualificados nas práticas pedagógicas dos cursos.

Quanto a resposta da assistente social, destaca que os cursos enfrentam desafios para concretizar os PPCs devido a dificuldade de planejar os conteúdos, de integrar as unidades curriculares e carga horária. Ressalta além disso, que muitos estudantes buscam os cursos pela formação técnica com o objetivo da formação para ser inserido no mundo do trabalho por questões de sobrevivência, para AS1 “há uma procura dos estudantes e das estudantes pela formação técnica porque elas têm interesse sim, em atuar no mundo do trabalho” (Entrevista, 2024, AS).

A percepção dos participantes sobre o conceito de ciência na EJA-EPT, conforme analisado, revela um complexo panorama que busca promover a práxis pedagógica para a

formação integral quanto expõe tensões. De acordo com Ramos (2014) e Machado (2008), a ciência na EJA-EPT deve transcender a lógica mercadológica, abordando os processos ontológicos e históricos que capacitam o ser humano a compreender as contradições sociais e a desenvolver a consciência crítica. Nesse sentido, os resultados indicam um conhecimento da importância da ciência para a formação integral, convergindo com a base teórica de que o conhecimento científico e tecnológico é essencial para a autonomia crítica e a transformação social.

No entanto, as percepções dos diferentes grupos de participantes sobre o papel da ciência divergem em suas ênfases, gerando um tensionamento que impacta a práxis pedagógica. As estudantes-mães, segundo a observação da assistente social, tendem a valorizar a ciência sob uma ótica mais pragmática, voltada para a empregabilidade e a instrumentalidade, buscando no conhecimento uma ferramenta para o mundo do trabalho. Em contraste, os docentes demonstram uma inclinação mais acentuada para a emancipação, alinhados à proposta de superação da visão tecnicista e pragmática, e buscando a integração de diversas dimensões. Contudo enfrentam desafios concretos para efetivar essa integração em suas práticas pedagógicas, o que demonstra as dificuldades de transpor o ideal teórico para a realidade da sala de aula.

Essa disparidade de perspectivas entre estudantes e docentes, aliada à observação das coordenações, revela a complexidade, já que as coordenações reconhecem os esforços dos docentes em promover a formação integral, mas conforme os resultados, as estruturas institucionais perpetuam as desigualdades e reforçam a herança tecnicista. Essas questões influenciam as práticas pedagógicas e as expectativas dos estudantes impede que a práxis pedagógica atinja seu potencial emancipatório, mantendo um ciclo onde as necessidades imediatas do mercado de trabalho por vezes sobrepõem-se ao desenvolvimento de uma consciência crítica e à formação proposta pela EJA-EPT.

4.3.1.3 Tecnologia

Referente à categoria tecnologia, os resultados foram gerados pela resposta da questão (3), das estudantes; da questão (4), dos docentes; da questão (2), coordenadores; da questão (2), assistente social. As estudantes percebem essa categoria de formas distintas, conforme coloca EC7: “eu acho que estudando e se aperfeiçoando cada vez mais as minhas chances de

trabalho podem aumentar” (Entrevista, 2024, EC7). Os resultados revelam que a maioria reconhece que as tecnologias digitais facilitam o aprendizado teórico e prático, segundo EC6 “a tecnologia trouxe um avanço de ensino e ajuda bastante” (Entrevista, 2024, EC6). Além disso, demonstram preocupações com a substituição humana por máquinas, o acesso desigual às tecnologias, que excluem parte da população devido às desigualdades sociais, e os impactos relacionados ao tempo excessivo de uso dessas ferramentas. Conforme EC7, “eu me percebo que eu pego só para ler uma mensagem urgente e eu estou ali meia hora” (Entrevista, 2024, EC7). Esses fatores evidenciam haver debates na sala de aula sobre o tema, mas voltados à questão da instrumentalidade do uso das tecnologias e no sentido individual.

Os docentes corroboram com a percepção das estudantes sobre o papel das tecnologias digitais para a aprendizagem, enfatizando que a integração delas nas práticas pedagógicas precisam ir além da mera qualificação, impulsionando o desenvolvimento em suas diversas dimensões. Contudo, como pontua DFPP1, a efetividade desse processo está ligada à capacidade do estudante de internalizar e aplicar esses conhecimentos em sua vida. Essa perspectiva ressalta que, embora a educação ofereça os meios, a assimilação e o uso das tecnologias digitais são permeados por questões subjetivas e ideológicas do modo societário.

Essa dinâmica demonstra que o ensino e a aprendizagem são um processo complexo, influenciado pelas experiências e condições concretas de vida dos estudantes influenciados pelas mídias e ideologias. A mediação docente, portanto, torna-se crucial para criar estratégias institucionais que considerem o perfil dos estudantes da EJA e suas realidades. Quando os estudantes são orientados a utilizar as tecnologias digitais de forma consciente e reflexiva para ampliar os seus conhecimentos a formação cidadã é promovida, conforme DP2 destaca “são ferramentas que podem facilitar a tua vida, só que a gente deve saber a utilização delas” (Entrevista, 2024, DP2). No entanto, a desigualdade de acesso a essas tecnologias, conforme apontado por DP1, permanece um desafio, evidenciando que a mera adoção tecnológica na prática pedagógica não basta, é fundamental que seu uso seja intencional e inclusivo, visando à cidadania e a superação da instrumentalização pragmática que descortine o poder e a ideologia por trás de seu uso.

As coordenações convergem com as percepções das estudantes e dos docentes ao reconhecer que as tecnologias digitais colaboram para a aprendizagem. Segundo CP1, “a tecnologia, ela traz respostas muito interessantes” (Entrevista, 2024, CP1), destaca-se o potencial da tecnologia para enriquecer o percurso escolar. No entanto, é necessário alinhar o uso das tecnologias aos perfis dos estudantes da EJA-EPT que são marcadas por

heterogeneidades, com diferenças geracionais e culturais, o que afeta a aprendizagem digital. Como destaca CC1, “como docente no uso da tecnologia, em qualquer vertente que você vá, na aula online, numa avaliação, numa prova, em um vídeo, sempre vão surgir obstáculos” (Entrevista, 2024, CC1). Essa colocação converge com os docentes e evidencia os desafios de integrar as tecnologias à educação, reforçando a importância de haver estratégias que considerem as especificidades dos estudantes da EJA-EPT, promovendo o uso contextualizado e inclusivo dessas ferramentas para formá-los para a ética e cidadania.

Destaca a Assistente Social, que as tecnologias têm papel relevante para os (as) estudantes da EJA-EPT, convergindo com as estudantes, docentes e coordenações quanto a importância da tecnologia na educação. Coloca que os (as) estudantes “têm direito de acesso à tecnologia” (Entrevista, 2024, AS1). No entanto, sua percepção é que há uma lacuna nessa questão, já que são utilizadas poucas ferramentas tecnológicas nas práticas educativas. Isso indica que há espaço para qualificar o uso dessas ferramentas no processo de ensino e aprendizagem para que os (as) estudantes se preparem para as demandas do mundo do trabalho.

As percepções dos pesquisados na EJA-EPT sobre a tecnologia revelam um panorama multifacetado. Embora haja um reconhecimento unânime das tecnologias digitais como facilitadoras da aprendizagem, a discussão tende a se concentrar em sua instrumentalidade e nas barreiras de acesso. Estudantes valorizam seu potencial educativo, mas expressam preocupações com o acesso desigual e o uso excessivo, demonstrando um foco individual e utilitário. Essa perspectiva, contudo, não se aprofunda suficientemente no domínio tecnológico para as demandas do mundo do trabalho, apesar da percepção sobre o impacto da automação. A Assistente Social, inclusive, aponta a subutilização dessas ferramentas nas práticas pedagógicas. Em suma, a categoria “tecnologia” expõe que, embora reconhecido seu potencial para a práxis pedagógica e a formação integral, persistem lacunas na promoção de uma reflexão crítica sobre seu impacto social, ideológico e de poder e as complexas relações de trabalho que ela engendra, limitando a compreensão para além de sua função instrumental.

Essa reflexão em convergência com Machado (2008) exige que a EJA-EPT transcenda a mera incorporação tecnológica, promovendo debates aprofundados sobre a natureza das tecnologias no trabalho, questionando seus impactos na empregabilidade e se o domínio tecnológico serve como ferramenta de poder ou inclusão a classe trabalhadora aos bens socialmente produzidos. A ausência de um debate crítico e contextualizado sobre o domínio

tecnológico por parte das estudantes aponta uma limitação na práxis pedagógica que impede a efetivação plena da formação integral.

A não problematização sobre a relevância das tecnologias no próprio trabalho (dominar ou não) e suas implicações socioeconômicas (criação/destruição de empregos) impede que as estudantes compreendam como as tecnologias funcionam como instrumentos de emancipação. Como propõe Moura (2014) e Souza (2022) na sua pesquisa no ProfEPT ao vê-las como extensões assimiladas por grupos sociais, a tecnologia é um processo sócio-histórico enraizado nas relações humanas, marcada por conflitos e intencionalidades políticas. Sandy Junior na sua pesquisa ProfEPT também discute as contradições do uso atual das tecnologias, em especial das digitais, reforçando dois aspectos relevantes: a forma como as tecnologias estão afetando as relações psicossociais (pessoal, familiar, escolar) e o papel das instituições de ensino de problematizar no processo de ensino e aprendizagem essa realidade e as contradições inerentes ao sistema capitalista que modifica as práticas sociais. Sendo assim, a formação continuada para os docentes é, essencial para que possam criar estratégias pedagógicas que integrem as tecnologias de forma contextualizada, ética e emancipatória, permitindo que as estudantes aprofundem suas compreensões sobre as contradições do uso das tecnologias no cenário mais amplo do mundo do trabalho.

4.3.1.4 Ética e formação cidadã

Dentro da variável trabalho como princípio educativo, as categorias ética e formação cidadã, os resultados foram gerados pela resposta da questão (5) da questão estudantes; da questão (3) dos docentes, da questão (2), Coordenadores, da questão (2), assistente social. Observação as estudantes demonstraram que os princípios da ética e formação cidadã expressaram preocupação onde as percepções das estudantes-mães revelam uma compreensão humanista do trabalho como princípio educativo, onde a dimensão ética se manifesta na valorização da dignidade humana. Conforme EC1, "a gente acaba ficando amedrontada, né, porque saber que, às vezes, uma máquina vai tomar seu lugar" (Entrevista, 2024, EC1), evidencia uma preocupação que transcende a mera instrumentalização profissional. Para as estudantes EC1 e EC5, o trabalho é percebido como pilar central da dignidade e realização pessoal, o que sugere a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre ética e formação cidadã nas práticas pedagógicas, abordando as implicações socio laborais e a proteção do valor humano no contexto produtivo.

Na perspectiva docente, identifica-se uma tentativa de equilibrar demandas do mundo do trabalho com formação cidadã. Conforme DFPP1, "o profissional vai sendo construído para saber lidar [...] porque o mundo está avançando" (Entrevista, 2024, DFPP1). Essa percepção ressalta a necessidade de formação que articule qualificação profissional e emancipação cidadã, embora evidencie uma abordagem mais adaptativa às mudanças tecnológicas do que crítica às suas implicações sociais.

As coordenações enfatizam a dimensão política da formação cidadã. CC1 observa que as estudantes chegam ao IFSC com histórias de exclusão formativa e social, destacando o compromisso ético institucional com a inclusão. CP1, por sua vez, ressalta o caráter transformador da educação: "é algo que vem de maneira muito surpreendente, que engrandece, que enriquece a trajetória dessas mulheres no curso" (Entrevista, 2024, CP1). Essa visão demonstra como a formação cidadã se constrói mediante o reconhecimento do potencial das estudantes e o enfrentamento das desigualdades estruturais.

A assistente social reforça a necessidade de práticas pedagógicas contextualizadas, conforme AS1: "no caso do Proeja, os desafios são maiores porque eles vêm para cá, né, eles têm cada um uma trajetória, né, escolar e de vida" (Entrevista, 2024, AS1). Essa perspectiva ressalta a importância de educação inclusiva que considere as trajetórias individuais como fundamento para o exercício da cidadania plena.

Em síntese as percepções demonstram que a ética e a formação cidadã na EJA-EPT manifestam-se em dimensões inter-relacionadas por meio das relações sociais, da política e da inclusão que visa superar as desigualdades e a dignidade por meio da formação cidadã. A pesquisa aponta, contudo, para a insuficiente incorporação da politecnia de Saviani (2007) na práxis pedagógica, comprometendo a compreensão ética e formação cidadã de Franco (2016) e Frigotto e Ciavatta (2006) limitando a efetivação do trabalho como princípio educativo que desvende os interesses oculto do capital.

4.3.1.5 Trabalho

Por fim, sobre a categoria trabalho, nas questões (6), (7), (8), das estudantes, da questão (6), docentes, na questão (3), da coordenação e da questão (3) da assistente social, o sentido ontológico e histórico da categoria trabalho. Nas respostas, as estudantes demonstram uma consciência, ainda que superficial, sobre os impactos do trabalho humano no meio

ambiente, criticando a exploração e destruição como colocado por EP1 "explora-se e destrói-se o meio ambiente com as próprias mãos" (Entrevista, 2024, EP1). A percepção do preconceito racial no trabalho, apontada por EC1 "vamos começar primeiro pelo preconceito sobre hierarquias de cores e raças" (Entrevista, 2024, EC1), amplia a discussão para as relações sociais de opressão. Embora percebam melhorias históricas nas condições, reconhecem desafios como a pressão e a desumanização do trabalho no capitalismo referido por EP1 "a qualidade de vida dentro do trabalho, às vezes, afeta a gente de alguma forma, porque a gente está sempre sob pressão" (Entrevista, 2024, EP1), levando à sobrecarga e ao adoecimento, como relata EC7 "eu trabalho por quatro pessoas, mas eu ganho por uma só" (Entrevista, 2024, EC7). Essa ambivalência revela que, para as estudantes, o sentido ontológico e histórico do trabalho se choca com a exploração e a desumanização do modo de produção capitalista, que corrói a dignidade e a realização pessoal, apesar de visões individualizadas como EP1 e EC6 minimizarem essas contradições.

Os resultados indicam que os docentes da EJA-EPT concebem o trabalho sob uma perspectiva ontológica e histórica que transcende a mera instrumentalização. Eles se esforçam para abordar o trabalho de forma abrangente, conectando-o à transformação da natureza e às cadeias produtivas, enfatizando a valorização do processo produtivo e sua relação com a preservação ambiental. Essa abordagem busca contextualizar historicamente e culturalmente o trabalho, desde a origem dos produtos até sua finalização, como exemplifica DFPP1 "a gente gosta de fazer com que o aluno entenda todo o processo, toda a parte histórica também, de onde vem, de onde começou" (Entrevista, 2024, DFPP1). Além disso, a discussão se estende à diversidade cultural e à sustentabilidade, valorizando saberes locais e tradicionais colocados por DFPC1 e EP2 promovendo a conscientização sobre a importância de valorizar o próprio trabalho como fonte de identidade e realização pessoal, e não apenas de subsistência, como pontua DP1 "de que adianta todo estudo, todo trabalho, se eles mesmos não valorizam o trabalho deles" (Entrevista, 2024, DP1).

Quanto às coordenações, aborda-se que os estudantes da EJA-EPT ao inserir-se no curso não conseguem realizar algumas atividades sozinhos, como por exemplo, se inscrever nos cursos, sendo necessário o apoio de familiares, de outras pessoas e da equipe da instituição que fazem busca ativa, isso mostra que o trabalho não é apenas uma atividade individual, e sim, uma prática social que envolve a colaboração dos indivíduos entre si. Quando CP1 coloca que as estudantes se tornam "disseminadoras desse conhecimento" (Entrevista, 2024, CP1), no ambiente de trabalho, na sociedade e na família demonstra o

trabalho como atividade criativa que possibilita compartilhar saberes e conhecimentos que transformam a realidade não somente como atividade de sobrevivência, mas como forma de socialização e realização pessoal e profissional.

Para a assistente social a crescente integração de ferramentas tecnológicas no processo educativo da EJA-EPT, ressalta a importância do trabalho como atividade transformadora. Para ela, o sentido do trabalho se reflete na capacidade de promover a realização e a emancipação humana, uma visão que transcende a mera execução de tarefas. AS1, “cada vez mais a gente vem usando ferramentas tecnológicas” (Entrevista, 2024, AS1), ao focar na utilização consciente das tecnologias, a assistente social reforça que o trabalho é uma atividade criativa e de superação de desafios que permite aos indivíduos e a sociedade evoluírem. Assim, a educação é vista como um meio potente para moldar uma realidade mais autônoma e plena.

Os resultados demonstram que as percepções das estudantes da EJA-EPT sobre o trabalho revelam uma consciência sobre a degradação ambiental e as desigualdades sociais que permeiam as relações de produção, evidenciando o trabalho como atividade ontológica que transforma a natureza e a sociedade, conforme argumentam Saviani (2007) e Nosella (2007). Apesar de reconhecerem melhorias nas condições históricas de trabalho, apontam a persistência da pressão laboral, da sobrecarga e do adoecimento, como ilustra EC7. Essa ambivalência demonstra uma tensão entre a busca por realização e as condições de exploração e alienação no capitalismo. Embora percebam a dimensão ontológica do trabalho, trabalhador em Albornoz (2008), e suas manifestações históricas de degradação ambiental e desigualdades sociais, a análise crítica das contradições do modo de produção capitalista ainda assim, é superficial, não aprofundando como a venda da força de trabalho cerceia a essência humana, ponto crucial trabalhado em Marx (2023) e Moraes (2021). A percepção tende a ser individualizada, sem vincular o trabalho a uma perspectiva de emancipação coletiva, revelando uma lacuna na compreensão da exploração estrutural subordinada ao lucro.

Em contraste, os docentes da EJA-EPT buscam integrar o trabalho, a natureza e as cadeias produtivas em suas aulas, visando conscientizar sobre o valor do trabalho humano e sua historicidade, como exemplifica. Essa abordagem, que inclui a valorização da diversidade cultural e da sustentabilidade, alinha-se à concepção do trabalho como prática social de transmissão de conhecimentos. As coordenações convergem, percebendo o trabalho como agente de transformação da prática coletiva, em convergência com Ramos (2017), que

ênfatiza a organização do conhecimento científico e cultural para a apropriação de princípios éticos e políticos fundamentados no trabalho ontológico.

A assistente social, ao mencionar o uso de tecnologias como ferramentas de ampliação do conhecimento e emancipação, reforça a visão do trabalho como atividade humana capaz de transformar a realidade e o ambiente escolar como espaço de criatividade, conforme Manacorda (2007). No entanto, a pesquisa aponta que, apesar desses esforços, os participantes compreendem de forma parcial o trabalho como princípio educativo, carecendo de uma análise mais profunda do potencial transformador do trabalho na integração entre ética e política.

Em síntese, a análise das categorias cultura, ciência, ética e formação cidadã, e trabalho em seus sentidos ontológico e histórico revela uma compreensão parcial e, por vezes, ambígua com o ideal do trabalho como princípio educativo. Embora haja um reconhecimento do potencial transformador desses elementos, a pesquisa aponta para limitações estruturais e pedagógicas que impedem sua plena efetivação. A cultura, por exemplo, é vista como um agente de transformação, mas esbarra na burocracia e na herança tecnicista. A ciência, reconhecida por seu papel educativo, ainda se reduz a uma visão instrumental, falhando em promover a omnilateralidade trabalhada em Frigotto (2012). Similarmente, a tecnologia, apesar de seu potencial, é abordada de forma utilitária, sem uma crítica aprofundada sobre sua democratização e seu papel na cidadania. Por fim, a ética e a formação cidadã, embora essenciais, carecem de uma articulação consistente com os princípios da politecnia e de uma crítica mais contundente ao modo de produção capitalista.

Essa fragilidade na efetivação do trabalho como princípio educativo reside na prevalência da lógica tecnicista, que inviabiliza uma práxis pedagógica realmente emancipatória. A falta de integração entre teoria e prática impede que a cultura, a ciência e a tecnologia sejam abordadas em suas dimensões políticas e históricas, resultando em análises individuais e imediatistas que negligenciam as contradições estruturais. Mesmo quando há alguma reflexão crítica, a formação ainda prioriza o pragmatismo, distanciando-se do ideal de formação integral. Em suma, os resultados confirmam que a plena efetivação do trabalho como princípio educativo é parcial, devido à ausência de problematização crítica, à fragmentação das dimensões sociolaborais e sociopolíticas, e ao predomínio do instrumental em detrimento da formação integral.

Assim, na próxima subseção, (4.3.2), passa-se à descrição e análise dos resultados sobre a Variável interna categorial pesquisa como princípio educativo.

4.3.2 Variável interna categorial pesquisa como princípio educativo

Para dar prosseguimento à análise da metodologia, à subseção, (4.3.2), aborda-se a variável interna categorial "pesquisa como princípio educativo". A pesquisa como princípio educativo na educação se manifesta no desenvolvimento das **atividades mentais superiores** trabalhadas em Vygotski ([2001], [2007]). Isso permite aos estudantes irem além da memorização já que esse processo desenvolve o aprender a identificar o objeto-problema, na apropriação do conhecimento científico e na capacidade de escrever, descrever, interpretar e analisar resultados. Esse processo culmina na formulação de propostas de intervenção que visam a transformar a realidade, buscando uma perspectiva mais justa e solidária. Para realizar essa atividade observa-se, de modo geral, as seguintes categorias:

Linguagem (escrita de textos complexos normalizados, específicos da redação científica);

A pesquisa enquanto prática pedagógica também se reflete no domínio da linguagem, essencial para a escrita de textos complexos e normalizados, típicos da redação científica. Essas habilidades permitem aos estudantes articularem ideias de forma clara e rigorosa, comunicar suas descobertas de maneira precisa e engajar-se na vida acadêmica. O desenvolvimento dessas competências linguísticas é fundamental para consolidar o aprendizado e capacitá-los a participar plenamente da construção e disseminação dos conhecimentos. E por fim:

Domínio das tecnologias digitais de comunicação e informação para acessar, elaborar e compartilhar conhecimentos);

Nesse sentido, o domínio das tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) é crucial para a pesquisa como princípio educativo, pois capacita os estudantes a acessarem, elaborarem e compartilhar conhecimentos de forma eficiente. Essa competência abrange desde a busca por informações relevantes até a produção de conteúdos digitais e a colaboração em rede, expandindo as possibilidades de aprendizado e intervenção na realidade.

Para a categoria **atividades mentais superiores**, os resultados foram gerados, conforme apêndices, pela resposta da questão (10), das estudantes; da questão (8), docentes; da questão (2), coordenadores e da questão (2), assistente social. Em relação às atividades mentais superiores, às estudantes da EJA-EPT, em sua maioria, reconhecem a pesquisa como uma prática fundamental para o aprendizado e a transformação pessoal e profissional. Elas

percebem que permite ampliar conhecimentos e compreender questões complexas, como destacado por EC3 e EC5, que veem nela uma oportunidade de conhecer diferentes culturas e desafios aplicáveis ao aprendizado e a vida profissional. A fala de EC5, "que aprender, no caso, buscar saber a respeito e depois colocar em prática" (Entrevista, 2024), ilustra a busca por relacionar teoria e prática. No entanto, essa percepção parece predominantemente focada na pesquisa informacional e instrumental, voltada para as demandas do trabalho cotidiano.

Sobre as atividades mentais superiores, grande parte das estudantes menciona o incentivo frequente dos docentes à pesquisa, o que estimula sua autonomia, conforme expresso por EC4: "estimulam, sim! Muitas das vezes eu, mesmo não estando em sala de aula, eu vou buscar, vou buscar mais conhecimento" (Entrevista, 2024). As entrevistadas, em boa parte, também consideram que a pesquisa promove a capacidade de descrever, interpretar e analisar informações, facilitando o diálogo e a busca por consensos sobre problemas sociais e profissionais, como indicado por EC7. Essa perspectiva converge com EC2, que aponta a pesquisa como um fator motivador para a continuidade dos estudos, apesar das dificuldades.

Contudo, há divergências: EP1 e EC6 relatam a falta de incentivo à pesquisa em algumas aulas e a ausência de problematização de questões sociais ou transformações da realidade, com EC6 exemplificando "nas aulas de cozinha não incentivam a gente a pesquisar sobre aqueles produtos, sobre isso deveria incentivar mais" (Entrevista, 2024, EC6). Apesar dessas ressalvas, a maioria das entrevistas reforça que a pesquisa amplia conhecimentos, ajuda a superar desafios e integrar teoria e prática, embora predominantemente no sentido instrumental na busca de informações.

Os docentes da EJA-EPT reconhecem a pesquisa como uma ferramenta para o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes, percebendo-a como relação entre teoria e prática que promove a reflexão crítica e a busca por soluções para problemas sociais e profissionais. DP2 exemplifica essa visão ao destacar que perguntas oriundas da própria realidade dos alunos podem levá-los a algumas respostas às demandas da sociedade, sugerindo o desenvolvimento de habilidades cognitivas. DP1 complementa, enfatizando a importância de ensinar os estudantes a identificarem fontes confiáveis para acessar conhecimentos científicos, afirmando que "tem que cuidar da fonte, né, você não pode pesquisar e ler tudo" (Entrevista, 2024, EP1). Contudo, essa percepção positiva diverge com a prática, onde DFPC1 menciona que a pesquisa não é priorizada em aulas práticas devido ao foco técnico e à falta de tempo. Já DP1 informa que aplica a pesquisa esporadicamente, DP2 aborda pesquisa, mas de forma teórica, e DFPP1 aponta que ela não está no plano de ensino

para a EJA-EPT. Além disso, DP3 direciona a pesquisa a "elementos básicos, introdutórios" (Entrevista, 2024, EP3), o que revela uma lacuna entre o reconhecimento de seu potencial e sua efetiva aplicação em uma perspectiva mais aprofundada e transformadora.

As coordenações, ao abordarem indiretamente o tema da pesquisa como princípio educativo, enfatizam o papel das tecnologias digitais como ferramenta de inclusão e investigação da realidade. CC1 destaca que atividades simples como usar o Drive, digitar textos ou construir planilhas no computador não apenas desenvolvem reflexão sobre o mundo do trabalho permite que estudantes contextualizem conhecimentos sistematizados com a realidade (Entrevista, 2024, CC1). Essa perspectiva, no entanto, é tensionada pela contradição do uso da tecnologia conforme CC1 “a contradição ali do uso da tecnologia, de querer fazer a aula online” (Entrevista, 2024, CC1), expõe a fragilidade de estudantes excluídos do direito ao acesso tecnológico devido à sua realidade socioeconômica, muitos chegando aos cursos sem saber fazer uma inscrição online.

Isso aponta a não distribuição dos bens socialmente produzidos, que a instituição busca mitigar ao oferecer laboratórios e unidade curricular voltada à comunicação e tecnologia. CP1 complementa, ao observar a "ressignificação" do conhecimento e a disseminação das técnicas aprendidas, reflete o caráter transformador da pesquisa. Para ela, o aprendizado dos estudantes “com a questão da tecnologia e eu vou conseguir aprender de uma maneira que eu consiga fazer esse link” (Entrevista, 2024, CP1) para a pesquisada a relação entre tecnologia e conhecimentos sistematizados não apenas aprimora habilidades técnicas, mas também fortalece a autonomia por meio do desenvolvimento da linguagem escrita e da comunicação de conhecimentos científicos e tecnológicos, essenciais para as atividades mentais superiores.

A assistente social, embora responda de forma indireta, converge com as coordenações ao refletir sobre o papel da pesquisa para os estudantes da EJA-EPT, considerando suas diversas trajetórias de vida e escolaridade. Ela sugere que as tecnologias digitais podem ser empregadas para integrar teoria e prática em uma aprendizagem significativa, especialmente para estudantes da classe trabalhadora. Essa percepção evidencia que a tecnologia, como ferramenta de inclusão, pode ser estrategicamente utilizada na prática pedagógica da pesquisa para desenvolver a capacidade de investigação. Ao abordar a falta de familiaridade de parte dos estudantes com as ferramentas tecnológicas, a assistente social aponta que essa abordagem pode qualificá-los no mundo digital, permitindo-lhes acessar, desenvolver conhecimentos e aprimorar habilidades cognitivas por meio da escrita.

A relação entre atividades mentais superiores, escrita e tecnologia digital na pesquisa como princípio pedagógico na EJA-EPT fundamenta-se na perspectiva de Vygotski ([2001], [2007]), que aborda o desenvolvimento cognitivo mediado pelas relações sociais e culturais. A pesquisa, nesse sentido, permite aos estudantes desenvolverem raciocínio lógico, resolução de problemas e pensamento abstrato, culminando no desenvolvimento da análise crítica trabalhados em Felipe (2019). A incorporação das tecnologias é necessária, visto que a sociedade contemporânea é permeada por esses recursos.

A tecnologia não é um fim em si mesma, é uma ferramenta que quando bem aplicada pelos docentes permite o desenvolvimento da emancipação intelectual, para Ramos (2014) permite aos estudantes contextualizar os conhecimentos da realidade e do cotidiano gerando um aprendizado significativo é essencial na pesquisa como prática pedagógica, pois permite que os mesmos enfrentam os desafios tecnológicos, como atualizar aplicativos ou entender o funcionamento de plataformas online, exigindo postura de resolução de problemas. Tanto as coordenações quanto a assistente social compreendem a importância dos docentes e da instituição para mediar essas adversidades para que os estudantes possam aprender a lidar com as ferramentas tecnológicas e incentivando a sua autonomia e a capacidade de investigação trabalhados em Pinto (2005).

Nesse sentido, a intersecção entre atividades mentais superiores, escrita e tecnologia necessita promover a autonomia nas estudantes, embora a pesquisa, quando não direcionada a romper com a dualidade trabalho intelectual-manual, possa se limitar a uma perspectiva informacional e instrumental do cotidiano. Autores como Araujo (2025), Moura (2014) e Felipe (2019) convergem ao defender a interligação entre ensino e pesquisa para a construção da autonomia crítica, exigindo uma práxis filosófica que dialogue com as competências de interpretação, análise e proposição de soluções com compromisso ético e político voltado ao mundo do trabalho e as ferramentas tecnológicas.

Em síntese, a análise da variável pesquisa como princípio educativo demonstra que, embora os docentes reconheçam seu potencial para desenvolver as atividades mentais superiores e promover a autonomia dos estudantes, sua efetivação na EJA-EPT dialoga apenas parcialmente com o ideal da formação integral. As percepções predominantes, tanto entre estudantes quanto em algumas falas de docentes, tendem a uma visão instrumental, na qual a pesquisa se restringe à coleta de dados para uso imediato, sem uma articulação profunda com as contradições do mundo do trabalho. Essa limitação fragiliza o processo formativo, impedindo uma análise crítica das desigualdades estruturais de gênero, raça e classe e a

superação da superficialidade imposta pelo modo de produção capitalista. A práxis pedagógica, portanto, falha em transformar a pesquisa em uma ferramenta de politecnia de Saviani (2007) e omnilateralidade de Frigotto (2012), limitando seu potencial para um projeto educativo verdadeiramente emancipatório e alinhado à Pedagogia Histórico-Crítica.

Ao serem retomados os resultados das variáveis internas trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo para a formação integral dos estudantes, observa-se que a práxis pedagógica é percebida de forma parcial, já que há lacunas que impedem essa efetivação, entre as quais estão: questões estruturais, questões pedagógicas, condições concretas de existência das estudantes que são atendidas na Assistência Estudantil.

Quanto à **formação integral**, os resultados em diálogo com a politecnia de Saviani (2007) e Documentos Base (Brasil, 2007), revela que na EJA-EPT encontra-se em estado de tensão dialética. Embora haja uma clara intencionalidade na percepção da maioria dos envolvidos na pesquisa, de transcender a qualificação profissional e promover o desenvolvimento humano em suas diversas dimensões, ainda assim, não se efetiva plenamente na prática pedagógica. EC6 coloca que “na aula prática deveria acrescentar mais, aprofundar mais para as aulas teóricas” (Entrevista, 2024, EC6). Essa percepção demonstra as barreiras estruturais analisados em Ramos (2014) e Flores (2016) onde a burocracia institucional e a cultura tecnicista, impedem uma práxis pedagógica emancipatória trabalhados em Araujo (2025) e que se apresenta na fala de CC1 “nos nossos conselhos de classe, a gente tenta fazer um currículo integrado” (Entrevista, 2024, CC1). A despeito do reconhecimento da importância da integração teoria-prática, a pesquisa aponta que não são suficientes para superar as desigualdades de acesso e as limitações de tempo e recursos, o que impactam diretamente o aprendizado dos estudantes e capacite-as a debates mais amplos e críticos sobre as questões estruturais que as prepare para o mundo do trabalho colocados em Frigotto (2012) e Moura (2014).

Acerca das **questões estruturais** que afetam a formação integral na EJA-EPT são evidentes nas falas dos pesquisados, revelando como a burocracia e o tecnicismo da instituição e as condições de existência dos estudantes trabalhados em Flores (2016), Fontella (2019) e Silva e Agapito (2021) impõem desafios à práxis pedagógica. A Assistente Social, por exemplo, destaca a falta de rede de apoio afirmando que “não há uma rede de apoio que atenda, uma rede de apoio familiar ou de amigos ou colegas” (Entrevista, 2024, AS1), demonstrando que as condições concretas de existência impactam a aprendizagem.

Complementarmente, sobre a insuficiência de recursos da Assistência Estudantil, a percepção de DP1 "eu sempre, eu indico, eu falo sempre, mas ela é insuficiente, tá! Eu sei assim, ela é uma ajuda" (Entrevista, 2024, DP1), evidencia que questões estruturais para suprir necessidades básicas como transporte se tornam barreiras concretas para a permanência e o pleno desenvolvimento da aprendizagem das estudantes, transferindo a elas a responsabilidade individual por problemas que são, de fato, sistêmicos. Assim, as questões estruturais comprometem a capacidade da práxis pedagógica de promover uma formação integral emancipatória.

Já nas **questões pedagógicas** na EJA-EPT, conforme Franco (2012, 2016), Coelho (2019) e Gusmão (2020), os docentes encontram dificuldade na integração entre teoria e prática, afetando a formação integral. A assistente social ressalta a dificuldade de concretizar o Projeto Pedagógico nas práticas pedagógicas de ensino que conectem os conhecimentos sistematizados à realidade dos estudantes. A sobrecarga de trabalho dos docentes, somada à burocracia institucional, colocado por DFPC1 "não é organizado um sistema periódico de reuniões de aprimoramento entre os professores" (Entrevista, 2024, DFPC1), compromete o planejamento crítico e a problematização das realidades estudantis, resultando em um ensino mais tecnicista. A necessidade diante de diversas vulnerabilidades estudantis desvia o foco das contradições sócio-históricas, além disso, a pouca formação continuada dos docentes, como aborda Gusmão (2020), impede-os de aprofundar e aplicar uma práxis transformadora como ferramenta de emancipação, conforme apontam Zen e Oliveira (2018).

A **Assistência Estudantil** na EJA-EPT, conforme a pesquisa, reflete as questões estruturais impostas pelo capitalismo, tema debatido por Gomes, Freitas e Marinho (2022), Silvia e Agapito (2021) e Moura (2023). Essas fragilidades afetam diretamente a aprendizagem e a efetivação de uma formação integral. Estudantes como EC2 afirmam que "eu procuro quando preciso" (Entrevista, 2024, EC2), e EP1 reconhece a importância do programa para lidar com a sobrecarga da dupla/tripla jornada de trabalho, os cuidados familiares e a falta de rede de apoio, que geram cansaço e dispersão na aprendizagem e na capacidade de engajamento político. A dificuldade de acesso a direitos básicos, pontuada por EC1, agrava esse cenário. Docentes e coordenações percebem que, apesar dos esforços da equipe, a burocracia e a carência de recursos financeiros e de políticas institucionais, como a ausência de creches, transformam as demandas concretas das estudantes em barreiras significativas ao direito à educação e à formação integral, impedindo a superação das

desigualdades que permeiam o espaço escolar e afetam a progressão profissional e nos estudos das estudantes.

A **progressão para o mundo do trabalho e dos estudos na EJA-EPT** revela-se um processo tensionado pelas condições concretas de vida das estudantes. Embora haja um forte desejo de continuidade educacional e profissional, como EC3 afirmando que o curso "faz com que a gente tenha mais vontade de continuar estudando" (Entrevista, 2024, EC3) e EC7 percebendo que "está abrindo a minha cabeça" (Entrevista, 2024, EC7), a efetividade dessa progressão é desafiada por questões estruturais e pedagógicas. Docentes e coordenações aspiram a uma formação completa, conforme coloca CC1 "não reproduza aquele trabalhador que se resume a um trabalhador braçal" (Entrevista, 2024, CC1) e observado por CP1 "mudança, essa evolução dentro dessas mulheres no curso" (Entrevista, 2024, CP1), reconhecendo o potencial transformador da EPT. Contudo, a Assistente Social aponta um "distanciamento entre o que está no Projeto Pedagógico e o que acontece no dia a dia" (Entrevista, 2024, AS1). Essa lacuna, somada à cultura tecnicista e à dificuldade de conciliar expectativas heterogêneas dos estudantes da EJA e com a profundidade dos conteúdos colocados por EC6 e DP1, impede a plena formação integral e a inserção crítica no mundo do trabalho, refletindo o dualismo educacional trabalhados por Moura (2014), Ramos (2014) e Frigotto (2012) exigindo uma práxis pedagógica que promova a politecnia trabalhada em Saviani (2007) e a autonomia intelectual para compreender as contradições societárias trabalhado em Valer (2019). Dessa forma, a **competência** na EPT vai além do saber fazer, envolve o aprendizado crítico de conhecimentos, habilidades e atitudes para uma compreensão e atuação transformadora no mundo do trabalho pontuados em Ramos (2012).

A análise do Capítulo 4 revela um cenário complexo e dialético na EJA-EPT, onde as fragilidades estruturais e pedagógicas colidem com o ideal de uma formação integral. **Na seção 4.1**, o perfil das estudantes confirma a problemática da pesquisa: mulheres com mais de 42 anos, majoritariamente mães solas ou casadas, enfrentam uma sobrecarga de jornadas de trabalho, responsabilidades domésticas e a ausência de uma rede de apoio. Essa realidade concreta, marcada por longos períodos de afastamento escolar, baixa renda e desafios com transporte, impacta diretamente a aprendizagem e a permanência, demonstrando que o sucesso na EJA-EPT é, para muitas, um ato de resistência contra as condições impostas pela vida.

Na seção 4.2, a análise dos PPCs expõe a tensão entre a proposta de uma formação integral e politécnica e a predominância da lógica instrumental. Embora os documentos

almejem formar profissionais críticos, a prática pedagógica oscila, limitada pela cultura tecnicista e pela precarização laboral. A subutilização da pesquisa, que deveria articular os conhecimentos sistematizados com as tecnologias e as atividades mentais superiores, é um sintoma dessa lacuna. Assim, a práxis pedagógica, ao não se concretizar plenamente, falha em desvelar as contradições do modo produtivo e em promover a emancipação, limitando o sucesso e o progresso das estudantes.

Por fim, a **seção 4.3** consolida a ideia de que a EJA-EPT opera sob uma tensão estrutural. A fragilidade pedagógica, impulsionada por uma cultura burocrática e por uma carga de trabalho exaustiva dos profissionais, impede a plena efetivação de uma práxis emancipatória. A busca por uma educação politécnica que integre teoria e prática para formar cidadãos críticos, é um caminho necessário. Isso exige um esforço institucional e a formação continuada dos docentes, para que a EPT possa, de fato, aprofundar os princípios da cultura, ciência, tecnologia e trabalho. A conjuntura da EJA-EPT, portanto, confirma a problemática da pesquisa: as fragilidades pedagógicas e as condições materiais de existência restringem o potencial transformador da formação integral, limitando a emancipação das estudantes.

Finalizada a descrição e análise prévia dos resultados, conforme o conteúdo do Capítulo (4), Descrição dos Resultados e Análise Prévia, dos grupos de variáveis selecionadas, afirma-se que as hipóteses da pesquisa foram confirmadas.

Em relação a hipótese (i), aqui retomado, os *coordenadores, docentes e assistente social não têm clareza em relação os princípios que constituem a formação integral para que as estudantes-mães possam alcançar o sucesso para a progressão nos estudos e no trabalho*, os resultados demonstram que a maioria dos participantes compreende de forma parcial os princípios da EJA-EPT. Desses profissionais da EPT, sendo quatro da formação geral e quatro da formação técnica, observou-se que há mais lacunas na compreensão dos princípios da EPT entre os profissionais da formação técnica.

Quanto a hipótese (ii), aqui retomado, as *participantes estudantes-mães percebem que a prática pedagógica tem ênfase na preparação para o mercado de trabalho em detrimento do mundo do trabalho*, os resultados indicam que as estudantes possuem uma percepção instrumental da formação profissional, focada em uma lógica pragmática. Apesar de reconhecerem algumas dimensões do mundo do trabalho, elas não as compreendem em sua profundidade ou em suas contradições individuais e coletivas, o que limita debates sobre movimentos sociais e sindicatos para vincular os conhecimentos sistematizados às questões sociais. Não se observaram discussões críticas aprofundadas sobre temas como a

terceirização, uberização, a divisão sexual do trabalho, as consequências da dupla/tripla jornada e seus impactos nas vidas pessoais e profissionais das participantes.

Referente a hipótese (iii), aqui retomado, *as participantes estudantes-mães percebem a finalidade pedagógica para a formação integral, porém elas não conseguem ter o sucesso esperado por conta das condições concretas da sua existência*, os resultados demonstram que a relação teoria-prática é compreendida parcialmente, sob uma lógica predominantemente mercadológica, distante da amplitude da formação integral. Embora reconheçam os benefícios pessoais, como o aumento da autoconfiança e autoestima, e a aquisição de novas habilidades socioemocionais e sociolaborais que permitem o exercício individual de seus direitos, elas não usufruem plenamente dos bens socialmente produzidos. Isso se deve às condições materiais precárias, marcadas por jornadas duplas/triplas, falta de políticas públicas essenciais como creches em todos os horários escolares, precarização laboral e baixos salários. Nesse contexto, o "sucesso" para essas estudantes se traduz em superar desafios para concluir seus estudos e, assim, abrir caminho para novos sonhos, redefinindo o que significa êxito em uma sociedade capitalista.

Nesse sentido, justifica-se a elaboração de dois produtos educacionais, seguindo os direcionamentos da CAPES (Brasil, 2016, 2019, 2022), cujos produtos e processos estão apresentados na seção 5, Produto educacional.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo discorre sobre a aplicação e a avaliação dos produtos educacionais desenvolvidos durante esta pesquisa-ação, em resposta ao objetivo específico (d), que visa elaborar, com base nos resultados encontrados, conforme (a), (b) e, em (c), um produto educacional, sua aplicação e avaliação, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 2016, 2019, 2022) para o Mestrado Profissional.

A *Cartilha* e o podcast *foram* elaborados a partir dos resultados da pesquisa *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral*, constitui-se como um Produto Educacional, requisito para a conclusão do Curso Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, ofertado em Rede Nacional, cujo projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEPESH via Parecer número 7.023.295.

Para isso, o capítulo está dividido em: seção (5.1), os aspectos introdutórios dos produtos educacionais; Seção (5.2), os eixos estruturantes dos produtos; e por fim, a seção (5.3), o processo de aplicação, avaliação e validação dos produtos.

5.1 Aspectos introdutórios dos produtos educacionais

Nesta seção, estão apresentados os aspectos introdutórios relativos aos produtos educacionais. Primeiramente, apresenta-se a aderência à linha de pesquisa e ao macroprojeto, seguindo os direcionamentos do Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional de Educação, Ciência e Tecnologia em Rede Nacional elaborado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES, 2023, p. 4). Na sequência, levando os resultados encontrados nesta pesquisa, aponta-se à caracterização dos produtos educacionais, seguindo os direcionamentos da CAPES. Por fim, a partir da aderência e da caracterização dos produtos, levando-se em consideração o público, apresenta-se as respectivas finalidades dos produtos educacionais.

5.1.1 Aderência dos produtos educacionais

Seguindo o Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional de Educação, Ciência e Tecnologia em Rede Nacional elaborado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES, 2023, p. 4), a pesquisa realizada está inserida na linha 1 - de Práticas Educativas em EPT. Essa linha articula a formação cidadã e a formação profissional às demandas do mundo do trabalho, fundamentando-se nos princípios pedagógicos que integram a teoria e a prática. Além disso, prioriza a inclusão sociocultural, buscando adequar às necessidades dos diversos públicos na modalidade de ensino, promovendo o acesso às tecnologias sociais e digitais. Ao vincular a educação e trabalho, as práticas educativas buscam não somente qualificar profissionalmente, mas também formar indivíduos críticos e autônomos, que sejam capazes de intervir em suas realidades, alinhadas aos objetivos da EPT de promover uma sociedade justa e igualitária.

Inserido nesta linha está o macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), no caso desta pesquisa, o macroprojeto está atrelado no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na questão de gênero que se conectam para promover a equidade, já que buscam democratizar o conhecimento. Desta forma, colaboram para superar barreiras de acesso à informação, o que é essencial para o público da EJA, onde boa parte dos estudantes podem ter dificuldades com materiais escolares tradicionais.

Ao abordar os desafios de aprendizagem na educação profissional, os produtos educacionais trazem reflexões e falas de estudantes-mães que demonstram as desigualdades na sociedade. Ademais, permite dialogar com as demandas do mundo do trabalho revelando a necessidade de uma educação alinhada às demandas das estudantes-mães e estudantes em geral da EJA, que são grupos, na sua maioria marginalizados, chamados de “minorias” para que tenham um aprendizado significativo e emancipatório. Sendo assim, ambos os produtos educacionais inovam a forma de ensino e aprendizagem, pois ao usar linguagens de áudio e material visual possibilita o engajamento dos estudantes da EJA divulgando o conhecimento de forma crítica, política e inclusiva.

Com o objetivo de analisar as percepções das estudantes-mães acerca da práxis pedagógica nos cursos investigados. Ao abordar essas questões, busca-se não apenas demonstrar os desafios da aprendizagem, mas também fomentar a compreensão mais ampla dos princípios da EPT entre estudantes, contribuindo para uma formação crítica e

contextualizada as condições concretas das estudantes. Nesse processo, os produtos educacionais buscam ser um recurso didático estratégico, que sintetizam e disseminam conhecimentos de forma acessível e reflexiva.

A relação entre o objeto de estudo, a práxis pedagógica para a formação integral, e o problema de pesquisa selecionado tratou se a formação das estudantes-mães nos cursos permite sua progressão para o mundo do trabalho e estudos, ou se as contradições do modo societário capitalista limitam a sua emancipação. Desta forma, foram analisadas as hipóteses, as quais foram verificadas mediante a aplicação de instrumento questionário e entrevistas aos pesquisados.

Sendo assim, pode-se afirmar que as hipóteses da pesquisa foram verificadas e confirmadas, uma vez que a formação integral na percepção dos participantes está ocorrendo de forma parcial. No pressuposto (i), percebe-se que, a maioria dos pesquisados valoriza a integração entre a teoria e a prática, mas enfrentam obstáculos para efetivá-la. A carência de formação continuada dos docentes, as condições concretas de existência das estudantes e a burocracia institucional limita a práxis pedagógica e dificulta a efetiva formação integral.

No pressuposto (ii), as estudantes-mães tendem a enxergar a formação de forma instrumental, sem uma análise crítica das contradições do mundo do trabalho. Isso demonstra haver discussões sobre temas, como de exploração laboral, de forma superficial desvinculadas das vivências e condições concretas, o que reproduz a visão individualista das relações socio laborais e sociais o que se alinha à lógica do modo capitalista.

Por fim, no pressuposto (iii), embora reconheçam os ganhos simbólicos da educação, as estudantes-mães esbarram em barreiras materiais, com jornadas exaustivas, falta de rede de apoio e precariedade laboral. Assim, o sucesso é resistir para concluir os estudos mesmo com as estruturas sociais que continuam negando condições dignas para a plena formação.

Os resultados das entrevistas revelam que há um tensionamento na formação das estudantes-mães. Enquanto a prática pedagógica a EJA-EPT propõe uma formação integral, os resultados apontados na pesquisa demonstram que as estudantes-mães enfrentam obstáculos concretos que comprometem o seu percurso formativo. Ademais, embora reconheçam a importância da formação integral, os resultados demonstram uma lacuna entre a teoria e a prática que reflete na compreensão parcial dos conceitos da EPT. As estudantes-mães reconhecem o potencial transformador da educação, mas esbarram nas condições materiais de vida que fragilizam a aprendizagem em sua plenitude, já que as estudantes-mães priorizam a formação para a empregabilidade em detrimento de uma

formação humana para o mundo do trabalho decorrentes do processo de pressões do modo societário. Desta forma, a formação integral que deveria abarcar dimensões mais amplas acaba sendo reduzida às necessidades do modo capitalista.

Com base nesses resultados, optou-se em elaborar dois produtos educacionais, uma cartilha e um podcast.

Segue a caracterização dos produtos educacionais.

5.1.2 Caracterização dos produtos educacionais

Freitas (2021, p. 13) destaca que o que **caracteriza** o produto educacional se dá em dois momentos. Primeiro, pela sua finalidade de aprendizagem e pelas metodologias adotadas para alcançar esse objetivo. Segundo, pelo conjunto de meios, recursos ou instrumentos utilizados para a sua materialização. Essa dupla dimensão evidencia a necessidade de uma construção coerente e reflexiva, em que a escolha do produto educacional e seu formato estejam alinhados aos preferenciais teóricos da pesquisa como também às demandas práticas do público-alvo. Com isso, o produto educacional não deve somente responder a um problema identificado, mas também demonstrar como a sua aplicação pode contribuir para a transformação da realidade educativa.

Sob esse direcionamento, Págan (1995 *apud* Freitas, 2021, p. 12) discorre que o produto educacional é entendido como instrumento e meio que fornece critérios que colaboram para a decisão e o planejamento das intenções pedagógicas no processo de ensino. Para o autor, “nenhum produto é um fim em si”, mas sim, um recurso que carrega uma proposta de ensino intencional. Essa perspectiva ressalta o caráter mediador do produto educacional, que deve ser concebido como uma ferramenta articuladora entre teoria e prática, capaz de transformar os conhecimentos sistematizados em ações pedagógicas significativas para o contexto educativo.

É importante que a pesquisa conclua, de maneira detalhada, a concepção, a implementação e justificativa do formato adotado para o produto educacional. Isso permite que o produto educacional não seja observado como um artefato isolado, e sim que faça parte de um processo de reflexão e ação, no qual a fundamentação teórica e metodológica dialoga com os desafios e as possibilidades do contexto educativo. Essa articulação torna o produto educacional um instrumento para promover a formação integral, crítica e transformadora, especialmente em contextos desafiadores como a EJA-EPT.

O mesmo autor coloca que “é necessário pensar no produto educacional como um objeto que facilita uma experiência de aprendizagem, ou seja, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido” (Freitas, 2021, p. 13). Nesse sentido, Kaplún (2003, p. 47) acrescenta que até “um objeto que só pode proporcionar informação pode ser educativo, desde que seja utilizado num contexto tal que lhe possibilite cumprir esta função”.

Com base nos resultados obtidos na pesquisa, e alinhando-se às diretrizes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 2022, p. 10) para o Mestrado Profissional, a cartilha classifica-se na categoria (10) de Material Didático, especificamente na tipologia cartilha. Conforme destacado pela CAPES (Brasil, 2019b, p. 43), define como material didático “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais”. Assim, os materiais didáticos servem como suporte essencial para facilitar processos de ensino e aprendizagem.

A cartilha intitulada *Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT*, produto educacional (1), enquanto recurso didático, assume um papel estratégico na disseminação de conhecimentos, conforme apontam Santos e Lima (2021, p. 3), cujo link segue: (<https://drive.google.com/file/d/1IZoE1FBttGuy0xXNiWl9VgxYWrMkTwzP/view?usp=sharing>) por ser um “instrumento facilitador da comunicação e difusão de saberes”, sua linguagem é estruturada para que os conteúdos sejam assimilados. Além disso, sua natureza dialógica e reflexiva contribui para uma aprendizagem alinhada aos princípios de uma educação crítica e transformadora.

Já o podcast intitulado *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT: Caminho para uma formação integral*, como produto educacional (2), tem como base os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil 2022, p. 10), cujo link segue: (<https://drive.google.com/drive/folders/1qhWsBi8hSUD2C7sRYJZI2qjwH8VDqgx>). Para o Mestrado Profissional, o podcast classifica-se na categoria (8) Produto de Comunicação, especificamente na tipologia podcast. Trata-se de um recurso comunicacional que visa transmitir mensagens educativas de forma acessível e engajadora, alinhando-se às demandas atuais de disseminação do conhecimento. Conforme Rossetti (2013, p. 65), um produto de comunicação pode ser entendido como um “objeto novo ou inovador”, seja na forma de uma teoria, linguagem ou ferramenta comunicacional, o que justifica a escolha do podcast como meio de potencializar o diálogo educativo no contexto da EJA-EPT.

Ao integrar a categoria de produto de comunicação, o podcast desenvolvido para a EJA-EPT ultrapassa a função formativa, assumindo um caráter político-pedagógico. Ademais, por ser um recurso de fácil acesso e reprodução, o podcast possibilita democratizar o debate sobre o mundo do trabalho, educação e gênero, fortalecendo a luta por uma sociedade mais justa. Para Silva (2020, p. 37), “é mediante esse meio que um interlocutor pode expressar, expandir, divulgar e disseminar pensamentos, ideias e criações, sejam elas individuais ou coletivas” já que se pode ouvir muitas vezes para a apreensão do conteúdo e ter contato com outras visões de mundo que potencializa e amplia a “sua própria cosmovisão” das estudantes, enriquecendo a apreensão do conteúdo e fomentando uma compreensão mais abrangente das realidades individuais e coletivas.

Nesse sentido, Freitas (2021, p. 13) coloca que é necessário pensar o Produto Educacional no “seu sentido conceitual ou perceptivo, afetivo, de habilidades ou atitudes”, caracterizado de forma clara sem haver a necessidade de “abrir mão da forma” destacando o autor a importância de construir um produto educacional em suas múltiplas dimensões que são: semântica, pragmática e sintática.

Sobre o aspecto da linguagem, Moreira (2010) reforça que o produto educacional deve considerar a dimensão semântica que se relaciona ao conteúdo e à mensagem transmitida, resumindo ao “que foi dito”. Além disso, é necessário considerar a dimensão pragmática, ou social, que diz respeito à funcionalidade do material, ou seja, “para que será usado”, e a dimensão sintática, que aborda os sistemas simbólicos empregados na apresentação das informações, isso permite focar em “como a mensagem se estrutura”. Esses elementos são importantes para assegurar a aplicabilidade do produto educacional como ferramenta pedagógica (Freitas, 2021, p. 13).

Ao incluir a formação técnica, a reflexão política e a valorização do trabalho como princípio educativo, a EJA-EPT pode se consolidar como um caminho de emancipação, onde os conhecimentos adquiridos se unem ao saber político para construir alternativas que contestem à lógica neoliberal. Nesse sentido, a finalidade da cartilha e do podcast no contexto desta modalidade é promover uma formação crítica que articule os princípios da EPT com reflexão sobre o mundo do trabalho e suas contradições decorrentes do modo societário. Os desafios enfrentados pelas estudantes-mães, como jornada dupla e/ou tripla e as dificuldades de aprendizagem decorrentes do cansaço físico e mental são frutos dessa sociedade. Desta forma, a EJA-EPT é um caminho possível para emancipar e ampliar as potencialidades

educacionais e profissionais e os produtos educacionais podem contribuir com uma aprendizagem significativa.

Os produtos educacionais estão alinhados à Pedagogia Histórica-Crítica e ao materialismo histórico-dialético, que compreendem a educação como uma práxis transformadora. Para Saviani (2021a), a PHC o trabalho não se define somente como atividade laboral, mas como princípio educativo que humaniza os indivíduos e a sociedade. A cartilha e o podcast materializam essa perspectiva ao articulam teoria e prática, utilizando linguagens acessíveis, conteúdos críticos sobre os princípios da EPT que estimula a reflexão e a ação como destaca Freitas (2021) e Kaplún (2003), esses recursos cumprem a função educativa quando inseridos em contexto que favoreça a experiência de aprendizagem transformadora, o que justifica o seu formato dialógico e narrativo.

Ao problematizar temas como a precarização do trabalho, organização política e direitos educacionais, a cartilha e o podcast tornam-se ferramentas contra hegemônicas, desafiando a lógica neoliberal que individualiza as desigualdades. Dessa forma, os produtos educacionais não apenas respondem a um problema identificado, ou seja, a efetivação ou não da formação integral, mas também demonstra o potencial transformador da EJA-EPT como caminho para potencializar uma educação transformadora que incentive a emancipação e consciência crítica aliada a classe e gênero trabalhados em Scott (1995) e Gomes (2023).

5.1.3 Finalidade dos produtos educacionais

O Produto educacional (1): A Cartilha foi elaborada a partir dos resultados da pesquisa *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral*, constitui-se como um Produto Educacional, requisito para a conclusão do Curso Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, ofertado em Rede Nacional.

O objetivo da cartilha é apresentar alguns conceitos da EPT para estudantes e demais atores para promover reflexões sobre o mundo do trabalho contribuindo para reconheçam seus desafios são decorrentes do modo societário, e que mesmo com esses desafios a educação na EJA-EPT é um caminho para ampliar suas potencialidades para pensar na progressão nos estudos e na vida profissional. Dias (2018, p. 16) refere que a cartilha como ferramenta educativa e de comunicação no ambiente educacional não somente garante o direito à comunicação, mas também auxilia em diversas práticas pedagógicas. Para a autora, as

cartilhas se tornam instrumentos fundamentais para democratizar informações alinhadas aos princípios da educação. Nesse sentido, desempenha a cartilha um papel importante, pois visa fortalecer o uso e suporte de diferentes recursos no contexto educacional.

A cartilha contribui para uma aprendizagem mais dialógica coerente com a práxis pedagógica que é objeto da pesquisa, pois vai além de um simples material didático, transformando-se em um meio de expressão permitindo promover conhecimentos, mas também formação cidadã e crítica estando em consonância com esta pesquisa. A cartilha apresenta-se também como recurso prático para aplicação dos princípios da EPT, promovendo a construção de um pensamento autônomo e questionador. Ao combinar elementos visuais e textuais de forma didática potencializa o engajamento dos estudantes e demais atores, favorecendo uma abordagem pedagógica que valoriza a interação e a contextualização dos conhecimentos. Dessa forma, cumprindo seu papel como ferramenta educacional inovadora e alinhada às demandas da formação profissional.

Também permite traduzir conceitos complexos em narrativas cotidianas, dialogando com as falas das entrevistadas indicando um caminho para a compreensão para perceber os sentidos das palavras, dos conceitos e das relações do modo produtivo em suas vidas que as sobrecarregam. Além disso, os dados podem ser humanizados ao ressaltar aspectos da formação política nas respostas, nas reflexões sobre o trabalho, as tecnologias, a cultura, ciência e sobre a sobrecarga de trabalho reprodutivo e invisível das mulheres.

O Produto educacional (2): O podcast foi elaborado a partir dos resultados da pesquisa *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral*, constitui-se como um Produto Educacional, requisito para a conclusão do Curso Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, ofertado em Rede Nacional. O objetivo do Podcast é apresentar alguns conceitos da EPT para estudantes e demais atores para promover reflexões sobre o mundo do trabalho.

O podcast, enquanto produto comunicacional, assume um papel estratégico na educação por sua capacidade de ampliar as relações humanas e o acesso ao conhecimento, conforme destaca Silva (2020, p. 52). essa ferramenta audiovisual não se restringe ao ambiente escolar formal, mas transpõem barreiras permitindo que estudantes-mães, estudantes de modo geral e demais atores acessem conteúdos críticos e reflexivos de forma flexível. A natureza dialógica favorece a construção coletiva de saberes e conhecimentos, articulando teoria e prática em sintonia com os princípios da EPT. Dessa forma, o podcast estimula a autonomia e a reflexão crítica, elementos fundamentais para uma formação integral.

Ao integrar a categoria de produtos de comunicação, o podcast desenvolvido para a EJA-EPT assume caráter político-pedagógico. Sua estrutura permite problematizar questões como as opressões laborais e jornadas exaustivas, naturalizadas no cotidiano das estudantes-mães, isso permite uma práxis pedagógica que as incentivam a organização coletiva em prol de seus direitos. Ademais, por ser um recurso de fácil acesso e reprodução, o podcast possibilita democratizar o debate sobre o mundo do trabalho e a educação, fortalecendo a luta por uma sociedade mais justa. Assim, este produto educacional não apenas atende às exigências da CAPES para o mestrado profissional, mas também se consolida como ferramenta de transformação social, alinhada aos princípios da Pedagogia Histórica-Crítica e da educação politécnica.

Barros e Menta (2007, p. 1), ressaltam que a integração de múltiplas mídias representa um desafio pedagógico, já que seu uso pode potencializar ou limitar os resultados do processo educativo. No contexto da EJA-EPT, o podcast como mídia, oferece oportunidades para comunicar e aprender de forma inovadora. No entanto, seu potencial só se concretiza quando há uma intencionalidade pedagógica que articule o recurso tecnológico aos objetivos formativos e às realidades dos estudantes, transformando-o em uma ferramenta efetiva de emancipação. Ao unir as perspectivas de Silva (2020) e Barros e Menta (2007), percebe-se que o podcast, quando bem empregado torna-se um instrumento de diálogo e transformação. Na modalidade EJA-EPT, ele pode romper barreiras de tempo e espaço, permitindo que estudantes acessem conhecimentos mesmo em meio às suas rotinas atribuladas. Além disso, ao ampliar vozes e experiências diversas, esse recurso estimula a reflexão coletiva sobre temas como trabalho, gênero e educação, fortalecendo não apenas a aprendizagem, mas também o protagonismo político.

A escolha do produto educacional para divulgar a percepção das trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT, em formato de podcast, foi uma escolha estratégica, alinhada aos objetivos da pesquisa, ao público-alvo e ao potencial impacto social. Nesse sentido, este artefato se torna presente não somente como fonte para adquirir informações, mas também para promover a aprendizagem quanto aos princípios da EPT. As trabalhadoras estudantes-mães têm rotinas exaustivas (trabalho, estudos, cuidado com filhos (a)) e não dispõem de tempo para ler outros conteúdos ou participar de atividades presenciais. O podcast permite às mesmas ouvirem o conteúdo em outros espaços, como no ônibus, na caminhada, na ida ao mercado, entre uma aula e outra, na cozinha, no trabalho, ou seja, em qualquer lugar, sem exigir atenção exclusiva.

O podcast é um formato que pode ser compartilhado nas mídias sociais, como YouTube, Spotify, Apple entre outros. Também pode ser usado em coletivos, fóruns de EJA e sindicatos que podem utilizar o material em suas formações. Por conseguinte, pode ser usado para debates para além dos muros escolares, atingindo quem vive o desafio, no caso as trabalhadoras-mães e quem pode mudá-los, no caso os gestores públicos. Sem falar da documentação histórica, já que registra as percepções das pesquisadas que a história tradicional apaga e as inviabiliza.

Enquanto produtos educacionais a cartilha e podcast, caracterizam-se como instrumentos dinâmicos e dialógicos, projetados para estimular a reflexão sobre os princípios da EPT e suas implicações na trajetória escolar, ao integrar as dimensões semântica, pragmática e sintática esses materiais não somente facilitam que se assimile conceitos, mas também promovem uma educação emancipatória, alinhada às demandas da EPT. Dessa forma, ultrapassam a função formativa, e tornam-se ferramentas de transformação social e pedagógica que articula teoria e prática na formação política.

Referente a inovação pedagógica a cartilha e o podcast permitem problematizar temas e assim, romper com modelos tradicionais, pois permite que estudantes possam desenvolver a produção de conhecimentos, como por exemplo, criar episódios-respostas como atividades interdisciplinares integrando a formação cidadã e formação técnica. Os produtos educacionais têm grande capacidade de adaptação a diferentes contextos devido ao formato flexível, já que a cartilha poderá ser trabalhada de forma digital ou impressa e o podcast poderá ser acessado por diversas plataformas online e baixados para ser usado de forma offline, já que existem localidades que não se tem acesso à internet. Além disso, a abrangência permite ser aplicado na escola de forma interdisciplinar e/ou nas unidades curriculares, além de poder ser trabalhado nos sindicatos, fóruns de educação popular e formação de docentes, podendo ser adaptados a diversos temas e realidades locais, regionais e nacionais integrando, por exemplo, redes como movimentos nacionais de EJA.

Apresentados, a seção (5.1), aspectos introdutórios, aderência e caracterização dos produtos educacionais, na sequência, apresenta-se a seção (5.2), os aspectos relativos aos eixos estruturantes dos produtos educacionais

5.2 Eixos estruturantes dos produtos educacionais

Aborda Freitas (2021, p. 13) que outras dimensões precisam ser levadas em conta na elaboração do produto educacional, classificando-os, conforme Kaplún (2002), em “três eixos que colaboram para análise e construção de mensagens educativas, sendo: o eixo conceitual, o eixo pedagógico e o eixo comunicacional”.

5.2.1 Eixo conceitual

O primeiro eixo é o conceitual está “relacionado ao(s) objeto(s) de conhecimento, foco central do material”. Para definir os elementos que compõem esse eixo, é necessário haver dois tipos de pesquisa, sendo uma temática e outra diagnóstica. A pesquisa temática “seria para compreender os assuntos e conteúdos abordados e, principalmente, os conceitos que articulam os debates em torno deles, o que requer, evidentemente, um aprofundamento em teorias que sustentem tais conceitos” (Freitas, 2021, p. 13). Já a pesquisa diagnóstica conforme o autor possibilita “conhecer os sujeitos e o meio para o qual o material se destina, [...] saber quais são suas verdadeiras necessidades a partir do que sabem, o que querem, o que pensam, o que imaginam, o que ignoram sobre o assunto abordado”.

O eixo conceitual permeia os produtos educacionais ao orientar a seleção e organização dos conceitos da EPT, isso garante que cada conceito abordado esteja fundamentado nos referenciais teóricos articulados às demandas reais do público-alvo, ou seja, as estudantes-mães. por meio da pesquisa temática, foram definidos os conceitos que estruturam as discussões que asseguram que não apenas aspecto informacional, mas que também provoca reflexão crítica sobre as relações do mundo do trabalho.

A base teórica que sustenta os produtos educacionais está sustentada pelo **trabalho como princípio educativo** para a formação integral sustentado pelas dimensões, cultura, ciência, tecnologia, ética e formação integral conceitos trabalhados em Ciavatta (2005, 2019), Frigotto (2009, 2012), Machado (2008), Moura (2014), Danelli (2012) e Saviani (2007). Quanto à prática didática trabalhou-se com Saviani (2021b), Gasparin (2012), e Galvão, Lavoura e Martins (2019).

A **Pedagogia Histórico-Crítica - PHC** de Saviani (2021b) foca-se na **práxis pedagógica** para a formação integral fundamentando-se nos princípios do materialismo histórico-dialético, teoria marxista que reconhece o ser humano como um ser social, histórico e cultural, onde a existência do indivíduo na sociedade é desenvolvida pelas atividades laborais. Já a **práxis pedagógica** trabalhada por Flores (2016) está no trabalho que educa e

liberta pela formação integral, na tecnologia que inclui, na ética que faz perceber que o saber só pode ser verdadeiro quando possibilita mudar a vida de quem aprende e de quem ensina.

A PHC, de Saviani (2021b) fundamenta-se no materialismo histórico-dialético, que compreende o ser humano como ser social e histórico, cuja existência é constituída pelo trabalho. Nessa perspectiva, a práxis pedagógica não se limita a transmitir conhecimentos, mas assume caráter emancipatório que articula educação, trabalho e transformação da realidade. Assim sendo, a educação profissional na EJA-EPT, em seus princípios visa promover a formação integral, em que o trabalho é compreendido não somente no sentido da empregabilidade e do pragmatismo, mas que promove a formação humana em sua integralidade.

Nesse sentido, a PHC alinha-se à perspectiva sociointeracionista de Vygotsky ([2001]) que se alinha na interação com os outros e com a cultura e que a escola é um espaço para mediar a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, Galvão, Lavoura e Martins (2019) incorporam que a didática é dialética em que o ensino valoriza o diálogo na relação entre os conhecimentos tácitos e as experiências socioculturais dos estudantes na construção de uma educação crítica onde se compartilhe a relevância das interações no processo de aprendizagem vinculadas e desenvolvidas nas relações sociais e culturais, onde se destaca a necessidade de valorizar as ciências sociopolíticas para os estudantes adquirir conhecimentos críticos e reflexivo para contestar a realidade societária.

No modo societário capitalista, ao fomentar o individualismo e a competição, fragiliza a organização política coletiva da classe trabalhadora, fazendo com que os indivíduos disputem entre si os bens socialmente produzidos em vez de questionarem as estruturas que produzem as desigualdades. Essa lógica visibiliza as opressões, como as enfrentadas pelas estudantes-mães na EJA, que acaba sendo naturalizada como questões pessoais, e não como problemas estruturais. Quando as relações sociais são despolitizadas, perde-se a capacidade de mobilizar a classe trabalhadora para a transformação societária. Isso reforça a alienação e a fragmentação da classe trabalhadora. Nesse contexto, a educação corre o risco de reproduzir a lógica do capital, ou seja, em vez de formar indivíduos críticos e organizados politicamente, acaba formando indivíduos adaptáveis às demandas do mercado.

Quanto ao podcast, o eixo conceitual se estrutura aos blocos com base nos fundamentos teóricos da EPT, já que dialoga diretamente com a realidade das estudantes-mães. Articula conceitos a situações concretas dividido em três temas que dialogam entre si, garantindo profundidade e coerência na construção do produto educacional.

Permite também que a linguagem narrativa do podcast seja adequada ao público ouvinte, utilizando alguns trechos das entrevistas das estudantes-mães para tornar os conceitos da EPT apresentados de forma clara. Desta forma, o podcast estimula a reflexão e a ação coletiva, pois conecta a teoria à prática de forma dinâmica. Dessa maneira, o eixo conceitual assegura que o conteúdo vá além do superficial, promovendo uma compreensão crítica das relações sociais de trabalho, estando desta forma, em sintonia com os princípios da educação politécnica e emancipatória.

Referente ao grau de complexidade os dois produtos, demonstra-se adequado ao público-alvo quanto à finalidade à qual se destina em termos de conteúdos, linguagem, formato e interatividade, buscou-se um alinhamento entre as necessidades das estudantes-mães e estudantes em geral, dos docentes e demais participantes buscando promover uma aprendizagem que relacione a teoria e a prática, despertando o desenvolvimento crítico e reflexivo.

5.2.2 Eixo pedagógico

O segundo eixo pedagógico, para Kaplún (2002, 2003 *apud* Freitas, 2021, p. 13) relaciona-se “à metodologia de ensino escolhida para o material, assim como à forma de organização dos conteúdos e os recursos pedagógicos indicados”. Kaplún (2002, 2003 *apud* Freitas, 2021, p. 13-14) discorre que o pesquisador deve se atentar a esse eixo como “articulador principal de um material didático, pois a forma escolhida para articular os conteúdos é que vai definir um ponto de partida e um ponto de chegada”. O autor coloca que o ponto de partida nem sempre será bem recebido e o ponto de chegada pode não ser alcançado, sendo assim, enfatiza ser necessário “considerar esse eixo no processo de produção do material” já que indica um caminho a ser seguido.

Pedagogicamente, partindo-se do objetivo da *Cartilha Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT*, o conteúdo buscou apresentar os conceitos que constituem a EPT para ampliar o entendimento do que seja a formação integral. Os conceitos foram apresentados em diálogo com os trechos das respostas das estudantes-mães e com os respectivos autores, levando-se em consideração a realidade concreta do perfil das estudantes da modalidade EJA-EPT.

Na cartilha os temas foram apresentados em três seções: em (1), O trabalho como princípio educativo tratou dos conceitos na busca de colaborar para a formação para o mundo

do trabalho, revelando as contradições do modo societário que induz a falsa escolha entre estudo e trabalho. Por meio de conhecimentos críticos, os estudantes desenvolvem consciência de classe para transformar a realidade através da luta social.

Quanto à pesquisa como princípio educativo para a formação integral, na seção (2), a cartilha visa demonstrar que a pesquisa na EJA-EPT não é neutra, e que é uma ferramenta de emancipação e curiosidade crítica sobre as desigualdades sociais. E assim, sendo a sala de aula, como espaço político, deve articular saberes locais e conhecimentos sistematizados para revelar as relações de poder que oprimem os trabalhadores. E que a formação vai além da qualificação profissional, incentivando o debate, a denúncia e a ação transformadora, fortalecendo a consciência de classe e a luta por direitos e por fim; na seção (3) Estudantes-mães e a Assistência Estudantil articula-se a formação política na perspectiva da PHC, reflete sobre os auxílios, benefícios e atendimento aos estudantes da EJA-EPT, não apenas garante condições materiais de permanência, mas também promove conscientização sobre direitos sociais, fomentando o debate crítico acerca de como o capitalismo culpabiliza os indivíduos pelas condições materiais de vida.

Em termos pedagógicos, partindo-se do objetivo do Podcast intitulado *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT: Caminhos para uma formação integral* buscou apresentar alguns conceitos da EPT para as estudantes e demais atores para promover reflexões sobre o mundo do trabalho para a compreensão do que seja a formação integral. Os conceitos foram apresentados em forma narrativa com trecho das respostas das estudantes-mães e com os respectivos autores, levando-se em consideração o perfil das estudantes da modalidade EJA-EPT. No podcast os conteúdos pedagógicos foram apresentados em três blocos:

O primeiro bloco da cartilha discute o trabalho como princípio educativo, abordando que a formação crítica destaca as contradições da sociedade capitalista. E assim, fomenta a consciência de classe incentivando a transformação da sociedade por meio da mobilização coletiva. O segundo bloco a pesquisa como princípio educativo apresenta que pesquisa como instrumento de emancipação vai além da aparência, demonstrando que ela não é neutra, e que a sala de aula como espaço político, quando ultrapassa a qualificação profissional promove ações que fortalecem as lutas por direitos e justiça social. E por fim, o terceiro bloco estudantes-mães e Assistência Estudantil, discute os desafios enfrentados pelas estudantes por conciliar estudos, trabalho e família. Demonstrando que a falta de suporte social aprofunda as desigualdades exigindo ações institucionais e coletivas para alterar essa realidade.

Desta forma, o eixo pedagógico, estrutura o podcast por meio de uma abordagem metodológica que tem a intenção de articular a forma, o conteúdo e o processo educativo de forma coerente com os princípios da EPT, ou seja, busca emancipar os indivíduos. Ao seguir as orientações de Kaplún (2002), foram concebidas como percurso formativo que tem como partida o conhecimento cotidiano das estudantes-mães para alcançar uma compreensão crítica da realidade que é o ponto de chegada, utilizando o diálogo narrativo como estratégia pedagógica para problematizar os conceitos da EPT, e assim, contribuir com a formação humana.

A seleção e organização dos temas obedecem a uma ordem didática que está fundamentada no referencial teórico da EPT, com exemplos concretos e reflexivos, em linguagem acessível e apoio visual. Isso permite que funcione como instrumento de mediação educativa, transformando resultados e dados da pesquisa em conhecimentos de ação política, conforme os princípios da EPT destacando a relação entre a teoria e a prática.

Quanto ao podcast, o eixo pedagógico se estrutura através de uma estrutura comunicacional que transforma cada bloco numa experiência de aprendizagem que dialoga com quem ouve. Inspirado na abordagem da Kaplún (2002), o podcast utiliza a estratégia sonora e narrativa que parte dos resultados das respostas das entrevistas das estudantes-mães que vivenciam desafios na aprendizagem e na vida pessoal e profissional. Isso parte da realidade vivenciada pelas pesquisadas como pontos de partida para construir reflexões coletivas sobre os temas abordados, o trabalho como princípio educativo, a pesquisa como princípio educativo e a Assistência Estudantil como ponto de partida para a compreensão dos conceitos da EPT.

Essa divisão em três blocos, com os recursos de sonoplastia e linguagem acessível potencializa a assimilação crítica dos conteúdos, enquanto estrutura dividida em blocos cria uma progressão formativa e coerente com os princípios da EPT. Dessa forma, torna-se um artefato de construção coletiva de conhecimentos, onde a teoria e a prática se articulam de forma permanente na perspectiva da emancipação humana e transformadora.

5.2.3 Eixo comunicacional

O eixo comunicacional está relacionado “à forma, ou, como dito por Kaplún (2002, 2003), o veículo escolhido para a viagem” (Kaplún, 2002, 2003, *apud* Freitas, 2021, p. 14). Para Freitas, nesta “metáfora”, o autor Kaplún (2002) “afirma que a escolha do veículo

precisa ser adequada ao tipo de estrada que queremos seguir e ainda ao que queremos fazer no percurso”.

No material didático escolhido para o tipo de estrada pode ser entendido como a metodologia de ensino escolhida ou ainda o conteúdo que será trabalhado, enquanto a paisagem seriam os sujeitos, em decorrência, os produtos educacionais convergem na “boa comunicação”, pois permitem “encontrar a figura retórica ou poética, a metafórica adequada para comunicar o eixo conceitual e o eixo pedagógico” (Freitas, 2021, p. 14).

O eixo comunicacional na cartilha, enquanto produto educacional, utiliza uma linguagem dialógica e acessível, articulando conhecimentos teóricos com a realidade vivida pelo público-alvo. Seu design combina textos e elementos visuais (ícones, ilustrações e infográficos) para facilitar a compreensão e engajamento dos leitores. A diagramação organiza o conteúdo de forma dinâmica, criando uma experiência de leitura que torna teorias complexas em conceitos palpáveis para o público-alvo. Além disso, a escolha de cores e fontes segue princípios de comunicação visual que reforçam identidade pedagógica.

Para ampliar seu alcance, a cartilha é pensada em suporte tecnológico que pode ser utilizado de forma online e física, e isso garante o acesso a diferentes públicos enriquecendo a aprendizagem podendo ser usada em rodas de conversa, em redes sociais e plataformas educativas, reforçando o seu caráter democrático e multiplicador. Nesse sentido, o veículo (suporte online ou físico) se adequa à estrada (conteúdos da EPT) ao incorporar a estética e os códigos culturais do público estudante trabalhador, fazendo da comunicação visual uma aliada na educação crítica defendida pela PHC de Saviani (2021b) e demais autores da EPT.

No podcast, o eixo comunicacional se materializa na construção de uma imagem sonora que traduz conceitos complexos em narrativa envolvente. A escolha do áudio como forma de “veículo” permite explorar efeitos de ambientação de recursos como trilhas temáticas de forma oral, já que se dá voz às falas das estudantes-mães, criando pontes entre teoria e vivências das realidades das pesquisadas.

A estrutura dos blocos segue uma pedagogia sonora, com abertura da situação problema da pesquisa, a análise conceitual com linguagem clara e narrativa que interage com perguntas para o ouvinte caso queira pausar e refletir sobre os temas com as perguntas do podcast que são retóricas. A edição dinâmica transforma cada bloco numa viagem auditiva onde a paisagem parte da realidade da classe trabalhadora e o percurso alia o entretenimento e a formação crítica. Isso permite que se respeite os tempos de aprendizagem no cotidiano dos ouvintes.

Enquanto suporte tecnológico, o podcast está alinhado aos princípios da EPT. Por estar estruturado em uma narrativa e efeitos sonoros que podem ser imersos em plataformas como Spotify e YouTube que são importantes para experiências educativas auditivas. Quanto à inovação tecnológica, a cartilha e o podcast não são artefatos novos, mas a articulação entre eles é diferenciada, já que articulam a produção colaborativa e crítica voltados a transformação social alinhada aos princípios da EPT.

Desta forma, os produtos educacionais poderão ser utilizados por meio de trechos reflexivos ou com perguntas retóricas para engajar o público. Da mesma forma, poderá ser utilizado offline, em rádios e materiais físicos para alcançar ouvintes com menos acesso à internet, como parte da classe trabalhadora, podendo ser utilizado em escolas, institutos federais, sistema S, em universidades, em parceria com coletivos e movimentos sociais para amplificar e divulgar temas relacionados à educação, trabalho e gênero. Ademais, poderá ser trabalhado em sessões de escuta coletiva em espaços comunitários, seguidas de debates.

A replicação dos produtos educacionais é favorecida já que permite o uso de tecnologias acessíveis, como celular para podcast e a cartilha por ser online se torna de baixa complexidade, pois a complexidade não está na tecnologia, mas na articulação pedagógica e política, com linguagem dialógica que incentiva a apropriação por diferentes grupos.

Apresentados, a seção (5.2), os eixos estruturantes dos produtos educacionais, na sequência, apresentam-se a seção (5.3), os aspectos relativos ao processo de aplicação, avaliação e validação dos produtos educacionais por um grupo de sujeitos vinculados ao *Câmpus* onde a pesquisa foi realizada.

5.3 Processo de aplicação, avaliação e validação dos produtos educacionais

A elaboração do Produto educacional teve como base as publicações oficiais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que se refere à área de Ensino de 2013, 2016, 2022 em que estão apresentados os direcionamentos para os Programas de Mestrados Profissionais. Entre esses direcionamentos está a necessidade de elaboração e implementação de um produto educacional específico, o qual deve fazer parte da pesquisa de mestrado.

O Documento Área de Ensino na versão 2019 coloca que:

Produto Educacional é o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo (Brasil, 2019a, p. 16).

Em acréscimo, o documento Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional de Educação, Ciência e Tecnologia em Rede Nacional elaborado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES, 2023), refere em seu Parágrafo 2º do Artigo 25 que:

A realização da investigação e elaboração do Produto Educacional deve ser acompanhado pelo/a respectivo/a orientador/a, sendo o Produto Educacional aplicado em espaços reais do contexto da pesquisa, avaliado pelos participantes dela e/ou especialistas na temática e validado pela Banca Examinadora final.

Como se pode ver, o produto educacional foi elaborado tendo como base os resultados coletados da pesquisa e aplicado no contexto da pesquisa devendo ser avaliado pelos participantes da pesquisa ou por especialistas da área como também será avaliado pela banca de defesa, tendo a possibilidade de encaminhar outras sugestões de qualificação.

5.3.1 Processo de aplicação dos produtos educacionais

A aplicação do produto educacional (1) Cartilha *Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT* ocorreu por meio de uma roda de conversa com um grupo de sete estudantes todas mulheres, sendo que três estudantes haviam participado da pesquisa e quatro estudantes não participaram da pesquisa, destas uma não tem filhos, sendo todas do Curso EJA-EPT de Nível Médio Integrado Cozinha. A roda de conversa ocorreu no dia 16 de junho de 2025, entre 18h30min e 21h20 no IFSC, *Câmpus* Florianópolis-Continente.

Os procedimentos dessa ação presencial envolveram a apresentação da pesquisadora, o acolhimento das participantes, a apresentação e objetivo da cartilha e da roda de conversa, ressaltando os princípios da EPT. Essa ação foi elaborada por um roteiro com 4 questões abertas com a finalidade de observar se as participantes compreenderam os conteúdos de forma crítica. Por questão de sigilo as estudantes foram identificadas por: estudante avaliadora em ordem numérica.

Em relação à questão (1) *quais as principais ideias que aparecem no texto*, as avaliadoras estudantes destacaram as múltiplas dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto da EJA-EPT. Elas abordaram as barreiras para conciliar estudos com

responsabilidades familiares, como ilustrado pela preocupação de "deixar a nossa casa sozinha" (Estudante avaliadora 1, 2025). Mencionaram também a desvalorização do trabalho feminino e a pressão de provar sua capacidade como mães, estudantes e trabalhadoras. Contudo, as avaliadoras ressaltaram a resiliência desse grupo, afirmando que "retornar aos estudos após anos de interrupção é um ato de coragem" (Estudante avaliadora 3, 2025), o que evidencia a complexidade de conciliar diferentes papéis em uma sociedade capitalista. Além disso, enfatizaram a importância da Assistência Estudantil, destacando "as diversas ações com apoio pedagógico" (Estudante avaliadora 4, 2025) para a permanência na educação. Elas ressaltaram que os auxílios devem ser vistos como um "direito e não necessidade" (Estudante avaliadora 5, 2025), o que evidencia o papel desse suporte para combater as desigualdades e a sobrecarga que afetam a vida das mulheres.

No caso da questão (2) *de que forma esses princípios se relacionam com a sua realidade escolar, pessoal, profissional e social*, as estudantes avaliadoras confirmaram que os princípios da EPT se relacionam diretamente com suas realidades, fundamentando uma formação crítica e emancipatória. Elas destacaram as dificuldades estruturais, como a "jornada de trabalho exaustiva" (Estudante avaliadora 2, 2025), e a importância do convívio com colegas e professores na "forma de ver o mundo" (Estudante avaliadora 6, 2025). A assistência estudantil também foi citada como essencial, pois os auxílios financeiros para o "transporte para o Câmpus são muito importante" (Estudante avaliadora 5, 2025), garantindo as condições mínimas de permanência para a "formação crítica e emancipatória" (Estudante avaliadora 3, 2025).

Após reflexão dialogada entre as estudantes mediadas pela pesquisadora e a coordenadora do Curso de Cozinha passou para um segundo momento da roda de conversa em que as estudantes responderam as duas últimas questões.

A terceira questão, o que *o conteúdo de cada seção da Cartilha tem em comum* as respostas das estudantes avaliadoras confirmaram que a cartilha conseguiu dar voz às realidades das mulheres-mães. Elas ressaltaram que a cartilha, ao abordar temas como trabalho e assistência estudantil, "contam a realidade de nós mulheres" (Estudante avaliadora 4, 2025). O material expõe os desafios e lutas diárias, como as "dificuldades que as mulheres têm de voltar às salas de aula" (Estudante avaliadora 7, 2025), e as conecta a histórias de resistência e busca por autonomia. Assim, a cartilha reforça a importância da educação e de políticas de apoio para que as estudantes alcancem um lugar digno e emancipatório na sociedade.

E por fim, a última questão: *Esses conteúdos podem ser aplicados na prática? Em seminários, trabalhos escolares entre outros?* as estudantes avaliadoras convergem que a cartilha é um recurso valioso para ser aplicado em seminários, debates e trabalhos, sendo "muito bem explicado e apresentado" (Estudante avaliadora 6, 2025). Elas ressaltaram a importância da cartilha dar às mulheres e mães "visibilidade e melhor compreensão de um grupo tão ignorado" (Estudante avaliadora 1, 2025). Os temas abordados na cartilha, conforme as avaliadoras, como desigualdades de gênero e direitos sociais, incentivam a reflexão crítica, ajudando a desnaturalizar preconceitos e fortalecer a luta por melhores condições de vida e estudo para as mulheres.

O podcast não foi apresentado para aplicação na roda de conversa devido a questões técnicas e a um atraso na entrega pelo profissional responsável. Diante disso, a pesquisadora explicou a situação às avaliadoras presenciais e online, acordando-se que o material seria encaminhado para avaliação assim que estivesse finalizado.

5.3.2 Processo de avaliação dos produtos educacionais

Segue o processo de avaliação primeiramente da Cartilha e, na sequência, a avaliação do Podcast.

A avaliação da cartilha, buscou verificar se seus objetivos foram alcançados. Para isso, os resultados obtidos focaram em analisar se a linguagem era clara, acessível e adequada ao público-alvo. A avaliação foi organizada por um roteiro de 5 questões abertas, conforme o Apêndice G⁸. A Cartilha foi avaliada por 7 (sete) estudantes durante a roda conversa, conforme foi apresentado acima. Aqui o questionário foi entregue de forma impressa para cada estudante, explicado a sua finalidade e recolhido ao final da roda de conversa.

Foi avaliada também de forma online por uma coordenadora (participante da pesquisa), uma assistente social (participantes da pesquisa), uma assistente social (não participante da pesquisa), uma estudante de graduação da UFSC (não participante da pesquisa) e uma estudante da EJA de uma escola pública (não participante da pesquisa). Para esses sujeitos, o questionário foi organizado pelo *Google Form* e enviado via mensagem pelo Whatsapp por meio de um convite com o link da cartilha e link da avaliação onde foi apresentado o objetivo da pesquisa e o objetivo e a finalidade do produto educacional. Os participantes tiveram 30 dias para ler o material e responder ao conteúdo. Por questão de

⁸ Ver em: https://docs.google.com/forms/d/1yX3hwPOvmYLPLqu_0ZMISu1YXnfOJ5IiEaypieFL-hU/edit.

sigilo as estudantes foram identificadas por: estudante avaliadora (roda de conversa) e avaliadora online (avaliadores que não participaram da roda de conversa).

A avaliação presencial da roda de conversa ocorreu em 16 de junho de 2025 em um grupo de 7 estudantes avaliadoras do Curso Cozinha do 4.º período, no IFSC Florianópolis-Continente. O questionário foi elaborado por cinco (5) questões, sendo a primeira questão elaborada para preservar a identidade dos respondentes, garantindo a liberdade para expressar suas análises e sugestões.

Em relação à questão (2), *você considera o conteúdo da cartilha suficiente para dar conta do objetivo da sua produção, a cartilha* foi elogiada por sua abordagem didática e clara, que facilita a leitura e a compreensão de um público diversificado. A sua organização em três seções foi considerada fundamental para o entendimento do conteúdo, que, por sua vez, foi enriquecido por referências atualizadas e por um design visual atrativo, a estudante avaliadora 3 coloca “com certeza, leitura direta com entendimento claro” (Estudante avaliadora 3, 2025). Em relação aos demais avaliadores online trouxeram uma visão complementar e estratégica sobre a relevância e a aplicação do material pedagógico no contexto institucional. A contribuição deles foi essencial para validar a adequação e o potencial do produto como ferramenta de apoio.

Levando em consideração as respostas das avaliadoras presenciais referente à questão, a cartilha deu conta do objetivo *de apresentar alguns conceitos da EPT para estudantes e demais atores para promover reflexões sobre o mundo do trabalho*. As estudantes avaliadoras presenciais declararam ser a cartilha explícita e objetiva, a estudante avaliadora 2 refere “sim, para mim é bem detalhada e eu me sinto muito dentro dela” (Estudante avaliadora 2, 2025).

Para as avaliadoras online a cartilha foi considerada adequada para seus objetivos, pois demonstra a importância da EPT em focar na formação integral. As participantes online ressaltaram que o material alinha a teoria à prática e à realidade vivida por essas mulheres, indo além de um mero saber tecnicista. A escrita, leve e esclarecedora, facilita a leitura e a compreensão, “considero adequado ao objetivo” (Avaliadora online 5, 2025) cumprindo a proposta de ser uma ferramenta que valoriza a trajetória e as vivências desse público.

Quanto à questão (3) *você considera que o conteúdo da cartilha está apresentado de forma objetiva e compreensível? Você teria sugestões para qualificar a forma de apresentar o conteúdo?* As estudantes avaliadoras da roda de conversa consideraram que a cartilha apresenta o conteúdo de forma objetiva, a estudante avaliadora 6 coloca “sim, está bem apresentada de forma clara de forma que quem lê entenda e se veja ali” (Estudante avaliadora

6, 2025). Ademais, as estudantes se sentiram representadas e presentes na cartilha, a estudante avaliadora 1 refere “acho que ficou muito bem explicado, bem legível, eu super me reconheci nessas falas” (Estudante avaliadora 1, 2025). Quanto a sugestões a estudante avaliadora 5 sugeriu a necessidade da cartilha também ser escrita em braile.

Na avaliação online, a cartilha foi elogiada por sua abordagem didática e clara, que facilita a leitura e a compreensão de um público diversificado. A sua organização em três seções foi considerada fundamental para o entendimento do conteúdo, “facilitando inclusive a leitura e compreensão de pessoas que talvez não tenham muita proximidade/afinidade com a temática” (Avaliadora Online 3, 2025) que, por sua vez, foi enriquecido por referências atualizadas e por um design visual atrativo.

A questão (4) *você teria sugestões para qualificar a forma, o design e a linguagem da cartilha?* A maioria não apresentou sugestões e informaram que gostaram do design e a linguagem da cartilha, a estudante avaliadora 5 refere “eu gostei de tudo sobre a cartilha, o design, a linguagem da cartilha” (Estudante avaliadora 5, 2025). Quanto a sugestões, a estudante avaliadora 3 sugeriu a versão da cartilha em fonte *Bionic Reading*, conforme seu relato “para a acessibilidade de pessoas neurodivergentes” (Estudante avaliadora 3, 2025).

As participantes da avaliação online consideraram a estrutura e linguagem acessíveis a um público amplo, incluindo tanto profissionais de diferentes áreas quanto, principalmente, as estudantes-mães. A clareza e a organização do conteúdo foram destacadas como pontos fortes, facilitando o entendimento da temática. A única dúvida levantada foi se a cartilha se destina também aos estudantes, o que demonstra o interesse e a relevância percebida no material colocado pela avaliadora online 5.

E por fim, a questão (5) *outras considerações que você deseja colocar sobre o produto educacional cartilha* as estudantes avaliadoras da roda de conversa consideraram a necessidade de divulgar a cartilha, no entanto, não informaram a forma de divulgação. A estudante avaliadora 2 coloca “as palavras abriram meus olhos” (Estudante avaliadora 2, 2025). Além do mais, a maioria gostou da escrita e da forma de apresentação. A estudante avaliadora 6 refere “a minha colocação é dizer que a cartilha foi bem escrita e explícita colocando-nos dentro de cada comentário” (Estudante avaliadora 6, 2025).

A cartilha pelas avaliadoras online foi elogiada por sua clareza e por ser um material “muito interessante” (avaliadora online 1). As participantes destacaram a relevância da metodologia utilizada e a forma como os dados foram apresentados, com vídeos que enriqueceram a compreensão. Além disso, a cartilha foi considerada um recurso valioso para

estimular a reflexão crítica das estudantes-mães, ajudando-as a questionar seu papel na sociedade e a buscar formas de enfrentar as desigualdades. Embora a cartilha seja vista como um material potente para o público-alvo, levantou-se a dúvida se ela poderia ser utilizada como material de formação para os profissionais da EJA-EPT, dada a profundidade de seu conteúdo.

Agora apresenta-se a avaliação do produto educacional podcast. Na primeira questão: qual *grupo de participantes você pertence?* das respostas obtidas pelo link google drive foram 7 participantes, sendo três (3) estudantes-mães da EJA-EPT do Curso cozinha, duas (2) assistentes sociais da UFSC, uma (1) estudante da EJA escola pública e uma (1) estudante de graduação da UFSC.

Na segunda questão *na sua opinião, o conteúdo do Podcast é adequado para cumprir o objetivo pelo qual foi produzido?* As respostas das participantes online revelaram que o podcast é uma ferramenta adequada para atingir seu objetivo. As respostas indicam que o conteúdo foi bem elaborado, explicativo e informativo, “o conteúdo é adequado e cumpriu plenamente com o objetivo colocado, sendo, inclusive, um material informativo extremamente importante e acessível” (Avaliadora Podcast 4, 2025) alinhando-se à proposta de dar visibilidade às experiências das trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT. A acessibilidade do material foi um ponto de destaque, mostrando sua importância para a trajetória pessoal e profissional dos envolvidos.

Na terceira questão *você considera que o conteúdo do Podcast está apresentado de forma objetiva e compreensível? Você teria sugestões para qualificar a forma de apresentar o conteúdo?* Os resultados das respostas das participantes online convergem que o podcast ofereceu um conteúdo claro, didático e organizado. A estrutura em blocos foi elogiada por facilitar a exposição do material e a articulação das ideias “achei objetivo e de fácil compreensão” (Avaliadora Podcast 5, 2025). Os depoimentos e reflexões contribuíram para um entendimento real das vivências das estudantes-mães, tornando o podcast uma ferramenta que reforça a compreensão dos princípios da EPT.

Na quarta questão *você teria sugestões para qualificar a forma, o design e a linguagem do Podcast?* Os resultados das participantes online elogiaram a linguagem acessível e didática, o que tornou compreensível para um público amplo e diverso, “a divisão do Podcast em três blocos facilitou a exposição, compreensão e articulação do material” (Avaliadora Podcast 4, 2025). A estrutura, o design e a clareza na dicção foram considerados bons. A única sugestão para o aprimoramento foi a inclusão de múltiplas vozes, de diferentes

regiões e faixas etárias, para enriquecer ainda mais o debate sobre as experiências das estudantes-mães.

E por fim, na última questão: *Outras considerações que você deseja colocar sobre o produto educacional Podcast?* O podcast foi avaliado com apreço e reconhecimento pela sua relevância e clareza “está numa linguagem que qualquer pessoa possa entender o assunto” (Avaliadora Podcast 1, 2025). A sua abordagem acessível e inclusiva foi destacada por dar voz às experiências reais de trabalhadoras e estudantes-mães, um grupo historicamente invisibilizado. O material foi considerado um recurso informativo, formativo e político ao sensibilizar a comunidade sobre as múltiplas opressões enfrentadas por essas mulheres. A escolha estratégica do formato em áudio foi elogiada, pois se alinha à rotina sobrecarregada do público-alvo, rompendo com a rigidez dos modelos acadêmicos tradicionais.

5.3.3 Processo de validação dos produtos educacionais

A elaboração do produto educacional se desenvolveu com base nos resultados apresentados na pesquisa *Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral* realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). O objetivo geral da pesquisa foi investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio modalidade EJA-EPT (PROEJA) do Instituto Federal de Santa Catarina IFSC-Florianópolis-Continente.

Além disso, a pesquisa buscou compreender como a práxis pedagógica contribui para a progressão nos estudos e no trabalho identificando possíveis lacunas nos princípios da EPT ou sua efetiva aplicação no espaço escolar. Após a finalização da tabulação dos dados das respostas dos questionários e entrevistas das estudantes-mães, docentes e coordenadores e assistente social foi aplicado o Produto Educacional elaborado, por meio de diferentes interações com os participantes da pesquisa referentes aos princípios da EPT e como esses princípios são vistos nas relações cotidianas no processo formativo.

A finalidade foi apresentar os resultados quanto às perspectivas e percepções das estudantes-mães, quanto aos desafios de efetivar a práxis pedagógica na formação integral e refletir como as contradições e invisibilidade na construção e relação de gênero que afeta,

estruturalmente as trabalhadoras-mães em suas diversas dimensões sociais e culturais que atravessam a suas aprendizagens nos cursos.

No capítulo V, foram apresentados os aspectos introdutórios relativos aos produtos educacionais. No primeiro momento, apresenta-se a aderência dos produtos educacionais quanto a esta pesquisa está vinculada à Linha 1 - Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Dentro dessa linha, insere-se o Macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade na EPT com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na questão de gênero visando promover a equidade ao democratizar o conhecimento e assim superar as barreiras de acesso à educação. A pesquisa analisou as percepções de estudantes-mães sobre a práxis pedagógica nos cursos investigados quanto a formação ocorre no sentido de permitir a progressão ao mundo do trabalho e nos estudos. Para isso, foram aplicados questionários e entrevistas e destes resultados foram desenvolvidos em formato de material visual uma cartilha e um material em áudio podcast buscando promover os conceitos da EPT tornando o ensino mais acessível, crítico e inclusivo, alinhado a uma educação emancipatória. Para dar conta do desenvolvimento destes produtos educacionais este capítulo foi descrito a caracterização e finalidade da cartilha e do podcast, além disso trabalhou-se os eixos estruturantes que dão base aos produtos educacionais. Ademais, o processo de aplicação, avaliação e processo de validação foram analisados conforme sugestões dos pesquisados participantes e avaliadores sobre os aspectos pedagógicos contemplados nos produtos educacionais.

A elaboração dos produtos educacionais, uma cartilha e um podcast, seguiu as diretrizes da CAPES para o Mestrado Profissional, baseando-se nos resultados da pesquisa para atender a uma necessidade concreta no contexto da EJA-EPT. A aplicação da cartilha ocorreu por meio de uma roda de conversa com estudantes-mães, que destacaram as dificuldades de conciliar estudo, trabalho e vida familiar, a importância do apoio estudantil e a relevância da educação para a sua resiliência e busca por autonomia.

O processo formal de avaliação, que incluiu tanto as estudantes-mães quanto outros profissionais, validou a eficácia dos produtos. A cartilha e o podcast foram amplamente elogiados por sua clareza, linguagem acessível e abordagem didática, que dão voz às experiências de um grupo historicamente invisibilizadas. Os avaliadores reconheceram o potencial dos materiais como ferramentas informativas, formativas e políticas, capazes de estimular a reflexão crítica e aprofundar a compreensão sobre os princípios da EPT.

A validação final dos produtos educacionais confirma que eles são ferramentas estratégicas para enfrentar a tensão entre o ideal emancipatório e a realidade precária das estudantes-mães. Ao sintetizar e disseminar conhecimentos de forma acessível e reflexiva, a cartilha e o podcast contribuem para uma práxis pedagógica que promove a autonomia, o engajamento político e a busca por transformações sociais, reforçando o papel da educação como um caminho para a emancipação.

A seguir, na seção 6, apresenta-se as Considerações Finais. Colocando-se alguns pontos importantes decorrentes do percurso investigativo retomados, junto com algumas reflexões teóricas que orientam o estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresenta-se neste capítulo as considerações finais sobre esta pesquisa, a qual teve como **objetivo geral** investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Cursos EJA-ETP de Nível Médio Integrado de Cozinha e de Panificação do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina – IFSC, *Câmpus* Florianópolis – Continente.

Para alcançar esta finalidade foram realizados estudos empíricos sobre o objeto e problema da pesquisa, os quais foram apresentados no item Revisão Bibliográfica no Referencial teórico. Também foram realizados estudos teóricos sobre os princípios da EPT, abordando os conceitos relativos à trabalho ontológico e histórico, ciência, tecnologia, cultura, formação integral, práxis, politecnia entre outros inseridos na construção dos conhecimentos científicos promovendo a indissociabilidade entre teoria e prática para a transformação social e política, essa visão se alinha à perspectiva de autores como Ciavatta (2005, 2014), Frigotto (2009, 2012), Moura (2014), Ramos (2014, 2017), (Saviani (2003, 2007, 2021); assim como a Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988), A LDBEN (Brasil, 1996), Decretos n.º 5.154 (Brasil, 2004), Decreto n.º 5.478 (Brasil, 2005), Decreto n.º 5.840 (Brasil, 2006), e os Documentos Bases (Brasil, 2004, 2007). Na EJA/EPT autores como Freire (1987), Moraes (2021), e Rummert (2007).

Dentro das práticas educativas, está a teoria da Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani (2021) e a teoria de aprendizagem Sociointeracionista de Vygotsky ([2001]); a Transposição didática de Gasparin (2012), bem como Galvão, Lavoura e Martins (2019).

A partir das bases conceituais e da proposta do estudo, elegeu-se metodologicamente o estudo de caso como modalidade principal desta pesquisa, tendo os Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA). As variáveis foram elaboradas a partir dos objetivos específicos que corresponderam às ações procedimentais para se alcançar o objetivo geral: Segue os objetivos específicos:

a) identificar, pela análise das respostas do instrumento questionário, dados do perfil das participantes trabalhadoras estudantes-mães;

b) depreender, pela análise do documento institucional *PPC* dos dois cursos em estudo, em que medida os princípios da EJA-EPT refletem a relação teórico-prática para a formação integral;

c) diagnosticar, pela análise das respostas do instrumento entrevista aplicados aos participantes, a sua percepção da forma como os princípios da EJA-EPT reflete a relação teórico-prática para a formação integral;

d) elaborar, com base nos resultados encontrados, conforme (a), (b) e, em (c), um produto educacional, sua aplicação e avaliação, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 2016, 2019, 2022) para o Mestrado Profissional, os quais serão melhor explicados no item 5 - Produto educacional.

O objetivo específico (a) buscou identificar, pela análise das respostas do instrumento questionário, dados do perfil das participantes trabalhadoras estudantes-mães. Os resultados referentes ao perfil das estudantes-mães demonstram que a maioria está acima dos 42 anos, revelando uma realidade complexa e desafiadora, consonante com estudos de Souza (2022), Machado (2008) e Felipe e Valer (2021). Grande parte migrante e residente na Grande Florianópolis há mais de 25 anos, sendo quatro estudantes casadas e três são mães solo. França, Escott e Machado (2022), dialogam sobre as imprevisibilidades à permanência e conclusão dos cursos decorrentes das condições socioeconômicas agravam esse quadro, já que todas têm filhos e metade com crianças pequenas e 75% trabalham, muitas delas com jornadas exaustivas de mais de 40 horas semanais e baixa renda. Essa realidade de sobrecarga de tarefas domésticas e cuidados com os filhos consome o tempo disponível para os estudos e, como Fontella (2020) argumenta, demonstra as profundas desigualdades de gênero, onde

mulheres das camadas populares são responsabilizadas pelas demandas familiares, impactando diretamente sua capacidade de aprendizagem e engajamento.

A trajetória educacional dessas estudantes também é marcada por longos períodos de afastamento escolar, entre 11 e 43 anos, antes de retornarem aos estudos em busca de qualificação e melhores oportunidades dialogados em Moura (2023). Embora a gratuidade e a qualidade do ensino sejam motivadores para o ingresso, uma parcela significativa (6) não tinha conhecimento prévio do curso, apesar de alegarem ter lido o PPC, indicando um possível descompasso entre a oferta e a compreensão sobre o curso. Os principais motivos para o abandono escolar são a dificuldade de conciliar estudo, trabalho e vida pessoal, bem como problemas com transporte e a ausência de uma rede de apoio para os filhos, ressaltando as barreiras estruturais que se somam aos desafios pedagógicos trabalhados em Balsamo (2020). As discussões de Coelho (2019) que apesar de todos os obstáculos, a expectativa de progredir nos estudos e na vida profissional ao concluir o curso permanece forte motivador, evidenciando a busca incessante por ascensão social e melhores condições de vida.

O segundo objetivo específico (b) buscou depreender de que maneira os princípios da EPT estão articulando a relação teórico-prática na EJA-EPT para a formação integral, os dados foram gerados a partir da leitura e análise do conteúdo dos Projetos Pedagógicos dos cursos, tomando por parâmetro as variáveis internas categoriais o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo. Para dar conta deste objetivo específico, analisou-se os elementos objetivos gerais e os específicos, o perfil dos egressos e competências gerais de cada curso.

Nos PPCs da EJA-EPT, o trabalho como princípio educativo revela um potencial transformador, aspirando a uma formação integral que prepare os estudantes para uma atuação crítica e consciente na sociedade. Esse princípio busca ir além da mera qualificação técnica, alinhando-se a Moura (2014), Saviani (2007) e Ramos (2014), que defendem uma educação omnilateral que articule conhecimentos sistematizados a realidade social para que se compreenda as contradições do mundo do trabalho. Os PPCs visam formar um profissional capaz de transformar a realidade e atuar de forma cidadã, buscando descortinar as relações impostas pelo modo societário.

Contudo, de acordo com Saviani (2003) é percebido um tensionamento entre a formação humanista para o mundo do trabalho e a instrumentalização para o mercado de trabalho impulsionada pela cultura tecnicista. Essa tensão compromete a efetividade da práxis pedagógica e do trabalho como princípio educativo, limitando a capacidade dos cursos de

desenvolver uma consciência crítica profunda sobre a precarização laboral e as desigualdades, resultando, muitas vezes, em uma formação que prioriza o pragmatismo em detrimento da emancipação abordado em Frigotto (2009).

A pesquisa como princípio educativo nos PPCs da EJA-EPT apresenta-se como um elemento para o desenvolvimento da autonomia intelectual e do senso crítico dos estudantes, conforme o Documento Base (Brasil, 2007), Ramos (2012) e Valer (2019) preconizam. Os PPCs reconhecem a pesquisa como ferramenta para a construção do conhecimento, articulando experiências de vida dos estudantes aos conhecimentos sistematizados, e promovendo a interdisciplinaridade para resolver problemas complexos. Esse princípio visa fortalecer a capacidade do estudante de identificar problemas, buscar soluções embasadas em conhecimentos e intervir na realidade profissional e social com compromisso ético e político.

No entanto, o aspecto negativo é a subutilização da pesquisa na prática pedagógica, o que impede que ela atue como um princípio efetivo para o desenvolvimento de atividades mentais superiores, da escrita e do uso das TICs, de acordo com Felipe (2019) e Souza (2022). A lacuna entre o que é documentado nos PPCs e a prática pedagógica, muitas vezes, restringe a pesquisa informacional, não qualificando e consolidando o aprendizado de forma transformadora em projetos de intervenção que beneficiem a sociedade de forma mais justa e igualitária como os próprios PPCs almejam.

O objetivo (c) buscou diagnosticar, pela análise das respostas do instrumento entrevista aplicados aos participantes, a sua percepção da forma como os princípios da EJA-EPT reflete a relação teórico-prática para a formação integral. Os resultados da pesquisa demonstram uma tensão estrutural intrínseca na EJA-EPT, evidenciando fragilidades nas práticas pedagógicas que limitam uma práxis emancipatória voltada à formação integral para o mundo do trabalho, conforme trabalhado por Moura (2014), Ramos (2014) e Frigotto (2012). O trabalho como princípio educativo na EJA-EPT, embora reconhecido por seu potencial transformador, é frequentemente limitado por desafios estruturais, as condições concretas de existência das estudantes, e por desafios pedagógicos.

A dificuldade em integrar trabalho, cultura, ciência e tecnologia em suas dimensões políticas e históricas resultam em uma compreensão instrumental do mundo do trabalho. A ética e a formação cidadã, apesar de essenciais, não se conectam de forma consistente a crítica ao modo de produção capitalista ou com a proposta da politecnia de Saviani (2007) e competências em Ramos (2002, 2009, 2017). Essa fragilidade reside na predominância de uma lógica tecnicista que inviabiliza a efetiva relação entre teoria e prática. A consequência é

uma formação que prioriza análises individuais e imediatistas, distanciando-se da compreensão das contradições do modo capitalista, conforme debatidos por Marx (2023), Nosella (2007) e Manacorda (2007). Dessa forma, mesmo quando o trabalho é compreendido em sua dimensão ontológica e histórica, sua plena efetivação como princípio educativo é parcial, devido à fragmentação de suas dimensões socio laborais e sociopolíticas, e ao predomínio do instrumental, comprometendo a formação integral dos estudantes em acordo com Moraes (2021).

Na EJA-EPT, a pesquisa como princípio educativo é crucial para o desenvolvimento das atividades mentais superiores, conforme Vygotski ([2001]; [2007]). Ela permite aos estudantes ir além da memorização, fomentando a identificação de problemas, a apropriação do conhecimento científico, a capacidade de interpretar e analisar resultados, e a formulação de propostas de intervenção para transformar a realidade debatidos em Valer, Brognoli e Lima (2017). Também proporciona o domínio da linguagem científica, essencial para a escrita de textos complexos, além de promover o uso eficaz para acessar e compartilhar conhecimentos. Estudantes, em sua maioria, reconhecem a pesquisa como fundamental para o aprendizado e a transformação pessoal/profissional, valorizando-a como oportunidade para ampliar conhecimentos e relacionar teoria e prática com os resultados de Valer (2019). Contudo, essa percepção tende a ser instrumental, focada na pesquisa informacional para demandas cotidianas do trabalho.

Apesar do reconhecimento do potencial da pesquisa, sua efetiva aplicação em sala de aula é limitada. A intersecção entre atividades mentais superiores, escrita e TICs, embora importante para a autonomia, muitas vezes, se restringe e não promove uma análise aprofundada das desigualdades estruturais de gênero, raça e classe trabalhados em Scott (1995) e Gomes (2023). Assim, a pesquisa, como princípio educativo, dialoga apenas parcialmente com a formação integral, não aprofundando questões metodológicas e críticas que a aproxima da politecnia de Saviani (2007) e da omnilateralidade de Frigotto (2012), defendidas por um projeto educativo emancipatório na EPT, como apontam Araujo (2025), Moura (2014) e Felipe (2019).

As análises realizadas confirmaram as hipóteses desta pesquisa, revelando um tensionamento estrutural na EJA-EPT. Observou-se que a formação integral, embora valorizada conceitualmente por coordenadores, docentes e assistente social no pressuposto (i), enfrenta obstáculos concretos para sua efetivação na práxis pedagógica, com a carência de formação continuada e a burocracia institucional que prioriza o tecnicismo. As trabalhadoras

estudantes-mães, no pressuposto (ii), por sua vez, demonstram uma percepção predominantemente instrumental da formação, sem uma análise crítica aprofundada das contradições do mundo do trabalho e das desigualdades e contradições que as afetam. Por fim, o pressuposto (iii), apesar de reconhecerem os ganhos simbólicos da educação, como a autoconfiança, essas estudantes esbarram em barreiras materiais, jornadas exaustivas, falta de rede de apoio e precarização laboral, o que impede o usufruto da formação. Essa realidade ressignifica o "sucesso" como um ato de resistência para concluir os estudos, mesmo diante de estruturas sociais que persistem em negar condições dignas e justas, reforçando que o problema de pesquisa, sobre a progressão para o mundo do trabalho e estudos e a limitação da emancipação pelas contradições do modo societário capitalista, foi confirmado.

O trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo, embora com potencial transformador, são frequentemente reduzidos a abordagens instrumentais, o que dificulta o aprofundamento crítico quanto às contradições sociais e na promoção de uma consciência política coletiva. Essa dissonância explica as dificuldades de aprendizagem e o "sucesso" parcial das estudantes-mães, que, apesar de sua resiliência, veem sua emancipação limitada pelas jornadas exaustivas e pela ausência de políticas públicas que não permitam romper com essa estrutura societária. A pesquisa, portanto, não só diagnostica a fragilidade da formação integral nesse contexto, mas também reitera a necessidade de uma práxis pedagógica que confronte as estruturas de opressão e promova a verdadeira autonomia e transformação social. Mas para que isso ocorra é necessária formação continuada dos profissionais da educação para compreender a formação integral e os princípios da EPT à realidade dos estudantes.

O objetivo (d), que visou elaborar, com base nos resultados encontrados, conforme (a), (b) e, em (c), um produto educacional, sua aplicação e avaliação, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 2016, 2019, 2022) para o Mestrado Profissional. Este capítulo detalhou a aplicação e avaliação dos produtos educacionais, sendo uma cartilha e um podcast, conforme as diretrizes da CAPES para o Mestrado Profissional. Ambos os produtos foram concebidos a partir dos resultados abrangentes da investigação sobre as trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT, alinhando-se à linha de pesquisa "Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)" e ao macroprojeto "Inclusão e diversidade na Educação Profissional e Tecnológica".

Ao abordar os desafios de aprendizagem, esses produtos educacionais visam não apenas inovar o ensino e a aprendizagem por meio de linguagens acessíveis, mas também fomentar uma compreensão crítica dos princípios da EPT. Eles buscam disseminar conhecimentos de forma acessível e reflexiva, dialogando com as falas das estudantes e as demandas do mundo do trabalho para promover uma formação que transcenda o meramente instrumental, contribuindo para a aprendizagem, emancipação e o engajamento político dos estudantes da EJA-EPT.

A presente dissertação buscou investigar de que forma os princípios EPT norteiam a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Cursos de Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-EPT do IFSC. Por meio de um estudo de caso, que combinou instrumentos de pesquisa empírica (questionários e entrevistas) com uma sólida base teórica e normativa, revelou-se uma tensão estrutural na aplicação desses princípios. Os resultados obtidos confirmaram as hipóteses, evidenciando que a formação integral, embora valorizada conceitualmente, enfrenta obstáculos concretos em sua efetivação. A práxis pedagógica na EJA-EPT é frequentemente limitada por uma lógica tecnicista e pela burocracia, que dificulta a plena articulação entre trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio educativo em suas diversas dimensões. Observou-se que as trabalhadoras estudantes-mães, apesar de sua resiliência e busca por qualificação, percebem a formação de forma predominantemente instrumental, desvinculada de uma análise crítica das contradições do mundo do trabalho e das profundas desigualdades de gênero, raça e classe que vivenciam. Suas jornadas exaustivas e a ausência de uma rede de apoio adequada ressignificam o "sucesso" como um ato de resistência, indicando que o problema de pesquisa, sobre a progressão para o mundo do trabalho e estudos e a limitação da emancipação pelas contradições do modo societário capitalista, foi de fato confirmado.

Diante disso, e em resposta ao objetivo de desenvolver produtos educacionais, a cartilha e o podcast são ferramentas estratégicas. Alinhados às diretrizes da CAPES e inseridos nas linhas de pesquisa sobre práticas educativas e inclusão na EPT, esses produtos não apenas sintetizam e disseminam conhecimentos de forma acessível, mas buscam inovar o processo de ensino-aprendizagem. Sua finalidade é promover uma compreensão crítica dos princípios da EPT, articulando teoria e prática para confrontar as estruturas de opressão e fomentar a autonomia e o engajamento político das estudantes. Ao transformar dados da pesquisa em recursos pedagógicos dialógicos e reflexivos, espera-se que esses produtos

contribuam para uma práxis mais alinhada à Pedagogia Histórico-Crítica e à omnilateralidade, impulsionando a verdadeira emancipação e a transformação social que a EJA-EPT almeja.

Diante do que foi tratado sugere-se futuras investigações, sobre a necessidade do uso dos produtos educacionais nos contextos da EJA-EPT, buscando compreender seu impacto na aprendizagem e percepção crítica e emancipatória dos estudantes. Também sugere-se pesquisar o impacto da Assistência Estudantil na permanência e conclusão do curso dos estudantes e como isso colabora para uma aprendizagem efetiva. Outra linha importante seria aprofundar a análise das práticas pedagógicas que desafiam a lógica tecnicista, promovendo uma formação integral e politécnica. Por fim, pesquisas que considerem as interseccionalidades de gênero, raça e classe podem enriquecer a compreensão das desigualdades que adentram as instituições escolares.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. *O que É Trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos, v. 171).
- ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. Paulo. Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Revista Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6151>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- ANAMI, Karin Tyeko; OLIVEIRA, Fátima Peres Zago de. Retrato, memória e história: a transformação da vida após a EJA EPT. *Revista EJA em Debate*, [S.l.], v. 10, n. 18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/3262>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- ANDRIGHETTO, Marcos José; MARASCHIN, Mariglei Severo; FERREIRA, Liliana Soares. Políticas de EJA EPT no Brasil: ascensão, estagnação e silenciamento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 2179-2198, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13544/11386>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- ANJOS, Maylta Brandão dos. Educação Profissional e Tecnológica: a prática pedagógica como veículo da liberdade. *Humanidade e Inovação*, [S.l.], v. 8, n. 53, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5957> Acesso em: 21 jun. 2023.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?*: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. A pesquisa como princípio educativo. In: *Semana Pedagógica do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC*, 2025/1, de 24 de fevereiro de 2025 a 12 de março de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIXKG6jA1W4&t=4538s> Acesso em: 25 fev. 2025.
- ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?. *REVEJ@* - Revista de Educação de Jovens e Adultos, [S.l.], v. 1, 2007, p. 5-19. Disponível em: <https://nedeja.uff.br/wp-content/uploads> Acesso em: 08 jun. 2024.
- BALSAMO, Gisiê Mello. *Um olhar sobre a inclusão das mulheres no Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal Farroupilha - Câmpus São Vicente*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao>. Acesso em: 14 set. 2023.

BAPTISTA, Anderson Lisboa. PROEJA - Avanços e retrocessos na constituição de uma política pública para a EJA no século XXI. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, [S.l.], v. 3, n. 5, 2015, p. 186-205. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1392>. Acesso em: 17 jun 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de Contéudo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Gílian Cristina; MENTA, Ezequiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Economía Política de las Tecnologías de las Información y Comunicación*, [S.l.], v. 9, n.1, jan-abr, p. 1-14, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/217/186> Acesso em: 10 mar. 2025.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. 2 ed. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/DOUconstituicao88.pdf. Acesso em: 6 mai. 2023.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Norma Operacional nº 001, de 2013*. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/camaras-tecnicas-e-comissoes/conep/legislacao/norma/norma-operacional-no-001-de-2013.pdf/view>. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de Área-Ensino*. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/ENSINO_ORIENTACOESAPCN_publicar.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de área*. 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Produção Técnica**: grupo de trabalho. Brasília: Capes, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. *Decreto n.º 2.208 de 17 de abril de 1997*. Regulamenta o § 22 do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 2 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1997. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/04/1997&jornal=1&pagina=4&totalArquivos=80> Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. *Decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004*. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2004a. Disponível em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=5154&ano=2004&ato=3f7kXQU5keRpWT7da>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. *Decreto n.º 5.840, de julho de 2006*. Institui, no âmbito Federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, e dá outras providências. Brasília, 2006.

Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=14/07/2006&jornal=1&pagina=7&totalArquivos=108> Acesso em: 8 nov. 2023

BRASIL. *Decreto n.º 5.478, de 24 de junho de 2005*. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Brasília, 2005.

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5478.htm. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). *Censo Escolar da Educação Básica 2022*: Resumo Técnico.

Brasília, 2023a. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf. Acesso em: 24 nov. 2023.

BRASIL. *Lei n.º 11.741, de 16 de julho de 2008*. Altera dispositivos da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111741.htm. Acesso em: 20 maio 2022.

BRASIL. *Lei n.º 13.415, 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007 [...]. Brasília, 2017. Disponível em:

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=17/02/2017> Acesso em: 13 mar. 2024.

BRASIL. *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 22 abr. 2023.

BRASIL. *Lei n.º 12.513, de 26 de outubro de 2011*. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12513.htm. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. *Lei nº 12.816, de 6 de junho de 2013*. Altera as Leis nºs 12.513, de 26 de outubro de 2011, para ampliar o rol de beneficiários e ofertantes da Bolsa-Formação Estudante, no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC; [...]. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12816.htm. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos*. Brasília: MTE, SPPE, 2024. Disponível em: <https://cnct.mec.gov.br/cnct> Acesso em 27 ago. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei nº. 14.723, de 13 de novembro de 2023*. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Brasília, 2023b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=14/11/2023&jornal=515&pagina=5&totalArquivos=101> Acesso em: 13 mar. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Proposta em Discussão: políticas para a educação profissional e tecnológica*. Brasília: MEC, 2004b. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/p_publicas.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Proposta em discussão: políticas públicas para a Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base. Acesso em: 18 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. *Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016*. Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais [...]. Brasília, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução Conselho Nacional Saúde n.º 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10 dez. 2023.

BRASIL. *Ofício Circular nº 2, de 24 de fevereiro de 2021*. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Brasília, 2021. Disponível em: https://propp.ufu.br/sites/propp.ufu.br/files/media/documento/oficio_circular_n.2_2021_ambiente_virtual.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

BURAK, Dionísio. Abordagens no ensino de matemática: os desafios da sala de aula na educação básica. In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7., 2017, Cascavel. *Anais [...]*. [S.l.]: Eprem, 2017. p. 1-12. Disponível em: <https://sbemparana.com/arquivos/anais/epremxiv/anais/p1014.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

CALDAS, Joana. *Florianópolis tem ônibus gratuito aos domingos em janeiro e fevereiro*. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2025/01/09/florianopolis-onibus-gratuito-domin-gos-janeiro-fevereiro-2025.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2025.

CARVALHO, Humberto Hickel de. *Educação Técnica e Formação Cidadã: Um estudo no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo- Unidade Cubatão*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/137> Acesso em: 24 de nov. 2024.

CIAVATTA, Maria. A formação integral: A escola e o trabalho como lugares de memórias e de identidade. *Trabalho Necessário*, [S.l.], v. 3, n. 3, 2005, p. 1-20. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CIAVATTA, Maria. Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral: por que lutamos? *Trabalho & Educação*, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 187 – 205, 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303> Acesso em: 25 nov. 2021.

CIAVATTA, Maria. Política e história da Educação Profissional. *Caderno Pesquisa*, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 30-44, 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13038/7094>. Acesso em: 12 jun. 2024.

COELHO, Heliane Braga. *Trajetórias laborais e formativas dos educandos do PROEJA*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9643> Acesso em: 13 set. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara; HEUSER, Maria D; MONTEIRO, Silas Borges. Docência, currículo, didática, aula: Fantástico arquivo político da diferença. *Teias*, [S.l.], v. 21, n. 63, p. 3-11, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/56555> Acesso em: 30 out. de 2023.

DANELLI, Sônia Cunha S. (coord.). ***Perspectivas da educação Profissional técnica de nível médio***: proposta de diretrizes curriculares nacionais. Brasília: Moderna, 2012. Disponível em: <https://ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/06/Perspectivas-da-EPT.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

DELLA FONTE, Sandra Soares. Formação no e para o trabalho. *Educação, Profissional e Tecnológica em Revista*, [S.l.], v. 2, n. 2, 2018, p. 6-19. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/383/343> Acesso em: 05 ago. 2023.

DIAS, Isabela Cristina Galvan. *O uso da cartilha como ferramenta para promover a educação ambiental no ensino de ciências*. TCC (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Tecnológica do Paraná, Dois Vizinhos, 2018. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/11122/1/DV_COBIO_2018_2_09.pdf. Acesso em: 15 maio. 2025.

DUARTE, Newton. Individualidade, conhecimento e linguagem na concepção dialética de desenvolvimento em Vigotski. *Fórum Linguística*, [S.l.], v. 13, n. 4, 2016, p. 1559-1571.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n4p1559/33374>

Acesso em: 05 jun. 2024.

EDUCAÇÃO de Jovens e Adultos: Cozinha. Cozinha. 2025. Disponível em:

<https://www.ifsc.edu.br/en/web/campus-florianopolis-continente/eja/-/visualizar/cozinha/Campus-Florianopolis-Continente/40/50/nuwcRIBUk14D>. Acesso em: 25 out. 2025.

EJA Técnico: Panificação. Panificação. 2025. Disponível em:

<https://www.ifsc.edu.br/en/eja-tecnico/-/visualizar/panificacao/Campus-Florianopolis-Continente/210/291/G07oMZoWw6r0>. Acesso em: 25 out. 2025.

FÁVERO, Altair Alberto; TAUCHEN, Gionara; SCHWANTES, Lavínia. Da transposição à compreensão didática: sentidos do conhecimento escolar na educação. *Revista Roteiro*, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 325-342, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/1799/pdf> Acesso em: 14 nov. de 2023.

FELIPPE, Bárbara Colossi. *A pesquisa como princípio pedagógico na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Um estudo de caso com docentes participantes do Edital*

20/2017/PROPI/DAE Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - ProfEPT) - Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1138?show=full> Acesso em: 15 nov. de 2024.

FELIPPE, Bárbara Colossi; VALER, Salete. *Pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa como princípio pedagógico: orientações aos professores da Educação Profissional*.

Florianópolis: IFSC, 2021. Disponível em: <https://share.google/2tSSjs05S9GWKd5x0>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

FLORES, Tânia M. Dantas. *Política pública PROEJA no IFBA Câmpus Santo Amaro (BA): (des)caminhos, contradições e consequências*. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4849/1/TANIA> Acesso em: 17 out. 2023.

FONTELLA, Caren Rejane de Freitas *Percursos de mulheres no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

Disponível

em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8520/2/CAREN%20REJANE%20DE%20FREITAS%20FONTELLA.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS. Michella Rocha dos; VALER, Salete. A formação integral na eja-ept ensino médio integrado: revisão bibliográfica. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 34, 2025.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/56543>. Acesso em: 14 maio. 2025

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilho; ESCOTT, Clarice Monteiro; MACHADO, Lucília. Permanência e êxito de mulheres na EJA-EPT: Possibilidades e desafios do IFRS. *Plurais Revista Multidisciplinar*, [S.l.], v. 7, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/issue/view/637> Acesso em 14 nov. 2024.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq> Acesso em: 17 out. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 out. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas nas múltiplas redes educativas. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (org.). *Temas da pedagogia: Diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 169-188.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf Acesso em: 20 jun. 2023.

FREIRE, Poliana Cristina Mendonça; CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. Reflexões sobre a educação de jovens e adultos: contradições e possibilidades. In: COLÓQUIO NACIONAL, 3., 2015, [S.l.]. *Anais [...]*. [S.l.]: [IF], 2015. p. 1-10. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1201/REFLEX%20SOBRE%20A%20EDUCA%20DO%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20CONTRADI%20POSSIBILIDADES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jul. 2024.

FREITAS, Maria Aparecida Marra da Madeira. A cultura escolar como questão didática. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVEZ, Nilda (Org). *Temas da pedagogia: Diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 127-151.
FREITAS, Rony. Produtos Educacionais na área de ensino da CAPES: o que há além da forma?. *Educação profissional em Revista*, [S.l.], v. 2, n. 5, p. 5-20, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/1229> Acesso em: 14 fev. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete *et al* (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Roseli Salete Caldart: Expressão Popular, 2012. p. 267-274. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. *Trabalho, Educação, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 67-82, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zQ8Gc4nzkz3y5kSfcxqdRZk/abstract/?lang=pt> Acesso em: 23 maio. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? *Trabalho, Educação e Saúde*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 45-60, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/JSYmSMnc7TKKrxWjm3xHLGd/?lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Ligia Márcia. *Fundamentos da didática histórico-crítica*. [S.l.]: Autores associados, 2019.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

GAYA, Daniele de Jesus; FREITAS, Edilene Aparecida Simões. Tendências pedagógicas de Libâneo e Saviani: Possíveis influências na educação contemporânea. *Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*, [S.l.], n. 2, 2020, p. 1-13.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Maria de Fátima Feitosa Amorim; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; MARINHO, Paulo. Estudantes do PROEJA: de percursos negados a outras possibilidades. *Educar em Revista*, [S.l.], v. 38, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zdJWq3ZQS9HWTwzg4YVS7wc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06. fev. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Estudo e pesquisa sobre educação, raça, gênero, e diversidade sexual. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 44, p. 1-8, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/kWym5qKLCgwjzBGPCB> Acesso em: 8 dez. 2023.

GUSMÃO, Martina Isnardo. *Política e trabalho pedagógico do EJA-EPT: olhares sobre o Curso Técnico em Cozinha do Instituto Federal Farroupilha Câmpus de São Borja RS*. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Colégio Técnico Industrial, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21612/DIS_PPGEPT_2021_GUSM%c3%83O_MARTINA.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 12 set. 2023.

GUSMÃO, Martina Isnardo; SILVA, Thais Docki da; MARASCHIN, Mariglei Severo. Desafios para a implementação das políticas de Eja Ept no Brasil: realidade e distanciamentos. In: COLÓQUIO NACIONAL, 5., 2019, Natal. *Anais [...]*. Natal: IFRN, 2019. p. 1-13. Disponível em: <https://v-coloquio-ep.neocities.org/trabalhos/linha1/submissao19.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO. *Regulamento geral - 2023*. 2023. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/16478-regulamento2023> Acesso em: 15 mar. 2024.

KAPLÚN, Gabriel. Material Educativo: Experiência de aprendizado. *Revista Comunicação e Educação*, n. 27, p. 46-60, 2003. Disponível em:

https://www.academia.edu/78247536/Material_educativo_a_experi%C3%Aancia_de_aprendizado. Acesso em: 21 jan. 2025.

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: A aprendizagem flexibilizada. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho 10ª Região*, Brasília, v. 20, n. 2, 2016, p. 13-36. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/view/2> Acesso em: 12 jul 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br> Acesso em: 4 set. 2023.

LIMA, Fernanda Bartoly Gonçalves de; ROSA, Daniele dos Santos; SILVA, Cláudio Nei Nascimento da. O materialismo histórico e dialético nas pesquisas em EPT. In: SILVA, Cláudio Nei Nascimento da; ROSA, Daniele dos Santos; FERREIRA, Marcos Ramon Gomes (org.). *A metodologia da pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica*. [S.l.]: Nova Paideia, 2022, p. 143-161. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/article/view/242/247> Acesso em: 17 jul. 2024.

LUKÁCS, György. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. In: LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 196-214. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/JOHANO-5>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MACHADO, Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a Educação Profissional. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. [S.l.], p. 8-22, 2008. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862/1003> <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862/1003> Acesso em: 16 fev. 2024.

MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Editora Alínea, 2007. Disponível em: https://gepel.furg.br/images/MANACORDA_MARX_E_A_PEDAGOGIA_MODERNA.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.

MARQUES, Jaqueline Hellen; DUARTE, Newton. A pedagogia Histórico-Crítica em defesa de uma educação revolucionária. *Ibero-Americana de Estudos em Educação*, [S.l.], v. 15, n. 3, 2022, p. 2204-2222. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14427/9965> Acesso em: 18 ago. 2024.

MARTINS, Roseli de Souza; MARTINS, Guilherme Henrique. Reflexões acerca das tendências pedagógicas liberais e progressistas e sua fundamentação para o PROEJA. *Momentos*, Rio Grande, v. 1, n. 21, p. 99-111, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/2440/2202> Acesso em: 16 fev. 2024

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 40 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MICHELON, Darelli Raquel. *Recursos pedagógicos para práticas de letramento em Língua Portuguesa na perspectiva da politecnia*. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) - Instituto Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/172>. Acesso em: 15 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MORAES, Nidia de Jesus. *O mundo do trabalho e as implicações no acesso, permanência e êxito de estudantes com ingresso tardio no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br>. Acesso em 7 jul. 2024.

MORAIS, Raquel Pereira de *et al.*. A formação integral no Ensino Médio (des) integrado no Brasil: a indissociável relação entre trabalho e educação. *Revista Trabalho e Educação*, [S.l.], v. 30, n. 1, 2021, p. 117-129. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/26901/27067> Acesso em: 16 mar. 2024.

MOREIRA, Manuel Area. Los medios de enseñanza: conceptualización y tipología. *Web de Tecnología Educativa*, Universidad La Laguna, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://www.sbemrasil.org.br/ocs/index.php/EBRAPEM/EBRAPEM027/paper/viewFile/2394/1517>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e EPT: Dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, [S.l.], v. 2, p. 4-30. 2007. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>. Acesso em: 8 set. 2023.

MOURA, Dante Henrique. *Trabalho e formação docente na educação profissional*. 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção Formação Pedagógica, v. 3). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/326;jsessionid=node0ynedk86m02a3qri3pbdpz3kl845725.node0> Acesso em: 4 fev. 2023.

MOURA, Dante Henrique; HENRIQUE, L. S. PROEJA: entre desafios e possibilidades. *HOLOS*, [S.l.], v. 2, n. 28, p. 114-129, ano 2012. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/914> Acesso em: 15. ago. 2023.

MOURA, Rayanne Alves de. *A travessia das mulheres-estudantes-mães da Universidade Federal de Pernambuco - Câmpus Acadêmico do Agreste*. TCC (Graduação em Pedagogia) -

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50675>. Acesso em 16 jun. 2023.

NERUDA, Pablo. *Residência na Terra I*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

NOSELLA, Paulo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. *Revista Brasileira de Educação*. [S.l.], v. 12, n. 34, 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf. Acesso em: 11 ago. 2023.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do singular-particular-universal. In: ENCONTRO DE PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA, 5., 2021, Bauru. *Anais [...]*. Bauru: Abrapso-Núcleo, 2021. p. 1-21. Disponível em: <https://evoluireducacional.com.br/wp-content/uploads/2012/08/OLIVEIRA-B.-A-Dialetica-do-Singular-Particular-Universal.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, Tatyane Guimarães. Desigualdade social: obstáculos para o exercício da cidadania. In: GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira da (org.). *Livro digital EJA, diversidade e inclusão: reflexões impertinentes*. João Pessoa: UFPB, 2018, p. 1-480. Disponível em: <https://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/139> Acesso em: 16 mar. 2024.

PACHECO, John. *Florianópolis é a 3ª cidade mais cara do país para viver de aluguel; alta em SC fica acima da média*. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2025/01/14/florianopolis-aluguel-precos-2024.g.html>. Acesso em: 25 out. 2025.

PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Lígia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 362-371, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WFbvK78sX75wDNqbcZHqcPj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 jul. 2024.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: método e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2 ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias> Acesso em: 12 jun. 2023.

RAMOS, Marise N.. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 27-49, 2017. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/356/317> Acesso em: 29 set. 2023.

RAMOS, Marise Nogueira. A Educação Profissional pela pedagogia das competências e a superficialidade dos documentos oficiais. *Educação e Sociedade*, [S.l.], v. 23, n. 80, set 2002 p. 401-422. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26357176_A_educacao_profissional_pela_Pedagogi

a_das_Competencias_para_alem_da_superficie_dos_documentos_oficiais Acesso em: 25 set. 2025.

RAMOS, Marise Nogueira. *História e política da educação profissional*. 1 ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Formação Pedagógica, v. 5). Disponível em; <https://ifpr.edu.br/curitiba/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/Historia-e-politica-da-educacao-profissional.pdf> Acesso em: 21 jan. 2023.

RAMOS, Marise Nogueira. Implicações Políticas e Pedagógicas da EJA integrada à Educação Profissional. *Educação e Realidade*, [S.l.], v. 1, n. 35, 2010 p. 65-85. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/tfLMN>. Acesso em: 24 fev. 2024.

RAMOS, Marise Nogueira. Políticas Educacionais: da Pedagogia das Competências à Pedagogia Histórico-Crítica. In: BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. A. (org). *Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 59-75. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br> Acesso em: 27 ago. 2024.

RAMOS, Marise Nogueira. **Pedagogia das Competências**. 2009. Disponível em: <https://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/pedcom.html>. Acesso em: 12 maio 2020.

RAMOS, Marise. Filosofia da práxis e práticas pedagógicas de formação de trabalhadores. *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 207-218, 2012a. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9306/6682> Acesso em: 22 jun. 2024.

RAMOS, Marise. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (org.). *Ensino médio integrado/ concepção e contradições*. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 107-128, 2012b. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, 2013. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2262/1430. Acesso em: 12 jun. 2025.

RUMMERT, Sonia Maria. A Educação de Jovens e Adultos trabalhadores brasileiros no Século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. *Sísifo - Revista de Ciências da Educação*, São Paulo, n. 2, p. 35-50, 2007. Disponível em: <http://ole.uff.br/wp-content/uploads/site>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SÁ, Lanuzia Tércia Freire. Do ensino médio integrado à formação humana integral e integrada. In: CONEDU, 3., 2016, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize,

2016. p. 1-12. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20718>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SANTOS, José Emiliano; LIMA, André Suêlto Tavares. Elaboração, aplicação, avaliação e validação do produto educacional: cartilha ambiental-resíduos sólidos no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 2, n. 21, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11149>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SANTOS, Letícia Rodrigues *et al.* As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotski para o desenvolvimento da competência em informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 17, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/169462>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SANTOS, Maria da Graças Moura; COSTA, Dhemersson Warly Santos. A mulher na educação: um caminho de pedras. *Diversidade e Educação*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 59–66, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7981/5440>. Acesso em: 05 fev 2025.

SANTOS, José Emiliano; LIMA, André Suêlto Tavares. Elaboração, aplicação, avaliação e validação do produto educacional: Cartilha ambiental-resíduos sólidos no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 2, n.º 21, p. 1-17, 2021. disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11149>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Demerval. O choque teórico da Politecnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zLgxprrzCX5GYtgFpr7VbhG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico crítica e pedagogia da libertação: aproximações e distanciamentos. *Germinal: Marxismo e educação em debate*, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 170–176, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/47177/25792>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, [S.l.], v. 12, n. 34, p. 152-180, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zLgxprrzCX5GYtgFpr7>. Acesso em: 6 maio. 2023.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 12 ed. Campinas: Autores Associados, 2021b. (Coleção educação contemporânea).

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 2 abr. 2024.

SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ENSINO MÉDIO: CONSTRUÇÃO POLÍTICA, 1., 2003a, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/semina_ept03_anais.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES, EXPERIÊNCIAS, PROBLEMAS E PROPOSTAS, 1., 2003b, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/semina_ept03_anais.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

SERRANO, Layane. *Preço médio da refeição completa ultrapassa R\$ 50 no Brasil, segundo pesquisa nacional*. 2024. Disponível em: <https://exame.com/carreira/preco-medio-da-refeicao-completa-ultrapassa-r-50-no-brasil-segundo-pesquisa-nacional/>. Acesso em: 25 out. 2025.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Ana Paula Rosa da; AGAPITO, Juliano. Mães-estudantes: a luta pelo direito à educação. *Monumenta: Revista de Estudos Interdisciplinares*. Joinville, v. 2, n. 4, p. 125-151, 2021. Disponível em: <https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/7>. Acesso em: 16 set. 2023.

SILVA, Damione Damito Sanches Sigalas Dameão da. *O papel do podcast papo de educador na formação de professores-ouvintes*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/54bb8781-9a94-42d8-bfea-ffa17e9b648/content>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, Maria de Fátima da; FIORI, Ana Paula Santos de Melo. A pesquisa como princípio pedagógico na educação profissional e tecnológica. In: SILVA, Maria de Fátima da; FIORI, Ana Paula Santos de Melo (org.). *As bases conceituais da EPT*. Brasília: Grupo Nova Paideia, 2021. p. 164-179. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/editoranovapaideia/article/view/231>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SOUZA, Lucas de. *O uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas como competência para o mundo do trabalho: um estudo no Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia De Santa Catarina (IFSC) - Campus Florianópolis-Continente*. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11850407. Acesso em: 25 out. 2024.

VALER, Salete. A pesquisa como princípio pedagógico e sua materialidade linguística: estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. *Revista Brasileira de Educação*

Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 2, n. 17, p. 1-37, 2019. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7289/pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

VALER, Salete; BROGNOLI, Angela; LIMA, Laura. A pesquisa como princípio pedagógico na Educação Profissional Técnica de Nível Médio para a contribuição do ser social e profissional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 2785-2803, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n4p2785/35788>. Acesso em: 22 jun. 2024.

VERONEZI, Rafaela Júlia Batista; DAMASCENO, Benito Pereira; FERNANDES, Yvens Barbosa. Funções psicológicas superiores: origem social e natureza mediada. *Revista Ciências Médicas*, Campinas, v. 6, n. 14, p. 537-541, 2005. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/cienciasmedicas/article/view/1147/1122> Acesso em: 17 mar. 2024.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; SOUZA JUNIOR, Antonio de. A educação profissional no Brasil. *Interacções*, [S.l.], v. 12, n. 40, p. 152-169, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/10691>. Acesso em: 23 nov. 2023.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, [2001]. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/vygotsky-l-s-a-construao-do-pensamento-e-linguagem-pdf-free.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação social da mente: o desenvolvimento social da mente*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, [2007] Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1705841&forceview=1> Acesso em: 15 dez. 2023.

ZEN, Eliezer Torrete; OLIVEIRA, Edna Castro de. A práxis filosófica no PROEJA: Reflexões sobre as relações sociais capitalistas e a formação humana integral. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 231-244, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k6zCGVjWntF7hN6WwSyCb3P/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12. jun. 2023.

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - PARTICIPANTES DISCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada discente do Curso EJA - integrada - EPT

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após a leitura e esclarecimento sobre as informações a seguir, no caso de concordar em fazer parte do estudo, clique no campo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, se sua participação for presencial assinar as duas vias impressas. Caso seja online sua participação, solicita-se que assine este Termo em formato digital e recomendamos que este termo seja impresso e/ou salvo em seus arquivos para que tenha os dados de contato das pesquisadoras em caso de desistência de participação na pesquisa que pode ocorrer a qualquer momento sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Título da pesquisa: **TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT-ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

A pesquisa está sendo realizada dentro do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)

Nome do Pesquisador principal: Mestrando Michella Rocha dos Santos Fraga
Rua Bloco B, Campus Universitário –Trindade, Florianópolis – SC – CEP 88040-900 -
E-mail: micheallafior@gmail.com | Telefone: 37212707 (48) 988546464

Nome da Orientadora (Pesquisadora Responsável): Professora Salete Valer, Dr.^a
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - *Campus*
Florianópolis-Continente
Rua 14 de julho, 150, Coqueiros
CEP: 88075-010 - Florianópolis - SC
Telefone Institucional: (48) 3877-8419 - (48) 3877-8400

Área/setor: Linguagem e Comunicação

Telefone pessoal da pesquisadora Responsável: (48) 99608-9308

E-mail institucional da pesquisadora: salete.valer@ifsc.edu.br

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/IFSC está localizado dentro da própria Instituição, à Rua 14 de julho n.º150 segundo andar sala 33B Florianópolis-SC CEP (correios): 88075-010). Horário de funcionamento definido de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 12h e das 14h às 17h para contato dos pesquisadores e participantes das pesquisas. Telefone para contato (48)3877-9054 e e-mail cepsh@ifsc.edu.br.

O objetivo desta pesquisa é investigar as perspectivas das trabalhadoras estudantes mães do Curso EJA-EPT de Nível Médio Cozinha e Panificação sobre como a teoria e prática constitui para a formação integral para o sucesso e progressão. A sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- (i) responder a um questionário (1) composto por 3 sessões, tendo ao todo 19 perguntas sobre sua percepção referente ao curso.
- (ii) Participar de uma entrevista composta por 13 questões abertas referentes à sua percepção da forma como a relação teórica-prática (práxis) constitui a formação integral, possibilitando o seu sucesso e progressão nos estudos e trabalho.
- (iii) no decorrer do processo da pesquisa, responder a um questionário (2) que será elaborado no decorrer da pesquisa cujas questões tratam da sua avaliação em relação ao conteúdo e forma do Produto Educacional elaborado como parte desta pesquisa.

As atividades ocorrerão sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o(a) pesquisado(a). Os procedimentos aplicados por esta pesquisa no decorrer da participação presencial para os dados do Questionário (1), bem como no decorrer da Entrevista e Questionário (2), eventualmente, podem oferecer riscos como mal-estar, cansaço, fadiga e aborrecimentos psicológicos à/ao participante em termos de integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. Pedimos que, antes de confirmar a sua participação, informe às pesquisadoras caso **possua alergia, pressão arterial alta, diabetes ou outra** doença ou particularidade que possa interferir na sua saúde pela sua participação nesta pesquisa. Nesse caso, você não deverá participar da pesquisa.

Para evitar possíveis riscos no decorrer da participação da pesquisa, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça acessar a pergunta que vem na

sequência do questionário. Mesmo assim, para refrear esses riscos, você poderá interromper o preenchimento do questionário sempre que sentir necessidade de descanso.

Em caso de desconforto ou mal-estar durante a responsiva dos diferentes instrumentos, serão oferecidos cuidados imediatos e assistência adequada, sem nenhum custo para os participantes, em conformidade com seus direitos individuais e seu bem-estar físico e psicológico, ou seja, você será encaminhado/dá à unidade de saúde mais próxima do local em que a pesquisa está se desenvolvendo, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Caso ocorram efeitos indesejáveis resultantes da participação na pesquisa, você será encaminhado/dá à unidade de saúde mais próxima do local em que a pesquisa está se desenvolvendo, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Apesar de mínimos, existem riscos relativos à violação das informações prestadas via questionário online, não sendo possível assegurar total confidencialidade, uma vez que pode ocorrer roubo de informações por hackers. Caso tal fato aconteça, os sujeitos participantes na pesquisa serão informados o mais breve possível.

Os benefícios esperados pela sua participação na pesquisa pelas respostas dos questionários (1) e (2) e a entrevista (3) são contribuições pessoais de acordo com a sua percepção sobre os princípios da EPT nas práticas pedagógicas do Curso - EJA Integrada à EPT, com foco na formação integral das trabalhadoras estudantes-mães do respectivo curso.

Você poderá solicitar informações relacionadas ao estudo em qualquer etapa da pesquisa, até mesmo quando esta já tiver sido finalizada. Você é livre para não querer participar deste estudo, ou mesmo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem necessidade alguma de justificativas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma natureza, não interferindo, inclusive, na sua ação discente no IFSC *Florianópolis - Continente*. A atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes da pesquisa. A sua participação na pesquisa não dependerá de custos para você, tampouco será remunerada.

As informações obtidas pela sistematização de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e resguardando sempre sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a sua finalização. As ações envolvidas com o tratamento dos dados pessoais e dados sensíveis dos participantes da pesquisa estão em concordância com a Lei n.º 13.709 de 14 de agosto de 2018 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Brasil, 2018). Os pesquisadores garantem que será preservada sua identidade e privacidade e que o sigilo e

anonimato será mantido sempre, inclusive nas publicações do estudo. Comprometem-se em manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, em conformidade com a Resolução Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde (Brasil, 2012).

Os pesquisadores se comprometem a elucidar dúvidas, anseios e questionamentos, de forma compreensível e objetiva, durante o processo de consentimento livre e esclarecido e ao longo da pesquisa ou mesmo após sua finalização. Igualmente, são reconhecidos e acatados os direitos dos participantes, conforme preconiza a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

Os resultados da pesquisa serão compartilhados, e ficarão à disposição dos interessados, por e-mail, correio, ou como você preferir. Os resultados da pesquisa serão publicados no texto Trabalho Acadêmico na modalidade Dissertação, bem como na elaboração de um ou mais produtos educacionais, os quais serão publicizados em textos *online* abertos ao público. Ainda poderão ser publicados artigos, capítulos de livros, resumos e apresentações em congressos científicos sobre a temática em estudo.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa será importante, uma vez que os seus resultados poderão contribuir positivamente para o planejamento, desenvolvimento e implementação de ações educativas capazes de promover a formação humana integral às trabalhadoras estudantes-mães na área da EJA-EPT.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, mestrande Michella Rocha dos Santos Fraga, pelo telefone (48) 988546464, e-mail michellaflor@gmail.com ou com a pesquisadora responsável, orientadora, Profa. Dr.^a Salete Valer, pelo telefone (48) 99608-9308, e-mail salete.valer@ifsc.edu.br, ou nos endereços listados neste termo.

Como este documento está sendo apresentado por via digital, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura deste termo de compromisso se dá digitalmente, clicando na caixa de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*. Comando pelo qual o pesquisador terá acesso às informações prestadas.

Agradecemos imensamente sua atenção e esperamos contar com sua participação.

CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____

concordo em participar do estudo.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelas pesquisadoras sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Também fui informado (a) de que há limitações dos pesquisadores em garantir absoluta confidencialidade dos dados *online*, já que essa forma de armazenamento pode correr riscos de violação dessas informações.

Local: Florianópolis, SC

Data ____/____/____.

Autorização eletrônica:

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas no Questionário (1) **que trata do perfil do participante, variáveis externas**

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas na Entrevista **sobre os princípios da EPT - Variáveis internas**

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas no Questionário (2), o qual trata da avaliação do **Produto educacional** que será elaborado como parte da pesquisa.

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

APÊNDICE B- ROTEIRO QUESTIONÁRIO (1) PARTICIPANTES DISCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus Florianópolis* Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

Roteiro Questionário (1) – perfil das discentes - Variáveis externas -

Seção (1) Questões que podem ser solicitadas à instituição. Caso não seja possível o acesso às questões na instituição, inserir no questionário.

I - Perfil das participantes: variáveis/categorias externas

1.Sexo: Feminino () Transgênero feminino () Outros () _____

2.Idade:

() Entre 18 e 23 anos () Entre 24 e 29 anos () Entre 30 e 35 anos () Entre 36 e 41 anos () Entre 42 e 47 anos () Entre 48 e 53 anos () Entre 54 e 59 anos () Acima de 60 anos

3.Você nasceu na Grande Florianópolis?

() Sim () Não

Em caso de não ter nascido na Grande Florianópolis, quanto tempo reside na cidade?

_____ 4.

Em relação a sua etnia:

() Branca () Negra () Parda () Amarela () indígena () Não desejo declarar **5.Qual**

seu estado civil?

() Solteira () Casada () Separada/desquitada/divorciada () viúva () Outro----- () Não desejo declarar

6. Você possui alguma deficiência?

() Sim () Não

Em caso positivo qual: _____

SEÇÃO (2) O objetivo desta seção é analisar como compartilhar espaços físicos com familiares afetam o seu aprendizado no curso.

1.Quantos filhos (as) você tem?

☐ Um ☐ Dois ☐ Três ☐ Quatro ☐ Cinco ou mais

Qual a idade do seu filho (a) _____ **2.**

Atualmente você reside com quem?

☐ Com os pais ☐ com esposo (a) e filhos ☐ Com filhos ☐ Com amigos/compartilhado as despesas ou de favor ☐ Sozinho ☐ Outros-----

3. Assinale abaixo qual situação descreve melhor sua situação:

☐ Trabalho com carteira assinada ☐ Não trabalho ☐ Trabalho como autônomo ☐ Sou Microempreendedora ☐ Não trabalho e recebo Benefício Assistencial ☐ Aposentada ☐ Outros _____

4.Se você trabalha ou já tenha trabalhado, qual é ou era a carga horária de atividade remunerada?

☐ Não Trabalho ☐ Trabalho/trabalhei 20 horas semanais ☐ Trabalho/trabalhei 40 horas semanais ☐ Trabalho /trabalhei mais de 40 horas semanais.

5.Qual é sua renda mensal familiar atualmente?

☐ Menos de um salário mínimo. ☐ Um salário mínimo.
☐ De dois salários mínimos a quatro salários mínimos
☐ De 05 (cinco) salários mínimos a 07 (sete) salários mínimos. ☐
 De 08 salários mínimos a 09 (nove) salários mínimos.
☐ Mais de 10 salários mínimos.

6.Você estudou no Ensino Fundamental (1^a.série a 9^a. série): ☐

Ensino regular, em escola pública.

☐ Ensino regular, em escola particular.
☐ Ensino regular, bolsista em escola particular .
☐ Educação de Jovens e Adultos.
☐ Supletivo particular.
☐ Telecurso.

- ☐ ENCCEJA
☐ Programa CERTIFIC

7. Quanto tempo você ficou fora do ensino educativo (ensino fundamental e início do Curso EJA-EPT)

- ☐ Por meses ou por anos. Quanto tempo? _____
☐ Não houve pausa nos estudos. Terminei o ensino fundamental e já iniciei o curso técnico-profissional

8. O que foi determinante para você escolher este curso? Elenque por prioridades (maior prioridade a menor prioridade):

- ☐ Ser um curso gratuito
☐ A qualidade do curso
☐ o curso ofertado está de acordo com a oferta de emprego no município ()
 Os professores são qualificados
☐ Outros.Quais: _____

Seção (3) – Percepção quanto ao curso

1.Você tinha alguma noção a respeito do curso técnico que você escolheu, tais como: o objetivo do curso, o programa de disciplinas, a estrutura física e laboratórios?

- ☐ Sim () Não

2. Você antes de realizar a inscrição no curso leu o Projeto Pedagógico do Curso?

- ☐ Sim () Não () Sabia um pouco.

3 Em sua opinião, quais os motivos levam os/as estudantes a abandonarem o curso?

- ☐ Dificuldade de relacionar o conteúdo teórico com as aulas práticas do curso () Por não compreender como ser inserido profissionalmente no mundo do trabalho () Por baixo reconhecimento da profissão
☐ Insatisfação com as perspectivas do mercado/mundo de trabalho ()
 Por motivo de saúde
☐ Motivos pessoais
☐ Não conseguir conciliar estudo e trabalho

- ☐ Mudança de cidade
- ☐ Mudança de emprego
- ☐ Desemprego
- ☐ Excesso de leituras
- ☐ Outros motivos. Quais? _____

4. Quais fatores dificultam a sua permanência no curso? Elenque por prioridades (maior prioridade a menor prioridade):

- ☐ Recursos financeiros
- ☐ Família
- ☐ Não compreender o conteúdo apresentado
- ☐ Transporte
- ☐ Não ter com quem deixar o filho (a)
- ☐ Não teve até o momento dificuldades
- ☐ Trabalho
- ☐ Desemprego
- ☐ Outros fatores.

Quais e justifique: _____

5. Qual sua expectativa ao concluir o curso:

- ☐ Colocação/recolocação no mercado de trabalho
- ☐ Progressão nos estudos (Entrar na universidade)
- ☐ Abrir negócio próprio
- ☐ Complementar e agregar conhecimentos à sua formação
- ☐ Obter aumento na remuneração no emprego atual
- ☐ Progressão no mundo do trabalho

APÊNDICE C - RESPOSTA QUESTIONÁRIO DISCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

Seção (1), composta por sete (7) questões

Apêndice A1-1 Resposta Questionário Discentes	Estudante (Ec6)	Estudante (Ec1)	Estudante (Ec2)	Estudante (Ec3)	Estudante (Ec7)	Estudante (Ec4)	Estudante (Ec5)	Estudante (Ep1)
Sexo	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino
Idade	60	entre 48 e 53	entre 48 e 53	entre 42 e 47	entre 42 e 47	entre 48 e 53	entre 48 e 53	entre 24 e 29
Cidade onde nasceu	Fpolis	fora de Fpolis-SP	fora de Fpolis-RJ	fora de Fpolis interior de SC	fora de Fpolis-interior de SC	fora de Fpolis-MA	fora de Fpolis-MG	fora de Fpolis - RO
Estado civil	viúva	solteira	casada	casada	solteira	casada	casada	solteira
Quanto tempo residem em Florianópolis	nasceu na cidade	2 anos e meio	mais de 30 anos	28 anos	28 anos	11 anos	30 anos	não informou
Etnia/Raça	branca	negra	negra	branca	branca	parda	branca	branca
Pessoa Portadora De Deficiência -PPD	não	não	não	não	não	não	não	não

Fonte: autora (2024)

Seção (2), composta por nove (9) questões

Apêndice A1-1 Resposta Questionário Discentes	Estudante (Ec6)	Estudante (Ec1)	Estudante (Ec2)	Estudante (Ec3)	Estudante (Ec7)	Estudante (Ec4)	Estudante (Ec5)	Estudante (Ep1)
Quanto filhos tem	2	6	2	2	3	2	3	1
Idade Filhos	36 gêmeos	33, 25, 9, 7, 33, 32	18 e 16	17 e 8	27, 18 e 6	24 e 28	33, 23 e 22	2 anos e 4 meses
Atualmente reside Com quem	sozinha	com filhos	esposo e filhos	esposo e filhos	com filhos	esposo e filhos	esposo e filhos	com filho
Situação de trabalho	aposentada e autônoma	autônoma	não trabalha e recebe benefício assistencial	trabalha com carteira assinada	trabalha com carteira assinada	trabalha com carteira assinada	não trabalha	trabalha com carteira assinada

Carga horária De trabalho	mais de 40	40 horas	não trabalha	mais de 40	mais de 40	mais de 40	não trabalha	40 horas
Renda mensal	entre 2 a 4 sm	menos 1sm	entre 2 e 4 sm	entre 2 e 4 sm	entre 2 e 4 sm	entre 2 e 4 sm	entre 2 e 4 sm	entre 2 e 4 sm
Estudou no Ensino Fundamental	ensino regular escola pública	ensino regular escola pública	supletivo público	ensino regular escola pública	eja	ensino regular escola pública	ensino regular escola pública	encceja
Quanto tempo ficou fora do ensino educativo	43 anos	23 anos	37 anos	28 anos	16 anos	22 anos	34 anos	11 anos
Escolha Do Curso	gratuito qualidade	gratuito professores qualificados	qualidade do curso	gratuito qualidade professores qualificados	qualidade do curso	gratuito qualidade professores qualificados	ser um curso gratuito	outro. memórias afetiva com a vó

Fonte: autora (2024)

Seção (3), composta por cinco (5) questões

Apêndice A1-1 Resposta Questionário Discentes	Estudante (Ec6)	Estudante (Ec1)	Estudante (Ec2)	Estudante (Ec3)	Estudante (Ec7)	Estudante (Ec4)	Estudante (Ec5)	Estudante (Ep1)
Conhecimento do curso	sim	sim	não	não	não	não	sim	não
Leitura do PPC	sim	sim	não	sabia um pouco	não	sim	sim	sim
Causas de evasão do curso	relacionar conteúdo t/p e baixo reconhecimento da profissão	por não compreender como ser inserido no mundo do t/motivos pessoais desemprego	por motivo de saúde motivo pessoais por não conseguir conciliar estudo e trabalho	motivos pessoais não conseguir conciliar estudo e trabalho	motivos pessoais não conseguir conciliar estudo e trabalho	motivos pessoais não conseguir conciliar estudo e trabalho mudança de cidade mudança de emprego	motivos pessoais	motivos pessoais
Fatores que dificultam a permanência	não teve dificuldades	não ter com quem deixar os filhos trabalho	transporte	transporte/	não teve dificuldades	transporte trabalho	transporte	família e não ter com quem deixar o filho
Expectativa após a conclusão do curso	progressão estudos e progressão no mundo do trabalho	progressão estudos abrir o próprio negócio progressão mundo t	progressão nos estudos progressão mundo do t	progressão estudos	progressão estudos	progressão estudos progressão mundo do trabalho	abrir o próprio negócio	progressão nos estudos

Fonte: autora (2024)

APÊNDICE D – ENTREVISTA – PERFIL DAS DISCENTES DA EPT



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

- Variáveis internas – percepção da teoria e prática (práxis) se constitui na formação integral para o sucesso e progressão

O autor Vazquez, na obra *Filosofia da práxis* descreve que a práxis "é atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; teórica, na medida em que esta ação é consciente". (1968. p. 117)

Tendo como referência o texto acima responda as questões:

1. De que forma os aspectos históricos e culturais do curso estão permeando a sua prática de trabalho?
2. Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares relacionam o trabalho com problemas sociais que precisam ser qualificados na prática de trabalho?
3. Como você percebe os avanços das tecnologias que fazem parte da prática do trabalho do curso em estudo colaboram com a formação integral?
4. Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares contribuem para que você domine as tecnologias para o mundo do trabalho?
5. Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares promovem discussões acerca dos problemas trazidos pelas tecnologias no cotidiano profissional e pessoal?
6. Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos problematizam a forma como a natureza é transformada para que você tenha os insumos necessários ao trabalho em estudo?
7. Como historicamente as condições de trabalho **têm afetado a forma de trabalho** para dar conta do desenvolvimento das cadeias produtivas que envolvem o seu trabalho?
8. Como historicamente as condições de trabalho **afetam a forma de o trabalhador dar conta** do desenvolvimento das cadeias produtivas que envolvem o seu trabalho?

9.Você considera que os conhecimentos teóricos e práticos promovem uma formação mais focada para a prática profissional e ou também contribuem para a progressão nos estudos?

10.De que forma a pesquisa é trabalhada nas aulas para você aprender a identificar problemas sociais e ou profissionais, buscando soluções para transformar a realidade?

11.Como os professores associam a formação geral e profissional nos conteúdos teóricos e práticos?

12.Quais as dificuldades mais comuns interferem para que você não dê conta da aprendizagem do seu curso?

13.Como você descreve a Assistência Estudantil na sua instituição? Você procura esse serviço quando apresenta dificuldades pessoais e familiares que possam interferir na aprendizagem?

APÊNDICE E - RESPOSTAS ENTREVISTAS DISCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus*
Florianópolis
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

Abaixo, retoma-se cada questão presente no Apêndice B- Roteiro Entrevista Participantes Discentes. Na sequência, apresenta-se a legenda de cada participante e o respectivo conteúdo descrito de forma literal das respostas das entrevistas.

Legenda:

E= Estudante

C= Curso Cozinha

P= Curso Panificação

Questão 1:

De que forma os aspectos históricos e culturais do curso estão permeando a sua prática de trabalho?

Legenda (EC1) O que esse curso traz para mim, esse curso traz para mim mais confiança pelo aspecto de eu estar sendo assistido por grandes profissionais que têm no IFSC tanto profissionais na gastronomia, quanto profissionais de aulas teóricas, então isso aí está trazendo para mim mais respeito, mais confiança que eu sei que eu vou poder entrar num restaurante e os patrões vão poder confiar em mim porque eles sabem que o IFSC é uma escola de respeito.

E na questão pessoal de que forma essa relação está te preparando, fazendo você perceber o mundo e você nesse mundo?

Legenda (EC1) Ele abre um leque de possibilidades, me deixando mais confiante e me deixando mais como se diz preparada para encarar o mundo como se diz preparada para encarar o mundo. Como se diz se eu for para qualquer lugar que eu for é onde você estudou? Eu estudei no Instituto Federal de Santa Catarina, no IFSC, então é uma instituição mais respeitada, então isso aí me faz me sentir grande, me faz me sentir respeitada!

Legenda (EP1) Eu vou mais pela minha vivência eu estou querendo criar mais memórias afetivas com meu filho, assim... como eu tive poucas com a minha avó, eu não fui criada com

ela, nem nada do tipo, mas toda a experiência que eu estou tendo, o aprendizado, está me mostrando um caminho diferente de alimentação saudável, de formas diferentes de fazer e criar memórias afetivas. Então, por isso!

Legenda (EC2): Olha eu acho que me beneficia bastante, entendeu. No caso, eu tive uma educação na maneira de manipular os alimentos, no preparo, nos cortes. Aprendi também a embalar, a guardar, a manusear tudo, entendeu eu acho muito gratificante!

E para a vida pessoal, de que forma esses aspectos influenciaram todo esse aprendizado?

Legenda (EC2) Influenciou muito porque dentro de casa, assim, houve uma grande diferença entre o que eu fazia e o que eu faço. Houve uma mudança tremenda, né! A maneira que eu preparava as coisas, pegar uma panela de pressão, não sabia utilizar. Eu pensava que sabia, né? E, às vezes, eu tinha bastante gasto e agora eu vejo a economia, né que eu aprendi a reduzir e fazer da maneira da técnica que eu aprendi aqui no IFSC.

Legenda (EC3)

De que forma? Eu aprendi bastante coisa na cozinha, até à forma, alguma coisa eu já sabia, mas está me dando mais certeza de como tem que ser feito, no caso até os cortes mudaram, a forma que a gente lida na cozinha, o material todo que a gente usa. Aprendi bastante coisa.

No aspecto cultural, como que tu percebes isso? Essa tua mudança?

Legenda (EC3) No aspecto cultural, a gente está... mudou bastante a forma com que... eu sempre gostei de cozinhar, mas assim, me faz querer aprender mais e colocar em prática isso que eu já, que eu estou aprendendo. Me ajudando a me posicionar também mais na cozinha, tanto no meu trabalho quanto no curso porque lá no meu trabalho também eu já estou colocando bastante na prática que eu aprendi aqui, de todas as formas assim!

Legenda (EC4) Agregando conhecimentos e me auto-avaliando em alguns aspectos de conhecimentos que eu não tinha.

Quais deles?

Legenda (EC4) Tipo...as técnicas das práticas são muito bem elaboradas, são técnicas que eu não conhecia que me agregou muito. É muito importante o conhecimento teórico e prático!

Legenda (EC5)

Eu trouxe a minha cultura que é de Minas Gerais, e conhecendo a cultura aqui do Sul, que é aqui de Santa Catarina, isso aprimorei muito aqui no IFSC, o que fez ter mais conhecimento, como eu vou dizer... trouxe muito conhecimento para mim fazer esse curso, eu aprimorei bastante!

Você já tinha experiência na cozinha?

Legenda (EC5) Não, eu cozinhava em casa, achava que cozinhava, mas era mentira, eu não tinha técnica nenhuma.

Então a questão da técnica te aprimorou?

Legenda (EC5) Muito, muito, aprendi muito!

E do que você aprendeu você acha que isso vai colaborar para a sua prática de trabalho?

Legenda (EC5) Sim, sim, bastante.

Legenda (EC6) É conhecimento para eu poder continuar meus estudos.

Mas esse conhecimento histórico e cultural, porque você disse que cozinhar é amor, no teu dia a dia ali, fazendo as tuas atividades em casa, quando tu vai em um evento social, que tu pode utilizar esses conhecimentos. De que forma você percebe que houve mudança para você?

Legenda (EC6) Ah, conhecimentos, muitos conhecimentos. Além do que eu já sabia, eu obtive mais conhecimento!

E foi a partir desse conhecimento que te deu a vontade de fazer uma faculdade ou foi a essa experiência do curso?

Legenda (EC6) Não, foi a vontade, esse estudo fez com que eu tivesse vontade de ir à frente com meus estudos.

Legenda (EC7) Então, é essa coisa de tu achar que sabe, mas não sabe. E para mim, assim, eu melhorei bastante na área da cozinha, a gente percebe nitidamente que consegue fazer alimentação diferenciada em casa, percebe que a comida saudável é aquela feita em casa, que é a higienização dos alimentos que eu aprendi não que eu não soubesse, mas eu aprendi exatamente como que faz, né? Então, está ótimo!

E no teu trabalho?

Legenda (EC7) O meu trabalho repercutiu bastante, assim, eles notaram bastante a diferença de uma [Nome] antes do curso e depois do curso.

E para você?

Legenda (EC7) Para mim, tá sendo maravilhoso porque a cozinha é uma terapia, né. Então, quando eu consigo fazer exatamente o que eu quero, do jeito que eu imagino, eu amo!

Questão 2.

Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares relacionam o trabalho com problemas sociais que precisam ser qualificados na prática de trabalho?

Legenda (EC1)

Sobre as explicações que eles trazem para gente, sobre coisas que aconteciam em tempos passados como o ser humano foi conquistando cada um seu espaço porque antes era a escravidão, aí foi mudando até cada um conquistar seus espaços, principalmente as mulheres que não tinham voz e não tinham boca para nada, mas nós sabemos também que foi muito sangue derramado, foi muita luta, foi muita conquista então isso abriu muito a minha mente no IFSC porque eles explicam para gente os acontecidos do passado como que eles fazem essa diferença para gente sentir a diferença nos tempos passados.

Desde os tempos passados já existia greve para as pessoas conquistarem o seu espaço até os tempos de hoje que a gente que faz a coisa acontecer!

E de que forma isso afeta a questão do trabalho e os problemas sociais?

Legenda (EC1) De que forma? Eu acho que vêm assim os políticos eles não cumprem com o combinado na época de eleição, eles fazem e eles tratam você de uma maneira e depois que eles conquistam o espaço deles aí a coisa muda né? Aí eles tratam lá os servidores, os trabalhadores de forma bem injusta.

Mas eles representam o povo ou os empresários?

Legenda (EC1) Os empresários, né! O povo eles não representam, eles representam da boca para fora na época da eleição, né! Aí depois eles não representam não, eles abandonam o povo, né? Fingem que nem conhecem mais né? são carinhosos, mas depois...

Legenda (EP1)

A gente absorve o máximo que a gente consegue é muita informação para a gente. Mas eu acredito que cada pouquinho disso que a gente absorve dentro de aula teórica e aula prática, a gente leva para o mercado de trabalho.

É um curso que leva um tempo para a gente se adaptar, mas quando a gente se adapta, a gente consegue formular bem, tanto prática quanto aula teórica, quanto para a área de trabalho, quanto para a família e tudo mais.

Em questão de saúde, eu ainda acho que a área da panificação é um meio... de ainda pode melhorar muito! Querendo ou não, vem desde a era medieval o padeiro trabalhar de madrugada. Mas esse é um assunto mais extenso!

E de que forma você percebe essa relação teórica e prática? Você percebe como os professores trabalham isso? E com os professores relacionam os problemas sociais?

Legenda (EP1) Sinceramente, eu não vejo problemas sociais nas aulas.

Não é discutido?

Legenda (EP1) Não é não. A gente já discutiu convivência porque, realmente, a vivência com outras pessoas de diferentes... é difícil, mas em relação ao curso, todo mundo se entende muito bem. Agora, Agora... não sei nem como explicar direito, acho que...

Legenda (EC2) Eu estou gostando da prática, né. E eu acho, chama... recompensa, sabe? Assim, você ter o conhecimento, né? E poder, assim, no caso, visitar um restaurante ou em algum lugar, entendeu, uma praça de alimentação, entendeu... saber do que está sendo efetuado, comendo, entendeu? É nesse sentido, assim, que eu acho!

E quando você vai nesses restaurantes, no shopping, né, no dia a dia mesmo, nas lanchonetes, você consegue perceber a questão dos problemas sociais em torno, já depois do referencial do conteúdo teórico e prático que você teve consegue fazer essa relação? Por quê? O que está por trás? O que está por trás dos problemas sociais?

Legenda (EC2) Olha, eu consigo pelo fato de estar fazendo o curso, né! Aí na prática, na teoria que eu aprendi no IFSC, né, algumas coisas eu... antigamente passava despercebida, né? Aí a gente vê a organização, da maneira que eles manipulam e colocam na praça de alimentação também, entendeu? Modificou, muita coisa!

Legenda (EC3)

Como eu percebo os conteúdos teóricos e práticos, é ... eu aprendi, por exemplo, que eu posso aproveitar mais os materiais, no caso, o material que eu uso na cozinha, os alimentos, né. Como eu trabalho com a creche, eu também aprendi como fazer as comidas, no caso, e para aproveitar mais o que antes, às vezes, a gente jogava fora, né!

E você consegue relacionar esse conhecimento teórico prático do que você já teve com o trabalho? As questões que aparecem nas mídias, nos jornais, os problemas sociais no contexto geral? De que forma?

Legenda (EC3) A gente está fazendo às vezes, não é de acordo com o que deveria fazer. Por exemplo, a gente cozinha de uma forma que aprendeu, né. E depois que a gente vai aprendendo, a gente vê uma forma diferente de cozinhar... e como eu vejo, como eu percebo isso. É que as pessoas, às vezes, elas só trabalham...

Mas por que você acha que elas só trabalham?

Legenda (EC3) Porque elas precisam também ganhar um salário, muitas vezes. Pelo menos é o que eu acho... assim!

Legenda (EC4)

Relacionar na relação aos problemas sociais? Olha em relação aos problemas sociais eu acredito que as pessoas precisam de mais de conhecimento, assim como eu não tive oportunidade, em relação a ser mãe quando ainda era jovem, eu tive que deixar os estudos de lado, né, que isso é uma parte social que muitas das vezes as mulheres têm muitas dificuldades, principalmente as mães, né!

Então que abrange muita sociedade em relação até mesmo as mulheres porque as mulheres elas passam muito tempo cuidando das crianças e param de estudar, então isso é como se tu não tivesse realmente não tem a oportunidade que deveria ter para obter esse conhecimento porque isso também é muito a parte social de cada ser humano, né, é necessário que nós possamos ter esse conhecimento, mas muitas das vezes não temos a oportunidade.

Legenda (EC5)

Através do conhecimento que o professor nos passa, né, mostrando que a gente pode ir além, e coisas que não sabia, né, agora abriu a mente! Então, para mim trouxe muito conhecimento mesmo, e a gente consegue enxergar além do que a gente antes não enxergava nada, né, para mim, trouxe muito conhecimento!

E a questão dos problemas sociais, como você percebe a relação desses problemas sociais que existem com o trabalho ou a falta do trabalho?

Legenda (EC5) É o que relaciona é pela desigualdade que antes eu não enxergava isso, né, a gente estava vivendo só um dia dentro de casa e não enxergava nada, agora consegue enxergar que há muita desigualdade mesmo.

Legenda (EC6)

A falta de qualificação é por falta de estudo das pessoas. Então, está sobrando vaga por falta de qualificação.

E você, depois que passou a ter esses conteúdos teóricos e práticos como que você relaciona com os problemas sociais?

Legenda (EC6) O problema social, eu sempre fui voluntária e estou bem por dentro dos problemas sociais, assim, né! Então, eu acho que o governo ajuda muito hoje e antigamente não ajudava.

Mas o fato do governo ajudar a resolver os problemas sociais?

Legenda (EC6) Aí às vezes piora porque as pessoas não vão atrás do que eles precisam, por ficar sossegado porque tem dinheiro do governo.

Legenda (EC7)

Sim, sim, eu percebi, assim, que toda as aulas que a gente está tendo, principalmente foi à

aula de sociologia, que a gente teve no semestre passado e começou agora de novo, ela tem muito a ver com a realidade da gente porque fala sobre a política, fala sobre o atual momento que a gente está. Então, se tu prestar bem atenção, ela tem muito a ver com a realidade atual!

E no dia a dia?

Legenda (EC7) Bastante.

Como é que tu faz essa relação?

Legenda (EC7) Eu começo a perceber mais coisas que eu não percebia antes, sabe. Tu sai na rua, tu já não sai na rua aleatoriamente, tu descobre coisas. É tipo, eu tive aula de sustentabilidade no semestre passado, a gente conversou sobre um restaurante que eu sabia o nome do restaurante, mas eu nunca tinha visto o restaurante. E aí, por coincidência, eu passei na frente, e eu falei professor, por coincidência, eu achei o restaurante. Aí ele falou assim, não é coincidência não é porque agora tu está mais atenta nisso! Então, tu vai começar a perceber as coisas ao teu redor no dia a dia. Realmente é verdade!

Questão 3

Como você percebe os avanços das tecnologias que fazem parte da prática do trabalho do curso em estudo colaboram com a formação integral?

Legenda (EC1)

Eu vejo como assim, óh, quando eu era mais jovem de 1980 a 2024 não que eu nasci em 80, mas eu já tinha uma idade suficiente para entender, né, como que era as padarias. Vamos falar da padaria, do padeiro que entrava às três horas da manhã né, que a gente ia comprar leite às 3 horas da manhã. Então, lá o padeiro estava lá esticando a massa, amassando na mão, então era tudo manual. Hoje não! Hoje tem as máquinas que fazem os pães já sai lá mais de mil pães por hora então a produção é muito grande! Então isso aí já ajuda muito para os empresários né, então é uma evolução né, para os empresários porque eles podem vender mais né, e ter menos mão de obra então isso aí é uma evolução. A batedeira também era minúscula, agora tem batedeira que cabe uma pessoa dentro, né, ou até mais de uma pessoa, né.

E para tua formação como profissional de que forma tu percebes que as tecnologias vão facilitar a sua vida profissional?

Legenda (EC1) A minha formação é como eu trabalho na área da cozinha e da confeitaria também isso aí ajuda muito. É como se diz uma mão de obra a menos né!

Mas isso é bom ou ruim ter mão de obra a menos?

Uma mão de obra menos para mim eu acho que é ruim em minha opinião porque é mais fácil você lidar assim, com o ser humano no sentido de uma coisa mais artesanal, né, ou mais elaborada do que uma máquina, uma máquina ajuda muito para quem quer vender em grande quantidade.

Legenda (EP1) A tecnologia é sempre importante, tanto para o crescimento profissional quanto pessoal. De alguma forma, ter mais tecnologia ajudou tanto aos antigos padeiros hoje, a fazer uma grande quantidade, a ter uma carga muito menor para se carregar, por assim dizer. No trabalho eu tenho visto que ... a tecnologia, ela nos ajuda a fazer vários tipos de pesquisa. Hoje em dia, tudo está na palma da mão da gente. Basta a gente querer e saber pesquisar! Então, tanto na vida profissional quanto no cotidiano da gente, o avanço da tecnologia, cada vez mais nos auxilia nisso e nos ensina também, de alguma forma!

Então tu percebe que o que você aprende na forma teórica, o que você aprende na prática do teu curso, e esse acesso à tecnologia permite que você amplie a sua formação?

Legenda (EP1) Sim, com certeza! Amplia bastante porque a gente tem uma visão diferente. A gente consegue buscar outras técnicas semelhantes às que a gente aprende. E consegue ver novas formas de fazer aquela técnica, repetir aquela técnica de uma forma diferente.

E quais são os desafios que você percebe do uso dessa tecnologia na vida pessoal, por exemplo, com o teu filho, na tua profissão, na discussão com os clientes, ou na tua vida pessoal, com a questão do que a gente ouve nas mídias e nos jornais? Você percebe que tem contradições também desse uso?

Legenda (EP1) Tem... tem bastantes contradições. Eu tenho uma regra clara, assim, de nunca assistir nada que me deprecie. Então, uns oito anos já que eu não assisto TV, nem jornal, nem nada do tipo. Toda e qualquer informação que eu precise, eu pesquiso de várias fontes diferentes para ter certeza de que é aquilo ali mesmo!

E hoje em dia é muito difícil a gente, como mãe, não deixar o filho da gente, de alguma forma, envolvida com tela. Eles acabam vendo em outros lugares e, no final de tudo, a gente acaba cedendo! Mas isso é muito prejudicial para a gente porque a gente acaba ficando dependente daquilo. E tem muita coisa ruim que pode aparecer sem mesmo a gente querer.

Legenda (EC2)

Sim, colabora, sim! Eu, assim, todas as minhas dificuldades, né que eu tenho no curso, tudo, elas são bem resolvidas porque eu mesma não deixo a dúvida me vencer, entendeu? Eu sempre pergunto para os professores, meus colegas de sala também, entendeu?

E as tecnologias que se utilizam no curso, elas têm te ajudado, colaborado com essa formação sua?

Legenda (EC2) Sim, bastante.

Legenda (EC3)

Eu percebo que há um tempo atrás a gente tinha, por exemplo, tinha que fazer tudo na mão, não tinha uma batedeira como hoje tem, até tem umas bem tecnológicas. Antigamente a gente fazia receitas passadas de mãe para filha, escrito tudo à mão e hoje a gente pega na internet, que ajuda bastante! Um pouco também atrapalha.

Atrapalha em que sentido?

Legenda (EC3) Mas..., por exemplo, a gente não consegue pegar uma receita antiga da mãe ou de família que está ali e às vezes a gente acaba até esquecendo essa receita e ajuda, por exemplo, nessa parte a gente acaba que na internet a gente aprende bastante também coisas diferentes, a gente acaba perdendo uma parte, mas acaba ganhando outra que pega a receita e aprende assim!

E de que forma essa tecnologia te ajuda a compreender essa formação integral?

Legenda (EC3) Ela me ajuda bastante porque eu vou aprendendo coisas novas. Eu vou mudando a forma também de fazer as coisas, que antigamente era um jeito só. Hoje a gente vai fazendo de uma forma que fica mais fácil, que ajuda bastante a gente a facilitar no preparo das coisas, né!

E esse acesso à internet você consegue relacionar a parte técnica que você aprendeu no curso com a parte teórica?

Legenda (EC3) Sim, você faz essa mediação porque a gente aprende na teoria, mas acaba pondo na prática bastante o que a gente aprende. Ou faz tudo, né? Faz tudo.

Legenda (EC4)

É muito importante porque... tipo assim, a colaboração da tecnologia hoje é muito importante, mesmo porque hoje se tu tens como um curso aqui, que eu não conhecia as cozinhas, né, e como um curso hoje, eu, vindo até a cozinha, conhecendo as técnicas, mas também tendo algo que te ajude na manipulação, na prática do alimento, né, tipo assim, óh, eu não tinha muito conhecimento naqueles fornos gigantes que tem né, lá na cozinha, então é tecnologia fazendo participação junto com a nossa mão de obra, no caso não é a mão de obra, mas de conhecimento, né, da prática que nós temos no dia a dia ali no curso, trabalhando, cozinhando, que é a cozinha, a cozinha não é só as mãos, né, mas sim, a tecnologia que está ali nos acompanhando nos ajudando, né, a ter mais conhecimento.

Legenda (EC5)

Os equipamentos no IFSC, os eletrônicos, através das aulas que eles mandam pesquisar... dos produtos, o que eles passam para nós melhorou bastante a mão de obra. O conhecimento é muito grande!

E esse conhecimento que você está tendo das tecnologias no IFSC, que você vai conseguir depois de formada utilizá-los e aprimorá-los na sua formação?

Legenda (EC5) Sim, vou conseguir sim!

E tu percebe que essa integração desses conhecimentos te permitem ter uma formação completa, humana?

Legenda (EC5) Sim, me permite!

Legenda (EC6)

Ah, muito conhecimento, bastante conhecimento coisa que eu não tinha.

E esses avanços, de que forma no teu dia a dia você vê que esse conhecimento está colaborando?

Legenda (EC6) Ah, evolução... como é que eu vou me expressar a tecnologia trouxe um avanço de ensino e ajuda bastante tudo, no geral.

Então isso é positivo?

Legenda (EC6) Positivo.

E como isso se acrescenta na sua formação, na sua percepção e no uso dessa tecnologia?

Legenda (EC6) Eu acho que ajuda em conhecimentos, têm mais conhecimentos.

Legenda (EC7)

Então, eu percebo que assim, antigamente, fazer um bolo era tudo na mão, né, um forno, eu venho de uma época do interior que era forno na lenha só. E aí, hoje em dia, tem liquidificador, tem batedeira, tem um forno.

O meu trabalho, por exemplo, tem um forno que eu nunca vi na vida, que eu estou aprendendo a lidar com ele porque tem que ligar os botões e apertar ali. Eu disse... gente a coisa era tão mais fácil! Agora está tão mais difícil.

Então, assim, a tecnologia querendo ou não, ela está entrando na vida da gente. E para mim, particularmente, eu gosto dessas coisas. Eu gosto!

Eu não sou antenada em celular, computador, essas coisas, mas quando é coisa para cozinha, eu gosto. Eu amo muito! Eu estou sempre vendo novidades. Então, eu acho bem importante a gente unir a tecnologia ao nosso dia a dia até por assim, pela questão do tempo, né, para tu diminuir o teu tempo na cozinha, diminuir o teu estresse.

E tu percebe que a tecnologia, ela te ajuda na tua formação?

Legenda (EC7) Ajuda bastante, ajuda porque, assim, é... agora mesmo, para gente fazer essas questões de trabalho, de aula se não tivesse a tecnologia, ia ser muito mais difícil. A gente ia perder mais tempo para ler o livro, para procurar, para pesquisar. Agora, tu vai ali no Google, tu pesquisa tudo, aparece tudo!

E o aspecto negativo da tecnologia?

Legenda (EC7) Aí, o aspecto negativo é que a gente perde muito tempo. Um celular, por exemplo, pega o celular para ler uma mensagem, tu já ficou ali meia hora e tu não se deu conta. Eu procuro deixar ele sempre afastado, né, principalmente no trabalho, mas, às vezes, eu me percebo que eu pego só para ler uma mensagem urgente e eu estou ali meia hora, meu Deus do céu! Então, atrapalha um pouco nessa questão!

Questão 4

Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares contribuem para que você domine essas tecnologias para o mundo do trabalho?

Legenda (EC1)

Então, às vezes, pode ser que ele não sirva para mim porque por eu ser uma pequena empresária, não empresária... uma pequena autônoma, não serve para mim, mas pode servir para mim quando eu for fazer um freelance em um restaurante que tenha todos os equipamentos que tem lá no IFSC e eu ter aquele conhecimento, isso aí é muito importante, né! Eu ter o conhecimento para quê? Para que mesmo que não sirva para mim no pessoal, mas que sirva para mim usar em algum ambiente que eu vá né? Algum trabalho né, às vezes, tipo assim, ah não eu sei mexer no forno combinado, ah eu sei mexer numa bateadeira industrial, né num forno alastro, e assim a gente vai passando por etapas porque cada lugar tem um tipo de equipamento né, então isso aí para mim é um crescimento e é o que eu gosto.

Tudo que o professor ensina para a gente é muito importante! Eu acho que a forma como que eles ensinam, de forma leve, ajuda muito a gente a raciocinar bem o que a gente vai fazer. Então, de uma certa forma, a tecnologia ajuda a gente a estudar mais sobre isso.

Legenda (EC2)

Eu consigo dominar no caso porque eu presto muita atenção nas manipulações... dos professores, nas explicações, entendeu. E quando você atua num lugar que você está gostando do que você está fazendo você tem mais aproveitamento! É o que está acontecendo comigo.

E essas tecnologias que estão sendo apresentadas no curso quando você se formar e você estiver lá fora, ou trabalhando, ou dentro de casa, ou no seu cotidiano, você vai ter mais segurança para aprender a lidar com aquilo mesmo que seja novo, devido à sua formação no curso?

Legenda (EC2) Sim, vou ter segurança porque eu faço algumas anotações, tipo resumos, de tudo o que eu faço em sala. Eu posso ter praticamente uma aula prática oral, mas quando eu chego em casa, eu procuro fazer aquele curso, fazer resumo, daquela experiência que eu tive naquele dia, né, umas anotações.

Legenda (EC3)

A gente pega a parte teórica que a gente aprende e põe na prática. Eu me refiro, por exemplo, à cozinha, porque ali a gente aprende coisas novas, tem maquinários novos, tem uma forma nova, uma forma diferente de fazer o que a gente costuma fazer. E elas ajudam bastante porque facilita bastante na hora da produção dos alimentos. Acho que seria mais ou menos isso que eu tinha.

Legenda (EC4)

Percebi, é bem parecida, né, as perguntas, né.

É que a tecnologia não é só celular e computador. Não é só, tudo que a gente usa é tecnologia!

Legenda (EC4) Sim. Eu percebo na praticidade, né, acredito que é mais praticidade, não sei se eu estou sendo, eu estou te dando uma resposta mais adequada, mas a tecnologia te traz praticidade para mim é isso!

E não traz desafios?

Legenda (EC4) Grandes desafios né, porque o que eu conheço aqui eu posso buscar mais ainda, né, esses desafios de ter mais conhecimento, não só teórico, mas prático para minha vida pessoal.

Legenda (EC5)

Através do conhecimento que os professores passaram, a gente consegue dominar porque antes não conseguia nem ligar um computador, nem fazer uma planilha e hoje já consigo então me ajudou bastante!

E através dos conteúdos teóricos e práticos você percebe que esse domínio da tecnologia vai colaborar para o seu trabalho no futuro e para o mundo do trabalho?

Legenda (EC5) Bastante, com certeza.

Em que sentido?

Legenda (EC5) Bastante, porque agora eu não tenho mais aquele olhar. Ah, vem outro, né? Já consigo fazer as minhas coisas, resolver meus problemas sozinha! Não preciso mais ficar ali batendo cabeça, fazendo coisas erradas.

Isso te dá confiança?

Legenda (EC5) Confiança, acho!

Para acessar essas tecnologias de forma mais tranquila?

Legenda (EC5) Sim, bastante.

Legenda (EC6)

Interfere no meu conhecimento lá para a frente, isso vai agregar na minha profissão.

E no teu dia a dia você tem aprendido esse processo teórico e prático com a tecnologia de que forma você percebe que isso colabora na tua vida?

Legenda (EC6) Melhora por... a facilidade que eu aprendi as técnicas que a gente faz diferente, aprendemos medir, pesar... isso aí o conhecimento foi mais longe né, o que a gente fazia de cabeça, aqui não, aqui é por grama, por peso tudo direitinho.

Legenda (EC7)

Ah, eu acho que, assim, é bem importante a explicação dos professores, né, professores de matemática, por exemplo, eu sou um zero à esquerda em matemática, mas ela, assim, ela é tão atenciosa, ela explica tão bem explicado que, nossa, parece que tu está, assim, sei lá, parece que eu aprendi aquilo há anos atrás! Então, eu acho que está sendo bem importante e os professores estão de parabéns, assim porque eles têm conseguido o objetivo de nos ensinar!

E para o mundo do trabalho que é o contexto geral?

Legenda (EC7) Olha, foi uma das minhas, como é que eu vou te dizer da minha expectativa de voltar a estudar por causa do trabalho porque eu não quero não que eu não goste, não é isso, eu tenho orgulho do que eu faço, mas eu quero melhorar e aí, eu acho que estudando e se aperfeiçoando cada vez mais as minhas chances de trabalho podem aumentar.

Questão 5

Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos das unidades curriculares promovem discussões acerca dos problemas trazidos pelas tecnologias no cotidiano profissional e pessoal?

Legenda (EC1)

Então, em relação a isso, a gente acaba ficando amedrontada né porque saber que às vezes uma máquina vai tomar seu lugar, tipo os cobradores de ônibus, hoje em dia nós não temos mais cobradores, né! Então aos poucos essa tecnologia, ela vai tomando o lugar do ser humano, né, que nem as pessoas ah, porque estão tirando todos funcionários e estão colocando os robôs para trabalhar, eu acredito que muitos lugares já tem essa possibilidade de fazer isso! Então isso vai acabando... o que? Vai acabando... o ser humano que vai se definindo porque a honra do ser humano é o que? O trabalho, né! Então sem trabalho nós não temos dignidade então isso aí acaba nos trazendo um certo medo.

legenda (EP1)

Em questão de... desculpe eu esqueci a palavra!

Questão do uso da tecnologia?

legenda (EP1) Isso, dentro do que eu trabalho as pessoas que são muito imediatistas, elas querem tudo na hora e no momento, no lugar que elas querem, naquilo, exatamente naquele momento! E se elas não conseguem fazer aquilo, elas meio que, não que elas explodem, mas elas são muito mal educadas porque elas não entendem que tudo tem o seu processo. Então, esse processo é importante! Importante para que não saia algo errado, que não dê algo errado no futuro. A gente monta um processo para que não tenha prejuízo para os dois lados.

E dentro da sua empresa, já que você trabalha com tecnologia e desses usos com os clientes vocês promovem discussões desses problemas?

legenda (EP1) A gente tem um setor específico para isso, que a gente faz reunião semanal. E a gente conversa sobre as necessidades que a gente tem e que o cliente nos traz as objeções deles. E nisso eles conversam com a gente, conversam entre si e depois eles trazem um meio da gente resolver da melhor forma possível.

Nem sempre é viável, a gente sempre bate uma coisa ou outra, mas no final é tudo certo!

Legenda (EC2)

Olha, é assim, vale a pena discutir, vale a pena comentar, entendeu... os erros, os defeitos, né que é normal em todas as profissões, né. E estamos aqui para aprender, entendeu? E eu procuro ter um bom desempenho, fazer o melhor para poder corrigir, entendeu o que não está certo!

Mas tu consegue perceber que as tecnologias que foram apresentadas no cotidiano profissional têm aspectos positivos e negativos? Quais seriam os negativos?

Legenda (EC2) Os negativos são, assim, no caso, coisas que acontecem, né! Eu acho qualquer serviço, entendeu que há erros.

Mas os erros são das pessoas ou das máquinas?

Legenda (EC2) Às vezes é da máquina ou é da pessoa! Às vezes é da máquina mesmo! Por exemplo, assim, se eu pegar uma balança e ela está com defeito, ela não vai me dar bom resultado, e às vezes, né, acontece! Eu acho que até do lado da manutenção, entendeu que acontece esse tipo de erro, entendeu? Às vezes não saber manipular bem, né! A tecnologia de um fogão industrial, sabia baixar, aumentar, graduar, entendeu? E isso também faz diferença utilizar o forno, né? Apesar que eu não tenho queixa dos fornos, os fornos são bons. A única coisa, assim, um pouquinho desse lado que eu falei para você.

Legenda (EC3)

Ah é por exemplo, a minha filha fala que as coisas mudaram. Hoje a gente já está com mais tecnologia que a minha forma de fazer, às vezes, não é a que eu aprendi antigamente, já mudou, né?

Mas isso é bom ou isso é ruim?

Legenda (EC3) Muitas coisas são boas porque facilitam bastante.

E o que tem de desafio, de contradição nisso?

Legenda (EC3) O que tem que é desafio é que às vezes, a gente relaxa um pouco, né?

Em que sentido?

Legenda (EC3) Com relação a saber que vai conseguir fazer as coisas com mais facilidade com as tecnologias de hoje e acaba deixando para trás o que a gente aprendeu, que também seria uma coisa de... como é que eu posso dizer, passar de mãe para filha ou de antepassados para a gente.

O conhecimento?

Legenda (EC3) É o conhecimento também que a gente agora vai aprendendo coisas novas. E o conhecimento que a gente pegou lá atrás, a gente, às vezes, deixa passar! Por um lado é ruim porque acaba que esquece um pouco a forma que era feita, né? Que era uma tradição, digamos assim. E hoje já não é. É por aí.

Legenda (EC4)

Olha no meu pessoal, assim, eu não vejo muita dificuldade em pensar que a tecnologia traria esse tipo de dificuldade. Claro que hoje nós... se formos ver pelo tempo, os tempos passados, que existia a tecnologia, mas que não era uma tecnologia como a tecnologia de hoje.

Porque antigamente não tinha muitas oportunidades de ter uma escola técnica igual a que nós temos no IFSC, né? Não é? Não tínhamos escola técnica, mas não tínhamos uma cozinha como temos hoje no IFSC, né, que é uma cozinha perfeita, uma cozinha que com muitas

tecnologias que antigamente não tinha.

Mas nessa prática ali do dia a dia da cozinha, vocês relacionam, discutem quais os problemas decorrentes dessa tecnologia no cotidiano da profissão?

Legenda (EC4) Se houver, que às vezes tem né, mas é bem difícil! É bem pouco, né, poucas vezes tivemos discussão em relação a isso, mas, por enquanto, tá muito bom!

Legenda (EC5)

Eu vejo assim... que até com meus filhos! A minha neta a gente proibiu por causa de ter 4 anos, que ela não tem idade. E isso dificultou até o aprendizado da fala dela, ela não conseguia falar porque ficava olhando desenhos no celular.

Quanto aos jovens eu vejo que eles se isolaram muito, nisso houve um grande aumento! Houve um aumento de suicídio porque não se relacionam mais com as pessoas, não se falam mais, é tudo a distância, é tudo na tecnologia. E você nunca sabe o que está lá do outro lado manipulando. Pode ser uma pessoa boa como pode ser um pervertido, destruindo a mente deles! Então acho que a tecnologia veio para ajudar bastante, mas também veio para destruir muitas famílias. E é o que está acontecendo muito!

E na vida profissional o que você percebe?

Legenda (EC5) Na vida profissional, a tecnologia ajuda em uma parte, mas em outra atrapalha. Por quê? Você vê as pessoas trabalhando de repente tem que ficar, parece um vício, tem que pegar o celular toda hora. Isso atrapalha muito! Desacelera o ritmo do serviço, tira a atenção onde acontecem acidentes. Eu acho que sim, a tecnologia ajudou em uma parte, mas em outra parte ela atrapalhou muito.

E a questão de se ter o discurso da substituição da tecnologia pelos trabalhadores, o que você percebe de desafios? É um fato, é um mito, tem partes verdades?

Legenda (EC5) Não, tem parte verdade, sim!

E você acha isso positivo ou negativo?

Legenda (EC5) Eu acho negativo.

Por quê?

Legenda (EC5) Porque assim, a gente tem que... não é voltar atrás, mas é limitar, né? E não ficar só direto na tecnologia porque como acaba deixando a tecnologia comandar a sua vida, não é você que está comandando mais. Então, você tem que ter o domínio!

Legenda (EC6)

Não ocorre esse tipo de discussão dentro de sala de aula.

E você em algum momento provocou essas discussões?

Legenda (EC6) Várias vezes.

E qual foi a forma de gerar?

Legenda (EC6) Geralmente as pessoas ficam caladas e não respondem.

E os professores não fazem mediação e não trazem exemplos?

Legenda (EC6) Não fazem e são muito políticos, são partidários.

Então quando se faz essa discussão sobre as discussões de problemas trazidos pelas tecnologias você entende que os professores vão para a parte partidária e política e não histórica e do que está acontecendo para que cada um crie a sua percepção?

Legenda (EC6) Exatamente.

Tem mais alguma coisa a contribuir nessa questão?

Legenda (EC6) Não.

Legenda (EC7)

É, então, assim, a questão, a gente tava discutindo essas duas últimas semanas em sala de aula, a questão do celular, que tem atrapalhado muito! Então, eu acho que, assim, no dia a dia, não. Mas, dentro da sala de aula, está repercutindo ruim essa coisa do celular. E a gente tem trazido, o pessoal tem trazido questões que vêm na televisão, que também, às vezes, dá uma encrenca política, guerra porque uns apóiam, outros não apóiam. Então, eu acho que a tecnologia, nesse sentido, dá um pouco de problema.

Questão 6

Como você percebe que os conteúdos teóricos e práticos problematizam a forma como a natureza é transformada para que você tenha os insumos necessários ao trabalho em estudo?

Legenda (EC1)

É a gente vê isso aí como é falado nas aulas tanto teóricas quanto nas aulas práticas né, nas aulas teóricas eles falam sobre essa coisa que o ser humano está fazendo... de tanto ele construir como destruir, né! O ser humano constrói e ele mesmo destrói com as próprias mãos, né, esses dias mesmo a professora passou lá no slide sobre um hotel que tava no meio da Mata Atlântica e estava abandonado então, tipo assim, aquilo ali é um desperdício né? É um dinheiro, é milhões que está ali né desperdiçado, sendo desperdiçado né, então ele mesmo constrói e ele mesmo destrói com desmatamento, com poluição, com contaminação na terra né, contaminação no mar e nisso o ser humano vai ficando sem poder usufruir do que a nossa

terra produz, né, a nossa terra produz, nossa terra é milionária, riquíssima, né, em tudo o nosso Brasil. E e aí o que acontece o homem ele vai lá e quer modificar as coisas, aonde a gente acaba ficando sem até mesmo os insumos né, nas aulas práticas porque tem aula prática que a gente não tem insumo, um exemplo, se é uma aula que é uma aula de frutos do mar, muitas vezes a gente fica sem o insumo, por quê? Porque é muita contaminação né, que eles fazem então é falta de consciência do ser humano!

Legenda (EP1)

A pergunta é ótima porque eu estou fazendo um trabalho agora com um professor sobre slow food. Que é um, a slow food ela é um, como é que fala? Ai meu Deus, está na ponta da língua! Ela é um movimento! Ela é um movimento que visa o bem estar, a saúde tanto das pessoas quanto da natureza! É uma forma mais gentil de tratar aquilo que a gente não precisa só tirar da natureza. A gente pode usar o que a gente já tem! Então, é um movimento muito antigo que começou em 1960 e vem até hoje!

Foi quando criaram o McDonald's, não exatamente o McDonald's, mas que foi quando as pessoas começaram a usar o termo fast food, coma rápido para você trabalhar mais! E hoje o movimento slow food é totalmente o oposto, coma devagar, saboreie, aprecie aquilo que você tem aqui e agora! Então, é muito interessante porque a gente tem que pensar no futuro!

E de que forma você percebe que problematizando isso, é viável que se tome consciência dos recursos da natureza e de que forma isso interfere no coletivo?

Legenda (EP1) Eu acho que... eu vou falar uma coisa que eu ouvi! Que é, eu acho engraçado o ser humano achar que a gente está destruindo o mundo, sendo que a gente está destruindo a nossa própria espécie! Que é porque a gente tem essa ideia errada de que o mundo vai acabar. Mas o mundo já tem mais de dois milhões de anos. Quem acabou foi às espécies! Então eu acho que a gente está acabando com a gente mesmo!

Legenda (EC2)

Sim, no caso é necessário a gente receber os insumos, os alimentos, entendeu!

Mas vocês problematizam a forma como a natureza é alterada para que esses insumos cheguem até vocês? Se há exploração, se respeitam a natureza?

Legenda (EC2) Não, eu acho de forma perfeita, né! Eu não tenho queixa, né porque, assim, você faz, assim, uma, no caso, uma encomenda, entendeu assim, de alimentos, insumos, né e o fornecedor, ele tem como obrigação de pegar e agradar o cliente!

Mas vocês conferem quem entrega esses produtos, se eles respeitam as leis e as regras?

Legenda (EC2) Olha é que o colégio tem a conferência, né e no caso eles que recebem

porque se não entrar na regra, eles jamais vão colocar para o estoque, entendeu.

Legenda (EC3)

É. Tá, mas, digamos assim, que se for tirar o material para construir, por exemplo, uma mina terrestre, digamos assim, se for ver eles tiram o material dali e essa terra... não tem mais como utilizar, né?

Legenda (EC4)

Em relação à natureza, realmente é diferente. É porque a tecnologia, ela tira muito da natureza, né. Então é uma coisa que a gente tem que pensar um pouco também. Ela ajuda, mas também ela destrói né. Então a tecnologia ela tanto é uma forma... de acrescentar e também de diminuir porque ela retira da natureza e quando tu usa aquele produto que é da tecnologia, tu não sabe onde que tu vai colocar de volta, então também está agredindo a natureza de duas formas tanto na retirada como na repor. Ela vai ser reposta na natureza de uma forma mais agressiva, né! Eu penso assim, solução para isso porque hoje a gente vê, não é uma visão, é uma realidade, né? Que tu vê que tipo o computador faça parte, mas ajuda, né, no nosso curso, né.

Mas assim, se ele deixa de ver uma nova tecnologia para computador, esse computador já não vai servir e para onde que ele vai? Ele vai realmente para a reciclagem ou ele vai ser jogado em qualquer lugar? Que não vai agredir o meio ambiente, sabe? A natureza, né? Que hoje a gente vê que está bem difícil o negócio.

Já tem, existe muito, mas acho que são de forma que deveriam melhorar mais! Acho que ainda não tem uma solução melhor para melhorar essa parte que a gente precisa melhorar, né? Em relação à tecnologia a gente precisa dela, mas ela precisa também ser cuidada de uma forma.

Legenda (EC5)

Eu vejo sim, que a exploração é grande, mas o consumismo também. E assim, nós temos que ter mais sustentabilidade, né! Aproveitar mais as coisas da natureza. Não querer só tirar!

E controlar os trabalhadores têm uma grande desigualdade, ainda tem, mas se não tiver como colocar ali com o dinheiro, não vai ter emprego mais, tem desde que o mundo é mundo existe, né o senhor Feudal! Então, não tem como!

Mas a questão... a questão é que a gente tem que ter mais emprego, a questão, assim, de melhorar, das pessoas melhorarem a mão de obra é estudar e muitos não querem! as vagas estão aí, as universidades estão sobrando vagas, está faltando alunos. Estão faltando pessoas para a mão de obra ser especializada!

Legenda (EC6)

É muito bom que a gente aprendeu a compostagem, aprendeu como lidar com os produtos e como manusear isso foi maravilhoso!

E vocês trabalham e discutem com os professores as cadeias produtivas como essa natureza é transformada para que isso chegue até vocês?

Legenda (EC6) Sim.

De que forma você percebe isso?

Legenda (EC6) A gente teve várias aulas no início desses meses sobre os produtos, como é que chega, como é que não chega, como lidar, como manusear, como higienizar tudo isso eu gostei bastante.

Legenda (EC7)

Ah, então, a gente tava falando muito nessas últimas aulas da questão dos agrotóxicos, né, toda alimentação que a gente usa na escola e que a gente tenta usar em casa, a gente tenta minimizar. Mas, está bem difícil de achar as coisas sem agrotóxico. E agora, a gente está passando por esse momento da poluição da fumaça, que está trazendo problemas também para saúde. Consequentemente, isso está trazendo problemas para os animais também, para as plantações, né. Então, está ficando cada vez mais difícil para a gente. Isso está dando problema!

Questão 7

Como historicamente as condições de trabalho têm afetado a forma de trabalho para dar conta do desenvolvimento das cadeias produtivas que envolvem a tua atividade e o teu trabalho?

Legenda (EC1)

Entrando nesse assunto, vamos começar primeiro pelo preconceito sobre hierarquias de cores e raças, porque é assim que o ser humano qualifica uns aos outros. Um exemplo, na minha área, que é a cozinha. Então, na minha área da cozinha, primeiro eles vão dar oportunidade para os brancos, acham que os brancos têm direito a ser um masterchef. O preto não tem direito de ser cozinheiro, só um lavador de louça, no caso! Mas só que a qualificação e a especialização, ele está naquele que busca mais. Não é naquele que tem a cor, a pele mais branca, ou a pele mais escura, ou o olho verde, ou o olho preto. Então, a qualificação, ela é mais para quem busca mais, para quem enfrenta ali porque buscar é aprender porque se

esforçar não é fácil!

Então você entende que dentro dessa lógica, as cadeias produtivas, até que chegue teu ponto ali, onde você está trabalhando no dia a dia, têm interferências econômicas, políticas, ideológicas que interferem na produção e no consumo?

Tem, tem muita porque é assim não é só nenhuma... em todas as áreas tem esse tipo de divergência e a gente vai encontrar em todos os lugares. Se a gente não for uma pessoa guerreira, uma pessoa valente, encarar e enfrentar o medo todo mundo tem, mas a gente tem que ir com medo mesmo!

E de que forma o estudo, você está se preparando tecnicamente, teoricamente, te apodera para você lutar e defender o teu direito? De que forma isso colabora?

Eu acho que não. Eu luto com amor e com carisma. Eu acho que essa é a melhor forma de você vencer é com amor e carisma. Não tem outro jeito! Não é passando por cima de ninguém, não é fazendo ninguém de escada, não é tropeçando e nem atropelando. Então, a melhor forma é o amor, é o carisma, é você mostrar para o outro que você consegue vencer lutando com amor e com carinho. Porque esse tipo de coisa vai acontecer em todo lugar. Então, aí você fazendo o que você gosta, o que você ama, você não tem nada que te impeça! Não tem nada, não tem pedra, não tem nada!

Legenda (EP1)

As condições de trabalho têm melhorado, eu não vou negar, melhorou muito. Parece que, a gente acha que faz muito tempo, mas não, são só 50 [137 anos] anos desde a abolição da escravidão por completo. Mas desde então, tem melhorado! A gente tem recebido, não sei se justamente o salário porque cada um tem um salário em específico.

A atividade, talvez, a gente deveria ter mais, como é que eu posso dizer? É, a qualidade de vida dentro do trabalho, às vezes, afeta a gente de alguma forma, porque a gente está sempre sob pressão dentro do trabalho! Então, afeta a gente de alguma forma, e por ser historicamente assim, né? Tipo, trabalhe, trabalhe, trabalhe para você conquistar, e a gente fica cheia!

Mas tu percebes que isso é afetado pelo baixo salário ou pela exploração da empresa para ter mais lucro?

Legenda (EP1) Eu acho que é um pouco dos dois. As empresas estão sempre querendo mais para manter o seu status financeiro no alto! E eu vou ser bem sincera, a empresa que eu trabalho, ela é uma empresa que é multa para os dois lados. É claro que a gente não é a melhor empresa do mundo! Eles tratam a gente como funcionário, mas eles também deixam a gente feliz, por assim dizer, eles tratam a gente bem! A gente tem regalias que em outras

empresas muita gente não tem! Eu posso sair mais cedo se eu quiser e eles visam muito o bem-estar do funcionário!

Então, os nossos salários dentro da empresa são bons, mas eu não posso dizer o mesmo das outras empresas, né? E isso me faz sempre querer ir trabalhar, me faz sempre querer estar lá e fazer e dar o meu melhor, como profissional. Mas eu já trabalhei em outras empresas que não era assim! Então, eu acho que esse meio de como é que eu posso dizer a relação entre patrão e funcionário se for mais leve para os dois lados e se for mais humilde, eu acho que funciona bem! E teria menos insanidade no trabalho por assim dizer!

Legenda (EC2)

Peraí... deixa eu ver aqui por meio da entressafra, né, o ano inteiro a gente não consegue produzir, né, por exemplo, aqui tem produção de maçã, pinhão, né não é o ano inteiro. Quando vem a entressafra, aonde que eu acho que, no caso, prejudica afeta a forma de trabalho.

É só a forma de trabalho que afeta? Afeta economicamente?

Legenda (EC2) Também, economicamente também.

Legenda (EC3)

É, por exemplo, deixa eu ver... a exploração de material sempre teve a exploração de tudo, né, e isso acaba... que faz com que a gente queira trabalhar e as pessoas... quem dá o emprego, no caso, só quer saber de ganhar. Não pensa nessas mediações!

E de que forma tu percebes que isso afeta no teu trabalho na ponta? Você é cobrada? Você é explorada? Tem pressão?

Legenda (EC3) Já trabalhei no lugar onde vou fazer várias funções, assim a gente tem que trabalhar bastante para dar conta de um serviço que nem era da gente. E o resultado tinha que sair bom e não ganhava para isso, né!

E não tinha a questão do adoecimento?

Nem condições físicas de trabalhar, às vezes, tem que trabalhar. Hoje, graças a Deus, estou mais de boa, mas é bastante explorado!

Legenda (EC4)

Como antigamente? O contexto histórico, o sistema feudal, a revolução industrial, como isso afeta? Eu pensei nisso também quando tu falou! Foi muita mudança, né? Então, hoje ainda existe mudança em relação a esses contextos históricos, né? Hoje a gente ainda busca melhorar cada vez mais, né. Então, Acredito que desencadeia em muitas... como é que eu posso te falar...

Tem aspectos positivos e negativos? Mas quais que tu acha relevante nessa discussão?

Legenda (EC4) As relevantes, como é que eu posso te dizer... as relevantes que ajuda muitas pessoas, né? Que são tecnologias que vêm para melhorar o aspecto da vida de algumas pessoas, né?

Mas só de algumas pessoas?

Legenda (EC4) Não, de várias, né! No mundo, né. Não é só algumas pessoas, mas existem tecnologias que é para algumas pessoas, que não alcançam todos, né? Que deveriam alcançar!

E atinge a cadeia produtiva essa lógica?

Legenda (EC4) Todas? Acredito que não.

Mas para a classe trabalhadora, por exemplo?

Legenda (EC4) Para nós trabalhadores? Às vezes atinge de uma forma negativa e às vezes positiva, né.

Legenda (EC5)

Olha, meu grande medo é assim, antigamente o artesão passou para a era industrial, né. Então, ele se tornou um trabalhador. Agora, estamos caminhando para a IA-Inteligência Artificial. Eu acho que vai ter um grande desemprego porque vai aumentar a desigualdade, vai aumentar a fome porque os empregos vão ser substituídos pela Inteligência Artificial.

E como isso vai acontecer?

E não temos como retroceder mais.

E como isso vai interferir no desenvolvimento das cadeias produtivas?

Legenda (EC5) Vai interferir porque... vai sobrar pessoas sem ter colocação no meio de trabalho. Vão fazer o quê?

Isso pode gerar o quê?

Legenda (EC5) Gerar muita fome, muita miséria, né? Mais do que nós já temos!

E na condição de humano, de indivíduo, como isso interfere?

Legenda (EC5) Pessoas frustradas, são pessoas frustradas porque não vão ter trabalho! Não vão ter como preencher o seu nível com serviço. A sua profissão vai estar inativa, né. Não vão ter como trabalhar mais.

Legenda (EC6)

Porque antigamente não se tinha direito, hoje se tem direito de folga, de férias de garantia e o trabalhador tem os seus direitos, né. Então acho que melhorou bastante.

Então essa condição de trabalho não foi afetada pelas condições concretas?

Legenda (EC6) Não. Achei que só melhorou.

Legenda (EC7)

Então, eu acho que afeta esse negócio aí... afeta no meu trabalho porque assim eu trabalho, eu estou fazendo atualmente 10 horas de trabalho por dia. Eu trabalho por quatro pessoas, mas eu ganho por uma só, e aí... lá ainda, se eu ganho por uma! E assim, o meu salário, ele não está compatível com o que está acontecendo fora, né, com o preço da gasolina, com o preço da comida porque tudo a gente paga, o ônibus, a gente paga Uber às vezes para não chegar atrasada no trabalho, para não chegar atrasada na aula. Então, eu acho que o que está afetando lá fora, lá as condições deles, está me afetando também aqui dentro, na minha função trabalhista!

Questão 8

Como historicamente as condições de trabalho afetam a forma de o trabalhador dar conta do desenvolvimento das cadeias produtivas que envolvem o seu trabalho?

Legenda (EC1)

Então, dentro dessa pergunta, a gente vê que tanto nas escolas quanto nos trabalhos, sempre tem as hierarquias, né? Que é a hierarquia que é começar do grande ao menor, né? Sabendo que os menores sempre enfrentando os preconceitos, que é menos salário, mais trabalho, mais abuso, né? E tipo assim o abuso tanto às vezes é psicológico, quanto moral, quanto de trabalho mesmo, né? Abuso sexual!

Então, muitas vezes a pessoa enfrenta e são sérias, né? Não são, se a gente for falar aqui nem dá para contar, né? Quantos tipos de diminuição que o pequeno tem, né? Então, isso aí o ser humano, ele enfrenta no dia a dia, todos os dias, né? E nós sabemos também sobre esses trabalhos de escravos que às vezes eu até falo para minhas filhas, né que a gente tem que tomar cuidado onde a gente compra as coisas porque, às vezes, está vindo de trabalho escravo, né?

Estão vindo as coisas tão baratinhas, às vezes a gente nem sabe de onde que está vindo essas coisas, se é de um trabalho escravo, que às vezes uma pessoa está lá sofrendo, está cativa, né? Então, a gente enfrenta todos os dias esse tipo de situação, né? Que o ser humano está vivendo nos últimos tempos.

Legenda (EP1)

É, eu vou continuar falando do meu trabalho, que eu sei exatamente do que eu estou falando! É, ali, no meu trabalho, eles focam muito no bem-estar dos funcionários. É lógico que eles não vão te pagar um salário exorbitante! Mas eles focam em te deixar bem. Então, a gente

sempre tem conversas, separadamente com os nossos chefes, e conversas quase que psicólogas com eles! É para gente falar sobre o que a gente acha, o que a gente pode e o que eles podem melhorar!

É, eu acho muito legal que todos os meses alguém da empresa faz aniversário. Então, eles tiram meia hora do final do nosso período de trabalho para fazer um aniversário para essas pessoas do mês! É, então, sempre tem uma festinha pelo menos uma vez no mês, é para não deixar passar para aquele funcionário. Então, eu acho isso muito legal!

E eles não botam competição, a gente não tem uma competitividade entre as equipes. Somos divididos em seis equipes, desculpa, em três equipes, e a gente não tem competitividade! A gente trabalha em equipe, literalmente, um ajudando o outro.

E dentro da sua empresa tem convênios com outras empresas que falam da questão do desenvolvimento das cadeias produtivas? Você percebe que mantém a mesma relação? Ou há diferença?

Legenda (EP1) Mantêm a mesma relação! A gente tem mais é relação ativa com o escritório de Curitiba. E lá eles são bem parecidos com o que a gente trata. A diferença é que na empresa onde eu trabalho tem umas cinquenta pessoas! Talvez um pouco mais, nunca parei pra contar.

É, mas no escritório de Curitiba eles devem ter umas doze pessoas e essas pessoas trabalham totalmente em conjunto! Para... é, fazer com que todo mundo se ajude e ajude a empresa favorecendo os dois lados. E eu acho isso muito legal! Porque faz com que a gente queira estar lá e trabalhar lá! Claro que uma vez ou outra a gente tem umas desavenças até mesmo com os donos da empresa porque eles estão sempre lá. Mas no final a gente conversa e resolve e está tudo certo!

Legenda (EC2)

Afeta, sim! Afeta na baixa remuneração de salário, entendeu, afeta muito, né! E também, assim, no caso, a gente fazer horas extras também, entendeu. Porque, às vezes, tem trabalho que, assim, no caso é difícil a gente ver um trabalho assim, de cozinha, que eles não vão pegar e remunerar além da conta. Tem um limite, né, então nem sei o que eu digo que realmente afeta.

Mas os trabalhadores recebem condições justas, corretas, a nível de legislação, em condições de trabalho ou eles são explorados de diversas formas?

Legenda (EC2) Alguns lugares são explorados de diversas formas porque assim você vai

trabalhar numa profissão daqui a pouco você limpa banheiro, limpa o chão e limpa a cozinha, tudo bem, entendeu! Mas, às vezes, está desviando, né a função.

Legenda (EC3)

Então, eu acho que, assim, eu acho que é muito importante aprender em tudo!

Legenda (EC4)

Porque assim, a tecnologia ela te ajuda e também ela tira de ti também. Ela tira teu emprego muitas das vezes, né. E financeiramente muda muita coisa, né, não hoje em dia, se tu não tiver bem informada ou ter estudos e ter um curso de informática, por exemplo, é muito mais difícil. Porque hoje em dia os empregos, a maioria te exige isso e tem muitas pessoas que não alcançam, não chega a ter esse acesso, né!

Então, tanto a área rural como a área urbana é necessário porque até mesmo na área rural, hoje em dia, tu vê que a tecnologia também é forte, né? Tu encontra muito ainda mais quem tem usado os negócios, tu sabe que precisa de tecnologia, né. Então, a mão de obra muitas vezes está bem escassa nessa parte, né.

E na área urbana?

Legenda (EC4) Na área urbana também tem algumas dificuldades porque mesmo tu morando numa área urbana, muitas vezes tu não tens a oportunidade de alcançar algumas qualificações, né então, é isso.

Legenda (EC5)

Através das grandes máquinas que fazem serviço de vários homens. E assim, com isso, no meio rural, gera grande desemprego. E é onde que está afetando é que nós estamos vivendo uma grande miséria. Muitos desempregados na rua, sem teto, abandonam a sua família porque não tem como levar nenhum sustento. E pessoas que como é que vai estudar? Você não tem nenhum lar, não tem família. Aí elas se drogam e acabam se matando. E o número está sendo muito grande!

E na cidade a questão da tecnologia nas fábricas e no comércio isso interfere também?

Legenda (EC5) Com grande desemprego, grande desemprego também porque as fábricas estão substituindo a mão de obra humana por máquinas.

E de que forma que tu percebes que isso vai afetar o teu trabalho?

Legenda (EC5) O meu trabalho? Porque se as pessoas não têm emprego, não tem como comprar nada. E isso vai afetar bastante! Vai ser uma grande competição porque se você tem uma fábrica que produz bolos em grande escala, como eu vou competir com eles com preço e com prazo de entrega? Não tem como competir!

Legenda (EC6)

Se cada trabalhador cumprir o seu horário e fazer só tem a melhorar a empresa e a pessoa.

Você entende que as condições de trabalho não afetam o trabalhador para que ele dê conta desse desenvolvimento? Ele está cumprindo o horário?

Legenda (EC6) Tendo os seus direitos.

E se não tem os direitos?

Legenda (EC6) Aí é trabalho escravo. Aí tem que buscar.

E eles recebem salários condizentes com que eles trabalham?

Legenda (EC6) Eu acho que sim, hoje sim, mas essas pessoas que trabalham na parte do escravo não, eles estão descobrindo e aí eles saem do trabalho escravo e procuram os seus direitos.

E as legislações trabalhistas estão dando condições para que esse trabalhador desenvolva o seu trabalho?

Legenda (EC6) Sim.

Legenda (EC7)

Então, eu acho que afeta dessa maneira, de tipo, eu ganhar menos e eu poder me proporcionar e proporcionar para minha família melhores condições de saúde, melhores condições financeiras para fazer uma coisa fora de escola, tipo, uma natação, um futebol para o meu filho, inglês. Eu não consigo pagar uma fisioterapia, que eu estou precisando há alguns anos já, estou na fila do SUS. Não consigo fazer um pilates que é bom para a coluna. Não consigo fazer algum esporte, não só pela condição de salário, mas pela condição de tempo.

Porque, assim, eu trabalho das oito da manhã às seis da tarde. Eu saio correndo do trabalho para vir para aula. E aí, eu saio da aula e chego em casa às dez e meia da noite. Então, é tudo muito corrido! Então, eu acho que uma coisa está ligada à outra.

Questão 9

Você considera que os conhecimentos teóricos e práticos promovem uma formação mais focada para a prática profissional e/ou também contribui para a progressão nos estudos?

Legenda (EC1)

Eu considero que os dois, tanto a prática quanto o teórico, né. A prática ela serve para a

prática mesmo. Na hora que a gente for praticar ali, seja qual for a função da pessoa que na hora que ela for praticar, ela está com a experiência e saber, né o caminho aonde ela vai fazer a coisa certa a teórica ela também é importante. Tanto para os estudos, quanto para os pedidos, né? Quanto no diálogo então, as teóricas também é muito importante! Então, acho que os dois casam é um casamento teórico e prático, elas andam juntas.

E ela está te dando condições de você pensar na progressão dos estudos? De fazer um vestibular, depois fazer uma especialização e fazer um concurso público?

Legenda (EC1) Sim. Percebo isso! Sim, nossa, ela está abrindo um leque, né? Então, ela abrindo minha mente está abrindo tudo em relação... até me ensinando o caminho que eu devo seguir. Então, essas duas, a prática e a teórica, elas abrem uma estrada, um caminho e falam o que você tem que seguir.

Agora, na minha mente é a certeza do que eu já queria fazer, que é a nutrição. Então, o meu sonho é fazer nutrição! E agora a teórica e a prática, ela abriu isso na minha mente e me deu a certeza de que eu preciso fazer nutrição.

Legenda (EP1)

Eu acho que dos dois modos! Ensina muito à gente, a gente aprende muita coisa na aula prática que a gente vai levar para vida. São técnicas muito importantes que a gente consegue replicar e crescer no mercado de trabalho, dentro da área, tudo que eles ensinam para gente é para gente crescer dentro da área! Então todas as aulas teóricas e aulas práticas nos influenciam nesse ponto. A gente, se a gente for se especializar ou mesmo fazer uma faculdade, um mestrado, um doutorado nessa área, tudo que a gente aprendeu agora a gente consegue replicar, né, a gente consegue manter!

Legenda (EC2)

Contribui dos dois lados, vice-versa, entendeu, tanto no lado profissional quanto no lado pessoal. Como também no lado educacional também.

O conhecimento que você está tendo, você se sente segura para fazer um vestibular, fazer uma faculdade e depois fazer um concurso público?

Legenda (EC2) Sim, depende de cada um, sabe. Depende daquele que se esforça e busca, entendeu assim, vontade, energia, força de fazer porque não adianta você ser inteligente ou ter tudo em mão e não executar nada aí fica estacionado!

Legenda (EC3)

É, eu acho que elas promovem uma formação mais focada porque a gente aprende coisas novas e também faz com que a gente tenha mais vontade de continuar estudando. Porque na

verdade eu não sabia se eu ia fazer cozinha, né? Eu vim aqui para estudar e...

O teu foco era o ensino médio?

Legenda (EC3) Meu foco era o ensino médio, só terminar o ensino médio para tentar, talvez, uma faculdade mais tarde e aí, a cozinha, no caso, me encaminhou para um caminho diferente. Tanto que agora eu também já estou trabalhando na cozinha, né.

Mas o que você está aprendendo no nível teórico te dá essa base para você?

Legenda (EC3) Dá, dá uma base boa porque a gente aprende como lidar com o material que a gente tem na cozinha, com tudo isso!

E te dá segurança para fazer uma faculdade?

Legenda (EC3) Isso. Sim, dá segurança porque, querendo ou não, a intenção era só fazer o terceiro, o ensino médio, no caso, e tentar uma faculdade. Mas agora já estou vendo que tem...

Tem outras perspectivas?

Legenda (EC3) Tem outras perspectivas também para frente.

Legenda (EC4)

Considero porque o teórico te faz ter conhecimento de onde também tu precisa ter esse conhecimento teórico para aplicar no prático. Porque o prático muitas vezes não é o que tu quer, muitas vezes eu tinha o prático em casa, sabe? Eu tinha a praticidade de saber cozinhar, mas eu não tinha o teórico que me faz chegar na técnica da cozinha do que é conhecer ou saber cozinhar. Eu sabia cozinhar! mas eu não sabia as técnicas da cozinha.

Então, tu aprendes também no teórico, né tipo, o nosso curso primeiras aulas que tivemos foi higiene então, tipo assim, muitas das vezes nós achamos que estamos fazendo certo, né? Mas não estamos! Mas foi teórico, né, tu aprende ali o teórico para te levar para a prática. Então, as duas elas se consolidam, né então, é muito importante.

E esse processo contribui para você pensar na progressão dos estudos em dar continuidade?

Legenda (EC4) Sim. Contribui! Contribui bastante. Mas não sei se eu vou seguir nessa área da gastronomia em si, né? Eu posso seguir em outra área né para ter todo esse conhecimento.

Esse conhecimento te dá aquela bagagem para você seguir em qualquer área?

Legenda (EC4) Sim, me dá sim, com certeza. Trabalhar em outra área tipo ser uma nutricionista. Eu tenho várias áreas que eu posso seguir, tipo assim... a gente tem vários conhecimentos teóricos. Nós temos educação física, por exemplo, entendeu. Então nós temos várias áreas que a gente pode seguir, tá. Inclusive, eu gostei muito da sustentabilidade,

entendeu tipo... assim, então, foram várias áreas assim que a gente pode seguir, além da técnica de cozinha.

Legenda (EC5)

Eu me tornei uma pessoa melhor com os conhecimentos, coisas que eu não enxergava hoje eu enxergo! E também na vida profissional coisas que eu não sabia e hoje eu tenho conhecimento delas.

E você percebe que essa formação teórica e as aulas práticas te dão condições de você ter mais foco para a vida profissional? Ou você acha que isso também contribui, por exemplo, de você fazer uma faculdade? Fazer especialização? Ou fazer um concurso público? Você percebe essa progressão para os estudos?

Legenda (EC5) Olha para a profissão sim. Agora a faculdade eu não vou fazer por opção minha. Eu vou fazer um curso técnico de panificação que vai elevar melhor o meu conhecimento na minha área. Porque não adianta eu fazer uma gastronomia que é mais administrativa. Então eu vou partir para o técnico.

Entendi! Mas você percebe que esse conhecimento teórico para a progressão, para quem quer dar continuidade é suficiente?

Legenda (EC5) Consegue sim! Com vontade, estudando além daqui também, fazendo umas pesquisas, consegue!

Legenda (EC6)

Com certeza.

Em que sentido?

Legenda (EC6) Quando você busca conhecimento e estudo você só tende a crescer na sua profissão.

Mas esse curso sendo formação técnica ele te dá condições de você ser um excelente profissional pelo que eu tenho ouvido dos estudantes dentro da cozinha. Agora, o conhecimento teórico associado às práticas que vocês têm ali nos laboratórios de desenvolver esse trabalho, eles contribuem para que você vá para a universidade?

Legenda (EC6) Com certeza.

Que você pensa no vestibular? Que você pensa em concurso público ou em especialização?

Com certeza.

Você acha que a formação que o IFSC está dando, colabora para a progressão nos estudos?

Legenda (EC6) Não, as condições que o IFSC dá, não dá condições de eu entrar na universidade. Eu tenho que estudar em casa, fazer cursinho, fazer outras coisas, o curso que eu saí do Proeja eu não saio preparada para fazer um vestibular.

Mas por que tu acha pela questão do tempo? Pela questão dos conteúdos serem mais técnicos?

Legenda (EC6) O conteúdo mais... ele é mais, como é que eu vou te dizer é superficial não é profundo como se eu tivesse feito um segundo grau.

Mas o que tu acha que provoca essa superficialidade?

Legenda (EC6) Acho que por falta de tempo.

E os professores dentro desse tempo curto eles tentam ao máximo dar esses conteúdos ou ele é muito curto também com os professores?

Legenda (EC6) Eu acho que o Proeja se não fosse como ele dá as pessoas não conseguiriam ir para frente por estar muito tempo fora do colégio. Tem que ser assim!

Então isso interfere também?

Legenda (EC6) Interfere bastante.

O fato das pessoas estarem muito tempo fora do ensino interfere nesse processo?

Legenda (EC6) As pessoas que fazem o Proeja ficaram muito tempo sem estudar se eles vêm dar um conteúdo muito forte, então tem que ser como está, senão a gente não consegue chegar lá na frente.

Mas ele te dá um direcionamento para você pensar na perspectiva de fazer uma universidade, por exemplo?

Legenda (EC6) Com certeza. É mais ou menos! Eu tenho que fazer um curso, estudar muito para conseguir. O conteúdo que eu tenho aqui não me forma uma pessoa para eu fazer um estudo lá eu tenho que correr atrás senão não vai!

Legenda (EC7)

Então, eu acho que sim, eu quero mudar de emprego, eu quero fazer um curso superior, se Deus quiser! E eu acho bem importante, assim, as aulas práticas, as aulas teóricas, elas estão contribuindo bastante para isso porque está abrindo a minha cabeça. Assim, só o fato de vir para escola, de ter novos conhecimentos e tal já ajuda bastante!

Questão 10

De que forma a pesquisa é trabalhada nas aulas para você aprender a identificar problemas sociais e ou profissionais buscando soluções para transformar a realidade?

Legenda (EC1)

Então, eu acho que a pesquisa para mim ela é muito importante tanto para mim, para o meu pessoal, né? Para identificar onde eu preciso acertar e onde eu estou errada, né? Então acho que isso aí é bem importante e poder também, né? Olhar o que está à minha volta. Ajudar a plantar uma sementinha eu falo que não é dar, é plantar, né? Quando a gente está ali ajudando o próximo, se doando, a gente está semeando. Então, isso aí e faz a gente semear uma sementinha para que a gente venha ver aquela sementinha crescer e florescer.

E os professores pedem pesquisa com frequência para vocês?

Legenda (EC1) Sempre pedem, a maioria.

Mais voltado para relacionar teoria prática ou mais voltado para a questão da parte técnica?

Legenda (EC1) Dos dois, tanto a parte técnica quanto a parte teórica. A gente sempre está pesquisando. Sim eles fazem os dois quando nós estamos na sala de aula, a gente tem aquele momento de saber como que foi a criação do prato, de onde que o prato veio, de que forma que ele foi criado porque que ele foi criado. Um exemplo, o salmão, de que forma que o salmão, como que o salmão nasce, como que ele vive no mar, qual é o alimento do salmão. Então, é o que a gente aprende na sala de aula, que é a parte teórica.

E quando nós vamos para a parte prática, ali ele explica como limpar o salmão, como porcionar o salmão, que partes que nós vamos usar, se bem que o salmão não se perde nada, tudo se aproveita só os espinhos, né, que é descartado. Mesmo assim, tem pessoas que fazem um pirão, depois peneira, mas não descarta nada. Então, é que nem eu falei, é um casamento. Então, eles explicam tanto na parte teórica, quanto na parte prática.

Legenda (AP1)

Mas eu vou ser bem sincera a gente nunca vi sobre esse assunto em específico...

A pesquisa?

Legenda (AP1) A gente nunca viu sobre pesquisas e coisas porque é uma unidade curricular curta, por assim dizer. Sem o EJA a unidade curricular só tem um ano. Todas as unidades de do curso visam mais as técnicas de produção em grande escala e como fazer isso bem e deixar tudo bem gostoso! Mas não fala sobre, como é que é o nome?

A pesquisa para identificar problemas ou profissionais para buscar transformar a realidade? Nem nas aulas teóricas?

Legenda (AP1) Nem nas aulas teóricas! Eles não falam sobre isso, que tenha coisas que a gente pode melhorar tanto dentro da sala de aula quanto no trabalho futuro. Mas infelizmente eles não ensinam isso para a gente!

Legenda (AC2)

Olha no caso eu já muitas vezes assim, né... no caso eu não deixava a aula correr. Ou então talvez até não prestava atenção na aula, né? E dessa vez eu entrei em sala de forma diferente. Eu abracei o técnico de cozinha, o Proeja. Estou fazendo ele... e tudo, assim, eu pesquiso, procuro ler e estar bem informada.

E os professores passam bastante pesquisa?

Legenda (AC2) Passam bastante pesquisa também, entendeu!

E problematizam os problemas sociais?

Legenda (AC2) Não é um curso assim fácil, eu não acho fácil, né! Tem muita gente que acha fácil, mas eu não acho assim tão fácil, entendeu porque tem bastante conteúdo. Entendeu? E eu no início pensei até em desistir, né. Mas depois eu consegui força bastante para continuar. Eu falei assim, eu não vou desistir, eu vou terminar.

E a pesquisa te ajudou?

Legenda (AC2) Ajudou bastante.

As percepções da vida?

Sim.

Da vida profissional?

Legenda (AC2) Também.

Dos problemas sociais?

Legenda (AC2) Tanto é que eu quero fazer o ENEM. Entendeu!

Legenda (EC3)

De que forma a pesquisa é trabalhada? Vou deixar aqui, deixa eu ver ...

Em cada disciplina, você aplica a pesquisa?

Legenda (EC3) Sim, a gente pesquisa no caso, fazemos todas as matérias básicas. Mas, para cozinhar tem que fazer uma pesquisa primeiro. Tem que aprender, no caso, buscar saber a respeito e depois colocar em prática.

E dentro desta pesquisa, vocês percebem os problemas e as possíveis soluções para o que vocês estão pesquisando?

Sim, bastante.

Legenda (EC4)

Dentro do curso, por exemplo, nós fazemos muita pesquisa, mas fizemos pesquisas boas, assim, sabe. Inclusive agora a gente vai fazer umas também, mas na área da técnica de cozinha, né! Então, elas são muito importantes, sabe porque através delas também vai ter muito conhecimento.

As disciplinas teóricas e as práticas estimulam vocês a utilizarem da pesquisa no cotidiano de vocês?

Legenda (EC4) estimulam, sim! Muitas das vezes eu, mesmo não estando em sala de aula, eu vou buscar, vou buscar mais conhecimento. Tipo, Ah, eu quero conhecer outros pratos para fazer, eu vou através...eu lembro assim, ah, eu estudei isso, então eu vou lá, eu vou buscar conhecimento através disso, sabe! Até geograficamente, né, nosso curso, ele não só abrange a parte da gastronomia, mas nas gastronomias regionais e internacionais, porque tu conheces geograficamente as gastronomias. Tipo, agora nós estamos na cozinha francesa, agora nós vamos estudar sobre a França, Itália, entendeu? Então, todas aquelas regiões, mas é geograficamente, te dá amplos conhecimentos, sabe é muito bom!

Legenda (EC5)

Levando o nosso conhecer a outras culturas, as regiões do Brasil e as suas culturas. Como usar os seus temperos, os seus produtos, como vivem pessoas de outras regiões, as dificuldades que eles enfrentam também! E em outros países também que também tem grandes dificuldades!

E com esses levantamentos de pesquisas você consegue pensar que é possível encontrar soluções para transformar a tua realidade local ou a realidade a qual está discutida como um todo?

Legenda (EC5) Sim, consegue sim! Porque a gente consegue enxergar os problemas das pessoas, né? Através das pesquisas que nós fizemos. Tem solução!

Legenda (EC6)

Acho que não incentivam na sala de aula, na cozinha, nas aulas de cozinha não incentivam a gente a pesquisar sobre aqueles produtos, sobre isso deveria incentivar mais.

E você dentro dessa dinâmica você por conta própria você se anima a fazer pesquisas?

Legenda (EC6) Com certeza.

E do que mais dentro da pesquisa que você tem interesse que você faz?

Legenda (EC6) Como eu estou buscando uma profissão diferente eu vou para outros lados que não tem nada a ver com o que eu faço hoje.

Legenda (EC7)

As pesquisas, elas ajudam bastante a gente, assim, a entender como as coisas acontecem e a procurar, como é que eu vou te dizer, procurar soluções para alguns problemas, né! Tipo, a gente fala muito sobre os produtos agrotóxicos, o que a gente pode fazer para melhorar a nossa alimentação sem os agrotóxicos.

A gente consegue fazer alguma coisa em casa, uma plantaçãozinha, mesmo que seja pequena. Mas tu conseguir fazer uma alface, uma cebolinha na tua casa, que seja, isso já diminui o uso do agrotóxico, já melhora para tua saúde. Se tu conseguir falar com outras pessoas e também tem a questão de tu conversar sobre política, né, a fulano gosta de um certo político, outro gosta de um certo político. Tá! Vamos ver quem realmente tem razão, quem não tem, vamos dialogar, a gente dialoga muito em sala de aula para chegar a um consenso!

E os professores eles pedem pesquisas com frequência?

Legenda (EC7) Pedem. Pedem pesquisas com bastante frequência, a gente já fez de escritores, pintores, a gente já fez sobre restaurantes. Então, assim, não consigo detalhar todas agora, mas a gente já fez algumas!

Questão 11

Como os professores associam a formação geral e profissional nos conteúdos teóricos e práticos?

Legenda (EC1)

Eu entendo assim que a formação teórica, geral e profissional dos conteúdos das aulas práticas e teóricas elas contribuem assim... para melhorar o nosso conhecimento e a qualidade de ensino né, porque a gente tem as aulas teóricas na sala de aula e nós temos as aulas práticas no laboratório. Então isso faz com que a gente fique cada dia mais né, experiente naquilo que a gente aprende na teoria. Então a gente vai para a prática os professores estimulam né essa participação da gente em estar sempre em grupos né, sempre estudando em grupo, sempre praticando em grupos né, então eles estimulam a gente com estudos, com seminários, então isso é muito importante né, para o nosso aprendizado!

Legenda (EP1)

A gente teve aulas de [...] com a professora e a gente usa muito a[...] na hora de fazer um

produto da área, por exemplo! Tudo é milimetricamente medido para que a gente está aprendendo para sair e fazer o padronizado, que eles chamam! A nossa professora, ela, às vezes, a gente brinca falando que ela acha que é professora de [...] e não da área técnica porque a nossa professora de[...] ensinou uma técnica para gente fazer esses [...] que tornassem mais fácil para gente memorizar! E a gente fazer o [...] o mais rápido possível sem precisar usar a caneta. E quando a gente foi começar essas aulas que a gente foi usar esse método, ela começou a ensinar para gente um método diferente de fazer o [...] e foi muito engraçado porque todo mundo tirou zero na prova!

Por que ela queria que fizesse usando o [...] dela e ninguém conseguia fazer! Mas, é... foi engraçado! Mas depois ela entendeu que ela não era professora de [...] e daí a gente alinhou com ela, inclusive a gente ajustou um horário para ela e a nossa professora de [...] conversar e entender a forma mais fácil de ensinar a gente a não errar!

E nas outras disciplinas tem essa possibilidade dessas relações? De os professores teóricos e práticos discutirem e facilitarem o aprendizado para vocês?

Legenda (EP1) Nas outras disciplinas não tem tanto conjunto de ideias, de relações teóricas e práticas. Não tem muito disso! Mas, em específico, a [...] está em todo lugar então depois que a gente conseguiu alinhar, todo mundo foi super bem! E a gente conseguiu dar continuidade sem extrapolar nada!

Legenda (EC2)

Associa de forma brilhante, fantástica, são os grandes profissionais realmente entendeu. Eu assim... eu estou admirada aqui no IFSC pelos professores, né, pelos profissionais do curso.

Legenda (EC3)

Ah deixa eu ver! Primeiro, eles explicam para a gente como tem que ser feito para a gente poder fazer o prático e eles vêem se a gente está fazendo o correto ou não. Senão, eles vão dar uma explicadinha, falam direitinho, tem que ser assim, é por isso, por isso, por isso!

Mas eles pedem para vocês fazerem pesquisas, trabalhos que relacionem essa questão teórica e prática?

Legenda (EC3) Sim.

Do que vocês estão aprendendo?

Legenda (EC3) Bastante, várias vezes, por exemplo, agora começamos o Projeto 3, estamos fazendo justamente, a gente vai trabalhar com cargas, então a gente primeiro está pesquisando, está estudando a respeito para depois ir para a cozinha praticar. Estamos bem nesse momento agora mesmo!

Legenda (EC4)

A associação? A associação sim, os teóricos e os práticos com uma base de conhecimento bem dentro... focando dentro como eu te falei antes, da região gastronômica, sabe? Então, é bem, é bem, tem uma palavrinha que fugiu da minha mente...

Mediação? Relação teoria-prática?

Legenda (EC4) É bem essa relação, sabe! A teoria, ela é muito, ela tem muito a ver com a prática, sabe por que ela vai te dar o teórico em cima daquilo que tu vai praticar na cozinha. Era essa a palavra.

Legenda (EC5)

Eles nos passam as técnicas deles, o conhecimento que eles tiveram, né. O conhecimento de vida que eles já tiveram e assim eles vão relacionando o que pode ser solucionado, o que pode ser substituído. Então eles têm muito conhecimento a passar!

E quando são as aulas práticas, os professores trazem exemplos do conhecimento teórico para vocês fazerem essas relações?

Legenda (EC5) Sim, trazem.

De que forma?

Legenda (EC5) Elas relacionam uma receita de uma região para outra, né. O que pode ser usado, o que são parecidos, o que pode ser substituído ou não, então eles trazem bastante conhecimento!

Legenda (EC6)

Nesse sentido, na aula prática deveria acrescentar mais, aprofundar mais para aulas teóricas do conhecimento sobre o alimento.

E a formação geral eles trabalham e abordam essa questão teórica e prática dentro das disciplinas?

Legenda (EC6) Também pouco isso.

E quais disciplinas mais trabalham? Quais disciplinas você lembra que fazem esse trabalho?

Legenda (EC6) Eu acho que nutrição, biologia, matemática e cozinha, mas a cozinha é pouco, né!

Legenda (EC7)

Então, a gente faz essas discussões, os professores conversam com a gente, explicam onde é que a gente pode buscar essa técnica, com o que eles aprenderam, para onde a gente pode levar isso, para onde a gente vai. Tipo, a gente teve aula de higiene e manipulação e a gente

aprendeu bastante coisa, assim como higienizar tal produto. Se o agrotóxico realmente sai do alimento ou não sai? O que é bom para higienizar, o que tu pode usar e cuidar com a saúde.

Doenças, por exemplo, que eu nem sabia que existia através da alimentação. Eu descobri então que é bem importante assim e a gente leva isso para o dia a dia, né! Explicar para a minha patroa, por exemplo, ela é uma pessoa estudada e, às vezes, eu falo umas coisas para ela que ela fala, ah, eu não sabia disso! Estou sabendo agora! Então, é bem importante!

Questão 12

Quais as dificuldades mais comuns interferem para que você não dê conta da aprendizagem do seu curso?

Legenda (EC1)

Então, são uma série eu vou falar algumas, mas não vai, se eu falar todas, nós vamos passar a tarde inteira aqui. Mas, uma das dificuldades é porque eu cuido dos meus netos. Então, aí tem aquela história cuido, aí tenho que trabalhar para manter a casa, aí não é só manter a casa, tem que limpar a casa, tem que lavar a roupa, tem que fazer comida, tem, então, são umas séries, como eu falei! Então, isso aí acaba dificultando que nem nós estávamos falando eu estudo de teimosa porque se eu não fosse, se eu não teimosa, né, eu não estaria estudando. Eu estudo de teimosa porque eu gosto, né, então, isso aí acaba dificultando.

E as políticas públicas, se tivesse mais acesso, facilitaria o teu processo de aprendizagem, se você tivesse acesso ao que institucionalmente, o que está previsto na Constituição, se você tivesse acesso a tudo isso?

Sim, se eles cumprissem, né, não dificultasse porque eles dificultam, né, todos os acessos que a gente tem para receber o que é do brasileiro por direito! Mas, como eles dificultam para a pessoa não receber, que a pessoa aí acaba desistindo, né, então isso dificulta, sim!

Legenda (EP1)

Dificuldades mais pessoais, não em questão do curso, não em questão dos professores! Eles são todos bem flexíveis e têm os seus horários de atendimento. Então, nesse ponto a gente não tem muita dificuldade.

Eu acho que a maior dificuldade da gente como mãe é o fato da gente não ter com quem deixar o filho e não poder trazer para a aula. E o que acontece muito é de a gente acabar desistindo! Ou a gente reprovar em alguma matéria porque a gente não pode trazer para escola porque tira a concentração do professor e dos outros colegas. E não pode deixar as pessoas em

casa e não tem com quem deixar! Ser mãe solo é isso, às vezes a gente não tem uma rede de apoio!

Então, a maior dificuldade da gente em dar continuidade no curso é o fato de não ter um apoio!

E dentro dessa relação que você está colocando você percebe que isso interfere de forma direta na forma de você construir esse conhecimento?

Legenda (EP1) Às vezes sim porque a gente fica preocupada com o que a gente vai aprender e com quem a gente está deixando em casa! Então se mistura muito no emocional e a gente acaba se dispersando. E acaba não conseguindo absorver tudo que a gente precisava, mas aí entra a flexibilidade dos professores eles dão essa disponibilidade de horário para estar conversando e tirando dúvidas. O que é muito bom!

Legenda (EP1) E tu consegues fazer isso?

Às vezes sim! Muitas das vezes não, mas às vezes eu consigo! Eles também têm atendimento quando a gente não consegue vir. A gente manda dúvidas tanto por e-mail, via WhatsApp.

Como eu era líder de turma. Eu ainda consigo contato com os professores. Então, quando eu tenho alguma dúvida eu mando direto no WhatsApp e se eles me respondem para mim é muito mais fácil do que eu vir aqui!

Legenda (EC2)

Olha, acho que nenhuma. Entendeu!

E. Cansaço ou falta de tempo?

Legenda (EC2) Eu acho que nenhuma não! Sabe o que acontece quando você gosta do que está fazendo você não vai sentir cansaço. Eu estou na cozinha, estou fazendo o curso, a mesma coisa de estar jogando videogame, entendeu! Eu estou tendo prazer, vontade de terminar esse curso né. Então, por isso que eu estou dizendo que eu não tenho essa dificuldade para mim não está e não tem!

Legenda (EC3)

O que mais eu acho que é, às vezes, entender mesmo porque apesar de que é fácil, tem muitas vezes que a gente está tão, como posso dizer, carregado, cansado, que a gente acaba não pegando de imediato o que está sendo passado!

Então, o fato de trabalhar o dia todo e chegar cansada e ser um curso noturno interfere no aprendizado?

Legenda (EC3) Bastante, bastante, mas é devido ao cansaço. Eu acho que, no meu caso, esse é um dos maiores problemas. Às vezes eu estou ali assim, cansada, mas eu tento, depois eu

paro, penso, repenso, a respeito, depois eu vou. Isso é bem...

Legenda (EC4)

Olha, as dificuldades para mim elas são poucas. Só aquelas que eu te comentei lá naquelas perguntas que são as de cansaço físico mesmo porque eu trabalho, eu estudo e cuido de casa. Então, é a única dificuldade mesmo que eu tenho, mas que eu gosto muito de estudar!

Legenda (EC5)

É a falta de empatia entre os colegas eles não querem se unir com alguns outros. Formam panelinhas, sabe... grupinhos e não querem ir com outros. E isso se torna muito difícil! Às vezes tem pessoas que têm problemas e eles não querem ajudar.

E de que forma isso interfere na tua aprendizagem?

Legenda (EC5) Isso interfere porque tu vê que tu tem que dividir, né. Tem que se relacionar bem com as pessoas. E tira atenção com isso!

E você já passou para a coordenação essas questões?

Legenda (EC5) Já.

Problematizado?

Legenda (EC5) Já, já passou.

Conselho de classe?

Legenda (EC5) Já passou o conselho de classe muito bom.

Legenda (EC6)

É a computação. Eu tenho que ir atrás de curso para aprender mais isso que eu tive mais dificuldade aqui.

Então a questão da tecnologia interfere na tua aprendizagem?

Legenda (EC6) Foi seis meses, mas foi muito pouco porque a gente só aprendeu a fazer um trabalho. Então eu acho que eu tenho que correr atrás para aprender.

E a questão do tempo não interfere?

Legenda (EC6) Não.

Cansaço já que você trabalha?

Legenda (EC6) Não

Então dentro de sala de aula e quando você está em casa estudando você consegue assimilar de forma tranquila essa aprendizagem tanto teórica como prática?

Legenda (EC6) Quando eu não consigo assimilar eu vou para a sala de aula pergunto dez vezes, peço ajuda para os meus amigos, é assim que eu faço.

E com os professores?

Legenda (EC6) Com os professores também faço muita pergunta, sou bastante presente na sala de aula.

Legenda (EC7)

Principalmente o trabalho porque, às vezes, a gente cansa muito! Se estressa muito e aí tu fica com a cabeça meio cheia. E, no geral, no contexto, a saúde. Tanto minha quanto do meu filho, assim eu peguei dengue esse ano, eu tive uma infecção urinária, então essas questões afastam um pouco porque de resto eu tiro de letra!

Questão 13

Como você descreve a Assistência Estudantil na sua instituição? Você procura esse serviço quando apresenta dificuldades pessoais e familiares que possam interferir na aprendizagem?

Legenda (EC1)

Eu procuro assim, quando é que nem esse dia, né, eu precisei de um uniforme, aí eu fui lá e eu falei com a pedagoga, ela me deu o uniforme, né, então, em relação a isso. Mas em relação aos meus problemas pessoais não, falei com a assistente social né, falei sobre o benefício porque eu tive umas faltas e cortou o meu benefício, aí eu fui lá e ela me pagou essa semana e eu comprei leite para o meu neto, então. Elas são muito assim, não tem que falar delas, elas são muito legais, né! Na hora que eu preciso, elas me orientam, mas assim, nem sabia que tinha essa orientação pessoal se eu precisar, mas aí, é que nem do passe, elas mandaram eu ir no CRAS, né, mas elas são bem atenciosas, quando a gente precisa até a coordenadora também eu não tenho nada a reclamar, assim, só tenho a agradecer elas porque elas são anjos na minha vida, sabe!

Legenda (EP1)

Eu já procurei algumas vezes as meninas da Assistência Estudantil tanto para conversar sobre que foi a vez que eu não pude trazer o meu filho. Eu expliquei para elas a situação e elas entenderam e foi meio mútuo o resultado! Mas o fato de elas estarem dispostas a ajudar, influencia muito e elas têm uma flexibilidade.

E elas orientam muito e isso é muito importante! A orientação para a gente é muito importante.

E quando você foi líder da turma você quando viu os colegas com situações similares indicava e falava sobre Assistência Estudantil?

Legenda (EP1) Quando eu estava como líder de turma eu sempre conversava com os alunos a respeito, se eles estavam tendo algum problema eu tentava conversar e resolver ali! Se por um acaso não desse para resolver, aí sim, a gente passava para as professoras que agora é coordenadora do curso para daí sim, passar para a Assistência Estudantil.

Inclusive teve uma época que a gente teve que fazer umas duas reuniões em sala a respeito disso por desavenças de colegas de turma. Hoje são amigas! Tudo bem. Viraram amigas, mas por causa dessas desavenças houve umas duas reuniões dentro da sala. Mas no final deu tudo certo!

Legenda (EC2)

Olha, eu procuro quando preciso, eu procuro! Eu procurei uma vez porque eu esqueci o meu uniforme e eu tinha aula prática. Aí eu peguei na assistência, entendeu ali no centro pedagógico aí eles pegaram e me forneceram o fardamento da cozinha. Ai eu peguei, levei para casa, lavei, passei e devolvi.

E o que você acha dessa equipe da Assistência Estudantil daqui? Qual a importância deles para vocês, estudantes?

Legenda (EC2) É muito importante em todos os sentidos, entendeu. No caso se eu precisar, né assim, me afastar do curso, precisar de atestado essas coisas eu me dirijo a eles.

Legenda (EC3)

Não, assim, eu não procurei ainda o serviço. Agora, no momento, não, não procurei, porque assim, está me sendo, como é que eu posso te dizer, apresentada agora, né! Eu já sabia que tinha assistência se eu precisasse e tal, mas assim, não precisei!

Antes, quando minha filha era mais nova, no projeto onde ela fica eu tive bastante assistência porque eu tinha bastante dificuldade em algumas coisas porque era trabalho demais, era filho, era vida pessoal, e chegava uma hora que eu quase acertava. Mas eu sei que eu tenho essa...

Mas se você precisar aqui na instituição, você procuraria?

Legenda (EC2) Procuraria, com certeza, se eu precisasse, eu iria, conversaria. Eu, assim, tenho pessoal que está ali disponível, já tive conversando com o pessoal, mas assim, foi mais para uma explicação mesmo, né, não por necessidade!

Legenda (EC4)

Olha eu ainda não procurei a Assistência Estudantil. Nunca tive, assim, necessidade, não, que eu não venha ter! Mas eu ainda não tive necessidade, sabe? Eu sempre... na verdade eu nunca, nunca procurei uma assistente social, sabe? E esses, esses tempos atrás eu estava realmente pensando nisso algumas pessoas no meu curso eu acredito que já procuraram, mas

eu ainda não procurei! Não sei se isso é bom ou se é ruim.

Mas eu acredito que seja bom também, né porque talvez isso para mim não foi necessário ainda. Mas outras pessoas, sim! Não sei se era a resposta certa.

Legenda (EC5)

Olha eu ganho meu vale de transporte que me ajuda bastante, mas eu nunca precisei ir lá procurar. Eu nunca fui procurar nada.

E se você perceber algum colega em alguma situação que associe com a Assistência Estudantil, você conversaria com esse colega e diria para ele procurar esse serviço?

Legenda (EC5) Eu pediria para ele procurar o representante nosso de sala para ver o que pode ser resolvido.

Legenda (EC6)

Não.

Nunca procurou? Conhece sobre ela? Ouviu falar?

Legenda (EC6) Pouco, pouca coisa que eu vejo meus amigos procurarem as assistentes sociais para pedir ajuda, vão lá na secretaria. Mas eu nunca fui!

E o pessoal fala bem da Assistência Estudantil?

Legenda (EC6) Falam. Até que falam bem porque eu acho que até hoje todos conseguiram o que queriam.

Legenda (EC7)

Então, eu nunca procurei, assim, outras ajudas! Mas eu ganho um auxílio do IFSC, eu ganho um, como é que se chama? Um Auxílio Permanência que eu fui atrás que eu tenho cadastro CRAS e aí eu ganho. A gente recebe alimentação aqui, aí eu ganho, assim, eu sou bem categórica e eu digo, assim, que eu não devo nada para o governo, o governo é que deve para mim! Então, se eu tiver algum direito, eu vou atrás até eu conseguir!

APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARTICIPANTES PROFESSORES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Docente do Curso EJA - integrada - EPT,

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após a leitura e esclarecimento sobre as informações a seguir, no caso de concordar em fazer parte do estudo, clique no campo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, se sua participação for presencial assinar as duas vias impressas. Caso seja online sua participação, solicita-se que assine este Termo em formato digital e recomendamos que este termo seja impresso e/ou salvo em seus arquivos para que tenha os dados de contato das pesquisadoras em caso de desistência de participação na pesquisa que pode ocorrer a qualquer momento sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Título da pesquisa: **TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT-ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

A pesquisa está sendo realizada dentro do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)

Nome do Pesquisador principal: Mestrando Michella Rocha dos Santos Fraga
Rua Bloco B, Campus Universitário –Trindade, Florianópolis – SC – CEP 88040-900 -
E-mail: micheallaflor@gmail.com | Telefone: 37212707 (48) 988546464

Nome da Orientadora (Pesquisadora Responsável): Professora Salete Valer, Dr.^a
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - *Campus*
Florianópolis-Continente
Rua 14 de julho, 150, Coqueiros
CEP: 88075-010 - Florianópolis - SC
Telefone Institucional: (48) 3877-8419 - (48) 3877-8400
Área/setor: Linguagem e Comunicação

Telefone pessoal da pesquisadora Responsável: (48) 99608-9308

E-mail institucional da pesquisadora: salete.valer@ifsc.edu.br

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/IFSC está localizado dentro da própria Instituição, à Rua 14 de julho n.º 150 segundo andar sala 33B Florianópolis-SC CEP (correios): 88075-010). Horário de funcionamento definido de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 12h e das 14h às 17h para contato dos pesquisadores e participantes das pesquisas. Telefone para contato (48)3877-9054 e e-mail cepsh@ifsc.edu.br.

O objetivo desta pesquisa é investigar as perspectivas das trabalhadoras estudantes mães do Curso EJA-EPT de Nível Médio Cozinha e Panificação sobre como a teoria e prática constitui para a formação integral para o sucesso e progressão. A sua participação nesta pesquisa consistirá em:

(i) Participar de uma entrevista composta por 11 questões abertas referentes à sua percepção da forma como a relação teórica-prática constitui a formação integral dos princípios da EPT possibilitando o sucesso e progressão nos estudos e trabalho das trabalhadoras estudantes-mães do curso.

(ii) no decorrer do processo da pesquisa, responder a um questionário que será elaborado no decorrer da pesquisa cujas questões tratam da sua avaliação em relação ao conteúdo e forma do Produto Educacional elaborado como parte desta pesquisa.

As atividades ocorrerão sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o(a) pesquisado(a). Os procedimentos aplicados por esta pesquisa no decorrer da participação para os dados da Entrevista e do Questionário de avaliação do Produto Educacional, eventualmente, podem oferecer riscos como mal-estar, cansaço, fadiga e aborrecimentos psicológicos à/ao participante em termos de integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. Pedimos que, antes de confirmar a sua participação, informe às pesquisadoras caso possua alergias, pressão arterial alta, diabetes ou outra doença ou particularidade que possa interferir na sua saúde pela sua participação nesta pesquisa. Nesse caso, você não deverá participar da pesquisa.

Para evitar possíveis riscos no decorrer da participação da pesquisa, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça acessar a pergunta que vem na sequência da entrevista. Mesmo assim, para refrear esses riscos, você poderá interromper a entrevista sempre que sentir necessidade de descanso.

Em caso de desconforto ou mal-estar durante a responsiva dos diferentes instrumentos, serão oferecidos cuidados imediatos e assistência adequada, sem nenhum custo para os participantes, em conformidade com seus direitos individuais e seu bem-estar físico e psicológico, ou seja, você será encaminhado/dá à unidade de saúde mais próxima do local em que a pesquisa está se desenvolvendo, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Apesar de mínimos, existem riscos relativos à violação das informações prestadas via questionário online, não sendo possível assegurar total confidencialidade, uma vez que pode ocorrer roubo de informações por hackers. Caso tal fato aconteça, os sujeitos participantes na pesquisa serão informados o mais breve possível⁹.

Os benefícios esperados pela sua participação na pesquisa pelas respostas da entrevista são contribuições pessoais de acordo com a sua percepção sobre os princípios da EPT nas práticas pedagógicas do Curso - EJA Integrada à EPT, com foco na formação integral das trabalhadoras estudantes-mães do respectivo curso.

Você poderá solicitar informações relacionadas ao estudo em qualquer etapa da pesquisa, até mesmo quando esta já tiver sido finalizada. Você é livre para não querer participar deste estudo, ou mesmo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem necessidade alguma de justificativas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma natureza, não interferindo, inclusive, na sua ação discente no IFSC *Florianópolis - Continente*. A atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes da pesquisa. A sua participação na pesquisa não dependerá de custos para você, tampouco será remunerada.

As informações obtidas pela sistematização de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e resguardando sempre sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a sua finalização. As ações envolvidas com o tratamento dos dados pessoais e dados sensíveis dos participantes da pesquisa estão em concordância com a Lei n.º 13.709 de 14 de agosto de 2018 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Brasil, 2018). Os pesquisadores garantem que será preservada sua identidade e privacidade e que o sigilo e anonimato será mantido sempre, inclusive nas publicações do estudo. Comprometem-se em manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, em conformidade com a Resolução Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde (Brasil, 2012).

⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021. CONEP/SECNS/MS. 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

Os pesquisadores se comprometem a elucidar dúvidas, anseios e questionamentos, de forma compreensível e objetiva, durante o processo de consentimento livre e esclarecido e ao longo da pesquisa ou mesmo após sua finalização. Igualmente, são reconhecidos e acatados os direitos dos participantes, conforme preconiza a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

Os resultados da pesquisa serão compartilhados, e ficarão à disposição dos interessados, por e-mail, correio, ou como você preferir. Os resultados da pesquisa serão publicados no texto Trabalho Acadêmico na modalidade Dissertação, bem como na elaboração de um ou mais produtos educacionais, os quais serão publicizados em textos online abertos ao público. Ainda poderão ser publicados artigos, capítulos de livros, resumos e apresentações em congressos científicos sobre a temática em estudo.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa será importante, uma vez que os seus resultados poderão contribuir positivamente para o planejamento, desenvolvimento e implementação de ações educativas capazes de promover a formação humana integral às trabalhadoras estudantes-mães na área da EJA-EPT.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, mestrandia Michella Rocha dos Santos Fraga, pelo telefone (48) 988546464, e-mail michellaflor@gmail.com ou com a pesquisadora responsável, orientadora, Profa. Dr.^a Salete Valer, pelo telefone (48) 99608-9308, e-mail salete.valer@ifsc.edu.br, ou nos endereços listados neste termo.

Como este documento é assinado em papel, presencialmente, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura de compromisso é realizada de forma impressa, após marcar nas caixas de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas. O termo será impresso em duas vias, e ambas as vias serão assinadas pelas pesquisadoras e participantes, ficando cada qual com uma via assinada.

.....
Como este documento é assinado por via digital, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura deste termo de compromisso será realizada digitalmente, clicando na caixa de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas.

Agradecemos imensamente sua atenção e esperamos contar com sua participação.

CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelas pesquisadoras sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Também fui informado (a) de que há limitações dos pesquisadores em garantir absoluta confidencialidade dos dados *online*, já que essa forma de armazenamento pode correr riscos de violação dessas informações.

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas na Entrevista **sobre os princípios da EPT - Variáveis internas**

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas no Questionário, o qual trata da avaliação do **Produto educacional** que será elaborado como parte da pesquisa.

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Local: Florianópolis, SC Data ____/____/____.

ASSINATURA

APÊNDICE G- ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES DOCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

1. Em que medida você considera que a instituição desenvolve nos estudantes o entendimento da forma como a cultura influencia na prática do trabalho em estudo e a formação cidadã?
2. Em que medida os aspectos históricos e culturais atuam nas pessoas envolvidas no processo educacional do curso influencia na proposta para uma formação integral dos estudantes?
3. Como você percebe os avanços das tecnologias que fazem parte da prática do trabalho do respectivo curso colaboram para a formação integral?
4. Em que medida as práticas pedagógicas aplicadas na sua unidade contribuem para que os estudantes dominem as tecnologias para o mundo do trabalho?
5. Em que medida as práticas pedagógicas aplicadas na sua unidade promovem discussões acerca das contradições trazidas pelas tecnologias no cotidiano profissional e pessoal?
6. Como você trabalha nos seus conteúdos teórico-práticos da sua unidade curricular as questões do trabalho na relação com a transformação da natureza, o desenvolvimento das cadeias produtivas e as condições do trabalho e dos trabalhadores em uma perspectiva histórica ?
7. Você considera que os conhecimentos teóricos e práticos trabalhados na sua unidade curricular promovem uma formação mais focada para a prática profissional e ou também contribuem para a progressão nos estudos? Como você realiza essa prática educativa?
8. De que forma a pesquisa é trabalhada para ensinar os estudantes a usarem os conhecimentos historicamente sistematizados para resolverem problemas sociais e ou profissionais com foco na intervenção e transformação dos contextos pesquisados para qualificar a sociedade?
9. Em que medida você consegue trabalhar os conteúdos da formação geral e profissional de forma integrada?
10. Quais as dificuldades mais comuns apresentadas pelas estudantes-mães para dar conta da aprendizagem proposta no seu plano de aula?
11. Como você descreve a Assistência Estudantil na sua instituição? Você indica esse serviço quando as estudantes-mães apresentam dificuldades de acompanhar as aulas por necessidades pessoais e ou familiares?

APÊNDICES H - RESPOSTAS ENTREVISTA DOCENTES

Abaixo, retoma-se cada questão presente no **Apêndice G- Roteiro Entrevista Participantes Docentes**.

Na sequência, apresenta-se a legenda de cada participante e o respectivo conteúdo descrito de forma literal das respostas das entrevistas.

Legenda:

D= Docente

FP= Disciplina Formação Profissional

DP= Disciplina Propedêutica

C= Curso Cozinha

P= Curso Panificação

Questão 1:

Em que medida você considera que a instituição desenvolve nos estudantes o entendimento da forma como a cultura influencia na prática do trabalho em estudo e a formação cidadã?

Legenda (DFPP1)

Eu acredito que a forma como a gente faz essa troca de cultura, conhecimento, valores e experiências de vida, elas são compartilhadas entre mim como professora e entre os alunos. E é trazido dos alunos também toda a história de vida deles, toda a parte cultural e tudo isso é levado em conta na hora que eu exerço a minha função de professora. Então eu gosto de trabalhar com eles de uma forma bem dialógica. Não sei se é essa palavra, mas dialogada, uma forma bem dialogada. Porque ninguém é uma caixinha vazia todo mundo é uma caixinha cheia de conhecimento, de cultura, trazem coisas da sua origem, das suas experiências.

E dentro da sala de aula a gente troca para trabalhar não só o conteúdo em si, mas também a diversidade, o respeito às diferenças, tudo isso. Então, eu acredito que isso vai fazer com que eles se identifiquem, sejam conhecedores de quem são, para daí, sim entrarem para o mercado de trabalho. Então, eu vou utilizar tanto esse conhecimento que vem de casa, vem da rua, vem da experiência, com os conhecimentos que eles estão aprendendo aqui, então, valorizando o todo do aluno, acreditando que o aluno não é só o técnico, a parte técnica. E sim, é uma

composição de muitas coisas que traz junto com ele durante a vida. Então, eu gosto de trabalhar a democracia, a diversidade e o respeito às diferenças, diferenças culturais, de gênero e tudo. E isso é fundamental para relacionamento interpessoal dentro da escola e também dentro da profissão que vai ser após a saída da formação deles aqui.

Legenda (DFPC1)

Então, em relação a isso tendo em vista que nós temos aqui a educação básica, a formação então a formação geral, digamos que nós temos aqui a parceria que nós temos com o IFSC da Mauro Ramos que faz essa parte da formação geral os conteúdos eles são abrangentes quase que numa totalidade não vou dizer totalidade até porque é difícil, às vezes, até a gente ver que a pessoa também consegue alcançar isso, mas nos esforços das unidades curriculares da educação geral ele tem uma formação bem ampla. Vindo para educação técnica que é o que nós fazemos aqui.

Nós damos conteúdos para o aluno no qual o conhecimento dele é de forma que ele pode sair daqui e já atuar como profissional naquela área, no meu caso a área de cozinha a parte prática que nós fazemos para ele aliado à teoria ele tem uma formação, uma capacidade de absorção ali de muitos conteúdos. Vai depender de cada um e da sua prática o que ele pratica no dia a dia o que é o que a gente pede, tudo o que nós fazemos em sala de aula eu peço que ele faça na sua casa até naquele tempo de estudos para ele poder dar conta de ir assimilando isso completa, mas vendo por esses lados da teoria e da prática que fazemos aqui mais a formação geral a parte cidadã dele ele tem um bom conteúdo para poder praticar.

Legenda (DP1)

Eu acho que assim, óh, o IFSC, enquanto a gente está trabalhando aí na educação para o trabalho, eu acho que na forma, né, eu também represento a escola, né. Naquele momento que eu estou com os meus alunos, eu estou representando a instituição, né. Então, assim, como a gente está ali trabalhando para a educação, para o trabalho, eu acho que a gente tenta, e tenta né, assim, mostrar para os alunos que a cultura, ela faz parte, né, do trabalho então ela influencia em muito! Claro que já tem aquela cultura que o aluno traz né, que ele traz, já que todo mundo tem cultura, né, ninguém é, assim, vazio. Cada um tem a sua cultura, a gente quando vai para a escola, a gente vai para aprimorar, né, para ter mais acesso a mais cultura.

Então, assim, eu acho que o IFSC, o que a gente, né, sempre tenta com os nossos alunos e alunas, é mostrar que a cultura influencia muito na formação para o trabalho. E quanto mais, cultura esse aluno adquirir, eu acho que mais ele vai se aprimorar, vai se aprimorar naquilo que ele está fazendo, no caso, né, naquilo que ele está tentando, naquele objetivo que ele está tentando chegar, que é a educação para o trabalho, né, no caso, para uma qualificação.

Nessa lógica, então, a senhora entende que a cultura do espaço educacional influencia para a prática do trabalho? E para a formação cidadã?

Legenda (DP1) Influencia e muito, com certeza, tá, é isso que eu entendo pelo menos é o que a gente tenta, né. Nem sei se... a gente sempre consegue, né? Mas é o que a gente tenta fazer, tá! Porque a gente sabe que influencia e muito, né, na educação para o trabalho e na educação cidadã também, né.

Legenda (DP2)

Então, eu acredito que aqui no Proeja os professores apresentam um pouco mais de interesse e de dedicação em relação a essa questão da cultura, mas a instituição como um todo, a parte burocrática da instituição, eu acredito que não desenvolve isso muito bem com os alunos, com os estudantes. Eu acho que isso fica mais a critério do professor e ainda vou além, eu acho que fica a critério do professor e das unidades curriculares que estão mais associadas com esses temas, porque muitas vezes a unidade curricular é mais técnica, então a matemática, física.

Então, quando a gente não tem essas questões abordadas de uma forma mais a título de debate, quando o assunto não vem à toa, eu acho que a gente acaba entrando naquele mecanismo da área, tem tanto tempo, tem tantas semanas, preciso desenvolver o meu conteúdo e vai. Eu acho, na minha visão, que ela realmente, essa parte, fica mais relacionada com o professor e o professor que trabalha mais as questões mais sociais, o professor de história, o professor de filosofia, né. O professor técnico, como eles também trabalham com o alimento, então eu acho que aqui eles também acabam abordando e fazendo esse paralelo, né, da cultura, dos diferentes tipos de alimento, do que se pode aproveitar aqui, do que se pode aproveitar ali, né. Então, aqui eu acho que eles ainda também têm essa preocupação, mas em termos gerais, eu acho que em termos de instituição, a instituição, ela deixa bastante a desejar, bastante.

Legenda (DP3)

Sim, a unidade curricular ela trabalha com os conhecimentos básicos da área e a partir disso a gente prepara os alunos, tanto para utilizar esse conhecimento em outras unidades curriculares, como para atuar no mercado de trabalho, né, porque muitos chegam aqui sem nem saber como ligar o computador e quando eles saem né esse conhecimento introdutório, esse conhecimento básico já possibilita eles a utilizar o computador, a realizar uma pesquisa, até montar alguns slides de apresentação.

Questão 2

Docentes: Em que medida os aspectos históricos e culturais atuam nas pessoas envolvidas no processo educacional do curso influencia na proposta para uma formação integral dos estudantes?

Legenda (DFPP1)

Eu acredito que é algo bem importante porque os aspectos históricos e culturais dos professores porque eles trazem consigo tudo isso e a partir desses referenciais históricos e culturais eles vão trabalhar dentro da educação. Então, não tem como o professor não trabalhar isso dentro de si! O professor não passa só o conhecimento, o professor passa a sua experiência também, a sua história, a sua história de vida, a história do local onde vive e todos os aspectos culturais da região onde vive da sua família ou da sua origem também. Então, tudo isso impacta diretamente no comportamento do professor e na forma como ele vai atuar dentro da educação. Eu acredito!

Você percebe que, com todo esse tempo de experiência que você tem e esse processo que vocês produzem na sala de aula, com a intenção de torná-los profissionais e cidadãos efetivos interfere na formação integral desses estudantes?

Legenda (DFPP1) Sim, com certeza. Porque não é uma formação só técnica é integral. Então, eles não olham só porque o pão cresce, o que faz o pão crescer. Então, tem todo um contexto histórico de onde vem o pão? Quem ele alimenta? De onde vem a história do pão? Quem come pão? Quando come pão? Como come pão? Então isso não é algo que é exato. Tem muitos fatores históricos e culturais e que sendo repassado isso para os alunos, vai fazer com que seja mais um conhecimento deles, que vai ser refletido depois na prática profissional desses alunos.

Legenda (DFPC1)

Considerando o nosso público em relação a tudo isso é importante a gente observar que aqui nós temos pessoas de diversas faixas etárias também, e nesse sentido, há necessidade de se aplicar uma metodologia de que a gente possa igualá-los ter uma forma mais igualitária na questão do conhecimento é aí que vem a parte onde nós temos aqui um grupo e que eu vejo que isso que é muito importante a prática de cada um. E aí nós vemos que aqui nós temos professores que não são só professores porque eles se formaram como professor, mas primeiro de tudo nós temos pessoas aqui que eles vêm da parte prática. Então, eles eram formados na parte prática de cozinha, por exemplo, e vejo que isso é bastante importante porque nesse sentido eu não me formei, no meu caso eu me formei lá fiz a minha formação educacional lá,

por exemplo, em bacharel em Gastronomia porque eu queria entrar na área de cozinha.

Então, diferente disso eu já era um profissional da área e eu sou cozinheiro de profissão e aí eu fui então me especializar e fazer essa parte de aprendizado a partir da educação e aí então eu fiz os cursos um curso básico técnico para entrar para iniciar na cozinha e tudo isso eu trabalho já há muitos anos!

Com isso temos até colegas que também são dessas áreas onde eles já atuavam antes de ser professor então, nesse sentido, a nossa experiência ela traz a segurança para o aluno naquilo que a gente conversa aqui dentro de sala de aula e eles também podem buscar essa aprimoração e a partir das nossas experiências também que vão dizer para eles olha tem que ser participativo, tem que buscar conhecimento, tem que buscar experiência, tem que buscar se profissionalizar e a educação de forma geral que nós temos aqui, ela acaba fazendo com que daí o nosso papel de educador ou de mediador que eu posso dizer trazer esse conceito de que ele está numa formação de forma ampla e terá então com certeza a condição de atingir os objetivos de conhecimentos e habilidades que ele vai colocar dentro da cozinha que ele vai sair daqui já com essa bagagem.

Legenda (DP1)

Então, é como eu tinha conversado com você, né, eu acho assim, que os aspectos que todo mundo tem que ter conhecimento da história, né, para saber como agir os aspectos históricos, né e culturais, a questão da cultura é muito importante porque cada um tem a sua cultura, que já traz.

Quando a gente vai começar um curso, você tem a sua cultura, o professor tem a cultura dele, então, assim, isso influencia e muito, tá! Na educação, tanto na educação para o trabalho, como na educação de formação geral, tá! Por que, assim, óh, cada um traz a sua cultura e muitas vezes essa cultura, ela, dentro da cultura, a gente tem muitos preconceitos, né! A gente tem muitos mitos, isso a gente traz e isso acaba muitas vezes, atrapalhando tanto os alunos, né, tanto as pessoas que estão ali para aprender quanto os professores, que também ninguém é livre, né! Todo mundo, assim, a gente pensa, muitas vezes, que a gente não tem preconceito nenhum, que a gente não tem “mito” nenhum, né? Porque a gente estuda um pouco mais, porque isso... que os estudiosos são livres, mas não é bem assim, né? Cada um tem os seus limites! Então, eu acho que a cultura e os fatos históricos, eles, né, eles influenciam e muito também no aprendizado e na educação para o trabalho.

Então, eu acho que, assim, quando a pessoa tem um objetivo que ela vai... ela quer ter aquela formação, muitas vezes ela vai ter, ela terá que, assim, aceitar certas coisas que talvez sejam

mitos, né? Tipo, na cozinha, na panificação, a avó ensinou que o pão era feito dessa forma, aí, chega lá o professor, vai dizer não para ser um pão, né bem feito, você tem que fazer dessa outra forma, tem que ter certos cuidados! Então, muitas vezes, os alunos, eles vão ter que deixar muito daquela cultura que eles trazem de casa para assumir novos conhecimentos.

E dentro dessa perspectiva, percebe que esses aspectos históricos, culturais, envolvidos dentro do espaço institucional permitem que esses estudantes tenham uma formação integral?

Legenda (DP1) Muito, permitem, mas, muitas vezes, não a gente... vê, assim, que tem estudantes que não aceitam certas coisas, sabe? Que, assim, porque aquela cultura está tão assim, tão grudada na pessoa, que é difícil dela aceitar, né? Claro que, ultimamente, assim, a gente tem visto que, na educação de jovens e adultos, as pessoas, elas vêm mais com vontade de aprender. Então, elas sabem que não é que aquilo que elas estavam fazendo até ali não é isso, às vezes, né? É que a pessoa, por exemplo, quando ela chega ali para fazer um curso de panificação, ela estava acostumada a fazer um pão para ela e para a família dela. E ali, muitas vezes, ela vai fazer, vai aprender a produzir até numa escala maior, né? Para uma padaria, né? Então, assim, ela vai ter que deixar né, certas coisas que ela fazia, assim, que era a verdade absoluta para entender de outra forma, né? Então, isso também depende muito de como o professor vai tratar do assunto e se o aluno realmente, ele está afim de adquirir mais cultura, né? Não que aquilo que ele esteja fazendo não é certo. É certo, mas não para aquele momento, né? A gente sabe, quando a gente vai fazer, por exemplo, um prato na casa da gente, é uma coisa, né, a gente faz do gosto da gente, da forma que a gente quer, mas se a gente vai, por exemplo, trabalhar, vai fazer para uma festa, aí já tem que ter outro ritmo, né! Outros cuidados e tal.

Então, é uma coisa assim que depende muito, né, de como o aluno vai, se o aluno realmente está querendo aquilo ali, vai para realmente adquirir cultura, então isso ele vai conseguir, né. E também de como o professor vai fazer essa abordagem, né, se o professor sabe explicar para o aluno entender que tem essa diferenciação, eu acho que aí sim, aí vai dar certo, aí vai conseguir.

Legenda (DP2)

Bom, eu acredito que esses aspectos históricos e culturais, eles influenciam muito, porque eles trazem uma bagagem profissional. Então, por exemplo, cada profissional, ele tem a sua, ele tem a sua formação, né, de graduação, seja lá qual for, de técnico, mas ele também traz muito

consigo a sua história, né, e a sua cultura. Então, isso faz com que a gente consiga colocar no nosso trabalho um aspecto mais pessoal, né. E isso pode refletir positivamente, se você sabe, né, colocar isso de uma forma ok. Pode resultar em algo, assim, mais negativo, do tipo, por exemplo, eu vou citar agora um exemplo de professor, né, que é o meu caso. Então, eu trago uma história, eu trago uma cultura comigo, quando eu vou me apresentar, por exemplo, ao pessoal do Proeja, eu sempre me coloco desse jeito, que foi o jeito que eu fui criada, né. Então, eu estudei numa escola pública aqui no bairro, eu estudei depois numa outra escola pública no centro, fiz uma universidade pública. Os pais sempre foram muito simples, então, tudo que eu recebi dessa parte cultural, a minha história, eu trago pra dentro da sala de aula. Isso faz, muitas vezes, eu compreender algumas situações que acontecem com os estudantes, que talvez alguém que não tivesse a minha história, né, poderia não compreender, né!

Então, eu acho que essa nossa bagagem, ela influencia muito nas nossas atitudes ali com os estudantes na sala, principalmente com o pessoal do Proeja, que é um grupo de estudantes que eu considero bem desafiador, assim, é um grupo mais especial, eles têm mais especificidades a serem atendidas. Então, se você não tiver minimamente um olhar diferenciado para eles e não tiver conhecido de alguma forma aquela realidade, através da sua história, aí vai ser um pouco mais difícil porque você vai ter que aprender aquilo, né. Você vai ter que aprender a lidar com aquela situação porque senão você vai dizer assim, eu não gosto de dar aula no Proeja, eu jamais daria aula no Proeja, né! Como eu vejo de vários colegas meus, eles dizem, ah! Eu não tenho a menor paciência para dar aula no Proeja, eu jamais daria.

Por quê? Porque você tem que ter um olhar diferenciado. E aí, como eu te falei, a minha bagagem, a minha informação cultural, histórica, ela vem de um processo que aquilo para mim não é desconhecido, aquilo para mim já é algo que eu convivi. Então, para mim é mais fácil. Talvez para quem não tem essa bagagem histórica, essa bagagem cultural, para se dar bem ali, para conseguir trocar com o estudante, para conseguir um resultado positivo, ele vai ter que lutar mais, ele vai ter que aprender mais, né, na minha opinião.

Legenda (DP3)

Então, os dois cursos de técnico em Proejas, tanto de Panificação e Cozinha, eles têm como propósito formar os alunos no ensino médio, mas também profissionais na área técnica e cidadãos. Então, as unidades curriculares, os dois cursos são pautados nessa formação profissional, mas também visando essa formação cidadã dos estudantes.

Questão 3

Docentes: Como você percebe os avanços das tecnologias que fazem parte da prática do trabalho do curso em estudo colaboram com a formação integral?

Legenda ((DFPP1)

Então, eu acredito que os avanços tecnológicos dentro da nossa área, eles vêm para melhorar o desempenho dos nossos alunos e possibilitar que eles tenham acesso a um conhecimento que às vezes não teriam se não fosse a tecnologia. Como, por exemplo, as mídias, as redes sociais, eles acabam aprendendo muito mais utilizando isso, aprendendo muito, utilizando essa tecnologia, aprendendo muito mais da área em que eles estão buscando a sua formação.

Então, a tecnologia, ela facilita e ela auxilia na formação dos nossos alunos. Então, acredito que... eu percebo ela como sendo muito positiva e apesar da gente saber que, em muitos casos, a tecnologia substitui a mão de obra, no caso da panificação, a gente vê um retorno a partir da tecnologia, do avanço da tecnologia com mídias e tal, a gente vê um retorno do saber fazer da moda antiga. Então, isso também, dentro de coisas tecnológicas, a gente vê saberes artesanais sendo também considerados. Então, eu acredito que a tecnologia tem muito impacto, principalmente nas tendências do que está sendo feito e no acesso a coisas que eles não teriam se não fosse a tecnologia.

Legenda (DFPC1)

Então, olhando lá de 1980 e pouco... como eu comecei era tudo muito básico o que a gente fazia dentro de uma cozinha e os equipamentos que a gente tinha à disposição. Então hoje se a gente vai falar da parte profissional, existem hoje verdadeiras fábricas para produção de equipamentos e utensílios para dar conta do melhor rendimento na cozinha então isso é muito importante.

Dizendo também que a gente inicia aqui com eles falando dos básicos a gente não pode ir avançando, assim dentro da parte inicial, então lá nessa parte inicial a gente vem demonstrando para eles quais eram os instrumentos e quando a gente traz numa aula que hoje até a própria, as próprias, vamos dizer as normas elas também buscam para que ele não fique parado lá naquele tempo, lá naquele tempo a gente tinha muita possibilidade de ter uma tábua de corte de madeira e hoje não, hoje a legislação diz não! Olha isso não pode devido aos cuidados e tal, que é perigoso e que tem os perigos de contaminação então isso tudo isso a gente vai falar das coisas simples, mas desde o primeiro módulo eles aprendem algumas situações que não dá para ser replicada como, às vezes, ele faz até na própria casa porque na

casa da gente até, às vezes, a gente tem a liberdade de usar ferramentas, alguns utensílios que não teria problema lá porque o uso é menor a capacidade, de ter o cuidado higiênico é melhor do que estar numa escola com muitos utensílios ali que às vezes não tem a condição de individualmente cuidar de cada um. Então por isso que aí vem essa parte da tecnologia que vem dar conta de suprir isso para nós, mas de maneira geral com o uso dos restaurantes que eles também exigem isso, essas mudanças, então é importante que a gente fale do básico, mas que a gente já tem, como a gente tem aqui na nossa cozinha.

Vamos dizer se eu uso um forno que a gente chama de forno combinado a gente tem um aqui que é totalmente computadorizado então a gente vai dizer para ele que as ferramentas já estão à disposição e que ele já sai daqui com essa bagagem também, a gente não vai só falar coisas simples, mas a gente vai evoluir com ele também nesse conhecimento, então a escola aqui ela tem um preparo para isso e que é muito importante para o aprendizado do aluno.

Com essa relação então, achas que esse processo permite uma formação integral dos estudantes?

Legenda (DFPC1) Eu acredito que é muito importante o envolvimento de cada um, eu vejo que às vezes tem aluno aqui que você pergunta para ele no segundo módulo, o que você praticou do primeiro módulo? Ah, eu não consegui, ah... outra diz eu fiz uma sopa. Entendeu? Mas eu acredito que nesse sentido, que ele vem em busca e se ele tem o interesse e tal, essa possibilidade da formação integral aqui existe, entendeu? Buscar para aliar e intermediar aqui de uma maneira que ele consiga avançar.

Legenda (DP1)

Eu acho que o avanço da tecnologia... eu acho que colabora, tá! Eu, assim, óh, eu sempre falo para os meus alunos... só que a gente tem que saber como usar e quando usar, tá! Eu vou te dar um exemplo, assim, oh! Eu trabalho [...], né? Eu não sou da área técnica, né. Eu sou da formação geral, mas, assim, como que a tecnologia me ajuda, né? Eu falo sempre para os meus alunos, né, assim, para gente que está todo dia ali no IFSC, que a gente é acostumado com o celular, com o computador, uma calculadora não é nada, né. Mas, olha só, olha hoje em dia, para gente adquirir uma [...], é muito fácil, ta! Na minha época, quando eu era estudante, [...] era muito cara. Ninguém tinha [...]a, né? Hoje, em qualquer loja que a gente vai aí... de “Tudo Dez”, a gente compra [...]... assim. Então, assim, isso eu considero que é um avanço enorme porque se você analisar, hoje em dia, a gente não tem como trabalhar sem utilizar as tecnologias.

Então, essas tecnologias têm que fazer parte das nossas aulas, né! E ajudar nos conhecimentos

e mesmo os alunos, por exemplo, não só a questão da [...], a questão do acesso à internet. Quando os alunos, por exemplo, eles não conseguem entender alguma coisa que eu falo na sala, aí eles vêm logo em seguida, professora, a senhora não tem nenhum vídeo para indicar como isso ajuda, né?

Então, assim, eu acho que ajuda que, nossa, eu acho que o avanço da tecnologia, ele veio para nos ajudar. Só que ele não veio para nos substituir, eu acho que isso aí que a gente tem que levar em consideração, que foi muito que a gente não veio para substituir o presencial, sabe? Eu acho que aquela aula presencial, ela é muito importante. E eu acho que isso a gente sentiu muito na pandemia porque na pandemia a gente fazia encontros somente online e muitos alunos desistiram.

Eu acho, assim, então, que toda essa tecnologia aí que a gente tem disponível, se a gente souber usar em conjunto e com bastante orientação, ela vai ajudar muito, já tem ajudado muitos alunos na preparação para o trabalho.

Então, dentro dessa lógica, com a experiência dos professores e a tecnologia incluída no dia a dia, ela permite que a formação integral aconteça?

Legenda (DP1) Eu acredito que sim, tá! Eu vou te dar outro exemplo, às vezes a gente, nós, trabalhamos o aluno, como alunos trabalhadores, né? Você sabe, Proeja são alunos trabalhadores. Então, o que acontece? Muitas vezes eles precisam se ausentar da aula devido ao trabalho, né? Ou, às vezes, são mães de família, pais de família, chegam em casa, o filho está doente, não consegue. Então, olha só, se a gente não tivesse os recursos que a gente tem hoje de internet, a pessoa provavelmente, ela teria que ter um outro tempo para me procurar para poder rever aquilo que foi visto na aula. Não que isso não seja disponibilizado, é disponibilizado, se o aluno quiser, conseguir melhor! Mas eu tenho uma outra forma de, né, de orientar o aluno, por exemplo, indicando vídeos, né! Isso tudo foi com o avanço da tecnologia, porque todo mundo tem um celular na mão. Né? É difícil quem não tenha, então, eu acredito que sim. Tá! E muito aliado com a, né, com a orientação correta, sim!

Legenda (DP2)

Então, as tecnologias, elas são sempre muito, muito bem-vindas e elas realmente são ferramentas que podem facilitar a tua vida, só que a gente deve saber a utilização delas. E a gente também deve saber compreender que nem todos têm acesso a essa tecnologia. Então, muitas vezes, na mesma turma, a gente tem pessoas que já desenvolvem muito bem a capacidade de entrar num computador, entrar num tablet ou num celular. E algumas pessoas, para elas, aquilo ali vai ser o que vai travar a disciplina.

Então, a gente tem que saber compreender que nem todos têm acesso a essa tecnologia. A gente tem que saber compreender que nem todos têm acesso a essa tecnologia apenas na tecnologia, muitos vão travar, porque eles já não, não, não entendem nada, eu não vou fazer nada, né? Então, eu acho que tem que ser muito bem trabalhado. A tecnologia é muito boa, ela facilita muito. A gente tem vários programas, ou até aplicativos no celular que você pode utilizar, que facilitam bastante o aprendizado.

Mas a gente precisa trabalhar com bastante cuidado porque nem sempre elas vão ser bem aceitas por todo mundo e também isso pode gerar até, falando agora em termos de turma pode até gerar um certo desconforto entre os estudantes porque alguns já dominam muito bem e têm acesso ou podem comprar e tem alguns que nem o computador tem em casa. Então não vão conseguir comprar, então tudo tem que ser trabalhado com bastante cuidado.

Legenda (DP3)

Como eu só ministro [...], eu não sei te responder em relação às práticas dessa área, né. Mas, sem dúvida, os avanços tecnológicos estão aí em todas as áreas do trabalho mesmo.

Questão 4

Em que medida as práticas pedagógicas aplicadas na sua unidade contribuem para que os estudantes dominem as tecnologias para o mundo do trabalho?

Legenda (DFPP1)

Então, na minha prática pedagógica, a gente usa muito os avanços tecnológicos da área da panificação e da confeitaria. Então, porque a gente está querendo formar alunos que quando cheguem no mercado de trabalho estejam aptos a trabalhar com diferentes equipamentos, estejam aptos a trabalhar com diferentes mídias, também para divulgar seu próprio trabalho. Então, a gente sempre incentiva, eu pelo menos, sempre incentivo dentro da prática que sejam feitas pesquisas, que sejam trabalhadas buscas por novas tecnologias e até desenvolvimento de novas tecnologias. Tecnologias que venham para facilitar e auxiliar o trabalho do padeiro ou do confeiteiro no caso.

Legenda (DFPC1)

A nossa parte aqui na escola de meu trabalho diário, ela também nos requer falar um pouco de que o aprendizado ele se dá de várias formas. Então, em algum momento a gente vai dizer para ele, olha tem que ser repetitivo, às vezes, se você fizer uma vez só talvez você ache que não encontre o resultado não tão bom, mas se você fizer uma segunda vez e se você tornar a

executar isso e tal, você vai então te observar que praticar mais vezes, você pode alcançar o objetivo do aprendizado, mas aí vai depender também de cada aluno, como que ele consegue ver isso e como que ele consegue aplicar isso na vida dele tá! E a gente encontra aqui essas variedades que, às vezes, a gente conversa com como é que você consegue fazer a preparação para a prova? Ah, eu tenho que ler. Ah, eu tenho que separar as peças primeiro, então tem que respeitar muito essa individualidade, mas eu vejo que aqui a gente como a nossa parte, a parte prática ela é bastante executada isso também dá excelentes condições para que ele tenha isso.

Legenda (DP1)

A medida prática que eu tenho na minha unidade, como eu te falei, né, a minha unidade curricular [...]. Eu, desde o primeiro dia de aula, eu peço que eles tragam uma calculadora para a sala de aula. E é incrível, a gente, quando a gente tá assim... só que a gente fica na universidade, a universidade é outro mundo, sabe? A gente pensa que todo mundo sabe programar, todo mundo sabe navegar na internet, e não é assim. tá! Então, eu sempre procuro, eu, desde o primeiro dia, a gente tem algumas calculadoras lá, no IFSC, né, e quem não tem, assim, ó, não peço que comprem! Mas, como eu disse para você, né, hoje em dia adquirir uma calculadora é muito barato, tá! E uma calculadora, uma calculadora científica, que tem mais funções, né. Então, assim, ó, eu sempre, toda aula, eu trabalho direto com eles, utilizando calculadora. Eu permito e cobro deles, né, que eles utilizem a calculadora, assim, óh, até nas atividades, nas provas, porque a gente não tem como viver mais sem essas tecnologias, né?

E se eles, em qualquer local que eles forem trabalhar, não vai ser nenhuma calculadora, vai ser um terminal ali, né, de computador, que eles vão ter que saber mexer para poder trabalhar hoje em dia, ninguém mais foge disso, né, a menos que você tenha o seu negócio em casa, lá que você vai ter o seu caderninho, mas mesmo assim, você não vai conseguir dar conta, né?

Então, assim, essa é uma delas, né. E, assim, óh, eu sempre incentivo, mesmo sendo [...], sempre eu faço uma ou outra pesquisa, sabe. Pesquisa, quando eu vou trabalhar [...] peço que pesquisem a diferença de uma, a diferença, né. Como é que é [...]? Como é que é [...]o? Para eles entenderem a diferença, né! Por que o [...] não é utilizado, né, porque quando a gente tem uma dívida no cartão de crédito, essa dívida aumenta tanto, né? Então, isso eu peço para que eles pesquisem na internet, depois a gente comenta em sala de aula, sabe? Então, eu acho que é isso que eu, dentro da minha matéria, dentro da minha unidade curricular, é dessa forma que eu procuro ajudá-los, sabe.

Legenda (DP2)

Então na minha unidade de [...] a gente trabalha em laboratório com algumas tecnologias,

como aprender um microscópio e a gente trabalha em laboratório com algumas tecnologias. Muitas vezes com algum equipamento que eles vão utilizar uma lupa a mais que é um microscópio estereoscópico. Então dentro dessa minha zona de trabalho ali da [...] eu acho que eu consigo desenvolver com eles ali um aprendizado e uma manipulação daquela tecnologia que eles vão poder utilizar em algum momento se forem trabalhar de repente em uma área mais assim voltada a isso, por exemplo, o pessoal aqui da cozinha e da panificação eles trabalham com alimento Então eu utilizo muito dos alimentos para a gente observar, por exemplo, no microscópio. Então eles vão observar o fermento do pão que é a levedura, então vão entender que aquilo é um fungo e eles vão aprender a mexer no microscópio para identificar... ah! isso aqui é a levedura, então eu acredito que nesse sentido eu consigo contribuir de alguma forma para o aprendizado.

Legenda (DP3)

Essa unidade, a [...], ela acontece nos laboratórios de informática. Então, durante todo o semestre, a gente tem 80 horas para trabalhar a inserção desses alunos nesse meio digital, né. Então, todas as aulas acontecem nos computadores e eles chegam, né, a gente começa a trabalhar desde o início dos conceitos mais básicos, como ligar o computador, o que é um navegador, até depois iniciar a pesquisa, formatação de texto e, por fim, a elaboração de slides. Então, no decorrer do semestre inteiro, o objetivo é inserir alunos nessas práticas relacionadas à informática básica.

Questão 5

Em que medida as práticas pedagógicas aplicadas na sua unidade promovem discussões acerca das contradições trazidas pelas tecnologias no cotidiano profissional e pessoal?

Legenda (DFPP1)

Então, aí que está o que eu falei anteriormente das contradições, no caso de a gente achar muitas vezes que a tecnologia vem para substituir o profissional. Eu acredito que não, que a tecnologia vem para facilitar, muitas vezes, a vida do profissional e que o profissional, ele vai sendo construído para saber lidar com as tecnologias porque o mundo está avançando, a tecnologia está aí! A gente não pode se fechar para o novo, então, eu gosto de trabalhar que essa contradição de ah... vai substituir, não vai mais ter a profissão do padeiro porque as máquinas vão tomar conta. Não, alguém vai ter que mexer nas máquinas! Então, que eles estejam aptos a poder trabalhar e se desenvolver dentro da área e usando a tecnologia a seu

favor e não sendo substituídos pela tecnologia.

Legenda (DFPC1)

Como a gente vê para que os alunos eles encontrem sentido também porque eles estão aqui e muitas vezes a gente vê que os alunos têm aqueles que estão mais interessados pela formação...a elevação da escolaridade isso é bastante importante que, às vezes, ele também não está tão interessado na parte da prática aqui e aí nós precisamos fazer um exercício de orientação, de conversas e tudo e que também há momentos em que o aluno também vê que não é só a parte difícil que é trabalhar numa cozinha, mas com todo o entendimento que ele tem aqui e com a parte e aí vai chegar um ponto que ele também consegue observar mais interesse, até vendo que às vezes aquilo que ele pensava isso aí não é tão bom, isso eu não gosto de fazer tem que ficar cortando, tem que ficar às vezes a parte de ir produzindo, eu queria fazer só para mim eu nem faço nada em casa e tal, mas tudo isso ele vai tendo a oportunidade aqui de ver de várias maneiras que isso também é feito, várias condições que a técnica também pode ser aplicada porque a gente não pode dizer que tem uma maneira só de fazer!

Então, isso também traz que aquilo que ele pensa que às vezes é tão difícil... pode ser que a tecnologia o ajude e quando às vezes não tem esse conhecimento, às vezes pode haver uma resistência maior, mas quando nós estamos aqui a gente vê que essa parte da interatividade e tal ele pode tocar, ele pode ir lá também fazer e praticar e seja a maneira mais simples de cortar um alimento usando as técnicas aqui ele também pode ver que tem ali um cortador ou um descascador que vai ajudá-lo. Então eu acho que nesse sentido a gente mostra as várias possibilidades, tá!

E tendo essa visão mais ampla ele vai ter possibilidade então de se adaptar, eu acho que dentro da cozinha é uma grande adaptação não tem como dizer, olha chegou um tempo que eu nem sabia se era isso que eu queria, mas quando eu comecei a estudar, comecei a dedicar e me profissionalizei nisso, então eu vou dizer que o meu primeiro curso eu fiz já lá em 89 quando eu exatamente entrei mais para dentro das cozinhas mesmo, então eu não tinha o mínimo de conhecimento dos equipamentos, de utensílios e isso e aquilo então aos poucos eu fui me adaptando e hoje eu posso dizer que é o que eu amo fazer até porque o conhecimento me ajuda entendeu, então tudo isso vai fazer parte do interesse e da participação individual mesmo também!

Legenda (DP1)

Das contradições, né? Assim, eu sempre procuro porque é como eu tava conversando, ela

pode ajudar ou ela pode atrapalhar as tecnologias. Depende de como a gente usa, né? Então, assim, até... eu sempre falo para eles, vocês têm que pesquisar, não é copiar! Então, assim, essa questão da contradição é aquela coisa, né, você abre lá, eu peço para fazer um exercício, o aluno vai e copia, né? Será que ele aprendeu alguma coisa? Não aprendeu nada, né? Então, assim, é o que eu digo, eu sempre falo para eles, né, a gente tem que pesquisar para procurar aprender.

Então, eu converso com eles dessa forma, né. Eu passo algumas atividades e digo para eles, óh, não adianta vocês ficarem ai só procurando, né, e copiando tudo. Vocês têm que aprender a pesquisar e verificar se aquilo que está ali realmente é aquilo que está sendo pedido, né? Não adianta querer copiar, né! E, assim, tem que tentar entender e realmente não ficar só enchendo aquilo ali sem estar entendendo nada, né? Então, eu acho que dessa forma, a gente sempre discute dessa forma, né. E, assim, muitas vezes eu vou te falar, eu, durante algumas, que eu faço prova, né, eu permito que eles usem [...]e aí eu falo para eles a questão do celular, que eu não deixo usar, por quê? Justamente por causa disso, né? Porque nesse momento, quem tem o controle, né? Então, assim, eu faço a prova não é para saber, para dar nota ruim para o aluno. A gente faz aquela avaliação porque a gente quer ver o que o aluno entendeu, cada um individualmente, né? Então, assim, se eu deixar que eles usem o celular, que eles usem naquele momento, o celular, o que é que vai acontecer? Aluno é aluno aqui e em qualquer lugar, né? A gente é aluno, então, assim, vai acontecer que um aluno vai fazer, vai tirar uma foto, vai mandar ao outro, vai copiar e beleza, a hora que eu for ver, eu vou ver que aconteceu uma cópia.

Então, assim, essas contradições que a gente conversa na sala, que nesse momento, dessa forma, isso pode atrapalhar. E outra contradição também que eu penso é o que também eu já comentei com você, essa questão, assim, óh, de querer substituir o ser humano, por exemplo, não só o professor, mas é o que a gente notou agora, né? Querer substituir o presencial pelo online. Eu acho que tem certas coisas, que não tem, não tem como, eu acho que já deu para gente perceber isso, principalmente, durante a pandemia. Tá?

Então, eu procuro, assim, óh, a minha unidade curricular, muitas vezes, a gente não... assim, não se atém muito a discussões, né! Mas, seguido, a gente conversa sobre isso, né. Porque é tão rápido tudo que, às vezes, a gente não tem muito tempo, é uma unidade muito, é muito [...], né. Então, assim, às vezes, não abre muito espaço para esse tipo de discussão. Mas, normalmente, essas discussões, elas acontecem quando vai acontecer alguma atividade individual. Aí, eu converso com eles, né. Ah, professora, mas por que não pode usar o

celular? Aí, eu falo né, Óh, não pode usar o celular porque vocês têm o WhatsApp. Quem controla o WhatsApp de vocês, né? Não tem como, hoje em dia, controlar, né? Então, quem vai me garantir que um não vai fazer e, o outro, vai copiar igualzinho. E o meu objetivo não é isso, o meu objetivo, eu quero fazer essa avaliação para ver aquilo que realmente, cada um entendeu! Para ver se, depois eu vou ter que voltar nesse conteúdo, se eu posso continuar né? Se eu posso avançar? Então, nesse momento, a gente até discute, mas, infelizmente, por ser uma unidade curricular, né, de [...], a gente não tem muitas discussões, assim, aí, a gente passa!

Legenda (DP2)

Eu acho que essa questão é bem interessante, a gente desenvolve com eles... procura desenvolver com eles também a questão da pesquisa como uma base de experimentação para você gerar um conceito para você gerar um pensamento! E muitas vezes eles geram esse resultado da pesquisa nem sempre é aquilo que eles trouxeram na cabecinha deles desde o começo. Então, por exemplo, Ah! eu vou lavar o meu alimento e deixar ele de molho com vinagre porque ali vai matar os micro-organismos Não vai, não vai matar a gente tem vários artigos que dizem que você precisa usar outros agentes para poder fazer isso. Então eu acho que nesse sentido a gente também consegue trabalhar com eles e mostrar que as tecnologias estão para nos auxiliar.

Legenda (DP3)

Nas turmas do Proeja, a gente não acaba não, como é que eu vou te dizer assim, a gente não estimula, né, esse lado mais crítico em relação às tecnologias até porque eles vêm numa condição em que eles precisam aprender, né. E nem gerar, talvez, uma discussão em relação a isso, mas esse semestre, na verdade, o semestre passado, agora, 2024-1, dois ou três alunos foram realizar uma atividade e utilizaram o chat GPT. E aí, a gente identificou na hora, né, pelas respostas, e aí explicamos para eles, eu e outra professora, né, que nesse momento, eles não deveriam estar utilizando essas tecnologias, né. Mas a gente percebe que cada vez mais isso vai ser algo complicado em relação às nossas aulas que acontecem no computador, né, porque à medida que essa tecnologia, essa ferramenta, for disseminando, vai ser mais difícil de impedir o uso!

Questão 6.

Como você trabalha nos seus conteúdos teóricos práticos da sua unidade curricular as

questões do trabalho na relação com a transformação da natureza, o desenvolvimento das cadeias produtivas e as condições do trabalho e dos trabalhadores em uma perspectiva histórica?

Legenda (DFPP1)

No caso, trabalho de uma forma dialogada com os alunos que muitas vezes trazem essas questões para a gente, mas sempre que a gente pensa no currículo, a gente aborda esses temas porque é fundamental, a gente trabalha com um produto que depende do homem, depende do homem do campo, depende do homem que vai transformar o trigo numa farinha, depende do homem, eu digo no caso, o ser humano, que vai produzir isso. Então, a gente gosta de fazer com que o aluno entenda todo o processo, toda a parte histórica também, de onde vem, de onde começou, como que o pão chegou no Brasil. Então, a gente se preocupa em dar todo esse contexto histórico e cultural da profissão para que na formação dele, ele não veja o [...] como um produto final, único e que não tenha uma história longa com muita gente que veio por trás trabalhando.

E a exploração do trabalho também, a gente tem unidades curriculares como Sociedade e Trabalho em que aborda. Eu não trabalho nessa unidade, mas dentro do currículo tem essa unidade curricular que é bastante trabalhada e que muitas vezes é trazido dentro da nossa aula prática, questões da exploração do trabalhador. Então, isso é conversado, dialogado e muitas vezes claro se a gente observa coisas que estão sendo feitas de uma forma muito errada, a gente tenta intervir também ou pelo menos fazer com que o aluno tenha consciência do que está acontecendo e de como ele pode lutar pelos seus direitos também.

Legenda (DFPC1)

Com os alunos aqui nós trazemos sempre no início de cada unidade a gente faz a apresentação da unidade de onde a gente acaba então trazendo o contexto de cada UC com aquela técnica ou técnicas que nós vamos tratar naquela unidade naquele semestre. Então essas aulas teóricas que nós chamamos material teórico em alguma medida a gente faz a parte mais digamos explicativa desses conteúdos e aí dentro disso a possibilidade de falar da origem dos alimentos de cada unidade, e aí em algumas unidades é tratado com mais profundidade em outras com menos profundidade, mas acredito que na parte de cozinha brasileira é onde que a gente traz mais discussão sobre esse tema que abrange um pouquinho mais... e que aí por ser a cozinha nossa que é a unidade que dá uma ênfase maior para a parte teórica nos contextos onde a gente esmiúça ali as cinco regiões brasileiras. Então daí vindo por esse lado a gente acaba dando mais conteúdo para a discussão mais em si em relação aos produtos da origem, e

aonde que nós encontramos esses produtos hoje para ser adquiridos e digamos que até quando a gente está em Florianópolis a gente fala como ingredientes do norte ou do nordeste que não tem muito costume, às vezes, e por outro lado a gente tem ingredientes super bem utilizados que são de lá e que a gente usa muito aqui e vamos falar assim do aipim, por exemplo, que pode falar que aipim, é mandioca aipim é macaxeira e aí vai né!

Então nesse sentido, a gente fala dos indígenas a gente começa a trazer um pouco a história da alimentação e daí a história mesmo ainda tem uma disciplina que vai contar um pouquinho mais que dá uma disciplina bem mais teórica sobre isso que daí ele vai falar um pouquinho mais dessa história da gastronomia e tal. A história da alimentação traz um pouco de tudo isso tá! Mas nós com todo o tempo nas nossas aulas teóricas aqui a gente acaba então relatando sobre a origem, o caminho que percorre alguns ingredientes para que ele chegue até aqui e nesse sentido, a gente fala um pouco sobre essa parte entendeu que dá conta de que ele possa encontrar um pouco de conhecimento também nisso não é só está ali a mesa, mas às vezes até as diversificações que nós fazemos aqui. Daí a parte eu faço alguns projetos onde eu faço a parte de pegar os pratos clássicos da nossa culinária clássica e fazer reinvenções com aquele que já está ali um clássico, mas é fazer em reinvenção do modo de preparo, mas os ingredientes a gente costuma usar daquele prato daí ele conta a história daquele prato e aí então nisso tudo a gente fala um pouco disso e em si em cada momento a gente vê olha a gente vai para o açougue a gente vai para os lugares, para o mercado, vai para onde a gente adquire esses produtos e fala bastante também, às vezes, de como era feito os abates de antigamente.

Então isso tudo dá para a gente colocar que olha tem coisas que dá umas das discussões bem fortes que às vezes acontece, por exemplo, ah não como carne de porco porque... se come carne de porco. Ah não como carne de porco porque a minha mãe e a minha avó falava que tem o verme, entendeu? Então daí eu falo assim, mas sabia que quando tinha o verme era porque eles eram criados soltos em chiqueiros? Hoje eles não são de chiqueiros, eles são de granja e têm as pessoas especializadas para cuidar deles e eles não são mais abatidos lá naquela granja, eles são abatidos já no frigorífico! Entendeu? Então hoje a gente pode dizer que os trabalhadores eles também evoluíram nesse sentido que as pessoas que estão então todas as cadeias elas vão dar conta de se aprimorar e de ter tido uma evolução para poder dar conta até das exigências que o mercado hoje, mas se ele é bem informado que o porco não tem mais aquele perigo ele pode até entender que ele pode consumir, mas para isso tudo houve toda uma mudança de conceito de como ele foi criado como ele é abatido, quem que

abate, como é que é os cuidados das pessoas que abatem esse animal para que ele chegue em boas condições para na mesa. Então, todas essas questões das cadeias elas são faladas de maneira mais sutil, mas a gente tem informações básicas em alguns assuntos e em outros mais aprofundados.

Legenda (DP1)

Eu sempre falo para eles, assim, óh, a questão, principalmente, agora que você falou, essa questão da exploração do trabalho né, porque eu já trabalhei com mulheres que, quando eu trabalhei com mulheres Sim, mulheres que estavam, assim, à beira, né, à margem da sociedade, né, em vulnerabilidade social, né? E, muitas vezes, essas mulheres, elas faziam, né, eram artesãs, ou algumas faziam bolo, cuca, para vender, todas autônomas, né, sem registro nenhum, aquele trabalho informal, tá!

Só que eu me preocupo e eu sempre falo para eles, sabe, assim, óh, a questão de você saber valorizar o seu trabalho. Mas, para você valorizar o seu trabalho, você tem que saber aquilo que você está investindo no seu trabalho, tá! Então, nessa questão aí de valorização de trabalho, principalmente, você saber, saber procurar... saber o que você vai gastar para produzir, né. Mas, não é só cobrar aquilo que você gastou para produzir, que você tem que valorizar o seu trabalho, colocar junto ali, né, principalmente para essas pessoas que estão na informalidade, né?

Então, quando eu trabalhei com mulheres, elas ficavam apavoradas, porque quando a gente ia quantificar, por exemplo, ah, eu estou fazendo cuca para vender. Aí, para explicar para elas fazerem o orçamento daquilo que elas gastavam né, para depois, o valor final que elas teriam que vender aquele produto, a maioria delas não colocava o preço do trabalho, do seu trabalho, da sua mão de obra, tá! Então, elas ficavam apavoradas quando a gente começava a quantificar o gasto que elas tinham para fazer aquele produto e muitas faziam né! Vou te dar um exemplo, eu tinha uma aluna que ela fazia cuca para vender e aí, quando a gente começou a quantificar aquilo ali, ela viu que ela não tava ganhando, que o lucro dela praticamente não existia, ela tava trabalhando para pagar aquilo que ela estava comprando.

E até hoje eu percebo isso, e isso faz bastante tempo, que foi quando teve aquele Programa Mulheres Sim. E hoje, até a aula faz uma ou duas aulas ali, a gente tava falando sobre receita e lucro, né, com os alunos até da panificação. E a gente percebe que às vezes os alunos, eles não têm esse conhecimento, sabe! Então, nesse sentido, de tentar explicar para eles que quando eles vão fazer qualquer que seja o trabalho que eles vão executar, seja fazer um pão, seja sei lá, um prato, alguma coisa, que eles têm que saber quantificar aquilo que, aqueles

ingredientes que eles estão colocando e depois que eles tiverem isso quantificado, para eles poderem ter um lucro digno, né? Correto, justo, eles têm que saber valorizar o trabalho deles, para que não fique uma coisa nem muito distante, que ninguém queira comprar, né, Um abuso, mas também que eles não saiam perdendo porque senão de que adianta todo estudo, todo trabalho, se eles mesmos não valorizarem o trabalho deles, né?

Então, assim, nesse sentido, eu procuro sempre, né, porque eu acho que a [...] sentido, ela é uma ferramenta muito importante. Que os alunos que conseguem dominar um pouquinho a [...], eles têm muito medo, né, mas quando eles conseguem dominar um pouquinho aquilo ali, eles conseguem se sair melhor, assim, nos afazeres do dia a dia deles, né, porque muitos que estão ali, eles não vão sair e trabalhar em ser chefes de cozinha, ou trabalhar numa padaria, muitos vão ter o seu negócio, né! Vão produzir, às vezes, em pequena escala, mas é para sobrevivência, né. Então, eles têm que aprender como quantificar e como ganhar a vida fazendo aquilo ali. Então, nesse sentido, eu acho que eu consigo trabalhar toda a aula, eu falo isso para eles, né. Que a [...] está ali para isso, né, que ela faz parte da vida. Não adianta, não tem como viver sem a [...].

Legenda (DP2)

Então em relação a unidade curricular e as questões de relação de transformação da natureza de cadeias produtivas é muito a praia da [...]. Então eu acho que eu consigo contribuir muito mais nessa parte. Embora a gente também discute muito essa questão do trabalho dos trabalhadores a gente acaba falando bastante em conservação da natureza em desenvolver uma mente de que não só a gente explora, mas a gente pode explorar e preservar, então esse equilíbrio de extração, de produção dos produtos do meio ambiente para a gente utilizar na nossa vida é uma questão que eu acabo discutindo muito com eles em vários momentos da [...], né.

Então falando de biodiversidade e inclusive citando comunidades indígenas, comunidades ribeirinhas que são comunidades que vivem daqueles produtos que estão disponíveis na natureza. E eles têm uma sabedoria de que eles vão pescar ou ou eles vão colher, eles vão tirar da natureza aquilo que eles precisam e que se eles tirarem tudo não vai ter mais. Então esse conceito a gente acaba trabalhando bastante dentro da [...]. E eu acredito que para eles isso se torne algo importante até de ser replicado com os filhos e com os netos, como a gente já tem estudantes aqui com netos eu acho que isso é bem importante e eu consigo trabalhar nesse sentido dentro da [...].

Legenda (DP3)

Nessa unidade, na [...]o foco mesmo é trabalhar a questão da informática básica. Então, a gente não consegue fugir muito do conteúdo. E, como os alunos têm muitas dificuldade, aquilo que a gente trabalha durante um semestre, já é difícil de concluir. Então, o foco mesmo, a gente se mantém ali nas questões relacionadas à utilização do computador e das ferramentas.

Questão 7

Você considera que os conhecimentos teóricos e práticos trabalhados na sua unidade curricular promovem uma formação mais focada para a prática profissional e ou também contribui para a progressão nos estudos? Como você realiza essa prática educativa?

Legenda (DFPP1)

Sim, eu acredito que tanto a gente trabalha a formação profissional para o mercado do trabalho quanto a consciência do ser. Então, dentro do IFSC, a gente nunca trabalha só a parte técnica, a gente tenta trabalhar o ser humano na integralidade, tanto da parte da saúde quanto parte até emocional. Então, eu acredito que eu, como professora, eu tenho a função até de trabalhar a autoestima do meu aluno, dele se entender como um ser pensante, para ele tentar ser o mais autônomo possível, que ele tenha o conhecimento de quem ele é, o que ele pode fazer a diferença no mundo!

Então, eu nunca trabalho só questões técnicas mesmo. Eu sempre penso que um aluno é composto de muitas outras coisas, além do conhecimento. Às vezes, uma aula que você se prepara para ensinar a fazer um pão, no final você percebeu que o mais importante foi o aluno entender quem ele é e o que ele pode fazer de diferente. Ou o que ele é capaz de fazer porque muitas vezes a gente recebe alunos que não se sentem nem parte da escola, chegam na escola e se assustam com tanta coisa boa que a gente tem aqui na escola e que eles, muitas vezes, não tiveram acesso. Então, eu gosto muito de trabalhar, na hora que eu acolho os alunos o pertencimento que isso é deles também, que eles têm que tomar o partido da escola porque a escola é deles!

E você percebe que, dentro dessas condições que você desenvolve com eles, você percebe que eles se sentem apropriados para a progressão nos estudos?

Legenda (DFPP1) Não só apropriados como eu acho que isso estimula a progressão! Eles querem continuar tanto que a gente tem alunos aqui na escola que fizeram um, dois, três, quatro cursos. Alunos que vieram para o Proeja e depois viraram alunos do Superior. Então, é

uma prática dentro do IFSC de fazer com que o aluno se sinta num ambiente acolhedor e que ele saiba que ele é capaz de continuar e melhorar.

Eu sou um exemplo disso porque eu fui aluna do IFSC. Eu fui aluna em 2008, eu fui aluna do IFSC e depois eu virei professora! Então, eu sou um exemplo na sala de aula de como o IFSC trabalha a progressão nos estudos e acreditar que é possível pela educação mudar a sua vida. Claro que tem muito esforço para fazer, às vezes, as pessoas não têm as condições que eu tive, no caso, alguns privilégios. Mas, eu tento trabalhar sempre isso nos meus alunos, de falar no estudo que eu acredito que ele vai conseguir!

Legenda (DFPC1)

Sendo que a nossa a nossa parte aqui na escola ela não é, a gente fala não, eu sou a prática. Mas a gente não se considera sozinho, a gente é integrado à teoria e a prática. Não tem como dizer que se o aluno também ele não fizer, se ele fizer ah eu só quero a prática vou faltar nas aulas da formação geral já não vai dar certo porque ele não vai conseguir se formar.

Então por isso que nós somos de maneira integrada também, nesse sentido, a gente vai ter que aliar os dois em alguns momentos, a gente até consegue debater com o professor que vai dar a parte de química, ele leva os conteúdos daqui que a gente está tratando aqui na cozinha para a sala de aula. Então nesse sentido, ele tem esse conhecimento teórico e um conhecimento mais forte prático tá! Então nesse sentido, ele tem condições de seguir em frente e o que nós vemos aqui é que nós temos alunos que eles voltam, na sequência para fazer outro curso aqui.

Então concluiu ali o ensino médio, ele já se prepara e a gente tem grandes surpresas de alunos que eles dão bastante ênfase na educação e tem aqueles que vão dar ênfase na prática de ir para o mercado de trabalho. Mas nós temos isso aliado aqui não dá para dizer só de um e só de outro, às vezes a gente fala: será que a gente forma para o mercado de trabalho? não, a gente forma as pessoas né! Se eles vão para lá ou para cá o importante é o conhecimento que ele vai ter e é importante isso e eu consigo ver aqui tanto um quanto o outro né, seja aqueles que se dirigem para o trabalho que eles estão na época de ir para esse segmento e têm aqueles que ainda encontram tempo para continuar a formação e ainda e isso é bastante forte aqui mesmo na própria escola IFSC.

Legenda (DP1)

Eu procuro sempre, como a gente ali trabalha com esses dois cursos, né, Panificação e Cozinha, então, assim, eu procuro sempre colocar situações, assim, embora que principalmente quando eu trabalho a [...] com eles, que é a [...], que é a primeira [...], né? A [...], ela é mais fácil de ser aplicada no dia a dia. A [...] já é aquela [...] mais de escola, mais

de ensino médio, mais de preparação para o vestibular. Mas a [...], não. Então, a [...] é aquela [...].

Então, eu sempre procuro incentivar e procuro trazer problemas, assim, óh, que tentem, como é que eu vou te dizer que pareçam uma situação real, sabe. Que sejam situações, problemas que aconteçam no dia a dia deles, sabe. Então, por exemplo, se eu vou resolver um problema [...] Sim. Então, eles, eu sempre procuro fazer de forma que eles consigam organizar, né, o meu objetivo ali na [...] é que eles organizem, né, as [...] deles, que eles consigam ajustar a rotina diária deles dentro do orçamento deles, sabe.

Mas dentro dessa lógica, a senhora entende que possibilita que eles possam pensar na progressão para os estudos ou mais para parte instrumental do dia a dia?

Legenda (DP1) Eu acredito que sim porque o aluno de Proeja é um aluno, assim, óh, que se ele não vê utilização daquilo ali, é muito difícil você querer que ele aprenda, que ele se aproprie de algum conhecimento, tá! Então, eu percebo muito, assim, óh, que, às vezes, quando na [...] 1, que, como eu disse para você, é mais aplicado, até no próprio curso, né, eles gostam mais, e eles conseguem, e eles, né, se dedicam mais. Na [...]2, que é aquela [...] mais, né, assim, mais para o ensino médio mesmo, eles, às vezes, eles ficam mais, assim, baqueados, né, eles, como é que eu vou te dizer, mais assustados, porque muitas vezes tem muita coisa que a gente não consegue associar ali ao dia a dia, que é aquela [...] mesmo para quem vai seguir, né, os estudos, para quem vai fazer um nível superior, né, que tem que ter aquela noção, e eles vão sair dali também, vão fazer um concurso, então, é isso, né.

Legenda (DP2)

Eu acredito que funcione das duas formas, mesmo tanto na progressão dos estudos porque a gente recebe estudantes aqui que querem fazer vestibular que querem fazer uma faculdade. Então os conteúdos de [...] que são trabalhados aqui eles vão ter um peso grande nessa progressão nos estudos deles. Mas eu acredito também que para nem só para aqueles que não vão fazer faculdade depois, mas eu acho que para todos a ideia é também levar algo para a vida, algo para o dia a dia deles, para a prática em casa, para a prática com seus filhos. Então eu acho que as duas coisas.

Legenda (DP3)

Sem dúvida todos os conteúdos que a gente trabalha em [...] são pensados na capacitação dos alunos para atuação no mercado de trabalho. E a gente tenta fazer da forma mais simples possível para que eles possam compreender, porque eles costumam ter muita dificuldade, usando diferentes estratégias, e muitas vezes, chega num momento que a gente percebe que a

gente tem que voltar. A gente volta e retoma aquele conteúdo, conhecimento, faz novas atividades para que realmente eles consigam entender e aprender. Porque muitas turmas têm um perfil muito heterogêneo. A gente tem tanto alunos de 18 anos como acima de 60 anos e aí tem muitas pessoas que já têm o conhecimento um pouquinho mais à frente enquanto outros não sabem nada. Mas essa unidade contribui bastante mesmo.

Questão 8

De que forma a pesquisa é trabalhada para ensinar os estudantes a usarem os conhecimentos historicamente sistematizados para resolverem problemas sociais ou profissionais com foco na intervenção e transformação dos contextos pesquisados para qualificar a sociedade?

Legenda (DFPP1)

Na sala de aula como eu trabalho muito a parte técnica, então, é mais a parte de produção de produtos. Eu não trabalho tanto com pesquisas, mas eu trabalho fora com outros tipos de pesquisas, com projetos que muitas vezes, a gente tenta aliar ações de transformação da sociedade com a transformação do aluno para a aprendizagem. Então, por exemplo, agora a gente tem um trabalho, na época que teve as enchentes, no Rio Grande do Sul, a gente chamou alunos que gostariam de se voluntariar para trabalhar o assunto de biscoitos. Então, a gente fez diversos biscoitos, a gente trabalhou a importância de se unir para ajudar os nossos irmãos que estavam necessitando de ajuda naquele momento e, ao mesmo tempo, trabalhava questões teóricas e técnicas da panificação. E, nisso, a gente reuniu alunos de diversos cursos que traziam também técnicas novas, pensamentos diferentes, idades diferentes, classes sociais diferentes, gênero diferente. Então, isso faz com que a gente, depois de uma experiência nessa pesquisa, nesse projeto de pesquisa, a gente saia um pouco mais transformados e também trabalhando essa transformação dentro da sociedade com o assunto que estava precisando da gente naquele momento.

Agora a gente está com outro projeto que é para fazer pães também, com alunos de diversos cursos de dentro do IFSC que, às vezes, nem dentro da área de cozinha, de gastronomia, alunos de eventos e tal e, nisso, a gente trabalha a busca, quem está necessitado de receber, quem tem alguma instituição, porque que a gente vai fazer, como a gente vai trabalhar, que tipo de pães. Então, a gente acaba trabalhando essa parte transformadora da sociedade, mas não tanto dentro da carga horária que eu trabalho de aula, e sim fora, extra, extracurricular,

porque o que eu trabalho é muito específico mesmo, não trabalho, é mais prático e, ultimamente, eu só tenho dado aula prática também.

E o fato do tempo também interfere para não existir essa possibilidade de aplicar a pesquisa nessa aula prática? É um fator determinante?

Legenda (DFPP1) Olha o tempo poderia na verdade... eu acho que não, eu acho que o que poderia é uma mudança no pensar do plano de ensino porque não foi pensado no plano de ensino para isso. E, às vezes, talvez em um próximo momento, se pensar no plano de ensino para trabalhar esse tipo de pesquisa.

Legenda (DFPC1)

Nos departamentos aqui por isso que às vezes a gente tem que continuar falando da parte integrada né, nós temos os departamentos aqui que eles vão fazer as orientações e aí é bastante forte o acompanhamento que é feito. Então acho que a nossa parte aqui ela é fortalecida nesse sentido porque nós temos os departamentos pedagógicos que vão acompanhar, então não é o professor sozinho e aí isso daí fica melhor para nós como professor para gente ver que a gente pode precisar desse apoio e daí a gente encontra essa parte de que os alunos também eles têm essa referência né de buscar as pessoas do departamento pedagógico naquelas necessidades que eles têm e que às vezes aqui na sala de aula a gente não dá conta, mas nesse sentido as equipes pedagógicas aqui eu penso que funciona muito bem nesse sentido a gente tem disciplinas voltadas, por exemplo, para que ele saiba usar melhor as ferramentas e quase que todos nós é disciplinas temos sempre um trabalho que ele faz ou individual ou em conjunto então desde o início ele aprende já usar as ferramentas e já dar algum direcionamento de fazer alguma busca, alguma pesquisa e tal então eu creio que cinco semestres que ele tem praticamente em todo semestre tem trabalhos teóricos para fazer. Então ele vai pegando até gosto para isso porque é uma parte bem difícil para todos nós essa parte da pesquisa mas vejo que aqui nós devagar todo semestre sempre continua alguma coisa ele chega lá no final já fazendo já dando ponta já é de uma gama melhor de resposta para aquelas ferramentas e para as atividades que existem aqui na escola.

Legenda (DP1)

Olha, normalmente eu peço para eles pesquisarem, né, assim, até, por exemplo, quando a gente vai estudar lá[...], por exemplo, né, [...]é uma coisa bem remota, né, dos antepassados e tal. Então, assim, para eles, eu pesquiso, a gente utiliza... eu utilizo para eles terem a ideia da evolução das coisas, né, e para eles saberem que as pessoas elas já tinham, as pessoas tinham conhecimentos que até hoje a gente fica assim, como é que eu vou te dizer, assustados até, não

seria esse o termo, dos conhecimentos que os antigos tinham de como fazer as coisas, né. Então, assim, a pesquisa, ela ajuda e muito, né, eles a desenvolverem os estudos deles, né, porque se não fosse a pesquisa, se a pessoa não tiver acesso, não for pesquisar, não for ler, não for atrás, ela não vai, não vai conseguir se desenvolver, né, então, assim, eu procuro as minhas aulas normalmente, não é toda aula, eu, na verdade, com eles, assim, óh, uma ou duas vezes no semestre, eu peço para eles fazerem uma pesquisa, né, como eu já falei para você, lá agora, na [...]1, eu peço para que eles façam pesquisa lá de [...]né, para entender a diferença entre um e outro, né, e depois lá na[...] 2, eu peço para que eles façam pesquisa sobre[...], né, para que servissem [...]naquela época, né?, Como que, por que os faraós resolveram construir as pirâmides? Então, é bem interessante isso daí, e eu acho, assim, que ajuda eles até a incentivá-los quando eles têm um problema que eles não saibam resolver a ir atrás da pesquisa, porque a gente não sabe tudo, ninguém sabe tudo, né. Então, se a gente, hoje em dia, a gente tem essa ferramenta, não só os livros, a gente tem a internet, né, e com a internet, a gente consegue bem utilizada, a gente consegue pesquisar o que a gente fizer, mas é claro que a gente tem que ter né, ter, ser criterioso, porque nem tudo que está ali é verdadeiro. Então, eu sempre falo para eles, né, tem que cuidar a fonte, né, você não pode pesquisar e ler tudo aquilo que você está lendo, você achar que é verdade, né, que muitas vezes não é, porque tem muito site aí que cada um escreve o que quer.

Você sabe né, hoje em dia tem esses sites livres aí que tem a gente, cada um entra e escreve o que quiser, então, a gente tem que ter muito cuidado com a fonte, né, e é isso. Assim, eu, como eu disse, eu não trabalho muito com a pesquisa, né, direto nas minhas aulas, mas algumas aulas de pesquisa eu faço e eu acho que é bem importante, sim.

Legenda (DP2)

Então eu não trabalho com pesquisa com os estudantes do Proeja especificamente, então na verdade eu faço isso na forma mais teórica tentando mostrar para eles em aula que o conhecimento ele é gerado a partir de pesquisa, né. E a pesquisa, ela é feita a partir de uma pergunta e essa pergunta às vezes, ela é uma pergunta que está no ambiente social deles, uma problemática que eles estão tentando ou estão lidando por um tempo e que querem resolver de alguma forma. Então essa pergunta, ela pode partir da realidade deles mesmos para tentar até resolver ou chegar em algumas alternativas na sociedade em que eles vivem ou próximo no bairro em que eles vivem. Enfim, então eu faço isso de forma teórica mostrando que a gente sistematiza uma pesquisa e ela precisa ser embasada, ela precisa ser argumentada, a gente precisa encontrar as fontes confiáveis para que a gente consiga chegar a uma resposta ou outras

perguntas, né, enfim, mas eu faço de forma mais teórica mesmo.

Legenda (DP3)

As pesquisas que os alunos realizam nas unidades [...], tanto da Panificação quanto da Cozinha, estão relacionadas diretamente a pratos da área. Então, a cozinha pesquisa sobre pratos da cozinha e a panificação, preparações relacionadas à panificação. Então, não tem algo assim muito aprofundado, até porque a gente não tem tempo para isso. E aí essa pesquisa é uma pesquisa básica, introdutória, para eles aprenderem a utilizar o Google, depois a copiar e colar, e aí depois formatação de texto.

Questão 9

Em que medida você consegue trabalhar os conteúdos da formação geral e profissional de forma integrada?

Legenda (DFPP1)

Isso a gente usa muito porque dentro da panificação a gente precisa dos conhecimentos da geral, como, por exemplo, matemática.

Então é utilizada muito em toda aula a gente trabalha com a matemática, então a gente trabalha a geografia, quando fala de onde vem, do território, de onde vem esse pão, a gente trabalha história, contando a história dos pães e dos produtos, da onde vem, então a gente acaba que traz sempre a formação geral para dentro da técnica, e sempre tenta fazer ligação.

Quando a gente não consegue, às vezes, a gente conversa com o professor da geral para poder fazer essa integração entre ambas técnicas profissionais e geral bem como o contrário também acontece! Então, às vezes, o professor de matemática acaba passando atividades que tenham o pão envolvido no meio para fazer mais sentido para o aluno.

Legenda (DFPC1)

Então no na busca aqui para que o aluno aprenda a gente faz algumas conversas com os professores da parte da educação geral, nem sempre dá para aliar tudo mas o que a gente vê é que quando o aluno tem o interesse e tal ele acaba se aprimorando mais na busca desse conhecimento para que as duas a prática e a teoria se unam ali, mas a gente encontra um pouco de resistência às vezes até nessa parte até para que a gente consiga e resistência de como a gente vai fazer isso até pelo tempo que às vezes a gente não tem, como não é organizado um sistema periódico de reuniões de aprimoramento entre os professores às vezes

acaba isso nos faltando mas já houve tempo que a gente conseguiu fazer isso melhor.

Legenda (DP1)

Eu sempre procuro, sabe, faço o possível, tá, de trabalhar a formação geral e profissional integrada. Eu, tento assim, óh, eu, desde o início, eu sempre procuro quando eu estou trabalhando com a panificação, eu procuro trazer a [...] para a panificação, tá! Eu, assim, eu sei que, nesse trabalho, já conversei com a professora de panificação, que eles usam muita [...], então, a gente, várias vezes ela já me passou alguns problemas que, ela lá para a questão da fermentação, da farinha, então, assim, eu sempre, eu procuro conversar com os professores das áreas, né, principalmente lá na panificação, e na parte de cozinha também.

Eu procuro aliar a [...], porque eu sei que a [...] não tem como, né, você vai fazer, por exemplo, você vai preparar um alimento, você precisa saber de medidas, né, você precisa saber unidades de medida, você precisa muitas vezes saber transformar unidades de medida, você vai fazer uma receita, você não quer, você vai fazer uma receita para dez pessoas, quando você vai fazer para vinte, para trinta, como é que fica? Então, eu sempre procuro trabalhar dessa forma com eles, né, trabalhar muito unidades de medida que eles trabalham hoje em dia, eles não trabalham, a gente, eu converso muito com eles, que eles não, antigamente, as nossas receitas eram assim, óh, xícara e colher, né, xícara de chá, hoje não é mais assim, né, hoje é tudo balança, tem balança, é tudo, né, tem as colheres, pesadinho, né, tem os medidores de volume.

Então, eu sempre converso, sempre procuro trazer isso para aproveitar, né, que a [...] está aí mesmo, né, está nessa questão das unidades de medida, está nessa questão de utilizar a balança, de ter que utilizar a calculadora, muitas vezes, para calcular ali na hora, né, que você vai mudar uma receita, né, você vai fazer para dez pessoas, daqui a pouco vai fazer para quinze, ou daqui a pouco quer meia receita só.

Então, eu procuro sempre, fazer dessa forma com eles, sabe, sempre que eu posso. Mas não é sempre, como eu disse para você, tem partes da minha matéria, tipo, quando eu vou estudar [...], que é o estudo dos [...], aí eu tenho que abandonar a cozinha, abandonar a panificação, porque eu não consigo, né, agora, por exemplo, quando eu vou estudar [...], que seria uma coisa, ah, vai botar na cozinha o quê? Ah, [...], uma vez eu lembro, que eu trouxe um problema para o aluno, que era assim, que a panela, né, que a panela tem a forma de um [...], e a pessoa estava utilizando uma panela, e eles tinham que calcular o volume daquela panela, e daquele volume que tinha na panela, eles tinham que calcular quantos doces é de forma esférica, né, a gente já tinha trabalhado o cilindro e a esfera, então eles iam calcular a

partir daquele volume da panela, quantos docinhos a pessoa ia conseguir preparar aproximadamente com aquele volume, né, de massa de doce. Então foi bem legal, assim, sabe! E tem muitos problemas que envolvem [...] que a gente consegue trazer para a cozinha. Eu sempre procuro fazer isso, mas não é sempre que a gente consegue.

Legenda (DP2)

Esse é desafio, é uma questão bem desafiadora. A gente quando faz um PPC de curso a gente coloca ali os conteúdos que precisam ser dados no ensino médio. Mas em caso específico do PROEJA Cozinha e Panificação a gente também pensa em como fazer essa ligação com a prática deles, com a questão mais profissional porque muitos já deixaram de estudar muitos anos. Então eles estão voltando para fazer o ensino médio, mas também para ter uma profissão, também para se profissionalizar. E eu acho que faz mais sentido na vida deles você ensinar, por exemplo, sobre a água e sobre porque a água é importante no nosso corpo? Por que a água é importante na nossa casa para a higienização de alimentos? Enfim, para a bebida, para a nossa fisiologia, do que você saber qual a função da proteína, da membrana da mitocôndria da célula? Então eu acabo priorizando mais essas relações que fazem mais sentido para eles do que esmiuçar algo muito específico muito técnico.

Legenda (DP3)

Nessa unidade curricular, [...], a gente tem como foco a [...], mas a gente sempre busca, na medida do possível, estar relacionando com, às vezes, conhecimentos da área de matemática, de português, ou mesmo história, geografia. Então, quando eles pesquisam um prato e eles têm que fazer uma tabela nutricional, ali vai envolver, muitas vezes, uma ficha técnica, um cálculo de matemática. Às vezes, palavras que são comuns eles errarem na pronúncia, a gente lembra na grafia. Sempre que possível a gente relaciona com outros conteúdos que eles aprendem, principalmente na formação geral, né, ciências, história, geografia, matemática, português nada muito aprofundado. Sempre que possível, a gente traz esses conteúdos até porque o nome é [...]. E a gente busca integrar os conteúdos.

Questão 10

Quais as dificuldades mais comuns apresentadas pelas estudantes mães para dar conta da aprendizagem proposta no seu plano de aula?

Legenda (DFPP1)

Na experiência que eu tive com as mães, eu não vi diferença entre a questão da aprendizagem.

O que eu vi de diferença foi a questão da disponibilidade do tempo que elas tinham para isso! Mas a dedicação que elas tinham quando estavam estudando no tempo que elas tinham para estudar se equiparava com as pessoas que tinham esse tempo livre e não eram mães ou não eram pais. Então as alunas que eu tenho em mente que eu lembro das alunas mães, principalmente de filhos pequenos, eram alunas que realmente estavam querendo aprender, estavam ali se dedicando e fazendo com que aquele tempo fosse bem aproveitado.

Mas o que eu vi de maior dificuldade era muitas vezes não terem com quem deixar os filhos e tinham que trazer para a sala de aula. E aí sim, eu via que havia um prejuízo no estar disponível para aprender naquele dia porque elas tinham que muitas vezes ficar controlando os filhos e não conseguiam prestar atenção no que eu estava ensinando. Mas, por exemplo, uma vez até nessa sala aqui eu dei um trabalho e duas alunas trouxeram os filhos. E foi muito difícil dar a aula e entender que elas estavam entendendo porque demandava muito da atenção delas. Mas no final a gente acabou ficando um tempinho maior e elas conseguiram fazer a atividade e muitas vezes melhor do que outras pessoas que não tiveram essa interrupção ali naquele momento de aula. Então acredito que o horário, o manejo com os horários da criança, não ter alguém para cuidar, ter um suporte paterno de algum familiar deva ser uma das grandes dificuldades, pelo menos como professora é o que eu vejo.

Legenda (DFPC1)

Assim, às vezes é mais na questão mesmo de que o que a gente encontra é as faltas. Mais relativo a isso, olha tive que fazer acompanhamento ou estou com situação de necessidade de ficar em casa para poder cuidar para isso. Então acho que tem bastante disso aqui para nós, eu penso que aqui acho que já está dentro até do que eu faço, então tem sentido de que existem vários empecilhos até de que elas possam participar ativamente, isso existe!

Mas a gente nota também o grande esforço que elas fazem para poder estar aqui até porque são pessoas que elas decidiram fazer a forma ter a parte da elevação da escolaridade, então nesse sentido a gente vê que há muito comprometimento. Então quando às vezes elas precisam faltar eu vejo que às vezes está muito mais ligada a atestados, e assim em relação as mães são mais em relação a atestado pessoais, às vezes que precisaram se ausentar em algumas vezes eu já tive que aplicar maneiras de atividades diferentes para que elas possam dar conta de não ter o semestre comprometido porque existe a parte que é difícil fazer uma sequência de participação em sala de aula, se às vezes tem alguns que têm casos mais recorrentes de necessidades isso quando acontece eu até procuro fazer uma maneira que compense ou fazer um vídeo gravado, nós já fizemos aula dela fazendo uma receita em casa e

mandando para cá para poder dar conta de não ultrapassar as presenças obrigatórias.

Legenda (DP1)

Olha as dificuldades, mas essa eu vou conseguir falar bem para você. As dificuldades é o tempo. As mães, tá, eu assim, óh, eu trabalho faz muito tempo até, às vezes, me chama atenção! E eu já falei para você que eu trabalhei com mulheres em vulnerabilidade social, né? Então é assim, óh, eu, na maioria das vezes, no Proeja, até que agora, ultimamente, não, mas eu já tive semestres em que a maioria eram estudantes, mulheres e mães solo, como dizem hoje, né? Mães sós, que não tinham ninguém, a figura de ninguém mais ao lado, né? Então eram mulheres chefes de família, tá?

E aqui em Santa Catarina, eu fiz uma pesquisa, é um dos estados que mais tem mulher, chefe de família. Então, assim, não é fácil, você sabe que não é fácil criar, né, ter uma família, ter filhos, e você gerir toda essa família sozinha. Então, a maior dificuldade dessas mães é o tempo para estudar, tá? Porque elas, assim, óh, elas, elas têm mil e uma atividades, muitas trabalham em vários locais, e, às vezes, as que têm filhos menores, assim, o maior tem que cuidar do menor, para as mães poderem ir para a escola. Esse semestre mesmo, eu tenho mães que estão levando as crianças, ontem, agora foi quando? Sexta-feira tinha uma aluna, assim, eu fiquei até, assim, sabe, daquele bebezinho, um bebezinho pequeno, assim, acho que tinha um ano, quietinho no colo para ela poder assistir a aula, sabe?

Então, assim, eu acho que a maior dificuldade dessas mães é o tempo para estudar porque elas trabalham, elas têm aquela vida, aquela jornada diária, assim, exaustiva de trabalho, trabalho pesado, tá. e, outra coisa, elas não têm com quem deixar os filhos pequenos, tá? E, muitas vezes, isso acaba impedindo que elas retornem para a escola. Elas começam, um tempo, mas elas acabam desistindo porque elas não têm com quem deixar os filhos. Tá? E é isso tudo em função da dificuldade financeira, né, tá! Tudo isso que gera é dificuldade financeira, porque devido ao trabalho exaustivo para sustentar a família, elas não conseguem ter outra atividade que não é o trabalho e não conseguem retornar aos estudos.

Legenda (DP2)

Essa é uma pergunta difícil porque muitas vezes a gente não está lá na casa deles para saber o que está acontecendo. E realmente quais as dificuldades maiores, mas de todo esse tempo eu percebo que muitas vezes o que eu consegui detectar de maior dificuldade foi em relação ao tempo e a condição de você deixar seu filho em algum lugar para poder estudar. Por que muitas vezes as mães levaram as crianças para a minha sala. Então eu imagino que essa seja uma dificuldade muito grande porque ela já trabalha o dia todo, ela vem para a aula de noite e

muitas vezes não tem com quem deixar o filho porque de dia ela está trabalhando e ele está na escola, mas e à noite? Vai ficar com quem? A gente não está na família, a gente não sabe a realidade da família. Então sob o meu olhar eu vejo que uma das dificuldades maiores é essa questão de onde deixar a criança. O tempo e elas acabam trazendo para a sala de aula como se eu agora nesse último semestre de uma mãe trazer o filho para a aula e isso já foi muito recorrente nas minhas aulas. E, além disso, eu acho que na execução das tarefas de casa se eu for dar algum trabalho, alguma tarefa, às vezes não dá tempo porque tem um milhão de coisas para fazer, as coisas da casa, da criança, disso, e daquilo eu acho que são essas que eu consegui detectar.

Legenda (DP3)

A gente não consegue, na maioria das vezes, identificar as dificuldades das estudantes-mães, propriamente dito, mas sim, das mulheres que têm uma jornada, muitas vezes, tripla, quádrupla, que acordam cedo, pegam ônibus 1, 2, às vezes até 3 para ir para o trabalho. Depois de um dia inteiro trabalhando, vêm aqui para a escola e o cansaço acaba sendo externalizado. Mas a gente tenta deixar a aula mais dinâmica. Às vezes, quando alguém termina mais cedo a sua parte, a gente acaba liberando elas. E aí, a gente vai buscando ter um pouco mais de jogo de cintura em relação a essas situações, de elas não estarem bem, muitas vezes, passaram por situações mais difíceis, mesmo em casa, no trabalho, enfim. Mas a gente vai levando.

Questão 11

Como você descreve a assistência estudantil na sua instituição? Você indica esse serviço quando as estudantes mães apresentam dificuldades de acompanhar as aulas por necessidades pessoais e ou familiares?

Legenda (DFPP1)

Sim, a assistência estudantil aqui no caso ela envolve núcleo pedagógico que tem assistente social, mas também envolve muitas vezes a coordenação que faz esse papel mediador.

E a nossa coordenação aqui, as nossas coordenações são maravilhosas, então sempre que a gente tem algum, visualiza que alguma mãe, no caso aluno, ou outro aluno está precisando de algum suporte, a gente encaminha, conversa com o aluno, encaminha também para ver se o aluno gostaria de passar porque, às vezes, tem que ver o aceite do aluno porque, às vezes, é um problema pode ser visto como problema para a gente, mas não para o aluno. E aí sempre

tenta chegar em acordo ou então muitas vezes traçar estratégias como forma de fazer com que os alunos permaneçam na instituição. Mas a instituição do IFSC no meu ponto de vista é bem acolhedora e sempre faz de tudo para auxiliar os alunos no que for preciso!

Legenda (DFPC1)

Essa parte da Assistência Estudantil na nossa instituição ela já é vamos dizer que ela já é efetiva. O aluno já entra sabendo dessas possibilidades de auxílios, então eu vejo que isso também por outro lado é o que garante muita segurança para eles estarem estudando. Saber que eles têm essa segurança, esse auxílio para poder dar conta com esse auxílio e acredito que isso aí também faça parte de suprir as necessidades delas também é claro que, às vezes, a gente pode pensar que elas têm mais necessidades ainda, mas o que a escola oferece eu vejo que é extrema ajuda então nesse sentido, eu vejo que é bastante importante o que a escola aqui faz. Poderia eu vejo que conforme também a condição um recebe recebe mais ou recebe menos e em relação se for falar de financeiro ou de outro aspecto pedagógico a gente consegue ver bastante aplicabilidade aqui no IFSC.

Legenda (DP1)

Olha, eu considero, eu sei que existe assistência estudantil, eu sempre, eu indico, eu falo sempre, mas ela é insuficiente, tá! Eu sei assim, ela é uma ajuda, né, a gente ainda tem, tem muitos locais que não tem, mas é insuficiente, tá! E muitas vezes ela é muito, assim, burocrática porque demora muito para os alunos conseguirem.

Então, quando eles entram ali no IFSC, eles já pensam muitas vezes que eles logo em seguida, já no primeiro ou no segundo dia, eles já vão conseguir, por exemplo, ajuda para a vale de transporte, né, ajuda para o lanche, e isso às vezes demora, né, porque eles têm muita, muita, eles têm que ter lá o, eu não me lembro como é que é o nome agora, até que eu fui coordenadora do Proeja, eles têm que ter um índice lá que eles, que eles têm que preencher vários formulários, né, e a partir dali é que eles vão conseguir aquela ajuda, e mesmo assim é uma ajuda que para quem tem família, ela é assim, óh, é uma ajuda mesmo, né, porque não consegue a pessoa só com aquela ajuda, eu acredito que ela não consegue se manter nos estudos, sabe, não tem como.

Então, ela é precária, na verdade, tá! Claro que é um incentivo, mas para aquele aluno que talvez esteja estudando fora da sua idade, mas que não tem uma família, tá, aí ela até é um incentivo, mas para aquela mãe de família, para aquele pai de família, é assim, óh, ela é bem complicada, tá, claro que é algo mais, né, mas eu acredito que poderia ser mais facilitada e assim ser maior em valor financeiro, sabe, porque aí talvez os alunos conseguiriam respirar

um pouquinho mais.

E é como eu disse para você, às vezes, demora para chegar. Então tem muito aluno que às vezes, no início, ele falta muito, porque às vezes ele não tem dinheiro para o transporte, e você sabe que ali no curso Proeja, são dois campus que o aluno tem que ir, então até ele conseguir essa ajuda para conseguir ter o vale transporte, é bem complicado, sabe, realmente, olha ela ajuda, mas não é o suficiente, tem que ter um incentivo a mais aí para essas mães, para esses pais trabalhadores para que eles pudessem dar uma respirada, sabe, e menos burocrática também, tá! Mais rápido tudo isso.

Legenda (DP2)

Então a assistência estudantil no campus Florianópolis que eu trabalho lá na Mauro Ramos ela existe e ela realmente atende as pessoas com dificuldades no campus Florianópolis. Eu não tenho estudantes-mães, se tenho? Talvez nem na graduação? Eu acho! Não chegou até a mim porque são adolescentes. Então eu acredito que elas façam na assistência estudantil o atendimento, o acompanhamento dessas mães quando é solicitado Eu acredito porque a assistência estudantil lá eles são bastante atenciosos.

Embora o grupo que trabalha é muito pequeno, é muito reduzido, eu acho que a gente tinha que melhorar no sentido de ter mais profissionais nesse departamento para realmente conseguir fazer um atendimento melhor aos estudantes. Mas porque a gente vê que eles são não sei quantos mil alunos e um grupinho mínimo de profissionais, então claro que poderia ser muito melhor, mas com o que existe eu acho que eles fazem um bom trabalho.

Legenda (DP3)

A assistência estudantil aqui no IFSC, que são as meninas do núcleo pedagógico, elas são super atuantes. Elas estão sempre em contato com os alunos, de modo geral, do Proeja, não só as estudantes-mães. Elas estão sempre falando sobre os auxílios, ou aquilo que eles podem ter direito. Volta e meia elas vão à sala conversar ou se a gente sente que algum estudante também tem algum problema, está com alguma dificuldade a gente encaminha para a assistência.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - PARTICIPANTES COORDENADORES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) coordenador (a) do curso EJA - integrada - EPT,

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após a leitura e esclarecimento sobre as informações a seguir, no caso de concordar em fazer parte do estudo, clique no campo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, se sua participação for presencial assinar as duas vias impressas. Caso seja online sua participação, solicita-se que assine este Termo em formato digital e recomendamos que este termo seja impresso e/ou salvo em seus arquivos para que tenha os dados de contato das pesquisadoras em caso de desistência de participação na pesquisa que pode ocorrer a qualquer momento sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Título da pesquisa: TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT-ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL

A pesquisa está sendo realizada dentro do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)

Nome do Pesquisador principal: Mestrando Michella Rocha dos Santos Fraga
Rua Bloco B, Campus Universitário –Trindade, Florianópolis – SC – CEP 88040-900 -
E-mail: micheallaflor@gmail.com | Telefone: 37212707 (48) 988546464

Nome da Orientadora (Pesquisadora Responsável): Professora Salete Valer, Dr.^a
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - *Campus*
Florianópolis-Continente

Rua 14 de julho, 150, Coqueiros

CEP: 88075-010 - Florianópolis - SC

Telefone Institucional: (48) 3877-8419 - (48) 3877-8400

Área/setor: Linguagem e Comunicação

Telefone pessoal da pesquisadora Responsável: (48) 99608-9308

E-mail institucional da pesquisadora: salete.valer@ifsc.edu.br

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/IFSC está localizado dentro da própria Instituição, à Rua 14 de julho n.º150 segundo andar sala 33B Florianópolis-SC CEP (correios): 88075-010). Horário de funcionamento definido de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 12h e das 14h às 17h para contato dos pesquisadores e participantes das pesquisas. Telefone para contato (48)3877-9054 e e-mail cepsh@ifsc.edu.br.

O objetivo desta pesquisa é investigar as perspectivas das trabalhadoras estudantes mães do Curso EJA-EPT de Nível Médio Cozinha e Panificação sobre como a teoria e prática constitui para a formação integral para o sucesso e progressão. A sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- (i) Participar de uma entrevista composta por 06 questões abertas referentes à sua percepção da forma como a relação teórica-prática constitui a formação integral dos princípios da EPT possibilitando o sucesso e progressão nos estudos e trabalho das trabalhadoras estudantes-mães do curso.
- (ii) no decorrer do processo da pesquisa, responder a um questionário que será elaborado no decorrer da pesquisa cujas questões tratam da sua avaliação em relação ao conteúdo e forma do Produto Educacional elaborado como parte desta pesquisa.

As atividades ocorrerão sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o(a) pesquisado(a). Os procedimentos aplicados por esta pesquisa no decorrer da participação para os dados da Entrevista e do Questionário de avaliação do Produto Educacional, eventualmente, podem oferecer riscos como mal-estar, cansaço, fadiga e aborrecimentos psicológicos à/ao participante em termos de integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. Pedimos que, antes de confirmar a sua participação, informe às pesquisadoras caso possua alergias, pressão arterial alta, diabetes ou outra doença ou particularidade que possa interferir na sua saúde pela sua participação nesta pesquisa. Nesse caso, você não deverá participar da pesquisa.

Para evitar possíveis riscos no decorrer da participação da pesquisa, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça acessar a pergunta que vem na sequência do questionário. Mesmo assim, para refrear esses riscos, você poderá interromper o preenchimento do questionário sempre que sentir necessidade de descanso.

Em caso de desconforto ou mal-estar durante a responsiva dos diferentes instrumentos, serão oferecidos cuidados imediatos e assistência adequada, sem nenhum custo para os participantes, em conformidade com seus direitos individuais e seu bem-estar físico e psicológico, ou seja, você será encaminhado/dá à unidade de saúde mais próxima do local em que a pesquisa está se desenvolvendo, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Apesar de mínimos, existem riscos relativos à violação das informações prestadas via questionário online, não sendo possível assegurar total confidencialidade, uma vez que pode ocorrer roubo de informações por hackers. Caso tal fato aconteça, os sujeitos participantes na pesquisa serão informados o mais breve possível.

Os benefícios esperados pela sua participação na pesquisa pelas respostas dos questionários (1) e (2) e a entrevista (3) são contribuições pessoais de acordo com a sua percepção sobre os princípios da EPT nas práticas pedagógicas do Curso - EJA Integrada à EPT, com foco na formação integral das trabalhadoras estudantes-mães do respectivo curso.

Você poderá solicitar informações relacionadas ao estudo em qualquer etapa da pesquisa, até mesmo quando esta já tiver sido finalizada. Você é livre para não querer participar deste estudo, ou mesmo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem necessidade alguma de justificativas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma natureza, não interferindo, inclusive, na sua ação discente no IFSC *Florianópolis - Continente*. A atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes da pesquisa. A sua participação na pesquisa não dependerá de custos para você, tampouco será remunerada.

As informações obtidas pela sistematização de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e resguardando sempre sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a sua finalização. As ações envolvidas com o tratamento dos dados pessoais e dados sensíveis dos participantes da pesquisa estão em concordância com a Lei n.º 13.709 de 14 de agosto de 2018 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Brasil, 2018). Os pesquisadores garantem que será preservada sua identidade e privacidade e que o sigilo e anonimato será mantido sempre, inclusive nas publicações do estudo. Comprometem-se em manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, em conformidade com a Resolução Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da

Saúde (Brasil, 2012).

Os pesquisadores se comprometem a elucidar dúvidas, anseios e questionamentos, de forma compreensível e objetiva, durante o processo de consentimento livre e esclarecido e ao longo da pesquisa ou mesmo após sua finalização. Igualmente, são reconhecidos e acatados os direitos dos participantes, conforme preconiza a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

Os resultados da pesquisa serão compartilhados, e ficarão à disposição dos interessados, por e-mail, correio, ou como você preferir. Os resultados da pesquisa serão publicados no texto Trabalho Acadêmico na modalidade Dissertação, bem como na elaboração de um ou mais produtos educacionais, os quais serão publicizados em textos *online* abertos ao público. Ainda poderão ser publicados artigos, capítulos de livros, resumos e apresentações em congressos científicos sobre a temática em estudo.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa será importante, uma vez que os seus resultados poderão contribuir positivamente para o planejamento, desenvolvimento e implementação de ações educativas capazes de promover a formação humana integral às trabalhadoras estudantes-mães na área da EJA-EPT.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, mestranda Michella Rocha dos Santos Fraga, pelo telefone (48) 988546464, e-mail michellaflor@gmail.com ou com a pesquisadora responsável, orientadora, Profa. Dr.^a Salete Valer, pelo telefone (48) 99608-9308, e-mail salete.valer@ifsc.edu.br, ou nos endereços listados neste termo.

Como este documento é assinado em papel, presencialmente, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura de compromisso é realizada de forma impressa, após marcar nas caixas de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas. O termo será impresso em duas vias, e ambas as vias serão assinadas pelas pesquisadoras e participantes, ficando cada qual com uma via assinada.

.....
Como este documento é assinado por via digital, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura deste termo de compromisso será realizada digitalmente, clicando na caixa de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas.

Agradecemos imensamente sua atenção e esperamos contar com sua participação.

CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____

abaixo assinado, concordo em participar do estudo.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelas pesquisadoras sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Também fui informado (a) de que há limitações dos pesquisadores em garantir absoluta confidencialidade dos dados *online*, já que essa forma de armazenamento pode correr riscos de violação dessas informações.

Local: Florianópolis, SC Data ____/____/____.

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas na Entrevista **sobre os princípios da EPT - Variáveis internas**

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas no Questionário, o qual trata da avaliação do **Produto educacional** que será elaborado como parte da pesquisa.

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

APÊNDICE J- ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES COORDENAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus Florianópolis* Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

1. Você considera que o conhecimento teórico e prático trabalhados nas unidades curriculares do curso promove uma formação mais focada para a prática profissional e/ou também contribuem para a progressão nos estudos das trabalhadoras estudantes-mães? Como você entende essa prática educativa no curso?
2. Como você entende que os avanços e domínios das tecnologias constituem a prática do trabalho e como você percebe as contradições do uso dessas tecnologias no cotidiano do curso?
3. Em que medida a cultura atual das pessoas envolvidas no processo educacional da instituição influencia na proposta de uma formação integral dos estudantes do curso?
4. Em que medida você analisa que os conteúdos do curso são trabalhados de modo interdisciplinar entre os conhecimentos da formação geral e formação profissional?
5. Quais seriam as dificuldades específicas mais comuns nas trabalhadoras estudantes-mães que possam prejudicar a aprendizagem proposta no PPC do curso?
6. Como você descreve a relação da coordenação com a Assistência Estudantil na instituição? Ocorre encontros/atividades para desenvolver ações para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes?

APÊNDICES K - RESPOSTAS ENTREVISTA COORDENADORAS

Abaixo, retoma-se cada questão presente no [Apêndice J- Roteiro Entrevista Participantes Coordenadores](#). Na sequência, apresenta-se a legenda de cada participante e o respectivo conteúdo descrito de forma literal das respostas das entrevistas.

Legenda:

C= Coordenadora

C= Curso Cozinha

P= Curso Panificação

Questão 1

Você considera que o conhecimento teórico e prático trabalhados nas unidades curriculares do curso promove uma formação mais focada para a prática profissional e/ou também contribuem para a progressão nos estudos das trabalhadoras estudantes-mães? Como você entende essa prática educativa do curso?

(Legenda CC1)

Essa questão do conhecimento teórico e prático é bem interessante no Proeja, eu te digo que os nossos cursos técnicos, o Técnico Proeja Cozinha, ele de fato é bem voltado para um conhecimento prático pela própria formação do curso técnico. Mas é muito importante, dentro desse conhecimento prático, também trazer questões teóricas, não somente as questões teóricas, técnicas, mas principalmente questões teóricas que envolvem a vida do trabalhador. Por quê? Porque assim, para que a gente não reproduza no Proeja, em nenhum curso, especialmente no Proeja, que seja um trabalhador que vai para a sua atividade prática e não faz uma ação reflexiva do seu exercício de trabalho e de como a sociedade entende ele naquele ponto. Então, essa questão do conhecimento teórico, ele não pode traduzir, ele está desligado do prático para que a gente não reproduza aquele trabalhador que se resume a um trabalhador braçal sem pensar a sua posição na sociedade. Porém, a formação profissional, ela traz uma autoestima para esse público, qualquer um público, no caso que eu estou falando do público Proeja, você chega aqui no IFSC e você ter uma capacitação técnica na área de

cozinha te coloca numa posição mais crítica do seu local de trabalho, se você já trabalha na cozinha, que alguns já trabalham, mas que também de um empoderamento de saber exatamente como agir. Então, o conhecimento prático é extremamente importante, ele requer recursos financeiros, não é fácil você manter um impulso prático com muitas atividades práticas, não é? Tem um custo financeiro, mas que ele nunca deve estar desassociado do conhecimento teórico.

Então, dentro dessa lógica da autoconfiança para o estudante, para ele dar continuidade nos estudos, na progressão, tanto a nível profissional como na vida acadêmica?

(Legenda CC1) Como na vida acadêmica a gente pode pensar na progressão, por exemplo, muitos profissionais, muitos alunos que se formam técnico em cozinha aqui, eles acabam querendo explorar outras áreas da gastronomia, turismo e lazer. Então, por exemplo, eles saem do técnico em cozinha e eles vão fazer só a parte técnica do técnico em panificação, ou eles vão fazer só a parte técnica do curso de confeitaria e alguns vão realmente para um nível superior. A gastronomia ou, por exemplo, a hotelaria, que a gente também tem o curso de hotelaria aqui no nível superior. Então, a gente encontra nossos alunos também em cursos superiores aqui no IFSC e outros acabam se descobrindo. A gente tem uma aluna recente que ela resolveu fazer [...] na UFSC. Então, também a gente só... esse vislumbrar de você ter a possibilidade de ver o mundo e se enxergar nesses outros ambientes é algo que a gente já considera que houve um empoderamento daquele indivíduo, uma sensação de maior capacidade para seguir os estudos na vida acadêmica.

(Legenda CP1)

Realmente o que eu acho que é muito importante é que a gente tem que entender o trabalho do que a gente vê no curso Proeja, que tem essa ênfase muito forte da parte técnica junto, e essa possibilidade de fazer um trabalho, um estudo desenvolvido com os alunos teórico e prático é onde que eu vejo que esses alunos acabam tendo a compreensão real do que nós estamos tentando trabalhar e ensiná-los, né. Até a gente percebe que desde o início do curso que é iniciado, um trabalho mais teórico, que a gente ainda não tem essa dualidade teórico-prático, como às vezes fica ainda complexo deles entenderem, de fazerem conexões com o que é simplesmente uma teoria, um conhecimento mais baseado em referenciais teóricos e tudo mais, mas no momento que a gente alia essa teoria com a prática, ela dá uma ressignificação para esses alunos.

Em especial, a gente está falando um pouco sobre as mães, as trabalhadoras, as estudantes trabalhadoras, e realmente para elas, que são pessoas que já têm que no dia a dia ter a prática

muito embutida no seu trabalho diário, como mãe, como mulher, acaba sendo uma forma de ressignificação ainda maior dentro do curso, porque é onde elas já conseguem trazer conhecimentos prévios, noções de várias técnicas que elas já trabalham como mãe, com esse simples fato de ter que estar agindo e produzindo coisas para os filhos, para o seu dia a dia em casa. Então, essa prática dentro do curso, a gente vê que ela fica ainda mais completa e ela faz sentido para essas mães estudantes, porque é onde elas também têm o momento de aplicar esse saber que elas já trazem né, esse saber fazer, esse saber da habilidade que elas tiveram que desenvolver na vida, no dia a dia, e elas empregam isso de uma forma a trabalhar a teoria e a prática de uma maneira muito enriquecedora no curso.

Eu vejo que, inclusive, a presença de estudantes que são mães em cursos como esses nossos, da área de alimentos e bebidas, seja cozinha, ou seja, panificação enriquece a turma como um todo porque elas trazem noções, percepções e trabalho da prática do desenvolvimento de diversas técnicas. Essas questões do dia a dia que para muitos homens, enfim, ou até mulheres que não são mães, se torna o conhecimento mais tátil, mais possível de ser incorporado ao longo do curso. Então, a presença delas nessas aulas, né e no desenvolvimento dos nossos cursos Proeja é muito enriquecedora para a turma como um todo.

Então, dentro dessa lógica, a progressão para os estudos, no sentido das aulas é muito importante, as estudantes mães fazem mais sentido e elas conseguem dimensionar a possibilidade de tornar essa progressão possível na vida delas?

(Legenda CP1) Com certeza! Eu observo isso, sim, como a gente vê a evolução delas aqui e essas conexões que elas conseguem fazer com o seu dia a dia, com a sua vida, sua rotina de trabalho e as compreensões do que está sendo trabalhado e desenvolvido aqui. Então, justamente, é algo que possibilita essa ascensão, né, um conhecimento, essa trajetória que elas brindam de uma maneira no curso muito significativa, inclusive para nós, docentes e equipe da coordenação. Então, a gente percebe essa mudança, essa evolução dentro dessas mulheres no curso.

Questão 2.

Como você entende que os avanços e domínios das tecnologias constituem a prática do trabalho e como você percebe as contradições do uso dessas tecnologias no cotidiano do curso?

(Legenda CC1)

Esta pergunta, ela é o centro hoje nos cursos Proeja vou começar a falar sobre ela a partir da própria entrada do aluno, do ingresso, que hoje é totalmente informatizado. E o candidato, no momento que ele está se inscrevendo, ele é candidato. O candidato do Proeja para conseguir se inserir no IFSC dificilmente, pelas histórias que eles nos trazem, ele conseguiu sozinho. Então, foi uma professora do EJA, do Fundamental, que auxiliou. Ele veio aqui no campus e alguém fez a inscrição com ele, foi uma irmã, foi um filho. Então, olha só a complexidade, o uso da tecnologia que já impede dele chegar aqui!

E assim que ele chega aqui, nós temos uma unidade curricular que é voltada totalmente para a tecnologia da informação, né,[...], além de outras. E muitas vezes eles não sabem nem ligar o computador, ou digitar um texto, ou fazer um slide. Então, essa unidade curricular, ela tem essa função de trazer esse primeiro contato.

E recentemente, que acabou de entrar na turma do Proeja, na nossa última aula, a atividade era enviar, enviar um e-mail. E olha só, eles têm um celular, todo mundo que tem um celular usa, tem um Gmail, e muitos relataram que nunca tinham enviado um e-mail para ninguém. Recebem vários, provavelmente, porque eles têm uma conta do Gmail, mas nunca tinham enviado um e-mail para ninguém.

E essa atividade era escrever um e-mail para as professoras, né, e dizer o que é que esperava do curso, saíram textos, assim, emocionantes e relatam assim, a professora, eu estou me sentindo um executivo em fazer o e-mail, escrever o e-mail para vocês! Então, a finalização dessa UC é algo extremamente prazeroso para a gente, que está engatinhando com eles ali nos primeiros momentos, nas primeiras semanas, e vê-los entrar no drive, descobrir o que é uma nuvem, digitar um texto, procurar as letras no teclado, então, a tecnologia, ela é muito importante, né.

Então, a tecnologia, ela não pode ser retirada do curso PROEJA ela é muito importante, a gente não pode fingir que ela não existe porque eles vão trabalhar e vão precisar enfrentar. E, ao mesmo tempo, ela também é um empecilho para que eles cheguem aqui, se a inscrição não tiver os auxílios, de vizinhos, de professores e até mesmo da equipe de busca ativa, que a gente chama aqui no campus para isso, impede que esse candidato do curso Proeja se torne aluno. Então, ela vem para ajudar, ela abre portas, mas a contradição é que ela também é o primeiro desafio para que o candidato se torne aluno do Proeja.

E durante os cinco períodos, vocês percebem as contradições dentro, tanto das aulas práticas e teóricas, como a questão da tecnologia?

(Legenda CC1) Sim. Então, por exemplo, hoje está chovendo, eles querem aula online.

Então, eles pedem para a professora, está chovendo, vamos tentar fazer aula online, principalmente se a aula for teórica. Então, a gente vai fazer uma aula pelo Meet. E o que ocorre? O primeiro dia de uma aula no Meet é um desespero, aí... porque professora, eu não sei como é que eu vou entrar a gente até vêm para todo mundo presencial, aprende a usar o Meet para no outro dia fazer o Meet online, sem nunca ter vindo aqui! Então, eles querem, só que...se por um acaso o celular deles, o link, o programa do Meet, precisar de uma atualização, eles dificilmente vão conseguir entrar em aula. Mas eles dizem, mas professora, eu sabia entrar, só que na hora que eu entrava, o programa não ia direto dentro do link. Não é? Por quê? Porque quando você vai olhar, deixa eu ver o que aconteceu no celular. Porque você é professora de[...], você passa a ter acesso a todos os celulares da sala. E aí você vai pegar o celular e não entrou automaticamente porque precisava fazer a atualização. E ele queria aquela aula, mas ele mesmo não conseguiu assistir aquela aula, porque precisava desse pequeno passo, que era atualizar o aplicativo, para conseguir entrar com o link que a professora mandou.

Então, a contradição ali do uso da tecnologia, de querer fazer a aula online, mas para aquilo estar com a ferramenta pronta, ela existe e a gente vai driblando, explicando. Então, acontece uma vez, na outra vez, ah professora já lembrei, que era porque eu tinha muito tempo sem entrar e tinha que atualizar o aplicativo e aí a gente vai seguindo.

A mesma coisa, por exemplo, fazer contas, então, a gente sempre começa a fazer contas realmente como o ensino tradicional, na mão, no caderno. Depois, nós vamos fazer contas numa planilha, uma planilha do Google, uma planilha do Excel. E aí, o primeiro impacto é, aí, professora, não sei! Depois que eles aprendem que podem somar, multiplicar ou dividir dentro daquela célula, e eles percebem que é muito mais rápido e fácil, aí, professora, vamos fazer essa conta lá na planilha. Então, o uso da tecnologia, do mesmo jeito que eles querem e é bom e é algo diferente, é também algo que dificulta a própria inserção dele dentro das TICs.

E os professores, dentro disso, tem que estar driblando e flexibilizando essas adversidades para dar conta também? É um grande desafio para os professores?

(Legenda CC1) Com certeza o professor, por exemplo, ele, aí... eu vou fazer a prova presencial, todo mundo vai fazer a prova escrita. Mas o professor, ele faz um teste de fazer a prova pelo SIGAA que é o nosso programa aqui de ensino, então, quando eles descobrem que o professor poderia ter feito a prova pelo SIGAA e ele fazer em casa, ele fazer em algum lugar, ele sempre... aí, professor, vamos, por que não faz a prova pelo SIGAA? Porque a gente tem que vir aqui só fazer a prova. Só que, às vezes, o professor, tá eu vou botar lá no

SIGAA. Só que tem um tempo, uma hora, uma hora e meia. Daqui a pouco o professor recebe e-mail dizendo, ai, professor, não consegui fazer no tempo, fechou e eu não terminei a prova, aí o professor vai ter que, novamente abrir o sistema, né, se adaptar, tentar reabrir o sistema, dar uma nova chance para aquele aluno fazer a prova ou realmente fazer a prova presencial. Então, cada vez que você opta como docente no uso da tecnologia, em qualquer vertente que você vá, na aula online, numa avaliação, numa prova, em um vídeo, sempre vão surgir obstáculos que você tem que aprender a driblar e ensinar eles a driblar. Então, sempre vai ser bom, mas sempre vai ter algum aluno que não vai conseguir atingir a meta.

(Legenda CP1)

Como a gente percebe essas evoluções que elas têm da ressignificação de acordo com tecnologia e prática, a questão da tecnologia é algo que vem de uma maneira muito surpreendente, que engrandece, que enriquece né... a trajetória dessas mulheres no curso. Somos um instituto de ciência e tecnologia. A ideia é trazer essas possibilidades para o aluno muitos que já têm como eu falei na nossa primeira questão, desse saber que a gente já traz inato ou de coisas que eu desenvolvo no meu dia a dia, mas quando eu tenho a possibilidade de chegar num ambiente escolar, que eu vou me deparar com a questão da tecnologia e eu vou conseguir aprender de uma maneira que eu consiga fazer esse link, essa conexão com o meu dia a dia, o aprendizado faz realmente sentido, ele tem um porquê de eu estar aqui. Não é simplesmente estar aprendendo algum conhecimento, alguma técnica diferente!

A tecnologia, ela traz respostas muito interessantes que até mesmo quando a gente tem alguma que já é profissional da área, por exemplo, já trabalha numa panificadora, numa confeitaria muitas vezes foram aprendendo a fazer com outros profissionais que já estavam a mais tempo no mercado ou no fazer mesmo, no dia a dia. Mas muitas vezes quando acontece, por exemplo, de dar alguma coisa, você não vai ter algo errado numa produção ou ter algum problema que elas precisam trabalhar com essas adversidades, a questão do saber através da tecnologia e do que elas aprendem aqui, traz respostas para o seu dia a dia, para o emprego dessas técnicas no ambiente do trabalho.

Então, é onde elas conseguem responder muitas questões do que elas precisam para o dia a dia e prática. Inclusive, no ambiente de trabalho, se tornam distintas, disseminadoras desse conhecimento, que é algo para a gente assim que dá um orgulho muito grande porque são pessoas que estão aprendendo aqui, aprendem a fazer essa conexão entre teoria e a prática e o uso das tecnologias e empregar isso no ambiente de trabalho delas ou no dia a dia da família, da casa. Então, isso realmente a gente entende essa mudança que acontece com essas

mulheres de uma forma muito especial e muito enriquecedora.

E as contradições aparecem no dia a dia do uso dessas tecnologias?

(Legenda CP1) Aparecem também a gente percebe que sim! Aparecem e é um questionamento que elas, inclusive trazem muito para o ambiente da escola, para o curso inclusive, com aspectos do que elas carregam com uma certa, muitas vezes, insegurança de tudo o que está sendo aprendido aqui, de tudo o que elas estão conquistando, seja a conclusão do ensino médio ou do curso técnico, o quanto isso vai mudar na minha vida pessoal, profissional com a conclusão do curso! Então, é nesses momentos que a gente percebe que essas contradições seguem um pouco mais presentes e que causam uma certa ansiedade nessas mulheres também, né, o quanto isso vai acrescentar para mim como profissional, como mulher na família, no meu ambiente profissional, pessoal? Então, são alguns momentos que a gente tem que, inclusive, sentar e conversar um pouco com elas e pensar juntas o quanto isso está sendo uma evolução para elas e que realmente é um papel delas também, saindo daqui como profissionais formadas, concluindo o seu ensino médio e técnicas em uma área específica, ou panificação, ou cozinha, ou área que for se especializar, de que elas têm esse papel também de mudar o que a sociedade encara, de mudar o mercado de trabalho, de mudar a sua própria relação com a família, no seu núcleo, no seu ambiente familiar. Então, realmente são questões que a gente acaba discutindo e tratando muito com elas para dar essa fortalecida, esse empoderamento delas entenderem que esse conhecimento nunca vai ser perdido. É algo que você ganha, que você vai desenvolver e que você vai disseminar nos ambientes, que você está trabalhando e que você estiver fazendo parte. Então, com certeza, é um ganho!

Questão 3

Em que medida a cultura atual das pessoas envolvidas no processo educacional da instituição influencia na proposta de uma formação integral dos estudantes do curso?

(Legenda CC1)

Eu costumo comentar que as nossas alegrias no Proeja, o avanço do Proeja no Campus Continente, que os cursos Proeja aqui são bem antigos, o sucesso que ele tem, o nível que ele chegou, é justamente porque é um trabalho de um grupo muito comprometido com a formação do Proeja. E eu não estou falando só do grupo docente, eu estou falando do núcleo

pedagógico, eu estou falando do registro acadêmico que recebe ele, eu estou falando da assistência estudantil, da biblioteca. Então, aqui no Campus Continente, a gente sempre tem um olhar em todos os setores, quem é o aluno do Proeja.

Então, se chegou no registro acadêmico e percebe-se que é um aluno do Proeja, a resposta, o diálogo, o encaminhamento, ele precisa ser diferente para que aquele aluno consiga fazer o que ele quer fazer e que ele consiga ser atendido na sua plenitude. Isso vai acontecer em todos os setores e essa cultura, essa forma de agir, essa discussão intensa que a gente tem aqui dentro do Campus, do acolhimento do Proeja, e se não for dessa forma, a gente não vai ter o aluno do Proeja aqui, ele já é um curso que tem muita evasão, então vai dificultar ainda mais a permanência dele aqui. Se a gente não tiver essa cultura de todos os setores, não somente do corpo docente, o Proeja aqui não vai ter sucesso, ele não vai andar. Porque é um aluno que ele encontra muita dificuldade, não vou dizer que é só aluno do Proeja, mas eles são trabalhadores também, então tem um dia muito estressante!

Então, chega aqui na escola, se encontra muita dificuldade para que as coisas aconteçam, eles não ficam, eles vão embora. Então, é claramente para nós que a cultura institucional, do acolhimento aos cursos Proeja, ela tem que ser como um todo, senão a formação no Proeja, ela não vai funcionar, não vai atingir os objetivos das quais a gente espera, no nível que a gente espera. E aqui no Campus Continente, me desculpe estender, a gente tem um... o nosso curso é por meio de uma parceria com o Campus da Mauro Ramos, que dá a parte propedêutica, o ensino médio, e a gente dá a parte técnica. E a formação propedêutica no Campus da Mauro Ramos é centenária. Então, é um campus muito antigo, tem 115 anos, então, já tem um corpo docente de professores que trabalham com o Proeja há muitos anos. Então, há um engajamento, um envolvimento, e que torna as unidades curriculares do ensino médio tão prazerosa quanto do ensino técnico.

Então, é uma questão da distância, a distância física, que existe, não é um impedor ou um dificultador para pôr em prática essa formação integral?

(Legenda CC1) Não.

Ela existe mesmo com essa especificidade, dele lá ser centenário e estar num espaço físico, e aqui ser um espaço mais novo e ser voltado mais para questão técnica?

(Legenda CC1) Não, eu não vejo como um empecilho. Quando eles chegam aqui, eles tomam aquele susto que vão ter que ir para dois campus. Com o passar do tempo, eles vão descobrindo os prazeres de estarem nesses dois campos. Por exemplo, quando eles estão lá, eles têm acesso a laboratórios de biologia, de química, de física, que aqui não tem e são

laboratórios bem consolidados. Então, eles relatam, professora, na aula de biologia eu vi uma célula. Olha, olha que fantástico, o aluno do Proeja pegar um microscópio, ver uma célula e poder falar sobre isso. Ah, professora, eu fiz na aula de química, nós fizemos sabão, nós fizemos álcool 70, nós fizemos um livro sobre os aromas dos alimentos com o professor de química. Então, quando eles vão descobrindo essa riqueza que existe por meio dessa distância, né, que acontece lá no Mauro Ramos, e vem pra cá e tem toda a parte técnica, diárias, que chamam a atenção deles, né, não vou falar especificamente da área aqui, é onde eu estou, de vir pra cá e conhecer as habilidades de cortes, os pratos brasileiros, a cozinha italiana, francesa, da América do Sul.

Então, isso deixa de ser um empecilho ter que ir em dois campus, porque as formações, elas passam a ser muito consolidadas justamente porque são espaços que têm essas formações muito bem já erguidas e que talvez um único espaço ainda não conseguisse dar a eles toda essa complexidade. Essa formação completa do qual os cursos aqui no continente têm. E lá na Mauro Ramos, eles acabam descobrindo que para pegar o transporte é muito melhor do que para pegar o transporte aqui. Então, lá tem um terminal do centro que eles vão caminhando, conversando, fazendo amizade, que é bem próximo. Então, tudo que seria algo que iria dificultar passa a ser prazeroso a partir do momento que eles vão vivendo. É óbvio que assim, que eles chegam aqui, eles têm aquele impacto, será que eu vou dar conta disso? Mas, com o passar do tempo, eles vão descobrindo que sim, é legal ter aula em dois campus, apesar das diferenças e das distâncias.

(Legenda CP1)

Influencia totalmente, tanto que eu vejo que a forma como culturalmente a gente realmente trabalha e coloca as nossas ambições para com esses estudantes porque claro que como docentes, como coordenadores de curso, a gente também coloca né, essa carga de responsabilidade em como formar essas pessoas, como formar essas mulheres que estarão aí atuando no mercado, como estarão se relacionando no seu ambiente familiar. Então, a forma como eu vejo que diversos professores da equipe Proeja atuam nesse aspecto de culturalmente desenvolver uma forma de ensino, aprendizagem que é focada e voltada para esse público-alvo.

Então, os olhares vão ser diferenciados, a forma de condução de um aprendizado vai ser diferente! As próprias formas de cobrança para com esses educandos também vão ser diferenciada. Então, faz muita diferença a gente ter um grupo docente que tenha esse olhar mais atento, esse olhar mais delicado sobre a situação do estudante, da mulher, da mãe

estudante, sobre as suas dificuldades, sobre os seus anseios como profissional e ter de um educando, de um docente, essa perspectiva de trabalho levando em conta tudo o que esse aluno traz do seu aspecto de mais antigo, talvez, e do momento que ele gostaria de estar estudando e não pode estudar. Então, quando ele volta agora a esse ambiente, tudo que ele precisa se reorganizar para estar aqui e para concluir um curso, que a gente sabe que não é nada fácil, né, são aqueles poucos que chegam à conclusão, então, de uma turma chegando com 45 alunos, a gente tem 9, 10 alunos concluindo. Então, é realmente uma conquista muito grande para essas pessoas. A gente sabe a dificuldade que isso apresenta no dia a dia de uma pessoa, né, a gente sabe o tanto limitador que é eu conseguir permanecer, continuar os meus estudos e não desistir pela primeira diversidade que surja. Então, essa forma culturalmente que foi se institucionalizando de um trabalho com um olhar diferenciado para o Proeja, é muito importante para a gente, em especial mulheres e com filhos, ele realmente é primordial para o sucesso desses alunos aqui!

E dentro dessa perspectiva, dessa especificidade dos desafios que se apresentam para esse público, dentro dessa dinâmica institucional, porque você pega os coordenadores, os professores, toda a equipe nesses cinco períodos é possível que os estudantes tenham uma formação integral?

(Legenda CP1) Eu acredito que sim! A gente sempre sabe, eu acho que a gente se auto-observa como instituição, como docente, como equipe gestora, dos avanços que nós tivemos né, e isso realmente é algo muito gratificante. A gente vê um aluno findar o seu curso que já é algo, nossa, a ser muito reconhecido. Então, um aluno que conclui um curso como esse, um estudante por todas essas adversidades que decide no momento da vida, retomar o banco escolar, a reaprender, até a recriar formas de como ser estudante novamente, né. Criar suas estratégias de como voltar a estudar e como desenvolver esse conhecimento, então, essa pessoa, ela já adquire, nessa trajetória, uma forma de resiliência muito grande para estar aqui, para se manter aqui, para conseguir chegar no término de um curso e a gente acaba tendo contato com alunos egressos. É muito comum assim da nossa parte ter contato com os alunos egressos, saber como estão indo, como seguem os seus trabalhos e o retorno que a gente tem, de uma forma muito positiva, de entender o quanto esse conhecimento que a gente está trabalhando aqui, ele realmente está fazendo sentido para essas pessoas, né. Para evolução profissional, para ela como pessoa.

Então está realmente sendo um grande divisor de águas, uma forma de mudar vidas, né, então realmente ele promove sim, uma grande capacitação, uma grande forma dessas pessoas

estarem preparadas para o mercado de trabalho, para serem autônomas, para o que quiserem, né. Claro que somos muito pé no chão para identificar que sim podemos ter lacunas ainda e a gente está sempre aí disposto a melhorar, uma das coisas que a gente vem sempre tentando e identifica que muitas vezes não é tão fácil assim, o Proeja é na sua concepção um curso integrado, né, que teria a ideia de aliar a parte de uma teoria do ambiente prático, que seria a panificação, a cozinha, com o que o aluno está vendo lá na teoria dentro da formação geral do ensino médio, mas nem sempre isso é possível, por mais que um professor tenha essa intenção, ele busque trazer exemplos da área, trazer algo que seja mais, né, que faça com que o curso tenha sentido, de uma maneira de entender que ele é integrado realmente, tem questões que a gente não consegue na sua totalidade fazer isso e o aluno compreende né, o aluno passa a compreender, porque muitas vezes a gente quer a qualquer custo fazer essa integração, ela não funciona.

Então o professor tem que ter essa autonomia para saber até que ponto é saudável eu querer integrar, né, com as temáticas diversas aí que estão postas para uma área específica e até que ponto é saudável eu querer integrar e até que ponto vale a pena eu trabalhar o conhecimento que diz respeito à minha unidade curricular, né, ensinar aqui para esse aluno, que é um conhecimento que lá na frente vai ser cobrado dele também, né, então acho que é esse entendimento que a gente tem como grupo que faz diferença também.

Questão 4

Em que medida você analisa que os conteúdos do curso são trabalhados de modo interdisciplinar entre os conhecimentos da formação geral e formação profissional?

(Legenda CC1)

Então, a gente sempre conversa sobre isso nos nossos conselhos de classe, da gente tentar fazer um currículo integrado. E a gente sempre discutiu, vamos tentar entender aonde está a formação técnica daquele curso Proeja, que a gente tem dois cursos Proeja aqui. Então, vou dar um exemplo. Eu estou dando aula de [...], não é? E daí, eu tenho uma aula de [...], eu preciso fazer um texto. Então, muitas vezes, no lugar de eu pegar qualquer texto, uma literatura ou um romance,

Então, às vezes, eu percebo que eles saem das [...], que eu quero que eles digitem, formatem, e eles começam a mergulhar muito mais na receita da família, querendo me explicar os detalhes daquela receita da família, ou porque é que aquela receita é afetiva para ele. Porque,

às vezes, eles dizem, professora, na minha família não tem nenhuma receita. Então, faz uma receita afetiva, do que você gosta de comer, eles começam a viajar muito mais na receita afetiva do que nas regras de formatação do texto, que eu tenho que voltar, resgatar. Olha gente, está faltando justificar o texto, olha o tamanho da letra, o título tem que ter um tamanho maior. E no momento que eu vou conversar com a professora de matemática, que também está no primeiro módulo comigo, e a gente está falando de regra de três, ela fala, eu estou falando de regra de três, aí eu vou pegar uma receita e vou dizer, olha gente, essa receita é pra dez pratos e se for pra trinta pratos? Quanto é que eu vou usar de cada ingrediente? Então, eu percebo também que dentro do exemplo, do conteúdo dela, ela tenta trazer a cozinha. E aí, nessa conversa que nós vamos tendo, cada um vai tentando se encontrar dentro daquela área técnica, aonde poderia criar um link com as funções, seja matemática, seja física, seja química. Então, a química que a gente pode falar também que o professor é muito próximo. No momento que ele diz, eu vou fazer um livro com vocês sobre os aromas, ele vai estudar ésteres, ele vai estudar álcool, mas ele também vai demonstrar que aquelas funções químicas formam um composto aromático, por exemplo, a essência de banana, que faz parte do curso técnico de cozinha. Então, são pequenos exemplos, pequenas ações que nós vamos percebendo que o currículo está se integrando. E nos conselhos de classe também, quando nós conversamos com os alunos, como é que está cada anseio, o exemplo que é utilizado, a gente também tem como retorno, ah, eu vi uma célula da cebola. Então, olha só, a professora pegou a cebola, que é um ingrediente alimentício, para mostrar a célula do qual ela queria trabalhar na biologia. Então, são esses pequenos detalhes que nós estamos na coordenação vamos percebendo que está tendo integração.

(Legenda CP1)

Ótimo! A gente já vem fazendo um trabalho no Proeja assim, de muita dedicação para pensar biologia esse formato, né. Desde que começamos aqui com as turmas de Proeja, pensar em projetos pedagógicos do curso, já tivemos diversas parcerias com o Estado, com a prefeitura que nem sempre essas conexões aconteciam até por ser instituições diferentes, a forma de condução dos trabalhos também muitas vezes... a forma de trabalho, do próprio conhecimento, o ambiente, por exemplo, trabalhavam com a ideia de pesquisa como princípio educativo que não se trabalhavam todas as disciplinas como a gente costuma fazer, né no Proeja agora em parceria com o Campus Florianópolis também, então tudo isso foi sendo uma evolução que trouxe para a gente muitas respostas do como a gente realmente pode trabalhar para ter um sucesso, para ter uma resposta positiva desta questão de integrar.

Então o que tem sido feito hoje é algo que eu vejo com muitos bons olhos por que a gente conseguiu ter uma equipe que trabalha há bastante tempo juntas, então temos professores da parte da formação geral, por exemplo, matemática, biologia, na parte de português, comunicação, né que estão conosco há anos. Então professores que falam a mesma linguagem que já vieram para cá, participaram de aulas práticas com os alunos dentro da área da panificação ou da cozinha, vivenciaram o que é uma aula no laboratório, já fizeram interações, por exemplo, o professor de química com algo dentro da química da panificação, então entenderam o que para o aluno é interessante fazer esse tipo de conexão, aonde a biologia pode entrar com exemplos da panificação? Onde a química pode estar fazendo parte? Onde a [...] vai estar? Inclusive, ele tem exemplos de professores da parte técnica que identificaram que as suas unidades não teriam a menor possibilidade de acontecer se não houvesse a integração com a unidade da formação geral. Então, dou um exemplo na questão da panificação, nós temos uma professora que trabalha panificação avançada.

Na panificação a gente trabalha muito com questão de cálculos, as fichas técnicas, que a gente chamaria de receitas, elas vêm com porcentagem onde eu tenho o ingrediente principal, que é a farinha de trigo, que representa 100% da minha receita. E a partir daí, eu vou fazer cálculos, com regrinhas de três, fazendo cálculos da porcentagem dos demais ingredientes. Imagina se eu não tenho uma professora de [...] que se sensibilize com isso, que peça para uma professora da panificação, como é essa ficha técnica? O que vocês precisam que o aluno saiba? E aí, foi um trabalho maravilhoso! O aluno deu a compreensão de todo esse significado e passou a entender que sem a matemática ali, ele não consegue entender a panificação e vice-versa. Então, foi algo que nos mostrou que realmente essa relação entre o que a gente trabalha na formação geral, nos conteúdos mais teóricos, ela faz todo o sentido de estar integrada à parte da educação técnica.

Questão 5

Quais seriam as dificuldades específicas mais comuns nas trabalhadoras e estudantes mães que possam prejudicar a aprendizagem proposta no PPC do curso?

(Legenda CC1)

Olha, eu percebo várias especificidades nas mulheres, mas vou começar uma que eu vejo que é um dos maiores desafios para elas. Como elas também são mães e, às vezes, elas têm

criança pequena, então, não tem com quem deixar a criança.

E aí, ela não consegue se concentrar na aula, porque ela precisa cuidar da criança, ela também precisa administrar a criança para que não tenha muito barulho na sala, de alguma forma, a criança não chame mais atenção do que o professor. E, nisso, ela está ali fisicamente, mas mentalmente não há uma concentração que aquele momento exigiria para que ela realmente absorvesse com mais facilidade o conhecimento que está sendo transmitido.

Então, esse seria um dos primeiros empecilhos e muitas delas são mães solo. Elas não têm o pai da criança próximo ou, às vezes, o apoio da própria família para cuidar dela, para cuidar daquela criança para que ela venha. Uma outra situação que a gente, enquanto coordenação, percebe é o horário de saída. Então, se existe um marido em casa esperando, há uma preocupação gigante no horário de saída para não perder o ônibus porque, se perder o ônibus, vai ser extremamente complicado para elas explicar porque foi que perdeu o ônibus das 10 horas. Então, dar o horário é meio que um desespero porque precisa pegar aquele ônibus. E eu vejo que a preocupação maior não é porque precisa chegar em casa naquela hora, mas é porque, se perder e existir um companheiro em casa esperando, dá muita dor de cabeça. Não que, quando não tem um companheiro, não dê. Mas a preocupação é mais intensa se existir um companheiro em casa aguardando a chegada daquela mulher naquele horário estabelecido. Outros casos que chegam para nós é assim, que para a mãe, a estudante mãe vir para a escola e existe a criança pequena, é necessário que o pai chegue para que elas consigam chegar aqui depois. E, às vezes, os pais chegam em casa muito tarde e elas acabam vindo. Algumas chegam aqui super cansadas, assim, meio que desesperadas, aí, professora, cheguei agora, uma aula que começa às 18h30, ela chega às 20h, porque meu marido hoje atrasou e eu não tenho com quem deixar minha criança e eu tive que esperar ele chegar para eu poder vir. Então, como é que você olha para uma trabalhadora, para uma mãe dessa que chegou 20 horas, obviamente, metade da sua aula e você diz, não fique, vai ficar. Que há uma vontade de vir para a aula, né? Há uma preocupação em vir para a aula. Só que a pessoa que ia ficar em casa com a criança não chegou no horário certo. E, às vezes, eu percebo que isso passa a ser recorrente até que essa mãe desista de vir para a aula ou que esse casamento acabe, como recentemente de uma estudante nossa que chegou no limite de tantas brigas em casa, do relato que ela nos trouxe, que o casamento acabou, mas ela quis continuar estudando e aí a rede de apoio passou a ser a mãe e não mais o ex-marido.

Então, esses são os que eu vejo de maior obstáculo, o cansaço do trabalho, ele é um obstáculo, mas o que é que elas nos dizem que, apesar de estarem cansadas, é prazeroso vir para cá

estudar. Então, eu entendo que o cansaço não impede que elas venham estudar, que elas acompanhem a aula apesar do cansaço, elas querem vir. O que poderia ser um obstáculo deveria ser o maior obstáculo, não é! Então, é o que eu vejo enquanto coordenação dos relatos que chegam para nós.

(Legenda CP1)

Então, essas mães estudantes, com certeza, têm um desafio muito maior do que qualquer estudante porque elas, com certeza, dividem o seu pensar enquanto estudante, mesmo estando aqui de corpo presente, a gente sabe que é muito difícil eu me desligar totalmente de onde estará o meu filho, com quem está, se eu consigo ter uma rede de apoio, se eu tenho com quem deixá-lo. Isso na possibilidade de quando essa mãe tem uma rede de apoio e com quem deixar o seu filho.

No caso de muitas mães terem que trazer as crianças para o ambiente escolar, a gente sabe que não é o melhor a ser feito. A gente também não pode trabalhar contra porque a gente quer que essa estudante permaneça aqui, que ela tenha o seu direito garantido de concluir o curso como qualquer outro estudante da sua turma, mas, ao mesmo tempo, a gente entende e percebe o quanto é um limitador para essas mães terem no seu ambiente da escola que está dividindo a atenção com o aprendizado e com a educação do filho, que está aí, muitas vezes, num ambiente que nem seria o ideal para ele estar. Não está podendo brincar, não está podendo fazer as atividades que faria normalmente, não está podendo relaxar, enfim, coisas que a gente realmente identifica como um grande limitador para essas mães que precisam estudar e precisam estar se dividindo entre esses ambientes, entre essas responsabilidades.

A gente percebe que muitas delas sentem isso, nos relatam isso, essa dificuldade, que realmente não gostaria de estar trazendo o filho pra cá. Mas quando não tem outra opção, é o que resta ou ela não viria, seria o dia que ela faltaria, e aí sim, ela não teria realmente acesso a esse conhecimento todo que foi trabalhado nesse momento. Então, a importância dessa receptividade que a gente tenha para entender também essas dificuldades e não simplesmente apontar dedos para essas alunas e dizer, não, você tem que dar um jeito, tem que arrumar alguém que fique com ele enquanto você vem estudar, por mais que o nosso discurso seja para querer ajudá-las incentivar que a gente entende que vai ser uma mudança de vida que vai repercutir no filho, na família e tudo mais, nem sempre é assim. Nem sempre existe essa rede de apoio, existe um pai, existe uma mãe, existe alguém que pode estar com essa criança e ela vai ter que, em diversos momentos, se dividir entre estar aqui na escola e estar cuidando do filho ou da filha ao mesmo tempo, então, com certeza, é um limitador, é uma dificuldade e

nós como instituição também não avançamos nesses aspectos. Só temos regulamentações que dizem que a gente não pode, obviamente, proibir que a mãe venha com o seu filho. Temos também outras que dizem que no ambiente do laboratório uma criança não pode acessar, então, por mais que ela venha, a criança vai ter que ficar sentadinha olhando do lado de fora e ela preocupada se ele não está se perdendo aqui pelo corredor, enfim.

Com que qualidade uma mãe consegue ter o seu tempo de estudo, de concentração e realmente de aprendizagem. Então, são questões que a gente como um todo precisa evoluir, não é só largar a responsabilidade na mão dessas estudantes mães, porque é algo como instituição que a gente tem que avançar.

Muitas vezes escutam alguns falando, eles recebem auxílio, esse auxílio que recebe, poderia contratar alguém para ficar com o filho. Até parece que esse auxílio daria conta de tudo isso. A gente sabe que, obviamente, não dá porque ela tem tantas outras prioridades, muitas vezes até o transporte para vir aqui, para ir para outro campus, para alimentação, que é algo básico, que ela tem que estar, e o filho também. Então, a gente sabe que são questões muito mais profundas do que isso, e que a gente sim tem que, como grupo, como instituição, ainda pensar em novas estratégias, em como evoluir, em como abordar isso para uma mãe estudante. Como que a gente acolhe, como a gente ajuda e não restringe esse acesso aqui para ela, que a gente não seja mais um limitador para ela em tudo que já tem na vida? Já foram tantas vezes que talvez ela teve dificuldade em chegar em um ambiente escolar, por tantos outros aspectos, e quando chega a gente ainda vai limitar um acesso como esse, vai dificultar a permanência dela. Então, com certeza são ações que a gente precisa sim, melhorar e evoluir nesses aspectos.

Questão 6

Como você descreve a relação da coordenação com a assistência estudantil na instituição ocorre encontros, atividades para desenvolver ações para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes?

(Legenda CC1)

Gente sem a assistência estudantil, sem o núcleo pedagógico, que é uma coisa só aqui para nós, não seria tão leve e os encaminhamentos tão assertivos dentro do PROEJA, para nós, a coordenação. Porque, geralmente, a gente que tem um curso técnico, a coordenação, ela acaba

sempre chegando para um professor da área técnica, que não teve a formação pedagógica de gerir alguns conflitos, ou dar alguns encaminhamentos, ou fazer algumas reflexões sobre a importância da integralidade dos cursos, das unidades curriculares. Então, a relação da coordenação com a assistência estudantil, com o núcleo pedagógico, com a assistente social, com a pedagoga, o que é que eu entendo se ela não é boa, se ela não é de trabalho junto, ela não funciona bem. Nem para a coordenação, nem para o núcleo pedagógico.

E uma das coisas boas que eu tenho experimentado nessa coordenação do PROEJA Cozinha é o laço e a parceria que a gente tem, tanto com a pedagoga, como a assistente social aqui no campus. Elas são extremamente abertas, elas são parceiras, elas ajudam a construir a ideia de como a gente vai conversar com cada aluno ou gerir os conflitos, elas estão sempre ali. Nós nos preparamos numa conversa de como aquilo ali vai ser guiado antes do aluno chegar e a gente até comemora quando a gente percebe que a intervenção com o estudante foi boa ou progrediu porque, às vezes, tem alguns estudantes que você precisa chamar várias vezes.

E hoje foi um dia que a gente vivenciou isso, né! A gente precisa chamar uma estudante que nós já chamamos ela várias vezes e hoje nós sentimos que a conversa fluiu muito bem, a estudante ela começou também a se perceber em suas situações e foi tudo muito organizado antes, foi pensado durante a semana como é que essa conversa iria acontecer, por onde a gente iria começar. E não somente isso, a assistência financeira que os estudantes têm por meio do núcleo pedagógico da assistente social, que também é um feedback que a gente dá. Olha, tem um aluno que está faltando bastante, vamos ver o que é que ele tem? Às vezes, ele fala, eu estou sem recurso para o transporte. Então, elas correm atrás de um auxílio emergencial, elas tentam resolver. O aluno, ele está com muita dificuldade de aprendizagem, elas vão pegar aquele aluno, ver se existe um laudo, se não tem um laudo, como é que pode ser encaminhado, o que é que as meninas que dão o apoio, as profissionais que dão o apoio às pessoas com deficiência, podem contribuir. Então, é extremamente importante dentro de uma escola de EJA que exista esse apoio da assistente social e do núcleo pedagógico.

Para não falar das diferenças existentes dentro do entorno Proeja porque você vai ter pessoas muito mais velhas e pessoas bem mais jovens. Você vai ter estrangeiro e pessoas brancas e pessoas pretas e pessoas que têm um pouquinho, tem uma situação financeira melhor. E que esse olhar da assistência estudantil, da pedagoga, que consegue detectar esses fatores da sociedade, às vezes muito melhor do que nós que temos formação técnica. Vamos discutir isso porque é que esse conflito está acontecendo na sala, de onde vem? Qual é o ponto da sociedade? Que veio parar aqui? Ele é extremamente importante, sutil, subjetivo e que só

funciona porque há um trabalho integrado.

E a equipe reduzida dá conta de tudo ou é um problema?

(Legenda CC1) É um problema com certeza! A necessidade hoje que existe de acompanhamento pedagógico, acompanhamento psicológico e também em relação ao levantamento das questões financeiras porque a gente tem limite de recursos também. Então, às vezes, uma bolsa, um auxílio financeiro, poderia ser um pouco maior para 100 alunos, a gente só vai ter para 50. E essas pessoas que vão avaliar as condições financeiras, os recursos de onde elas podem buscar quem precisa do apoio pedagógico porque hoje quem é que não precisa de apoio pedagógico? Quem é que não precisa de apoio psicológico dentro de qualquer turma? Especialmente o Proeja que são pessoas que já passaram por várias situações da vida, de problemas da vida. Então, é óbvio que há um esforço para atender essas demandas, mas a quantidade de profissionais para os grandes problemas que existem em uma turma Proeja que são problemas que a gente encontra na sociedade e se reflete dentro da escola é realmente ainda uma equipe muito reduzida, muito, muito.

A própria coordenação do Proeja, dependendo do número de turmas que a gente tenha dentro da escola, dentro da instituição, em cada semestre, uma única coordenação, uma única pessoa para dar conta, ela também não dá conta, não é? Porque a demanda de estudantes do Proeja, ela é gigante. É demanda de conversa, é demanda de atenção, é demanda de dificuldade de aprendizagem, é demanda de relações pessoais, é a demanda que falta do apoio de casa e precisa vir com a criança para a escola e a coordenação tem que ir lá e conversar com o professor e conversar com a turma para que aquela criança fique ali e que a aula siga.

Então, gente, dentro da escola, se existe algo hoje que a gente poderia pensar é que toda essa parte do apoio estudantil ela fosse ampliada. Hoje, uma das coisas que eu mais sinto falta aqui na escola é até do apoio de, por exemplo, de creches que pudessem ficar com a criança para que a mãe pudesse estudar e que aqui não tem e que demanda do apoio pedagógico que vem desse núcleo pedagógico da assistência estudantil, do psicólogo, de toda uma rede de profissionais que não existe, não é? Não existe em quantidade suficiente.

(Legenda CP1)

Ai, muito boa, Michella, o que a gente tem por sorte, aqui na instituição temos uma parceria e uma proximidade muito grande, né, entre o que a gente entende como coordenação, digamos, do curso faz parte de tudo isso, né, quem está atuando e respondendo pela coordenação, mas a coordenação do núcleo pedagógico que a gente entende todo esse grupo, né, então nós temos a assistente social, as pedagogas, a psicóloga. Então é um grupo que a gente trabalha muito

em conjunto, né, muito mesmo, a gente tem, assim, realmente uma fala muito afinada, muito concisa, né, de aspectos que a gente entende como o que é necessário para o aluno, uma parceria muito próxima de ter esse respaldo, né, o aluno que tem algum problema que a gente identifique, a gente já encaminha, a gente faz conversas, a gente faz esse chamado, né, inclusive agora, né, mesmo nós voltamos de uma reunião que nós estávamos aí com a nossa pedagoga que acompanha as turmas do Proeja e assistente social, e uma das questões que surgiu era uma turma nova que está entrando com diversas mães, diversas mães estudantes que estão vindo com os seus pequenos agora nos primeiros dias de aula, e a gente já vai ter que identificar formas e como encaminhar isso também, sentar com cada uma, identificar, conversar, porque cada uma é um universo, cada uma é uma questão específica, né, do que pode ser feito, do que não pode, as dificuldades que cada uma vai nos apresentar, vai nos trazer.

Então, o que eu vejo como muito positivo aqui é que esse trabalho que é feito ele tem, realmente, uma mão de várias pessoas aí, né, a gente não faz nada sozinha. Então, um respaldo, que a gente precisa de ajuda, a gente tem esse contato com esse grupo do núcleo pedagógico, sempre muito presente, fazendo entrada nas salas, chamando alunos para conversas individuais quando precisa, e tendo esse olhar muito atento, em especial para essas mães que precisam desse apoio, né. Então mulheres que são mães também, e que entendem a realidade das outras, e que se colocam na posição das dificuldades que cada uma vê e enfrenta aqui. Então, sempre um olhar muito carinhoso, muito cuidadoso, né, ao mesmo tempo a gente sabe que nós temos as cobranças a serem feitas em relação à frequência de uma aluna que está atrelada a esse recebimento da bolsa, com questões em que ela não se disperse por estar o filho ali, e a gente sabe de tudo isso, mas a gente trata de uma forma muito amorosa para que isso não seja mais um problema para essa estudante, né.

Então, essa maneira de encaminhamento desse grupo como um todo, ela é extremamente positiva. Então, a [...], que é a nossa assistente, ela tem um contato direto com a coordenação, pedindo como está esse aluno, né, o que a gente tem observado, dá para ver com os professores, como é que ela tem se apresentado, alguma dificuldade, alguma questão que a gente possa intervir que a gente possa ajudar. Então, é algo... tudo feito de uma forma muito positiva. É uma forma muito cuidadosa, né, e muito atenta. São, assim, perfis de trabalho que eu identifico que tem realmente um olhar cuidadoso sobre isso, e essa forma de trabalho conjunta, ela repercute numa qualidade para o aluno, numa qualidade para nós como servidores porque a gente não faz nada sozinho.

Se a gente não tem esse respaldo, né, não tiver o respaldo do docente, com o grupo, né, pedagógico, com coordenação, as coisas não fluem, né. E hoje eu vejo que a gente avançou muito para isso, nós estamos realmente numa forma de trabalhar que ela é muito coesa, né. As pessoas falam a mesma linguagem, elas têm uma mesma compreensão, os encaminhamentos são muito, assim, precisos e isso realmente traz uma diferença muito grande.

E essa equipe, ela é um assistente social, um pedagogo, um psicólogo?

(Legenda CP1) É... nós temos um assistente social, só! Pedagogas são três, quatro, até agora estamos com pedagogas... quatro, tem uma afastada para doutorado e temos uma única psicóloga que no momento hoje está atuando na reitoria, respondendo pelas questões do Proeja na Reitoria.

E essa equipe dá conta de todas as situações que aparecem?

(Legenda CP1) Assim, dá conta, mas nas suas dificuldades com certeza, né. Realmente é uma demanda muito grande para todas elas, né, a gente tem todos os cursos para atender aqui, não falamos só dos nossos cursos Proeja, né, que já são cinco turmas que estão sempre, né, acontecendo. Turmas da cozinha, turmas da panificação, mas temos todos os nossos técnicos aqui, os cursos superiores e elas se dividem para atender tudo isso. Então, a forma de organização que a gente faz, assistente social, [...], ela fica mais à frente das questões relativas aos auxílios, né, as questões um tanto pedagógicas, mas mais focada nessa relação direta com auxílio. E as outras pedagogas, elas se dividem conforme as turmas de atuação, então, cada uma tem turmas específicas, uma atende turmas dos superiores, né, uma colega que atende os Proejas conosco, e assim elas vão, né, tentando se organizar para ter realmente uma resposta para todas as turmas e os alunos que estão aqui.

Então, se o grupo fosse ampliado, daria para fazer, desenvolver muito mais ações?

(Legenda CP1) Com certeza.

Atividades de forma mais qualitativa?

(Legenda CP1) Com certeza, a gente também entende isso e até pelo fato de ser uma única assistente social, muitas vezes limita, né, a [...] agora há pouco estava em licença maternidade também, olha, é uma situação que acontece com as servidoras também, obviamente, né, uma mãe servidora e que estava em licença, e aí, nesse meio tempo, as meninas que são pedagogas vão tentando dar um jeito de atender as questões da assistência social, mesmo sem domínio, de todas as questões que precisam ser feitas, mas elas vão fazendo na ausência da única assistente que temos. Então, sem dúvida nenhuma, se tivesse uma ampliação, né, dessa equipe, nossa, seria muito posi

APÊNDICE L - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - PARTICIPANTES ASSISTENTES SOCIAIS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Assistente Social do curso EJA - integrada - EPT,

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após a leitura e esclarecimento sobre as informações a seguir, no caso de concordar em fazer parte do estudo, clique no campo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, se sua participação for presencial assinar as duas vias impressas. Caso seja online sua participação, solicita-se que assine este Termo em formato digital e recomendamos que este termo seja impresso e/ou salvo em seus arquivos para que tenha os dados de contato das pesquisadoras em caso de desistência de participação na pesquisa que pode ocorrer a qualquer momento sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Título da pesquisa: TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT- ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS ACERCA DA FORMAÇÃO INTEGRAL

A pesquisa está sendo realizada dentro do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)

Nome do Pesquisador principal: Mestrando Michella Rocha dos Santos Fraga
Rua Bloco B, Campus Universitário –Trindade, Florianópolis – SC – CEP 88040-900 -
E-mail: micheallaflor@gmail.com | Telefone: 37212707 (48) 988546464

Nome da Orientadora (Pesquisadora Responsável): Professora Salete Valer, Dr.^a
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - *Campus*
Florianópolis-Continente

Rua 14 de julho, 150, Coqueiros

CEP: 88075-010 - Florianópolis - SC

Telefone Institucional: (48) 3877-8419 - (48) 3877-8400

Área/setor: Linguagem e Comunicação

Telefone pessoal da pesquisadora Responsável: (48) 99608-9308

E-mail institucional da pesquisadora: salete.valer@ifsc.edu.br

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/IFSC está localizado dentro da própria Instituição, à Rua 14 de julho n.º150 segundo andar sala 33B Florianópolis-SC CEP (correios): 88075-010). Horário de funcionamento definido de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 12h e das 14h às 17h para contato dos pesquisadores e participantes das pesquisas. Telefone para contato (48)3877-9054 e e-mail cepsh@ifsc.edu.br.

O objetivo desta pesquisa é investigar as perspectivas das trabalhadoras estudantes mães do Curso EJA-EPT de Nível Médio Cozinha e Panificação sobre como a teoria e prática constitui para a formação integral para o sucesso e progressão. A sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- (i) Participar de uma entrevista composta por 06 questões abertas referentes à sua percepção da forma como a relação teórica-prática constitui a formação integral dos princípios da EPT possibilitando o sucesso e progressão nos estudos e trabalho das trabalhadoras estudantes-mães do curso.
- (ii) no decorrer do processo da pesquisa, responder a um questionário que será elaborado no decorrer da pesquisa cujas questões tratam da sua avaliação em relação ao conteúdo e forma do Produto Educacional elaborado como parte desta pesquisa.

As atividades ocorrerão sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o(a) pesquisado(a). Os procedimentos aplicados por esta pesquisa no decorrer da participação para os dados da Entrevista e do Questionário de avaliação do Produto Educacional, eventualmente, podem oferecer riscos como mal-estar, cansaço, fadiga e aborrecimentos psicológicos à/ao participante em termos de integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. Pedimos que, antes de confirmar a sua participação, informe às pesquisadoras caso possua alergias, pressão arterial alta, diabetes ou outra doença ou particularidade que possa interferir na sua saúde pela sua participação nesta pesquisa. Nesse caso, você não deverá participar da pesquisa.

Para evitar possíveis riscos no decorrer da participação da pesquisa, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça acessar a pergunta que vem na sequência do questionário. Mesmo assim, para refrear esses riscos, você poderá interromper o preenchimento do questionário sempre que sentir necessidade de descanso.

Em caso de desconforto ou mal-estar durante a responsiva dos diferentes instrumentos, serão oferecidos cuidados imediatos e assistência adequada, sem nenhum custo para os participantes, em conformidade com seus direitos individuais e seu bem-estar físico e psicológico, ou seja, você será encaminhado/dá à unidade de saúde mais próxima do local em que a pesquisa está se desenvolvendo, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

Apesar de mínimos, existem riscos relativos à violação das informações prestadas via questionário online, não sendo possível assegurar total confidencialidade, uma vez que pode ocorrer roubo de informações por hackers. Caso tal fato aconteça, os sujeitos participantes na pesquisa serão informados o mais breve possível.

Os benefícios esperados pela sua participação na pesquisa pelas respostas dos questionários (1) e (2) e a entrevista (3) são contribuições pessoais de acordo com a sua percepção sobre os princípios da EPT nas práticas pedagógicas do Curso - EJA Integrada à EPT, com foco na formação integral das trabalhadoras estudantes-mães do respectivo curso.

Você poderá solicitar informações relacionadas ao estudo em qualquer etapa da pesquisa, até mesmo quando esta já tiver sido finalizada. Você é livre para não querer participar deste estudo, ou mesmo retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem necessidade alguma de justificativas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará penalidades de nenhuma natureza, não interferindo, inclusive, na sua ação discente no IFSC *Florianópolis - Continente*. A atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes da pesquisa. A sua participação na pesquisa não dependerá de custos para você, tampouco será remunerada.

As informações obtidas pela sistematização de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e resguardando sempre sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a sua finalização. As ações envolvidas com o tratamento dos dados pessoais e dados sensíveis dos participantes da pesquisa estão em concordância com a Lei n.º 13.709 de 14 de agosto de 2018 - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Brasil, 2018). Os pesquisadores garantem que será preservada sua identidade e privacidade e que o sigilo e anonimato será mantido sempre, inclusive nas publicações do estudo. Comprometem-se em manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, em conformidade com a Resolução Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da

Saúde (Brasil, 2012).

Os pesquisadores se comprometem a elucidar dúvidas, anseios e questionamentos, de forma compreensível e objetiva, durante o processo de consentimento livre e esclarecido e ao longo da pesquisa ou mesmo após sua finalização. Igualmente, são reconhecidos e acatados os direitos dos participantes, conforme preconiza a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

Os resultados da pesquisa serão compartilhados, e ficarão à disposição dos interessados, por e-mail, correio, ou como você preferir. Os resultados da pesquisa serão publicados no texto Trabalho Acadêmico na modalidade Dissertação, bem como na elaboração de um ou mais produtos educacionais, os quais serão publicizados em textos *online* abertos ao público. Ainda poderão ser publicados artigos, capítulos de livros, resumos e apresentações em congressos científicos sobre a temática em estudo.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa será importante, uma vez que os seus resultados poderão contribuir positivamente para o planejamento, desenvolvimento e implementação de ações educativas capazes de promover a formação humana integral às trabalhadoras estudantes-mães na área da EJA-EPT.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, mestrandia Michella Rocha dos Santos Fraga, pelo telefone (48) 988546464, e-mail michellaflor@gmail.com ou com a pesquisadora responsável, orientadora, Profa. Dr.^a Salete Valer, pelo telefone (48) 99608-9308, e-mail salete.valer@ifsc.edu.br, ou nos endereços listados neste termo.

Como este documento é assinado em papel, presencialmente, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura de compromisso é realizada de forma impressa, após marcar nas caixas de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas. O termo será impresso em duas vias, e ambas as vias serão assinadas pelas pesquisadoras e participantes, ficando cada qual com uma via assinada.

.....
Como este documento é assinado por via digital, conforme preconizado no Ofício Circular n.º 2 de 24 de fevereiro de 2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021), a assinatura deste termo de compromisso será realizada digitalmente, clicando na caixa de diálogo *Declaro que aceito participar desta pesquisa*, comando pelo qual as pesquisadoras terão acesso às informações prestadas.

Agradecemos imensamente sua atenção e esperamos contar com sua participação.

CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DE PESQUISA

Eu, _____

abaixo assinado, concordo em participar do estudo.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelas pesquisadoras sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Também fui informado (a) de que há limitações dos pesquisadores em garantir absoluta confidencialidade dos dados *online*, já que essa forma de armazenamento pode correr riscos de violação dessas informações.

Local: Florianópolis, SC Data ____/____/____.

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas na Entrevista **sobre os princípios da EPT - Variáveis internas**

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

Autorizo o uso das informações contidas nas respostas das questões respondidas no Questionário, o qual trata da avaliação do **Produto educacional** que será elaborado como parte da pesquisa.

Declaro que aceito participar desta pesquisa.

() sim () não

APÊNDICE M - ROTEIRO ENTREVISTA PARTICIPANTES ASSISTENTES SOCIAIS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, *Campus* Florianópolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional

1. Você considera que o conhecimento teórico e prático trabalhados nos cursos promovem uma formação focada para a prática profissional e/ou também essa formação para a progressão nos estudos das trabalhadoras estudantes-mães?
2. Como você entende que os avanços e domínios das tecnologias constituem a prática do trabalho? Você percebe as contradições do uso dessas tecnologias no cotidiano dos cursos?
3. Em que medida a cultura atual das pessoas envolvidas no processo educacional da instituição influencia na proposta de uma formação integral dos estudantes dos cursos?
4. Quais seriam as dificuldades mais comuns apresentadas pelas trabalhadoras estudantes-mães que rebatem na assistência estudantil?
5. Como você descreve a relação das trabalhadoras estudantes-mães com a Assistência Estudantil na instituição?
6. Como você descreve a relação das coordenações dos cursos com a Assistência Estudantil na instituição? Ocorre encontros/atividades para desenvolver ações para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes?

APÊNDICES N - RESPOSTAS ENTREVISTA ASSISTENTE SOCIAL

Abaixo, retoma-se cada questão presente no [Apêndice M- Roteiro Entrevista Participantes Assistentes Sociais.docx](#). Na sequência, apresenta-se a legenda de cada participante e o respectivo conteúdo descrito de forma literal das respostas das entrevistas.

Legenda:

AS= Assistente Social

Questão 1.

Você considera que o conhecimento teórico e prático trabalhado nos cursos promove uma formação focada para a prática profissional e/ou também essa formação para a progressão nos estudos das trabalhadoras estudantes-mães?

(Legenda AS1)

A princípio a gente tem alguns desafios, eu acredito que a formação possibilita sim essa formação integrada, desse diálogo entre a teoria e a prática, a formação geral e a formação profissional. O que há... na minha opinião, é desafiador, é fazer com que o Projeto Pedagógico se concretize na sua essência, esse é o desafio! Por que eu estou falando isso? Porque a gente observa, a gente percebe que na prática, inclusive, eu esqueci de falar, mas eu fiz uma outra especialização depois e eu pesquisei o currículo integrado dos cursos Proeja, isso eu tinha esquecido de falar.

E aí o que eu percebo no dia a dia, entre a teoria, o que está no Projeto Pedagógico e a prática que há um distanciamento. Por quê? Porque ainda existem desafios no planejamento, nas unidades curriculares, existe o desafio de carga horária, para se planejar, para se dar essa aula com qualidade e que ela seja integrada.

Então, hoje eu não sei exatamente como está acontecendo porque eu não estou efetivamente lá na prática porque eu acabei acompanhando algumas aulas, mas esse distanciamento entre o que está no Projeto Pedagógico, e o que acontece no dia a dia, ele existe, e isso a gente precisa frisar! No caso do curso, desse curso específico, dos cursos aqui do campus, a gente percebe que há sim uma predominância, e até uma procura dos estudantes e das estudantes pela formação técnica porque elas têm interesse sim, em atuar no mundo do trabalho.

Isso não acontece, se você for perguntar no primeiro módulo, talvez essa informação seja divergente, mas depois, no decorrer, isso acontece. Por quê? No primeiro módulo, ingressam

várias pessoas, sejam homens ou mulheres, eles vêm especialmente pelo ensino médio, depois pela formação profissional, salvo algumas exceções! Então, assim, não são todos os estudantes que vêm buscar a formação profissional, mas vêm buscar o ensino médio e pelo IFSC, pelo nome do IFSC, enfim.

Então já vou te dizer de antemão que essa questão do distanciamento entre teoria e prática ela acontece, e acontece muito, né! E, é... eu não sei como está acontecendo agora o planejamento entre as unidades curriculares, que são da formação geral, com a formação técnica, né? Se acontece exatamente como acontecia antes, mas, eu acho que, né... ele fomenta o Projeto Pedagógico do curso, ele fomenta o itinerário formativo, ele possibilita essa integração dos conhecimentos, né, seja da formação técnica, seja da formação propedêutica, mas ela tem um foco bem específico, que é a formação profissional.

Questão 2

Como você entende que os avanços e domínios das tecnologias constituem a prática do trabalho? Você percebe as contradições do uso dessas tecnologias no cotidiano dos cursos?

(Legenda AS1) Cada vez mais a gente vem usando ferramentas tecnológicas, seja na verdade, são todas, né! Eu considero todas, whatsapp, e-mail, nuvem, enfim, qualquer outra ferramenta. A gente usa o Moodle, não sei se vocês usam o Moodle também, enfim.

Então, assim, tem muitos desafios! No caso do Proeja, os desafios são maiores porque eles vêm para cá, né, eles têm cada um uma trajetória, né, escolar e de vida e grande parte deles tem em mãos o quê? Apenas e somente um celular, né. E muitas vezes eles usam só para fazer ligação.

Então, a tecnologia para alguns casos, eu acho que não é todos, tem o desafio da tecnologia, desafios geracionais, que cada geração porque o Proeja é muito isso, assim, são várias idades, vários perfis, tem a questão de gênero, então, assim, são muitas variáveis no mesmo contexto, na mesma sala de aula.

E aí... a questão da tecnologia, ela está ali, a gente precisa fomentar e a gente precisa ir para os cursos, que os nossos projetos de curso acabam não tendo espaço para isso, né, e que a gente lida no dia a dia.

Hoje é necessário isso já era uma questão que a gente já vinha refletindo há muito tempo para tentar rever os projetos de curso e incluir isso, né. A professora [...], que é a coordenadora de

um dos cursos, e a professora [...] sempre tentaram, dentro das [...] que é uma das unidades curriculares, fazer essa introdução à tecnologia, né, e levá-los para o laboratório. Aqui a gente tem laboratórios de informática para que eles tenham esse contato e que é um contato necessário!

Eles têm o direito de acesso à tecnologia, então, assim, mais do que nós sermos uma instituição de formação técnica e tecnológica, a gente precisa dar esse suporte para os nossos alunos. Mas isso ainda peca bastante porque a gente usa poucas ferramentas, né, o que tem nas práticas educativas que eu acho que poderiam ser melhor revisto, né?

Muitas vezes é só o slide, né? Só o slide que se usa nas salas, né? E como otimizar isso, né? Então, assim, acho que passa pela formação também, nossa e dos docentes que estão trabalhando com eles no dia a dia. Então, eu acho que é um desafio, a gente tem muito ainda que avançar. Especialmente no Proeja porque ele tem uma especificidade.

E eu acho que a gente poderia, nesse momento, eu falo nesse momento... e vou te dar uma dica, assim né que a gente tem uma equipe agora de docentes dessa área de comunicação e tecnologias que poderia nos dar o suporte! Então, assim, a gente já fez em algum momento, aqui na instituição, possibilitou cursos FICs que são cursos de curta duração de iniciação à computação, não computação e não lembro qual era o nome exato na época. Mas para que eles pudessem aprender a ligar o computador, desligar, ligar, acessar e-mail que é o mínimo é o básico, né. Então, infelizmente, a gente ainda não consegue dar conta de tudo isso.

Questão 3

Em que medida a cultura atual das pessoas envolvidas no processo educacional da instituição influencia na proposta de uma formação integral dos estudantes dos cursos?

(Legenda AS1) É uma questão bem delicada porque nós somos uma instituição que é predominantemente técnica. Então, essa cultura técnica, da tecnicidade, ela já está extremamente arraigada. E o que a gente observa é que há uma distinção entre formação geral e formação técnica, formação propedêutica e formação técnica. Há um distanciamento por mais que houve em um período, inclusive eu conversava com os colegas, se já havia caído a lei que os docentes precisavam ter licenciatura. Até em algum momento a gente teve essa exigência, o nosso campus ofertou, se não me engano, foram três edições de curso de formação em Educação Profissional e tecnológica. Justamente para formar professores docentes que não tinham licenciatura. Essa questão da licenciatura, ela é importante porque é a relação que se estabelece e a questão da cultura institucional do trabalho integrado,

especialmente.

Então, a questão da técnica, ela ainda prevalece na prática, isso nós temos que entender. Até um TCC de uma colega que fez um TCC, uma dissertação de mestrado, depois eu posso compartilhar também falando do fazer, do fazer do docente, né! Isso está no nosso campus bastante internalizado e acaba interferindo diretamente, os professores que dão aula no Proeja da parte técnica, eles dão parte técnica. Então, é o desafio da integração com a formação propedêutica esse é o desafio!

Então tem essa lacuna que interfere nessa questão do estudante absorver uma cultura exatamente indo mais no sentido da formação, entendeu e fazer as relações?

(Legenda AS1) Por exemplo, quando você está ali na cozinha, tu vai fazer relação com matemática, tu vai fazer relação com química, com geografia. Você faz todas essas relações, então, quem está lá na cozinha também tem que fazer essas relações, né? Então, é o professor ou docente que precisa abordar tudo isso! Ah, mas muitas vezes a carga horária não dá, não dá tempo de fazer? Mas esse é o objetivo do curso? É um Proeja integrado, né? E mesmo ir lá também, né, eu sei que há um esforço muito grande dos docentes da formação propedêutica, da formação geral, em fazer essa mediação entre os conhecimentos do que é, por exemplo, cozinha, né? Com o que eles estudam lá no dia a dia de sala de aula.

Por exemplo, a questão da fermentação do pão tudo tem total relação com química, com biologia. Então, tudo isso se não houver uma mínima relação, né. Vai ser cada profissional trabalhando na sua caixinha. E aí, me preocupa, né? Como é que o estudante consegue fazer essa relação? Se ele está conseguindo fazer lá na prática? Ah, professora, eu estou lembrando que a professora de química falou lá na aula. Então, da prática de cozinha ou da prática da panificação, né?

Questão 4

Quais seriam as dificuldades mais comuns apresentadas pelas trabalhadoras e estudantes mães que rebatem na assistência estudantil?

(Legenda AS1) Bom, o primeiro deles é **conciliar, né, conciliar trabalho, família e escola. Essas estudantes trabalhadoras, elas têm muitos desafios.** Nós temos estudantes que saem de casa 4 horas da manhã e retornam para casa, às vezes, 11 horas, meia noite. Então, é um desafio!

E aquelas que são mães, mais ainda. Por quê? Porque quando os filhos estão doentes e **não há**

uma rede de apoio que atenda, se uma rede de apoio familiar ou de amigos ou colegas, enfim. O que acontece? Ou ela falta à aula ou ela traz o filho para vir às aulas. E no nosso caso, nós temos vários desafios aqui a gente não tem um espaço para deixar essas crianças ou adolescentes, ou enfim, né? A gente não tem um espaço adequado.

A gente tem uma política de assistência estudantil, e que esse projeto não está nem pensado ainda...ele está em vias de discussão, mas não é para agora! Então, essas mães, elas trazem os filhos nas aulas teóricas. No entanto, aqui no campus, nas aulas práticas isso não é permitido por uma questão de segurança, de segurança física mesmo, das crianças! Enfim.

Então, é esse desafio! Quando ela tem aula prática, ela geralmente não vem. Se ela precisar ficar com o filho, então, assim, a gente, quando elas vêm para cá, ou elas conversam comigo, ou elas conversam com a coordenação do curso e explicam os motivos. No nosso caso, a gente tem um respeito a tudo isso o que a gente orienta a conversa com o professor, para ter o conhecimento daquele dia, mas a aula prática, ela não vai ter. A aula prática, ela não vai conseguir fazer em outro momento porque a gente não tem esse, a gente não prevê isso nos Projetos Pedagógicos de Curso, né?

Muitas vezes, até a coordenação,[...], elas são muito flexíveis no sentido de, ah, vem e faz na aula do curso técnico à tarde, mas, e a estudante trabalhadora? Ela não consegue sair do trabalho para vir fazer uma aula num período subsequente. Então, esses são os maiores desafios.

Atualmente, eu vou dizer para você que eu não tenho percebido as estudantes trazendo os filhos, mas quando elas trazem, é para aula teórica, não é para aula prática porque já está terminantemente proibido. Porque tem fogo, tem facas, tem tudo isso, então, uma cozinha não é um local adequado para uma criança.

Mas, quando elas entram na aula teórica, elas trazem. Então, essa é a nossa orientação. Pode trazer, né? A princípio, não temos recebido nenhuma informação de que os docentes se incomodem com a presença das crianças, né. Geralmente, eles ficam, infelizmente, em alguma tela vendo desenho porque a gente não tem um local específico para atender e a gente não tem uma política de atendimento, a crianças, filhos e filhas, a gente não tem na instituição.

Quando tem um estudante que necessita de cuidados urgentes, que o estudante tem que vir para aula, enfim, a gente encaminha ou para o auxílio emergencial para que ela consiga um cuidador ou algo assim, a gente tem auxílio financeiro aqui no campus para isso, mas a gente também possibilita ela fazer as atividades, flexibiliza que ela faça em casa ou que faça em

outro curso. Então, esse é o procedimento padrão ou acaba não fazendo aquela atividade na aula prática, ela acaba não vindo e os professores se não for uma prova, ter uma prova prática, acabam relevando e ela não compõe a nota. Então, assim, tem uma certa flexibilidade nesse sentido.

Questão 5

Como você descreve a relação das trabalhadoras estudantes-mães com a Assistência Estudantil na instituição?

(Legenda AS1)

Bom a gente tem uma relação muito próxima com todos os alunos do Proeja. Então, assim, hoje eu não saberia dizer, ah, quem é mãe que não é para mim. Eu trato elas todas iguais, né, da mesma forma, mas com as suas especificidades. Então, como essa demanda acaba não chegando, elas chegam muito por meio dos auxílios, né. Então, assim, eu tenho uma relação muito próxima deles por conta dos auxílios que a gente oferece.

Então, assim, eu sempre procuro orientar uma a uma, individualmente, se possível porque eu sei que cada uma tem uma especificidade. Então, é essa a proximidade que eu tenho de tentar conhecer um pouco a história de vida de cada uma para poder contribuir porque primeiro a gente precisa conhecer para depois poder intervir e, se elas quiserem, a intervenção, né?

Então, hoje eu vou dizer para você que a minha intervenção, ela é especialmente com os auxílios porque tem uma boa parte dos estudantes e das estudantes que acham que não tem que não necessitam que não é para eles e que né, eles se acham, eles se acham privilegiados só pelo fato de estudar aqui. Quando a gente fala, não, que é um direito de vocês, vocês têm esse direito, vocês têm o direito de acessar os auxílios, né? Eles, ah, mas tem alguém que pode precisar mais, né? Em várias situações de muita vulnerabilidade.

O que eu falo de vulnerabilidade? O nosso público Proeja, ele varia uma média de renda per capita de um salário mínimo e meio. Então, é desse público que a gente está falando é um público que é que tem uma carência, seja financeira que não consegue acessar tudo que fora se produz que aqui, inclusive, se produz né. Então, assim, eles não conseguem vir num contraturno para estudar na biblioteca, eles não conseguem vir num contraturno para fazer um curso de informática, se for ofertado. Então, assim, esse é o desafio! E como fazer com que eles acessem todas essas informações que eles têm direito? É muitas vezes através do auxílio

porque pelo auxílio, ele vai colocar a internet no celular para poder acessar outras informações, estudar, enfim, e falar com os colegas e, enfim para outras questões, que é o uniforme.

Essas turmas novas, elas receberam o uniforme que é do projeto, mas, eu recebo muito pedido de uniforme porque o nosso uniforme, ele é muito caro, ele tem, ele é um valor, assim, para o estudante de Proeja, dessa faixa de renda, ele é muito caro, encarece muito a vida, a vida familiar, Então, acaba sobrecarregando.

E os auxílios, eles possibilitam que eles tenham o mínimo de condição de permanecer nos nossos cursos. É o mínimo, eu falo o mínimo mesmo porque os nossos auxílios, eles não são iguais os da Universidade Federal eles são, o nosso auxílio, o maior é de 450 reais. E não pode acumular com outros auxílios então, tem uma discussão longa, mas ainda a gente tem um desafio, assim, de consolidar os nossos, não só o auxílio porque a gente entende assistência estudantil como outras ações para além dos auxílios. Então, assim, a gente quer descaracterizar um pouco. Quando eu vou na turma, eu tento falar do Cadastro Único, que eles têm direito, que eles podem acessar outros auxílios. À medida que eu conheço as informações da rede de apoio que a gente tem da rede pública, eu vou passando essas informações para eles. Então, é essa a minha abordagem profissional e a partir de cada relato, eu vou atuando individualmente.

Questão 6

Como você descreve a relação das coordenações dos cursos com assistência estudantil na instituição? Ocorrem encontros, atividades para desenvolver ações, para se pensar os desafios enfrentados pelos estudantes?

(Legenda AS1)

Eu vou falar do meu local específico aqui de fala, né? Que é o Campus Continente. A gente tem uma relação muito boa com a coordenação que assim, já está a bastante tempo na coordenação, na coordenação do Proeja. Então, a gente tem uma relação direta. Sempre que há necessidade, a gente troca muitas ideias, seja via whatsapp, e-mail ou aqui, pessoalmente. Então, a gente conversa sobre casos, situações e questões de permanência e conclusão. Então, de algumas ações, né? Ah, os estudantes estão faltando muito por que estão faltando? O que a gente pode fazer? Mas não há um projeto específico, não, são a partir do momento que a gente tem uma turma, a gente vai lidando com as questões da especificidade daquela turma.

Então tem turmas que a gente precisa ir mais, tem turmas que a gente precisa ir menos. À

medida do possível, eu participo de conselho de classe também para acompanhar um pouco o que é discutido, né porque quando a gente está aqui, a gente acaba tendo um pouco esse distanciamento da formação geral. Então, é um momento que a gente tem para ouvir um pouco todo o que está acontecendo com aqueles estudantes e aí é o momento de refletir sobre o que está acontecendo na turma.

A gente tem o hábito aqui de trabalhar geralmente em equipe, né? Então, a gente trabalha ou a pedagoga, o serviço social. Então, a pedagoga que acompanha que é a [...], que acompanha o Proeja, a gente troca muito então, tem situações de assédio, violência, que a gente acaba acompanhando juntas e intervindo juntas. Então, esse é o meu, é a minha abordagem.

Além disso, com a coordenação sempre que há alguma necessidade junto com a coordenação, a gente faz essa... então, não há um projeto, nem de acompanhamento específico, mas a gente vai acompanhando os estudantes e as estudantes no decorrer do semestre. Então, a partir do momento que vão surgindo questões, sejam pedagógicas ou sejam elas sócio-assistenciais.

E o foco é permanecer e o êxito dos estudantes porque é um curso longo e esse é o desafio de que eles permaneçam que a turma começa geralmente cheia e até o final acaba a gente tem muitas desistências, né?

E essas desistências, você percebe que tem a ver com a relação ao trabalho, ao desemprego, ou não afinidade com o curso? Tu consegue nesse longo tempo de experiência que você tem, óbvio não tem uma única resposta, mas dá para dar uma dimensão do que faz com que tanta gente vá desistindo em cada turma?

(Legenda AS1) Nós fizemos uma pesquisa há um tempo atrás, aliás teria que ser retomada. Inclusive, eu pensei em retomar essa pesquisa com os nossos estudantes evadidos, né do Proeja, especialmente, agora eu não vou lembrar dos dados. Mas são muitas as motivações que levam à desistência, sejam elas socioeconômicas, sejam elas questões de territorialidade, de mudança, de mudança mesmo, ah vou me mudar para uma cidade e tal porque consegui um trabalho em uma outra cidade ou vou voltar para minha família de origem porque eu não consigo viver aqui por uma série de questões, seja violência, seja trabalho.

Mas são variadas questões de violência, questões de machismo, essas questões culturais ainda que estão na sociedade, que aqui dentro não é diferente. Não que estejam aqui dentro, mas que os estudantes trazem de fora para cá. E aí, os estudos, eles acabam sendo deixados de lado nesse momento porque eles têm algo muito mais emergencial para tratar, seja o emprego, seja o desemprego.

Tem muitos estudantes nossos que faltam muito porque eles precisam fazer freelancer e o

freelancer é à noite, a nossa área de, o nosso eixo temático, o eixo de atuação do campus, é turismo hospitalar de lazer. Os cursos do Proeja são Panificação e Cozinha e os nossos estudantes têm muita empregabilidade à noite, não da panificação, mas da cozinha. Então, eles vão fazer free, eles vão procurar porque eles precisam sobreviver.

Então, eu recebia vários relatos dos estudantes porque eles vêm aqui muito e dizem, ai [...] eu faltei porque a questão da frequência interfere no recebimento dos auxílios porque eu precisava trabalhar. Alguns nem vêm e tem outras questões assim, de não identificação com o curso porque eles entram como eu te falei já no começo para fazer o ensino médio, e a formação técnica vem que é um plus.

Então, os que ficam a partir de um determinado momento no curso é porque realmente querem aquela formação profissional. Mas tem as questões pessoais, profissionais, que são determinantes para permanência. Então, são muitos, são variados, mas a renda, a gente, sem dinheiro, a gente não faz nada, então, o estudante não consegue vir para a escola, ele não consegue conviver, ele não consegue alimentar a sua família, quando tem família ou quando mora sozinho. Então, ele vai morar num local que é muito violento. Então, tem várias questões que interferem. Então, eu teria que retomar uma pesquisa que a gente já fez para entender agora esse momento.

APÊNDICE O - CARTILHA CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL NA EJA-EPT

Acesso em:

<https://drive.google.com/file/d/1lZoE1FBttGuy0xXNiWl9VgxYWrMkTwzP/view?usp=sharing>

**APÊNDICE P - PODCAST TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT:
CAMINHO PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL**

Acesso em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qhWsBi8hSUD2C7sRYJZI2gjlwH8VDqgx>.

APÊNDICE Q – AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL ‘CARTILHA E PODCAST DAS TRABALHADORAS ESTUDANTES-MÃES NA EJA-EPT: CAMINHO PARA UMA FORMAÇÃO INTEGRAL’

Este formulário não está aceitando respostas.

Avaliação de Produto Educacional ProfEPT

Você está sendo convidado (a) a avaliar o produto educacional ‘Cartilha Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT: Caminho para uma formação integral’ elaborado na modalidade escrita e o produto educacional Podcast ‘*Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT: Caminho para uma formação integral*’ na modalidade audiovisual’.

O produto educacional foi desenvolvido a partir dos resultados da pesquisa, estudo de caso, intitulada Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral no Campus do Instituto Federal de Santa Catarina IFSC-Florianópolis-Continente, realizada pela pesquisadora Michella Rocha dos Santos sob orientação da Professora Doutora Salete Valer, para o curso de Pós-Graduação stricto sensu Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob parecer nº 7.023.295.

A investigação buscou compreender a percepção dos participantes sobre como os princípios da EPT estão norteando a práxis pedagógica para a formação integral, considerando a integração entre educação básica e educação profissional articulada ao mundo do trabalho, a inclusão e equidade para atender aos desafios das estudantes-mães.

Assim, agradecemos imensamente sua colaboração nesta avaliação a fim de que com a sua contribuição possamos qualificá-los para publicação.

Qual grupo de participantes você pertence? *

- ☐ Marcar apenas uma oval. Estudantes-mães EJA-EPT
- ☐ Docentes dos cursos EJA-EPT
- ☐ Coordenação dos cursos EJA-EPT

☐)Assistente Social dos cursos EJA-EPT

☐)Outros

Você considera o conteúdo da Cartilha suficiente para dar conta do objetivo da sua produção?

*

Você considera que o conteúdo da Cartilha está apresentado de forma objetiva e compreensível? Você teria sugestões para qualificar a forma de apresentar o conteúdo?

Você teria sugestões para qualificar a forma, o design e a linguagem da Cartilha?

***Outras considerações que você deseja colocar sobre os produtos educacionais Cartilha?**

*